

MEMORIAS
TRINCAVEIS

MORAES
E POLITICOS

DE 1810 A 1820

TOMO QUINTE

EM COIMBRA

1820

Estimate 26
No. 3.
Vol. 20

STROMAS
PREDICAVEIS
MORAIS
E POLITICOS
COMPOSTOS

Pello P. LOÃO COSTA JUNIOR
da Companhia de FISCOS
~~...~~
TOMO SEGUNDO

EM COIMBRA

Com todas as licenças necessarias

Na Imprensa de JOÃO ANTUNES
Anno de 1702

~~...~~



A O LEITOR.



UANDO te offereço , Lei-
tor Amigo , este segundo to-
mo , q̃ te prometi , dos Stro-
mas moraes , & politicos , a-
inda o primeiro tomo se re-
volve no Prelo ; & supposto
que já vai no fim a impressãõ,
com tudo , como ainda não leste , não posso a-
gradecerte a mercè , se te agradàra , nem tão
pouco desconsolarme por não ter sido bem
ouvido. Confio porem de tua benevolencia,
que quando leas o primeiro tomo , & te che-
gar à mão este segundo, se com atençaõ os pas-
sares ambos pellos olhos , nem pera o politico
te faltarão avizos , nem pera o moral docu-
mentos.

Vale.



A O L E I T O R

UANDO te offereço, Lei-
 tor Amigo, este segundo to-
 mo, q' te prometi, dos stuo-
 mas moraes, & politicos, a-
 inda o primeiro tomo te re-
 volve no Prelo; & supposto
 que ja vai no fim a impressão,
 com tudo, como ainda não feste, não posso a-
 gradecer-te a mercê, te te agradeça, nem tão
 pouco desconsolarme por não ter sido bem
 ouvido. Conho porém de tua benevolencia,
 que quando leas o primeiro tomo, & te che-
 gar á mão este segundo, te com aenção os pa-
 raes ambos bellos olhos, nem pera o politico
 te faltará avixos, nem pera o moral docu-
 mentos.

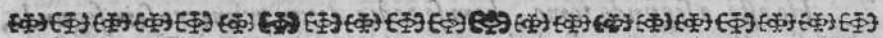


Vale.

mentos.

Miguel Dias da Companhia de JESU Provincial da Provincia de Portugal, por particular Cõmissaõ, que pera isso me foi dada do nosso muito Reverendo P. Thyrzo Gonzales Prepozito Geral, dou licença, pera que se imprima este livro intitulado *Stromas Predicaveis Politicos, & Moraes*, que compos o P. João Coutinho da mesma Companhia, que foi examinado, & approvedo por Pelloas doutas, & graves da mesma Companhia, & por verdade dei esta assinada com o meu final, & sellada com o sello do meu officio. Dada em Lisboa 25. de Janeiro de 1701.

Miguel Dias.



OS Muito Reverendos Padres Doutores Frei Manoel do Spirito Santo, & Frei Bernardo de Castro Calificadores do Santo Officio veção este livro, & nos enfermem com seu parecer. Coimbra em meza 11. de Fevereiro de 1701.

*Paulo Affonço de Albuquerque. Affonço Cabral Botelho.
Nuno Mascarenhas de Britto.*

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. MANOEL DO
Spirito Santo da sagrada Religião de N. Senhora
do Monte do Carmo, Doutor na sagrada
Theologia, & Qualificador do
Santo Officio, &c.

VI, & li com toda a attenção este livro, cujo titulo he *Stromas* Predicaveis Moraes, & Politicos, & como he o seu Author a M. R. P. *João Coutinho da Companhia de IESU*, tras consigo no nome a medida da obra, & pella Religião a mais Qualificada approvaçõ: no nome, porque sendo de *João* grande nome, soube o Sapiientissimo Author medir pello seu nome a grandeza da sua obra.

Qui tanti mensuram nominis implet.

*Ovid.
ds Pöt
lib. 1.
Eleg. 2*

Pella obra, porque bastava ser Author da Companhia pera ser Author de nome, & de nome sem Censura à sua obra, pois quantos sogeytos da Companhia escreverão, todos mostrarão nas suas obras serem muito doutos; *Mentem hominis calamüs, & lingua pandit.* *Ambros. Tom. 5. Epist. 29.*

He este o segundo tomo; bem se podia dizer primeyro sem segundo, & se semelhante unico. & delle o q̃ a outrou intêto disse *S Pedro Damião serm. 2. Tollit facultatem sermonis materia singularis.* He singular materia o argumento deste livro, que propoem, & offerece o seu mui erudito Author, não em grãde tomo no volume, porem muito grande no pezo, porque he livro na substancia mui grande: E sendo grande na substancia, & breve pello volume por pequeno, vem a ser este livro bom livro duas vezes, & por dous titulos, diz *Lourenço Gracian* na sua *Arte da Prudencia*, & sendo assim, ho mais effcaz: pera persuadir. *Non multis verbis opus est, sed efficacibus;* diz *Seneca Epist. 28.* Aos Politicos o governo, aos Pregadores a doutrina, & a disciplina aos Catholicos. E como contem pera os homens os distames mais importantes, q̃ o doutissimo *Padre Ihes* propoem com tão grande engenho, & estillo tão sobido sem ter couza que encontre a nossa Santa Fe, ou bons costumes, me parece muito digno de darse à estampa. *Carmo de Coimbra 7. de Abril de 1701.*

Fr. Manoel do Spirito Santo.

CEN.

CENSURA DO M. R. P. FR. BERNARDO
de Castro da sagrada Religião de S. Bernardo, Dou-
tor na sagrada Theologia, Mestre Jubilado,
& Qualificador do Santo Officio, &c.

Vl, & revi este livro intitulado *Stromas* Predicaveis Moraes, & Politicos, composto pello M.^o R. P. Isão Coutinho da Companhia de IESU, & nelle não só não acho conza alguma contra a pureza de nossa Santa Fe, & bons costumes, mas vejo no vario, & delizioso da fabrica, bem de zêpenhado o litulo da obra: porque na miscellânia destes utilissimos discursos correm com igual delicadeza, & efficacia, os avizos politicos, & os documentos morais ao intento fim da predica doutrinal *O bom Orador* [no sentir de Cassiodoro super Psal. 73.] Diz com clareza, argue com vehemencia, & conclue com efficacia: Bonus Doctor narrat apertè, arguit acriter, colligit fortiter. Aos diétames desta Magistral idea ajustou tanto o Author a fabrica de seus *Stromas*, que não ha nelles pagina, em que o não vejamos, claro no doutrinar, vehemente no reprehender, & efficaz no concluir. Assim compoem a gravidade da materia com a facilidade do estillo, o severo das sentenças com o doce das palavras que no mesmo ponto recrea os sentidos com a suavidade das palavras, & reforma os costumes com o util das sentenças. Este he o esmerado ponto de primor, que o Satyrico Latino dezejou na sua Arte.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
Lectorem delectando, pariterque monendo

Este primor, que Horacio dezejou nas obras de seus discipulos, conseguiu o Author felizmente nos seus *Stromas*. Pello que julgo este tomo segundo dignissimo da estampa, pera que nelle, & no primeiro corra esta obra pellas esferas do universo, cnde igualmente será emulação dos melhores ingenhos, & reforma dos estragados costumes. Este he o meu parecer. Coimbra em o Real Collegio de N. P. S. Bernardo 1. de Mayo de 1701.

Doutor Fr. Bernardo de Castro.



INDICE

DOS STROMAS

QUE CONTEM

ESTA SEGUNDA PARTE.

STROMA I.

QUatro são em cada
homem os humores:
Melãcolia, Fleugma,
Colera, Sangue. Qual des-
tes humores será no ho-
mem o peor humor?

MELANCOLIA.

2.

FLEUGMA.

3.

COLERA.

4.

SANGUE.

5.

Na mayor tempestade se

embarca talvez a melhor
fortuna.

6.

Lgrimas mal choradas:
quais?

7.

Lgrimas bem choradas:
quais?

8.

Ha homens, que se escande-
lizão, & fazem do nada
muito: mas o milindro-
zo deste zelo são menti-
ras, ou injustiças.

9.

Devem anhelar os homens

a hu-

I N D I C E.

a hũa boa opinião de si
mesmos: attento pois ao
bom exterior pera con-
seguilla, & conserva-la.

10.

Ha homens, que a tudo se
rendem, quando não de-
vião dobrarse: & ha ho-
mens, que a nada se do-
brão, quando devião
renderse.

11.

Os homens liberaes não hão
de falar, no que derão: o
beneficio faça-se, a mão
escondase.

12.

Muitas vezes não he culpa
dos Pregadores de Deos,
nem dos Ministros dos
Reys, não se verem gran-
des frutos, & acrescenta-
mentos nos Reynos.

13.

Amizade quebrada não
solda; & como não sol-

da, não obrareis seguro,
se não vos portares acau-
telado.

14.

Breve arrezoadado sobre o
dia do Juizo universal, &
o q̄ nelle succederà aos
homens.

15.

Muito custa o ser sabio; mas
sabei pera reynares.

16.

Em toda a materia, & em
todo o cazo, segredo, &
grande segredo.

17.

Acabará bem quem come-
çou bem; que a prophe-
cia dos fins são os prin-
cipios.

18.

Castiguemse os delictos, &
publicamente os publi-
cos.

19.

As calamidades, & os casti-
gos

I N D I C E.

- dos Reynos, não são
tos da mà fortuna,
ie não dos pecados. 24.
20.
Com melhor successo me-
neya as armas o entendi-
mento, que o valor; &
vai mais segura a vitoria
nos acertos do juizo, que
nos do braço.
21.
Vivemos como se não ou-
vessemos de morrer, sen-
do já a nossa morte a mes-
ma vida.
22.
Cautella, porque sò huma
vez hei de morrer; &
mayor cautella, porque
havendo de morrer hu-
ma só vez não sei o quan-
do.
23.
Tres finezas do amor de
Christo na ultima Cea.
as mais finas.
25.
Quem se despreza, he des-
prezado. Obre acçoens
famozas, quem quizer o
nome de famozo.
26.
Que couza seião as Cortes
dos Reys explicou, &
nòs explicamos agora
debaixo da metaphora
deste nome Mar, pro-
priissima allegoria das
Cortes.
27.
Em não segurar consiste a
segurança.
28.
Ninguem peor pera o ho-
mem, que o homem.
29.
Pera poupar paciencia, pa-
ciencia.
- 30.

INDICE.

30.
Deos aviza pera evitar o castigo; os homens castigão sem avizar.

31.
Dos males o menor; Dos bens o mayor.

32.
Amemos aos inimigos, que

saõ muitas as rez
pera se amarem.

33.
Não vos fieis, nem deis por seguro no lugar mais alto; porque quanto mais levantado, mais perigo. Hum meyo, não extremos.

STRO-



STROMAI

QUATRO SÃO EM CADA HOMEM

os humores: Melancolia, Fleugma, Colera,

Sangue. Qual destes humores será no
homem o peor humor?

MELANCOLIA



Enfermida-
de mais uni-
versal, q̄ nel
te mudo pa-
desse a fra-
queza humana; he a enfer-
midade da melancolia. Ba-
tei no peito a todos os ho-
mens, & achareis, que desde
o mais pequeno até o ma-
yor dos homens, não ouve
peito; em que não abrisse
maior; ou menor brecha a

melancolia. As primietras
vozes, com que todos en-
tramos neste mundo, são as
do humor melancolico. Na-
ce o Minino, & ou seja Rey,
ou Pastor; nasce chorando:

*Primam vocera, similem om-
nibus emistplorans*, diz Sala-
mão. Pois todos chorando? *Sapient.*
7. 3.
Naga chorando o Pastor, &
o que nasceu pera o arado,
& pera o trabalho; mas o
Príncipe, & o Rey, que na-
cerão pera os tronos, & pera
os doces, porque hão de

A nacer

nacer chorando? Porque a melancolia, sem respeito a ninguem, entra por todos os peitos, *Primam vocem similem omnibus emisi plorans.* E se todos affi nacemos, tambem affi vivemos. Vivão os pequenos, & vivão os grandes quanto, & como quizerem viver, que se o quanto da vida forem cem annos, o como, por mais que não queiraõ, haõ de ser outros cem de melancolicos. Não duvido que as melancolias dos grandes Senhores, & dos poderozos, andão por fora mui luzidas com os resplandores da corõa, dos postos, das dignidades, das granachas, das varas, mas os mesmos resplandores, que cá vemos reluzir por fora, ou he o fuzillar dos raios, q' lá ferem os peitos, ou pello menos são relampagos, que indicão, as grandes tempestades, que lá por dentro se occultão, & se devorão.

o 2. Isto supposto, & que a melancolia, sem excepção de pessoas, he mal universal, & que todos padellemos,

saibamos agora que mal he este. Define Salamão a melancolia, & diz affi: *Tristitia longe repelle à te: multos enim accidit tristitia, & non est utilitas in ea.* A melancolia he hũ mal, que a muitos mata, & nella não ha utilidade alguma. Torna o Spirito Santo a definir este negro humor, & diz affim: *Omnis plaga, tristitia cordis est.* A melancolia do coração he todas as pragas juntas, ou todas as chagas. Se olhares pera quãtas chagas, quantas no mundo vão, haveis de achar, que a melancolia he a mãy de todas. Pera Tobias o Pay era intoleravel chaga o ser cego, & não ver a luz, *Quale gaudiũ mihi erit, si in tenebris sedeo, & lumen Cæli non video.* E o melancolico que faz? Sendo a cegueira, & falta da luz hũ mal tão grande, o melancolico, não sendo cego, se faz cego, busca as escuridades, & aborreçendo a luz, fecha ao mesmo Sol as janellas. E pode chegar a mais a miseria de hum coração melancolico.

melancolizado, que tomar por alivio a cegueira, q̄ pera tantos he morte, & entre a luz, & a escuridade fugir do luzido, & eleger o tenebrozo! Samsaõ, que fugia muito da morte, sentio tanto o verse cego, que posta de hũa parte a morte, & da outra a cegueira, antes quis morrer; q̄ não ver. Abraçase Samsaõ com duas columnas do Têplo, & derrubandoo sobre si, & sobre os Filisteos, o que disse foy o que dizemos,

Judic. 16. 16. Pro amissione duorũ luminam unam ultionem recipiam. Já q̄ eu perdi a luz dos olhos, diz Samsaõ, já q̄ pera mim tudo saõ escuridades, & trevas, antes quero não viver, que ser cego, antes morrer, que não viver, *Pro amissione duorum luminum unam ultionem recipiam.*

3 Bem sei que muitas vezes pode ser politica meter no escuro, & o esconder detras das cortinas Magestade, ou rezaõ de estado. Mas meter no escuro, porque a melancolia me obriga a fechar as portas à luz pera

que não veja, nem ouça, onde vai aqui a politica? Esconder detras das cortinas, & por melancolizado cubrir a cara, & como se fora indigno de ver, & ser visto, não quero ver, nem quero q̄ me vejaõ, qual he aqui a Magestade, ou rezaõ de estado? O mayor agravo que a terra faz à Lua he escoreffella: E como pode ser politica o q̄ he agravo? A mayor offensa que a Lua faz ao Sol he eclipfallo; & como pode ser Magestade, ou rezaõ de estado o que he offensa. Assim mesmo se agrava, & se offende o melancolico, porq̄ escõdendose, & eclipfandose, ou como a terra agrava a Lua, ou como a Lua offende o Sol. E já eu me contentara; não digo bem; & já eu sentira menos, que os melancolicos sò se agravassem, & offendessem a si, & não mais; mas elles depois de si, offende sem rezaõ a seus amigos, & agravaõ contra a rezaõ a natureza humana. Vede.

4 Buscar a companhia, & sociedade dos homens he

proprio, & natural aos homens; & alli diz o Spiritu Santo: *Melius est ergo duo esse simul, quam unum*, melhor he andar acompanhado, que sò, & logo dá a rezão, *Habent enim emolumentum societatis suae: si unus acciderit, ab altero fulcietur*, porque o que anda acompanhado tem na mesma companhia o proveito, & emolumento de q, se cair, tem aquem se encoste, & ay de sò, a resaca, que se cair, não tem quem o levante, *Na soli, quia cum ceciderit, non habet sublevantem se*. E o melancolico que faz? Fugido do alivio, & do proveito, & do emolumento da cõpanhia; *Emolumentum societatis*, merefe pellos cantos, foge dos homens, fecha athe aos amigos as portas, & regentando os bens de acompanhado, elege da solidão os ays, *Na soli*. Ha tal praga! Que chegue a tais extremos hum triste, que regente o alivio, por se abraçar com a sua tristeza, & que anteponha as ays de sò aos euges de a-

companhado! O mayor afronta da natureza!

5. Verdadeiramente que assombra ver a hũa creatura com hũa caza chea de familia, os Amigos pera o alivio buscando, & a melancolia ferfal, que escondendose a todos, com nenhum queira viver. He a melancolia de Jerusalem. Vio Jeremias a esta Cidade chea de gente, & sò, & admirouse d'isto; *Quomodo sedet sola Civitas* *Tren.* *plena populo*. E q justamen- 1. 1. te se admira. Bem se deixa ver que hũa Cidade chea de gente, & sò parece que implicita. Se sò, como chea de gente, *Plena populo*? E se chea de gente, como sò, *Sola Civitas*? Mas esses s. õ os assombros de melancolia; *Quomodo*. Estã a caza chea de familia; mas como o melancolico se assentou como hum penedo a hum canto, *Sedet*, a caza chea, *Plena*, estava pera elle vazia, *Sola*. Entrão os Amigos pera cõsolarem a hum hypochondrico, & elle q faz? Foge, retira-se, fecha-se, & havendo de

Eccles.

4. 9.

Ibi 10.

de viver com todos, com nenhum quer viver. E isto que he, senão Jerusalé chea de povo, & Jerusaleem sem ninguem, o triste rodeado de Amigos, *Plena populo*, & elle sò entre todos, *Sola Civitas*. Grande admiração, *Quomodo* ! Mas ainda me admira mais o que se segue.

6 Sendo o amor da vida o mais vehemête affecto da natureza humana, he mayor em muitos a melancolia, que este amor. Mata a tristeza a muitos, dizia o Sabio, *Multos enim occidit tristitia*, & muitos que fazem? Porque he mayor nelles a tristeza, que o amor da vida, vendo que a tristeza os mata, desprezão a vida por se abraçarem com a tristeza. Hà mayor delatino ! Padelser a morte quádo ella vem, he pensão com que vivemos, buscar a morte quando ella me foge, he melancolia dezatinada. Pera que he apressar o mal que ha de vir? Vem caminhando pera todos a morte, & ao compasso

da vida vem ella tambem passeando: & a melancolia que faz? *A tristitia festinat mors*, diz o Spirito Santo, faz a melancolia que a morte, que sò vinha pera vòs andando, venha correndo. Vio S. João a morte, & vio que vinha montada sobre hum Cavallo pallido: *Et ecce equus pallidus, & qui se debat super eum, nomen illi Mors*. Reparemos logo na cor do Cavallo. E porque ha de vir a morte sobre hum Cavallo pallido, *Ecce equus pallidus*? Porque a cor pallida he a cor dos melancolicos, & sobre os desta cor se poem a cavallo a morte. Mas se a morte se havia de yestir da cor da melancolia, porque appareceu, não a pè, senão de cavallo, *Ecce equus*. Brava desgraça ! A pè, & vagoza vinha a morte passeado a ilharga do homem; & o homem melancolizando se, foy o que pos a morte, que vinha a pè, no Cavallo, & porq̃, & pera que? O porque, por dezatino da sua tristeza. O pera que,

Eccles.
38. 19.

Apoc.
6. 8.

pera que a morte, que sô
passeando vinha de pè, pos-
ta no Cavallo pallido da
melancolia, vieffe correndo,
*Et ecce equus pallidus. A trif-
tita festinat mors.*

7 O quantos, que não
havião de morrer se não dos
oitenta, mo trem dos trinta,
dos quarenta, & menos ain-
da; porque a sua melancolia
apressou a morte, & a que
havia de chegar a pè, veyo
a cavallo. Dizia Seneca no
livro da brevidade da vida,
que nós a faziamos breve,
que nós a faziamos breve,
não o sendo ella, *Non acce-
pimus brevem vitam, sed fa-
cimus.* E como breve, senão
com a melancolia, que de-
senfiada cá, picou o Caval-
lo, & fez que a jornada, que
havia de durar os oitenta
fosse de vinte. Origenes, &
S. Gregorio querem que S.
Pedro não matara a Anna-
nias immediatamente, mas
que fora tal a melancolia,
que Annanias recebera da
reprehensão, que lhe deu S.
Pedro, que morrera della
repentinamente; *Pro nimio
merore mortuum concidisse:*

Seneca:
l. 6. de
brevi-
vite.
c. 1.

Apud
Lor. in
Aelia
Apost.
cap 5.
num. 5.

assi o refere Lorino. E que
haja homens, que havendo
de morrer a seu tempo, quei-
rão morrer no tempo, que
não he seu! Quem havendo
de morrer vinte annos além,
morre de melancolia hoje,
morre em tempo não seu. E
que mayor frenezi de huma
melancolia, que tendo eu lá
o meu tempo pera morrer,
a melancolia me maté cá no
tempo, que não era meu?

*Ne moriaris in tempore non
tuo,* diz Deos por Salamão,
Não morras no tempo não
teu. Pois eu posso morrer
em tempo, q̄ não seja meu?
Posso: & como? Sendo o
tempo da minha morte da-
qui a vinte annos, eu matar-
me hoje de melancolia an-
tes do meu tempo. Mas se
eu morrer por melancolico
no tempo, que não he meu,
que será? O que temos di-
to: he doudisse, he frenezi,
he loucura, disse logo Deos,
no mesmo lugar, *Nolite
esse stultus, ne moriaris in tem-
pore non tuo.*

Ecclef.
7. 18.

S. II.

M Adito humor, o que alli vos deua atãis delatinos. Mas se este humor he os delatinos todos, *Omnis plaga tristitia cordis est*, já me não admiro, de que a melancolia seja as chagas, que temos dito, sendo ella todas as chagas, *Omnis plaga*. O que me affombra, & deve affombrar a todos, he, que a melancolia a poderada de hum homem, não só seja pera elle todas as chagas, mas sobre todas as chagas, crescente mais chagas. Pois sobre todas as chagas ainda ha mais chagas? Direi. Sobre todas as chagas não ha mais chagas na real dade, mas na imaginação sim. He tão poderosa muitas vezes a imaginação em hum homem, que ella faz, que haja, o que na realidade só he sonho, & imaginação, ou faz que no mundo haja o que na realidade não ha, nem tal vez pode haver. Na realidade S. Pedro não sonhava, quã-

do em Jerusalem o tirou do carcere o Anjo, & o pos em salvo, & o que na realidade era verdadeira fultura, elle imaginava que era sonho.

Existimabat autem se visum ^{Actor.}

videre. Na passagem pera Betzaida aparece Christo aos Apóstolos, passeando sobre as ódas daquelle mar, & sendo elle na realidade o qua era, os Apóstolos imaginarão que elle era hum phantasma. *Putaverunt phantasma esse*.

Pois se Pedro não sonhava, quando acordado sahia do carcere, & se Christo não era phantasma, quando sobre as ondas appareceu aos Apóstolos, por que cuida Pedro que sonha quando não sonha, & os Apóstolos que he phantasma o que o não era? Potq̃ ella he a força, & o poder das imaginações de muitos, que fazem que haja, o que na realidade não ha: não ha sonho, & ha de ser sonho, *Existimabat se visum videre*: não ha phantasma, & ha de ser phantasma, *Putaverunt phantasma esse*.

^{Marc.}
6 49.

9 E estas imaginaçoens, de que adoessem muitos; nos melâcolicos são as mais vehemêtes, & fortes. He todas as chagas a melancolia, mas he tal a forza da imaginação em hũ melancolizado, q̃ sendo todas as chagas, a melâcolia, pera q̃ haja mais chagas, q̃ todas as chagas, elle imagina chagas, onde não ha chagas, & senão vede. A qui imagina hũ melancolico q̃ a caza se arruina, & caye sobre elle; allí cuida que lhe metê a estocada, & o matão; allí q̃ a terra se abre pera tragalho, & engullilo, & não ha em fim ente da rezão, q̃ não finja, nem ainda chimera; que lhe não seja possível: & tudo isto que he? He a negra melancolia, que descobre chagas, onde não ha chagas. He certo que se a melancolia não fora, a caza não cahia sobre aquelle homem, a estocada não o matava, a terra não se abria pera o engulir, nem a chimera era possível: Logo he possível a chimera, logo a terra abre a boca, logo a estocada fere o peito,

logo a caza caye sobre o homẽ, porq̃ a melâcolia descubre chagas, onde as não ha, tas cahir a caza, q̃ esta em pè; faz ferir a espada, q̃ esta na bainha; faz abrir a terra, q̃ se não abre, & faz ser possível a chimera, q̃ não he possível. Vejamos todas estas imaginaçoens em Cahim.

10 Triste, & melancolizado Cahim, faz Deos a Cahim esta pergunta; *Cur Genes. concidit facies tua?* Porque 4. 6. causa estas tão catregado, & sombrio, & essa tua cara tão cahida, & triste? E a esta pergunta com que se sahio o hypochondrico? Com huns sonhos, & com hũas imaginaçoens taes, que nem sonhar-se, nem imaginar-se podião. *Ecce*, diz Cahim a Deos, *Ecce ejicis me hodie à facie terra, & à facie tua abscondar: omnis igitur, qui invenit me, occidet me.* *Ibi. 14.* Senhor, hoje me lançais fora da terra, & eu me esconderei da vossa vista, & por tanto todos, os que me virem me hão de matar. Reparei em todas as palavras deste melan-

melancolizado, & achareis que todas são sonho, imaginações, & chimeras. Diz primeiramente que Deos o lançava fora da terra, *Ejicis me à facie terræ*; & isto era sonho, porque pera Deos por a Cahim fora da terra, ou o havia de por no ar, ou lá nas Estrellas; & nenhum fundamento havia pera Cahim se imaginar levantado ao ar, ou nas Estrellas, salvo sonhando. Diz em segundo lugar que elle se esconderia, & não seria visto de Deos, *A facie tua abscondar*; & isto era imaginação; porque em nenhum lugar, mas que fosse no mesmo Inferno, se podia esconder Cahim, onde Deos o não visse. Diz ultimamente a Deos que todos, os que o vissem, o haviam de matar, *Omnis igitur, qui invenerit me, occidet me*, & isto era hũa chimera, ou muitas chimeras. Vem cá triste, & melancolizado, vem cá hypochondrico: pois ati hão de matarte todos? E quem são os todos? Dos dous primeiros filhos de teu Pay, morto

Abel, a quem tu mataste, só tu ficaste no mundo, & mais reus Pays: pois quem são aquelles todos, que te hão de matar, senão ha os todos? Chimera. Mais: Dado que ovesse os todos; morto tu pello primeiro, já não ficavas com vida pera te matar o segundo: pois como haviam todos de matarte, *Omnis, qui invenerit me, occidet me*? Outra chimera. Mas aqui vereis, aonde tropessa; aonde caye, & athe onde chega hum coração sobrado da melancolia. Tinha se apoderado a melancolia do coração de Cahim de tal forte, que athe pella cara, & já na cabeça redundava o negro humor, *Cur concidit facies tua*; & como o tinha já na cara, & na cabeça, comessou a cabeça a imaginar, & a fingir chagas, onde as não havia: não havia caza, que cahisse sobre Cahim, mas cahia a caza: a terra não se abria pera tragallo, & enguliao a terra: em fim não havia no mundo quem o matasse, & matavao todo o mundo,

munido, *Omnis igitur, qui invenerit me, occidet me.*

II E não lhe isto descobrir a melancolia sobre todas as chagas, ainda mais chagas, que todas as chagas? Miseravel natureza humana, que sendo tantos os males, que te pe seguem, es tu pera ti mesma tão adversa, que acrescentas aos males naturaes os imaginados, & por isso peores. E pera que tudo vâ de mal em peor, ou de peor em pessimo, passemos dos males do corpo aos da alma, & vejamos como a melancolia, se pera o corpo he todas as chagas, & mais que todas, pera a alma não sò he o peor dos humores, mas o pessimo de todos.

§. III.

12 **P**ortuguezes, & Catholicos. Athe agora vos propuz os danos da melancolia como a homens: agora como a Christãos. Christãos, se a melancolia não passasse dos danos do corpo aos da alma, ainda

seria, como he, mal intoleravel; mas se a melancolia passa do corpo a matar tambie a alma, qual ha de ser o Christão, que a sofra? A fé, a esperança, & a charidade, são a vida de huma alma christã; a fé; *Iustus autem Ad He- meus ex fide vivit*, diz São b. 10. Paulo. E aquantas almas fez 38. a melancolia perder a fé, ou as pos a ponto de perdella? *Confirma me in verbis tuis*, ^{Psalm.} 118. 28. dizia David a Deos; Senhor, pera que eu não caya, vòs me confirmai na fé de vossa divina palavra. E porque temeu David o cahir, & perde na fé a firmeza, & a confirmação, *Confirma me?* Porque persentio que o tedio, & a melancolia: lhe hião a cometendo a alma, *Dormitavit anima mea praetudio*, ^{Ibi.} & porque a melancolia passava já do corpo a fazer adormecer a alma, *Dormitavit anima mea praetudio*, pera que o sono da melancolia o não derrubasse na infidelidade, vendo o perigo da melancolia pedio o auxilio, & advertindo que o tedio, & a

& a tristeza o hião precipitando na fé, implorou a confirmação, *Confirma me in verbis tuis.*

13 Estes são os perigos da melancolia, perigos não menos, que de perder a fé. Por isso a melancolia causa sono, diz S. Jeronymo falando do sono de Jonas, quando dormio na Nao, *Tristis absconditur... quod autem dormit, non securitatis est, sed morosis.* E porque cauza sono a melancolia? Porque inclina a que se perca a fé, ou a que se durma nella. A fé he acto do entendimento, & como os q̄ dormem tem o entendimento sepultado no sono, causando a melancolia o sono, inclina a sepultarse a fé. E não só inclina a melancolia, a que a cabeça com o sono se sepulte na fé, mas passa de inclinalla a derruballa, passando perigo à queda. Vejamos isto pera mayor cautella, na mayor cabeça. Perde S. Pedro a fé negando tres vezes a Christo na mesma noite no Paço de Caifaz,

At ille negavit eum. Muitas *Luc. 22. 97.* cauzas desta infidelidade de Pedro apontão os Doutores Sagrados. Huns querem que Pedro negasse por se ir meter no perigo, outros que negou por medo, outros por curiozo de ver em que fim parava a prizão de seu Mestre, & finalmête outros dão outras cauzas. Porem eu me persuado, que nem o perigo, nem o medo, nem a curiozidade, que não erão pera tal excesso, fizeram negar a Pedro. Pois quem o fez negar? Persuadome por grandes rezoens, que foy a melancolia de Pedro. Primeira: Pedro no Paço estava callado, & mudo, & hum dos effeitos da melancolia he emudecer, & callar. Segunda: obrigado Pedro a fallar, que respondia? Lede os Evangelistas, & achareis, que respondia, como costumão os tristes, poucas palavras, & a tudo não, não, *Non, non novi.* Mais, o humor melancolico he negro, & frio de sua natureza, & quando Pedro negou era denoi-

*Ira Be-
arm.
Ibi.*

*Ion. 1.
D. He
ronym.
Ibi.*

denoite, & fazia frio, diz o
 Texto: *Quia frigus erat, & calefaciebat se*; & pera a melancolia negra, & fria concorria a noite com a negrura, & com a frialdade o ar. Mais. Havia bem poucas horas, que de pura melancolia, & tristeza tinha Pedro dormido no Horto, diz S. Lucas, *Invenit eos dormientes præ tristitia*; & como não tinha cessado a causa da melancolia, que era a Paixão de Christo, antes cada hora hia em augmentos, levou Pedro a melancolia do Horto athe o Paço, & a mesma tristeza, que no Horto o tinha feito dormir, *Præ tristitia*, augmentada no Paço a causa della, fello negar, *At ille negavit*.

14. Esta he a melancolia quando cresce, & se augmenta no homem: de hũa imaginação em outra levanta tais fumos à cabeça, que commessando em vapores, acaba em rayos, & subindo por exalagoens ao cerebro vem a condensarse a tristeza no fatal Cometa da infidelida-

de, *Negavit*. Mas que diremos da outra vida da alma, a esperança? Digao Cahim, & Judas, ambos desesperados por melancolicos. Que fez Cahim? Deixou levarse de tal sorte da sua melancolia, que veyo a dizer desesperado, que erão mayores os seus pecados, que a misericordia de Deos. *Maiores est iniquitas mea, quam ut veniam merear*. A esperança não confunde, diz São Paulo, *Spes autem non confundit*; & Cahim que fez? Deixouse confundir da melancolia, & perdeu a esperança. Assi Judas. Vende a Christo, & levado de huma fingida penitencia, & verdadeira melancolia desesperadamente se enforca: *Laqueo se suspendit*. Ha paixão mais cega, diz Drogo Ostiense, *Ecce infelix qualiter excæcatus est!* Judas: se vendeste ao mesmo Christo, ainda he mayor a sua misericordia, q̃ o teu pecado, pois porque has de afogar num laço a esperança da salvação? Vendeste, & cometeste hũ horrendo

Joan.
18. 18

Luc.
22. 45.

Genes.
4. 13.

Ad
Rom. 5.
5.

Math.
27. 5.

Drog.
l. 1. de
Passion

rendo sacrilegio: desesperaste de Deos, & cometeste outro mayor, diz S Jeronymo; & porque? Porque se avenda offendeu immediatamēte a Humanidade de Christo, a desesperação directamente offendeu a Divindade, porque se o poz à misericórdia infinita, *In traditione Christi*, diz Lyra allegando ao Doutor Maximo, *peccavit directe contra ejus humanitatem; sed in desperatione illa peccavit directe contra ejus divinitatem, quia contra, infinitatem divinæ Misericordiæ.* E que chegue hum homem por melancollizado, não sò a vender a Christo, & a enforçar-se a sy; mas a fazer limitado o que he infinito, afegando em huma misericórdia sem fundo, as que devião ser em tão da infinita bondade esperanças eternas de me salvar, ò maldita melancolia, ò humor mais desgraçado, & mais cego; *Ecce infelix quater excacatus est!*

15 Perdida a fé, & a esperança pella melancolia, q̃

muito que se perca a charidade por hum humor oposto totalmente ao trato dos homens, ao agrado, & comunicação fraternal? A tristeza move a ira, diz S. Gregorio, *Tristis ex propinquo habet iram*; & charidade, & ira quem as vio juntas? Falsos a tristeza sospeitosos, maliciosos, impertinentes, envejados, & finalmente de todo o ponto insofriveis. E com ira hã charidade? Não, diz S. Paulo, *Charitas non irritatur.* Com sospeitas & malicia ha charidade? Tambem diz que não, *Charitas non amulatur: non cogitat malum.* E ha charidade com eu impertinente, eu envejozo, eu insofrivel? Diz finalmente que não, *Charitas non agit perperam, non est ambitiosa, omnia sustinet.* E se não ha charidade com ira, com sospeitas, com malicias, com impertinencias, com envejas, & onde he nenhum o sustimento, como ha de haver charidade com a melancolia, se a melancolia he cauza de tudo isto?

1. Petr. 16. Mais. Chama Sió
 4. 8. Pedro à charidade capa,
*Charitas operit multitudinem
 peccatorum*; a charidade co-
 bre multidoes de peccados;
 S. Gre-
 gor. & S. Gregorio, chamalhe a
 Homil raiz de todas as virtudes,
 27. in *Nec habet aliquid viriditatis
 ramus boni operis, si non ma-
 neat in radice charitatis*. E
 Evang. se a charidade he capa, *Ope-
 rit*, se he raiz a charidade, *In
 radice charitatis*, ouvi agora
 o que faz a melancolia na
 capa, & na raiz. Falla o Spi-
 rito Santo por boca de Sa-
 lamão da melancolia, & diz
 temerosamente assim; *Sicut
 tineae vestimento, & vermis
 ligno: ita tristitia viri nocet
 cordi*. O que a traça faz na
 capa, & o que o bicho na
 arvore, isso faz a melancolia
 na alma do homem. E que
 faz a traça na capa? O que
 faz he desfazella, & de in-
 teira reduzilla a pedaços. E
 se a melancolia faz na alma
 o que a traça na capa, a alma
 melancolizada he a capa da
 charidade desfeita, & des-
 pedaçada. E o bicho na ar-
 vore que faz? Vaife à raiz,

& comendoa, seca, mirrha,
 & mata a arvore toda. E se
 a melancolia faz na alma o
 que o bicho na raiz da arvo-
 re, a alma melanconizada, he
 a raiz, & arvore da charida-
 de seca sem suco, mirrada sê
 substancia, & em fim morta
 sem vida, ou alma sem alma,
*sicut tineae vestimēto, & ver-
 mis ligno: ita tristitia viri no-
 cet cordi*. O charidade pella
 traça da melancolia despe-
 daçada, & por isso perdida
 a melhor capa! Oh charida-
 de mirrada, & seca pello bi-
 cho da tristeza, & por isso
 morta, & sem vida a raiz das
 virtudes todas! Catholicos:
 eu tenho pera mim por fim
 deste discurso, que sendo a
 melancolia a traça, que des-
 pedaça a capa da charidade,
 que seca mirra, & mata esta
 raiz das virtudes todas, te-
 nho pera mim, digo, que a
 mesma melancolia por con-
 sequencia he a que privan-
 do as almas de todas as vir-
 tudes, influe nellas todos os
 peccados. Ouvi a David.

17 *Posuisti tenebras, & Psalm.
 facta est nox: in ipsa pertran-* 103.
sibunt 20.

sibunt omnes bestia silvæ. Virão as trevas, & com ellas a noite, & nessa tenebroza noite comerão logo a sahir do mato todas as feras. E quem são as trevas, & a noite, se não o coração de hum melancolico, pera quem tudo he escuridade, & noite? E quem são as feras todas, *Omnes bestie*, senão todos os pecados, que na noite da melancolia sayem da cova da tristeza excitados, & chamados por ella, *In ipsa pertransibunt omnes bestie silvæ.* Se hum homem he soberbo, a melancolia o excita, como a Nabucho, a que Daniel o ha de adorar por Deos, ou ha de morrer Daniel. Se he invejoso o homem, a melancolia o chama, como a Cahim, a que tire a vida ao mais bemvisto, sò porque não seja o mais honrado Abel. Se o homem he avarento, a melancolia o provoca, como a Judas, a que o dinheiro venha pera a arca, mas que seja vendendo a justiça, & ao mesmo Christo. Se he libidinoso o homem,

a melancolia o persuade, como a Sansão, a que perfevere em amar as treçoens de Dalila, mas que os mesmos Philistheos lhe arrãquem os olhos. Se o homê he pobre, a melancolia o pica, como a Achan, a que furte a purpura, & a vara de ouro nos despojos de Jericò, mas que a vara o fustigue, & a purpura o envergonhe. Se he atreçoado o homem, a melancolia o instiga, como a Joab, a que mate à falsa fé a Abner, metendolhe o punhal por hum lado no mesmo tempo, em que o abraçava por outro. Se o homê he ingrato, a melancolia o dezefia, a que perdendo o respeito às leis da natureza, seja ingrato a seus mesmos Pays, como o sey Absalam, sendo que lhe devia tantas finezas. Se tem odio, & aborrece o homê, como Saul a David, a melancolia o enfureffe de modo, que por mais serviços, que vos fação, os Davis derrubarão Gygantes, mas os odios dos Saües hão de torrervos as lanças-

lançadas. O quantas feras
 saem da escura noite, & te-
 nebroza cova da melanco-
 lia!

18 Não só as que tenho
 dito, mas porque não posso
 discorrer por todas, sabão
 todos que a melancolia he
 o espesso mato, & escura
 brenha, onde todos os pec-

cados se escondem, pera co-
 mo feras, sabirem a ferir, &
 matar em a melancolia ba-
 tendo o mato, *In ipsa pertrā-
 sibunt omnes bestia silva.* E
 haverà humor no homem
 peor que este? Não senten-
 cieis sem ouvir: vamos à
 fleugma.



lancolia e hama, como a
 Galim, a que tire a vida ao
 mais bravello, so porque
 não seja o mais honrado
 Abel. Se o homem he av-
 tento, a melancolia o pro-
 voca, como a Judas, a que o
 dinheiro venia para a arca,
 mas do esta vendendo a ju-
 riza, & se melmo Chafis.

STRO-



STROMA II.

FLEUMA.

§. I.

I



E chegada a fleuma, & sendo ella fleuma não sei como che gou tão depressa. He o humor fleumatico, ou Puita, aquelle humor, que predominando no homem, o faz em tudo vagoroso, descançado, tardo, sonorento, & preguiçoso em tudo. Assim o definem os Philosophos. Horacio Flaco lhe chamou humor descançado, & lento, *Lenta ferit pituita*; & Aristoteles diz, que os sujeitos, em quem abunda este humor, são os mais tardos em obrar, & discorrer, *In quibus abundat hic humor*

tardiusculi sunt. Muito predomina este humor nos homens. Passão muitos a vida com hũa mão sobre a outra, & nascendo o homem pera o trabalho, elles sò querem descanço. Ha homens, que num dia inteiro não dão hũ passo, *Tota die otiosi*, & se lhes dizeis que peguem no arado, & andem, responde a fleuma, não posso bulirme, cada mão me peza huma arroba, & cada pè hum quintal. Grandes victorias alcançará hum Reyno dos inimigos de fora com vassallos tão diligente dentro de si. Como ha de ter pè pera subir aos muros, o que espera, que o calcem, & como terá mão pera levar da espada, o que espera na meza,

Math.
20. 6,

B que

Satyr.
2.

Arist.
apud
Cal-
pín.

que lhe partão o paõ? Ha tal fleuma, & entre Portuguezes! Gostão estes do que aborrecia David, & tem por merce o de que David se queixava.

2 No fatal desafio do Golias contra o povo de Israel, offereceffe David pera fahir ao duello, & vendo Saul ao Pastor, se valerozo, desfarmado; pera mayor segurança vesteo das suas armas; & David, que não uzava nos montes, senão dos pes, & dos braços, da funda, & do cajado, que disse ao Rey? *Non possum sic incedere*: não posso me nearme, nem dar os passos, que quero, com estas armas nos hombros. Este soldado sim, que aborreisse o soeego, que outros amão, & o delcanço, que pera muitos seria merce, he pera elle queixume, *Non possum sic incedere*. Da diligencia de sò este fiarei eu a victoria, & não da negligencia, delcanço, & fleuma de muitos, senão vede. Lança David dos hombros com as armas, que

o intorpeffião, a fleuma que o detinha, & correndo como hum relampago, diz o Texto, *Festinavit, & cucurrit*, passa da velocidade do pé à diligencia da mão; mette a pedra na funda, dà volta, dispara, derruba ao Gigante. Torna o relampago a correr, falta de dous pulos sobre o Philistheo, *Cucurrit, & stetit super Philisthaũ*, & do pé pera a mão tiralhe a espada da bainha, degolao, vence, triunfa, *Prædiditque caput ejus* Assi vence quem dando azas às pès pera buscar ao inimigo, não vencera, senão voara, *Festinavit*: assi triunfa, que expedindo os braços pera a funda, & pera a espada, não triunfara, senão se expedira, *Cucurrit*.

3 Não se cria no bremanho da agoa de ce o golfinho, que ao depois ha de zombar das tormentas, nem a espada, a quem a penguiga tem embainhada ao canto, criará senão ferrugem. Nunca sentireis que fere o rayo, sem que vejais voar o relampago.

1. Reg. 17. 39.

pago. Forão dous rayos na guerra os dous Scipiões, *Duo fulmina, belli Scipiades;* mas porque se virão relampagos na diligencia, admirarão rayos na campanha. Annibal vigiava toda a noite, diz Sílio, *Noctemque vigil ducebat in armis;* mas estes cuidados tão espertos do Africano erão em Roma os mayores cuidados. O fleuma, que nada obras, por que não te espertas? Espada na bainha pera que he boa? Escravo, que não serve, de que serve? Vestido, que não cobre, que faz? E homem, que nada obra, como homem pera que vive? Perde o leito os milagres da Piscina. Batia o Anjo as agoas na Piscina de Jerusalem, *Movebatur aqua.* E porque ellas batidas saravão ao enfermo, que primeiro entrava, experimentava o milagre o que mais corria. Achavase alli hum homem com trinta, & oito annos de cama, & como a fleuma era tanta, meneavase tão vagaroso, que tinha dado pou-

cos passos, quando já outro, que tinha chegado primeiro, voltava saõ, *Dum venio ibi. 7. enim ego, alius ante me descendit.* O que primeiro andava, primeiro gosava, & o da cama, porque sem bulirse, sempre enfermo: experimentava os milagres da Piscina, o que corria; mas o costumado ao leito tudo perdia: O que huns conseguem por diligentes, perdem outros por fleumáticos, & os milagres da agoa revolvida perdem os que se não revolvem, *Alius ante me descendit.* E he em termos o que succedeo a Jonathas, & a Nabucho.

4 Conta o Texto Sagrado, que Jonathas obrara milagres, quando elle sò com hum criado destrosara hũ exercito de Philistheos. *Et factum est quasi miraculum in castris.* Conta Daniel a perda do imperio de Nabucho, quando na Estatua, com que sonhara, a vio cahida o mesmo Rey a impulsos de hũa pedra, *Abscisus statuam.* Pois accollã victorias,

Virg.
 Aenei.
 6.

Silius
 l. 1.

Ioan. 5.
 4.

1. Reg.
 2. 34.

& aqui rúinas? Acollâ Jonathas obrando milagres, aqui Nabucho perdendo o reyno? Sim. E porque? Lede ambos os Textos, & achareis, que a diversidade tão notavel destes dous successos parece consistio na fleuma de hum, p esteza, & diligencia dos outros. Jonathas, & o seu criado que fizerão? Nem Jonathas recostado no Coche, nem o criado na estrubeira, mas ambos com arte, & presteza valendose de seus proprios pes, & mãos, subirão engatinhando o aspero da

Ibi. 13.

Manibus, & pedibus reptans, & armiger ejus post eum, diz o Texto, & postos em cima do monte, aqui sem fogo ferindo, & allí matando alcançarão milagrosos a primeira victoria,

Ibi. 14.

Et facta est plaga prima. E eis ahi quera consegue, & obra os milagres, não o defcanço, mas a presteza; Deos ajudando, & a massa dando, Et factum est quasi miraculum in castris. Vamos a Nabucho. E Nabucho em que

ocasião vio a Estatua cahida, & nella perdido, & arruinado o reyno? Daniel lhe disse, que então o vira perdido, & arruinado, quando elle Nabucho, não vigiando, mas dormindo, estava recostado no estrado, ou descançando, & refonando no leito, *Somnum tuum, & visiones capitis tui in cubile tuo hujuscemodi sunt.* E eis ahi quem perde os reynos, & os arruina: a perguica no estrado, o reyno perdido; a fleuma no leito, Babilonia arruinada, *Percussit Statuam.*

S. II.

E se estes são os effectos da fleuma em ordem à defenfa de hũ reyno, quais serão os seus effectos, não digo já na guerra, mas na Toga? Temistocles dizia, que era a perguica sepultura do homem vivo, *Pigritia hominis vivi sepultura.* Morto vive pera o bê da Republica hum fleumatico. Rico, & da primeira nobre-

Ep. 51. nobreza de Roma era Vacacia, & porque no ocio de huma quinta debaixo das sombras dos Platanos, & entre o cheiro das flores passava com notavel, & notada fleuma a vida, muitos dos que o vião lhe dezião: O Vacia, só isso he vida. Porém o juizo de Seneca, que no ocio de Vacacia o penetrava morto, passando pella sua quinta, dizia o que dos defuntos se diz, Aqui jaz Vacia. Quanta nobreza, q̃ podia trabalhar nos Concelhos, & no Senado da mesma Roma, como Vacia, pera nada presta, & pera nada serve; porque, como Vacia, se sepulta na sua fleuma, & nella jaz morto em vida! Pois se pera a guerra he necessario menear a espada, pera a paz he preciso pegar na penna; quero dizer, que na paz não ha de haver ocio, mas pera conservalla trabalhar sempre. O melhor Piloto na mais socegada bonança está com mil olhos sobre a tormenta; Hum Reyno he hum mar, & hum

reyno em paz he hum mar de leite; mas como a inconstancia dos ventos pôde mover logo a tēpestade, se não hã muito cuidado em governar a Nao; o leite será sangue, & a Nao naufragio. No tempo da paz mandou Deus a Noe, que fabricasse a Arca, em que se havia de salvar o mundo, & gastou cem annos na fabrica. Pois tanto trabalhar na paz? Dissellos de tanto tempo na bonança? Sim, pera que na tormenta futura ouvesse Não, que se não fosse a pique. Não ha de socegar, nẽ descãçar na paz, quem quizer conservar na paz a Republica.

6. Notavel caso, que sobre os hombros de quatro misteriosos animais quizesse Deus descãçasse o catro da sua Monarquia sempre florente, em paz, & em bonança; mas como em bonança, & em paz? Conta o caso Ezequiel, & não só huma, mas muitas vezes nota que os quatro Juizes, os quatro Létrados, & Doutores, os

Ezeq.
1. 14.

quatro Prezidentes, & Governadores daquelle Reyno exemplar de todos os Reynos, não parávão, nem cessavão, mas como rayos em huma roda viva meneavão do mesmo carro, ou Reyno as todas, *Et animalia ibant, & revertébatur in similitudinem fulguris coruscantis.* Pois nùm reyno tão pacifico, como o de Deos, assi haõ de trabalhar, & vigiar os seus Ministros, que nem pera o trabalho ha de ser mais ligeiro hum rayo, nem pera a vigilancia mais veoz hum relampago, *In similitudinem fulguris coruscantis?* Assi o quiz Deos no seu Reyno, pera advertir aos do mudo, que então se conservão em paz os reynos, quando a fleuma se converte em vigilancias, & a ociosidade em rayos. Descanção os Reynos no movimento dos Vassallos, & como em Nabucho o sono soy a ruina de Babilonia, assi no Sol o movimento continuo he a conservação do mundo. Fez Deos ao Sol, o conservador do

imperio terrestre de tal forte, que sem sol nem cresecção as plantas, nem daria fructus a terra, os homens se acabarião, & o mesmo mundo. Mas a paz, & conservação de tudo neste mais luzido Planeta em que consiste? Na nenhuma fleuma daquelle chama, mas no movimento incessavel daquelles rayos. Eilo como rayo em França, eilo em Alemapha, eilo em Portugal, eilo em Roma, eilo em fim em todas as quatro partes do mundo, descantando todas no seu desassossego, & no seu perpetuo movimento em paz, & conservação perpetua, *Gyrat per meridiem, & flectitur ad aquilonem: Iustitiam trans universa in circuitu pergit spiritus.* At he o mesmo Deos, diz David, no incessavel movimento deste seu vassallo assentou a paz, & a quietação do seu trono, *In sole posuit tabernaculum suum.* 7. Senhores meus, & se isto he assim, como he, pera que he queixarme de quem nem o Rey, nem o Reyno fazem

12. 93

Eccles.
1. 6.

Psalim.
18. 6.

fazem cazo de mim? Algũs dizem, que os não picão, & que por isso não sayem, & porque os não ocupão, nem experimentão, se não sabe quem são os homens. Valor, fidelidade, & justiça são as tres maximas, que principalmente constituem hum bom governo, & conservão em pè, & em seu ser os Reynos, & as Republicas. Pera a guerra he necessario o valor, pera os conselhos a fidelidade, & pera a igualdade do governo a justiça. E quantas vezes, porque não se experimentão, nem tentão os homens, o valor està deitado em huma choupana, a fidelidade recostada ao pè de hum tronco, & a justiça posta numa casa a hũ canto. Aonde estava David, quando Deos mandou a Samuel que fosse ungillo pòr Rey? Estava numa choupana entre as ovelhas, *Ahuc reli-* *quis est parvulus, & pascit oves.* Aonde estava Nathanael, quando Christo o vio, & lhe pòs os olhos? Estava deitado ao pè de hũa figueira; *Cum esses sub ficu, vidi te.* E aonde estava Abraham, quando tentandoo Deos, *Tentavit Deus Abraham,* lhe mandou que degolasse a seu filho Isaac, *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Isaac?* Estava Abraham muito descansado nos valles de Palestina havia annos, *Et fuit colonus terræ Palæst. timorum diebus multis.* E que são estes tres homens, que por não picados, nem tentados, nem experimentados, estavam em calma? Erão o que ao depois se vio: David picado sahio da choupana a degolar Philistheos, como homem do mayor valor; *Interfecit eum, præscidit que caput ejus.* Nathanael experimentado levantouse do pè da figueira, & porque lhe puzerão os olhos, foy o homem da mayor fidelidade, mais sincera, & verdadeira; *Ecce vere Israelita, in quo dolus non est.* Abraham tentado sahio do descanso, em que se achava, & porque ficarão delle grandes acções, foy o exemplar da justiça;

1. Reg.
16. 11.

Joan. 1.
18.

Genes.
22. 1.

Ibi. 2.

Genes.
21. 34.

1. Reg.
12. 51.

Joan. 1.
47.

Ibi

Ad Rom. 4. 3. *Credidit Abraham Deo, & reputatum est illi ad iustitiam.*

8 Pois se os homens, por mais descangados, & fleumaticos, que parellão, picados, experimentados, & tentados, são muitas vezes estes, tirem a David da choupana, tirem a Nathanael do encosto, tire a Abrahão do descango, & verão como pera a guerra ha valor, *Inter fecit enim*, pera o conselho fidelidade, *In quodolus non est*, & pera a igualdade justiça, *Reputatum est illi ad iustitiam*. Senhores fleumaticos, bem arguido, mas eu respondo, que vay muito de Deos aos homens.

Deos pera os seus provimentos apoveitase dos interiores, porque conhece os peitos, diz elle mesmo, *Domi-*

1. Reg. 16. 7. *nus autem intuetur cor:* os homês como não penetrão os estamagos, pera os despachos, & officios, sò olhão pera o que vem cà por fora,

Ibid. *Homo enim videt ea, quae parent.* E se cà por fora o que vem em vòs os homens tu-

do he dormir, descangar, recostar, & em fim hũa fleumatico sem fim, como ha de fer General David? Como ha de fer Confelheiro Nathanael? E como ha de fer Regedor das Justiças Abrahão? Sò, sò Deos conhece o que em vòs vai là por dentro, & os homens o que sò vai cà por fora, *Ea, quae parent.* Dezeno, enganoo, pois, que não servem pera a paz, nem pera a guerra os talentos, q se não vem. Pera o bem commum não basta cuidar eu que sou sol, he necessario verem os outros que o sol não para.

§. III.

9 **E** se nem pera a defesa na guerra, nem pera a conservação da paz nos reynos, serve o descango do fleumatico, mas o movimento dos que são soes, vejamos pelo menos se a fleuma, que pera o bem commum he tão nociva, he pera o particular de algum proveito. Muitos antepoem o bem particular ao bem com-

cômum, & dizem, que re-
nem elles, mas que se perca
o mundo: riame eu, mas que
os outros chorem, & goste
eu, mas que se desgostem
todos, Ah Nerão! Nerão
mandou lançar fogo a Ro-
ma, sò por se lhe antojar te-
ria gosto de a ver arder.
Gostou, & de hũa torre rin-
dose estava vendo o que os
outros choravão. Assim mui-
tos: consigamos nós o que
queremos, & abraze se com
Roma o bem cômum. E
supposto, que assi o vemos
em muitos, o bem particu-
lar preferido ao universal
de todos, pera os que assi
amão os seus particulares
interesses serà boa a fleuma.
Esta pergûta pera desenga-
no dos fleumaticos tinha
muitas repostas, mas por-
que eu o não sou apressar-
mehei com sò duas. Duas
cousas neste mundo amão
os homêns sobre tudo, Hon-
ra, & pão. Estes são os dous
Idolos mais adorados, & q̃
mais levão apos si as affei-
çoens dos homens. E dà a
fleuma pão, pera que se far-

te este affecto? E dà a fleu-
ma honra, pera que se satisf-
faça este amor? Nada dà,
mas tudo perde. Vamos ao
pão.

io. Falla Salamão dos
picados do humor fleuma-
tico, & diz assim: *Egestatem* ^{Prov.}
operata est manus remissa: à
mão remissa, & fleumatica
o que obra no que obra, he
muita pobreza. Mas se o
Sabio diz que a mão he re-
missa, & fleumatica, *Manus*
remissa, da mão assi remissa,
& fleumatica como diz que
obra, *Operata est?* Ahi ha
obrar de dous modos: ha
obrar fazendo, & ha obrar
desfazendo, ha obrar edifi-
cando, & ha obrar derrubã-
do o edificio. A mão remis-
sa, & fleumatica não obra
fazendo, obra desfazendo
o que acha; não obra edifi-
cando a casa, obra lançan-
do por terra; & mãos, que
assi obrão, que hão de obrar,
se não em lugar de adquirir
o pão, perder, & em pobreza
fer a casa, *Egestatem opera-*
ta est manus remissa. As
mãos, que não semeão, que
hão

hão de colher? E se a terra se não lavra, que ha de dar? As mãos debaixo dos braços, & o arado em caza, he nada em caza. O que as mãos obrando semeão, diz S. Paulo aos Galatas, isso he o que recolhem, *Quae enim seminaverit homo, haec & metet.* Quem quer semear nada, & depois cegar trigo, desde Adão athe hoje ninguém o vio. O mesmo Adão o que suava, isso era o que comia, & não deixou cá outros morgados a seus filhos, senão pera comerem, suarem, *In sudore vultus tui vesceris pane.* O certo he, q̄ nō sabbado, dia, em que os Hebreos não trabalhavão, o Mannà do Ceo não cahia, *Non invenietur hodie in agro.* Mãos cheas de fleuma, & para a boca o Mannà? Seria milagre, se assi fosse, mas não faz o Ceo esses milagres, *Non invenietur.*

Exod.
16. 15.

II E se isto obra a fleuma no que obra, que quereis fleumaticos no que quereis? Quereis o pão, & nenhuma cousa mais quereis, que ver-

vos fartos; mas sendo este o vosso querer, não quereis o mesmo que quereis, & implicai-vos: provo a implicancia. Quem quer o pão, & a fartura, ha, como temos visto, de trabalhar, & suar: vós com a vossa intorpecida fleuma nem trabalhais, nem suais: logo não quereis o pão, & a fartura: & senão quereis o pão, & a fartura, o que se segue he, que o mesmo, que quereis, não o quereis. Vede se advertio Salomão primeiro que eu nesta vossa notavel implicancia. Falla a letra do nosso caso, & diz assim: *Vult, & non vult piger: anima autem operantium impinguabitur.* A vida dos que trabalham comerà o pão, & serà farta, *Impinguabitur*, que quanto o preguiçozo esse quer, & não quer, *Vult, & non vult*: Pois se quer o preguiçozo, *Vult*, como não quer, *Non vult piger*? E se não quer, *Non vult*, como grita que quer, *Vult*? Não quer, & grita que quer, pera implicarse, & pera nunca com a

mes-

mesma fleuma em tudo, & para tudo tardia, se desembarassar da instancia, & da implicação do quero, & não quero. Quer, diz Salamão do preguiçozo, quer, & dezeja o pão, *Vult*; mas porq̃ quer o pão pello caminho, pon onde elle não vem, o mesmo que mais dezeja que venha, não quer que venha, *Non vult piger*. Ora implique os preguiçozos quanto ao pão, pera que nunca comão o que mais apetezsem, & seja castigo da sua fleuma a sua fome. Vamos ao amor do outro Idolo.

§. AII.

12 **T** Ambem o Idolo mais adorado he o da honra. Ao Idolo da honra adorou o primeiro Demonio, & ao Idolo da honra o primeiro homem; & conseguirão ambos o que adorarão? Nenhum delles Lucifer cahio do melhor posto no peyor lugar, diz Ezayas, *Verum tamen ad infernum detraheris*. Adão foi

tirado do melhor lugar pera o posto mais baixo, diz Moyses, *Et emisit enim Dominus Deus de Paradiso volu-uptatis: ut operaretur terram*. E duas creaturas, ambas as primeiras em ambos os mundos, porque não conseguirão o que mais dezejavão? Se lhes picarmos as veias, havemos de ver que a muita fleuma, que nellas havia, foy castigo do que perderão, & impossibilidade do que querião. O que quizerão era em cada hum delles dous impossiveis: ambos quizerão ser como Deos, *Similis ero altissimo: Eritis sicut Dij*; E ser como Deos era impossivel em ambos, & foy o primeiro impossivel. O segundo impossivel foy quererem os postos, que dezejavão, pello caminho, por onde se perdem. Porque lançou Deos a Lucifer do posto, & a Adão do lugar? A ambos por fleumaticos. Lucifer cahio, porque quiz subir ao posto assentandose, *Sedebo in monte testamenti*. Adão cahio,

Ibi. 5. cahio, porque sem estudo, nem cançasso quiz saber tudo, *Eritis sicut Dij sciētes*; E porque querer tudo obrando nada, & porque querer subir ao posto estando assentado, he querer impossiveis, o que assentandose quer o posto caya do lugar, *Ad infernum detraheris*, o que sem cançasso, nem fuor quer entrar em tudo, saya pera fora, *Emisit eum.*

13 E bem se vio nos feitos, que se a fleuma impossibilita a honra, os suores a conciliação; & senão reparay no mesmo passo. Cahé Lucifer do lugar, & cahé Adão por fleumáticos, & mandando Deos logo a Adão, que tratasse de trabalhar na terra, *Ut operaretur terram*, a Lucifer não o mandou trabalhar, antes nada lhe disse. Pois a Adão, logo que perde o lugar, porque lhe ha Deos de mandar, que trabalhe; & a Lucifer, quando cahé do posto, porque não? Porque Deos tinha decretado tornar a levantar a Adão, & a Lucifer

deixallo cahido; & como são os que trabalham, & os que são, & não os ociosos, & descaçados, são os que lográo as horas, & os lugares, diz S. Gregorio, *Ad magna premia perveniri non potest, nisi per magnos labores*; a Lucifer, quem decretou deixar sempre cahido, não o mandou trabalhar Deos; a Adão, quem determinára, que havia de levantallo da queda, encomendou-lhe o trabalho; *Ut operaretur terram.*

14 E sendo esta verdade irrefragavel, he pera rir, ou chorar; ver a quantidade de Gamas, Albuquerque, Almeydas, & outros muitos, que sem merecerem tão honrados nomes, nem sahirem do Tejo, querem governar a India, o Reyno, o mundo, almiscarados cá, em lugar da polvora, em cambrais, & olandas, & perfumados, em lugar do murão, em sedas, & damoscas! Meus Portuguezes, não decreta Deos pera tanta fleuma tão grandes governos.

Quiz

Quiz honrar hum Rey a huns seus criados, diz Christo, & deulhes acada hum delles huma moeda, a que chamavão Mna, pera que negoceassem com ella, *Negotiamini dum venio.* Hum

Luc. 19. 13. dos criados com a sua moeda negoceou, trabalhou, & adquirio dez moedas; outro com a sua negoceou sinco, outro com a sua que fez? Tomou a moeda, atou-a num lenço, pollo a hũ canto, lançouse a dormir, & disse ao Rey que alli lhe trazia amortalhada a moeda em

Ibi. 20. hum sudario, *Esse Mna tua, quam habui repositam in sudario.* Que fez então o Rey? Ao que com a moeda negoceou dès moedas fello Governador de dès cidades,

Ibi. 17. *Eris potestatem habens super decem civitates:* ao que negoceou sinco, fello Presidente de sinco, *Et tu esto super*

Ibi. 19. *per quinque civitates.* E ao que lhe offerreceo a moeda sepultada no sudario, que lhe deu? O que tal descansou, & fleuma merecia. Em lugar do governo deulhe

huma valente reprehensão, *Serve nequam;* & a honra que lhe fez foy tirarlhe a honra que lhe tinha dado, *Auferte ab illo Mnam.* Senhores, os governos, & as honras merecemnas os trabalhos, não o descanso; o negocio, não a fleuma; os suores, não os sudarios. A Nao que lançou a anchora, não quis viagem: a que trinca a amarra, & larga as velas ao vento, essa he a que navega, & voa.

15 Pois os que cheyos de fleuma querem a honra da Cadeira nas Vniversidades, a Granacha no Paço, a presidencia, a Igreja no reyno, tambem he pera rir, ou chorar, ver como querem o que querem. O Estudante na Vniversidade, cheyos de fleuma os olhos pello muito que dorme, não abre os livros pera a intelligencia dos Textos, & com a moeda no sudario quer negociar as Cadeiras. O Corregedor, que merecia ser o corrector, o Juiz de Fóra, aquem muitos tomarão fóra de Juiz,

Ibi. 24.

Dito celebre do modestissimo Arcebispo, S. Ser. Prim. das Esparthas D. Fr. Bertholamien dos Alarrem 17res.

rem as causas, & os feitos em caza annos, & annos sem apparecer o despacho, & com a moeda no sudario querem negociar as granachas, & as presidencias. O Ecclesiastico vive sem o devido exemplo, porque diz que lhe custa, & por causa da mesma fleuma, passamse tempos esquecidos sem olhar pera huma questão de Sanches, ou Castro Palao, & com a moeda no sudario quer negociar o Priorado, & a Abbadia. Nenhum destes, ou seja o secular, ou o Ecclesiastico quer o q quer. Deos nosso Senhor quando poz ao Sol na melhor cadeira, & o vestio da melhor granacha, dandolhe com ella a mais luzida presidencia, *Ut praeffet diei*, logo lhe mādou q dentro de vinte & quatro horas havia de revolver as quatro partes do mūdo, & quantos escaninhos tem a terra. A São Pedro recostado, & resonando no Horto no mesmo tempo, em que em Hierusalem se disputarão as questoes Ec-

Genes.

clesiasticas mais importantes que vio, nem ha de ver o mundo, reprehendeu Christo da sua fleuma, & descanso, *Simon dormis?* *Marc.* Pois ao Estado secular re-^{14-37.}presentado no Sol, quando Deos o levanta a tanta grandeza, porque lhe manda que em tão breve tempo veja, & reveja quanto váy no mundo? Pera que advirta o secular, que não aquelle Ministro, que em hū anno não vê a causa, nem despacha o feito, mas o que em vinte, & quatro horas vê, & revolve tudo, este, & não aquelle serà o da Cadeira, o da Vara, o da granacha, o da presidencia, *Ut praeffet*. Pois ao estado Ecclesiastico representado em São Pedro, porque o reprehende Christo de fleumatico, & descansado, *Simon dormis?* Porque como Christo queria fazer a São Pedro Pastor vniversal da Igreja, & Vigario seu, quiz que nelle entendesse o estado Ecclesiastico que querer descanso, & pastorear ovelhas

Ihas, não pedia fer; quer abraçar com a fleuma, & depois abraçar a Igreja, *Si non dormis*, he não querer o Ecclesiastico o que quer, *Vult, & non vult piger*.

16 Senhores meus, hús, & outros, em quanto o humor fleumatico predominar em vossa caza; não vos queixeis, se nella falta o pão, & a honra. Assi o quer a vossa fleuma, assi o tereis. Alguns dirão que não he o mal tanto, porque tambem ha fleuma que come, & he honrada. Eu primeiramente não creyo tal cousa; porque como a honra verdadeira cõsiste nas obras, mão fleumatica, que nada obra, ferà mão torpe, mas não honrada, *Turpe est alienis ornare decoribus, quem virtus propria non venustat*, disse S. Basilio. Pois fleuma, & comer, tambem o não creyo. Por mais cheya que esteja arca, a mão que tira, & não poem hà de vir a esgotalla. Bem sei que podem haverse alguns com a sua fleuma como o Tiranno de Cefilia

Dionisio. Mandou elle tirar dos hombros de huma Estatua do Deos Apolo huma grande capa de ouro q̃ o cobria; & com muita fleuma disse; Esta capa nem serve pera verão, nem pera inverno: pera o verão não, porque he muito pezada; pera o inverno não, porque he muito fria; & dizendo isto deixouse ficar com a capa do seu Deos não sò honrado, mas rico. E se muitos fizerem o que fez Dionisio, esta fleuma não ferà muito honrada, & muito util? Se eu eà ao perto sem dar hum passo, nem me bulir, posso cubrirme, & viver com hũa capa muito honrada, & muito rica, pera que he n buscar a honra à Indis, nem o ouro a Ofir? Agora vejo a vossa fleuma mais vil, & pob̃e q̃ nunca. Quando vos assim inflais, eu respondo assim.

17 Com o alheyo ninguém he honrado, nem rico. A capa do Rey no theatro não honra o Comediante, nem a coroa de diamantes no que representa enri-

quelle

D. Ba
fl. in
Cat.
aur.
sup. il-
lud Ge
ninin.
vipera-
rum.
Luc 3,

queste a figura; & porque? Porque, nem he do Comediante a magestade da capa, nem da figura a riqueza da coroa. Pois se a capa honrada, & a capa de ouro não he de Dionisio, senão de Apolo, que honra, & que riquezas são as de tal homem, se nem a honra, nem as riquezas são suas? Honrar com o que roubou, & enriquecer com o que furto, nem he honra, nem riqueza, se eu roubei as capas, como pode ser honra o mais infame dos vicios? Se eu furtei o ouro, como pode ser riqueza o que he furto? Sabeis vós o que esta fleuma he? He finalmente a miseravel pobreza, & vileza do Inferno. O Inferno, diz Job, he o lugar da miseria, & da pobreza, *Terram miseria, & tenebrarum*, & he juntamente o mais baixo, & vil dos lugares, que ifo quer dizer Inferno. Oução agora a Santo Agostinho os que imitão a Dionisio na sua fleuma, & a-

Job. 10.
22.

cabo.

18 Repara a Aguiã dos Doutores com grande espirito, & doutrina na aquellas notaveis palavras com que nosso Redemptor no dia do Juizo hà de mandar pera o Inferno aos condenados. *Discedite à me maledicti in ignem æternum; & furivi enim, & non dedisti mihi manducare, &c.* Ide malditos pera o Inferno, porque me não destes de comer tendo eu fome. Agora argumenta Agostinho. *Si in ignem mittitur, qui non dedit rem propriam, putas ubi mittendus est, qui invasit alienam?* Se vay pera o Inferno quem não deu o proprio, aonde imaginais que irá quem roubou o alheyo? Claro está que irá ao lugar da fome, ao lugar da miseria, ao lugar mais vil, & baixo que he o mesmo Inferno. Pois eis ahi as honras, & as riquezas com que algumas fleumas vos despem a capa; a honra he vileza, a riqueza miseria, porque tudo

Math.
25. 41.

D. Aug.
gust.
S. 20.
de verb.
Dom.

tudo para no Inferno. E se a fleuma he hum humor de tão pestilentas qualidades, & que de tal sorte entorpece os homens, que os faz ineptos não sò para a gloria das emprezas publicas, & bem commum, mas tambem pera as pertengoens particulares, ella he a ruina

do que mais se ama, & adora, athe dar com o fleumatico; em lugar da honra, na mayor deshonra, em lugar do pão no lugar da miseria, que humor pode aver peor q̄ este. Serà, pois a fleuma o peor dos humores? Não sentenciéis sem ouvir. Vamos à colera.



C


STRO-



STROMA III.

COLERA.

§. I.

I  Aõ só por carta de menos se malogrão grãdes çprezas, mas também por carta de mais se perdem grãdes fortunas. Muito perdeu a fleuma, como temos visto no menos da sua diligencia; mas muito perde a colera no mais das suas fogocidades. He este terceiro humor por sua natureza calido, & seco; & estas duas calidades constitutivas da colera são tão malignas, que em o calor com a secura se acendendo no homem, não temos homem. O homem pera ser

homem, ha de ser sofrido, ha de conhecerte, & não ha de perder o juizo; & os effeitos da colera secca, & calida, quais são? Em a colera subindo à cabeça de qualquer homem affi o cega, & o perturba, que, o que havia de ser sofrimento, já he impaciencia, o conhecimento proprio soberba, & em lugar do juizo, & da rezão, a rezão, & o juizo perderão se, & là vay o homem. O que supposto, eu quero agora provar vos como o sofrimento faz os homens, & a impaciencia da colera os desfaz: como o conhecimento proprio vos levanta, & o altivo, & so-

& soberbo da colera vos abate: como o entendimento constitue aos homens o que são, racionais; & o irracional, & cego da colera, o que não são, brutos. Comecemos.

2 Não ha homem neste mundo sem paciencia, & sofrimento. Depois que Adão pecou o mundo foy valle de lagrimas, diz Divid, *In valle lacrymarum*; & onde tudo são lagrimas q̄ homem vivirá sem sofrer? Quem disse homem podia logo inferir; pois paciencia. Que couza he o homem? Se he mancebo, enganao a mocidade, & paciencia: se he velho a mesma velhice he tormêto, & paciencia: se o homem he pobre faz muitas cruces na boca, & paciencia, se he rico, quanto mais endinheirado, tanto mais cruces que o matão, & paciencia: se o homem he solteiro, anda tropeçando pellas ruas, & pellos cantos, & paciencia; se he cazado, sem sabir fora de caza là terá em caza bem q̄ sofrer, & paciencia; se he fra-

co o homem, ou os desmayos publicão logo o temor, ou as cores mudadas declaram o medo, & paciencia; se he valente, hum Pompeu acha a hum Cezar, hū Heytor a hum Achilles, q̄ o mata, & hūa espada bem esgrimida, a outra espada mais destra, & paciencia: Em fim se o homem he Rey, a Coroa he mui pezada, & paciencia.

3 Isto supposto, & que não ha homẽ no mudo sem paciencia, sofrer senhores pera ser fermozo. Não ha homem sem paciencia, mas a paciencia faz os homens. Nas Escrituras Sagradas o homem mais sofrido, & paciente, todos sabeis que foy Job. Mas não sei se tendes reparado no que eu reparei, Lede o livro de Job, & achareis, que a primeira palavra do mesmo livro he esta, *Vir, Job. 1. 1. Hus nomine Job: assi comessa*, Nas Escrituras Sagradas, diz S. Jeronymo, não ha palavra sem mysterio. Pois que mysterio será que a pri-

meira palavra do livro de Job seja esta palavra Homê, *Vir erat?* He o mysterio, ao intento, que a primeira palavra desse livro he, *Vir*, que quer dizer homem, porque a primeira cousa que a paciencia faz he fazer homens. Toda a vida de Job escrita em quarenta, & dous Capitulos daquelle livro, he hum espelho de paciencia; pois pera que advirtão os homêes que a paciencia a primeira cousa, que faz he fazer homens, a primeira palavra daquelle livro seja a palavra Homem, *Vir*. Job sofrido? Pois em primeiro lugar temos Varão, *Vir*. Job com paciencia? Pois como o primeiro effeito desta virtude he fazer aos homêes homens, Job com paciencia em primeiro lugar he Job homem, *Vir erat in terra Hus nomine Job*. E advirtamos de caminho, que a palavra, *Vir* não quer dizer qual quer homem, mas homem homem, homem perfeito, calificado, & apurado. E esta nova advertencia pera que

vem aqui? Pera o que se segue.

4 Como o ouro no fogo, assi os homens se callificação, & apurão na forja do sofrimento. Não ser sensitivo, dizia Seneca, seria não ser homem, *Non sentire, non Senec. est hominis*; mas também seria não ser o homem homê, senão fosse sofrido, diz elle mesmo, *Non perferre non est viri*. Sinta o homem o pi- que já que he sensitivo o homem; mas pera passar de homem a ser homem homê, sofra o mesmo que sente. Muito sentio Catão verse lançado fora do Senado em Roma; mas no mesmo dia da repulsa, sem a colera lhe mudar as cores, se poz a jogar a pella, diz Seneca, *Eo. Senec. dem, quo repulsus est die, pi- Epist. lam lusit*, sentio, mas como ^{104.} Carão; jugou com o sentimento a pella, & divirtendo a dor, o mesmo que sentia sofreu-o, & com desenfado, *Pulam lusit*. Ah homem homem! Gritava contra Socrates grandes injurias sua mesma mulher Xantippa, & como

como ella viffe que o sofrimento do Filosofo, se fazia fúrdo, & mouco a suas palavrás, passa da língua às mãos, pega de hum cantaro de agoa, & lança-o da janella sobre a cabeça de Socrates. Sê o Filosofo fora coletico, nem tanta agoa bataria pera rebaterlhe os fumos: mas elle que era homem homem, sem mudar de semblante volta o rosto, & no meyo daquella tempestade diz muy sereno a Xantippa, que elle já sabia muy bem que depois de tantos trovoens o que podia espetarse era agoa a cantaros. *Sciebam posttonitrua pluviam sequituram*, refere Seneca. Ahi não hà mais discreto homem, nem mais galante zombar do humor coletico. Hum homem tão senhor da sua colera, q̄ volta em discrição a afronta, & em galantaria o pique, isto he ser homem.

5 Mas beatificando nós estes exemplos, pergunto. Desde o Genesis athe o Apocalypses qual he o ho-

mem beatificado por grande, que não fosse sofrido? Eu não sei. Correi todos os beatificados da Escritura, & achareis, que nenhum subio aos altares da estimação, sem primeiro ser hostia do sofrimento. Olhai pera Iob, & David, olhai pera Ioseph, & Iacob, pera Abraham, & Isac, pera Moyses, & Elias, & vereis o que sofreu Elias a Iezabel, mas por isso Elias; o que Moyses a Pharaõ, mas por isso Moyses; o que Abraham no sacrificio do filho, mas por isso Abraham; o que Isac, o que Iacob, o que Ioseph, & o q̄ David, & Iob, mas por isso homens que no sofrimento os beatificamos pello que forão, *Beatificamus eos, qui* Epist. Iacob, *subtulerunt*, diz S. Tiago. E do Testamento Velho se 5. 11. viêres ao Novo, deixando a muitos outros, olhai pera os dous mayores homens, q̄ vierão ao mûdo, & vereis ao Baptista primeiro sofrido q̄ beatificado pello mayor homem, & ao mesmo Christo, diz Tertulliano, primeiro

Tert. lib. de Coron. limitis c. 14.
 Crucificado q̄ Rey, *Nec antea Rex gloria à caelestibus salutat* *est, quam Rex Iudaeorum proscriptus in Cruce.*

6 Este he o sofrimento; & estes são os seus effeitos, fazer aos homens homens: E se estes são os effeitos do sofrimento, quais são os da colera? O sofrimento tem por effeito o fazer homẽs, a colera tem por effeito o desfazellos. De tres modos se pode desfazer hũ homẽ, ou tirandolhe a fazẽda, ou tirandolhe a vida, ou tirandolhe a honra, & não ha mais desfazer; & a colera por todos estes tres modos desfaz os homẽs. Vedes aq̄lle homẽm pẽdurado naquella forca cõ a fazenda, & cõ a vida perdidas? Pois aquelle he Amão, *Suspensus est itaque Amon in patibulo.* E hã homẽm o mayor Valido q̄ vio o mundo, & do mayor Monarcha que então havia, Assuero, porq̄ enforcado sem fazẽda, nem vida. Eu não lhe acho crime de leza Magestade, que assim o desfizesse, & abatesse: pois quem o destez? A

sua colera; & foi o caso, que não levando em paciencia Amão, que entrando elle em Pallacio, & todos do brandolhe o joelho, sò Mardocheo lhe não guardasse estes respeitos, diz o Texto que bravamente se enfurecera, *Indignatus est valde,* & que dissimulando a colera; *Et dissimulata ira,* mandara levantar huma forca, pera pendurar nella a Mardocheo, *Iussit excelsam parari crucem.* Hã tal colera! Hã tal ira! E que vai agora em que Mardocheo se levante ou não levante, quando passa Amão; em que se ponha de joelhos, ou não ponha diante da quella divindade, pera por tão pouco se machinar huma forca a hum homẽ de bem? Mas Amão, cuja colera machinou a forca, he o que vedes enforcado nella. São os effeitos da ira: Mardocheo o pacato, & o socegado com vida, & fazenda; Amão o bravo, & o colerico, *Indignatus est valde,* sem fazenda, nẽ vida, *Suspensus est Amon in patibulo.*

Esther 7. 10.

Esther 5. 9.

Ib. 14.

7 Ah coleras quantas fazendas, & vidas tendes tirado a muitos, que ou erão validos, ou o podiam fer! Quantas cazas, & muito grandes, se tem arruinado, não pella furia dos ventos, mas pellas furias de seus donos! Quantas vidas parãrão num estoque, ou no veneno, ou numa forca por nenhum outro crime, senão por colericas! Indiguamse os Amoens, & por vingarem huma descortezia, ou verdadeira, ou sonhada, a indignação perdeu a caza. Encolerizamse os Amoens, & por satisfazerem a huma ira levados da furia, aqui matão, alli enforcão, & no fim a colera os matou a elles. Ah fazendas, ah vidas perdidas numa mão sendo vòs de tanto preço! Que não custa a esta nossa mortalidade levar a vida adiãte? A quanto trabalho se compra augmentar huma caza, ou pello menos conservalla pera que senão perca? Mas eis que se levanta a colera, & dandose o Amão por pi-

cado, là vai o que tanto val, & tanto custou, perdido em hũa mão, *Suspensus est.*

8 Mas não sò a fazenda, & vida, que seria menos, mas a reputação, & a hõra, q̄ sobre tudo se estimão, quem as perde em hum momento, se não huma ira colerica, fogaça, & em tudo inconsiderada, & cega? Reparai em duas accões de Caiphaz, ambas notaveis. Era este homem em Hierusalem na reputação, & pella dignidade de summo sacerdote, que occupava, o mais honrado, & que fez? Vendo q̄ o sofrimento de Christo não respondia palavra aos testemunhos q̄ diante d'elle lhe levantavão, tirafe Caiphaz da Cadeira pontificia, & como hũ touro, que saye ao corro, poemse no meyo da sala, diz S. Marcos, *Et Marc. exurgens Summus Sacerdos 14 60. in medium.* E já temos ao homem da mayor reputação fóra da Cadeira, *Exurgens.* E que mais? Foi a segunda accão notavel, que perguntando Caiphaz ao

Senhor, se era Filho de Deos, & elle respondendo, que sim, o touro rompeu a capa, & as vestiduras Sacerdotais fellas em pedaços, *Ib. 63. Sumus autem Sacerdos scindens vestimenta sua.* E temos ao homem que se revestio da mayor honra, despido della. Agora se perguntarmos quem tirou a Cadeira, & lançou fóra della a Caiphaz, *Exurgens, in medium,* responderá S. Hieronymo, que o Oppositor, ou Antipapa, que tirou a Caiphaz da cadeira, fóra a colera de Caiphaz, *Quem de solio sacerdotali furor excusserat.* E se perguntarmos quem despio a Caiphaz do racional do peito, *Vbi est Caipha rationale pectoris tui,* diz São Leão Papa; quem o despio do cordão da continencia, *Vbi est continentiae cingulu;* & quem do superhumeral das virtudes, *Vbi superhumeral virtutum,* responde o mesmo São Leão, que de tudo o despio a colera, & que frenetico de furiozo, elle se degradara a si mesmo

da honra Sacerdotal; *Nesciens quid hac significaret infamia, sacerdotali se honore privavit.* Quem tal cuidara, que dentro do meu mesmo peito havião de andar escondidas as causas da minha infamia! Basta que do meu peito, ha de sair a colera, que me deshonorá! Que me tire a cadeira, & da cadeira, o Oppositor adverso, saõ as voltas da fortuna, vós hoje, eu à manhã: mas q̄ ninguém se não o meu peito, nenhuma opposição se não a minha colera, me tire a reputação, & a cadeira, com que tão honradamente vivia, *Quem de solio sacerdotali furor excusserat;* brava desgraça! Que hum Turco mande pera as Gales a hum sacerdote, que lhe rompa as vestiduras sacerdotais hum herege; de quem me beberá o sangue, não devo esperar menor ferida: mas que do meu mesmo peito saya a minha capa rasgada, o meu furor he o meu Herege: que eu mesmo me prive da mayor honra, & degrade do sacerdocio
pera

pera as Galês, a minha colera he o meu Turco, *Sacerdotali se honore privavit.*

9 Mas que mayor desfaventura que esta! Que sendo o sofrimento o que faz os homês, & a colera o que os desfaz, não acabemos de abrir os olhos pera vermos se nos fazemos, ou nos desfazemos! Ahi hà cousa melhor que hum homem feito, & hà cousa peor que hum homem desfeito? Fez Deos ao primeiro homem, & com tanto agrado feo, que pera sair logo homem feito, o fez

Genes. 1. 26. hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. Quiz Deos desfazer o homem,

que tinha feito, & diz o Texto Sagrado, que lhe ferrira a Deos o coração o desfazello,

Genes. 6. 7. Tactus dolore cordis intrinsecus; Delebo, inquit hominem, quem creavit. Pois quando Deos faz ao homê,

Faciamus hominem, porque se revê num homem feito, como em hum espelho, *Ad imaginem, & similitudinem nostram;* & quando o desfaz,

Delebo hominem, porque o sente pella Alma, *Tactus dolore cordis?* Eu não sei que feito o homem por Deos, assi se agradasse Deos delle, se não porque não hà cousa melhor, que hum homem feito, como não sei q Deos assi sentisse desfazer o homem, se não porque não hà cousa peor que hum homem desfeito. Agora vede se hà cousa melhor que o sofrimento, fazendo o sofrimento os homens. Agora vede se hà cousa peor que a colera, desfazendo aos homens a colera; & aqui não vos digo, mais, nem sobre este primeiro ponto vos peço mais, se não que pondo de parte a colera abrais os olhos, & vejais o que deveis seguir; se o sofrimento que faz os homens, se a colera que os desfaz. Vamos adiante.

§. II.

10 **C**omo a soberba da colera he totalmente opposta ao proprio

prio conhecimento de cada hum, pera que cada hũ veja onde vay dar este humor, prometi em segundo lugar provarvos como o conhecimento proprio vos levanta, & a soberba da colera vos abate. Colericos quereis subir? Abatei a essa colera os fumos, que tudo he fumo, & conhecendovos subireis. Perguntado Thales Milezio, hum dos sete Sabios de Grecia, qual entre as cousas naturais era a mais difficul toza de saberse, respondeu, que o conhecerse a si mesmo hum homem. E da qui veyo aquelle dito tão celebre entre os antigos, *Nosce te ipsum*, conhecete a ti mesmo. Obra o mais difficil quem se conhece; & como a obra mais heroica he a que mais vos levanta, obrando vòs em vos conheceres o mais heroico, já ficais os mais levantados. Conheço que sou pò, & terra; conheço que sou ar, & vento, & conheço que sou nada; mas sò então sou muito. Agora a nada, agora a muito com-

parou Deos aos filhos de Abrahão, quando lhe disse que os multiplicaria como as areas do mar, & como as Estrellas do Ceo, *Multipl. Genes. cabo semen tuum sicut Stellas, & velut arenam qua est in littore maris.* Pois os filhos de Abrahão agora como as Estrellas, agora como a area? Sim: antes por isso como as Estrellas os mais levantados, *Sicut Stellas*, porque pera se conhecerem logo Deos lhe deu com a area nos olhos, *Et velut arenam.* Das Estrellas olhai pera a area, que sois, & conhecendovos subireis da area pera as Estrellas. Perguntarão ao Baptista se era Christo, & conhecendose respondeu que não, *Non sum ego Christus.* Perguntam lhe se he Elias, ou se he Profeta, & continuando no seu conhecimento, responde q̃ não, *Non sum*, não sou Elias, *Non*, não sou Profeta. Ouvis tanto não, & tanto nada? Ouvi agora ao mesmo Christo.

II Pouco tempo depois

Apud
Paul.
Mannut. in
Apoph
p. 567.

Ioan. 1.
20.

Math.
11. 11.

pois destas perguntas falla Christo do Baptista, & diz assim; *Amen dico vobis non surrexit inter natos mulierum maior Ioanne Baptista.* Em verdade vos digo, que entre os nacidos das Molheres, ninguem se levantou mayor que o Baptista. Pois este sim de Christo, *Amen dico vobis*, que tem que fazer cõ aquelles Nãos do Baptista, *Non sum, non?* Hum a dizer conheçome, & não sou o q se cuida. *Non sum*, outro a dizer, sim he, & mais do que se imagina, *Amen, non surrexit maior.* Ah! vereis que cousa he o conheçese hum homent. Quando me tenho por nada, então sou pera muito: quando digo, Não, *Non*, então me dà Deos os Amens, & diz que sim, *Amen dico vobis.* Sois pera muito, por isso mesmo, porque vos tendes em pouco, & porque vos confessais abaixo dos outros, Deos vos levantará sobre todos, *Non surrexit maior.* E notai neste passo hũa cousa muito digna de advertirse. Disse o

Baptista que não era Elias, *Non sum*, & Christo falando do Baptista chamoulhe Elias, *Ipse est Elias*; o Baptista negou q era Profeta, *Non*, & Christo disse que o Baptista era Profeta, & mais que Profeta, *Et plusquam Prophetam.* De sorte que pellos mesmos fios, se bem notais, por onde o Baptista levava o proprio conhecimento, por esses mesmos o levanta Deos. Não sou Elias, diz o Baptista, *Non sum*, pois fois Elias, diz Christo, *Ipse est Elias*; Não sou Profeta, *Non*, pois fois mais q Profeta, *Plusquam Prophetam.* Senhores, & não senhores; se vos julgares por merecedores de grandes postos, como vos não conheceis, não subireis lá. Se vos conheceres, & differes que nem tendes zelo, nem talentos pera hõbrear com Elias, então pello mesmo caso entras no Coche, & subis ao Ceo com elle, *Ipse est Elias.* Se vos conheceres, & julgares que não fois pe a tal lugar, nem pera tal conselho, nem pera

Math.
11. 14.

1b. 11.

8c. 8a

tais. 11

tais segredos, & revelaçoes; então por isso mesmo se vos abrirão as cortinas, & sereis o mayor Profeta do Reyno, *Et plusquam Prophe- tam.*

12 Esta he a verdade, & o contrario disto he ir esbarrar nos precipicios da colera. Porque se encolerizão muitos? Porque perdem o conhecimento de si, que se persistem em conhecerse, não havião de encolerizarse. Vistes já ao mar em rancos medonho, em ondas embravecido, & em escumas colerico? Ora deixayo chegar a terra, a huma rocha, & a huma praya, & que lhe succede? Na terra para, nas rochas quebras, & na praya desfaya, & porq? Porque tanto que damos com nosco em terra, & nos conhecemos, por mais que queira embravecerse a nossa colera, como esse mar embravecido já chegou ao conhecimento de si, na areo logo desfaya, na rocha logo quebra, & na terra logo para, *Usque hinc venies, &*

non procedes amplius, & hic confringes tumentes fluctus tuos, disse Job falando do mar.

13 Mas demos que o coração impio, & colerico, aquem Isayas comparou ao mar, *Impij autem, quasi mare Isaias fervens,* demos que ferve como o mar em coleras, *Mare fervens,* & que peor que o mar, nunca pera conhecerse quer chegar a terra, que temos então? Cahio Babilonia: & porque? Porque se o conhecimento proprio por merce de Deos nos levanta, a soberba das nossas coleras, por castigo de Deos, nos abate. He pera ver a hum Icaro destes tempos, ou a hum Faetonte; aquelle dandolhe azas á colera pera subir às nuvens, a este levantandolhe fumos pera emprender o governo do mesmo Sol, & no fim tanta colera, & tanto fumo em q? parão? No que diz Isayas, levantarsehão os valles, & abatersehão os montes, *Om- nis vallis exaltabitur, & om- nis mons, & collis humiliabitur.*

tur. Acolera de Icaro, dando com elle no mar, parou em elcumas, os fumos de Faetonte, abranzandoq em rayos, pararão em fogo. Ab Estatuas de Nabucho, colericas, mas derrubadas ! Quereis ver lhe a colera. Aparece a Nabucho hũa grande, & sublime Estatua, diz Daniel, & tão medonha por encolerizada, que notou o Profeta, que pondose diante de Nabucho, *Stabat contra te,* era ver hum Bazelisco olhar pera ella, *Et intuitus ejus erat terribilis.* Quereis mais colera num phantasma, & diante de hum Emperador? Mas em que parou aquella carranca tão medonha; como brava? Agora a vereis derrubada. Não sei quem despedia de hum monte huma pedra, que dando nos pès da Estatua a derrubou, & alli logo a reduzio a huma faisca, *Et redacta quasi infavillam astive areæ.* Pois phantasma de fumo, que queda he esta? Se o Phantasma falara differa; Levantoume a colera, &

derruboume a pedra; abrazeime nos incendios da minha ira, *Intuitus ejus erat terribilis,* & parei numa faisca, *Infavillam.*

14 Eis aqui o que vay no mundo, & o que nelle choramos a cada passo, mas sem emmenda. Quantos vem que a sua colera os arruina, & com tudo, vamos a diante, mas que caya a caza, & nos percamos no caso. Quando David deu com a pedra na testa do Gygante, havendo o impulso, & a força da pedrada de o lançar pera tras, o Gygante cõ a colera cahio pera diante, diz o Texto, *Cecidit infaciem suam.* Ah brios agygantados; isso he ser homês; vamos adiante, *In faciem,* mas que cayamos, *Cecidit,* vamos a diante, *In faciem,* mas que o caso arruine a caza, *Cecidit.* Foy adiante Nabucho, mas o Imperio dos Babilonios, pella sua colera, cahio nos Persas, em Dario. Foy adiante Dario, mas o Imperio dos Persas, pella sua colera cahio nos

Gre-

Daniel
2. 31.

1. 81

ib. 35.

1. Reg.
17. 49.

2. 47.
1. 48.
1. 49.
1. 50.
1. 51.

1. 52.

Lucan
b. 1.

Gregos, em Alexandre: Foi adiante Alexandre, mas o Imperio dos Gregos, pella sua colera, cahio nos Romanos, em Cezar, & Pompeo, & destes, ambos colericos, & impacientes ambos, *Impatiens que loci fortuna secundi*, veyo a Monarchia Romana a parar, em que? Nos pedaços, em que hoje a vemos. Isto he ser homens: vâ a colera adiante, mas que se perca o mundo. Pois perderseha, & vós com elle; & já que não podeis dominar a vossa colera, querendo ella subir sobre todos, ella vos porâ abaixo de todos. E eu não sou o que sò me queixo, mas

15

Queixasse S. Agostinho; & pera nós voltarmos sobre nós bastava ser sua a queixa: queixase de que não querendo nós ser vencidos por outros homens, não vençamos a nossa colera, *Nolumus ab hominibus vinci, & iram non possumus vincere*. E que mayor rezão de sentimento que esta? Ter hum homem brios pera que

S. Aug.
l. de
vera
Reliq.
c. 47.

nenhum homem o vença, & pera vencer a sua colera valor nenhum? Eu sobre todos, mas no mesmo tempo a minha colera sobre mim; ha tal fraqueza com tal valentia! Pois todos cahidos aos meus pés, & debaixo de mim, & eu aos pes da minha colera, & debaixo della, *Iram non possumus vincere?* Mas já que esta he a debilidade de muitos em quanto elles não vencem a sua colera, saibão muitos, que he tal a sua fraqueza, que no mesmo tempo, em que a sua colera os poem sobre todos, hum ninguem os vence a elles. Não ha homem, como eu, eu sobre todos os homens, dizia hum Fariseu, *Non sum sicut ceteri hominum*. No mesmo tempo estava junto deste Fariseu hum Publicano muito humilde, & com os olhos pregados no chão, diz Christo, *Nec audebat oculos ad Cælum levare*. Já sabeis que os Publicanos erão os homens mais desprezados, & os ninguens da quelles tempos.

Agora

Agora pergunto. E posta de huma parte a colera do Fariseu, & da outra a summição, & modestia do Publicano, quem venceu a demanda? O mesmo Texto deu logo a sentença. Venceu ao Fariseo o Publicano, & ao que se punha sobre todos os homens, *Non sum sicut ceteri hominum*, hum ninguem se pos sobre elle,

1b. 14. *Descendit hic justificatus in domum suam ab illo*, conclue o mesmo Christo.

16 E he evidente aqui o castigo de Deos? He. Mas bem empregado. O maldita colera! E quando hão de parar tantos fumos pera não se abrazarem tantos? Quando has de deixar de subir pera não derrubar a todos? Hum dos mayores escandalos, que podemos conceber do mundo, he não se emmendar o mundo com os exemplos, que vê, que ouve, & que tantos chorão. Que não tendes ouvido de consciências, & almas no Inferno pellas suas coleras? Que não tendes visto de

Fariseos, que podendo viver quietos, em paz, & muito honrados, as suas coleras os abaterão, & trazem abtidos debaixo dos pès daquelles, que elles mesmos tinham por huns ninguens? E que vendo, & ouvindo isto não nos conhecemos! E que vendo, & ouvindo isto não nos emmendem tantos exemplos, bravo escandalo! Mas vamos adiante, que não parão aqui os danos deste maldito humor: adiante passão, mas aqui acabarão, & queira Deos que acabem.

§. III.

17 **F**inalmente temos irracional a colera. Dizia eu, que o entendimento dos homens os constituhia, o que erão, racionais; & que a impaciencia da colera os fazia, o que não erão, brutos. Isto proverei agora com bem magoa minha, por que não poderá ser sem pejo de muitos: mas emmendemonos muitos, ainda que se

se envergonhem às faces. Qual he o homem encolerizado, que de homem se não transforme em b. uro? Dous homens podemos considerar em cada homem, hum por fora, outro por dentro: o homem por fora, he este homem, q̄ vemos este rosto, estas feições, esta composição humana. O homem por dentro he a rezão, & o entendimento do homem, que lá por dentro se governa, & tem o seu assento na alma. Comeſſemos pello homem de fora. Embravecesse hum homem, & encolerizasse, & qual fica por fora? No cabello levantado, Urſo; nos olhos enfanguentados, Bazeliſco; nos ouvidos tapados, Aspid; na lingua envenenada, Serpente; na boca cheya de escumas, Touro; & em todas as cores mudadas, Tigre. Pois hum Urſo, & hum Bazeliſco ſão homẽs? Hum Aspid, & huma Serpente ſão homẽs? Hum Touro, & hum Tigre ſão homẽs? Não, mas hum homem cheyo de

coleras transformase em tudo isto: não fica homem, he Urſo, & Bazeliſco, he Aspid, & Serpente, he Touro, & Tigre.

18 E pode haver mayor afronta que esta, & na cara de hum homem? Por isso eu dizia, que aqui o pejo havia de vir à face de muitos; mas quem tem a culpa de mudança tão horrenda em faces tão honradas? Eu que de homem me fiz Urſo, & Bazeliſco; eu que de homem me fiz Aspid, & Serpente, eu que de homem me fiz Touro, & Tigre. Pois por certo que não merecia a cara de hum homem transformarſe, em tão feas, & brutais figuras. Hum dos mayores agravos, que a Lua, & o Sol padecem, he a terra eclypſar a Lua, & a Lua o Sol. Duas caras do primeiro, & quarto Ceo, & afeadas ambas! Grande aggravado da Lua, & grande afronta do Sol. Por isso o Sol quando no mayor aggravado ouve de mostrarſe o mais ſentido, o que fez, foy eclyp-

eclipsar-se. Morre Christo na Cruz, & querendo o Sol manifestar ao mundo a sua dor, como a declarou? De-

Luc. 23 44. *nebræ factæ sunt in universam terram, & obscuratus est Sol.* Hum Sol afeado manifesta a mayor afronta, & então se publica o mais sentido, quando assim na face fe-

yo, & mudado, *Et obscuratus est Sol.* O imagens de Deos afeadas, ò rostos mais pera admirar que o do Sol; porque vos ha de descompor, & eclipsar hũa colera, se he o mayor sentimento hum Sol afeado? Fez Deos ao homem com tanto cuidado, q̃ sahio das suas mãos huma imagem perfeitissima do seu dezenho; sem ruga, sem nodoa, & sem macula, & sem senão fermola. E que em tal imagem, & em tal cara arreben-te a colera em tais fealdades! Não o merecia tanta fermosura. Embravecesse Caim, *Iratus est Caim vehementer*; & como os effeitos, & os deffeitos brutais da colera logo lhe sairão ao

Genes. 4. 5.

rosto, vendoo Deos tão mudado, disselhe assim, *Quare iratus est, Et cur concidit facies tua?* Porque te encolerizaste, & afeaste essa cara, deturpando em tal fealdade a belleza, que te dei? Ou tu merecias esse rosto, ou esse rosto to não merece: vaite por esse mundo, ò colerico, que fazendote homem, não te quero ver monstro, *Vagus, & pro fugus eris super terrã.* Assim se queixou Deos do que eu me vou queixando, & com rezão.

lb. 12.

16 A composição exterior de hum homem he muito estimada, & aplaudida de todos, & o deve ser; & pellas leys Divinas, & humanas he irregular o homem com defeitos, especialmente no rosto. Pois se a natu eza me não fez irregular, com que rezão o ha de fazer a colera? Se Deos me enfeitou, & compos, porq̃ hei eu de descomporme, & afearme? O Arminho por não se meter no lodo, & manchar o candido da sua neve, deixase apanhar, &

D matar:

matar: antes se quer ver morto, que defemfeirado. E q̄ hũ animal tenha este destino, como se affectara na composição brios de homẽ, ò belleza do Arminho! E q̄ hum homem não tenha estes brios, como se affectara na descomposição ser hum bruto, ò fealdade do Toure! Mas como nos exemplos se não deve buscar a total verdade, & proporção em tudo, digo, que não aprovo o morrer por ser fermeço, sò digo que a galla, & composição humana, que Deos vos deu, que haja de descompolla a colera, de modo que paressa hũa fera, quem he hum homem, & hum monstro, quem tem muito de que dar graças a Deos, este he o meu escandalo. Dõs pendentos das orelhas, & mais preziozo ornato das molheres, filhos, & filhas dos Hebreos, forjou Arão no deserto a hum Bezerro, a quẽ os Hebreos adorarão. Escandalizado Moyfes, mais que nunca neste passo, & arguindo a Arão

do escandalo, respondeulhe Arão, que elle lançara o ouro, que lhe derão, no fogo, *Project illud in ignem*, & que do fogo saira aquelle Toro, *Egressus que est hic vitulus*. E que do ouro das faces, porque ardeo no fogo; que do melhor ornato, & composição de hum rosto, porque se abrazou em chamas, *In ignem*, haja de formar-se a imagem de hum Bezerro, *Egressus que est hic vitulus*: Ornatos, & composicoens, quem vos descõpos em Bezerro? Ouro fermozo das faces, quem vos transformou em Toro? Grande escandalo de tal fogo.

20 O que eu fei, he por fim deste homem de fora, q̄ se alguem vos dissesse na cara, que vds ereis hum Tigre, & hum Touro, hũa Serpente, & hum Aspid; hũ Urso, & hum Bazelisco; sei digo, que não haveis de ouvir tais afrontas com boa, se não cõ muito mã cara. Pois porque me hei de fazer o que não quero ouvir? Porque hà de

obrar

obrar a colera na minha cara, o que não quero, que na minha cara, nem da minha cara se diga? Pois, *Arguam te, & statuam contra te faciem tuam*, diz Deos: Eu porei a tua cara diante de ti, & contra ti, *Contra te*, & na cara te direi, quem tu es, *Arguam te*. Mas transformado alli em bruto, & em muitos brutos, pella sua colera o homem por fora, vamos agora ao homem por dentro, & vejamo-lo por encolerizado não homem, mas tambem bruto.

§. IV.

21 **O** homem por dentro, dizia eu, que era a razão, & o entendimento do homem, que cá por dentro se governão, & tem na alma o seu assento. Já sabemos que em nenhũa cousa se distinguem os homens dos brutos, mais que em serem racionais, & obrarem pella razão os homens, & os brutos não. E em hum homem racional que faz a colera? Tanto que se defen-

freou, & acendeu no peito, sobem as lavaredas à cabeça, & a primeira coisa, que fazem, he privarem ao entendimento do homem das operações racionais, do juizo, & do discurso, & lavay o homem por dentro. alli dizia Seneca, que a colera demasiada era a mãy dos doudos, *Immodica ira gignit insaniam*. E Salamão que o entendia melhor, que dizia? *Ne sis velox ad irascendum*, não te enchas logo de colera: & porque? *Quia ira in sinu stulti requiescit*; porque a colera descança no peito doudo. E temos, diz Caspense, que são doudos os colericos, *Solent fere esse stulti, qui prou sunt ad iram*. E pode subir a mais o mal da colera, que a perturbar à superioridade dos homens sobre os animais, que he o entendimento, & a razão? Qual he o homem, se he homem, que não deva estimar sobre tudo o seu entendimento, & razão, com que se distingue dos brutos? Athe entre os homens nenhũa

Senec.
Ep. 18.

Eccles.
7. 10.

Caspes.
L. 2. de
ira.

cousa se affecta mais, que a distincção. Cada homem té sua differença, a que chamão os Filozofos Individuante, que o distingue do outro homem, & o que cada hum tem por natureza, tem tambem por affectação. Cada hū affecta a não ser como o outro: todos anhellão a algũa distincção. Vede.

22 Por mais que Pharaõ quiz igualar comfigo a Joseph, não pode de affectar a precedencia do Solio, *Genes. Uno tantum regni Solio te 41.40. precedam.* Serás, como eu obedecido, & adorado, lhe disse, *Ad tui oris imperium cunctus populus obediet*; mas destingui-nos hemos no Tro no, *Regni Solio te precedam.* A ley mais huma, & identificada, he a dos Amigos; o Amigo na ley dos Amigos, diz Aristoteles, hà de ser eu, & eu elle, *Amicus est alter ego*, mas com esta ley ser tão huma, adverti entre dous Amigos, & verdadeiros, na differença. Como se forão hũa sò alma se unirão entre-si Jonatas, & David; *Anima*

1. Reg.
18. 1.

Ionathæ conglutinata est anima David. Foi forçoso depois o ausentarse hum do outro, & diz o Texto, que chorando ambos no mesmo tempo, *Fleverunt pariter*, 1. Reg. David com tudo cho ara 20.41. mais, *David autem amplius.* Pois entre tanta identidade de almas já hà mais, & menos? Sim; que assim affectão os homens as distincções: Amigos sim, mas com nullo mais, ou menos: haja idé-tidade nas almas, mas com distincção nas finezas, *David autem amplius.* E se athe entre Amigos he a distincção affectada, se de homens pera homens tudo he anhelar a destinguir, & differenciar, de homens pera brutos não ha de haver distincção? Perdido o juizo pella colera, qual fica hum homem sem entendimento se não bruto? Assi o disse David, *Homo psalm. cum in honore esset, non intel- 48. 13. lexit, comparatus est jumentis.* E se fica bruto, a distincção onde vai? De homem a homem, destingamono; todos, mas venha a colera, & não

não nos distinguamos dos brutos? Este agravo cõtra a natureza racional do homem he tão grande, que não sei, como os que assi se encolerizão, não morrem de pena, & dor. Ouyi essa Theologia *omnium* 23. Chamar a hum homem fatuo sem causa na sua cara he peccado mortal, *Qui autem dixerit fatue: reus erit gehennæ ignis*, diz Christo. E porque he mortal este agravo? Porque chamar a hum homem fatuo, *Fatue*, he tirarlhe a prudencia, & o entendimento, que o fazem homẽ, & o distinguem dos brutos, *Nec enim parum æstimes fratrem stultum vocare, auferens ei prudentiam, & intellectum, quo homines sumus, & ab irrationalibus distamus*, commentou Gryfotomo. De sorte que quem com hũa palavra me tira o entendimento, & não me distingue dos brutos, agrava-me mortalmente, *Reus erit gehennæ ignis*. E que eu pella minha colera, ou furia me agrave de modo, que

me faça a mim mesmo hum bruto sem juizo, sem rezão, sem entendimento, & que este agravo mortal me não mate de dor! O outro porque chamou fatuo, ha de morrer queimado, *Reus erit gehennæ ignis*, & eu todo infatuado na minha colera, banhandome tal vez em agoa de flores! O homem morto, o animal vivo, como vives? *Da mihi intellectum, & vivam*, dizia David a Deos, daime Senhor entendimento, & vivirei. Pois sem entendimento, não viviria David? Como homem não? O animal vive pello sensitivo, o homem pello racional, & se a colera matou o racional, matou o homem, diz Job, *Verè stultum interficit iracundia*: verdadeiramente a colera mata o doudo: Tirou a colera o racional ao homẽ, & fello doudo; & a mesma colera, que matou o racional, matou logo o homem, *Verè stultum interficit iracundia*. 24. Dirão que também ha doudices que não matão

Matth
5. 22.

S. Gryf.
in Ca-
ten.
D. Th.
1b.

Psal.
118.
144.

Job. 5.
2.

a gente, antes muitas doudices deraõ vida a muitos homens muito homens. Vlyffis fezse doudo por não ir às guerras de Troya, & David por fahir da Corte delRey de Get tambem se fez doudo, & ambos estes homens no mesmo tempo da sua doudice viviãõ como homens, & muito homens: logo nem todas as doudices matãõ os homens, nem sãõ pera nos matarmos. Respõdo que huma cousa he fazer doudo por affectaçãõ, outra por colera: o doudo affectado não perde o juizo, o doudo colerico sim. Ahi ha deudices discretas, & doudices doudas. Não perder o juizo, mas porque me cõvem pera a vida, ou pera a alma, fingir que o perco, he doudice discreta. Encolerizarme de forte que não fingidamente, mas na realidade, o q̃ obrio, he sem rezaõ, & juizo, he doudice douda. A primeira doudice he de muitos Santos, que com S. Paulo se fingiraõ loucos pera zombarem do mundo,

Nos stulti propter Christum.

A segunda doudice he a dos que vamos falando, & a que a sua colera tira na realidade o juizo, & verdadeiramente os mata, *Verè stultum interfecit iracundia.* E que se mate a si mesmo hum homem, & morra o que nelle he o homem, que he a rezãõ, & isso por hũa colera levantada à cabeça sem mais causa muitas vezes que a mesma colera. Esta morte do homem interior he aquelle aggravado da natureza humana, que eu dizia julgava por digno de matar aos homens com pena, & dor.

25 Mas já que estes colericos se não mataõ cõ dor, pera que mudando de vida vivaõ como homens, que he o que esperaõ, se vivem como brutos? Se não hà rezaõ, que se ouça, se não hà respeito, que se guardè, se não hà ley que enfree, se não hà temor, que retarde, se não hà amor, que obrigue, de tanta, & tal colera, que esgeramos? Quando a rezaõ se não ouve, somos barbaros, quan-

1. ad
Corint.
4 10.

quando os respeitos se não guardão, fomos descortezes; quão as leys não enfreyão, fomos rebeldes, quando o temor não retarda, fomos atrevidos, & quando o amor não obriga, fomos ingratos. E hum ingrato, & hum atrevido, & hum rebelde, & hum descortez, & hum barbaro, que esperão de tais coleras? Sò podem esperar o Inferno. Assi o confessarão no mesmo Inferno, como refere Salamão, aquelles, q̄ vendose là sem remedio, di zião assim; *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam*: Nòs, que tão cegamente nos deixamos levar da colera, & furor dos nossos appetites, tínhamos por

doudos os mortificados nas suas paixoes, mas agora vemos que os sezudos erão elles, & nòs os doudos: elles os sezudos, porque là estão no Ceo entre os Santos com Deos, *Inter Sanctos fors illorum est*, nòs os doudos, porque a nossa barbaria, & descortezia, & rebeldia, & atrevimento, & ingratidão, & emfim a nossa colera, tornãdonos brutos, nos lançou neste Inferno doudos, *Nos insensati*. O humor colerico q̄ es o veneno & peste dos homens, se a rezão, se o respeito, se as leys, se o temor, & o amor te não curão. Serã este entre os humores o peyor? Não sentencieis antes de ouvir. Vamos ao sangue.

Ibid. 5.

Sapiẽt.
5. 4.



STROMA IV.

SANGUE.

S. **H** E chegado o humor sanguíneo, & parece que deste humor não temos que nos queixar. Pera o sangue ser muito estimado tem elle grandes, & fortes rezoens, que o acréditão. O sangue primeiramente he a fonte principal da vida. Com o humido, & calido, de que se compoem, fomenta no homem o calor, & espiritos vitais sem os quais não ha vigor, nem operação, nem vida. No Levitico prohibio Deos sobpena de morte, que ninguem comesse san-

I. *Sanguinem uniuersae carnis non comeditis, & a rezaõ, que deu foi, Quia anima carnis in sanguine est,* porque a vida do corpo esta no sangue. E Santo Thomaz, trazendo este mesmo Texto, diz assim, *Sanguis est maximo necessarius ad vitam, ratione cuius dicitur, anima est in sanguine:* advertiose que estava no sangue a vida, porque o sangue he o mais necessario pera a mesma vida, *Maxime necessarius.* E se o sangue he o humor mais necessario pera a vida, ou he a fonte, ou como fonte della, não queixas, mas estimagoens merece.

Leuit. 17. 14.

Diuis Thom. 1. 2. q. 102. art. 3. ad 8.

Que

Que cousa mais estimada, que a vida? Ella he aquella joya, que por conservarse, todas as mais joyas se des prezão: por não se perder a vida se obrão cada dia, & tem obrado no mundo os mayores excessos: Em fim ella he tão digna das estima çoens mayores, q̄ em dalla por hũ Amigo, diz Christo

Ioan. 15. 13. Maiorem hac dilectionem ne ma habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.

E se he de tanto preço, & estimação a vida, como o não será o sangue, humor o mais necessário pera a mes ma vida, *Maximè necessarius*, q̄ a *Ev. sup. eam*, *Nulli*

Com tudo, eu não estou pello sangue, antes por isso mesmo porque del le depende tanto a vida, que queixo agora delle. Sangue? & se o que mais se estima, que he a vida, depende de vòs, porque tão facilmente deixais o corpo, que animais, que basta o fustilissimo de huma lanceta, ou de hum alfinete hum pi-

que, pera sahires como hu ma seta das veyas, & banhado tudo em sangue, lá vai com o mesmo sangue correndo a vida a perderse?

Hã tal facilidade em sair? Se dentro do corpo sois vida, & fora do corpo sois morte, como por tão pouco,

por hum pique, & quasi insensivel, assi vos sentis, & magoais, que logo sahis de vòs pera fora de vòs, & correis pera a morte desprezando a vida?

Pois sangue meu, & de todos, quem tão facilmente por pouco perde o muito, mais he pera aborrecido, que pera estimado. Qu

vipa Deos pello Profeta Malaehias: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habuit: A* mei a Jacob, diz Deos, & aborreci a Esau. E a cau

sa deste aborrecimento de Deos a Esau, qual seria? Serião muitas, mas pera mim, a mais clara he esta. Que fez Esau? Vindo cançado hum dia do campo, & athando a Jacob cozinhando huns poucos de legu

mes,

mes, pediu a Jacob que lhe fizesse hum prato, *Da mihi de coctione hac rufa.* Sim farei, diz Jacob, mas se pello prato me venderes o vosso morgado, *Vende mihi primogenita tua:* Venha o prato, diz Esau, & vendo o morgado, & juro que o vendo, *Iuravit ei Esau, & vendidit primogenita.* Fez Jacob a Esau o prato, comeu Esau, levantou se, & foise embora, não fazendo caso do q vendera, *Comedit, & bibit, & abiit, parvi pendens, quod primogenita vendidisset.* Há mayor sensaboria, que a deste prato? Humma benção a mais copiosa, hum morgado o mayor que vio o mundo alienado, & vendido por hum prato de legumes! Assi se deixa o que tanto devia estimarse, & por tão pouco assi se despreza o muito, *Parvi pendens, quod primogenita vendidisset?* Pois quem assi obra no mundo, quem tão facilmente deixa o mais pello menos, o muito pello pouco, & o tudo pello

nada, em lugar de estimado, o que merece he ser aborrecido, *Esau autem odio habuit.*

3 E quantos por hum pique, como o sangue, perdem a vida, que mais se estima? Quantos como Esau por hum prato perdem as primogenituras, a benção de Deos, & dos homens? Pois sangue por hum pique & por hum nada fora das veyas, que estimação merece quem tão facilmente se precipita, & por tão pouco corre a perder tanto? Se humma palavra que he hum ar, levantar sobre mim a mayor tempestade, hei de fallar, mas que vâ a pique, & a Nao se perca? Se por humma vista, que he hum relampago, descarregar o Ceo sobre mim os rayos, hei de olhar, & hei de ver, mas que rayos me partão, & por nada se perca tudo? Pois sabeis, sangue, que pello pouco perder o muito, mais he pera nos queixarmos de vòs, que pera vòs amar, & estimarvos. A primeira quei-

Genes.
3. 9.

xa, & bem lastimosa, que se ouvio no mundo, foy a que Deos fez a Adão no Paraizo. Pecca Adão no Paraizo, comendo a maçã prohibida, & descendo Deos logo do Ceo pera castigallo, queixoso, lhe disse assim, *Et dixit ei, Adam ubi es?* Adão donde estás? Pois Senhor deiceis do Ceo à Terra a queixarvos de Adão, & toda a rezão desta queixa, & sentimento hà de ser hũa maçã? Ah poucos! Ah muitos! Creou Deos a Adão no Paraizo, & de todo elle o fez Senhor com condição, que não comeria da arvore prohibida; Comeu Adão, & perdeu o Paraizo. E que por hũa sò maçã se perea o pumar inteiro, ò queixa, *Vbi es?* Não sò do Paraizo, mas do mundo todo fez Deos Senhor a Adão, se a maçã se não comesse: ella comeuse, & o mundo perdeu se. E que por hum bocado se perde se hum morgado tão grande como o mundo todo, ò sentimento! *Vbi es?* Havia

Adão de cõservar pera sempre a vida, & não morrer, se o sangue não sahisse das vevas a querer ser como Deos, mas recolhido nellas não comesse: sahio o sangue das vevas, & deseparando o corpo, quiz ser divino, & Adão comendo perdeu a vida, & morreu. E que por tão pouco se perca hũa vida immortal! Que por huma ninharia, & por hum nada faya das vevas o sangue, não sò a matar o corpo, mas tal vez as almas? O queixa! O sentimento, *Vbi es?* Mas demos que o sangue não faye, & que por mais que ò piquem, se deixa ficar nas vevas animando o corpo, & conservando a vida. Nesta supposiçãõ terenos ainda motivos pera nos queixarmos do sangue? Digo que sim. E que faz o sangue em conservar a vida? O que faz he deter aos homens na campanha. Que cousa he viver, diz Job, se não guerrear? Milicia chamou elle à vida do homem,

Milite

Iob. 7. *Militia est vita hominis.* Pois se a vida he huma guerra viva, se hum soldado vigiando, despido, morto de fome, sempre com as armas nas mãos, & entre o ferro do inimigo a pobre da vida pèdurada sempre de hum fio, ou de huma faisca, isto he vida pera estimar-se, ou pera nos queixarmos della? Sangue, eu vos concedo, que sejas o mais necessario pera a conservaçõ da vida, *Miximè necessarius.* Mas se o viver he andar sempre guerreando, consumindome, & matandome, de que serve o beneficio da vida com tal penção? Sangue, muitos discretos não aceitarão a merce sò por lhe não chorarem a desgraça.

5. Aquelle, que de antes Pastor subio depois a Rey, & que de ambas as vidas teve o melhor conhecimento, que disse do sangue?

Psal. 29. 10. *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem?* Que utilidade, diz David, tenho eu no meu sangue, se elle, & eu, com vivermos,

vamos caminhando pera a sepultura? Como se dissera David. O meu sangue em quanto foy sangue de Pastor, sempre andou em braços com a morte, batalhando nos valles cõ Gygantes, & nos montes com Leoens, & Ursos: pois de que me serve tal sangue? O meu sangue depois que foy sangue de Rey, então me meteu em maiores perigos: na Corte del Rey Geth entre inimigos, se me não faço doudo, perco a vida: no Paço del Rey Saul, entre os que devião ser Amigos, se não abaixo a cabeça, atravessame huma lança: pois se o sangue, ou seja de Pastor, ou sangue de Rey, traz sempre consigo tão mortais pençoens, de que me serve tal sangue? Bem sei, continua David, bem sei, que o sangue nas veyas, & com elle a vida, he utilidade, pois he viver: mas se a vida, & o sangue vão sempre descendo para a sepultura, *Descendo in corruptionem*, com tal encargo pera que quero a vida,

vida, & com tal penção qual he a utilidade do sangue, *Quæ utilitas in sanguine meo?* Esta foy a pendencia daquellas arvores, que na parabola, ou Apologo de Ioatham não aceitarão o Reyno, que as outras arvores lhe offerecião. A primeira que não quiz reynar, foi a oliveira, *Dixerunt-que oliva*: a segunda que rejeitou o beneficio foi a figueira, *Dixerunt-que ligna ad arborem ficum*: a terceira que não aceitou a merce foi a vide, *Locuta-que sunt ligna ad vitem*. É a oliveira, & a figueira, & a vide porque não aceitão o Reyno, o posto, & o governo? Não aceitarão o cargo, porque reconhecerão a carga, & todas quasi pella mesma boca derão de mão à offerta, & responderão que melhor lhes estava rejeitar a promoção, que soffrerlhe os encargos, *Nymquid possum deserere pinguedinem meam; & venire, ut inter ligna promover?*

6 Assim o fizeram as ar-

vores, & se muitos como ellas regeitassẽ algũas promoçoens, mais descansados, & consolados se acharião sem essas honras, que postos nellas beber, & tragar grandes disgostos. Hà graças muito salgadas, & hà favores tão defabridos, & hà merces tão carregadas, & beneficios tão custozos, que pello salgado a graça não sabe, pello defabrido o favor amarga, pello carregado a merce he pezada, & pello custozo o beneficio he caro. E nestes termos qual he a prudencia na eleição? Mais prudencia he não gozar, que gozar pera doer, & mayor acerto deixar perder hum lanço, do que chorar as lançadas. Diogenes, diz Plutarcho, não beijou a mão a Alexandre quando lhe mandou q̄ pedisse o que quizesse, antes rejeitando a merce deu de mão ao agrado do Principe, por não ficar por toda a vida obrigado a grande penção de agradecido. Crates

Philosofa, como se tivera

OUVI-

Indic.
9. 8.

1b. 9.

Plutar.
in eius
vita.

ouvido naquella sentença de
Ecclef. Salamão, *Dulcis est somnus*
 5. 11. *operanti; Saturitas autem*
divitis non finit eum dormi-
re; o sono he doce ao que
 trabalha, & a fartura do
 rico não o deixa dormir.
 Vendendo quanto tinha
 Crates, & ajuntando gran-
 de quantidade de ouro,
 lançou-o todo no mar, di-
 zendo, diz São Jeronymo,

S. Hic- Abite possum mala cupidita-
rouym. tes: ego vos mergam, ne ipse
Ep. ad mergar à vobis: Ide ao pro-
Tuliz; fundo cobicas más, eu vos
Et Ep. afogarei a vós antes que vós
ad me afogueis, & afundai a
Paul. mim. Queria Crates dor-
 mir quieto, & ainda que o
 ouro alegre, como as rique-
 zas causaõ grandes inquiet-
 taçoens, regeitou a alegria
 por não chorar os cuida-
 dos.

7 E a estes exemplos
 pera ultima prova do que
 dizemos, consagrarão de-
 pois, & fizeram Christãos,
 muitos Santos, que ou se
 arrependirão do beneficio,
 & o largarão ou totalmen-
 te o não quizerão. Aquel-

le grande & Santo Monge
 Arcenio, ainda que obriga-
 do foi a Constantinopla a
 ser Mestre do Emperador
 Arcadio, depois arrepen-
 dido da dignidade meteuse
 em hum deserto, deixou o
 beneficio, & não o quiz.
 E Santo Antão Abbade não
 chegou arrependerse, por-
 que offerecendolhe Const-
 tantino Magno em Roma
 o seu valimento, escuzan-
 dose com modestia não
 quiz là ir. Pois todos es-
 tes homens, & todos es-
 tes Santos, & Sabios to-
 dos, não souberão o que
 rejeitarão? Antes porque
 o souberão não quizerão
 comprar arrependimentos,
 & por não soffrerem os en-
 cargos rejeitarão as merces.
 E se isto assi he, & assi o-
 brão os prudentes, sangue
 que quereis? Que quereis
 pella graça, pello favor,
 pella merce, & pello be-
 neficio da vida? A graça
 do viver traz consigo mui-
 tos infortunios, o favor
 do viver muitos desabri-
 mentos, a merce do viver
 muitas

muitas inquietações, & o beneficio do viver tantas dores, tantos, & tais encargos, que não temos, o sangue, que agradecervos tal vida: antes por tão mortais pençoens podemos com rezão dizer que não queremos as vossas utilidades, *Quæ utilitas in sanguine meo dum descendo in corruptionem.*

§. II.

8 **A** Segunda rezão q̃ o sangue podia allegar por si pera ser estimado, & querido, & não rejeitado, he ser o humor sanguineo o mais amante dos humores, & o mais amavel. Assi o temos em Aristoteles, & assi o prova no livro da brevidade da vida; & o mui douto Padre Vega na sua Theologia Mariana, seguindo a mesma philosophia, disse assim: *Sanguineum temperamentum pronitius est ad amandum, magis que amabilem hominem reddit, experientia ma-*

gistra: o temperamento sanguineo, como consta da experiencia, he o mais inclinado a amar, & o que faz mais amaveis aos homens. E hà cousa mais digna de estimação, & mais louvavel, que hum homem com hum temperamento amante, & juntamente amavel? Huma das graças, que a Esposa dos Cantares louvou muito em seu Esposo foi a compleição sanguinea, *Dilectus meus candidus, & rubicundus*: O meu amado, diz ella, tem do humor sanguineo as cores, porque he candido, & rubicundo. Tinhamlhe perguntado em Ierusalem pelas calidades do seu Esposo, *Qualis est dilectus tuus?* E ella que em hum compendiozo panegyrico relatou muitas, a que primeiro louvou, & engrandeceu, foi o temperamento rubicundo, ou a calidade sanguinea; *Dilectus meus candidus, & rubicundus*. Mas isso porque? Porque a Esposa

Arist. lib. de Long. & brev. vit. vi. te c. 3. Vega Theol. Mari. an. Pa. cert. 7. n. 658.

Cant. 5. 10.

ib. 9.

posa, que sabia mui bem a filosofia, & que a compleição sanguinea era a mais amante, & a mais amavel, querendo acabar o seu panyrico, como acabou louvando ao Esposo de amavel, & de amante, *Talis est dilectus meus*; eilo amavel; *Et ipse est amicus meus*; eilo amante; pegou a Esposa das cores do humor sanguineo vermelho, & branco, & pera louvar ao Esposo de amavel, *Dilectus*, aplaudiolhe o candido, *Candidus*; & pera o declarar amente, *Amicus meus*, louvoulhe o rubicundo, *Et rubicundus*.

9 E se o humor sanguineo, por ser o mais amante humor, & o mais amavel, he o primeiro louvado, & engrandecido em hum homem, pella graça de mais amavel, & de mais amante, ainda o sangue será culpado, & arguido? Ahi ha no mundo cousa mayor que amar, & ser amado? Por amar, & ser amado, que não obrou Jacob? Quator-

ze annos andou queimando o sangue abrazado nestes dous affectos. E porque digamos tudo em breve, a mayor cousa que vio, nem ha de ver o mundo, foy a Encarnação do Divino Verbo: E a que veyo ao mundo o Filho de Deos? A amar, & a ser amado; o ser amante o fez descer pera salvarnos, diz São João, *Non enim veni ut judicem mundum, sed ut salvicem mundum*; & pera ser amado he o que veyo, *Nos ergo diligamus Deum*, conclue o mesmo Apostolo. E se os extremos desta vinda forão amar, & ser amado, sendo o amor sanguineo o amavel, & o amante dos humores, que temos contra o sangue? Direi. Ahi não ha cousa peor, que a corrupção do melhor, *Corruptio optimi pessima*. Seja o sangue por amante, & por amavel o melhor dos humores; mas se o amar, & o ser amavel se corrompe, já o que no sangue era o melhor fica o peor. E quanta corrupção vai

vai no mundo sobre o amar, & o ser amado? Ninguem tem obrado neste mundo mayores estragos, q̃ o amor corrompido.

io Que credits, & estimaçoens não desdoura o amor corrupto? Entre o fabuloso, & o verdadeiro olhai pera Iupiter cahindo do Ceo por amante, & vindo sò à terra pera arremedar os brutos: eilo mugindo como hum Touro por Europa, eilo voando como hum Cisne por Leda, eilo desfazendose em chuveiros de ouro por Danae. E hum homem que era venerado por Deos do Ceo, & da terra, quem o abateu a estes desdoutos? A corrupção do amor, diz São Jeronymo, *Ecce quem bonitas super Celos extulit, femina brutis comparavit.* Pois a Samfão quem lhe acovardou o valor? Pois a David quem lhe abateu os brios? Pois a Salamão quem lhe depravou o juizo? Pois a Herodes quem lhe traf-

tornou os affectos? Pois a Achab quem o fez Tyranno? Tudo forão effectos do amor corrompido. A Samfão corrompeu Dalila, & logo o valor foi fraqueza: a David corrompeu Bersabe, & logo os brios forão vilezas: a Salamão corromperão as Moabitidas, & logo o juizo forão loucuras: a Herodes corrompeu Herodias, & logo os affectos ao Baptista forão cutellos: a Achab corrompeu Jezabel, & o que havia de ser compaixão de Nabot logo foi tyrannia.

ii E porque estes estragos, por particulares, não parecerão tão grandes, revolvi os Annais da fama, ou destas infamias, & achareis que não sò a este, ou àquelle em particular, estragou o amor corrupto, mas a Cidades, a Provincias, & a Reynos inteiros assolou, & pos por terra este destemperado affecto. Marco Antonio perdeu o senhorear

E a Ro-

S. Hieronym.
rom. 5.
Epist.
Valerij ad
Ruf.

a Roma por se destemperar com Cleopatra; com Helena destemperado Paris, là vai Grecia destruida a ferro, & Troya à fogo. E se bem o considerares, o Imperio dos Babilonios passou de Balthezar a Dario; o dos Persas, ou Affrios, de Dario a Alexandre; o dos Gregos de Alexandre a Augusto, & tudo pellos destemperos do amor corrupto. E recopilando nós em hum só caso todos os estragos juntos, & tomando a agoa là mais ataz, olhai pera o mundo afogado inteiro, & metido a pique no tempo de Noe, & perguntai ao mesmo Deos, que he verdade infallivel, & que nem vos engana, nem pode enganaros, porque rezão, porque motivo, & porque causa vedes alagado ao mundo em hum diluvio de agoa, & achareis que Deos vos responde o que disse por Moyses no capitulo sexto do Genesis, que a rezão, o

motivo, & a causa de estrago tão lastimoso, & universal fora o sangue dos homens destemperado, ou o amor corrompido, *Corrupta est autem terra coram Deo, & repleta est iniquitate.* Emptenderão os filhos de Deos, diz Moyses, amar destemperadamente, & ser amados das filhas dos homens, *Videntes Filij Dei, filias hominum, quod essent pulchræ, & Deos vendo estes destemperos, Cum que vidisset Deus terram esse corruptam,* permitio o que delles se segue: acabese o mundo, diz Deos a Noe, *Finis universæ carnis venit;* tudo se estrague, & nada fique em pè; & porque? Tudo pellos destemperos do sangue, tudo pellas corrupções do amor, *Cumque vidisset terram esse corruptam; finis universæ carnis venit.* O temperamento sanguineo por mais amavel, & por mais amante o optimo, mas o pessimo quando destemperado, & corrupto.

Genes.
6. 11.

1b. 2.

1b. 12.

1b. 13.

m. 12

rupto. Quantas vezes se cõra o amor de rozas, & he serpente? Quantas vezes parece mel, & he fel; parece nectar, & he veneno; parece vida, & he morte; parece Ceo, & he Inferno? Brinda com regallos, & paga com amarguras; promete Estrellas, & para em desgraças; affena com flores, & esconde bivoras. Elle precipita das varandas aos Davis; elle descompoem o juizo dos Salamoens; & como pera elle não ha valor, nem valia; emlouqueffe ao mais sabio; ao mais forte derubao; zomba do mais advertido; & pondo aos pès muitas coroas, athe dos sceptros, & das Magestades triumphas. O amor corrupto he o que facilita entre a amizade as treçoens; he o que não repara nos roubos, nem nos raptos; he o que das sedas fas lacos, das purpuras baeta, dos tronos cadafalso, das coroas argolas; dos louros ciprestes; & das vitorias

despojos. Não ha ley humana que não quebre, nem ainda divina. Assentase com vosco à meza, & brinda-vos pello mesmo copo; mas como a tal amizade era amizade de vidro, esgotado o copo a amizade quebrou-se. elle cortando por todas as obrigaçoens, & respeito contra as leys da propria natureza arma de veneno as molheres; de punhais os maridos; de indignação os parentes; de desobediencias os filhos; de maldiçoens os Pays; & de treçoens os Reynos; & passando do humano a desprezar os preceitos mais divinos, olhai pera Moyses ao pè do monte fazendo em pedaços as taboas das leys de Deos. *Et projectit de manu tabulas, & confegit eas ad radicem montis.* Que he isto Moyses? Vòs quebrando as taboas, onde as leys divinas se escreverão? Sim, que està là o povo Hebreu tão corrupto no feu amor, que chega a idolatrar num Bezerra, *Vi dit vitulum, & choros, &*

Exod.
32. 19.

Ibid.

aonde o amor alli se corrompe, todas as leys divinas se quebrão, & despedação, *Confregit eas.*

13 E que me dizeis agora a isto, O optimo dos humores, se vos fizestes o pessimo? Se vòs amareis como Jonatas a David, como Pedro a João, & como João a Christo, não haveria cousa melhor que o humor sanguineo: mas se vòs amais, & sois amado como eu tenho dito, que quereis que vos diga? O que digo he, & entendi-me como quizeres: digo que Judas foi tão bom que fes milagres; corrompeuse, & vendeu a Christo: digo que Lucifer foi no Ceo o melhor Anjo; corrompeuse, & he agora no Inferno o peor Demonio,

Corruptio optimi pessima. Vamos adiante.

§. III.

14 **A** Inda o sangue se não dà por convencido, & diz que tem muito que allegar, & proppor pella sua estimação, & decoro. Porque arrezoar breve he querer ser melhor ouvido, não allego diz o sangue, ser eu o humor mais alegre, & o mais ri-fonho, & o que ajuntando em toda a conversação, & fortuna, com hum rosto de rozas a cara de riso, suavifico ao exasperado, tẽpero ao defabrido, alegre ao triste, & fazendome entre todos os dislabores a falsa, pera que não chore Heraclito, rice Democrito. Não allego ser eu hum humor, que gerado no Fígado sayo pella veyra Cava ao coração, do coração pera a grande Arteria, da grande Arteria me communico por todo o corpo, por todas as veias, de modo, que num continuo circulo; & seaparar dentro de vinte, & quatro

Vide
Suar.
Lusit.
Tract.
de Gē-
ner; &
Corrup.
d. 1.
S. 5.
§. 6.

quatro horas dou volta a todo o corpo cem vezes, animando aos homens sem cessar, & em hum perpetuo movimento servindoos, como achateis em Hippocrates, Guilherme Harveu, Furtunato Pemplo, Lafaro Meyssonero. Não allego digo tão continuos, & delicados serviços, & que por tão intimos, & encubertos nas veyas deviaõ ser mais estimados; mas sò allego pera ser louvado, & estimado, o que? O ser eu quem sou, sangue.

15 Quem poderà negar que este purpurado humor levou sempre consigo os euges, os vivas, & os não hà mais do aplauso? Sou sangue de Borbon; Euge França: sou sangue Austriaco; viva Alemanha. Sou sangue dos Godos, não ha mais Hespanha. Sempre a nobresa, & a fidalguia levarão consigo os olhos do mundo, & esta calidade do sangue não sei porque fado, sempre atrahio a si as estimaçoens, & as honras.

Como parece bem a nobresa no bom lugar! Como saye na Fidalguia a Thiara! Como resplandece em hum Principe a Coroa. No bom lugar a nobresa he o passamane na galla; a Thiara na fidalguia he no anel a esmeralda; & a Coroa no Principe he entre diamantes o ouro. O mesmo Deos no Ecclesiastico deu por bem aventurada a terra, que sabia coroar as nobrezas, *Beata terra, cujus Rex nobilis est.* Tal he a gloria da nobreza, que aonde o sangue reina tudo he gloria, *Beata terra.* A ninguem se esconde hum sangue illustre, & se a muitos a sua vileza os encobre, pera as estimaçoens, & aplausos sempre a nobresa foy a conhecida, & a reconhecida. He o que disse Moyses aos Hebreos; *Tuli-que de tribubus vestris viros sapientes, & nobiles:* Elegi, & preferi pera vos governarem os varoens sabios, & nobres: Em lugar de No-

Eccles.
10. 17.

Deut.
1. 15.

biles, nobres, verte o Hebreu, *Cognitos*, *Nobiles*, que conhecidos. Pois o mesmo quer dizer nobres, *Nobiles*, que conhecidos, *Cognitos*? O mesmo. Em aparecendo os rayos do Sol logo conhecemos o illustrissimo do Planeta: assi a nobreza, em aparecendo, o mesmo he ser nobreza, *Nobiles*, que ser conhecido, *Cognitos*.

16. E se assi arrebatava os olhos, & os entendimentos pera os aplausos, & pera as estimaçoens a nobreza, eu que sou o sangue, diz o sangue, eu em quem a nobreza consiste, & a fidalguia, quem me ha de negar os aplausos, que mereço, & que todos me dão. Este argumento do sangue pera as suas estimaçoens, & preferencias parece que côclue, & he fofissimo. O mayor erro, & engano do sangue, he imaginar o sangue, que elle por ser sangue, he logo nobre, & fidalgo? Nem fisica, nem moralmente falando consiste a nobreza, ou fidal-

guia no sangue. Fisicamente não; porque o sangue em todos he vermelho, & he o mesmo em todos; antes talvez anda mais faô, & mais puro, nas veyas mais vis, que nas nobres; logo no sangue fisico não consiste a nobreza, porque tendo todos sangue, não faô nobres todos. Mais. He certo, que o sangue não tira, nem poem. São Pedro ainda agora Pescador, subio logo a Papa; David ainda agora Pastor, subio logo a Rey. E há mayores honras, que estas duas? Não. Pois agora pergunto. E quando São Pedro saltou de Pescador a Papa, naquelle instante mudou selhe o sangue? Não; com o sangue do barco se achou na Thiara. Quando David pulou de Pastor a Rey, naquelle momento o sangue trocouse? Não. Com o sangue do Cajado empunhou o sceptro. Pois se nem o Pastor pello officio he fidalgo, nem o Pescador nobre, como com o sangue

fangue do barco se acha Pedro Papa, & com o fangue do cajado David no Reyno? He que pera ser este, ou aquelle, nada vai no fangue, he que pera ser este, ou aquelle o fangue não tira, nem poem.

17 Dirá o fangue que não falla de si materialmente, senão que falla de si quanto ao moral, ou estimação que delle se faz. Concedo a palavra *Estimação*; mas nego a palavra *Delle*. A estimação que dos homens se faz, não vem do Elle, não vem do fangue; pois donde vem? Do bem obrar he o que procedem as estimaçoens, & do fangue não. Tornemos a David, & a Pedro. Quem deu o Reyno a David? Não o fangue, mas o valor, & a virtude. Quem deu o Pontificado a Pedro, *Pasce oves meas*? Não o fangue, mas o amor, *Tu scis quia amote*. E isto he o que admiramos no nobre, no illustre, no Papa, no Rey, não admiramos o fangue,

mas a virtude. Caso notavel. Promete Moyses contarnos a geração de Noe, *He sunt generationes Noe*, & enchendonos a Escritura os cuvidos de esperanças de grandes, & muy illustres genealogias, como notou São João Chrystomo, *Scriptura aures nostras spe quadam implevit, quasi genealogiam ipsius narratura*, o que Moyses referio de fangues, & logo contou de parentescos, foi dizer, *Noe vir justus, atque perfectus fuit in generationibus suis, cum Deo ambulavit*. Noe foy varão justo, & perfeito nas suas geracoens, & andou com Deos. Admiravel genealogia, continua Chrystomo, *Vidistis admirabilem genealogiam*! Ah senhores q̄ esta he a verdade da Escritura! Não se ha de contar por nobre o sanguineo, mas o justo, *Vir justus*, por illustre o sanguineo; mas o perfeito, *atque perfectus*; por Noes famosos os que pello fangue se poem nas Estrellas, mas os que cá

E 4 andão

Ioan.

21. 17.

Ibi.

Genes.
6. 9.

S. Gryf.
hom.
23. in
Genes.

Ibi.

andão com Deos ; *Cum Deo ambulavit* : & isso porque ? Porque no grande, no Rey, & no Papa , o que admira não he a genealogia fanguinea , he a virtuosa ; o que emleva, & espanta, não he o sangue vermelhejando nas veyas, he a perfeição da vida metida dentro dos ossos, *Vir justus, atque perfectus : Vidistis admirabilem genealogiam.*

18. Aqual verdade supposta, ouvi agora ao mesmo Santo no mesmo lugar : *Quæ enim utilitas ex claris, probis que parentibus originem ducere, te autem bonæ vitæ esse expertem. Aut, quod damnum fuerit, si parentes, & progenitores fuerint ignobiles, & obscuro, ipse autem virtutibus floreas.* Supposto, diz a boca de ouro, que as genealogias admiraveis são as virtudes de Noe, & não o sangue de Noe, nem o dos que descendem de Noe, (que dos que descenderem do Sol, & da Aurora, não

falla aqui o Santo), isto supposto, que utilidade he a tua em jactar sangues, *Quæ utilitas*, se não te prezas de viver bem, *Te autem bonæ vitæ esse expertem* ? Ou que damno he o do outro, que não tendo por fruto o sangue, *Aut quod damnum*, colhe com tudo das virtudes as flores, *Ipse autem virtutibus floreas* ? Defengase o sangue, que não ha nelle utilidade, nem damno, *Quæ utilitas ? Quod damnum* ? E assi lhe seria melhor dar-se por neutral o sangue, que perder-se nas batalhas em que se mete. Danos ; & utilidades ao verdadeiro sò estão nos procedimentos dos homens, o que bem proceder, será o que bem procede ; & o homem de maos procedimentos, não falle em processoens ; & porque ? Porque nobrezas, & não nobrezas quem as destingue não he sangue, ou não sangue, he a virtude, ou o vicio de cada hum, *Virtus, & malitia deternunt nobiles, & ignobiles,* disse

Arist.

1. Po.

o gran. lit.

o grande Aristoteles. E se não digamme, se filosofamos a verdade.

19. Que vai senhores, em ter o sangue de Eneas, se eu sou hum impio? Em ter o sangue de Numa, se eu sou hum sacrilego? Em ter o sangue de Heitor, se eu sou hum covarde? Em ter o sangue de Alexandre, se sou avaro? Em ter o sangue dos Cezares, se sou hum descortez, ambicioso, bravo, & colerico, & hum injusto? E pello contrario, & que vai em ser hum Sapa-teiro, se as obras são de hum São Chrispim, & Chrispiano? Em ter o sangue de Pedreiro, se o foi São Proculo; o Sangue de Alfayate, se o foi Santo Homobono; o sangue de Ferreiro, se o foi São Duastano, o sangue de Almocreve, se o foi São Venthro; o sangue de Carreiro, se o foy São Richardo, o sangue de Espirro, ou Beliguim, se o foy Santo Aproniano, & Bazilides? Como a nobreza consiste na virtude, & a não nobreza

no vicio, os nobres verdadeiros são este segundos, & os não nobres os primeiros: E se não olhai quem se adora, & bate nos peitos, se ao vicio dos primeiros, se à virtude dos segundos. Por isso dizia o Filosofo Anaxarques a hum Cavalheiro de Athenas, que o cavillava de Scythia, & mal nacido, *Mihi probro est patria, tu patriæ*: Meu senhor Atheniense, Aos meus procedimentos poderá desacreditar o meu nascimento, mas os vossos procedimentos desacreditão o vosso. Como se dissera: pouco vai em nacer Atheniense, ou Scythia, Barbaro, ou Grego: se vós meu Fidalgo quereis pespontar, deveis advirtir neste ponto; que o rayo não deixa de ser illustre por formado das exalçoens vis da terra, como o fumo não deixa de ser vil por nacido, & gerado dos resplandores do fogo. Antes te quizera, dizia por esta causa outro Filosofo, antes te quizera com acçoens de Achilles

Ther-

novel

Apud
Engel-
gr. in
fest. S.
Franc.
Xaver.

Thersites no sangue, que
cô sangue de Achilles Ther-
sities nas obras.

Juven. *Malo Pater tibi sit
Thersites, dummodo tus sis
Æacidae similis, vulcanæa
que arma capessas, Quam te
Thersitæ similem producat
Achiles.*

20 E tem ouvido o
sangue, não sei se com pa-
ciencia as verdades, que lhe
disse. E vòs que tendes li-
do, ou ouvido o que sobre

os quatro humores arre-
zoei, podeis sentenciar ago-
ra qual delles seja o peor.
Eu não me atrevo a ser o
Juiz, porque havendo de
julgar com justiça, como ar-
rezoei contra todos, fico sos-
peito. Vòs, que como Sa-
lamoens tendes o juizo, &
a espada livres, sentenciai,
& cortai aos ditos humores
os seus excessos, & seja o
mais cortado, o mais exces-
sivo, &c.





STROMA V.

NA MAIOR TEMPESTADE, SE
embarca talvez a melhor fortuna.

§. I.

NO seu Apocalypse, vio São Ioão a hũ Anjo cõ huma chave, & hũa grãde cadea na mão, *Et vidit Angelum descendentem de Cælo habentem clavẽ abyssi, & catenam magnam in manu sua.* Bem sei que ali a cadea, que o Anjo trazia, era pera prender ao Demonio, *Et apprehendit Draconem;* & que a chave era pera o fechar no Inferno, *Et misit eum in abyssum, & clausit.*

Como o Demonio navega desesperado, nunca pera elle hà chave, que abra: a cadea prende, *apprehendit,* & a chave, que podia soltallo, fecha-o, *Et clausit.* Mas esta cadea, & esta chave, que pera os desesperados, como o Demonio, he hũa desgraça sobre outra desgraça, pera os que esperão em Deos, he na desgraça a fortuna. A chave tem dous officios, fechar, & abrir: Se as cadeas vos prenderem, serà desgraça; mas esperai pella chave, que
pera

Apoc.

20. 1.

ib. 2.

ib. 3.

pera os q̄ esperão em Deos, a chave não fecha, abre. Vinhão ambas na mão do Anjo, a cadea, & a chave, & em hũa sò mão, *In manu sua*; porque se a mão de Deos prende, a mesma mão abre, & no mesmo lugar, onde a prizaõ he infortunio, ahi estã a chave da ventura.

2 Duas vezes foi prezo Joseph: em Canaan a primeira por enveja de seus Irmãos: no Egypto a segunda por mal informado Putifar. Quantas prizoens faz a enveja, ou a mà informação! E então o pobre do prezo, que não falle, que não se queixe, & como se fora insensível, que não dê hum ay sobre a sua fortuna. E qual he o Passaro que vendote prezo, não pique sò por ver se acha porta por onde saya? Mas prezo assi Joseph, que lhe succedeu? A Escritura o diz, *Descendit que cum illo in fossam; & in vinculis non dereliquit illum, donec afferret sceptrum Regni.* Na Cova de Canaan, & nas cadeas do Egypto assistio Deos có

Joseph de modo que em ambas as desgraças o fez feliz, & ditozo: da prizaõ de Canaan sahio Joseph a ser o Valido de Putifar: das cadeas de Putifar sahio Joseph a governar o Imperio de Pharaõ. Pois agora de encovado, eilo Valido? Pois agora de maneatado, & prezo eilo no Imperio? Sim; que as portas da fortuna, q̄ talvez os merecimentos não abrem, abreas a desgraça. Muito merecia Joseph, mas o odio em Canaan, & a ignorancia no Egypto, fechãvã as portas ao merecimento, & não havia chave, que as abrisse. Que fez então a providencia de Deos? O que muitas vezes faz, pera que nos peyores accidentes ninguem desfmaye. Tomou Deos a chave da fortuna, & como costuma, metea na mão da desgraça, & as portas, que o merecimento não abriu pera o valimento, & imperio de Joseph, a desgraça, que tinha a chave, abriu a primeira porta, & là vay Joseph do poço pera o Paço;

Sapiēt.
10 13
14.

ço; & dando segunda volta à chave, abre a segunda porta, & lá vai Ioseph da cadeia para a Cadeira, do penar pera o reynar. *In vineulis non dereliquit illum, donec afferret illi sceptrum Regni.*

3 Fertilizão dos campos as inundaçoens dos rios, & as areas do Tejo dizia o outro, então são de ouro, quando vem tempestuosas, *Tempestas pretiosa Tagi.* Na guerra de Africa ao saltar Cezar a primeira vez em terra, cahio no chão; & elle havendo de ter por agouro a queda, quando se vio na Africa com as mãos no chão, então disse, que a tinha nas mãos, *Tenco te Africa.* No importuno, & indessolvel de nõ Gordiano estava fatizado, q̃ dominaria a Azia que o desfatasse. Está muitas vezes no desfar mais claro escondida a melhor fortuna, & no negocio mais intricado, & importuno, o cazo da mayor importácia. Quando o Menino Moyses pello Nilo abaixo, fugindo da tyrannia de Pharaõ, navegava na sua

gestinha exposto ao naufragio, hia então verdadeiramente a causa de Moyses pella agoa abaixo. O desfar, & a desgraça hiao alli claros como agoa: o negocio era tão importuno, & intricado, como haver de escapar Moyses, ou da furia do Nilo em hum Berço, ou da furia do Rey, que o mandava matar. E entre estes dous penedos, que succedeu ao Batel de Moyses? No desfar mais claro do rio succedeu recolher ao engeitado por filho a filha del Rey, *Quem ib. 10. illa adoptavit in locum filij.* E hà fortuna mais escondida em tão clara desgraça? E que mais succedeu? No nõ Gordiano, & mais implicado da qui lle cazo se revolviao tantas importancias, como haver, ou não haver de viver no mundo o Vice Deos do mesmo mundo, Moyses, *Constitui te Deum Pharaonis.* E que a importancia de tal vida nacesse, ou resuscitasse de caso tão importuno, & arriscado?

4 Catholicos, se tendes do

mla 9
: 22 F

Claud.

Suet.
in ejus
vita
Curt.
4. 3.

Exod. 2

Exod.
7. 1.

do mundo o verdadeiro conhecimento, & o mundo he mar, porque desmayais na tempestade, se a profecia da bonança he atormenta? O que me vejo num poço, & ninguem me tira! O que me vejo prezo, & ninguem me desfata! O que as minhas esperanças, os meus negocios, & as minhas pertençaões vão todas pella agoa abaixo, & eu sem tomar porto, aqui topo com hum penedo, alli com huma rocha, & lutando com infinitas ondas, a fair bem dellas sayo encalhado na area. E se esta he a minha tormenta, & o meu tormento, onde vai aqui a bonança? Este discurso he de homens, que descôfião de Deos. Ahi ha homens que todas as suas confianças poem nos auxilios dos outros homens, & elle he maldito o homem q̄ cõfia em outro homem, diz Jeremias, *Maledictus homo, qui confidit in homine*. Catholicos, se emproais os vossos negocios, & pertençaens quais quer que forem, com a confiança nos homêes, per-

deisvos. Deos he o que hà de levantarvos a caza, que fiar nos homens que vola levantem, he trabalhar de balde, diz o experimentado David, *Nisi Dominus edificaverit domum, in vanum laboraverunt qui edificant eam*. Vòs fiaisvos do amigo, & o Amigo, porque sò o era em quanto dependeu devòs, acabada a dependencia, o Amigo hà de vervos na forca, & ha de deixarvos à dependura, como là dizeis. Fiaisvos no Valido, & que elle jã poderozo vos não deixará perecer a caza, & a causa, pello menos pello beneficio, que em outro tempo lhe fizestes: & o Valido tanto que se vio Senhor, não sò zomba de vòs, & de vossas merces, mas athe zomba de vossas Senhorias.

5 Ao seu Copeiro Mór mandou prender Pharaõ pera o matar; & reparando eu no que dizem os Hebreos, referidos por Lyra, acho cõ admiração, & espanto, que a causa da prizão pera a morte do Copeiro, fora hũa mosca,

Psalm.
126. 1.

Jerem.
17. 5.

Genes.
40. 1.

Lyra
Ibi.

mosca, que ou por descuido do Copeiro, ou sem descuido cahira, & a achara Pharaõ no Copo, por onde bebia, *Inventa est ibi musca.* Fiaivos là nos homens. Aveis de servilos toda a vossa vida, mas se vos descuidastes hum dia, ainda que o descuido não passasse do tamanho de hũa mosca, todos os serviços, que fizestes em muitos annos, & com muito trabalho, perdestes em hum instante, & por amor de hũa mosca. Mais. Achavasse o Copeiro no carcere com Ioseph, & este interpretando ao Copeiro o sonho da vide, o assegurou de q̄ dentro de tres dias seria restituído com o seu officio ao Paço, & que lhe pedia em pago desta nova se lembrasse diante de Pharaõ do seu dezemparo, & prizão, *Tantum memento mei, cum bene tibi fuerit: ut suggeras Pharaoni, ut educat mei de isto carcere.* Sahio o Copeiro Mór do carcere, foy outra vez pera o Paço, & là prosperamente Valido lembrouse do A-

migo Ioseph, que deixava prezo? Diz o Texto q̄ não; *Et tamen succedentibus prosperis, praepositus pincernarum oblitus est interpretis sui.* Ora fiaivos là dos homens por Amigos, & Validos que os vejais. O amigo em se vendo livre, diz que vos livreis vòs: o Valido em se vendo na prosperidade, *Succedentibus prosperis*, logo acha no Paço a erva do esquecimento, que là costumão todos beber, *Oblitus est interpretis sui.* E sendo os homens estes, hà que fiar nelles? Mas por isso os que nelles se fião, por mais voltas, que dem, não sayem do Labyrinto, porque em tal confiança nunca ouve fio. Quereis sair do Labyrinto, & da desgraça? Fia y em Deos, & lançai vos a dormir, porque sem dares huma volta, Deos vos pegará da mão, & porà em salvo em corpo, & alma.

6 Não entre Amigos, mas no meyo dos mayores inimigos, se achava S. Pedro em Ierusalem prezo no carcere por Herodes, & algemado

47. mado cõ duas cadeas, *Vin-*
 12. 6. *ctus cætenis duabus.* O carce-
 re estava fechado, & Pedro
 com guardas dobradas, &
 com duas cadeas atado: *no
 Paço não tinha Valido, nem
 nos Tribunais Amigos; &
 neste estado, havêdo Pedro
 de subir a morrer ao outro
 dia, estava mui descõçado,
 & sem dar volta dormindo
Ibid. Pedro como huma pedra,
Erat Petrus dormiens. E a es-
 te homem, que nem confiava,
 nem tinha que confiar
 nos homens, senão sò em
 Deos, que lhe succedeu? O
 que acontece a todos os que
 em Deos esporão. Elle ima-
 ginava q̃ estava no carcere,
 & prezo, & Deos no mes-
 mo tempo pella mão de hũ
 Anjo o levava por Ierusalem
 1b. 9. solto, & livre, *Et exiens se-*
quebatur eũ, & nesciebat quia

verũ est, quod fiebat per An-
gelum. Esta a historia, & o
 reparo sobre ella he claro.
 Hum homem prezo, & pera
 morrer, & sem tratar da sua
 causa com outros homens,
 dormindo, & sem dar volta,
Erat Petrus dormiens? Sim,
 deixayo dormir, q̃ está con-
 fiado em Deos. Os que cõ-
 fião nos homens não dor-
 mem, nem descãnção, & al-
 fim, se prezo estava Ioseph,
 prezo fica: mas os que con-
 fião em Deos, dormindo, &
 sem dar volta, achão na mes-
 ma desgraça a fortuna, na
 tempestade a bonança, no
 trabalho o alivio, na descon-
 solação o gofsto, na prizão a
 liberdade, e nas mãos atadas
 desfatando-lhas hũ Anjo, *Et*
exiens sequebatur eum, & nesciebat
quia verum est, quod
fiebat per Angelum, &c.





STROMA VI.

LAGRYMAS MAL CHORADAS,

Quais?

§. I.

SENDO cada lagryma mais preciosa, que hũa perola, não sei porque rezão se desperdição tantas. As lagrymas, que vòs perdeis, essas devieis chorar; chorais muitas vezes sem causa, & sem rezão, & porque chorar sem rezão, & sem causa, he perder o precioso das lagrymas, o que se devia chorar era esse choro. Quantas vezes não chora a causa, senão a colera? Quantas vezes não chora a rezão, senão a

vingança? Quando Isac por desposição divina lançou sobre Iacob a benção de Esau; diz o Texto Sagrado, que fora tal o sentimento de Esau, que enchera de soluços, & ays a caza, & não menos de lagrymas os olhos, *Cum que ejulatu magno floret.* Quem visse estas lagrymas, & ouvisse estes ays em hum homem tamanho, cuidaria, que os aystinhão causa, & as lagrymas rezão; & a causa dos ays em Esau, não era na realidade causa, era colera; a rezão das lagrymas não era rezão,

Genes.
27. 38.

F era

era vingança. Não tinham causa, nem rezaõ aquellas lagrymas, & aquelles ays, porque chorar, & dar ays sobre o que Deos dispoem, claro está, que he chorar sem causa, & sem rezaõ. Chorou, & deu ays Esau; mas como no mesmo passo, & logo ali, como diz o Texto, determinou Esau, matar a Jacob, *Occidam Jacob fratrem meum*, os ays que parecião ter causa, eraõ claramente colera; as lagrymas que parecião ter rezaõ, eraõ manifestamente vingança, *Occidam Jacob fratrem meum*. E que se chore por colera! E que se chore por vingança! Que choro mais pera chorarse?

Ib. 14.

2 Ninguém assí chorou, que chorasse com causa, & com rezaõ; & quando sem causa, & sem rezaõ se chora, as lagrymas, que não haviaõ de perderse, vão perdidas. O perolas perdidas por mal choradas! Mas que assim se peccão tantas lagrymas! Isto he o que deviamos cho-

rar, chorar o mal que choramos. Ouvi a Santo Agostinho chorando, & fallando com Deos: *Quid miserus misero non miserante se ipsum? Et flente Didonis mortem, quæ fiebat amando Æneam, non flente autem mortem suã, quæ fiebat non amando te, Deus meus.* Senhor, que mayor miseria de hum miseravel, que não se compadescedo de si mesmo, me puzesse eu a chorar a morte de Dido, morrendo ella por amor de Eneas, & eu no mesmo tempo sem chorar a minha morte, morrendo eu, porq̃ vos não amava. De sorte q̃ Agostinho chorando diante de Deos, o q̃ chorava agora era ter chorado a morte de Dido, & não a sua, *Et flente Didonis mortem; non flente autem mortẽ suam*. O Aguia já com olhos abertos! Vio Agostinho, que sem rezaõ, & sem causa tinha chorado a morte de Dido, & vendo o que ja via, vio as suas lagrymas perdidas, & mal empregadas, & que fez então? Arrependido de ter perdido as lagry-

S Aug.
lib. 1.
Confes.
c. 13.

lagrymas, que chorara, posse a chorar o mal, q̄ tinha chorado, *Quid miserius misero non miserante se ipsum.*

3 O quantas lagrymas vão pello mundo tão mal choradas, que as choradas havião de ser ellas ! Primeiramente o q̄ as lagrymas não remedeão, não deve chorarse: & quantas lagrymas se chorão pello q̄ não tem remedio. Ouvi a S. Ião Grysofomo discursando nesta materia. *Pecuniã quis multatus est; doluit; non recuperavit.* Multarão a Fulano em pena pecuniaria; chorou & doeu-se, mas com as lagrymas, & com a dor não recuperou o dinheiro, *Non recuperavit. Filium amisit doluit; non resuscitavit mortuum:* Morreu aos Pays o filho, chorarão, & doeram-se; mas nem a dor, nem as lagrymas resuscitarão, & defunto, *Non resuscitavit mortuum. Infirmatur dolet, morbum non aufert, sed auget.* em fim adoeffe hum homem, & chora, & doese, mas nem o chorar, nẽ o doer tira a doença, antes a

S. Chry-
sostom.
hom. 5.
ad pap.

acrescenta, *Non aufert, sed auget.* Pois se as lagrymas, q̄ se chorão pella perda do dinheiro, não recuperão o dinheiro, pera que he perder tambem as lagrymas? Se as que se chorão pella morte do filho, não resuscitão o filho, pera que he sepultallas tambem a ellas? Se em fim as lagrymas que o doente chora em ves de lhe trazerem a faude, lhe acrescentão o mal, pera que he ajuntar hũa dor com outra, & acrescentar hũ mal a outro mal? Lagrymas pello que não tem remedio, & sobre o q̄ não tem remedio, não se chorem, que são mal choradas.

4 *Noli flere,* disse Christo a hũa molher em Naim, que hia acompanhando à sepultura a hum filho unico, q̄ lhe morrera; Molher não chores, *Noli flere.* Rigoroso preceito parece este. E por que não ha de chorar huma Mãe, & mais chorar, a morte de hum filho, & esse unico, como adverte o Texto; *Filius unicus Matris suæ?* E cresce a difficuldade. Morre La-

Luc. 7.
13.

Ib. 12

zaro, & diz S. Ioão q̄ Christo chorara na sua morte, *Lachrymatus est Iesus*. Pois se Christo obrou sempre com o exemplo, o que ensinou cõ a palavra, como chorando

Ioann. elle na morte de Lazaro,

11. 35. *Lachrymatus est*, manda que a Mãy não chore na morte do filho, *Noli flere*. Serà por que o filho era filho, & Lazaro era Amigo, *Lazarus*

16. 11. *Amicus noster*, & chorar por chorar, antes pellos Amigos, q̄ pellos filhos? Serà: A perda do Amigo he mayor q̄ a do filho; porque o Amigo, se o he, sempre he Amigo, o filho com o fer, nem sempre he filho: o Amigo, que he Amigo, sempre he a vida do outro Amigo, & o filho, ainda que seja filho, nem sempre he a vida dos Pays, antes os Pays se vem muitas vezes bem mal pagos de seus filhos, elles chorando os filhos, & os filhos matandoos a elles. Mas ainda que esta rezão seja mui verdadeira, digo q̄ Christo chorou na morte de Lazaro, & mãdou que aquella Mãy não cho-

rasse o filho, porque? Porque Christo cõ as suas lagrymas omnipotentes havia de resuscitar a Lazaro, & aquella Mãy com as suas não podia resuscitar o filho: as lagrymas de Christo erão lagrymas cõ remedio, as lagrymas da quella mãy, erão lagrymas, que o não tinhão, & como chorar pello que não tẽ remedio, he perder as lagrymas, & chorar mal, quem ouver de chorar a perda, que as lagrymas não recuperão, não chore: quem ouver de chorar a enfermidade, q̄ as lagrymas não curaõ, não chore; & quẽ ouver de chorar o morto, que as lagrymas não podem resuscitar, não chore, *Noli flere*.

5 E porque não cuideis que este discurso he sò especulativo, & não praticado, vede como o executou, & pos na praxe hum dos ho mões, q̄ melhor souberão chorar, David. Enfermo mortalmente o primeiro filho q̄ David tivera de Berzabè, postrado David por terra, com oraçoens, lagrymas, & jejuns,

jejuns, não cessava em pedir a Deos a vida do filho. Não foi ouvido David, & morreu o filho no seteno. Os criados, que estavam vendo os extremos có q̃ o Rey hia sentindo a enfermidade do filho, não se atrevião a dar-lhe a nova: porem David entendendo do murmurar, ou sumido das palavras dos de Palacio, que o filho era falecido, perguntoulhes se morera, *Num mortuus est puer?*

2. Reg.

12. 19. Então respõdêraõ elles que sim, *Mortuus est.* Tanto que David ouviu isto que faria? Levantouse, enfeitouse, foise a dar a Deos as graças ao Templo, & voltando pera o Paço, comeu com alegria. Aqui agora ficou a Corte admirada, & eu com ella, & a rezão da minha admiração será a sua. *Quis est sermo, quem fecisti?* Que he isto, David, lhe dizem, q̃ tendes obrado? *Propter Infantem, cum adhuc viveret. jejunasti, & flebas: mortuo autem puero surrexisti, & comedisti panem?* De sorte, Rey nosso q̃ em quanto o vosso filho vi-

1b. 21.

via, jejuaveis, choraveis, & morrieis por elle; & agora q̃ elle he morto, vós sois resuscitado, o que já comeis, & não chorais? Sim, respondeu David, como David. Em quanto meu filho estava vivo, chorava eu o seu mal, por que em quanto vivia podia ter remedio; porem agora, que já sei, está morto, por que hei de jejuar, & chorar, se eu o não posso tornar da morte à vida, *Numquid potero revocare eum amplius?* Notavel reposta, mas resolução tão acertada, como de homem tão entendido, tão pratico, & tão santo, como David! *Numquid potero?* Posso eu oporme ao q̃ Deos tem ordenado? *Numquid potero?* Posso eu remediar o que ja não tem remedio? Não, diz David, não: pois tambem chorar contra o que Deos ordena, não; pois tambem chorar, & matarme

pello que não tem remedio, não; *Numquid potero revocare eum?*

6. **M** As parece de ma-
 fiadamente seco
 este meu dizer? Ainda que
 o meu desemparo, a minha,
 & a vossa desgraça, esta, & a-
 quella morte não tenhaõ re-
 medio, eu hei de ver tudo isto,
 & com os olhos secos? Direi,
 se o motivo, que me excita
 às lagrymas, for contra Deos,
 nunca devo chorar. E quantas
 vezes vos faz chorar a vossa
 impaciência, como a Esau a
 vossa soberba, & a vossa inveja,
 ou hypocrezia, & não a compaixão,
 nem a humanidade, nem a rezaõ?
 Não conseguistes a intentada
 empreza, & chora a impaciência:
 ficastes na causa vencido, & o
 positor sobre vos, & chora a
 soberba: levou o outro o posto,
 & o officio, & vós ficastes de
 fora, & chora a inveja: chorais
 porq' vedes chorar, chorais
 porque não digão que não
 chorais, & em fim chorais
 porque ha lagrymas doces,
 lagrymas que rendem, & lagrymas
 bem pagas, & chora a hypocrezia.
 E se isto he

assim, não era melhor secar-
 rem-se os rios, pera que não
 cortessem as fontes, secar-se
 os olhos pera que não chorassem,
 & pecassem? O quantas lagrymas
 se chorão, sendo o choro abomina-
 ção, & pecado. Olhai com Eze-
 quiel pera aquellas Mulheres
 que no Templo de Ierusalém
 alem estaõ chorão, *Mulieres plangentes;*
 & perguntalhes porquem chorão,
 & pera que chorão? Examinado
 o porquem, & o pera q' chorão,
 achareis com pasmo, & admira-
 ção de tais lagrymas, q' o porquem
 chorão he por hum Mancebo, a quem
 adoravaõ, & as trazia loucas, ed-
 mo Deos disse a Ezequiel,
Et ecce ibi mulieres sedebant plangentes Adonidem;
 & o pera q' chorão, era pera cometerem
 chorando o pecado mais abominavel da
 idolatria, como disse o mesmo
 Deos, *Adhuc conversus vobis debis abominatio-
 nes maiores.*

7. E se as lagrymas, q' se chorão,
 forem pellos vossos respeitos,
 pellos vossos desordenados affectos,
 & pellos vossos,

vossos Adonis, e tudo pe-
do, não seria melhor então q̄
os olhos se secassem, & as la-
grymas não corresse[m]? Pois
aqui atira o meu discurço.
Digo porem, q̄ se o mogivo,
porq̄ a desgraça, porq̄ o de-
semparo, porq̄ a morte, &
outro qualquer dano se cho-
rão, for compaixão, humani-
dade, & cõ razão, digo q̄ no
tal caso bem podeis chorar,
porq̄ não paressais feras, mas
pouco chorar pera q̄ parel-
sais homens, disse S. Cyrillo
Alexandrino, *Nam ex toto
nec compati, nec merere, feri-
num est: horũ vero exuberantia,
muliebre.* Notai as pala-
yras do Santo: De todo não
cõpadecer, nem chorar, *Ex
toto*, seria ser fera, *Ferimũ est*;
mas sentir com exuberancia,
& chorar cõ extremos, *Horũ
vero exuberantia*, seria não
ser homem, *muliebre*.

8 Mas se como homẽs
podemos chorar, ainda que
pouco, quanto ha de ser esse
pouco? Assertar no quanto
he difficulçozo: mas consul-
temos a Salamão. Como a
morte entre as desgraças na-

turais ao homẽ, he a mayor
disgraça, & por isso a q̄ mais
provoca a lagrymas, que diz
Salamão das lagrymas sobre
a morte, & do quanto dellas?

Diz q̄ se chore a morte, *Fili
in mortuum produc lacrymas,* Eccles.
38. 16.

& diz q̄ o quanto do chorar
seja hum dia, *Per luctũ illius 1b 17.
uno die.* Bendita seja a bon-
dade de Deos, diz neste pas-
sagem S. Paulino, *o divitiæ boni-*

tatis Dei! Mandanos Deos,

q̄ choremos o que excita as
lagrymas, q̄ são as mortes, q̄
vemos, *Lacrymas in mortuo
produci jubet*; mas tambem
ordena, que aos olhos se lhes
fechem as fontes dentro de
hum dia, *Amaritudinem ve-
ro lugēdi uno tantum die clau-*

dit: E esse chorar, mas em
hum sò dia, porq̄? O chorar,
diz S. Paulino, he pera que a
dor se mitigue, & a alma res-
pire, *Illud porrigi sinens, quo
relaxatur dolor, & anima res-
pirat*; o chorar em hũ sò dia,
he pera q̄ o demaziado da
dor, & irracionavel da pena,
não faça delirar a rezaõ, *Is-
tud vero præcidens, quod im-
moderato, & irrationabili,*

S. Cyr.
explic.
l. 7. in
Joann.
c. 20.

cruciatu mentem nostram cō-
ficit. Assim chorarão cō muita
 moderação São Bernardo a
 morte de seu Irmão, Gerar-
 do, São Gregorio Nifeno a
 de seu Irmão Bazilio, S. Gre-
 gorio Nazianzeno a de seu
 Irmão S. Cefario, & S. Agos-
 tinho chorou a morte de sua
 Mãe, S. Monica, diz elle mes-
 mo, a pequena parte de hũa
 hora, *Flevisse me matrem*
lib. 9. meam exigua parte hora.

S. Aug.
 lib. 9.
 Conf.
 cap. 12.

9 Em fim o tempo da
 vida he breve, diz S. Paulo,
Tempus breve est, logo o cho-
 rar neste mundo pellas cou-
 sas delle, ha de ser brevissi-
 mo. provo: chorar em to-
 do o tēpo da vida, não pode
 ser; o tempo todo da vida
 he breve; logo se he breve, &
 não se ha de chorar todo, o
 chorar hà de ser brevissimo.
 O mesmo S. Paulo parece q̃
 o quiz dizer, no que logo a-
 crescentou, *Qui sient, tanquã*
lib. 30. non sientes: os que chorão
 nesta brevidade da vida, cho-
 rem, mas como senão choraf

1. ad
 Corint.
 7. 29.

lib. 30.

sem. Como se differa: quem
 ouver de chorar hà de cho-
 rar tão brevissimamēte, que
 pareça, q̃ não chorou, sayão
 as lagrymas, mas por tempo
 tão brevissimo, q̃ recolhēdo-
 se logo, pareça q̃ não sairão,
Qui sient tanquam non sientes.
 Esta he a verdade, ainda no
 sentimēto natural, & choro,
 que se chama licito, q̃ chorar
 o que não he licito chorarse,
 & que bem considerado he
 chorar pello mūdo, he cho-
 rar pello que queiro, he cho-
 rar por Adonis, & por seis-
 centos motivos indignos de
 se perderem por elles huma
 lagryma, esse chorar, nē por
 hum instante deve chorarse,
 porque essas lagrymas, que
 commumente são as que se
 chorão, não hão de chorar-
 se, antes ellas devem ser as
 choradas por serem tão mal
 choradas. Quais são logo as
 lagrymas q̃ bem se chorão?
 Se leres o seguinte Stroma,
 sabereis bem chorar.




STROMA VII.

LAGRYMAS BEM CHORADAS,

Quais?

§. I.

1  Mayor mal de todos os males [não digo bem] o mal q̄ sò he mal, & o summo mal, he o pecado. Assi como Deos por essencia he o summo bem, assi o pecado por ser offensa de Deos, he o summo mal. O lagrymas è do pelo pecado bem choradas! No Ceo não ha lagrymas, diz S. Ioão, *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum*; & porque não? Porque no Ceo não ha culpas, diz elle mesmo, *Non intrabit, in eam aliquod coinquina-*

tum. Sò aonde Deos he sempre amado, como o he no Ceo, pãrem as lagrymas, & não corrão; mas aonde Deos he tão offendido, como o he na terra, corrão as lagrymas; & não parem. Valle de lagrymas chamou David a este miseravel mundo, *In valle lacrymarum*; & porq̄? ^{Psal.} 83. 7. Porque vio, que não havia nelle quem amasse, mas sò quem offendesse a Deos, *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, non est qui faciat bonum*; & mundo onde tudo he pecado, *Omnes declinaverunt*, seja valle de lagrymas tudo, *In valle lacryma-*

Apoc.
7. 17.

Apoc.
2. 27.

crymarum.

2 Esta he a fonte das lagrymas, & sò esta o deve fer, o pecado; & tudo o mais, porque se chora no mundo, he chorar indignidades, diz S. Ioão Grysofomo, *Hæc enim non sunt digna lacrymis.* Como chorava David, & porque chorava? Elle o dirá. *Exitus aquarum deduxerunt oculi mei.* Correrão dos meus olhos, como de dous rios as lagrymas. Eis ahi como chorava. E porque chorava? Por ventura vencendo Gygantes via mal pagos os seus serviços? Por ventura, porque desterrado do Reyno, & da patria, se via debaixo dos pès, quem devia andar nas palmas? Por ventura, porque experimentava lâçadas da mesma mão de Saul, de quem esperava as mercês? Por ventura, porque foi topar com o odio onde o amor era obrigação, chegando a pagarlhe athe hum filho com desprezos os respeitos, com ofusadas a veneração, & com rebelioes as finezas? Não erão taõ

baixos os porques de lagrymas taõ bem choradas. Pois, porq̃ chorava David? *Quia ibi non custodierunt legẽ tuam.* O porque das minhas lagrymas a rios, diz David, foi aquella fonte, donde sò ellas devem nacer, o pecado. Não choro, porque me não pagaõ o que me devem; nem choro, quando me daõ de mão, devendo beijarma; nem choro porque me atirão, por isso mesmo, porque sou alvo; nem choro em fim porque recebi agravos por agradados; & ingraticadoens por extremos, *Hæc enim non sunt digna lacrymis:* o porque do meu chorar, diz David, saibaõ todos, que he unicamente, porque pequei, *Exitus aquarũ deduxerunt oculi mei, quia non custodierunt legem tuam.* Pequei, & esta he a fonte donde as minhas lagrymas arrebetão como rios, & se assí choro sem termo, & sem lemite, bem he, que não tenha ley em chorar, *Exitus aquarum,* quem cobrou as leys, *Quia*

S. Grysofom.
hom.
in Ep.
ad Col.
Ios.
Psalm.
118.
136.

non custodierunt legem.

3 E adverti, que não só chorou David como devia chorar, & porque devia chorar, que era só o seu peccado, mas também chorou cõ fineza; & porque? Porque, pello mesmo caminho por onde correu o peccado, correrão as lagrymas, & este he o fino de chorar os peccados; Sayaõ as lagrymas por onde entrou a culpa. Que peccado chorava aqui David? Dizem os Expositores Sagrados, que chorava o peccado do adulterio cõ Berzabè, & homicidio de Urias. E estes peccados porque caminho entrarão? Pello caminho dos olhos. Viõ David a Berzabè, *Vidit que mulierem se levantem;* & o homicidio entrarão porque os olhos virão, *Vidit.* Pois chorem os olhos a culpa, que pellos olhos entrou, que essa he a fineza, satisfazer a divida pello caminho do roubo, & que as lagrymas corraõ por onde o peccado entrara.

4 Quando aquella mo-

lher, que tendo amado mal, soube chorar melhor que todas, se lançou aos pès de Christo em caza do Farizeu, disse ao Farizeu o Senhor, *Vides hanc mulierem? Luc. 7.* Ves a Magdalena? Pois sabe, que esta molher, aquem estã vendõ chorar os seus peccados, não só o que tem chorado são ja lagrymas de qualquer amor, mas lagrymas q̄ passaõ do amor só amor, ao q̄ no amor he o fino; q̄ he sobre amar, amar muito, *Dilexit multum.* Amou, *Dilexit;* & com fineza, *Multum;* & o muito do amor, ou o fino d'elle, em que cõsistia? Em que tendo a Magdalena offendido a Deos, matando com os olhos, os olhos choravão lagrymas, *Lacrymis rigavit pedes meos:* em que tendo peccado, prendendo com os cabellos, & atrahindo com os aromas, os cabellos já estavão aos pès de Deos, *Capillis suis terfit;* & os aromas derramados sobre a cabeça de Christo, *Unguento unxit pedes meos.* E que paguem os olhos o que

Ita
Card.
Belar.
16.

2 Reg.
11. 2.

16 46.

os olhos matarão, como he pagar a divida pello caminho do roubo, & sair a satisfação por onde o pecado entrou; isto não sò he chorar com amor, *Dilexit*, mas he chorar com fineza, *Multum*. E esta foi a fineza com que tambem chorou Pedro. Negou Pedro, & chorou com amargura a sua culpa, *Math. 26. 75. Et egressus foras flevit amarè*. Se chorou com amargura, foi sem duvida porque as lagrymas lhe entravão pella boca, q̃ o doce, ou o amargo a boca he a que o sente. Assi julgo, que foi; & com grande fineza das lagrymas de Pedro, & porque? Porque fez Pedro, que sentisse as amarguras quem tinha cometido a culpa. A boca falando, & negando, foi a que pecou; & os olhos tambem pella curiosidade do ver, como diz o Texto, *Ut videret finem*: & como chorar com fineza, he que sinta a pena quem foi a causa, & instrumento da culpa, os olhos, porque virão, chorem *Flevit*, a boca, porque fallou,

amargueo, *Amarè*.

5 Oh se assi chorassemos os nossos pecados, que bem chorados serião? Quantos olhos, & cabellos, quantos aromas, & quantas linguas pecão, & por estes, & por outros infinitos generos de peccados, nem huma lagryma; Choramos mil indignidades, & pellas culpas, que sò merecem ser choradas, não sei se nos rimos. Chorou Vlysses a morte de hum Cão, & Alexandre a de hum Cavallo; & se perguntasseis a estes dous homens [do mesmo tamanho nas pessoas, que nos peccados] se chorarão algum dia a morte das suas almas; responderia Vlysses, que quem edificara a Lisboa, não tinha que chorar das edificaçoens; & diria Alexandre, que a quem conquistara o mundo com tanta gloria, ou lhe não era licita a menor pena, ou se queixaria das suas lagrymas a melhor fortuna. E vem a ser, que chorar por hum Cão o mayor homem daquelles tempos, Vlysses, não

naõ he contra a edificação, mas chorar Vlysses os seus enganos, os seus enredos, & os seus pecados, isso he contra o fundador da melhor Cidade do mundo, Lisboa. E vem a ser outra vez, que edificar Alexandre a Cidade de Bucefala em honra ao seu Cavallo, & dispender, como diz Plutharco nas exequias do mesmo bruto muita soma de ouro; estes extremos, & sentimentos pella morte do Bucefalo todos são devidos a hum Cavallo; mas chorar Alexandre o roubar o mundo, chorar a sua ambição, & soberba, & em fim a morte da propria alma, esses sentimentos sobre a alma não correm com os do Cavallo parellas. E vem a ser em ultimo lugar, que choramos o de que nos deviamos rir, & rimonos, quando deviamos chorar, & ainda mal porque assim he.

§. II.

6. **C**atholicos, cometê-
se muitos, & mui

grandes pecados, & havendo elles, & sò elles de ser chorados, como se elles fossem os dignos do riso, elles são os aplaudidos. Pecarão os Hebreos no dezerto adorando por Deos ao seu Bezerra; & não satisfeitos com este pecado, o mayor dos pecados, pera mais se contentarem acrescentarão ao pecado o contentamento do mesmo pecado: elles o festejarão, diz o Texto, elles o aplaudirão, elles o cantarão, & a tão altas vozes, que a festa, que ao pecado se fazia, lá bẽ ao longe ouviu Moyses, *Vocẽ cantantum ego audio.* E quantos pecados semelhantes a este, havendo de ser os chorados, são os cantados? Quantos Bezerras se adorão tambem por cá, & he cantada a idolatria. Pera se forjar aquelle Bezerra arrancarão das suas orelhas o ouro as molheres Hebreas, & quantos a arrancos de morte dão cá o ouro, & tirandolho pellas orelhas, he o cantado o furto. Os Hebreos festejarão o seu

novo Idolo com muito comer, & beber, & que festas não vão por cá fundadas em comer, & beber, & mais não he só entre gente preta, mas muito branca, & o pecado da gulla he o cantado. Com jogo, ou brincos deshonestos se levantarão da meza os Hebreos a celebrar o seu Touro; & quantas açoens sem pejo lascivas, & perdida a modestia pecaminosas, se cometem tambem por cá, & he cantada a Luxuria. Afrontarão os Hebreos a Moyfes, porque fizerão, que hũ Bezzerro subisse ao seu lugar, & substituiuille as vezes de tão grande pessoa; & aqui a festa: & quantas vezes andão cá pellos lugares os Touros, & com a mayor afronta da rezão, perferido o bruto ao sabio, o ignorante ao discreto, em fim o Touro a Moyfes, & esta injuria he a cantada. Finalmente sendo os serviços de Moyfes pera có aquelle povo os de mayor pezo, & importancia, & os Hebreos recebendo sempre do mesmo Moyfes os mayo-

res beneficios, & finezas, tudo lhe pagarão nesta mesma occasião có rebelioes có desprezos, có ingraticões, & ali a festa. E quantas vezes se levantão cá contra vòs os mesmos aquê servistes; & pagãdovos os beneficios com desprezos, & as finezas com ingraticões, as mesmas ingraticões, desprezos, & rebelioes são por elles as aplaudidas, & as cantadas, *Vocem cantantium ego audio.*

7 Parece-me este peccar, & cantar o peccado com os desatinos de Saxonia no tempo de Martim Luthero. A comparação he horrenda; mas ainda que em tudo não seja verdadeira, são tantas as occasioens, em que vemos a alguns Catholicos cantar, aplaudir, & festejar os peccados, & ainda jaçtaremse de os haver cometido, que se elles metessem a mão no ceyo, não haviaõ de tiralla tão limpa, que não sei lhe enxergasse alguma lepra de Vvitemberga. Prègava em Vvitemberga Luthero, & não havendo herezia, q̄ não en-

ensinasse este falsissimo Profeta, era com tudo tambem ouvido em toda a Saxonia, que havendo de ser lançado do Pulpito abaixo, & castigado como blasfemo, Hereziarcha, & falso Profeta, este Pregador do Inferno era o aplaudido, este blasfemo, o que melhor fallava, este Hereziarcha, & Profeta, o que largando as redeas a todos os vicios annunciava a toda a liberdade as melhores novas, com tal sequito, que tudo, o que ja se ouvia pellas ruas, & pellas praças eraõ louvores de Luthero; vivaõ os vicios, viva a liberdade, & Euge, Euge Luthero, & alegremonos todos, que podemos cometer os pecados q̄ quizermos com jubilo, & alegria. Assi o cantava chorando aquelle taõ grande Cavalhero, como Catholico Ieronymo Empfer, quando em humas coplas lat nas introduzio aos Lutheranos cantando assim nas vodas do sacrilego, & profano Luthero cõ Gatherine monja sua.

His Magistris licet nobis
Omne nefas, licet probis
omnibus obsterpere:

Cum jubilo.

Com tais Mestres, cantavão os Lutheranos, cõ tais Mestres como temos, licença temos tambem pera cometer toda a maldade. Bem podemos dar vayas, & a todos os bem procedidos, mostrando dos seus biocos, gritar, Alegria, *Cum jubilo.*

Coneulcare jura, leges,

Infamare licet Reges,

Papam que cum Cæsare.

Cum jubilo.

Jã nos he licito pizar com os pès todas as leys, & direitos. Podemos infamar os Reys, ao Papa, & Emperador, Alegria, *Cum jubilo.*

Sed & ipsos irridemus

Christi Sãtos, & delemus

Eorum Imagines.

Cum jubilo.

Jã podemos zombar dos Santos do mesmo Christo, lançallos fora dos Altares, & queimarlhes as Imagens: Alegria, *Cum jubilo.*

At Priapum Lampsafenũ

Veneramur, & Silenum,

Ba-

*Ita
Ilhes-
cas na
Histor.
Ponti-
fical
l. 6. na
vida
de Leã
x §. 13.*

[Bachum que cum Venere:
Cum júbilo.

Veneramos aos Idolos do
prazer, & do gosto, & de
hoje em diante sò a Bacho
dobraremos o joelho, ou a
cabeça, & sò a Venus bate-
remos no peito: Alegria:
Cum júbilo.

Hi sunt veteres Coloni,

Nostri ordinis Patroni,

Quibus ille militat:

Cum júbilo.

Estes são agora os Deuzes,
que nos sustentão; estes os
Padroeiros da nossa Ordem;
porque debaixo da bandeira
de tais capitaens milita o
nosso Luthero: Alegria;
Cum júbilo.

Septa Claustrum dissipamus,

Sacra vasa compilamus,

Sumptus unde superat:

Cum júbilo.

Temos derrubado muros,
destruido os Claustrum reli-
giosos: & pera que não falte
a bolça pera os gastos
roubamos os Calices, & to-
dos os Vasos sagrados pera
comer, & beber: Alegria;
Cum júbilo.

I Coculla, valle cappa,

Vale Prior, Custos, Abba.

Cum obedientia.

Cum júbilo.

Vaite Cogulla, & a Deos
capa religiosa: Ficate em-
bora Prior, Ministro, Abba-
de, que tambem ja là vai to-
da a obediencia: Alegria;
Cum júbilo.

Ite vota, preces, horæ,

Vale timor cum pudore,

Vale conscientia,

cum júbilo.

Idevos embora votos reli-
giosos, ide preces, ide horas
Canonicas: a Deos temor
de Deos, a Deos pejo, em-
fim a Deos consciencia: Ale-
gria; Cum júbilo.

8 A tanto chegaõ os
homens desemparrados de
Deos, que chega a sua mali-
cia a cantar o seu desempar-
ro. Que peque hum homẽ,
naõ me escandalizo, porque
fomos homens; mas que pe-
cando cante o seu pecado,
& com riso, Cum júbilo: De
tudo quanto vai no mundo
se podiaõ rir os homens, sò
do pecado naõ: rir das ho-
ras, rir das riquezas, rir das
ambiçoens, rir das dignida-
des,

des, & rir de tudo: mas pecar, & porque pequei rir, isto não pode ser. Vendo Salamaõ com sabedoria divina tudo quanto vai no mundo, que conclusaõ tirou do que vio? Esta: *Et cognovi, quod non esset melius nisi letari*. Vi quanto vai no mundo, & conheci, que o melhor de tudo era rir de tudo. Mas porque ninguém imaginasse, que no rir de tudo, podia entrar tambem o pecar, & rir, acrescentou logo Salamaõ estas palavras, *Et facere bene in vita sua*: Rir de tudo sim, *letari*; mas atando com o rizo o bem obrar, *Et facere bene*: o *Letari* com o *Et*: Cantar, mas não obrando mal, que obrar mal, & cantar, não: rir, mas não porque pequei, q̄ pecar, & rir, não ata: Ata o *Et* com o *Letari*, mas he porque alegrar, & rir, *Letari*, sò ata com obrar, & fazer bem, *Et facere bene*.

9 Diraõ os de Vvitemberga [& prouera a Deos, que sò elles o dissessem] diraõ os que pecando não choraõ, mas antes se ficaõ

rindo, & alegrando, *Cum júbilo*, que o pensamento, com que se alegrã quando peçaõ são hũas palavras do Texto Sagrado, que dizem assim; *Peccavi, & quid mihi accidit triste?* Eu pequei, & com tudo nada me succedeu mal, nem cousa que me entristesse: estava vivo, & vivo estou: tinha saude, & fiquei com a mesma disposiçaõ: fui ao campo, & ao monte, & achei o gado augmentado, & os Criados em salvo: voltei pera caza, & nê a achei cahida, nem a meus filhos mortos debaixo della, como Iob: quando chove tambem as minhas terras ficaõ regadas, & quando faz sol tambem as minhas searas amaduresem: Se comerceyo na terra tudo he ventura: se embarco no mar, tudo he bonança: em fim succedeme tudo tanto ao alegre, & ao rizonho, que no mesmo dia, em que peço, se vou a caza do jogo, ganho, se pleiteava, venci a demanda; se pertendia o officio, ou beneficio, sahi provido, & se fui beijar

G a mão

Eccles.
3. 12.

Ibi.

Eccles.
5. 4.

a mão ao Rey, achêi graça nos seus olhos: Pois se nas tres cousas, que mais se estimão, fazenda, vida, & honra em nada me empestou o peccado, nem entristeffeu, *Peccavi, & quid mihi accidit triste*, porque em lugar de chorar me não rirêi quando pecco, & direi com jubilo, Alegria, *Cum jubilo*? Assim discursão muitos, mas ouvi agora os erros dos seus discursos.

§. III.

S Alvirano Padre antigo, & de estimada autoridade, chorando o rizo, com que muitos pecando se alegrão, disse assim: *Nobis gaudere, & ridere non sufficit, nisi cum peccato, atque infamia gaudeamus: nisi risus impunitibus, nisi flagitius nasceatur.* *Quis ergo hic error, que stultitia!* Não se alegrão muitos se não pecando, & enlouquecendo, & quando cometem as suas es-

puridades, & maldades, então lhe misturão o rizo. Mas que erro tão grande este, & que ignorancia! Verdadeiramente, que não ha mais errar, nem mais ignorar, que discursando dizer assim: pequemos, & riamonos, porque ainda pecando tudo nos succede bem, *Peccavi, & quid mihi accidit triste.* O erro, *Quis error!* O ignorancia dos homens, *Que stultitia!* Basta que tudo vos succeda bem? Ora vede os erros, & as ignorancias desses bons successos?

II De todos os bons successos se jactavão aqueles homens dos quais diz a Escritura por confissão delles mesmos, que vendo aos Santos, & justos mofavão, & zombavão delles, & depois se rião deste seu peccado, *Hi sunt, quos habuimus aliquando in derisum, & in similitudinem improperij.* Pecavão, & rião, & em que se fundavão? Porque pecando tinham muitos bens, & muitos successos bons, *Ve-*

Salvi.
an. 1.6.
de Pro-
vid.

Sapiēt.
5.3.

Sapiēt.
2.6.

ibi 9. nite ergo, & fruamur bonis, que sunt; por isso pecando se rião, *Ubique relinquamus signa lætitiæ.* Ora agora digão elles mesmos, quais forão os bons successos deste seu pecar, & rir. Cahirão todos pellos seus pecados, & pellos seus rizados no Inferno, & de là comersaraõ a gritar, & ja dizer, *Ergo erravimus à via veritatis*, ay que erramos o caminho da verdade. Pois ja o pecar, & rir não he bom successo, se não erro? Sim, *Erravimus.* E que mais differão? *Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam;* nós que nós riamos dos que choravão, eramos verdadeiramente os loucos. Pois ja o pecar, & rir não he succederme tudo bem, mas ignorancia? Sim, *Nos insensati.*

12 Estes são os bens do pecar, & rir; erros, & ignorancias; & porque estes são os bens que da qui se seguem, oução agora o seu Texto inteiramente os mesmos, que o allegarão,

Sapient.
 5. 6.

ibi 4.

Ne dixeris peccavi; & quid mihi accidit triste? Altissimi enim est patiens redditor. Não digais, diz o Spiritu Santo, pequei, & nada me aconesseu triste; porque Deos ainda que espera com paciencia a emmenda, quando menos se cuida, vem tomar conta do capital, & dos redditos. Agora pecar, & rir; mas como o gosto, & alegria dos homens não pode chegar a mayor extremo, que a rirse quando peca; aos extremos do gosto, & alegria, o que logo se segue he o choro mais triste, disse o mesmo Deos, *Extremam (gaudij) lætius occupat.*

13 E se estes são aquellos tristes, & negros bens que verdadeiramente se colhem do pecado, como rimos quando pecamos? O fim do pecar, & rir, he eternamente chorar, & que haja quem queira chorar eternamente, no Inferno, sò por se rir cá huma hora, o erro infernal, o

Eccles.
 5. 4.

Prov.
 14. 13.

ignorancia, *Ergo erravi-*
mus: Nos insensati: Dirão
 os confiados, que a mise-
 ricordia de Deos he mui-
 to grande, & dizem bem,
 mas pergunto? E quando
 ha de vir sobre vós essa gran-
 de misericordia de Deos? A
 misericordia de Deos veyo
 sobre Pedro, porq̃ se pecou,
 chorou, *Flevit amare;* veyo
 sobre a Maddalena, porque
 lavou com as lagrymas os
 seus crimes, *Lacrimis cæ-*
pit rigare pedes ejus: veyo
 sobre o Ladrão na Cruz,
 porque se pecou, doeu-
 se, & reconheceu o pe-
 cado, *Nos quidem juste,*
nam digna factis recipimus:
 veyo em fim sobre David,
 porque se quebrou as leys
 divinas, chorou com rios
 de lagrymas o tellas que-
 brado, *Exitus aquarum de*
duxerunt oculi mei, quia
non custodierunt legem tuam.
 E se a misericordia de Deos
 veyo sobre Pedro, sobre
 a Magdalena, sobre o La-
 drão, & sobre David, por-
 que ainda que pecarão,
 chorarão, como quereis

vós, que a misericordia
 de Deos venha sobre vós
 pecando, & rindo? A
 misericordia de Deos não
 se muda: foi, he, & ha
 de ser sempre a mesma:
 pois se no Paço de Cai-
 faz, pera perdoar as in-
 fidelidades de Pedro, foi
 necessario chorar Pedro,
 como ha de perdoar as
 vossas treyçoens, as vos-
 sas aleivozias, & as vos-
 sas falsidades, se vós pe-
 cais, & vos ides rindo?
 Se em casa do Farizeu
 não perdoou a Magdale-
 na os desconcertos da sua
 vida, sem que arrependi-
 da chorasse, como ha de
 perdoar os desconcertos
 da vossa, o vosso mau
 viver, immodesto, & ef-
 candalozo, se vós pecais,
 & o arrependimento he
 rir? Se no Calvario não
 perdoou ao Ladrão os rou-
 bos, sem que reconheci-
 da primeiro a culpa por
 Dimas, elle a confessasse
 com arrependimento, &
 dor, como quereis vós,
 que a mesma misericordia
 vos

Luc.

23. 41.

Psalm.

118

136.

vos perdoe o furto na caza do Orfaõ, & da Viuva, o furto não cometido nas estradas, nem pellos matos, mas publicamente na praça, na logea, na escrivania, no escritorio, no officio, & no tribunal, se vòs roubando quanto podeis, a dor do muito, que se furta, he furtar, & rir? Finalmente, se a misericordia de Deos não veyo sobre o adulterio, sobre o homicidio, & sobre a injustiça de David, senão porque David, ainda que quebrou as leys, quebrou o coração com dor, suspirou toda a vida, gemeu, & chorou; como quereis vós, que a mesma misericordia vos salve, se vos jactais do adulterio, gabais do homicidio, prezais das injustiças, & não havendo ley, nem preceito, que não quebreis, que não atropelais com ouzadia, & pizeis cõ os pès com temeridade, & soberba; como quereis, digo, que a misericordia de Deos vos sal-

ve, se obrando taõ fóra de todas as leys, & rezão, em vez de chorares taõ enormes delictos, o que fazeis he pecar, & rir.

14. Nem a dilação do castigo deve servirvos de ouzadia, & confiança para pecar, & porque? Porque a dilação do castigo na misericordia divina, se não ha emmenda nos homens, faz crescer em Deos a ira, & quanto à misericordia espera, tanto se exaspera a justiça. Assi o disse David: *Exacerbavit Dominum peccator: secundum multitudinem iræ suæ non quæret: exasperou, diz David, o pecador a Deos, & Deos segundo a multidão da sua ira não o castigou. Pois Deos entaõ exasperado, Exacerbavit, eutaõ cheyo de ira, Multitudinem iræ suæ, quando não castiga, Non quæret?* Sim, q̃ o não castigar Deos logo o pecado, he esperar pella emmenda a misericordia, mas com esta terrivel condição, que em

quanto Deos não castiga o peccado por esperar pella emmenda, se o peccador se não aproveita de tão grande misericordia a misericordia não castiga, *Non queret*, mas a ira cresce, *Multitudinē irae suae*; a misericordia espera, *Non queret*, mas em quanto espera a misericordia, a justiça vaíse exasperando, *Exacerbat. Dominum peccator.*

S. Aug.
expon.

Assi explicou S. Agostinho este lugar, *Multum irascitur Dominus, dum non exquirit, dum quasi obliuiscitur*: quando Deos não castiga mostrando, que se esquecse, vai crescendo muito a sua ira, *Multum irascitur Dominus*. E no mesmo lugar acrescenta Agostinho estas palavras, *Nemo gratuletur homini, cuius peccatis deest ultor, adest laudator: maior haec ira Domini est.* Ao peccador q̄ não vires castigado por Deos, antes louvado pelloz homēs não lhe deis o pera bem, dai-lhe o pera mal, *Non gratuletur*, & porque? Porque esse não castigo he o mayor castigo, essa misericordia a ma-

yor he a maior ira, *Maior haec ira Domini est.* E se não vede.

15. Não castigou Deos logo a Caim com a morte pello fraticidio de Abel, mas ficou por isso menos castigado Caim? Não, antes mais. Depois de Caim andar desterrado pello mundo, a-borrecido de todos em summa confusão, & miseria, veio a morrer de zestradamente e hū bosque reputado por fera, sendo o seu Algos Lamec seu neto. Na dilacão cresceu cō a ira o castigo, *Maior haec ira.* Não castigou Deos logo a desobediência de Saul, o usurpar pera si o officio Sacerdotal, a enveja, & odio, com q̄ perseguio a David, & as ingratições, com q̄ se ouve com hum vassalo, aquem devia a vida, a hōra, & a Coroa, mas ficou por isso menos castigado Saul? Não, antes mais. Olhai pera os mōtes de Gelboe, & vereis o fim mais desgraçado do mesmo Saul, afrontosamente ali vencido, morto aos fios da sua propria espada, & depois pendu-

pêdurado de hũa ameya nos muros de seus inimigos. Na dilação do castigo, cresceu com a ira o castigo, *Maior hæc ira.* Não castigou Deos logo as loucuras, & ambiçõens de Absalão rebelde a seu Rey, & a seu Pay, nem as impias, & infieis politicas de Achitofel alheas de toda a ley divina, & humana; mas ficarão por isso menos castigados Absalão, & Achitofel? Não, antes mais. A hũ vereis enforcado por suas proprias mãos em huma trave da sua caza, & a outro prezo pellos seus mesmos cabellos aos braços de hũa anziaheira, com aquelle coração, q̃ lhe abafava no peito trespassado cõ tres lançadas. Na dilação do castigo cresceu cõ a ira o castigo; *Maior hæc ira.* Deixo os exemplos de Iezabel, & Achab, de Antiocho, & Balthezar: a Iezabel precipitada de huma janella do Paço lhe roerão os caës os ossos: a Achab morto com hũa seta lhe láberão o sangue: a Antiocho Sacrilego comerão os bichos vivo; & a Balthe-

zar pecando no banquete, & rindo, cõ violencia lhe foi tirada a vida, & de repente. Na dilação dos castigos crescerão com a ira os castigos, *Maior hæc ira.*

16 E se he maior a ira de Deos, & por consequencia o castigo, quãdo o castigo tarda, porq̃ a misericordia espera, como nos fiamos na dilação do castigo pera pecar, & rir, se sobre o pecador, a quem mais esperou a misericordia, veyo a mão mais pezada, carregou o mayor castigo, & a mayor ira, *Maior hæc ira?* Catholicos, não vos engane o Demonio, quem se conhece por culpado, appelle sê mais dilação pera o arrependimento, & do rizo pera as lagrymas, q̃ de outra sorte tudo vai errado, tudo são enganos, & tudo vai perdido. Pecar, & rir he erro, diz o Spirito Santo por Salamão, *Resum reputavi errorem:* pecar, & rir, & depois esperar a salvação, tambem diz q̃ he engano, *Et gaudio Eccles. dixi, quid frustra deciperis. 2. 2.* Pois hei de caminhar erra-

do, vendo q̄ vou errado? Isso he ir buscar o precipicio. Pois hei de viver enganado, conhecendo o meu engano? Isso he perderme, & querer perderme. Pois q̄ remedio? Em lugar do pecar, & rir, arrependimento logo sobre o pecado, & lagrymas sobre o rizo. Pecava o Prodigio, & hia se rindo, mas tanto, que advertio, que caminhava errado, *In se reversus*, diz o

Luc. 15. 17. Texto; que fez o Prodigio? vio o erro, & voltando o caminho, arrependeu-se do pecado, *Peccavit in Calum, & coram te*. Hia pecando a Magdalena, & rindose; mas tanto q̄ conheceu, q̄ as galas, & os alfinetes, q̄ os sequitos de melhor prendida, & de mais fermosa, tudo erão enganos, *Ut cognovit*, que fez a Magdalena? Deixou as galas, quebrou os alfinetes, despredeu o alinho, desprezou a beleza, & lançada aos pès de Christo em lagrymas de

dor derretida, com as lagrymas apagou os pecados, & com o choro os rizo, *Lacry* *ibi.* 18. *mis capit rigare pedes ejus: remittuntur ei peccata multa.* *ibi.* 47.

17 Este he o remedio do pecado; supposto que se cometeu, chorallo, & sò estas são as lagrymas bem choradas, chorar cá pera rit no Ceo, & não rir cá pera chorar no Inferno. Bemaventurados os que chorão, diz aquella Senhor, q̄ não tendo pecado proprio chorou os alheyos, *Beati qui lugent.* Esta vem a ser a bemavêturança, & o rizo no Ceo, *Beati*, chorar cá na terra, *Qui lugēt;* E David q̄ dizia? *Qui seminant in lacrymis in exultatione metent;* que semea em lagrymas, o q̄ colhe he rizo: ò lagrymas que soubera bem chorarvos! Sò sobre o pecado sois bem choradas: ò pecados, & como vos não choramos pera chorarmos bem.

Math.

5. 5.

Psalms.

125.

5.



STROMA VIII.

HA HOMENS, QUE SE ESCANDALIZÃO, & fazem do nada muito: mas o mi-
lindrozo deste zelo são menti-
ras, ou injustiças.

§. I.

Quem poderá negar, que no mundo, neste grande & espaçozo theatro, faz mais papeis a mascara, que a lizura? No Egypto erão muitos os encantadores de Pharaõ, & sò Moyfes, & Aarão os sem mascara. Em Samaria erão quatrocentos os Prophetas falsos, & mentirozos, & sò Micheas o verdadeiro, & o

lizo: Sempre este mundo ou foi Egypto de encantos, ou Samaria de mentiras. Adverti que ha Prophetas falsos, diz Christo, *Attendite à falsis Prophetis; E falsos como? mudando a figura: são muitos por dentro lobos, & por fora não ha maisovelha, Veniunt ad vos in vestimentis ovium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces.* Por fora a lam, por dentro a neve, por fora o suave, por dentro o desabrido

Math. 7. 15.

3. Reg. 22. 6.

brido, por fora a prophécia, por dentro a falsidade; em fim por fora a mascara de lam, *in vestimentis ovium*, & em fim por dentro os zelos, & as entranhas de feras, & de feras, que tudo rapão, ou arrebatão, *Intrinfecus autem sunt lupi rapaces.*

2. E sendo estes embuçados os que como lobos devorão Meninos, lançando sobre a cara a pelle, & a lam da ovelha, querem que lhe venereis a pelle, & vos confieis na lam, como se vós não soubesseis, que nem toda a pelle he boa, & q̄ tambem havia lans, em que não convinha fiar, nem confiar. Mas pera que elles saibão, q̄ por mais, que se encubráo, & emmascatem, não falta quem os conheça, descubramos lhe no theatro a cara, & vejamos como em muitos os milindres, com que vos notaão, não he zelo, mas mē-tira, não he lizura, mas mascara.

3. E em que cazo poderemos ver, & à cara descuberta, os embuces de muitos

homens? Prouvera a Deos não foraõ os cazos tantos, mas seja hum delles hum dos mais notaveis da Escri-tura. A mais renhida con-troverfia em toda a Escri-tura Sagrada foi a que se levã-tou em hum sabbado em Je-rusalem, dando Christo vil-ta a hum Cego. Conta o cazo o Evangelista S. Ioão, & cõ tirar das azas do Spiri-to Santo a penna, com que o escreveu, parece não acaba de contallo em todo o Ca-pitulo nono. Foi pois o ca-zo, que vendo Christo a hum Cego de seu nacimen-to, compadecido o Senhor de que a mesma natureza não puzesse os olhos neste homem, antes lhos tirasse, cospe o Senhor na terra, & da saliva, & do pô forman-do hũ pouco de lodo, poẽ-no sobre os olhos do Cego, & aquelle lodo, que parece o havia de cegar mais, foi o que lhe abriu os olhos, & deu vista, *Lutum, mihi posuit super oculos, & lavi, & video.* Ioann. 9. 15. E como os grandes succel-sos tem as azas do seu tama-nho,

nho, voou a fama deste ca-
 zo tão apressada, que num
 instante, passando do vulgo
 aos mayores o rumor, che-
 gão os Escribas, & Farizeos,
 & achando ao povo dividi-
 do em bandos sobre o mila-
 gre, chamão ao Cego, &
 perguntaõlhe como via. *In-
 terrogabant eum Pharisei,
 quomodo vidisset?* O Cego,
 que ja era então testemu-
 nha de vista, lhes contou o
 cazo, como succedera, &
 temos referido. Aqui de no-
 vo se levantou entre os Es-
 cribas, & Farizeos tal con-
 troversia, que diz o Evange-
 lista houvera schisma entre
 elles. *Et schisma erat inter
 eos.* A schisma era de affe-
 ctos, que ordinariamente
 em havendo affeçoens, te-
 mos schismas. Huns affe-
 ctão pera Aragão, outros
 pera França, estes pera Ge-
 zar, aquelles pera Pompeu,
 & todos, como os Farizeos
 de hoje, schismaticos. Huns
 dizião, que se Christo fora
 homem peccador não po-
 deria obrar tal maravilha,
Quomodo potest homo pecca-

tor hæc signa facere? Ou-
 tros gritavaõ, que não po-
 dia Christo ser homem má-
 dado por Deos, & porque?
 Aqui agora os escandalos, &
 os zelos. Porque Christo,
 dizião elles, não guarda os
 sabbados; *Non est hic homo
 à Deo, qui sabbatum non
 custodit.* E o cazo foi, que
 Christo num sabbado, que
 era o dia santo daquelles
 tempos, tinha dado vista ao
 Cego, *Erat autem sabbatum;*
 & como se dar vista
 a hum Cego num sabbado
 fora quebrar o sabbado, os
 Escribas, & Farizeos muito
 escandalizados, & todos che-
 yos de zelo, arguirão ao Se-
 nhor desta falta, *Sabbatum
 non custodit.*

4. Mas ha escandalos
 mais mentirozos, & zelos
 mais falsos que estes? Expli-
 quemos estes zelos com ou-
 tros, & logo veremos mais
 de vagar os do nosso cazo.
 Leva Deos pellos cabellos
 a Ezechiel ao Templo de
 Ierusalem, & que vio ali o
 Propheta? Vio no fron-
 testepicio do Templo sobre a
 porta

*Ibid.**Ibi. 16.**Ibid.**Ib. 14.*

porta a hum fermozo Idolo, que chamavão do zelo, *Ezech. Et ecce ab Aquilone portae altaris Idolum zeli in ipso introitu.* E temos o zelo no frontespicio. Agora da porta, entra tu dentro do Templo, diz Deos a Ezequiel, & adverte no que la vay. Entra Ezequiel, & dentro do Templo que vio? Vio as paredes todas pintadas de cobras, & de lagartos, de Tigres, & leoões, & de todo o genero de Idolos, *Et ecce omnis similitudo reptiliũ, & animalium, abominatio, & uniuersa Idola domus Israel de picta erant in pariete in circuitu per totum.* E quem ha agora de unir o que vai dentro do Templo, com o que la fica no frontespicio? O que fica no frontespicio he o Idolo do zelo, *Idolum zeli*, & o que vai dentro do Templo são cobras, & lagartos, *Omnis similitudo reptilium*, são Leoões, & Tigres, & *animalium*, & em fim todas as idolatrias, *Uniuersa Idola*; & quem ha de unir idolatrias dentro do Tem-

Ibi. 10.

plo com zelos no frontespicio? Quem ha de unir hũa cara por fora - tão santa, como zeloza, com cobras, com lagartos, com Tigres, & com leoões no peito? Mas isto he o que vai no mundo, zelo no frontespicio, zelo na cara; mas se do frontespicio entramos dentro do Templo, se da cara entramos nos coraçãoes, tudo são mentiras. No frontespicio a imagem de hum Santo, & por dentro cobras, & lagartos! Mentira no frontespicio. Na cara a mansidão toda, & socego, & no peito leoens, & Tigres! Mentira na cara. Em fim por fora todo abrazado em zelo, *Idolum zeli*, & por dentro abraçando as idolatrias todas, *Uniuersa Idola*: Mentira no zelo.

5 E eis aqui o que diziamos, os Farizeos, & muitos semelhantes a elles, zelando, mas mentindo. Fez Christo no sabbado o milagre do Cego, em que fallavamos, *Erat autem sabbatum*, & os Farizeos que disse-

Ioann.
Chryf.
in Ca-
ten ibi.

differão? Callando malicio-
samente o milagre, como
adverte São Ioão Chrysof-
tomo, *Malitiosè quod factum
est filentes*, sò differão, & sò
notarão, que Christo não
guardava o sabbado, *Sabbat-
tum non custodit*. Vinde cà
maliciosos; compadecer de
hum homem num sabbado,
& fazerlhe o bem que posso
num sabbado, he quebrar o
sabbado? Mentis. Consolar
hum triste, curar hum en-
fermo, abrir os olhos a hum
Cego, & fazelo ver num
sabbado, he não guardar o
sabbado, *Sabbatum non cus-
todit*? Mentis. Escandalos
ha, & zelos ha, que logo no
frontèspicio mostrão que o
que vai là dentro, ou saõ as
serpentes do odio, ou as co-
bras da malicia. Haveis de
fazer o bem, & hão de velo
os homens, mas se elles vos
não poderem ver a vòs, o bẽ
que fizeres, não ha de ser gra-
ça, ha de ser delicto. David
tocava com tanta graça a sua
Cythara, que não sò alivia-
va as melancolias de Saul,
mas a hum Demonio, que o

atormentava, lançavalho
fora do corpo, *David tolle-
bat Cytharam, & percutiebat
manus sua, & refocillabatur
Saul, & recedebat ab eo spiri-
tus malus*. Porem Saul, de
quem diz o Texto, que não
podia ver a David, *Non re-
ctis ergo oculis Saul aspiciebat
David*, que fazia? No mes-
mo tempo, em que Saul re-
cebia de David aquella gra-
ça, & merce, pegava Saul da
lança pera matar a David,
*Nisus est Saul configere Da-
vid lancea*. Pois a merce a-
gradecida como se fora ag-
gravo? Pois a graça recom-
pensada, como se fora deli-
cto? Sim, que não podia Saul
ver a David, *Non rectis ocu-
lis aspiciebat David*; E pera
quem vos não pode ver ou
por odio, ou por inveja, por
mais beneficios, que lhe fa-
çais, o odio fará da merce ag-
gravo, a inveja fará da graça
delicto, *Nisusque est Saul co-
figere David lancea*. E então
esta he a consciencia, este he
o zelo, & o esferupulo: ha-
veis de consolar o triste, &
alevialo na sua magoa, &
dor-

dor, *Et refucillabatur Saul*, E ha de haver consciencias, que hão de dizer, que a vossa consolação, & alivio, ou foi ociozidade na Cythara, ou conveniencias, de quem atocava: haveis de ser tão justo, & santo, que à vossa vista o mesmo Demonio ha de temer, & fugir, *Recedebat ab eo*; & ha de haver zelozos, que hão de dizer, que a vossa justiça merece hum tiro, & a vossa santidade huma lança. Em fim, haveis de fazer milagres, mas se os fizeres em dia Santo, pelo menos hão de dizer de vós, que não sois o Santo daquelle dia, *Non est hic homo à Deo, qui sabbatum non custodit.*

§. II.

6. **M** As se os homens, como seus primeiros pays no Paraizo, pera capearem as suas mentiras herdarão de Adão a capa, dizem os Farizeos embuçados, que o seu zelo, & escrupulo não está em Christo

no dia Santo fazer o milagre, mas em que Christo no dia Santo quebrasse a ley pondose a trabalhar cuspidor na terra, formando o lodo, & pondoo nos olhos do Cego. Pois ahi está o pecado, & esse he o vosso zelo, & escrupulo? Ora declaremos o zelo, & escrupulo de te trabalhar de Christo, depois declararemos o do cuspir. Quer Christo em outro sabbado curar a hum homê hydropico, & faz aos Farizeos esta pergunta, *si licet* *sabbato curare?* Se era licito curar no sabbado? Pera os Farizeos irem coherentes, haviaõ de responder ao Senhor, que a cura no sabbado era illicita, & pecaminosa; mas o Texto diz que elles se calarão, & se fecharão sem dizerem palavra, *At illi tacuerunt.* Ahi ha homens que se lhe dà pouco de concordarem nos textos: se zelar as leys lhes serve, zelão as leys, & o zelo falla, & grita; se o zelar as mesmas leys lhes não serve, já o zelo se cala, & emmudece, *At illi*

tacue-

Ibi. 5.

tacuerunt. Mas o Senhor, q̄ penetra os coraçõens, por mais que a boca se tape, cura no sabbado ao hydropico, & voltando sobre os Farizeos maliciozamente calados, argumentalhes assi cõtra os pensamentos. *Cujus vestrum asinus, aut bos in puteum cadet, & non continuo extrahet illum die sabbati?* Aquem de vós cahiria hum boy, ou hum jumento num poço, que logo logo o não fosse tirar do poço, ainda q̄ fosse num sabbado? Pois hum jumento, & hum boy, diz Christo, podem tirarse de hum poço em boa consciencia num sabbado, sem q̄ o custo, & o trabalho de os alar, & por em salvo seja quebrar o sabbado; & hum homem racional, & mais Ir-mão vosso, que o jumento, & o boy, não pode curarse num sabbado, sem quebrar o sabbado, mas que a cura não euste senão huma palavra, & hum cuspo? Bons zelos, & bons escriptulos; mas tão mal atados, que nenhum concorda. De sorte que o

jumento no dia Santo a todo o trabalho àlese acima, & o hydropico não se cure! De sorte que o boy no sabbado faya do Poço a ver a luz, mas o Cego fique cego, & nem veja; nem seja visto! Ha tais consciencias? O se advertissem os homens na deformidade, & injustiça destes juizos! Que sem escriptulo, antes com muito zelo, se dê no mundo a mão a hum jumento, & a hū boy, pera que subão, & a hum homem racional, & de juizo, q̄ seja pecado não lhe dar com o pè pera que caya, que mayor deformidade! Que fique no poço afogado o que havia de levar o premio, & a coroa; & quem nem premio, nem coroa merecia, que esse faya gloriozamente do poço a ser coroado nos Paços, que mayor injustiça! Vamos aos primeiros.

7 Duas columnas ambas firmíssimas colocou Sallamão às portas do Templo, *Ante fores Templi duas columnas*, acreseenta porem

2. Par.
3 15.

O Tex-

o Texto, que sobre os capi-
teis das columnas fizera re-
levar o Rey hũa como ca-
deas, *Nec non & quasi cate-
nulas in oraculo, & superpo-
sunt eas capitibus columnarũ.*

Por estas columnas, confor-
me a glossa, se entendem os
Ministros das palavras, & o-
raculos de Deos, *Columnæ
Ministri sermonis Dei.* Pois
se as duas columnas são dous
Ministros divinos, porque
lhes poem Salamão as ca-
deas sobre as cabeças? Elles
são dous Oraculos, & am-
bos prezos? Elles são duas
cabeças ambas divinas, &
em ferros as cabeças, *Cate-
nulas capitibus columnarum?*
Sim, que quiz Salamão na-
quella obra mysteriozame-
te representarnos o q̄ havia
de succeder no mundo aos
que nelle fossem as colum-
nas, ou os mayores homens.
Soys columnas, que podeis
sustentar sobre vòs a fabrica
do mayor pezo? Pois a pa-
ga que vos darà o mundo
não serão os colares de Io-
seph, mas as cadeas de Ma-
nasses. Sois ministros, cujas

cabeças são oraculos, & co-
mo os capiteis das colum-
nas, as que mais se remontão
ao Ceo? Pois a coroa, que
nessas cabeças vos porà o
mundo não ferà ò peito do
Principe, como a Ioão, mas
òs ferros de Herodes, como
a Pedro, *Catenulas superpo-
sunt capitibus columnarum.*
Ah mundo pera coroar a
grandes homens sempre fal-
tandote os premios! Mas
voltando aos segundos; ah
mundo pera apremiar a bru-
tos sempre sobejandote co-
roas.

8 Não sò como dizia-
mos, os que são no mundo
as columnas, são os prezos,
& encadeados; mas muitas
vezes pera os que merecião
as cadeas sobejaõ os pre-
mios, & as coroas. Consul-
temos a S. Ioão no Apoca-
lypse, & entre os porten-
tos daquelle livro achare-
mos ahi pintada esta defor-
midade. Vê São Ioão no
Apocalypse a huma Besta
com dez pontas, & sete ca-
beças, & sobre as pontas ti-
nha dez coroas, *Vidi de mari*

Apoc.
13. 1.
bestiam

bestiam ascendentem habentem capita septem, & cornua decem, & super cornua ejus decem diademata. Claro está aqui o escrupulo, mas porque aqui havia de estar, não esteve aqui. Se eraõ sete as cabeças daquelle moftruozo bruto, *Capita septem*, como eraõ dez as coroas, *Decem diademata*? Pera sete cabeças, & cabeças, como aquellas, não bastavão sete coroas? Pois pera que são dez, se sobejão tres? Porque effes são os escrupulos no mundo. O cazo foi, que S. Ioão diz que vio aquelle bruto no mar do mundo, *Vidi de mari bestiam*; & no mundo, se pera os merecimentos faltão os premios, pera os brutos sobejão coroas, *Decem diademata*; & então querem, que digamos a isto, que tudo se obra com zelo, & com escrupulo. A besta de que fallamos, diz S. Ioão, era semelhante a hũ

Ibi 2.

Pardo, *Similis erat Pardo*; & então o zelo he coroar os Pardos. Tinha mais a besta os pès de Urso, & a boca de

Leão, *Pedes Ursi, os leoni*, & então o escrupulo he, que os pès dos Ursos vos pizem as cabeças em boa consciencia, & que as bocas dos leões traguem todas as honras sem offensa dos que as merecem. Mas por isso a besta trazia nas cabeças hum morte, que dizia, *Nomina blasphemie*; sabeí que o que aqui vedes tudo são blasphemias; Pardos, & coroados, são blasfemias, & não zelos; Ursos, & Leões cõ as honras, & com os premios, são blasfemias, & não escrupulos, *Nomina blasphemie*.

9 Esta he a verdade, que as blasfemias tamanhas como Pardos, & como Ursos, & como Leões se engolem, & ainda digerem, sem que a consciencia remorda; mas se a hum Cego se der vista nũ dia Santo, aqui a espinha, a que o escandalo, aqui as leys quebradas, *Sabbatum non custodit*. Busquei com quem comparar a estes homens, & achei que os seus zelos, & escrupulos erão semelhantes à Baleya de Ionas. Os

H

que

que sabem das Baleyas dizem que este monſtruo, o mayor, que vive nas ondas, he tão meudo, & eſcrupulozo em engulir, que metêdo de hum golpe na boca mil fardinhas, não as engole, nem leva pera baixo, ſe não huma, & huma. Agora lede as Eſcrituras, & achareis, que chegando a bordo de hum navio huma Baleya na tempeſtade do mar do Iope, ella alargou o gorgomilo de modo, que de hum bocado engolio inteiro ao Propheta Ionas, veſtido, & calçado, *Et erat Ionas in ventre piſcis.* Pois comer huma Baleya duas fardinhas juntas he tão grande peccado, que não tem garganta pera engolillo, & comelhe a hũ homem athe os veſtidos, & comello a elle inteiro de hũ bocado, & iſto iſtã ſantõ, & muito bem comido. Os grandes reſpeitos hão de caber no eſtamago do Luiz, a peita, & dadiva groſſa ha de engullilla o Letrado, & o Miniſtro, ſem ſe engaſgarê, & o pobre de poucos ref-

peitos, & que sò tem duas fardinhas pera dar à Baleya, aqui a garganta tão eſtreita, & apertada, que as não pode engulir? Lembrame aqui, que houve em Caſtella hum Miniſtro chamado Fulano de Torroens muito eſcrupulozo em aceitar dadivas de pouco pezo, ou encomendas de pouco porte, & eis que lhe offerecem hum dia huma dadiva bem pezada, & de porte ſubido, & o Torroës ſem eſcrupulo daquelle pezo, de que lhe não pezou, beijou logo a mão ao bemfeitor pela meree, que lhe fizera, & recolheu-a: ſoubefe o caso logo (que ou mais logo, ou mais depois tudo ſe ſabe) & perguntado o Torroës por alguns amigos, como ſendo tão izento, & duro pera aceitar o pouco, aſſi ſe dobrara pera aceitar aquella dadiva? O Torroens alludindo a eſte ſeu appellido, reſpondeu, ſenhores, ſe dadivas quebrantão penhas, que farão aos Torroens. De ſorte que o Torroens pera

aceitar

Iona. 2.
1.

aceitar o pouco faziasse huma penha, mas a mesma penha pera aceitar o muito defaziasse em Torroës. Oh zelos; Oh escrupulos.

§. III.

P Assemos agora aos zelos, & aos escrupulos do cuspir, & vejamos como ha homens, que nem cuspir vos deixão. Pera curar ao Cego cuspio o Señor na terra, *Exspuit in terram, fecit lutum*, ungiu os olhos do Cego, *Linxit lutum super oculos ejus*, & deu vista ao Cego, *Et venit videns*. Este cuspo, q̄ deu dos olhos do cego pera louvar a Deos o Cego, deu tambem nos olhos dos nossos escrupulosos os Escribas, & Farizeos, pera notarem a Christo de quebrantador da ley, *Sabbatum non custodit*. Adverte Salamão que huma faisca de fogo asfo prada arde, mas se lhe cuspoz encima, apaga-se, *Si sufflaveris in scintillam, quasi vni exardebit, & si ex-*

Eccles.
28. 14.

pueris super illam, extinguetur; Eu porem vejo agora que a scintilla do zelo dos Farizeos não se apagou com o cuspo de Christo, mas accendeuse. Ha homens, que se accendem sò de vos verem cuspir. O cuspo de Christo foi o que fez o milagre no Cego abrindolhe os olhos; mas ainda que sefais tão milagroso, q̄ façais milagres cusbindo, hão de accenderse as faiscas, & hão de notarvos o cuspo. E este fogo do zelo com que escrupulo de consciencia? Ora ouvi, & pasmai. Entra Christo prezo em casa de Cayphas, & entre as muitas afrontas, q̄ ali padeceu, creyo que a mayor das mayores foi cuspiremlhe na cara, *Expuerunt in faciem ejus*; *Math.* 26. 67. Ha tal afronta, & na face de Deos! Grande foi sempre o sofrimento de Christo, mas agora o vejo cuspidido o espelho do sofrimento. E que vos notem hum cuspo milagroso os mesmos, que sacrilegamente vos cospem na Cara! Que haja de ser em

vòs delicto, o que feito por outros he virtude! Christo cuspido na face, seja quão grande pecado for, està bem cuspido; & Christo se cuspir na terra, mas que faça milagres, ha de ser peccador, & peccante! E quem entre tais homens poderá viver, se nem pode cuspir! O Santo Iob queixavasse a Deos de que o mesmo Deos o não deixasse engulir, & levar pera baixo o cuspo, *Usque quo non parcis mihi, nec dimittis me, ut glutiam salivam meam.* E que rezão de queixa he esta? Não engulir Iob o seu cuspo, nem levalllo pera baixo ha de ser tão molesto a Iob, que ha de queixase de Deos lho não deixar engulir? Sim, diz Iob, quizera engulir todo o meu cuspo d'entro de mim, porque como vivo entre homens, que se cuspir fora, me hão de notar athe o cuspir, por não soffrer a tais homens, quizera antes engulir todo o cuspo comigo, *Ut glutiam salivam meam.*

11 E que mayor sem

rezaõ, que não deixe, nem cuspir, quem cospe na cara dos outros? Basta que todos os meus zelos, & escrupulos hão de ser de mim pera vòs, & nenhum zelo, nem escrupulo de mim pera mim? Pera os outros Aguia, pera mim morcego? Pera os outros lince penetrando fete paredes, pera mim Toupeira sempre cego, sem me conhecer? Ah zelos, ah escrupulos de Ierusalem! Mas ah nação Portugueza, que tambem os vossos zelos, & escrupulos vão pera aqui! Quãtos Portuguezes, que não se conhecendo a si, nem a sua fraqueza, nem o seu pouco prestimo, a todos notão, a todos mordem, não lhes perdoando, nem o cuspir! O que vòs nota he o ninguem, he o ambiciozo, he o injusto, o ignorante, o soberbo, & o mal procedido, & vòs haveis de ser tudo isto, não o sendo, sò porque o seu escrupulo quis dizer de vòs o que elle era. Quereis saber, Portuguezes, o q' alguns fomos? Se aqui viesse

hoje

hoje Iozue Conquistador que foi de trinta, & tres Reynos, & de quem o mesmo Sol se prezou de ser soldado, quizesse ser aqui não digo General, mas Capitão, havião de oporlhe os Portuguezes, que fora Criado de Moyfes, & que por ter servido ja não servia. Venha aqui Aarão summo Sacerdote, & com a sua vara a mais florente, & milagroza, queira governar aqui o Ecclesiastico, & vereis se lhe não poem logo na praça o Bezerra do dezerto, & os rigores da sua vara no Egypto: Venha o mesmo Moyfes o mais amante do povo, em todas as leys o mais sabio, o mais suave, & b-ando no seu governo, & queira ser aqui Regedor das justicias, & vereis se lhe não o poem, que ou por muito miudo he impertinente, ou por gago he arrebatado, & colerico. Em fim venha aqui Ioseph fidelissimo Ministro, & o mais industrio- zo em adquerir fazendas pera o seu Rey, sem vexar

os povos, & queira ser aqui Vereador, Luis da Coroa, ou Veedor da fazenda, & vereis se lhe não daõ na cara, ou com os seus tonhos, ou có as ovelhas, q̃ guardou a seu Pay Jacob. Pois Iozue o mais valente Capitão, & vòs hum covarde, & tendes animo pera notar a Iozue? Pois Aarão Sacerdote taõ consumado, & perfeito, & vòs hum indigno, & com a irregularidade no rosto, & tendes cara pera notar a Aarão? Pois Moyfes o mais perito nas leys, & o mais prudente Varão, & vòs de taõ pouco estofo, & esfera taõ limitada, que nem sabeis a definição da justiça, & entravos nessa cabeça notar a Moyfes? Pois Ioseph o mais experto, o mais cuidadoso, & advertido Minifistro, & vòs sem experiencia alguma dando com a barca no monte, & a travéz com quanto vos entregão, & não tendes pejo de notar a Ioseph?

12 Senhores meus, pe-
ra remedio de tantos males,

H 3 que

que o intento deste discurso, perguntara eu agora qual era a causa desta enfermidade tão commua? Não se curão bem os achaques, senão lhe sabemos as raizes, & qual será a raiz de tanto notar, & de tão meuda consciencia pera com os outros naquelles mesmos, que são os notados de consciencia nenhuma? Eilo vay: he que vós sois vós, & os outros são outros, & porque ninguem considera que de si pera si são as estimações sospeitozas, & que pera com os outros a nota, & o desprezo, ou pode ser inveja, ou odio; daqui nasce, que vós pera com vós mesmo não vendo pera o escrupulo as culpas gravissimas, em que cahis, nos outros, & tal vez porque são soes, notais as arestas. Em huma caza sem luz nada se vê, & por isso nada se nota: entra na caza o Sol, eis as arestas sem conto, & o Sol cheyo de arestas. A caza sem luz he cada hum de nós pera comfigo, & porque nesta

caza, por falta do conhecimento proprio, que he a luz nada se vê, como nada vemos, nada notamos na propria caza. O Sol, que vindo de fora, entrou na caza, são os outros, & porque são outros, & não eu os que luzem, logo os atomos em exercitos voando andão acometendo o Sol, & as arestas em tropas, humas abaixo, outras acima, andão apresentando ao mesmo Sol mil batalhas. Tanto vai de nós a vós; em nós, porque a caza está às escuras, não vemos os mayores delictos, nos outros, porque na sua caza entrou o Sol, logo enxergamos athe os atomos, como se forão exercitos, & as arestas se nos representam, como Cavaleiros armados. Parece incrível tal desigualdade de vistas, mas ainda mal, que tão verdadeira he tão notal desigualdade. Ouvi ao mesmo Christo.

13 Falla Christo de semelhantes homens, & diz assim:

Matth. assim: *Quid autem vides*
 7. 2. *festucam in oculo fratris tui,*
& trabem in oculo tuo non
vides? Homem, como po-
 de ser que enxergues hum
 argueiro nos olhos de teu
 Irmão, & a trave, que tu
 trazes nesses teus olhos, não
 a vejas? Ves argueiros, &
 não vês huma trave? Descob-
 res hum indivisível, & não
 enxergas huma montanha?
 Mais, se hum argueiro nos
 olhos perturba de tal sorte
 a vista, que não deixa ver
 huma trave, como tendo tu
 huma trave nos olhos, en-
 xergas hum argueiro? Por
 isso eu dizia, que parecia
 incrível esta desigualdade
 do ver; mas o eu, & o vós
 he tão poderozo, que o que
 parecia incrível, falo verda-
 deiro. Aonde está a aresta?
 Nos olhos do vosso Irmão,
In oculo fratris tui. Aonde
 está a trave? Nos vossos o-
 lhos, *In oculo tuo;* pois eis
 ahí o que faz o eu, & o vós,
 que a aresta, que nos olhos
 alheyos, porque são alhey-
 os, me não escapa, *Vides*
festucam, nos meus olhos

porque são meus olhos,
 nem huma trave enxergo,
Trabem in oculo tuo non vi-
des!

14. Ah cazas sem luz!
 Quando haveis de abrir as
 portas ao entendimento, &
 conhecervos a vós? São Ber- *S. Bern.*
 nardo, & Santo Agostinho *de in-*
 dizem que a sciencia do *ter.*
 proprio conhecimento he *domo.*
 a mais alta, & proveitoza *S. Aug.*
 de quantas hão inventado, *lib. 4.*
 & achado os homens. Esti- *de Tri-*
 mão em muito os homens, *nit. in*
 diz Agostinho a sciencia *proam.*
 das cousas do Ceo, & da
 terra, a sciencia da Astrologia,
 Comosgraphia, o saber
 dos movimentos do Ceo, o
 Curso dos Planetas, suas
 propriedades, & influen-
 cias; porem o conhecerse
 hum homem a si mesmo, se
 he a mais proveitoza sciencia,
 he a mais alta, & difficul-
 toza de todas. Aquelle *Paul.*
 Sabio Grego Thales Mile- *Manu.*
 z o perguntado qual era *in apo-*
 entre as cousas naturais a *ph.*
 mais difficultoza de saberse;
 respondeu que o conhecer-
 se hum homem a si mesmo.

Genes.
3. 19.

Genes.
3. 5.

Adão com as sciencias das couzas naturais desconheceula a si: era terra, *Pulvis es*, & meteuselhe na cabeça, que podia ser mais que Ceo, *Eritis sicut Dij*, Tanto vay de huma a outras sciencias, que o mesmo homem, que sabe de todas muito, de si não sabe. E se eu não sei de mim, & me não conheço, que hei de fazer, se não o que feço? Nos outros notar arestas, em mim não enxergar traves; se o mesmo Christo cuspir, peccou, & eu engulindo os mayores peccados, como se engulira hum pouco de cuspo, sou hum santo. E eis ahí os zelos; & eis ahí os escrupulos dos que vendo os vossos argueiros, não vem as suas traves: elles não seguem a rezão, porque sem ella vos offendem, elles não guardão a justiça, porque sem ella vos condenão; elles não abraçãõ a misericordia, porque sem ella vos castigão; elles não amão a Charidade, porque sem ella vos aborrecem, & vos

desprezão, & entrão elles sem Charidade, elles sem Misericordia, elles sem justiça, elles sem rezão, & muito escrupulozos, & santos, & vòs porque sois vòs, & vòs não elles, ainda que pareçais o mesmo Christo, se cuspires na terra, *Expuit in terram*, não guardais o sabbado, *Sabbatum non custodit*.

§. IV.

15 **M** As o que eu estranho mais no zelo, & escrupulo de alguns não he o condenarem diante dos homens athe o vosso cuspir, mas que diante de Deos tambem vos condenem? A temeridade deste juizo he mais pera estranharse. Que vos condenem hũ cuspo, como a Christo, & curar a hum Cego no sabbado, sò porque he sabbado, he condenarem-vos diante dos homens as vossas aççoens externas, & isto he menos; mas que daqui se infira, & argumente, que vos

vòs diante de Deos foys hum precito, pois não foys homem de Deos, *Non est hic homo à Deo*; isto estranho sobre tudo, & porque? Porque se the agora forão os zelos, & os escrupulos das telhas abaixo, agora já sobe ao tribunal divino. He pòssivel que tambem no tribunal divino vos hão de condenar os homens! Não basta que os seus zelos vos condenem cá, se não que tambem vos hão de condenar lá? *Tu quis es, qui iudicas alienum seruum*, diz o Apostolo, & quem foys vòs pera affli julgar o seruo alheyo? *Domino suo stat, ant caddit*; se elle ha de cahir, ou ficar em pè, sò seu Senhor o sabe. Sò Deos conhece os coraçõens dos homens, diz Jeremias, *Ego Dominus scrutans cor*, & *probans renes*, & porque sò elle penetra o interior das almas, sò elle diz o Propheta, he o que salva a cada hum, ou o condena, *Do uniuersique iuxta viam suam*. E que sendo de Deos, & sò de

Deos o salvar, ou condenar os homens, eu me queira meter no direito divino, usurpando a Deos o seu direito, & sentenceando logo o que sò Deos me darà a saber no dia do juizo! *Cur enim ante tempus invadis Iudicis jus*, exclama aqui S. Ioão Chrysofomo: homem temerario, pera que te metes antes do tempo com o direito de Deos! *Cur pravenis diem illum terribilem?* Pera que apressas o terrivel dia do juizo, & ja nos poens a todos no Valle de Iozaphat? O dia do juizo ninguem sabe quando serà, diz Christo, *De die autem illa, & hora, nemo scit*; E que queiraõ saber alguns o que està decretado que ninguem sabia! Quem hoje me condena, sabe hoje o que sò se sabe no dia do juizo, & porque hoje me julga, o meu dia do juizo he hoje: E que faça que seja hoje o meu dia do juizo, quem não sabe o dia, nem a hora em q. Deos me ha de julgar? Brava temeridade!

S. Ioan.
Chryf.
hom.
28. in
Genes.
10m. 1.

Matb.
24. 36.

Ad
Rom.
24. 4.

Jerem.
17. 10.

Ibid.

16 Mas juizos assi temerarios , ouvime agora . Ninguem se meteu aonde o não chamão , que não fosse reprovado dos sabios . He certo que Deos pera julgar aos homens não vos chamou là do Ceo pera aconselhar-se com vosco , *Quis consiliarius ejus fuit* . Diz Izayas ; pois pera que he introduzirvos no Conselho , ou juizo pera onde não fois chamado ? Mais . E que juizo he o vosso , por mais delgado , que seja , pera vos pores a julgar os interiores dos homens , os seus pensamentos , & as tençoens , com que obrão ? Se o mesmo que vemos , & apalpamos , não o conhecemos , que será o invivel ? Se não sabeis como o bichinho da sua baba forma a seda , & estais vendoo : se não penetrais , ainda que a visses em hum cortiço de vidro , como a abelha compoem , & fabrica os favos de mel , as telas , & fios dos pensamentos , que se não vem , a fabrica dos favos interiores , &

tençoens que se não apalpaõ , como podeis velas , nem conhecelas pera julgalas , & condenalas ? Ahi não ha materia ao juizo dos homens mais abstracta , & mais recondita , que a da salvação , ou condenação dos homens . Pois em materia toda enlevada sobre o entendimento humano haveisvos de ajuizar , & querer condenar a huns , & salvar a outros ? Que mayor atrevimento , que hum homem , que nunca vio o mar , se não no Tejo , querer sondar , & tomar pè no mar sem fundo dos juizos de Deos ? Que mayor confiança , que hum homem que nunca vio o Mundo , se não no Mapa , querer medir pelo seu compasso a immensidade dos decretos divinos ! E que mayor ousadia finalmente , que hum homem que nunca vio a guerra , se não nos panos de Tunes , querer meter-se na mais renhida controversia dos auxilios divinos , da graça final , & predestinação

ção

ção dos homens : Pois a rudo isto se atrevera aquellos juizos, que com temeraria ouzadia vos julgaõ as palavras, as obras, & os pensamentos, & vos condenão ao Inferno pensamentos, palavras, & obras.

17 Nem muitas vezes basta o procedimento mais justo para evitar as temeridades de muitos. Iustamente procedia Abel, & foi julgado temerariamente por Caim : justamente procedia Jacob, procedia Ioseph, procedia Mardocheo, & Anna mãy de Samuel, & Jacob foi julgado temerariamente por Ezau, Ioseph temerariamente por seus Irmãos, Mardocheo por Amão, & Anna por Heli. Pois sabeis temerarios, que nem dos peccadores mayores podeis formar effes juizos, & condemnalos, quanto mais formalos com temeridade dos justos. Entra o Farizeu, & o Publicano no Templo a orar, & que conceito fez

o Farizeu do Publicano?

Os Publicanos na quelle tempo erão como Excomungados, & publicos peccadores, & este conceito formou o Farizeu quando vio orando o Publicano, *Non sum*, dizia elle, *sicut ceteri hominum; Luc. raptores, injusti, adulteri; 18. 11. velut etiam hic Publicanus.*

Parece que o Farizeu julgou do Publicano o que devia, mas elle ficou devendo ao Publicano o que julgava, & porque? Porque julgando que o Publicano estava metido no Inferno vestido, & calçado, o Publicano está diante de Deos justificado, & Santo, *Descendit hic justificatus in domum suam ab illo.* E eis ahí como se expõem os vestes juizos a grandes erros, ainda quando julgaõ grandes peccadores : meteis no Inferno a muitos, porque não sabeis os juizos de Deos, nem entraes no profundo dos seus decretos, que se lá entrásseis, não digo aos justos, mas

nem a Publicanos haveis de condenar. Dizeime.

18 Se vòs cà visseis a hum homem em caza de Cayphaz a quatro palavras de huma Escrava negar a Christo, que haveis de dizer? Dirieis, herezias. Mas se vòs entrasseis no juizo de Deos, que haveis de ver? Verieis que esse homem havia de ser São Pedro a cabeça da Igreja, & o Atlante da Fe. Se vòs cà visseis, que outro homem entregava a hum feu grande amigo huma carta, & que nella à falsa fé o mandava matar, que haveis de dizer? Dirieis, grande aleivozia. Mas se vòs entrasseis no Concelho de Deos, que haveis de ver? Verieis que esse aleivozo estava decretado no juizo de Deos pelo mais Santo dos Reys de Israel, El Rey David. Se vòs cà visseis a hū Acecino, que sahindo aos caminhos de embofcada, saltava sobre os caminhantes, & ao depois de lhe tirar a vida os despia, & os roubava, que haveis

de dizer? Dirieis, famozo Ladrão. Mas se vòs entrasseis no tribunal de Deos, que haveis de ver? Verieis que esse mesmo Ladrão estava predestinado pera no Calvario ser São Dimas. E porque tambem dellas não faltão exemplos, ouçamos hum. Se vòs cà visseis a huma mulher, que sahindo de caza tambem prendada, como bem prendida, se punha com o melhor garbo na rua, & que passando a terra a cara descuberta lhe não pezava de ter nacido; se visseis que, ou entrançando os cabellos, se prezava de atar nelles os homens, ou que arrojando pelas ruas as sedas, gostava de os levar apos si arrastados, que haveis de dizer? Dirieis, grande Maga, & feiticira. Mas se vòs entrasseis nos segredos incomprehensiveis de Deos, que haveis de ver? Verieis que a Maga havia de ser a mais arrepédida Maria, & a mais amante Magdalena a feiticira.

19 E se isto assim he pera que pasmeis, como não pasmais de vòs, das vossas apprehensoens, & dos vossos juízos? Se a hum peccador, ainda que publico, não posso condenar no tribunal de Deos, porque pode là ser Santo, como sem medo, como sem temor, como sem pasmo, a bons, & mãos, a Santos, & a pecca-

dores devendo condenar a nenhum, a todos condeno? Não vos metais com Deos onde vos não chama, tratai de vòs, & deixai os outros, & por fim de contas, ouvi a Concluzão de tudo. *Nolite Luc. 6. condemnare, & non condem-* 37. *nabimini*, diz a summa verdade, se não quereis ser condenados, não condeneis.





STROMA IX.

DEVEM ANHELAR OS HOMENS A

humã boa opinião de si mesmos: attento
pois ao bom exterior pera conse-
guilla, & conservalla.

§. I.

1 **P**OR mares nunca navegados, & por terras nunca descobertas buscarão sempre os homens a honra, as dilicias, & as riquezas; & com tal ancia, & fadiga, que se por terra comião a terra, pelos mares bebão os ventos. E qual he melhor? Honra, riqueza, dilicias, ou humã boa opinião? Homens ha tão ambiciozos de hum cargo honrado, tão cobiçofos da riqueza, & das dilicias tão

amantes, que dirão q̃ a honra chegue, ainda que a opinião não venha, & que entre na arca o dinheiro, & na caza as dilicias, mas que a opinião se vâ embora. Mas esta eleição tão errada seria na honra cegueira da ambição, seria nas riquezas cegueira da cobiça, & seria nas dilicias cegueira do gosto. Quando os Escribas, & Farizeos ambiçando as honras, *Amant primas Cathedras Math. 23. 6. in synagogis, quando cubiçando o dinheiro, Qui autem juraverit in auro Templi,*

pli, debet; quando em fim amando as dilicias na gala, & mais na gula, *Magnificant fimbrias*. *Amant primos recubitus in cænis*, quando, digo, assi desvelados nestes empregos não fazião cazo da opiniaõ, que perdiaõ, que disse Christo então delles? Vendoos mal procedidos, com a opiniaõ perdida, & na cara despejados, disselhes na cara que erão

Ibi 16. cegos, Væ vobis duces cæci. Pois se os Farizeos tinhão olhos, & vião, como erão cegos, & taõ cegos, que erão os Capitaes dos cegos, *Duces cæci*? He que perder a opiniaõ, como os Farizeos perdião por huma Cadeira, *Amant primas Cathedras*, he ambição da honra: he que perder a opiniaõ por andar descobrindo dividas, *Debet*, he cubiça do dinheiro; & he que perder a opiniaõ pelas delicias do trato, ou do prato, *Magnificant fimbrias*: *Amant primos recubitus in cænis*, he amar os appetites; & amar appetites, mas que a opiniaõ se perca, he cegueira

do gosto, *Cæci*, descobrir devedores, mas que a opiniaõ se perca, he cegueira da cubiça, *Cæci*, affectar as honras, mas que a opiniaõ se perca, he cegueira da ambição, *Cæci*.

2 E porque ha de ser cegueira, & a duqueza das cegueiras, *Duces cæci*, perder a opiniaõ por semelhantes affectos? Porque de duas cousas, se vos propuzessem a eleiçãõ de huma dellas, seria cego quem não elegeisse a melhor. E qual he melhor, torno a perguntar? Honra, riqueza, delicias, ou huma opiniaõ? Pera que logo assenteis que he verdade o que vos digo, digo não eu, mas o Espirito Santo, q̃ a boa opiniaõ he melhor, q̃ as delicias, que as riquezas, & que as honras. Ouçamos a Salamão, E quanto às riquezas em dous Textos: primeiro. *Melius est nomen bonum, quàm divitiæ multæ*. Prov. 22. 1. melhor he hum nome bom, huma boa opiniaõ, que muitas riquezas. E notai que não diz riqueza no singular, mas

mas muitas riquezas no plural, *Divitiæ multæ*, & porque? Porque vencer o pouco, he pouco, mas vencer o muito, he muito, como a boa opinião faria pouco em ser melhor que a pouca riqueza, & muito em ser melhor, que as muitas, sabei, diz Salamão, que a boa opinião comparada com as riquezas do mundo, não só vence a pouca, mas he melhor que as muitas, *Quam divitiæ multæ*; & confirme-se com o segundo Texto do Ecclesiastico, onde diz, *Curam habe de bono nomine; hoc enim magis permanet tibi, quàm mille thesauri pretiosi, & magni*: Tende cuidado do bom nome, & boa opinião, porque ella he mais permanente, & firme, que mil thesouros preciosos, & grandes. Reparai aqui tambem no *Magis permanet tibi*. O bem, que mais dura, he o mayor, & melhor bem: os thesouros por mais preciosos, & grandes, que sejam, ou o tempo os gasta, ou com a morte se acabão: sejam os the-

souros mil, *Mille thesauri*, ao chegar da morte ninguê pode dizer no testamento, Item levo, mas Item deixo, diz David, *Cum interierit non sumet omnia; neque descendet cum eo gloria ejus*. E a boa opinião quanto dura? Nem o tempo a gasta, nem com a morte se acaba: correm os tempos, & a boa opinião permanece, *Permanet tibi*: vem a morte, & obrigandovos a deixar tudo, a vossa boa opinião sempre fica vossa, *Permanet tibi*. E se tudo acaba, & a opinião permanece, *Permanet*, sendo o bem que permanece o mayor, & o melhor bem, vede se conclue Salamão, q̄ he melhor a opinião, que sempre dura, que as riquezas, que acabão. *Hoc enim magis permanet tibi, quàm mille thesauri*.

3 É se he melhor a boa opinião, que as riquezas, porque tanto vos desvellais, tambem he melhor, que as honras, & que as delicias, porque tanto vos consumis. Venha hum Texto, q̄ prove tudo.

Psalm.
48. 18.

Ecclesiastic.
41. 15.

tudo. Melhor he diz Salamão a boa opinião, & o bom nome, que os preciozos unguentos, *Melius est nomen bonum, quam unguenta pretiosa*. Agora notem o que Salamão quis dizer. Que significação ali os unguentos? As delicias, & as honras; As delicias, porque com unguentos aromaticos, diz Olympodoro, costumavão ungi-se os homens deliciozos daquelles tempos: as honras porque tambem com os unguentos, diz o Paraphrase Caldeu, se ungião os Sacerdotes, os Prophetas, & os Reys pondo os unguentos sobre as cabeças. E se pelos unguentos se entendem as delicias, & as honras, dizendo Deos pela boca de Salamão, que a boa opinião, & bom nome he melhor entre os homens, que os preciozos unguentos, que quiz dizer, se não que a boa opinião era melhor que as delicias, & mais pera estimar-se, que a honras, que nos unguentos se significação, *Melius est nomen*

bonum, quam unguenta pretiosa. O que supposto, & que a boa opinião sobe tanto de ponto, que vence na melhoria o que mais estimão os homens, tratem os homens da boa opinião, como ella merece, ella sobre tudo, *Nec est negligenda bona fama res in omni vita utilissima*, disse Philo Hebreu, não se despreze a boa opinião utilissima em toda a vida. Serão uteis as riquezas, as dilicias, & as honras, mas a boa opinião utilissima, *Res utilissima*. He tão superlativamente util em toda a vida huma boa opinião, & tanto contra a mesma vida huma roim fama, que houve muitos homens, diz São João Chrysoftomo, que antes quizerão matar-se, que viverem mal opinados, *Multi etiam ad laqueum convalesint, facta opprobria non ferentes*. E não me admiro, senhores, que o utilissimo de huma boa opinião alli picasse o entendimento de alguns homens, quando athe o irracional,

cional, por não perder a opinião, se sente do mesmo modo picado. Senhores; o Arminho he tão briozo, que por não manchar a alvura se deixa comer das feras, & vê a fer, que antes quer morrer o Arminho, que perder a opinião de nevado. Senhores, a Pheniz sobe tão alto de pensamentos, que por conservar da eternidade a fama, a si mesma se desfaz em cinzas; & vê a fer q quer antes abraza se a Pheniz, q perder a opinião de eterna. E se o irracional assi se deixa picar de huma boa opinião, que morre por ella, os homens racionais, que não devem obrar por consequilla, & por conservalla?

51 Bem via Eleazar, q elle só metido pelo meyo de infinitos inimigos, abrindo à força dos braços duas estradas, aqui ferindo a hūs, ali matando a outros, bem via que chegando ao mayor Elefante guarnecido, & lo-ricado com as armas del Rey Antioche; bem via, digo, que pera melhor segurar o

golpe, metendose debaixo delle, como mereu, cravandolhe pellos peitos o estoque, como cravou, bem via o evidente perigo, a que se arrojava, & que cahindo o Elefante morto sobre elle, como cahio, o matava tambem a elle, como matou, *Occidit eum; & cecidit in terram super ipsum, & mortuus est illic.* Pois vê Eleazar tu-
do isto, & desprezando a propria vida, antes desafiando a morte, faz mais caso da acção, que obra, que da vida, que perde? Sim, & porque? O mesmo texto o dilfologo, *Dedit se ut liberaret populum suum, & acquireret sibi nomen aeternum:* entre-gouse à morte Eleazaro peracultar ao povo das mãos de seus inimigos, & eternizar na façanha a boa opinião, & o bom nome, *Ut sibi acquireret nomen aeternum.* De sorte que entre os homens sobe a raõ superior categoria a estimação do credito, & da fama, que sendo o amor da vida hum dos mais vehementes affectos da natu-

1. Ma.
cb. 6.
46.

Ibi 44.

natureza humana, por conseguir hum bom nome se obrão sobre tão grande amor mayores excessos, & sobre affecto tão valente outras mais forçozas finezas. Bem via Eleazar o q̄ perdia, que era a propria vida, mas tambem via o que alcançava, q̄ era huma grande opiniaõ entre os homens; & posta diante dos olhos de Eleazar a opiniaõ, & a vida, obrãdo, por conseguir a opiniaõ, mayores finezas, ao amor da vida fecha os olhos; da boa opiniaõ não os tira, *Ut sibi acquireret nomen æternum.*

6 E porque não vamos tão longe buscar a Eleazar mais amante da boa opiniaõ, que da mesma vida; não sayamos de Portugal, q̄ dentro d'elle vos responderão os eccos de vossos Avòs, que elles foraõ da honra, & opiniaõ Portugueza tão amantes, que por conseguilla pera si, & conservalla nos netos, obrãrão acçoens tão heroicamente grandes, que ainda hoje muitos de vòs viveis, & comeis da opiniaõ

que herdastes. Lede os livros das vossas historias, & achareis, que elles foraõ os que abraçandose acada passo com a morte, descobrirão mais mundos, que Alexandre; elles os domadores daquelle vastissimo mar, que passando os fins da esperança, não sabemos que the entãõ lhe cortasse quilha as ondas, ou assombrasse vella as agoas; sahindo do Tejo athe o Ganges, & do occaso do Sol athe onde nasce a Aurora, desprezando tais perigos, & obrando tais façanhas, que as Estatuas, que Roma levantou aos seus Heroes, se cà vierão avultariaõ menos no terreyro do Paço de Lisboa, que as de vossos Avòs, aos quais, se como em Roma, lhes não acrio a fama as estatuas, ou em Marmores, ou em bronzes, na opiniaõ, que deixãrãõ, & imprimiraõ nas memorias dos homens, escreveiraõ com letras, a quem não gasta o tempo: Athe aqui façanhas, & não mais, *Non plus ultra.*

70 Estes forão os Avòs; não sei se são hoje assim os Netos. O que sey he que todos fois muito amantes de huma boa opinião; mas pera que a configão os que a amão, pera que a conservem os que a logrão, demos agora o remedio; & qual he elle? São os actos exteriores. Ide ouvindo.

§. II.

Supposto que hũa boa opinião he, & deve ser, tão amada, & estimada dos homens, como tendes ouvido, & vòs mesmos experimentais, pera que a tal opinião se configa, & configuida se não perca, o remedio he serem as acçoens externas tão gravemente compostas, & tão louvaveis, que vendoas os homens, concebão de vòs a opinião, que ellas merecem. Nem os homens julgão, se não pelo que vem, q̃ o invisivel sò Deos o conhece, disse elle mesmo a Samuel, *Homo enim videt ea, quæ parent; Dominus au-*

tem intuetur cor. O interior pera Deos, porque sò os seus olhos penetraõ o que vay cà dentro, *intuetur cor;* o exterior pera os homens, porque sò os seus olhos vem o que vay cà fora, *Videt ea, quæ parent.* E pera que entendais o cuidado grande, que Deos vos pede no exercicio das acçoens externas, & o tento, com que se ha de obrar o que os homens vem, & o que sò vem, que são os vossos exteriores, atentai pera o mesmo Deos na formação do primeiro homem.

8 Cria Deos a Adão, & pera criallo, que fez? Desce ao campo Damasceno, toma nas mãos Divinas o barro vermelho, forma na idea a imagem, executa com as mãos o dezenho, & reveffe com os olhos na obra. Sobre os ossos, como marmores, levanta o edificio, dispõe nelle as officinas, athalhe as veyas, movelhe as artereas, vesteo de carne, & cobre-o de pelle: os olhos, q̃ o illustrão, estrellas; o cabello,

bello, que o coroa, ouro; a tresta, que o a fermozea, ceo; as faces, que o enchem, rosas; o nariz, que a divide, sem fenaõ; os beiços cravos, perolas os dentes, & o rosto todo, ou em cifra toda a belleza, ou a gentileza toda recomendada; em fim diz o

Tertul. liano. *Cõsidera totum Deum occupatũ*, cõsiderai na formação de Adão todo Deos de de a mão ao engenho, desde o gosto ao cuidado metido no barro todo, & êpenhado todo na obra, *Totum Deum occupatum*. Está bem. Quer Deos logo dar vida a esta Esttua, ou alma a este corpo, & q̃ faz? Inspira-lhe na face, & cõ hũ affopro em hũ infante infunde-lhe a alma no corpo, & dalhe vida, *Inspiravit in faciem ejus spiraculũ vitæ*. Que he isto Senhor, & q̃ differença he esta taõ notavel! Huma alma taõ nobre, & taõ illustre, eterna, que ha de ser na duracão, imagem em fim, & semelhança vossa em hum instante ha de ser criada, & infundida

Genes.
2. 7.

no corpo de Adão, & o mesmo corpo taõ vagarosamente formado? A alma immortal, & espirito em hum affopro breve ha de ser alma; & hum corpo mortal, grosseiro, barro em fim, & filho da terra com tal' espaço, & com tanto cuidado vosso ha de ser corpo, *Totum Deum occupatum*? Sim, Senhores, que a alma anda cã por dentro, & sò Deos a vê; & cã por dentro nõs nos haveremos com Deos, & Deos com nosco: o corpo anda cã por fora, & haõ de vello os homens, & os seus gestos, & acçoens; & ha de obrarse exteriormente com tanto tento, & cuidado, o que haõ de ver os homens, que aqui pos Deos todo o cuidado, & todo o tento, *Considera totum Deum occupatum*.

9 E por esta causa o mesmo Tertulliano disse, q̃ naõ basta a hum homem ser Christão, se o naõ parece, *Non satis est Christianum esse, sed videri*; E a rezão he, porque não parecer nas ac-

goens Christão, & querer que me tenham portal, he necessario huma revelação pera o crer. Como a opinião de quem sou depende do que em mim se vê, & como vós não vedes quem eu sou dentro de mim, quem, se Deos lho não revellar, me ha de ter por Christão por dentro, se cá por fora quanto se vê for contra a Christandade? Pergunta Christo a seus Discipulos em que opinião o tinham os homens, *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Respondêrão, que huns o julgavão pello Baptista, *Alij Ioannem Baptistam*, outros por Elias, *Alij autem Eliam*, & outros por Ieremias, *Alij verò Hieremiam*. Pois se Christo era mais, que o Baptista, mais que Elias, & Ieremias, porque o julgão os homens, ou sò por Ieremias, ou sò por Elias, ou sò pello Baptista? Porque como os homens concebem a opinião dos outros homens conforme o que nelles vem, os que vião a Christo no exterior peni-

tente, dizião, he o Baptista, *Alij Ioannem Baptistam*; os que o vião zelozo da honra de Deos, dezião que era Elias, *Alij autem Eliam*; os que viaõ chorar sobre Ierusalem, & lamentarhe as ruinas, dezião que era Ieremias, *Alij verò Hieremiam*. Verdade he, que Christo era mais, & infinitamente mais, do que as tais opinioens affirmavão; mas como o infinito era là por dentro, & o modo das acçoens externas de Christo era humano, & semelhante ao dos tres, não o julgãrão os homens pello modo infinito, que não penetravão os olhos, mas pello finito, que vião. Seja Christo por dentro infinitamente mais do que parece, mas os homens, que não opinamos se não conforme o que vemos, pera crermos a infinitude de Christo, que não vemos, revellea o Eterno Padre a Pedro, como ali mesmo revellou, *Caro, & Ibi 17. sanguis non revelavit tibi, sed*

Math.
16. 13

Ibi. 14

Ibi 17.

sed Pater meus, que doutra sorte, se Christo aos olhos dos homens parecer o Baptista, Elias, ou Ieremias finitos, por mais infinito, que seja por dentro, não o haõ de julgar pello que vay cà dentro, mas pello que parece por fora, *Alij Ioannem Baptistam, Alij autem Eliam, Alij verò Hieremiam.*

IO Tanto vay nas acçoens externas. Nem me digão, que se eu interiormente sou Christão, & dos mais illustres Christãos, que vay pouco em que os homens digaõ o que quizerem: tenha eu dentro das veas o sangue illustre, & seja Christão nos ossos, & das minhas acçoens, sejam quais forem, d gaõ o que quizerem os homens. Não està bem arrezoadado, senhores, porque neste mundo, onde mais se vive da opinião, que da mesma vida, vay muito no q̄ dirão. Em Christo, como era nossa cabeça, começou toda a Christandade, & quanto sangue tinha nas

veyas todo era sacerdotal, & real: eis que hum dia dizendo huns rendeiros a São Pedro, que Christo não pagava hum tributo, a que chamavão Didrachma, manda Christo a Pedro, que vâ ao mar, que lance o anzol, & que no primeiro peixe, que apanhar, acharlheia na boca huma moeda, que a dè aos Rendeiros, & pague o tributo, *Da eis pro me, & te. Math. 17. 27.* Pois se Christo nem em quanto filho de Deos, nem em quanto homem com tal sangue nas veyas devia o tributo, porque o manda pagar? Elle mesmo disse o porque; *Ut autem non scandalizemus eos*, porque os não escandalizemos, porque lhes não demos que fallar, & evitemos o que dirão os Iudeos, *Iudæis criminandi occasionem non daret*, comenta o Doutissimo Maldonado. Senhores, nem o ser Christão nos ossos, nem o sangue mais illustre nas veyas, deixa de pagar tributo a hum que dirão os homens. Tanto vay

num que dirão das minhas acçoens externas, que o mesmo Christo se fogeita a pagar o que não deve, sò por não dar em que fallar, & evitar a occasião, de que digão, *criminand occasionem non daret.*

11. E agora pera que pasmeis, & vejais quam alto sebe de ponto hum que dirão, levantay o pensamento athe o trono de Deos, & ali vereis que he de tanta importancia diante do mesmo Deos hum que dirão os homens, que o mesmo Deos, porque elles não digão, eorta por grandes importancias por não cortar por esta. Venha o caso, que he notavel. Peca o povo Hebreu, adorando no deserto ao Bezerra, & querendo Deos destruir a este povo sempre idolatra, oppoemse Moyses a Deos, & pera a placallo, & convencello, que refoens lhe allegou?

Exod.
32. 12.

Disse Moyses assim: *Ne quaeso dicant Egyptij, calide educit eos, ut interficeret in montibus, & deleteret è ter-*

ra: quiescat ira tua, & esto placabilis super nequitia populi tui. Senhor, pello credito de vòs mesmo, & pella vossa boa opinião vos peço, & rogo, que vos aquieteis, & pare a vossa ira; que doutra forte dirão os Egypcios, que vòs com engano sagaz tirastes do Egypto ao vosso povo pera o matares aqui neste deserto. Reparay, como Moyses està zelozo do que dirão os Egypcios, *Ne quaeso, dicant Egyptij.* Pois, Moyses, se està pecando tão brutalmente esse povo, se està adorando por Deos a hum Bezerra, por hum que dirão os Egypcios não ha de castigallo Deos? Se a Deos importa evitar o que se dirà, tambem a Deos importa castigar o que se fez: pois porque ha de deixar a importancia do castigo pella importancia do que dirão, *Ne quaeso dicant?* Porque a importancia de hum que dirão athe em Deos, he muitas vezes a mais importante, diz Moyses: tanto importa hum

Ne

Ne dicant, & tanto cuidado se ha de ter do que se dirá, que athe a Deos, entre grandes importancias, esta julga Moyses lhe importa mais. E foi pera Deos tão valente esta rezão de Moyses, Señor atentay pello que dirão, *Ne queso dicant*, que atando as mãos a Deos o fez embainhar a espada, revogar a sentença, & as importancias do castigo foraõ logo postas de parte, pellas importancias do que dirão delle,

Ibi 14. Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum.

§. III.

E se pera Deos, que nada depende dos homens, he tão poderoso hum que dirão os homens, que por darnos exemplo, entre outras importancias, a esta primeiro abaixa Deos os hombros; vòs, que entre os homens, nada fereis, se os homens não quizerem, porque ha-

veis de dizer, que o seu que dirão importa pouco? O que eu sou justo: O que eu sou manço de coração: O que eu sou misericordiozo, & santo. Douvos que assim o imagineis na substancia, mas pera que a imaginação vos não engane, dizei-me: se os accidentes forem injustiças, onde vay ahi o ser justo? Se os accidentes forem tudo coleras, onde vay ahi o ser manço? Se os accidentes forem impiedade, & pecados, onde vay ahi a misericordia, & fantidade? Ahi não ha substancia sem accidentes, & quereis vòs, que os homens cream que a vossa substancia he huma sendo os accidentes outros, isso feria confessarmos em vòs os milagres da Eucharistia, o que nós não quere-mos. Na Eucharistia sendo na Hostia os accidentes de pão, a substancia he o Corpo de Christo, & sendo no Calix os accidentes de vinho, a substancia he o Sangue. E este milagre, que o amor de Christo, quando
mais

mais empenhado em amar, quiz obrar na Eucharistia, & que nós cremos por fé, quereis vós que nós o confessemos, & o creamos em vós? Pello amor de Deos vos peço que não queirais tais milagres, nem espereis de nós tanta fé, porque não achareis pia afeição, que a tanto nos persuada.

13. Se a arvore he boa, dizia Christo, não pôde produzir maos frutos, *Non potest arbor bona malos fructus facere*, & querer que eu veja maos frutos, màs obras, & màs acçoens, & depois que crea, que tudo procede de boa arvore, *Arbor bona*; isso não pode ser, *Non potest*. Importa logo muito pera a boa opinião dos homens a coherencia da arvore com os frutos: a arvore boa, mas também os frutos bons, que doutra sorte a opinião irà perdida, & o que dirão os homens serà o que todos dizem, a Alma na palma; na palma se vê a alma, & nas acçoens externas

os espiritos, donde ellas nace. Alta, & claramente David. Amante da sua opinião David, & pera evitar o que dirião os homens, dizia assim a Deos; *Anima mea in manibus meis semper*: a minha alma anda sêpre nas minhas mãos. Està claro, porque nas mãos se significaçõ, & representaçõ as obras, & a alma nas mãos he a alma no que se obra. Alma nas mãos, senhores, alma na palma, como a de David: que a alma pellas mãos se conhece, & pellas acçoens, como pellos frutos a arvore, concluhio o mesmo Christo, *Igitur ex fructibus eorum cognoscetis eos*.

14. E] esta he a opinião mais assentada, que ninguem a terà boa de vós, se a não trazeis nas palmas; nas palmas por obra, & nas palmas por estimaçã. E já vamos adiante. E nas palmas por estimaçã, como, ou de que modo? Então se traz a opinião nas palmas por estimaçã, quando as obras, que a grangeão são tão cabalmen-

Psalms.
118.
109.

Math.
7. 20.

te boas, que nem por sonhos a desacreditão. O quantos estimarão a sua opinião de modo, que nem por sombras quizerão dar, que dizer, & com rezão. Seão as obras boas pera a opinião o ser, mas boas de modo que nem por sombras pareção mas. Mentese no mundo de modo, diz Seneca, que ainda tirada a causa da mentira, mentese sò porque se costuma mentir, *Etiã ubi causa mentiendi sublata est, mentimur consuetudinis causa.* E se se mente sò por máo costume, que será, se dermos alguma occasião à mêtira? Se lhe dermos os azos, darlheemos as azas, & voará a mentira cõ perda da opinião contra a mesma verdade, pois ainda q fosse a obra boa, podião as sombras malquistalla. Expliquemos com hum successo notavel toda esta filosofia. A verdade era, que Boos foi homem de muito ser, & de muito cizo, de honrados, & bons procedimentos, & que Rut foi huma molher muito cezuda, casta, & virtuo-

za: mas que succedeu a ambos? Chega Ruth tão fermosa, como necessitada [mas entãõ mais virtuozza Ruth, quando necessitada, & fermosa] chega, digo, à eira de Boos là pellas sombras da alta noite, & toda acapuchada espera a esmola do trigo, & dandolha Boos, diz assi a Rut, *Cave, nequis noverit, quod huc veneris.* Olã Rut, ninguem saiba, que a tais horas chegastes a qui. Pois Rut aque chegou à eira? A buscar huma esmola de paõ. E quem era Rut? Já dissemos que huma molher santamente fermosa. E aquem fallou? Não a algum Mancebo verde, ou escandalozo, mas a Boos já varãõ cezudo, pio, & bem acostumado. Pois que inconveniente havia em ter chegado ali Rut, pera Boos tão seriamente a avizar, que ninguem dubesse da sua chegada, *Cave, nequis noverit, quod huc veneris.* O inconveniente, que havia em ter chegado Rut, era ter chegado, o como chegou.

Che-

Senec.
lib. 6
ep. 46.

Senec.
lib. 6
ep. 46.

Rut. 3.
14.

Chegou fermosa, chegou à eira, & pellas sombras da meya noyte. E se o mundo na fealdade mente, diz Boos, que ferà na fermofura? Se mente ao meyo dia, que ferà à meya noite? Se mente no Templo, que ferà na eira? Pois ainda que seja verdade, diz Boos, que Rut, & eu nos portamos neste passo, como santos, pera que não demos azas ao muito, que se mente, & a nossa opinião se perca às claras, por não evitar as sombras, não diga Rut, que chegou aqui à meya noite, porque a verdade do facto importará pouco, se pera a opinião se perder será bastante causa ter assi chegado, *Cave, nequis noverit, quod huc veneris.*

15 Ah Boos vizavo del-Rey David, & por taõ honrado taõ acautelado nas vossas acçoens, que nem por sombras quizestes dar que fallar em hum mundo, aonde se pega athe pello que se não pode pe-

gar, das sombras. Mas affi he circunspecto, & advertido, quem sabe que este mundo as mesmas sombras, que são nada, dão que dizer. Dizia Iosepho, que hum dirão, se havia de temer de hum nonada, *Ca- Ioseph.
vendi sunt tales rumores, maxime si de nonnihilò oriantur:* elle ferà hum nada aquelle affeno, aquella palavra, aquella acção, & em fim elle ferà nada aquella sombra; mas como athe dos nadas ha que dizer no mundo, sobre effes nadas, & sombras de nada ha de ser a mayor cautella, *Maxime si de nonnihilò oriantur.* Escrevia São Hieronymo a Celancia, & inculcavalhe esta maxima o Maximo dos Doutores: *Hanc adhibeamus vitæ nostræ diligentiam, ne male mentes occasionem inveniant detrahendi:* pera que os entendimentos malevolos não tenham occasião de malquistarnos, ao modo, com que vivemos, acrescentemos huma diligencia. E que diligencia?

Ne

Ne ex nobis scintilla procedat, perquam ad veras nos sinistrae famae flamma consecretur: que não faya de nós nem huma faísca, que levante contra a nossa fama hum incendio. E isso porque? O mesmo Santo. *Alioquin frustra irascemur obtrectatoribus vestris, si eis ipsis obtrectandi materiam ministramus:* porque, debalde nos iremos contra o incendio de nossos detractores, se a elles mesmos subministrarmos nas faíscas a materia dos incendios. E vem a ser, meus Catholicos, que como quem chega a bater à porta, fica muy perto de entrar em caza, pera que se não diga que ouve o entrar, que he já incendio, nem haveis de chegar a bater, que he a faísca.

16 Pecou Adão, & porque não comesse da arvore da vida, lançou Deos fora do Paraizo; & não fatisfeito Deos com o por fora dos muros, manda a hum Cherubim que da parte de fora com hum montante de fogo impedisse a Adão a

entrada no Paraizo, *Collocavit ante Paradisum velup-tatis Cherubim, & flameum gladium, atque versatilem ad custodiendam viam ligni vitae.* Parece que sobre a guarda do Paraizo sobeja em Deos o cuidado. Pera o Cherubim guardar o Paraizo, & mais a arvore, era necessario porse o Cherubim tanto de longe, & da parte de fora, *Ante Paradisum?* Pera Adão não entrar no Paraizo, nem comer da arvore da vida, bastava que o Cherubim da parte de dentro defendesse a arvore, & o Paraizo. Pois porque o não defende de dentro, se não de fora? Da parte de fora, & de longe, pera que Adão nem ouzasse a por escadas ao muro; da parte de fora, & de longe, pera que Adão nê se atrevesse a chegar à porta. E tão estranho cuidado, & cautella, em que Adão não chegue nem à porta, nê ao muro, porque? Ah porques da honra, & da opiniaõ! Porque pera conservar a honra, & não p. r. d. r.

der a opiniaõ, nem ha de chegar ali a faisca. Ponha-se o Cherubim ca de fora, pera que não consinta q̃ Adão chegue nem à porta do Paraizo, nem ao muro, pera q̃ se não diga que quem teve poder pera chegar aos muros saltou dentro do Paraizo; & pera que se não cuide que quem se atreueo a por a mão na porta entrou na caza. Por isso mandou Deos ao Cherubim, não expressa-

mente guardasse a arvore, mas o caminho pera a arvore, *Ad custodiendam viam ligni vite*; o caminho, porque pera evitar-se com segurança o dano, ha de evitar-se não sò o dano em si, mas o caminho que vai pera o dano, *Ad custodiendam viam.*

17 Esta a boa opiniaõ, estas as acçoës externas, em que ella se deve publicar, & ver, & estas as cautellas, q̃ a conservaõ, & asseguraõ, &c.





STROMA X

HA HOMENS QUE A TUDO SE
rendem quando não devião dobrarse: & ha
homens que a nada se dobrão quan-
do devião renderse.

S. I.

COm effemos pellos primeiros. Ha homens, digo, que a tudo se rendem quando não devião dobrarse. A que se rendem muitos? A hum lizonja, a hum favor, a hum suave engano. E outros muitos a que se rendem? A hũa mentira doce, ao interesse, à peita, à dadiva. Pois ha de renderme a dadiva, a pei-

ta, o interesse, & a mentira, que não devião dobrarme; & ha de dobrarme hum engano, hum favor, & hum lizonja, que não devião renderme? Então se nos chamão fracos, queixamonos. *Genes.*
 Renderão a Esau as dadivas 25. 34
 de Jacob, rendeu a Adão a *Genes.*
 peita de Eva, rēderão a Saul 3. 6.
 os interesses, & de spojos
 de Rey Agag, & rendeu a *1. Reg.*
 Eva a mentira da Serpente. 15 9.
 O quantas Evas, quantos *Genes.*
 3. 1.

Saites,

Exdie
16. 15.
2. Reg.
15.
Esther
3.

Saies, quantos Adoens, & quantos Jacobs vão pello mundo muito mal rēdidos! Dobrarão a Samsão os enganos de Dalila, dobrarão a Achitofel os favores de Absalão, & dobrarão a Assuero as lizonjas de Aman. O quantos Amoens, quantos Achitofeis, & quantos Samsões, vão pello mundo muito mal dobrados! E porque ha de renderse Esau a huma dadiva, a huma peita Adão, a hum interesse Saul, & a huma mentira Eva? O fraqueza! E porque ha de dobrarse a hū engano Samsão, Achitofel a hum favor, & a huma lisonja Assuero? O covardia!

2 Dirmeheis que o render, & dobrar tem muitas conveniencias. Se me não rendo à dadiva, à peita, & ao interesse, não como: se me não dobro à mentira, ao engano, ao favor, & à lizonja, não vivo. Assi parece; mas quando vai a experimentar-se a verdade, não he assim; & quanto ao comer, porque tantos males se tra-

gão, pergunto? Esau que comeu pella dadiva das lentilhas? Perdeu o morgado. Adão que comeu pella peita da maçã? Podendo comer descansado rozas, veyo a comer espinhas fuando. E Saul pellos interesses dos grandes despojos, que recolheu da vitoria, & q̄ comeu? Podendo comer hum Reyno, perdeu-o; & eis ahi o q̄ comem os que se rendem. Vamos ao viver, & pergunto? E a mentira da Serpente que vida deu a Eva? Matou-a. E o engano de Dalila que vida deu a Samsão? Tiroulhe os olhos. E o favor de Absalão q̄ vida deu a Achitofel? Perdella em huma forca. Finalmente as lizonja de Aman que vida derão a Assuero? Forão em Palacio gravissimos os disgustos, & os Hebreos todos condenados a morrer pellas lisonjas daquelle Valido. E eisahi como vivem os que se dobrão. O certo he que sò comem os que a tais iguarias não rendem o gosto, & o certo he que sò vivem os que

que a tais idolatrias não do-
brão o juelho; & se não ve-
de, & dezenganemvos estes
dous exemplos.

3 O homem que mais
teve que comer, & que dar
a comer, abaixo do seu Mo-
narcha, foy aquella grande
Valido de Pharao, & Vifo-
Rey do Egypto, Ioseph fi-
lho de Iacob. Tanto teve
que comer, & dar que co-
mer, que sobre o meneyo de
toda a fazenda real, matou
a fome em todo o Egypto;
& provincias vizinhas por
espaſſo de sete annos inte-
iros com affombro do mun-
do, & goſtozo paſmo de
taõ inexauriveis celeiros.
Agora se bem advertires
porque Ioseph chegou a tã-
ta fartura, achareis que foy
porque quando não devia
renderſe teve vallor pera se
não render. Vendido que
foy Ioseph no Egypto, &
comprado por Putifar, paſ-
fados alguns tempos diz o
Texto q̄ puzera em Ioseph
os olhos ſua Senhora, *Inje-*
cit Domina ſua oculos ſuos in
Ioseph. Valente bataria pera

Genef.
39. 7.

render o coração mais izen-
to, dous olhos de huma Se-
nhora agradavelmente poſ-
tos em hum Cativo, & o
Cativo ſem renderſe ao a-
grado, à lizonja, à peita, aos
interesses, *Nequaquam ac-*
quiescens. *Ibi 8.* Mais. Como a
Egypcia, olhando, como
olhava, pera Ioseph, tinha
jà perdido o lume dos o-
lhos, precipitada como cega
de hum em outro extremo,
com largas experiencias de
deſprezada, continuando
no ſeu mal pago amor, che-
ga em fim a pegar da capa a
Ioseph, que por se não ren-
der lha deixou nas mãos, &
fugio, *Relicto in manu ejus*
pallio fugit. *Ibi 12.* Nunca vi per-
der a capa mais honradamẽ-
te, nem triunfar com mais
gloria do inimigo fugindo-
lhe. Perder a capa he diſ-
credito, fugir ao inimigo he
fraqueza, mas perder a ca-
pa por não render o peito,
he honra; mas fugir ao ini-
migo pera aſſegurar a vito-
ria, he valor.

4. Nestes termos ven-
doſe na ultima deſeſperaçaõ
K o cego

o cego amor da Egeyrcia, transformado o mesmo amor em odio, & as finezas em ira, com a capa nas mãos diante de seu marido Putifar acuzar a Ioseph de agrefor, & pertendente infame daquelle delicto. O quantos com a capa da innocencia encobrem grandes maldades! E a mayor das desgraças he, que a mesma capa que havia de ser o panegyrico da vossa honra, assi se vire do avesso, que voltandose a scena venha a ser famosa apologia do vosso discredito. Assi succedeu a Ioseph, que desacreditado com seu Senhor pellos mesmos fios da mais honrada capa, Putifar o mandou prender, & meter num carcere, *Traditque Ioseph in carcerem.* E temos a Ioseph finalmente, por se não render, metido, & ferrolhado num carcere. Mas agora ao ponto: E ao não rendido, & metido no carcere que lhe rendeu o não se render? O que já dissemos. O metido no carcere, por não se render, foy

do carcere pera o Paço, & do Paço pera tal fortuna, & tanto que comer, como tendes ouvido. Assim comem os que por seguirem a verdade, a justiça, & a rezão, nem se rendem à dadiva, né ao favor, nem à peita, nem à mentira. E se Ioseph assi comeu, porque nunca rendeu o gosto a estes pratos, vede agora no segundo exemplo como tambem só vivem os que a semelhantes idolatrias não dobrão o juelho.

5 Entrava no Paço Amão primeiro valido de Assuero, & idolatra todo Palacio daquelle chave dourada, ao entrar Amão pelas portas, ou por respeito, ou por coveniencias, ou por lizonjas, todos dobrados os juelhos o adoravão, *Qui in foribus palatij versabantur, flectebant genua, & adorabant Aman.* Hum estrangeiro porem chamado Mardocheu Hebreu de nação, homem dezinteressado, sem respeitos humanos, ao entrar Amão pello Pa-

go, nem lhe dobrava o juelho, nem o adorava, *Solus Mardocheus non fletebat genu, neque adorabat eum.* *Ibid.* Por esta inteireza de Mardocheu, por este não se dobrar, concebeu tal ira Amão, que he verdade lhe quiz tirar a vida, & enforcallo, *Et juberet Mardocheum affigi patibulo, quod ei fuerat præparatum.* *Esther.* Agora pergunto? *6. 4.* E morreu o dezinteressado, o que não idolatrou na lizonja, na mentira, nos respeitos, & o que não dobrou os juelhos perdeu a vida? Antes sò elle viveu. Amão foy o cahido, Mardocheu o exaltado, Amão que queria dobrar a todos, & que todos se lhe dobrassem, foy o morto, Mardocheu, aquem não a mentira, nem as lizonjas, nem os interesses, nem os respeitos dobrarão, effe foi o que viveu. E esta he a verdade, que sò come, & vive quem como Ioseph se não rende aos feitiços do gosto, & quem como Mardocheu se não dobra a genu flexoés idolatras, *Solus Mardocheus*

non fletebat genu.

6 E se pera todos he verdadeira esta doutrina, pera os que meneão as varas he verdadeirissima. Ninguem deve renderse, & dobrarse menos, que a vara da justiça. Hum escandalo tenho ha tempos, que nem por semelhanças quizera vello, & vem a fer, que muitas varas de justiça sejam de junco. As varas da justiça havião de ser todas de ferro, ou de bronze, pera que nenhuma se dobrasse, ou rendesse. Assi o aconselhava Deos por David, *Reges eos in virga ferrea;* *Psalms.* governai *2. 9.* com vara de ferro. E de ferro, porque? De ferro, não pera que o Iuiz haja de ser duro, & pezado às partes, mas de ferro pera que o Iuiz se não renda, & se não dobre. Ah varas, & se fois de junco muitas, como deixareis na occazião forçoza de rendervos, & dobrarvos! Hum junco enrodilhase como huma cobra, & justiça que como cobra se dobra, já não vai direita, nem he justiça.

tiça. Cobra a vara de junco quanto lhe offeressem? Cobra; pois vara que como cobra, eila dobrada, eila rendida; tal vara como essa tirelhe das mãos aos Iuizes. Manda Deos a Moyses que a vara, que tinha na mão a lançasse na terra, *Projice eam in terram*: arremessa Moyses a vara, & converte-se numa cobra, *Projecit, & versa est in colubrum*. Pois se a vara se podia converter em cobra estando na mão de Moyses, porque rezão havendo de converter-se em cobra essa vara, lha manda Deos lançar fora das mãos, *Projice eam*? Porque a vara da justiça, se como junco se ha de voltar, ou dobrar como cobra, ha de tirarlhe das mãos ao Ministro: Vara na mão do Ministro, mas a qualquer interesse, eis o junco virado, não lhe fique na mão a vara: vara na mão do Iuis, mas a qualquer respeito, eis a cobra toda dobrada, tiremlhe a vara das mãos, *Projice eam*.

7 He tanto contra a justiça qualquer dobrarse a jus-

tiça, que não se ha de ver na sua mão vara, & dobrada. E se o Ministro for tão izento como Moyses, fuja de tal vara, ainda que lha offerença. Quando Moyses lançando da mão a vara vio que se transformara em Cobra, diz o Texto que fugira della, *versa est in colubrum, ita ut fugeret Moyses*. Pois em quanto a tinha na mão como vara, porque não foje della, se não agora que a vê como Cobra? Porque a vara em quanto na mão de Moyses estava direita, fora da mão dobrouse como hum junco, ou como hũa cobra, *versa est in colubrum*; & de vara que assi se dobra, o mesmo Ministro a não ha de procurar, nem querer, antes fugir della, *Ita ut fugeret Moyses*. Ah senhores, quanto junco, & quanta cobra vai pello mundo! Aquelle todo dobrado pella granaça, cobra: aquelle todo em voltas pello beneficio, junco: este pello mayor posto sempre a trocarse, cobra: aquelle, & aquelloutro, ou pella

Exod.
4. 3.

ibi.

rella comenda, ou pella Senhoraia, virados contra a rezaõ, & vinte vezes retrocidos contra a verdade, & justiça, juncos. O não seja assim! *Manus peccatoris non moveat me*, dizia David, não me dobre, nem me mova a mão pecadora. Aos Ministros ninguém lhes dobre as varas, constancia nas justiça: a todos nenhũa sem rezaõ os vire, firmeza no que a rezaõ pede. Assi comereis, assi vivireis, porque os firmes no bem, & constantes no que Deos quer, são os q̄ comê, & vivem, como Marchoeu, & Ioseph.

§. II.

8 **A**SSI avizados os q̄ se rendem quando não deviaõ dobrarse; ouçaõ agora os que se não dobrãõ quando deviaõ renderse. Devem renderse os homens a hum bom conselho, devem renderse a hũa amonestação saudavel, devem renderse a hum avizo santo, & devem finalmente ren-

derse aos ditames da rezaõ. E dobraõse aqui os homens quando deviaõ renderse? He tal em muitos a prezunçaõ, ou a soberba, ou o capricho, que a nada disto os vereis dobrados. Na morte de Christo não dobrou a Pilatos o conselho, & amoestação de sua Molher, *Nihil tibi, & justo illi*: não o dobrou o avizo de Christo, *Tu dicis*: & em fim não o dobrou o que a mesma rezaõ lhe ditava pera absolver o innocente, *Quid enim mali fecit?* Ha homens, que como a Pilatos nem o conselho os vence, nem a amonestação os abranda, nem o avizo os rende, nem a mesma rezaõ os dobra; & se lhes perguntais a rezaõ de tantas sem rezoens, respondem como Pilatos, *Quod scripsi, scripsi*; & daõ por rezão da teima a mesma teima, & por rezaõ do decreto, *Quod scripsi*, o teremno assi decretado, *scripsi*; como se hum mal tivesse a sua escuza em outro mal mayor. Mayor mal he ateima em não que-

rer dobrar, que o não dobrar, & a rezaõ he, porque quem se não dobra hoje, dobrar-se-ha a menhá, mas quem teima em não se dobrar, nunca se dobra, & o mal que nunca tem remedio esse he o mal mayor. E hà quem se não dobre de modo, que teime em nunca se dobrar, pera cahir sem remedio de hum mal em outro mayor mal? Hà, & ainda mal, que males destes vemos, & temos visto no mundo.

9 O cazo pera mim mais admiravel por vniversal nesta materia, foy aquella indobrável teima dos homens no tempo do diluuiõ. Ia Noe contava quinhentos annos de idade, quando por mandado de Deos deu principio àquelle fatal avizo do diluuiõ, a primeira Nao, que vio o mundo, a Arca. Aos seiscentos annos de idade a acabou, & gastando cem annos na fabrica da Arca, pera que os gastou? Em muito menos tempo podia absolver a obra; pera que saõ cem annos de mat-

telladas? Pera que os homens com tão repetidos, & continuados avizos do diluuiõ se dobrassem, & emendassem, *Volebat Deus D. Gryllos quoque, qui tam graviter softb. peccaverunt, fabricatione Ar- homil. cæ admoneri, ut secum cogita- 24. rent, quæ fecissent, resipiscendoque indignationem non experirentur*, disse São Ioão Chrysothomo. E cem annos continuados de avizos, cem annos de martelladas dobrãõ, & renderão os homens? Renderão, & dobrãõ os prègos, mas ao ferro, & afferrado dos homens, não, *Verum hæc*, continua Chrysothomo, *Illis nullam utilitatem attulerunt, quia noluerunt*. Ha mayor teimar no erro, & no peccado, que cem annos de teima! Pois ainda a teima destes miseraveis passou de cem annos.

10 Depois de fabricada a Arca, aviza Deos a todos que os hà de alagar com hum diluuiõ de agoa em quarenta dias, *Ego pluam super terram quadraginta diebus.* Genes. 7. 4.

bus. E parou a teima, ou se quer esfriouse com tanta agoa? Não. Já a agoa comessava a cahir, & a avizar, & elles que dizião? Passará a tormenta, virá logo a bonança. Mas ay que já as searas, & as campinas vão arrazadas; & que remedio agora? Adiante com a teima: virá o Sol, & aos campos, & searas tornará o vigor, & o rizo. Mas as que já as Cidades vão invndadas, & os mais fortes edificios bambaleando a ruina; & então que remedio? Adiante com a teima: declinará a enchente, & abertos os Diques sahirão as agoas por onde entrarão. Mas ò desgraça, que já os campos são mares, & as mesmas terras, que sò navegavão os arados, podem já lavrallas os Navios; & que remedio agora? A teima adiante: là estão os montes donde veremos esse mar, & postos em cima delles nos riremos do Touro. Mas ay, que já as ondas batem os montes, & o mar que vai subindo os

vai fessombrando; & qual he agora o remedio? Teimar po diante: là estão sobre os montes os raminhos das arvores, & nós subidos ao mais alto das fayas, & dos cedros, ainda que o mar vá de monte a monte, quando ha de subir de ramo a ramo? Mas ò desesperação! Já o mar ladra ao pé dos troncos, já a maré cresce athe os ramos, & cubertas já de todo as arvores, não se vê emfim mais q̄ mar, & Ceo, *Cælum vndique, & vndique pontus.* E agora que remedio, ò indobaveis, & malditos homens? Dezesperar, afogar, & de hum mal em outro mayor, teimar athe que postos à dependura no raminho mais levantado, cayais de mais alto, & morrais na teima, *In peccato Ioann. vestro moriemini.* 8. 21.

II Bem sei que podem replicar alguns, & dizerme, que o não render, nem dobrar, tomada huma vez a peitos a empresa, he brio, & fidalguia, & que não tornar atraz no intétado he de grã-

des cazas. Assi he ; mas quando ? Não quando a empreza he barbara , & contra as leys Divinas , & humanas ; mas quando he por excellencia glorioza, intentada , & proceguida com rezaõ , com justiça, com Deos. Querer não dobrar na enveja , & na soberba , & ser fidalguia o não dobrar, não he. Querer não tornar atraz na vingança , no odio , & na injustiça , & que seja grandeza da caza não tornar aqui atraz , não he . A caza mais honrada , & de mais illustre descendencia , foy a de Abrahão : teve as Estrellas por filhos , *Multiplicabo semen tuum sicut stellas Cali.* E quem mais dobrado , & rendido à rezaõ , à justiça , & a Deos, que este constantissimo Patriarcha ? Elle estava em sua caza quieto ; & defcancado , & mandalhe Deos que deixe a caza , & perigrino , & desterrado busque a terra , que elle lhe mostraria , *Et veni in ter-*

ram , quam monstravero tibi. E dobrouse Abraham , & rendeuse ? Em continente, *Egressus est itaque Abraham , sicut praeceperat ei Dominus.* Pois assi se deixão as patrias ? Assi os parentes , & os Amigos ? Assi se larga o presente pello futuro ? Assi o certo pello que podia parecer duvidozo ? Não ha mais dobrar , & render ! Mas era o rendido , & o dobrado o Progenitor das Estrellas , pera que saibão os Astros , que os que se dobrão a Deos , & rendem à rezão , & à justiça , esses são os mais luzidos , os que là vem de mais alto , *sicut stellas Cali.*

12 Mas não assi a vossa enveja , & a vossa soberba , que vos não deixão render , & não render por enveja , & por soberba , que ha de ser se não baixeza dos espiritos . Mas não assi a vossa vingança , o vosso odio , & injustiça , que nos não deixão dobrar ; & não dobrar por vingança , por odio , & por injustiça , que

ha

ha de ser se não vileza dos animos. Ardiaõ em odio, & em vinganças contra Christo as injustiças, a inveja, & a soberba dos Farizeos. Por mais que Christo lhes pregava não os rendia; por mais milagres, que fazia não os dobrava. Eis que hum dia chegaõ estes Farizeos a Christo, & pedemlhe hum milagre novo entre os mais que tinha feito, *Volumus à te signum videre*. E Christo que lhes disse então? Se o Évangelista o não differa parecera incrível: chamoulhes geração mã, & adultera, *Generatio mala, & adultera signum querit*. Pois Christo chamando nomes aos homens, & na cara? Quem provocou, Senhor, a vossa paciencia? Pois Christo desenterrando geraçoens alheas, & na bochecha? Quê fez sahir em tantas amarguras a mais melliflua boca, & a mais doce? Sabem quem, diz São Ioão Chrysoftomo? Pedirem os Farizeos a Christo hum novo mila-

gre, quando tendo visto tantos milagres, & prodigios, não se rendiaõ, nem se dobravaõ, devendo admirados renderse, & assombrados dobrarse, *Volumus à te signum videre: Tunc*, diz Chrysoftomo, *cum flecti oportebat, cum admirari, cum obstupescere*. Pois vós deveis rendervos, *Flecti oportebat*; & por inveja, ou por soberba, não vos dobrais? Pois ouvireis na cara que fois de espiritos baixos, & de geração maligna, *Generatio mala*: pois vós deveis dobrarvos, *Flecti oportebat* & por odio, & por vingança, & por injustiça, não vos rendeis? Pois ouvireis na bochecha, que fois de animos viis, geração atravessada, ou adulterina, *Generatio mala, & adultera*.

§. III.

13 **E** se na verdade por Pais, & vós, fois honrados, fois illustres, & fois Principes, pera que adulte-

D. Gry
sof. in
Caten.

Math.
12. 38.

dulterais o que fois? Não procede como grande, que procede como teimozo; antes estallar, que dobrar; antes quebrar, que ceder, não he fer filho do Sol, mas das ervas, & do lodo. Dobrase o ouro, mas o barro, & o vidro quebrão, & não se dobrão, & porque? Porque o ouro he filho do Sol, & o barro, & vidro de quem? O barro he filho do lodo, & o vidro he filho das ervas: quem he ouro dobrase, & quem he barro, ou vidro, como barro abatido quebra, mas não cede; como vidro vil estalla, mas não se dobra. Humas das naçoens mais indobreveis he a Portugueza, & sendo huma das mais illustres, & das mais luzidas do mundo, não sei como hei de concordar tanto barro, & vidro com tanto Sol. Quem dobra a cabeça de hum Portuguez? David com huma sò pedrada dobrou, & quebrou em Te-rebinto a cabeça de hum Gigante, *Infixus est lapis*

1. Reg.
17.49

in fronte ejus, & cecidit, & em Portugal quem ha de dobrar com mil pedradas a cabeça de hum Pigmeu? Como o Portuguez não dá a trocar o braço, diz que tambem não ha de dobrar a cabeça. Este he o meu parecer, & o meu voto, ninguém me dobra! Portuguez? E se esse vosso parecer parece a todos muito mal, porque vos não ha de dobrar o parecer de todos? E se esse vosso voto nem he voto de Religiaõ reservado a Roma, né de ir em penitencia das vossas teimas a Saõ Tiago de Galiza, porque vos não ha de commutar esse voto nem hum jubileo do Papa? ò que me picaraõ, & não he credito parar antes do despique: ò que me perderão o respeito, & ferá fraqueza não proseguir a vingança. Portuguez? E se esse pique foi sò verdadeiramente desconfiança vossa; se esses respetos perdidos sò forão sonhos; porque não ha de dobrarse hum sonho, & huma def-

desconfiança?

14 Mas demos que o pique doeu com rezão, & que sem ella se perderão os respeitos. Portuguez de ouro, & filho do Sol; se o sois, que se lhe dà ao Sol das nuvens? Assoprará o vento, & desfeitos os vapores, aparecerá esse Sol mais intenso, & mais lizado, que antes. Não se dobrou lidas, nem se rendeu à verdade, à rezão, & aos conselhos de Christo; mas por indobrável foi hum homeni

Math.

26. 24

tão vil, que nem era digno de ter nacido, *Melius erat ei si natus non fuisset.* Mas esta falta de nacimiento emmendão os soes, quando? Quando por obedecerem a Deos, dobrados como o Sol em muitas voltas, não abrazão aos maos com os rayos, mas perdoando agravos athe a os maos enchem de luzes,

Math.

5. 45.

Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.

15 E esta he a verdade, & o contrario será nunca concordar o illustre da nação com o duro das cabe-

ças, o ouro que se dobra, com o vidro, que estalla, & com o barro, que quebra. E por consequencia não sò os nacimentos serão viis, & baixos, mas por não se dobrarem a Deos os homens, não sò os homens irão perdidos, mas as cazas dos homês, & as mais illustres, verão acabadas. Muitos homens não sabem donde vem o mal, que padecem as suas cazas, & que padecem os reinos; & tal vez porque não conhecem a causa da enfermidade não lhe applicão o remedio. Cahe o Castello, & abrazase a Cidade, & o Reyno, & porque? Porque acudindo o Rey, & o Reino a defender os portos contra o inimigo, imaginando que o fogo sò andava lá nos arcabuzes, o inimigo pella callada tinhao já metido nas minas. Quando David sahio a def. fio contra o Gigante, o Goliath não advertindo no surrão de David, diz o Texto, que advertira no cajado, *Numquid ego sum canis, quod tu venis ad*

1. Reg.

17. 43.

me

Ibi 49.

me cum baculo ? E donde lhe veyo o mal ao Gygante? Do cajado, em que advertio, ou do furrao pera que não olhou? Do furrao: Tira David do furrão huma pedra, metea na funda, dispara contra o Gygante, & derrubao, *Et cecidit in faciem suam.* E eis ahi porque cayem muytos, porque não sabem donde lhe vem a pedrada: cuidão muitos, como o Gygante, que todo o mal está no cajado, *Venis ad me cum baculo*; & o mal, & a pedrada está là metida num furrao, & achome cahido onde não cuidava, *Et cecidit in faciem suam.*

16 E a quantos Gygantes succede o mesmo? Pois pera que os Gygantes faibaõ donde lhes vem o mal, & lhe apliquem sem escuza o remedio, advirtaõ no com que acabo, & ponho o fim a esta empreza. Catholicos: Não fazeis cazo de vos render a Deos, & à rezão; os pleitos, & as vinganças perseveraõ, & ficaõ como em testamento de filhos a ne-

tos; pois sabei que esse teimar, & esse não dobrar he o furrao de David; da hi vem o mal. Não sò vemos muitas cazas tão agygantadas cahidas, mas athe Reynos inteiros, & Monarchias minadas, & abrazadas, porque? Porque havendo de ceder, & dobrarse, nunca se dobrao. Ouvi a prova, & reconheci, mas que seja no fim, esta verdade.

17 Tinha Deos decretado, como temos visto, destruir, & desfazer em cinzas successivamente, os quatro Imperios do mundo: o dos Babilonios em Nabucho, o dos Persas em Dario, o dos Gregos em Alexandre, o dos Romanos nos Cezares. Todo aquelle decreto aos olhos dos homens escondido, & sò aos de Daniel manifesto, estava decifrado, mas occulto, nos quatro metais da Estatua de Nabucho: no ouro da cabeça, o dos Babilonios, na prata dos peitos o dos Persas, no bronze do bojo o dos Gregos, & no barro, & ferro dos

- dos pès o dos Romanos. Vê pois Nabucho em sonhos a grande Estatua destes Imperios, & que succedeu à Estatua? Desce de hum monte huma pedra, *Abscisus est lapis de monte*, & fazendo o tiro aos pès da Estatua, *Percussit statuam in pedibus*, reduz a cinzas em hum momento nos quatro metais os quatro Imperios, *Tunc contrita sunt pariter ferrum; testa, aes, argentum, & aurum, & redacta quasi in favillam aestiva area*. Pois a pedra porque não fez tiro à cabeça da Estatua, senão aos pès, *Ibi 33. In pedibus?* Os pès da Estatua erão de ferro, & barro, *Pedum quadam pars erat ferrea, quadam autem fictilis*; & em barro, & ferro *Ibi 32.* poucos poem a mira: a cabeça da Estatua era de ouro, *Caput ex auro*, & ao ouro quem não atira? Pois se a Estatua havia de arruinar-se com hum tiro, porque se faz o tiro ao ferro, & barro dos pès, de que poucos fazem cazo, & não à cabeça

de ouro metal, a que todos atirão? Ora defenganevos aqui o mesmo, que vos enganava. Cuidaveis que pera a ruina da Estatua havia de fazerse o tiro ao ouro da sua cabeça, & elle não se afertou, se não ao ferro, & barro dos pès, & porque? Porque o ouro, como já ouvistes, rende-se, o ferro por duro teima em se não render: o ouro por flexivel dobra-se, o barro por seco não se dobra, quebra; & como Deos queria mostrar aos homens por onde se perde tudo, havia de perderse a Estatua por onde se não dobrava. E vòs não vos dobrais como ouro, mas como ferro, & barro, ou seco athe quebrar, ou duro athe morrer! Pois eis ahi a ruina ainda dos mayores imperios, *Redacta quasi in favillam aestiva area*.

18 E se estes são os estragos, que se seguem de não se dobrarem os homens, não tendes já que perguntar os que vos perdeis, por que vos perdeis! Não me dobra.

dobra o Amigo nem o Parente, não me dobra a razão, nem o bom conselho, não me dobra a charidade, nem a justiça, nem a conciência, nem o mesmo Deos me dobra! Pois não pergunteis por donde se perdeu a vossa Estatua! Perdeuse por dura no barro, perdeuse por inflexivel no ferro, perdeuse por onde se não dobrava, *Pedum quæ-*

dam pars erat ferrea, quædam autem fœtilis. Emmendar pois, & logo, pera evitar tantas, & tão grandes ruinas; & digo logo, porque ao depois de tudo perdido com cargo, & alma, por me não dobrar, como o não dobrar he vicio de geração baixa, & vil, por mais que ao depois de perdidos troçais as orelhas, não lançarão sangue,&c.



STRO.



STROMA XI.

OS HOMENS LIBERAIS

*não hão de fallar no que derão: porque
o beneficio saçasse, a mão
escondase.*

§. I.

DAR, & não falar na merce; favorecer, & não cantar o beneficio, essa he da liberalidade a alma. A merce fallada he vaidade, o beneficio cantado he hypocresia; & vaidade, & hypocresia como podem ser liberalidade? A liberalidade he virtude, a vaidade, & a hypocresia são vicios, & como os vicios não podem ser virtude, tambem a virtude não pode ser

vicio. Que a merce, & o beneficio fallados, & cantados não seão liberalidade, mas vaidade, & hypocresia, disse o mesmo Christo. Quando fazeis a esmola, a graça, & a merce, diz Christo, não lhe toqueis diante a trombeta, *Cum ergo facis eleemosynam noli tuba canere ante te.* Pois se os beneficios, por beneficios, são todos dignos de se festejarem, porque ao fazer do beneficio não se ha de tocar o Clarim, *Noli tuba canere?* A rezão he,

he,

he, diz Santo Thomas, porque alli o Clarim, ou a trombeta, significa o acto, ou a palavra com que o beneficio se jacta, & apregoa, *Tuba autem est omnis actus, vel sermo, per quem operis jactancia demonstratur*; & beneficio fallado, & apregoado, que he? Não he liberalidade, he vaidade, & hypocresia, conclue o mesmo Christo, *Sicut hypocritæ faciunt in Synagogis, & in vicis, ut honorificentur ab hominibus*. Graça feita nos Templos pera que o concurso toque a trôbeta, hypocresia temos, *sicut hypocritæ*: merce, & esmola feita nas ruas pera que o exercito dos que passão toque o Clarim, assopros são da vaidade, *Ut honorificentur ab hominibus*.

2 Ha acçoens que querellas afamar, he infamallas. Lembrame que o grande politico, & muito discreto Diogo de Saa-vedra pintou em huma das suas empresas a hum Falcão, que escapando das prizoês se empenhava anciozo em lançar fora

do pè com o bico os cascaveis; & a letra que dava alma à empreza era esta, *Fama nocet*; faz mal a fama. E aqui o faria grandissimo ao Falcão, porque se a felicidade da sua soltura a fossem publicando os cascaveis, viria sobre o Falcão o Assor, & fazendoo miseravelmente em pedaços, a felicidade feria desgraça, & a fama dos cascaveis infamias do Falcão. E isto he o que passa nos beneficios; tambem os infamão os cascaveis, *Fama nocet*. Senhores meus, que importa ao Falcão o beneficio de verse solto, se a fama que leva nos pès o ha de matar? Pois saibão os homens, que beneficios apregoados mais são espadas, que matão, que graças, ou merces, que vos aliviem. Quando Christo ensinou, que a graça, a merce, ou a esmola se havião de fazer sem se lhes tocar a trombeta, *Noli tuba canere ante te*, reparou o engenho de Gryfologo em que Christo com misterioza methafora uzou alli da-

Sanct.
Thom.
in
Math.

Ibi.

Saa-
ved.

Math.
6. 2.

daquella guerreira, & fanguinolenta palavra, *Tuba*, trombeta. E qual foy o misterio com que alli veyo a trombeta? *Bene, inquit, tuba*; diz Gryfologo; foy bem trazida, & porque? *Quia talis eleemosyna hostilis est*; porque fazer o beneficio, a esmola, ou a graça tocando-lhe a trombeta, como a trôbeta seja instrumento guerreiro, tangella ao fazer do beneficio, mais he hostilidade, que beneficio; assôpralla ao dispender da merce, não he merce, he tocar a degolar, *talis eleemosyna hostilis est*.

3 Eu creyo que a sutileza desta filosofia moral acabou de a explicar o mesmo Christo naquellas palavras, *Te autem faciente eleemosynam, nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua*. Quando a mão direita fizer a esmola, ou o beneficio, não o saiba a mão esquerda. Este Texto tem dado muito em que cuidar aos melhores Expositores. Como pode ser que então unida vezi-

nhança como a de huma, & outra mão, haja a mão direita de fazer o beneficio sem que pello menos o precinta a esquerda? Ou que quer dizer Christo em que a mão esquerda nem precinta, o que a mão direita obra? Eu cuido que na dificuldade deste côselho quis o Senhor encarecer quanto importa ao beneficio, pera ser beneficio, o obrarse sem nenhum ruido. Já dissemos que tocarlhe ao beneficio a trombeta, era degolallo, *Fama nocet*; agora quer Christo com mayor aperto, que a mão esquerda tão unida cõ a direita nem entenda, nem precinta o que a direita obra; E porque? Porque ao beneficio, pera que o seja, não sò não ha de tocarlhe a trombeta, mas tão caladamente o ha de fazer a mão direita, que a esquerda o não ouça. Unamse as mãos quanto se unem, mas ao fazer do beneficio seja tão nenhum o ruido, que por mais unidas que se veção as mãos, nem ouça, nem per-

Gryfol.
Ser. 9.

Math.
6. 3.

ceba a mão esquerda os extremos da direita, *Nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua*. Mas a rezão desta rezão que ferà? Qual ferà a rezaõ porq̃ a mão esquerda não he bem que ouça o que a direita obra. Porque se a mão esquerda presentir o que a mão direita fez, o beneficio, a esquerda ha de publicallo; pois pera que a esquerda não falle, não ouça. E este pensamẽto se me não engano, foy o de S. Agostinho, quando no mesmo passo disse, *Sinistra videtur significare delectationem laudis; dextera vero intentionem rectam*, que pella mão esquerda se entendem os applauzos, & o gosto de se ver louvado o que faz o beneficio; & pella mão direita a recta intenção de quem obra. E no fazer do beneficio qual he a recta intenção, & a direita, *Intentionem rectam?* He não lhe tocar a trôbeta, he fazello com tanto silencio, que ninguem o ouça pera os applauzos, *Noli tuba canere*. Pois se a mão esquer-

da he a mão da trombeta, a do applauso, a do gosto de me ver louvado, *Sinistra videtur significare delectationem laudis*, faça a mão direita cõ tal silencio o beneficio, diz Agostinho que a mão dos applauzos, que he a esquerda, pera que o não publique, de nenhum modo o ouça, *Nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua: sinistra videtur significare delectationem laudis*.

4 Mas a perfeição deste fazer o bê sem estrondos, mas o futil deste fazer o beneficio sem que se grite, onde lhe acharemos o exêplo? No Ceo, & tambem na terra. No Ceo he o Sol o exêplo dos liberaes: & como faz os seus beneficios este Principe dos Planetas? Entra por todas as cazas, encheas de luzes, mas taõ callado q̃ ninguem o ouve: Assi cahia do Ceo o beneficio do Mannã, cahia, mas sem estrepito. E Deos là do Ceo como faz cã na terra os beneficios? Ouvi a David; *Qui dat nivẽ Psalm. sicut lanã*. Deos, diz David, 147. 5. dà

S Aug.
Serm.
in mon.

dà a neve como lã. Não reparo em que sendo fria a neve, & quente a lã, dè o Senhor a neve fria como se fora lã calida; porque como da lã se fazem os vestidos, com que se reparão os frios, Deos quando dà o frio dà tambem as roupas, mandará a neve, mas como se fora lã, *Qui dat nivem sicut lanam*, Sò quizera saber porque louvando aqui David a liberalidade de Deos, diz que o Senhor dà a neve como se fora lã, *Qui dat nivem sicut lanã*. Mas se bem se adverte, nessa neve como lã descubro eu o futil, & o mais perfeito dos beneficios. Que significa a neve? Graças, beneficios; anno de neve, anno de bens; a neve como cahe na terra? Como os velos da lã q̄ não fazem estrondo, nem ruido. Pois eis ahi a perfeição com que Deos faz, & devem fazer-se os beneficios: Cayaõ do Ceo as graças, & beneficios significados na neve, mas venhão como lã, que não faz estrondo, *Qui dat nivem sicut lanam*.

1040

5 E porque não sayamos do Ceo, qual foy o mayor beneficio, que Deos fez aos homens? Foy dir-lhes a seu propr o filho, *Sic Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret.* Este beneficio o mayor de todos como o fez, Deos? Fello assi, como a chuva cahe sobre a lã, diz David, *Descēdet sicut pluvia in vellus.* E porque não como a chuva, que cahe nas pedras, senão como a chuva que cahe na lã? Porque a chuva, que cahe nas pedras ouvese cahir, a chuva, que desce sobre a lã não se sente descer; E eis aqui como Deos faz, athe o mayor beneficio, não como chuva estrondoza na pedra, mas como chuva pella callada na lã, *Descendet sicut pluvia in vellus*. E temos ouvido os exemplos do Ceo na materia dos beneficios; agora ouçamos os da terra, & conheceremos, que ainda que os exemplos do Ceo são muy superiores, & levantados, não faltou na terra quem imitasse no

Ioann. 3. 16.

Psalms. 71. 6.

fazer dos beneficios as finezas do Ceo.

§. II.

6 **N**ÃO manda Christo aos homens, q̄ obrem impossiveis, mas ensinou-os a que obrassem o perfeito, diz S. Jeronymo, *Sciendum est ergo, Christum non impossibilia præcipere; sed perfecta.* Ensina Christo, que a graça, & a merce, que se faz se obrem de modo, que nem a graça, & a merce se fação diante dos homens, nem porque os homens o veção, *Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus ut videamini ab eis.* A muitos parecerà impossivel a fineza deste obrar. Qual he o homem tão abstrahido, & desapegado dos homens, que queira fazer o beneficio sem os olhos nos homens, sem que o veção, & sem que o oução? Haverà homem na terra que fazendo o beneficio, & a merce esconda a mão, pera que não lha adoré, nem lha beijem? Ora

ouvi, & vereis como não sò no Ceo, mas tambem na terra ouve muitos, que fizerão os beneficios de mão beijada sem esperarem, que lhes beijassem a mão, sem os olhos nos homens, sem os ouvire, nem verem.

7 O primeiro cazo he o de Joseph filho de Jacob. Como os males grandes costumão abranger aos vezinhos, & a fome dos sete annos do Egypto abrangia tambem a Chanaan, Achavasse Jacob em Chanaan cõ onze filhos em caza: grande familia pera huma caza honrada, & sem paõ. Ouvio porrem Jacob, que abertos os celeiros de Farao no Egypto se vendia o trigo, & sem que Jacob o imaginasse, a providencias de Joseph seu filho se fazia a venda. Manda logo Jacob, exceptuando a Benjamim, que os mais filhos seus, que erão dez, fossem ao Egypto, & comprando paõ voltassem a remediar, o que não tem fiador, as bocas. Chegaõ ao Egypto os dez filhos, fallão com

Joseph

S. Hieronym. *Sciendum est ergo, Christum non impossibilia præcipere; sed perfecta.*
lib. 1.
in. c. 5.
& 6.
Math.

Math. 6. 1.
Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus ut videamini ab eis.

Joseph seu Irmão sem o conhecerem, comprão finalmente otrigo, manda Joseph, que lhe enchaõ os sacos, & sem que os Irmãos o vissem, que na boca de cada faco se repuzesse o dinheiro de cada hum, *Iussit Ministris, ut implerent eorum saccos tritico, & reponerent pecunias singulorum in sacculis suis.* Assi se fez, & voltando alli os Irmãos de Joseph providos, quando foy ao abrir dos sacos, com palmo de todos achão o beneficio, que não imaginavaõ, cada hum na boca dos seus sacos o seu dinheiro, *Cum frumenta effunderent, singuli repererunt in ore saccorum ligatas pecunias.* Não reparo aqui em que Joseph por seus mesmos Irmãos antigamente vendido, & agravado, alli os carregue agora de beneficios; porque o beneficio pera que se faça não ha de impedillo o agravo passado, ha de bastar pera fazer-se a necessidade presente. Sõ reparo aqui no modo com que o beneficio se fez.

Genes.
42. 25.

Ibi 35.

E porque manda aqui Joseph que sem os Irmãos o saberem lhes metão nos sacos o dinheiro atadas as bocas dos sacos, *Singuli repererunt in ore saccorum ligatas pecunias?* Assim o mandou pera que soubessem os homens que Deos não mandava aos homens impossiveis. Assi o mandou pera que advertissem todos, que não sò no Ceo, mas tambem na terra podia haver a categoria, que fazendo o beneficio, não quizessem o aplauzo, antes pera que a graça se não soubesse, façasse a graça, mas a mão escondasse; o dinheiro vã nos sacos, mas ligado pera que não soe, o beneficio enfacado, mas os sacos com as bocas fechadas pera que não fallem, *Singuli repererunt in ore saccorum ligatas pecunias.* Este foy o beneficio de Joseph, homem entre os homens; beneficio não visto porque escondido nos sacos, beneficio feito, mas sem trombeta, porque tapa-

das as bocas. E porque este modo de obrar não pareça unico em Ioseph, entre os muitos homens, que obrarão na terra semelhantes finezas, bem lembrados estareis de S. Niculao Bispo de Myra, & eu vos lembrarei o que obrou hum gentio na materia dos beneficios delgado, & advertido. De São Niculao já sabeis o cazo. Vivia na Cidade de Patara hũ nobre Cidadão, mas pobre. [A pobreza, ò Ricos, não he vileza; & vòs, os que tendes muito que comer, & vestir, adverti, & sabeí, que pode haver, como ha, legumes mais nobres, que os vossos pratos, & saragoças mais finas, & fidalgas, que as vossas sedas.] Tinha tres filhas o pobre homem, & chegou a tal extremo a sua miseria, que fechando os olhos ao discredito, & deshonra, determinou, namja que elle ouvesse de buscar o sustento pera as filhas, mas que a fermozura das filhas o sustentassem a elle. A onde falta a confiança em Deos trãs grã-

des males a fome, & cauza a pobreza grandes torpezas, *Male suada fames, & turpis egestas.* Soube Niculao do perigo das tres Donzellas, & que fez? Sendo ainda Mancebo, pera credito mayor da sua fineza, no mais alto silencio da noute sem ser sentido, nem visto, lança por hum postigo da casa do Cidadão quanto bastava pera dote da primeira filha, & repetindo huma, & outra vez com as mesmas cautellas a mesma fineza, emparou, & deu a mão às q̄ estavão pera cahir sem ellas saberem quẽ lha dera, *Incertum qua missa manu.* Este o cazo de Niculao, esta a fineza dos seus beneficios; & a esta fineza chamou o Doutor Seráfico cazo de grande humildade, *Humilitas magna fuit, quando ad nuptias filiarum clam vent. aurum projecit;* & Dionizio Cartuziano lhe chamou acção entre as liberaes a principal, *Niculau ornavit Deus præcipua liberalitate;* & ambas as couzas foy; Foy o cazo de grande humildade, porque

Virg.
Ænei.
6.

Virg.
Ænei.
11.

Bona-
do ad nuptias filiarum clam vent.
serm. 2.
de S.
Nicul.

Dion.
Cart.
serm. 2.

porquẽ fazer o benefício , & furtar o corpo aos aplausos, que merecia , não achareis semelhante cazo se não em humildades grandes, *Humilitas magna fuit*. Foi acção entre as liberaes da primeira classe, porque fazer o beneficio de noite, & meterse o Autor no escuro só por não ser conhecido, he fazer o bem, & fugir ao agradecimento, & estender pera o beneficio o braço dando ao agradecimento as costas he liberalidade da esfera superior, & mais alta, *Niculaum ornavit Deus præcipua liberalitate*.

9 Mas pera que nenhũ Christão se escuze destas finezas, acrescentemos agora ao Christão o gentio. Conta Plutarcho, que adoecêdo Apelles soubera Arcezilao Rey dos Lacedemonios da grande pobreza, em que se achava aquelle grande homem, & porque o Rey tambem ponderava, que o pejo, que tras consigo o pedir, he tão vehemente nos honrados, que antes se deixarão

ficar na summa miseria, & pobreza, que soffrer do pejo a dor, que fes entãõ o Rey? Foyse em pessoa vizitar a Apelles, grande honra: E sem dizer, pedi, como costumão os Reys, dissimuladamente, & sem ser sentido lhe meteu debaixo do traveffeiro hum sacõ de ouro, & despediose. E eis ahi hum homem sem fé, & sem a doutrina Evangelica fazendo o beneficio, & evitando o aplauzo, fazendo a graça, & não querendo as graças, despendendo o ouro, & poupando o pejo. Parece que Santo Ambrozio lera este cazo quando disse, *Videndus est tibi pauper, qui te non videt: requirendus ille, qui videri erubescit*. Haveis de ver o pobre, que não se atreve a vovos, & ha de ser buscado aquelle, que se envergonha de que o busquem. Assim se ouve Arcezilao cõ Apelles, não podia Apelles ver a Arcezilao por estar enfermo, foy Arcezilao a vello: a pobreza de Apelles fazialhe abrir a boca, mas o pejo ta-

S. Ambr. l. 2. de off. c. 25.

Plutar-
ch. de
Adula-
toris, &
Amici
discrimine.

pávalha, & Arcezilao pera acudir à boca, & ao pejo, que fez? Pera acudir à boca deulhe hum saco de ouro, & pera acudir ao pejo deulho escondido; pera remediar a falta abriu a mão com grandeza, pera evitar o pejo escondeu-a com dissimulação; & veyo Arcezilao deixando escondido o ouro na cabeceira de Apelles, a fazer o beneficio não como se Apelles o recebera, mas como se Apelles o achara: foy advertencia de Seneca, & ouçamolo.

IO Fala Seneca deste mesmo cazo, & diz assim:

Senec. l. 2. de Benef. c. 9. 10. *Arcezilao amico pauperi, cū clam succurrendum iudicasset, puluino ejus ignorantis sacculum subiecit, ut homo inutiliter verecundus, inueniret potius, quam acciperet: Reparai no Inueniret potius, quam acciperet. Reparai, pondera Seneca, na fineza de Arcezilao: fez o beneficio, mas como? Como se o não fizesse: là ficou o beneficio no ouro, mas taõ dissimulado, que não pareceu que se recebia,*

mas que se achava, *Ut inueniret potius, quam acciperet.* E eis ahi como tambem na terra, não sò os Christãos, mas os gentios sabem fazer os beneficios sem lhes repicarem os finos, nem tocarem as trombetas, *Noli tuba canere.* Diraõ que daqui se segue, que os beneficios, que ouverem de fazerse se haõ de fazer não como se quem os faz os fizesse, mas como se quem os recebeu os achasse, *Inueniret potius, quam acciperet.* Está bem deduzido, & assim de ver, & o pro-vo.

§. III.

II **P**Rimeiramente, pera q̃ procedamos com toda a clareza, havemos de saber, diz Seneca cõ os mais sabios, que ha dous generos de beneficios; huns que se haõ de fazer clara, & publicamente, *Præcipiunt omnes Authores sapientia, quædam beneficia palam danda;* outros que se haõ de fazer oculta, & scretamente,

Quæ-

Quaedam secreto. Os beneficios, que se haõ de fazer em publico, & às claras, são aquelles beneficios, que feitos são de credito, & gloria a quem os recebe, como as tenças, como as comendas, como os titulos aos que na guerra se ouveraõ cõ valor, & arte, & como as honras, que na paz se mereceraõ por bons serviços, ou por tudo aquillo que apremiado me faz em publico airozo, fermoço, *Palam, quæ consequi gloriosum est, ut militaria dona, ut honores, & quidquid aliud notia pulcrus sit.* Os beneficios que occultamente, & em segredo se haõ de fazer, são aquelles beneficios, com que se acode, & remedeia, ou a infirmitade, ou a pobreza, ou a ignominia, & afronta, que se padece, *Que vero occurrunt infirmitati, egestati, ignominia, tacite danda sunt.* E acrescenta o juizo de Seneca, que este segũdo genero de beneficios se deve executar com tanta cautella, & segredo, que sò saiba do beneficio o que o

recebe, *Ut nota sint solis, quibus profunt;* ou melhor ainda; que o beneficio se faça com tal dissimulação, que gozando o que o recebe, el te mesmo não saiba de quem o recebeu, *Interea qui iuratur fallendus est, ut habeat, nec à quo acceperit, sciat.*

12 Isto supposto, não fallo do primeiro genero de beneficios, se não do segũdo. Traga na capa o habito o que fez os actos, & publicamente se veja a Cruz no peito a quem nunca voltou as costas. Leve a comenda, & o Titulo o Capitão, & o General, a cuja disposição, & espada se deve o bom successo da victoria, pera que claramente se confessa, que come o pão a testa, q̃ o suou, & que a espada, que melhor corta he a que talha os premios. Logre na paz o posto, & o officio o que om o conselho, o que com a justiça, o que com o amor da patria, & conservação do Reyno, & boa opiniaõ do Rey, sò atenta pello bem commum, antepoñdo a paz, &

vniam dos vassallos aos interesses próprios, pera que se advirta, que na face do Sol são os honrados os que como o Sol não descansão no serviço dos homês, *Quaedam beneficia palam danda.* Porem os beneficios do segundo genero, aquelles com que se remedey a falta, com que se acode ao pejo, com q se empara a pobreza, & com que se podê evitar a afronta, & a ignominia, estes haõ de fazerse tão secretamete, que nem sabendo o que os recebe de quem os recebe, pareçãõ os beneficios não feitos de proposito, mas como a cazo, não como se quem os faz os fizesse, mas como se quem os recebe os achasse, & vai a prova.

13 Rut, & Noemi, Sogra esta, & Nora aquella, parentesco se defabrido, com tudo entre ambas não havia outro dissabor se não o da fome. Pera remedialla pede Rut a Nora licença a Noemi a Sogra pera ir colher algumas espigas das que escapão aos segadores no cam-

po. Havida a licença sabe Rut de Betlem chega aos campos de Boos, varão honrado, & rico, começa a colher alguns despojos da foice, & Boos sabendo deste pobre cazo, que fez? Disse assim aos segadores: *De vestris quoque manipulis projicite de industria, & remanere permittite, ut absque rubore colligat.* Não vã nenhum de vòs à mão a essa pobre molher ao recolher das espigas, antes vos mando, que como se fora acazo, deixeis cahir de industria as espigas das paveyas, & ella as levante sem pejo, *Ut absque rubore colligat.* Parece que Boos neste cazo obrou contra o mesmo, que intentava. Se intentava Boos remediar a falta, & a pobreza de Rut, porque a detem colhendo espiga a espiga, & não lhe dà logo o feixe de trigo, que recolheu, & levou? Não sendo Boos homem de muitas filosofias, discursou na materia dos beneficios como Seneca. Se Boos dera logo a Rut o trigo, de que necessi-

Ruth.
2. 16.

necessitava, fazialhe o beneficio, mas como quem o fazia: deixando cahir de industria as espigas, pera que Rut as recolhece fazialhe o beneficio, mas como se Rut o achara; & porque na materia destes segundos beneficios quem mais Christã, & sutilmente discursa, não faz o beneficio como merece de preposito, mas como se escapara das mãos, pera que o beneficio de Boos não se faça como de preposito, Boos não de o feixe a Rut, pera que Rut o receba como se fora acazo, recolha Rut as espigas: pera que o beneficio se faça como se não se fizesse, o mesmo Boos não o faça, pera que o beneficio se receba como se fora não feito, achou Rut, *De vestris quoque manipulis projicite de industria. Ut inveniret potius, quam acciperet.*

14. Este he o mais acertado, o mais perfeito, & o melhor modo de fazer os beneficios; & a razão he; porque fazer o beneficio como quem o faz he osten-

ração da grandeza; fazello como se o não fizera; he fazer o beneficio; & fugir o luzimento: fazer o beneficio como quem o faz, he empenhar o agradecimento; fazello como se o não fizera, he livrar quem o recebe das pensoens de agradecido, finalmente fazer o beneficio como quem o faz, he não querer subir ao heroico do obrar; fazello, mas como se as espigas cahirão a cazo, como se o beneficio não fora feito, mas achado, este he o perfeito, & o melhor modo com que nesta materia se procede; & assi o fez Elias. *Pede Elizeu a Elias que lhe de o seu mesmo espirito dobrado, Obscuro, ut fiat in me duplex spiritus tuus.* Muito pedio, & o beneficio era difficultoso, *Rem difficilem postulasti;* mas como os homens de soberanos espiritos; como Elias, nem o muito, que se lhes pede, nem a difficultade do beneficio lhes ata, & prende as mãos, que fez a generosidade de Elias? Subindo

aos

aos Ceos diante de Elizeu, deixa cahir a capa, & nella o beneficio, & diz o Texto que Elizeu levantara a capa, que cahira dos hombros a Elias, *Et levavit pallium Eliae, quod ceciderat ei.* Pergunto: se na capa de Elias recebe Elizeu o beneficio, q̄ pedira, porque lhe não chama a Escritura claramente beneficio senão capa, *Levavit pallium?* Porque o beneficio perfeitamente obrado ha de fazerse como se não se fizesse: faça-se o beneficio, mas pera ser perfeito, venha debaixo da capa, *Levavit pallium.* Mais, & ao nosso intento. Se Elias quer fazer a Eliseu o beneficio q̄ lhe pede, porque lho não faz dandolhe a capa de mão a mão, se não deixandoa cahir, *Quod ceciderat?* Porque deixandoa cahir parecia a capa achada, & não dada; & Elias não só queria fazer o beneficio, se não fazello pelo modo mais perfeito, & mais heroico; & o modo mais perfeito, & heroico em fazer beneficios, não era

fazellos Elias de mão a mão como quem os fazia, era deixallos cahir pera q̄ Eliseu os gozasse como se os achara, *Levavit pallium Eliae, quod ceciderat ei.*

15 E cuido tenho provado o que propus; que os homens liberaes não haõ de fallar no que derão, que o beneficio se faça, & que a mão se esconda. O se no mundo imitassem todos os heroicos exemplos dos que assi obrarão. Quanta gente, & muito honrada, morre de fome, porque o beneficio que se havia de fazer como achado debaixo da capa de Elias, ou se ha de receber na praça, ou não ha de receber-se. Pois o beneficio feito em publico, & na praça, que beneficio he? Não he beneficio feito, he beneficio vendido: vendeo a jactancia, & compraõ a necessidade: vendeo a vanglória, & compraõ o pejo. E quantos por não porem na praça a sua pobreza, & o seu pejo, antes não querem o beneficio, que haverem de comprarlo

prallo por tão preço. Muitas donzellas recolhidas fazem muitas cruces na boca, & porque? Porque antes querem a boca crucificada, que andar pellas ruas com o pejo na cara. Muita pobreza de ambos os generos vê as Estrellas ao meyo dia, & porque? Porque allí muitos homens, como muitas moheres, querem antes ver as Estrellas dentro de suas cazas, & ao meyo dia com fome, do que serem vistos do Sol ao meyo dia, na praça, comprando o negro beneficio, ou pello preço da dor, ou pello sangue das faces. Ouvi, & pôderai estes dous cazos.

16 Em huma caza de pessoas muito nobres não ouve que comer hum dia mais que hum melão, & por que ao outro dia não havia tanto por onde cortar, comeramse as cascas, & não mais. Pois fahir à rua, bater às portas, pedir a esmolla, & abrir a boca pera solicitar o remedio, não era mais facil de tolerar, que a fome das

cascas? Não; fahir pellas ruas o credito, & a boa opinião batendo pellas portas! antes a boca tapada, que tais lançadas no peito: pedir a esmolla, & solicitar o remedio com desdouro da honra da caza, & da familia! Não ha ouro com desdouro, antes na boca as cruces, que tal fel, & vinagre na boca. Venha o segundo cazo.

17 O zeloso, & veneravel Padre Theodoro Van, que em Bruxellas por suas mãos administrou os ultimos Sacramêtos a trinta mil pessoas feridas da peste, convidado por hum nobre Cidadão, a que quizesse jantar com elle, aceita Theodoro a offerta, assentamse à meza, & admirado o veneravel Padre do exquisito das iguarias, & multidão dos pratos, com a devida cortezania [com que tambem se enfeita a virtude] havida do seu hospede a licença, pega de dous pratos, cobrecos com huma toalha, daos a hum Criado, & dizlhe assim; Ide athe a praça, & na porta onde

*Referens
à P. in
gelgr.
in fest.
S. Nicolao.*

de o vento vos lançar essa toalha, ahí entrai, & dai esses pratos. Sahe o Criado, chega à praça, voa a toalha, & cahio em hum tão fermo- zo portal, que o mensageiro imaginando não podia em tal caza verficarse este ca- zo, voltou ao Padre Theo- doro, & com os pratos na mão referio o successo. Não obrastes bem, disse Theo- doro; voltaí, & com a mes- ma advertencia, onde o ven- to lançar a toalha entrai sem duvida. Cazo raro! Na mes- ma porta, que dantes, lança o vento a toalha, chega o Criado assombrado à porta, bate, sobe, he bem recebido, & que vio na caza? O q̃ não cuidava. Cuidou acharia o dono della jantando fidal- gamente, & elle achou a hũa nobre, & honrada familia jantando boletas. Eis aqui o

que vai no mundo: comem boletas muitas cazas, & vem ao meyo dia a Estrella, ou porque a não tem, ou porq̃ não voão pera là as toalhas. Direis que sayão a pedir, que se humilhem, que se enver- gonhem, que melhor he san- gue no rosto, que boletas na boca. Isso não, dizem as ca- zas honradas; antes boletas com honra, que beneficios tão caros, antes a face ama- rella, que a face vermelha, antes a fome, q̃ a infamia.

18 Façaõse, pois os be- neficios, & não se vendão: a liberalidade he graça sem al- moeda, o beneficio he mer- ce sem onzena: liberal como senão, dera, beneficio de tal sorte, que o beneficio se fa- ça, & a mão se esconda, que mais pareça achado, q̃ feito, *Levavit pallium Elia. Ut in- venire potius, quã acciperet.*



STROMA XII.

MUITAS VEZES NÃO HE CULPA
 dos Pregadores de Deos, nem dos Ministros
 dos Reys, não se verem grandes fru-
 tos, & acrescentamentos
 nos Reynos.

§. I.



Primeira fe-
 licidade do
 Lavrador he
 semear é ter-
 ra boa. O trigo
 do Lavrador, que cahio
 em terra boa, diz Christo,
 deu cento por hum, *Aliud*
cecidit in terram bonam, &
ortum fecit fructum contu-
plum; o que cahio sobre as
 pedras nada deu, secouse,

Aliud cecidit supra petram, ibi 6,
 & *natum aruit.* Logo dar
 fruto, ou não, o trigo da pa-
 lavra de Deos, não vai do
 Lavrador, vai do terreno.
 Catholicos, Nathão con-
 verteu a David, & fello di-
 zer, pequei, *Peccavi.* Moy-
 ses prègoa a Pharao, & por
 mais que arrezouo, & pro-
 vou, não o converteu, *Indu-*
ratum est. Nathão com hũa

Luc. 8.
 8.

2 Reg.
 12. 13.

Exod.
 7. 13.

sõ parabula postrou por terra a David: Moyses, mayor Prègador, que Nathão, nem com muitos sermoens, & acompanhados com milagres prodigiosos, converteu a Pharaõ pois que he isto? He que pera fazer, ou não fazer fruto o Prègador, não està o ponto em ser o melhor, como Moyses, & o mais milagrozo; o ponto està na terra, em que lavra. Se a terra, em que o Prègador lavra, he b anda, & he flexivel, como o coração de David, basta Nathão pera fazer dar fruto a David, *Peccavi*. Se a terra, em que lavra o Prègador he seca, he dura, & inflexivel, como o coração de Pharaõ, por mais que Moyses o meta debaixo da grade, por mais milagres, que faça, como o torraõ não dà de si, nem Moyses o quebra, *Induratum est*.

2 Nem me digão, que o pouco fruto; ou nenhum de algumas prègaçoens, he porque alguns dos Prègadores não semeão a palavra de Deos. Isto he falso; & a

verdade he, que os Prègadores, ainda que nem todos com o mesmo espirito, & efficacia, com tudo todos prègão do Pulpito a palavra de Deos, & dão bons, & saõs conselhos aos seus ouvintes: assi o ouço là dos Pulpitos, & os que estamos cà nos bancos, não podemos com verdade liza dizer o contrario: logo o pouco fruto, que de muitas prègaçoens se recolhe, não he culpa dos Pulpitos, senão dos bancos, não vai de là, vai de cà. Se vòs sois os que entrais na Igreja, não pera ouvir a palavra de Deos, mas pera pescar palavrinhas, não pera vos aproveitares da doutrina, mas pera notalla, em ouvidos taõ mal dispostos que fruto se ha de fazer? Acabava Christo de prègar do Baptista, & disse no fim da prègação estas notaveis palavras, *Qui habet aures audienti, audiat*: quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Pois ahi ha ouvidos, que não sejaõ de ouvir, ou pera ouvir? Ha: ha ouvidos, que vem ao Sermão,

Math.
11. 15.

mão, não pera ouvir, senão pera pilhar, não pera aproveitar do bem dito, mas pera dizer; Bem dito, ou mal dito. E se nos Sermões onde o Prêgador he o Iuiz, & os ouvintes os reos, os reos não vem ouvir as suas culpas, mas absolver, ou condemnar ao Iuiz, dos ouvidos destes ouvintes, que se pode esperar, senão em lugar do fruto, a pevide, com que ouvem, ou em que havendo de levar pera caza a substancia, & o suco do fruto, elles levão o que sò vem buscar, q̄ são os accidentes, & as cascas.

3 Já se o Prêgador he de poucos accidentes, he tezo, & duro, em reprehender, & amoeftar, bem mostra o pouco auditorio, com que se acha, o a que vinhão os ouvintes Prêgando Christo em outra occasião do admiravel mysterio do Sacramento, muitos dos ouvintes o deixaraõ, & se forão embora, & nunca mais o quizerão ouvir, *Ex hoc multi Discipulorum ejus abierunt retro, &*

jam non cum illo ambulabant.

E que rezão deraõ estes homens pera deixar o Prêgador, & tal Prêgador? Nenhuma outra rezão, senão o dizerem que o Sermão era duro, *Durus est hic Sermo, ibi 61. & quis potest eum audire?* Pois o Prêgador he zelozo, o Sermão tezo, & duro, *Durus est hic Sermo?* Pois là vão os ouvintes, *Abierunt.* Se dizeis as verdades sem capa, *Abierunt*: se reprehendeis sem enfeites, *Abierunt*: se zelais sem lizonjas, *Abierunt*: se não fallais ao gosto, *Abierunt*; logo quem os trazia ao Sermão era o gosto; logo quem os chamava erão as lizonjas; logo quem os convidava erão os enfeites, & a capa, com que se cobriaõ as verdades, era a Terceira do Prêgador, ou a sua Adela. E se estes são os ouvintes, & se este he o paladar, como que vem ouvir, como hão estes de converterse, se a desposição pera a emmenda, ou he vir escutar palavras, ou julgar ao Prêgador, ou finalmente, se

M o Prê-

o Prêgador falla as verdades despidas, & sem rebuço, o Prêgador he duro, deixemolo, *Durus est hic Sermo: Abierunt.* He claro, que o Prêgador mal, ou não ouvido, não pode emendar. Desçamos agora dos Pulpitos pera as Ca-deiras.

§. II.

4. **T** Ambem os desconcertos, que muitas vezes se vem nos Reynos, & de que muitos se admirão, ainda que forão melhor não os ver, não são pera admirar. Nenhum Ministro por mais recto, zelozo, & vigilante, q̄ seja, pode emendar tudo, & contentar a todos. Queixamse huns, & queixamse outros, & não sabem, que o mundo logo começou com queixas. Eva em nascendo logo se queixou da Serpente, *Serpens decepit me:* Adão em nascendo logo se queixou de Eva, *Ibi 12. Mulier, quam dedisti mihi.* E o peor he que subio tão alto

aqueixa de Adão, que dizendo a Deos, como remo-queando, que a mulher, que lhe dera, o fizera comer, *Mulier, quam dedisti mihi,* là foy por a culpa cavilozza, & consequentemente no tribunal de Deos, dis São Gregório, *Reatum suum oblique in Authorem relidere, qui et mulierem dederat.* De sorte que Deos, & muitas vezes os seus Ministros, dispoem o governo, Deos com summo acerto, & providencia, os seus Ministros dezejando imitar em tudo a Deos, & nós, que somos os rebeldes, os transgressores das leys, & os Reos de todos os desconcertos, & perturbaçoens do bom governo, queixamosnos, & sendo como Adão os culpados, não sò nos queixamos dos Ministros do Rey imputandolhe a culpa, mas impondoa atrevida, & temerariamente ao Rey, que a não tem, *Reatum suum oblique in Authorem relidere.*

5. E desta sorte de que nos queixamos, & porque

nos

S. Greg.
l. 33.
moral.
c. 24.

Genes.
3. 13.

Ibi 12.

Genes.
1. 16.

nos queixamos? Queixamonos do que não temos rezão, & queixamonos, porque assi se costuma. Vigie o Rey, & vigiem os Ministros quanto vigiaré as queixas nunca hão de dormir. Que ministro mais vigilante que o Sol? O mayor louvor da vigilancia, & bom governo do Emperador Theodosio foy comparallo ao Sol o seu Panegyrista Pacato, *Ut Sol stare nescit, ita tu Imperator*: assim como o Sol nunca para, assim vòs, ò vigilantissimo Emperador. Fez Deos ao Sol Presidente do mundo, *Luminare maius, ut præffet diei*, & desde o dia, que lhe deu este officio athe hoje, não descansou hum momento. Esta he a penção dos Ministros, que dirigem, & resplandecem do alto: huma perpetua inquietação, hum movimento continuo, hum correr, & dar mil voltas ad mundo, sem parar, nem descansar já mais. Mas sendo este o Sol, estes os seus cuidados, & vigilancias no bom

governo do mundo, haverà ainda quem se queixe do Sol? Haverà, & ha. Huns queixamse, que o Sol os abraza, outros queixamse, que nunca o Sol os aqueenta: estes dizem, que o Sol os cega, aquelles que nunca vem luz, senão rayos. He possível que no mesmo tempo sem distincção de merecimentos, nem de pessoas, ha de alumiar o Sol a bons, & a maos, *Qui Solem suum oriri facit super bonos, & malos*: Tanto Sol pera o Christão, como pera o infiel? Tanto pera o Leão, como pera a formiga? E pera a Aguia tanto, como pera o Morcego? Em fim, tanto ha de nacer o Sol pera os que o esperão com anciancia, & o dezeção, como pera o Ladrão, que o não quer ver? Pois queixemonos do Sol. Pobre do Sol, que desvelado sempre no bom governo do mundo, & na administração do seu officio, obrando como Deos lhe manda, nem os disvelos, com que a tudo a-code, evitão murmura-

Math.
5. 45.

çoens, nem o beneficio, ao que Deos quer, & ordena, enfreya queixas.

6 E então os Ministros tem a culpa. A culpa temna Adão, & Eva, & vòs a herdastes destes Avòs. Que culpa tinha Moyfes das queixas continuas do povo Hebreu? Fez Deos a Moyfes supremo Governador deste povo, & não podião os homens dezejar, nem ainda fingir, modo de mandar, nem mais, util, nem mais grato, nem mais humano, nem ainda mais divino, & mais digno de aplauzo, & admiração em tudo, que o de Moyfes. Elle amava ao Povo, como encarece São Paulo, mais que as grandes conveniencias de ser tido por filho da Princeza de Pharaó; & o que he mais, amava ao seu povo mais que a si mesmo, como elle disse a Deos naquelle excessõ do

Exod. Aut dimitte eis hanc noxam, 32. 32 aut de te me de libro tuo. Elle os consolava nas suas affiçoens, elle os aliviava nos trabalhos, elle os resgatava

do cativeiro, & trazia pera a terra de Promissaõ carregados de ouro, & de riquezas: elle os vingava de seus inimigos, sepultandolhos no mar Vermelho: elle lhes dava de comer, & ao paladar de cada hum; elle os levava pello Sol sem calma, pella noite com luzes; & em fim tal Governador, & Ministro, nem o que os Hebreos pintassem como quizessem, podiam querer melhor. Mas oh affombro da ingratidão humana! Oh desengano mal entendido sempre, & sò aqui bem experimentado, do que he mandar homens! Pergunto: E sendo Moyfes este Ministro, & o seu governo este, governou em paz, com quietação, com aplauzos, & agradecimentos? Não. Como se Moyfes fora o peor Ministro, & as graças, que fazia; fossem pecados, o pago, que o Povo lhe dava, erão continuas queixas, murmurações, clamores, tais injurias, & afrontas, que estiverão pera porlhe as mãos, & apedrejallo,

Num.
 12. 12. jallo, & chegou a tanto a furia, & dezatino do Povo, que nunca se contenta, que sendo Moyses, como diz a Escritura, o mais manço de todos os homens, *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines*, o Povo lhe não quiz obedecer, por obedecer a hum Bezerra, & metendolhe o governo nas pontas de hum Touro, Moyses o manço foy de posto, & o Touro bravo o aclamado, *Hi sunt Dij tui Israel.*

Exod.
 33. 4.

7 Agora veção là os descontentes, os murmuradores, & os queixozos, quem tem a culpa dos desconcertos dos Reynos, de não florecerem em tudo, & acharão, que examinado este ponto, não são muitas vezes os Ministros a causa dos danos, que se sentem; mas os mesmos povos ingratos, rebeldes, revoltozos, & sempre mal contentes. Como ha de florecer a Vara, o Sceptro, & o mando, por mais cynfero, & innocente, que va o governo, se as tromen-

tas, que se levantão contra qualquer ley, & disposiçãõ, não deixão navegar a Não pello direito. Porque no mundo vai hum diluvio de desconcertos, anda aos bordos a Arca, & não he culpa da bondade da Pomba os naufragios, que vòs cauzaís. Lança Noe da Arca a Pomba pera saber, se era acabado o diluvio, *Emisit Columbam.* Sahio a Pomba voando, & depois de cançada, não achando, o que buscava, voltou pera a Arca sem obrar nada. E eis aqui o successo deste primeiro Ministro de Noe, nenhum. Mas que fez Noe vendo isto? *Rursum dimisit Columbam*: tornou a mandar a Pomba. Pois se da primeira vez nada obrou este Ministro na Armenia, pera que o manda segunda vez a Armenia? Porque Noe, como prudente, vendo allagado o mundo, não attribuiu a mão governo, ou cynceridade da Pomba, o que era culpa do diluvio, *Non ideo vacua Columba quod Columba esset, sed quod pars nulla*

Genes.
 8. 9.

Olyv.
 tom. 1.
 in c. 8.
Genes

mundi vivret, disse Olyva. Se o mundo está alagado, q̄ ha de obrar a Pomba? E se tudo são diluvtos, como ha de florecer a Arca? Desafoguemse as paixoens de muitos, entendão, que nenhum governo pode ir à vontade de todos, & metendo a mão nas proprias consciencias, se-jaõ os successos quais forem, não se culparão as Pombas, que não tem culpa.

8 He verdade, que muitas vezes, o que na realidade he rezão, & bom governo do Rey, & do Ministro pode parecer injustiça, & des-governo; mas se os Reys õucessẽm de dar conta de tudo, & os seus Ministros, haviamos de venerar os seus õculos, darlhe os amens, & ter tudo por santo. Hum pay de familias, dis Christo, foy huma menhã muito fe-do, *Primo mane*, dis o Texto, buscar trabalhadores pera huma vinha *conducere operarios in viniam suam*; confertouse com huns poucos em lhe dar a cada hum por dia huma moeda, a que cha-

mavaõ Denario, *Conventio-ne autem facta cum operarijs ex denario diurno*. Athe aqui está bem, & ninguem poderã condenar aquem buscar quem o sirva pagandolhe; & tambem está muito bem que hum pay de familias atente pello seu; & se for necessario madrugar pera que a vinha se não perca, madrugue, & levante-se pera que a caza não caya, como este pay fes, *Primo mane*. Vamos adiante. Tornou o pay de familias no mesmo dia, segunda, terceira, quarta, & quinta vez, a buscar mais trabalhadores pera a vinha; & sendo, que estes tinhamõ entrado mais tarde no trabalho, & tão tarde os ultimos que lhe deu lugar o dia pera trabalharem hũa hora, *Una hora fecerunt*, com tudo, quando foi ao pagar do jornal mandou o pay de familias ao seu procurador, q̄ chamace a todos, & que começando a pagar pellos ultimos deca a cada hum o seu denario, *Acceperunt singulos denarios*. Alli o fes o procurador

Math.
20.

Ibi 2.

Ibi 12.

rador. Mas aqui agora as queixas dos descontentes.

9 Tanto que os primeyros chamados virão que os ultimos, que sò tinhão trabalhado huma hora levãõ hum denario, como elles, que tinhão trabalhado o dia inteiro, que diceirão? comessarão aqueixarse, & a murmurar do pay de familias, que trabalhando elles o dia inteiro os igualara na paga com os que trabalharão huma hora,

Ibi 11.
12. *Murmurabant adversus Patrem familias, dicentes: Hi novissimi una hora fecerunt, & pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, & æstus.* Agora examinemos todo este negocio, & acharemos, que o que estes queixozos julgavão por desgoverno, & sê rezaõ, naõ o era. Tomado o cazõ a primeira face, elles parece, q̃ tinhão rezaõ de queixarse os q̃ trabalharão o dia inteiro. Basta que eu ei de trabalhar mais, & não ei de ter mais? Parece sem rezaõ. Basta q̃ eu desde

oaisib

que o Sol nasceo athe que sepos, andei com a enxada na mão suando, & servindo na vinha; & o outro, que sò là servio huma hora, por quatro enxadadas igual comigo, *Pares illos nobis fecisti?* Parece injustiça. O quantas vezes nos parece assi cà no nosso Reyno, & não he assi, como là na vinha, que tambem era Reyno. Doemonos, & queixamonos, mas o que pera nós parece ferida, naõ he injuria do Rey; nem o que parece rezaõ de queixa, he no Ministro injustiça. Ouçamos tambem agora ao pay de familias.

10 Chamou elle a hum dos queixozos, & nelle dice aos outros; Amigo, aqui não ha agravo, nem injuria, *Amice, non facio tibi injuriam.* Ibi 13. Eu fis contrato com vosco de vos dar pello dia inteiro hum Denario, que he o contrato Inominado, & justo, *Do, ut facias.* Eu no mesmo dia, sem reter o pagamento,

M 4

mento,

Ibi 14. mento, vos fis dar o Denario em que contratamos: onde vay agora aqui a injustiça? Tomay o que he voffo. *Tolle quòd tuum est*, & ide embora, & vade. E continuando o Pay de familias, disce-lhe. E que tem a vossa murmuração, & queixa com a minha liberalidade? Dar eu a este ultimo, que trabalhou huma sò hora, tanto quanto vos dei a vòs, que trabalhastes o dia inteyro, foy graça, & liberalidade minha; pois a minha graça ha de fer a vossa dor, & a minha liberalidade a vossa murmuração? Eu quero dar a este por graça o que vos dei a vòs por justiça, *Volo autem, & huic novissimo dare, sicut & tibi.* Bem dito, & bem feito pera nosso defengano. Senhores, não nos quey-xemos, que se os Reys, os Prelados, & os Ministros ouvessem de argumentar contra muitos de nòs, haviamos de achar por

Ibid.

conclusão, que o que julgavamos mau governo era igualdade, & o que tinhamos por injuria era justiça; *Non facio tibi injuriam.*

II Enganamonos muitas vezes neste mundo, porque falamos, & nos queixamos, sem saber o que vay debaixo das cortinas, que se os Oraculos falarão haviamos de dizer o que eu dizia; dar os Amens a tudo, & dizer, està fanto. Quando São Ioão no seu Apocalypse vio que o Cordeiro abriu o livro the então fechado, *Cum aperuisset li- Apoc. brum*; logo ouvio que 5. 8. quatro misteriozos Ani-mais davão os Amens ao Cordeiro, *Et quatuor A. Ibi 24. numalia dicebant Amen.* Cor-reuse a cortina, viramse as dispoziçoens do gover-no, & em fim abrindose o livro, *Cum aperuisse li-brum*, à vista do que se vio, todos dizião, Amem, Amem, *Et quatuor Ani-malia dicebant Amen.* E
dizião

dizião tambem bom , & santo? Dizião. Em outra vizaõ vio o Evangelista a estes misteriozos animaes cheyos por todo o corpo de olhos, *Incircuitu, & intus plena sunt oculis*. E postos assi diante do Senhor, que estava num Trono, o que dizião era, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*; tudo està santo. E tudo santo porque? Porque quem diante dos tronostiver olhos pera ver o que là vay, como tinhão estes misteriozos animaes, *plena sunt oculis*, ha de reverenciar os despachos, as provizoens, as sentenças, as ordens, & já não dizendo mal, nem do Rey, nem do governo, o que ha de dizer he abaixando a cabeça, Santo, Santo, Santo, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*.






STROMA XIII.

AMIZADE QUEBRADA NÃO

solda; E como não solda, não obra-
reis seguro, se não vos por-
tares acantelado.

§. I.

I  Aõ conver-
feis com to-
dos com se-
gurança, por
que nem to-
da a conversação he segura.
Reconciliete embora o ami-
go, mas como estas reconci-
liações sempre são escrupu-
lozas, não as deis por con-
firmadas na graça. Ainda
que por fora sejam as pala-
vras doces, ordinariamente
o amargozo da pevide fica
là dentro. Com docíffimas
palavras quis a Serpente re-

conciliar-se com Eva, *Eritis Genes.*
sicut dij; & porque Eva sem 3. 5.
sospeitar por dentro o amar-
gozo, se fiou do adocicado
de fora, o que imaginou fé,
foy engano, *Serpens deceptit- Ibi 13.*
me. Era a Serpente inimigo
reconciliado, & fazia-se ami-
go, & como estes, ainda que
se reconciliem, não confes-
saõ tudo, darvoshão como a
Eva por fora o pomo fer-
mozo, mas por dentro là fi-
ca escondida, & solapada a
pevide. quem imagina, que
o que foi inimigo, se reduz
logo

logo a huma perfeita amizade, arriscale como Abner a hum mortal, & irreparavel engano. Na Corte de David [que ha muito disto nas Cortes] por malicia, & por inveja, era Ioab grande inimigo de Abner. Ambos na Corte erão grandes, & bẽ mostrou o sucesso, que entre os grandes saõ os odios do seu tamanho, & foy o cazo que chamando Ioab como amigo a Abner, & fallando-lhe como amigo, que succedeu a Abner credulo, & confiado? O que aos confiados succede. Chamado Abner por Ioab com engano diz o Texto, *Ut loqueretur ei in dolo*, & com toda a Cortezania, & bella cara recebido Abner por Ioab, ao passar de huma porta estava aberta a treyção de modo, que Ioab puxando por hum punhal, meteu-o pella ilharga a Abner, & matao, *Et percussit illum ibi in inguine, & mortuus est*. Pois agora Abner, que remedio? Diria Abner, se refucitara, que entre amigos reconciliados se-

guravão as cautellas o que as cófianças perdião, & que pera viver entre elles, & salvar a vida, era melhor a desconfiança, que a fé.

2 Assi desconfiou David na Corte delRey de Geth, & assi livrou a vida. Perseguido de Saul David passase à Corte delRey Achis, & entrando já pelo Paço dentro pera fallar a ElRey, adverté os Cortezãos a Achis que aquelle Estrangeiro lhes parecia o Rey de Israel David, a quem os applauzos da victoria do Gygante tinhão engrandecido sobre a mayor fama, *Nunquid non iste est David Rex terræ? Nonne huic cantabant per choros dicentes: Percussit Saul mille, & David decem millea?* Tanto que David ouviu isto, diz o Texto, que pera livrar a vida se fizera doudo diante delRey, *Vidisti hominem insanum*. Pois se os da Corte de Achis, ainda que contrarios a David, louvavão a David, & repetem admirados os seus applauzos, porque se não fiadelles

2. Reg.

3. 27.

Ibid.

1. Reg.

21. 11.

Ibi 14.

delles David? Porque se se fiara, perdia-se. Queria David, salvar a vida, & porque Achis, & os seus, ainda que então se most'avaõ amigos de David, tinham si to inimigos seus, não se fiou David do q' então mostravão, receozo do que tinham sido; & fez bem, que melhor he com prudencia disconfiar, & salvar a vida, que por confiança perdela.

3 Quem conhece os homens, a inconstancia dos seus Coraçõens, a variedade das suas vontades, & a facilidade com que se mudão, não si fia delles. Em Ierusalem muitos homens crerão em Christo, diz S. Ioão, *Cum autem esset Ierosolymis in Pascha in die festo, multi crediderunt in nomine ejus: porem* acrescenta o Evangelista, q' ainda que elles criaõ no Senhor, o Senhor não se fiava delles, *Ipse autem IESUS non credebat semetipsum eis.* Pois porque se não fia delles? Se já o venerão, já o buscão, se já o adoraõ, porq' nem as veneraçõens o asse-

guraõ, nem as corteziãs o rendem, nem as adoraçõens o obrigão? Venerado, & ainda não satisfeito? Buscado, & ainda não convencido? Em fim adorado, & ainda não crendo, *Non credebat semetipsum eis?* Não, & porque? Porque o Senhor, conclue S. Ioão, conhecia muy bem quem erão os homens, *Eo, quod ipse noscet omnes;* E aquê conhece a inconstancia dos homens, a varidade, & facilidade, com q' se mudão, nem as suas veneraçõens o satisfazem, nem as suas corteziãs o convencem, nem as suas adoraçõens o cõfirmão na fé, *Ipse autem Iesus non credebat semetipsum eis.* Se os homês são tais, que a quê hoje venerão, a manhã esbofeteão; à quem hoje cortejaõ à manhã cospem na cara; & aquem hoje adoraõ, à manhã crucificão; qual ha de ser o Christo, que em tal variedade se fie, & se confie? Muitos dos que alli creraõ em Christo, pouco depois o negarão; & se a infidelidade anda tão pegada à fé, &

tanto

Ioann.
2. 23

Ibi 24.

Ibid.

tanto ao lado della, quem se ha de fiar na fé, que traz a infidelidade tanto ao lado? Huma mã vezinha, ou vizinhança, sempre foy muito pera temerse. Entre dous Reynos inimigos o mayor temor he nas rayas: por isso pera as rayas concorrem as forças, & alli são os fortes, alli os muros, alli as torres. Pois se o inimigo do reyno he tão inimigo do interior do Reyno, como das rayas, porque são as rayas as mais acautelladas, as que mais temem? Pela vizinhança.

4 Anda a infidelidade paredes meyas com a fé, & por isso deveis temer, que os que hoje vos adorão, à menhã vos neguem. Nenhuma nação, no tempo da ley escrita, teve mais auxilios pera ser sempre fiel, q̄ a H brea, *Quid est, quod debui ultra facere vniuersæ meæ, & non feci ei?* Lhe disse Deos por Isaias: Que mais devia eu fazer a esta nação, que lhe não fizesse? E com tudo sendo tão continuas as graças, & tantos os auxilios pera a firmeza na fé

daquella nação, era ella por humana tão varia, & inconstante, que a cada passo deixava a fé, & se fazia infiel, hoje seguia a Deos, à menhã a Baal, hoje abraçava-se com Moyfes, à manhã cõ o Idolo. E senão ha que fiar, nem nos mais obrigados, porque são homens, quem não ha de temer, que quem hoje me adorava, à menhã me deixe; se os mais obrigados deixão a Deos por Baal; & quem não ha de recear, que quem hoje se abraça comigo, à menhã, se abraçe com hum Bezerro, se os que mais devião, deixaraõ a Moyfes pelo Idolo.

§. II.

5 **N** Aõ nego porem, q̄ haveria inimigo, q̄ depois de reconciliado per-severasse sempre na graça, & verdadeiro amor; mas concedido este milagre, como sò Deos conhece o coração do homem, humana, & moralmente fallando, nunca he seguro entregar logo ao reconcili-

Isai. 5.
4.

Tacit.
lib. 13.
a n.

Ænei.
6.

S. Bern.
nard.

Eccles.
16. 4.

Vers.
Arab.
& Sy-
riac.

Camo-
ens.

conciliado as chaves do co-
ração, & da caza. Mais fe-
guro he não fiar como Ger-
manico em Nerão, que ex-
perimentar, como Cezar, a
algum Bruto, & mais acer-
tado he com os vagares, &
attençoens de Fabio conser-
var a Roma, que deixar per-
der a Carthago pelas pressas
de Annibal. Ser facil, & a-
pressado em crer não he vir-
tude, mas vicio, dizia São
Bernardo a Eugenio Papa,
*Facilitas credulitatis vitium
est*; E o Espirito Santo por
boca de Salamão nos avi-
zou assim, *Qui credit citò, le-
vis corde est*; quem apressa-
damente dà credito tem o
coração leve, & ligeiro. Lè
o Arabico, *Est modicus men-
te*: lè o Syriaco, *Amens*; &
he não ter entendimento ser
apressado no crer. Por esta
causa foi sempre celebrada,
& tida por verdadeira aquel-
la sentença do Poeta, que po-
dendo ser o Principe entre
Gregos, & Latinos, o he da
nossa nação. *Nunc louva-
rei o Capitão, que diga, não
cuydei. Não cuydey? Pois*

de vieis cuidar. Não cuydei,
que me mentião, não cuy-
dei, que me enganavão, não
cuydei, que a dissimulação
era odio, & as mesmas lagry-
mas vingança: pois divieis
cuydar, & por isso vos per-
destes, porque o não cuy-
dastes.

6 Por arte, & manha
daquelle Sinão famoso, que
athe no nome trazia o si, &
o não, entra pelos muros de
Troya o Cavallo Grego; &
como no bojo do Cavallo
hião armadas tâtas treiçãos,
como hião homens, no pino
da noite, sepultada Troya
no sono, *Somnoque sepultam*, *Ænei.*
abre Sinão ao Cavallo as 2.
ilhargas, *Laxat claustra Si-
non*, Sayem os Gregos da
emboçada, *Illos patefactus
ad auras Reddi equus*, ma-
tão, ferem, assolaõ, queimão,
& abração a Troya.

*Tum vero omne mihi visū ibi.
considerare in ignes.*

*Ilium, & ex imo verti Ne-
ptunia Troia.*

Agora bê revolvidas as cau-
sas de taõ fatal ruina, quem
vos parece, que destruhio, &
abra-

abrazou a Troya? Pois não forão os enganados de Sinão, foy não cuydarem os Troyanos, que Sinão os enganava.

Ignari scelerum tantorum, artisque Pelasgae.

Pois não forão os Gregos, q̄ fahiraõ do Cavallo, foy cuydarem os Troyanos, que elles se tinham ido,

Nos obuisse rati, & vento petuisse Mycenas.

Troyanos, & não Troyanos, ha muitos Sinoens, mas não he o Sinão, que vos engana, o Sinão inteiro; he o Sinão, que vos engana o Sinão dividido: se vós cuydareis, que havia homens, que o seu si era não, & que o seu não era si, o si, não dividido não vos enganara; mas muitos q̄ cuydão? Olhão pera o não inteiro, & cuydaõ o q̄ õ haviaõ de cuydar: cuydõ, que Sinão he hum homem innocente, & ahamse hum aleivozo, *Ignari scelerum tantorum*; os Gregos estã dentro do Cavallo, & elles imaginã, que se m ido, *Nos obuisse rati*. Pois

vós sois Rey, & Capitão da Azia, como Priamo em Troya, & não cuydais, que ha Vlysses, & Agamenon em Grecia! Pois já que o não cuydastes, vereis a Troya abrazada, & entêdereis a culpa da vossa ruina quam verdadeiro he o Nunca louvarei Capitão, que diga não cuydei.

Senhores meus, cuydaõ muitos, que se estribão em bases de bronze, mas a malicia humana ensina muitas vezes, que muitos se estribão na mayor inconstancia. Se a vontade humana vivera despida, como a verdade; estava bem; mas se ella se veste das cores de toda a inconstancia, como hei de fiarme nella? Neste mundo, pera q̄ em nada nos fiemos, em cousa nenhuma ha firmeza. Entre as fabricas admiraveis do Templo de Salamaõ, conta o Texto, que o mesmo Salamaõ fizera dez bases de bronze quadradas, & iguais por todas as partes, *Fecit decem bases aeneas quatuor cubitorum longitudi-*

3. Reg.
7. 27.

nis

Ibid.
30.

nis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis. Diz mais [o que se não cuydava, se o não differa] que estas dez bazes as affentara cada huma em quatro rodas, *Et quatuor rotæ per bases singulas.* Se Salamão não fora o Author desta obra, quem não estranharia tal architectura? São as bases, o fundamento, & a firmeza da fabrica; a figura quadrada entre todas as outras a mais firme, o bronze entre todos os metais o mais constante. Pelo contrario as rodas entre as mais coufas, são as menos estaveis, as menos firmes, as menos seguras. Pois Salamão, que com tanto cuydado fez esta obra, porque affenta toda a firmeza, & fortaleza das suas bazes sobre rodas? Firmeza, & sobre rodas? Affento sobre o q̄ nunca está quieto, nem socegado? Melhor architecto era Salamão, que Vitruvio; & q̄ fizesse esta obra Salamão? Sim, & proque cuydou no que fez. Entendia Salamão, como tão sabio, que neste

mundo, nem nos mesmos bronzes ha firmeza, & pera que todos entendessem a verdade nua, que elle entendia, & pera que ninguem se fiasse em couza alguma deste mundo, affentou as bazes no que não tinha affento, o mesmo bronze sobre as rodas, *Et quatuor rotæ per bases singulas.*

8. E se esta he a allegoria de tudo, firmeza em nada, em que cuydamos, & em que nos fiamos? Entre todas as coufas do mundo nenhuma dà mais voltas, & anda mais à roda, que a vontade humana, & os seus effectos; & se o bronze se funda em rodas, que será o homem, que he a mesma vaidade, *Homo vanitati similis factus Psalm.* *est?* Se o bronze sobre as rodas não he firme, que será a ^{143.} *num. 4.* vaidade sobre as rodas? Cuydemos, & muito devagar em tudo isto; pera que ao depois não digamos, Não cuydei. Quem conservou a vida a David, & lhe deu o Reyno? O nũca se fiar das amizades de Saul. Ahi ha

ha unioens, que não atão. Nas apparencias se unio Saul muitas vezes com David, mas na realidade a uniaõ nunca atava: era medo o que parecia amor. Que amor nas apparencias mayor que no monte de Engaddi chamar Saul filho seu a David; *Nunquid vox hæc tua est, fili mi David*, & pelas mesmas palavras outra vez confirmado em Gabbaa este amor, *Nunquid vox hæc tua, fili mi David*. Mas este amor tão paternal, & entranhavel, que amor era? Era medo. Assim no monte de Engaddi, como em Gabaa, teve David a Saul debaixo da lança de modo, que livremente o podia matar, & Saul vendo isto, assombrado, & estremeendo lhe chamou filho, & das suas entranhas, *Fili mi David*, filho meu; mas porque o filho meu era amor, nem o filho unia, nem o meu atava: filho meu; mas porque o temor da morte palpitava no coração a Saul, o filho meu era medo seu. Cuidado, & attenção, Se-

1. Reg.
24. 17.

1. Reg.
26. 17.

nhores, que o Cometa prodigioso, ou do odio, ou da vingança, no salpicado das luzes pronostica fatalidades. Quantas vezes está bordada de fol a nuvem, que no feyo está prenhe de rayos? Vestefe o lobo da pelle da ovelha; & pera enganaros, & engulirvos chorará como hum minino o Corcodillo. Dizia Herodes aos Magos do Oriente, que elle queria adorar, & beijar a mão ao Missias, *Ut & ego veniens adorem eum*, & este beijar da mão, & esta fé, que era? A fé treição, a mão beijada aleivozia. Se vos fiareis em toda a fé haveis de achar, que não sò o Iudas do Evangelho he, o que tem a mão no praço, & a treição no peito. Quantas vezes he sò respeito ao poder, o que julgaveis fineza? Quantas conveniencia, o que parecia desenterefefe? Quantas dissimulação, & medo, o q̄ imaginaveis synceridade, & amor? Consultai a Saõ Gregorio, & escutailhe as palavras, *Quidquid explere per malitiam non va-*

Math.
2. 8.

D. Gre-
gor. in
Iob l. 10
c. 16

N lent,

lent, hoc in pacifica bonitate simulare. Dissimulo, mas porque não posso mais: peço treguas, & cessão de armas, mas porque não posso arrancar, & meter a espada.

9 É assi succede muitas vezes, que o amor, que vos mostraõ, não he amor: em huns he respeito, em outros conveniencia, em outros dissimulação, ou medo: dissimulação muitos o dissabor, & mostrão se esquecem do que tiverão por agravo; mas por que não podem vingar-se, q̃ se puderaõ, & os não retardara o temor, a vingança não tardara. É assi acontece tambem, que se tragão alguns agravos, em quanto o medo dura, que se o medo se perde, logo se deixa ver, que os agravos ainda que se tragaraõ, nunca se dirigirão, & assi o mostraõ os effeitos depois. Dace por offendido de Abel seu irmão Caim sem causa, sem rezão, & sem justiça; & mostrando Caim que se esquecia, & tinha tragado a offensa, faye de caza com Abel, & pegandolhe da mão

como amigo, & convidandoo pera sahirem ao campo, *Egrediamur foras*, alli mata aleivozamente a Abel, *Cumque essent in agro, consurrexit Cain adversus fratrem suum Abel, & interfecit eum.* Pois se Caim quer matar a Abel, porque o leva pela mão ao Campo, & o não mata em caza? Porque em caza à vista de seus pays, havia naturalmente de temer a empreza de taõ grande crime: fora de caza, & no campo, *In agro*, como já os pays o não vião, a ninguem tinha que temer, & como as offensas, ou imaginadas, ou verdadeiras, ainda que por algũ tempo mostrem, que se tragão, nunca se digeram bem; em quanto Caim esteve em caza de Adão com Abel, tragou Caim por temor a offensa; tanto que sahio ao campo, & o temor se perdeu, mostrou nos effeitos, que o que tragara a mão, que dera a Abel, não o digirira o peito, *Interfecit eum.*

10 Seja pois a Conclusão, que devemos amar não

Luc. 6.
27.

S. Chry-
soft. ap.
Padi-
lha t.
2. *in*
Abac.

sò aos sospeitosos, mas aos manifestos inimigos, como o mesmo Christo nos manda, *Diligite inimicos vestros*, mas com que amor? Com hum amor acautelado, diz São Ioão Chrysoftomo, *Inimici diligendi, sed cavendi*. Hei de fiarme como quẽ se não fia. O amor he amor, & mais tem arco, & setas, porque não he contra o amor o prevenir. Quando Christo por amante nasceu em Bethlem, & publicou a paz en-

tre Deos, & o homem, *Et Luc. 2.*
in terra pax hominibus, virão-
se no Ceo exercitos armados, *Multitudo militiae Caestis exercitûs*. Pois se vem amante Christo, & pacifico, pera que saõ armas, & exercitos? Porque não se oppoẽ ao ser amãte cingir as armas, nem ao ser pacifico acautelar com exercitos, amor sim, & paz, *Pax hominibus*, mas sempre prevençãõ, & cautela, *Multitudo militiae Caestis*.





STROMA XIV.

BREVE ARREZOADO SOBRE O DIA
*universal, & o que nelle succe-
 derá aos homens.*

§. I.

Rntremos a his-
 toriar a trage-
 dia mais lamé-
 tavel, que não
 sò háo de ver
 todos os mortais, mas entrar
 nella todos, & representar
 nella a sua figura. He esta a
 do dia do juizo, a que agora
 chegamos, & era bem que
 chegásemos, suposto que o
 juizo deste dia ainda pera
 muitos não chegou. Muitos
 Oradores Evangelicos, &
 com grande espirito, tem re-
 presentado aos olhos dos
 homens o mundo todo re-

duzido a cinzas, & com tu-
 do ainda não vemos ao mú-
 do reduzido: abrazado sim,
 mas emmendado não, con-
 sumido, & anichilado, &
 morto, mas, como se fora
 Pheniz o mundo, sempre
 persistindo nas cinzas vivo,
 & nas paixoens vivissimo.
 Pois se algum dia nasceu ao
 mundo pera o defengano,
 he sem duvida a considera-
 ção deste dia. O dia tremen-
 do, que não acabamos de
 nos defenganar, porque não
 acabamos de te conhecer!
 Quem teve entendimento
 pera

pera conhecer o q̄ naquelle dia o espera, que não se emmendasse, pera não desesperar em tal dia! Porque os Antonios, & os Paulos, porque os Hilarioes, & os Hieronymos penetrarão o que naquelle dia havia de succeder aos homẽs, os Antonios fugirão pera os dezertos, os Paulos se sepultarão em vida, os Hilarioens se atarão às colunas, & os Hieronymos se deixarão mirrar athe os ossos. E estes são os effeitos notaveis daquelle dia; ninguém o conheceu, que senão conhecesse, ninguém o chegou a penetrar, que logo não ficasse o penetrado. Pefso pois atençaõ, & advertencia, pera que considerado agora o que então se ha de ver sem remedio, evitemos na consideração de agora o que então ha de ser irremediavel.

2 Ecclipsados cõ horror nunca visto o Sol, & a Lua; enfanguentados os Cometas, & cahidas lastimozamente por terra as Estrellas; dezêcaixados dos seus eixos

os Elementos todos, a terra athe o centro aberta em bocas; o mar athe as Estrellas empolado em ondas; o ar pera todas as partes desfazendose em rayos, & coriscos; em fim o fogo abraçando tudo, desfazendo, & reduzindo a cinzas, quanto agora nos rouba os olhos, & tanto perturba os pensamentos, quais vos parece que andarão os homens, que então viverem na terra, vendo contra si armado o Ar, o Fogo, o Mar, & a mesma Terra, que os criou, & onde nacerão? Andarão os homens, diz o mesmo Christo, affombrados, & atonitos, mirrados de temor, comidos, palidos, & tizicos de medo, *Arescentibus homi-*

Linc.
21. 26

nibus præ timore, & expectatione, quæ superveniet universo Orbi. Ah soberbas! Ah arrogancias! Ah expectaçoes dos homens! Agora muito inchados, mas tempo virà, em que a inchação seja tizica, *Arescentibus hominibus*: agora todas as temeridades, mas tempo virà, em

que os que metião medo a todos, pasmem de medo, *Præ timore*: agora as esperanças maiores, mas tempo virá, em que tantas expectações, & tão alegres, se troquem nos mais tristes espectáculos, & *expectatione*.

3 Mas se estas haõ de ser as vesporas do dia do juizo, que será o dia? Ora deixadas as vesporas do dia, & nellas com todos os viventes acabado também, & morto o mundo, entremos a ponderar, tudo naõ, que naõ pode ser, mas parte, do que succederá naquelle dia. Primeiramente abrirseha o Ceo, & tocada por hum Anjo soará no ar hũa trombeta, diz São Paulo, *Canet enim tuba*; & com tal imperio sobre todos os homens, que acudindo todos ao som das suas vozes, em hum momento, em hum abrir de olhos, quebrarsehaõ os ferrolhos das sepulturas, & appareceraõ no mundo todos os mortos refucitados, *Et mortui resurgent*. Todos sem distincão de pessoas, diz S.

Paulo, haõ de refucitar, *Omnes quidem resurgemus*, mas nem todos do mesmo modo, *Sed non omnes immutabimur*; E aqui a dor! Que todos refucitê he igualdade de Deos, que não refucita a huns, & deixa nas covas a outros; mas que huns refucitem de hum modo, outros de outro muito differente, esta he a dor, mas também a justiça. E porque ha de querer Caim refucitar como Abel, Absalão como Ioseph, Saul como David, & Herodes como o Baptista? Se Deos fora como os homens, que tirão das sepulturas aos mortos, & metem nas sepulturas aos vivos, que refucitaõ aos que deviaõ morrer, & mataõ aos que haviaõ de refucitar, muita rezaõ teria Caim, & os mais de se queixarem, & doerem; mas se Deos obra como Deos, com igualdade, & justiça, que rezaõ pode allegar no dia do juizo o homicida, o treydor, o ingrato, & o adultero, pera refucitarem, como se tiverão sido Santos,

1 ad
Corint.
15. 52.

Ibid.

Ibid.
51.

fantos innocentes, & justos? Com muita rezão, & justiça dirà no dia do juizo o justissimo Iuiz, Abel refucite como justo, & Caim como homicida, & doase embora Caim, I seph refucite como fiel, & Abfalão como treydor, & doase embora Abfalão. David refucite como agradecido, & Saul como ingrato, & doase embora Saul: O Baptista refucite como Casto, & Herodes como adultero, & doase embora Herodes.

4 Serà esta differença de resurreiçoes hum dos espectaculos mais lamentaveis daquelle dia: ver a tantos ricos, a tantos poderosos, a muitos Principes, & muitos Reys tão mal refucitados, que melhor lhes fora não haverem nacido. Que importa nacer venturozo, se houver de refucitar dezaveturado? Ninguem naceo com mais fortuna, q̄ Adão: elle o tronco de toda a grandeza, elle o Senhor do mundo: com tudo no principio do mundo louvando, & a-

bendicoando Deos tudo, o que de novo creara, *Viditq̄ Deus cuncta, quae fecerat, & erant valde bona,* quando no sexto dia Deos criou a Adão, reparou Santo Ambrosio, que Deos nem louvara a Adão, nem o abençoara, *Quomodo quando solus factus est Adam, non dictum est, Bonum esse factum?* Pois se Adão nace agora, & sae das mãos de Deos o mais a fortunado dos homens, porque lhe não louva Deos o nacimiento, & lança a sua benção, *Non dictum est, Bonum esse factum?* Porque entre os homens importa pouco serem os mais bem nacidos, se no dia do juizo forem mal refucitados. Ah grandes! E que serà, se a fortuna de bem nacidos for na quelle dia pera mayor afronta, & desgraça vossa? Serà grande injuria dos grandes, mas serà grande igualdade da justiça divina. Que mayor injuria pera el Rey Pharaò, que verse no dia do juizo debaixo dos pès de Moy ses? Mas que mayor igual-

Genes.
1. 31.

S. Am-
bros.
lib. de
Parad.

dade da justiça divina, que dizer Moyles a cabeça a cabeça a quem com tanta soberba pizara tantas na terra? Que mayor injuria pera o Principe Sichem, que ver no dia do juizo a Ioseph gloriozo, & a si infamado, & perdido? Mas que mayor igualdade da justiça divina, que levar Ioseph por Casto, & modesto, o que Sichem perdeu por amante, & atrevido? E que mayor injuria pera o Monarcha Nabucho, que no dia do juizo ver a Daniel coroado, & a si sem Coroa, a Daniel do lago pera a gloria, & a si da gloria pera o lago? Mas que mayor igualdade da justiça divina, que levar Daniel por humilde, o que Nabucho perdeu por arrogante; que Daniel dos Leões vá pera a gloria, & que Nabucho da gloria cayá nos Leões! O afronta! Mas ò igualdade do divino juizo, que haja hum dia, em que todos os homens vejão, que as obras, & merecimentos de cada hum, & naõ o fangue,

fazem boas, ou màs as surreiçoens.

§. II.

R Efucitados os homens todos, & reunidas, pera nunca mais se dividirem, as almas aos corpos, huns alegres, & outros tristes; huns com bom coração, outros remordendo-lhes a consciencia, todos caminharão per Ierusalem, & conforme a prophesia de Ioel pararáõ todos no valle de Iosaphath, *Congregabo omnes gentes, & deducam eas in valle Iosaphat, & disceptabo cum eis.* Na vida todos a monte, mas por isso no dia do juizo todos num Valle. Tudo subir na vida, tudo montar, & altear, mas là virã o dia do juizo, em que se darã hum Valle a todas as altezas. O Roma, ò Babyloonia, aonde estaõ agora os que naõ cabião dentro de vòs, nem do vosso vastissimo imperio? Aonde estãõ os Pompeos, os Cezares, os Alexandres? Todos num valle

Ioel. 3.
2.

valle a hum cantinho, & tão fumidos, que quasi não occupão lugar. Pois homens que não cabeis hoje em tantos palacios como haveis de caber no dia do juizo a hum cantinho? O grande Pompeu a hum canto! Pois homens, que não cabeis, mas abafaveis dentro de muitas, & grandes Cidades, como haveis de caber no dia do juizo, & não abafar num palmo de terra? Num palmo de terra Augusto Cezar! Pois homens, que não cabeis hoje em tantos Reynos, nem vos encheu, & fartou a ambição a terra toda, como no dia do juizo haveis de caber em hum lugarinho, q̄ não he lugar? Alexandre Magno sem lugar! Parece incrível esta notavel anichilação das grandezas; mas sendo certo, & verdadeiro, que naquelle dia hão de caber todos os homẽs naquelle valle, em quanto isto cá nos não couber, que hei de fazer, senão pasmar?

6 Junto pois naquelle Valle todo o genero huma-

no, os que foraõ, os que são, & os que serão, rasgar-se-hão de repente os Ceos, & que vemos? Arvorada na mão de hum Anjo a bandeira do imperio de Christo a Santa Cruz, veremos ao mesmo Christo como supremo Juiz acõpanhado de toda a Corte do Ceo, a Mãe Santissima à mão direita, & logo veremos. Assenta Christo na terra o tribunal mais exacto, & rigoroso, que virão os homens. O homens que à vista de hum juiz humano, se verá, mas justamente irado contra vòs, temeis, & estremeceis, como vos não affombra a vista deste Juiz, que não como os homens pela superficie, mas como Deos, & homem castiga, & pode condenar vos as almas ao Inferno? Diz Daniel, que na superficie da parede da Sala Real de Balthezar, *In superficie parietis aulae regiae*, apparecera ao Rey huma mão como de quasi hum homem, *Quasi manus hominis*, a qual escrevendo defrõte do Candieiro contra Balthezar tres pala-

Ibid. palavras, *Scribentis contra*
Ibi 25. *candelabrum... Mane, Thecel,*
Phares, de tal sorte se per-
Ibi 6. turbou o Rey, que logo fi-
 cou sem cores, *Tunc facies*
Regis commutata est. Cay-
Ibid. didos do que seria lhe atro-
 mentavão a alma, *Cogitatio-*
nes ejus conturbabant eum; E
 em fim comidas, & roidas, &
 despedaçadas as entranhas,
 temia, & estremecia de mo-
 do, que se lhe quebravão os
Ibid. juelhos, *Compages renum*
ejus solvebantur, & genua
ejus ad se invicem collideban-
 tur. Ha cazo como este?
 Pois Balthezar nem era fra-
 co, nem defanimado, nem
 covarde, nem homem pobre,
 & do monte, & aquem a jus-
 tiça não houvesse de guar-
 dar os respeitos devidos a
 tão soberana pessoa. Pois
 porque assi teme, & treme,
 porque assi desfaya, & per-
 de as cores; porque assi se
 perturba, & agoniza; & isto
 não à vista do mais podero-
 zo exercito, mas de huma sò
 mão armada com hũa pen-
 na, *quasi manus hominis scri-*
bentis? Ah justica divina! E

se cã na terra hũa penninha
 escrevendo assi atemoriza a
 hum Monarcha, que serà no
 dia do juizo a vossa espada?
 Mais: Se hũa mão, que não
 era mão, senão quazi mão,
Quasi manus, assi carrega, &
 derruba, que debaixo della
 gemem os Reys; que serà
 no dia do juizo, quando o
 braço Omnipotête de Deos
 com toda a força descarregar
 o golpe? Mais: Se hum
 Castigo externo, & ameaça-
 do sò na superficie de huma
 parede, *In superficie parietis,*
 E se hum castigo, como se
 fora pintado, debuxado cõ
 huma penna em huma sala,
 assi atromenta, & faz desfale-
 cer o mayor coração, que
 serà no dia do juizo, não o
 castigo pintado na superfi-
 cie das paredes, mas execu-
 tado no intimo do coração,
 & no amago do espirito?
 Ora, Catholicos, se isto he
 assim, como he, ouvi agora
 o que vos digo.

7 Sois Catholicos? Sois:
 Credes que Deos tem justi-
 ça pera apremiar os bons, &
 pera castigar os mãos? Cre-
 des:

des : pois se o credes, como tendo Deos justiça, viveis muitos, como se Deos a não tivera, sem temor, sem gemidos, sem lagrymas, sem pasmares, sem vos emmendaras? Que crea eu que por hum louco appetite, aquem leva o vento, podê Deos condenarme ao Inferno, & que ande todo embebido nos meus appetites, & ferrolhado nelles! Quê do medo de Balthezar? Que crea eu que por quatro tostões, & menos ainda, que furtados, ou mal levados, ou mal retidos, pode Deos condenarme ao Inferno, & que continue em roubar o mundo, sem restituir o que devo! Quê dos gemidos de Dimas? Que crea eu que por hum homicidio injusto, por huma afronta grave, ou aleivozia, pode Deos condenarme ao Inferno, & que ande matando homens, & aleivozamente afrontadoos! Quê das lagrymas de David? Que crea eu que pelos desperdiços da minha caza, & pelas más conversações

em que me meto com defcredito meu, & escandalo dos outros, pode Deos castigarme aos Infernos, & que destrua o meu, & seja tal o trato da minha vida, que cõ elle me infame, & escandalize a todos! Quê dos pasmos do filho Prodigio? Finalmente, que crea eu, que por huma detracção, ou falso testemunho, que por hũ odio mal fundado, & por huma paixão sò paixão, pode Deos castigarme ao Inferno, & que a verdade das vozes de Christo me não tape a boca, pera que não minta, & que o seu amor me não arranque os odios, & sua sagrada paixão me não detterre as paixões! Quê da emmenda dos que à vista da paixão de Christo arrependidos quebravão os peitos dom dor, *Percutientes pecto. Luc. ra sua revertebantur?* Ah^{23. 48.} Catholicos, que parece que o não somos! Tais são em muitos os descuydos do tremendo dia do juizo, & dos seus castigos, que parece não crem muitos haja de chegar este

este dia. Mas se ha de chegar, & presto, mas se somos Christãos, & o cremos, què das emmendas? Què dos pasmos? Què das lagrymas? Què dos gemidos? Què dos temores?

8 Assim assentado no seu tribunal com a mayor magestade, & soberania, a magestade de Christo; o Ceo, & a terra pasmados, & atonitos, a primeira coufa, que fará a supremo Iuiz, diz São Matheus, será mandar, como faz o Pastor no rebanho, separar os mãos dos bons, *Et separabit eos ab invicem, sicut Pastor segregat oves ab hædis.* Cà agora anda tudo misturado, & baralhado; o hypocrita he santo, o Santo hypocrita, o peccador justo, & o justo peccador; & o indigno o preferido, & o benemerito o desprezado; mas no dia do juizo se verá desfeita esta confuzaõ de Babel, & entaõ conheceremos o q̃ agora não distinguimos, quem nesta vida foy o bom, ou o mão. Esta separação de mãos, &

bons será naquelle dia outro acto funestissimo, & representação mais lastimoza. Alli se veráõ apartados muitos pays dos filhos, maridos de suas molheres, os irmãos dos irmãos, os amigos dos seus amigos, & os que nesta vida por amor se não podião ver divididos hum hora, alli se veráõ apartados pera nunca mais se verem. O mofo amor, pois por não te resolveres a deixar de ver hum hora, hás de vir a ser cego, & a não ver pera sempre! E porque esta separação, como escreve S. Pedro, ha de começar pelos da caza Deos, *Tempus est, ut incipiat judicium à domo Dei,* sahirão os Anjos, & primeiramente irão ao lugar dos Sacerdotes, & apartarão a muitos, como o Pastor, pera a mão esquerda, *Sicut Pastor segregat.* Quem cuydara que nos Cedros do Libano se havião de achar podres, & nas Estrellas do Ceo fealdades! Quem cuydara, digo, q̃ nos Sacerdotes de Christo, que nos seus Bispos, &

Arce-

Math.
25. 32.

1. Petr.
4. 17.

Arcebispos, que nos seus Cardiaes, & Pontifices havia tambem de haver, que apartar, & separar? Là vão aquelles pera a mão esquerda, porque não deraõ Esmolas, aquelles por enriquecerem os parentes com o patrimonio de Christo; aquelles pelas almas, que deixarão morrer sem Sacramentos; aquelles por Simonias, aq̃lles por irregularidades; & aquelles & mais aquelloutros pello que eu não quero dizer.

9 Apartados os Sacerdotes mãos dos Sacerdotes bons, irão logo os Anjos ao lugar dos Religiozos, & tambem aqui haverá, que se gregar, *Sicut Pastor segregat.* Tambem aqui? Nas Religioens aonde Ise professaõ todas as virtudes, & se mandão detestar todos os vicios? Tambem aqui, aonde a Não da virtude tomou porto a todo o pano, & lançou anchora como em praya fidelissima, & mais segura; tambem aqui ha de chegar a tempestade, & a tormenta? Ora eu me persua-

do que este ferá o naufragio mais lastimozo, & triste, que se ha de ver, & no dia do juizo. Que dè à costa nos baixos do Inferno o secular destraido, & que toda a vida navegou pelo mar dos gostos, sem carta, sem agulha, sem astrolabio, & ainda sem vela, sem remo, sem leme, & sem casco, naufraga por seu justo preço. Mas que hum Religiozo atado com tres votos a quatro paredes, sogeto toda a vida a vontades alheas, emboruldado em huma mortalha, acontado, moido, & martyrizado, haja de ser condenado no dia do juizo! O mais lastimozo naufragio! Irme a pique, porque temerariamente sahi da barra, & larguei ao vento as velas, pague a temeridade a sua ouzadia; mas que tomadas as velas, & recolhido ao porto mais seguro, na segurança me perca, & no mesmo porto me vâ ao fundo! Não haverá naufragio mayor que este. Mas ay que terrivel consequencia he a *Zach.* que daqui se segue: *Plula* 11. 2.
abies,

abies, quia cecidit Cedrus: Catholicos, diz o Propheta Zacharias, se no dia do juizo caem os Cedros, que ha de ser das fayas? Quer dizer: Se nas cazas cõsagradas a Deos haverà que julgar, & condemnar, que serà nas do mundo? Se dentro das paredes das Religioens sagradas haverà ruínas, que serà nos Palacios, nas ruas, nas praças, nos tribunais, & cazas, onde se não guardar a justiça, a igualdade, & a fé? Ora vede o que serà.

§. III.

10 **C**Hegaraõ finalmente os Anjos ao lugar dos Reys, & dos Príncipes; depois ao lugar dos illustres, da nobreza, & do povo, & quanto a parte que haverà aqui! Versehão it não poucos Reys pera a parte dos cõdenados pelas tiránias, com que governarão, & atropelarão os Reynos. Irão muitos Governadores, Capitães, & soldados pera a parte dos condenados, ou

peras praças, que venderão, ou pelas insolencias, que fizerão. A estes seguirão muitos illustres pela illustrissima soberba, & vaidade, com que viverão. Irão tambem pera a parte dos cõdenados muitos Conselheiros de estado, porque com os seus conselhos enganarão o Rey, & o Reyno: muitos conselheiros de guerra, & ultra mar, porque nunca no seu tempo sahio exercito a tempo, nem Não com marè; E muitos ministros, & officiais da fazenda real por fazerem do Rey a fazenda dos vassallos, & por fazerem sua a fazenda del Rey. Irão pera a parte dos condenados muitos Ministros da justiça, huns por retardarem as cauzas, outros por não ouvirem as partes, especialmente pobres, outros por sentenciarem com paixão, outros com amor, & outros finalmente porque poderão mais com elles os temores, que a razão; mais os respeitos, & as conveniencias, que a verdade, & a justiça. Tambem pera

pera a parte esquerda ha ultimamente de ir grande multidão de nobreza, & povo, & porque? Porque não tendo negocios implicados có a consciencia viverão sem ella, & havendo de observar os preceitos divinos sem tantos embaraços, elles, onde não estava, nem havia o laberynto, forão embaraçar-se, & perder-se. O quanta, & boa gente, porque na vida não quis andar pela parte direita, vai là pera a parte esquerda!

II Separados já, & apartados os mãos dos bons, o que então se ha de seguir he o exame das culpas, que todos hão de ouvir publicamente, & a todos hão de ser manifestas as de todos. Aqui vos digo eu que se ouvirá o que nunca se imaginou. Alberto o livro, aonde estrarão escritos quantos peccados por palavra, pensamento, & obra, se tem cometido desde que o mundo he mundo, não fallando eu agora na mayor parte do mesmo mundo, que já cá sabemos alli se

ha de ouvir condenada, ou por gentia, ou por pagaã, ou por herege, ou por apostata, ou por teimozamente judiaca; vamos a muitos Christãos, & publicamente ouçamos as suas culpas. Chegados os mãos Christãos diãte do supremo Iuiz, & dando cada hum conta publicamente de si, alli se ouvirão os perjuros, & sacrilegios de muitos com a mayor afronta do nome Christão; as treçoens, & as aleivozias com a mayor injuria da fé, os odios, & as vinganças com o mayor desprezo da Charidade; os homicidios, & as injustiças com a mayor ruina das leys; os incestos, & adulterios com o mayor escandalo da natureza; em fim não haverá palavra desde a mais em segredo, athe a mais alta, não haverá obra desde a de mayor athe a menor substancia; & o que mais he, não haverá pensamento desde o mais leve athe o mais pezado, que alli senão manifeste a todos, de que alli se não tome con-

ta, & que alli senão condene. O que dor! Eu que na vida não podia sofrer o menor desprezo, agora ouvindo todos as mayores afrontas minhas. O que tromento! Eu que entre os homens tinha vivido com fama, & honra, agora dezacreditado, & infamado diante do mundo. Considerandose Iob neste passo julgou por mayor esta dor, que a do Inferno; Quem me dera Senhor, dizia Iob, que no dia, em que publicamente me haveis de julgar; antes me metesseis, & escondesseis no Inferno, que acharme presente entretanto no theatro; *Quis mihi hoc tribuat, ut in Inferno protegas me, & abscondas me donec pertranseat furor tuus.* Tal será a dor, tal o tromento dos que naquelle dia se hão de ver publicamênte infamados, defacreditados, & condenados, que sò considerada esta dor pelo homem mais experimentado em dores, affentou consigo, q̄ publicamente num theatro infamado, ou escondido no Inferno, q̄ an-

tes no theatro, *Quis mihi hoc tribuat, ut in Inferno protegas me, & abscondas me, donec pertranseat furor tuus.*

12 Porem esta Conta, q̄ os Christãos publicamente hão de dar de si, & q̄ sò em geral temos tocado, he bem q̄ em particular a ouçamos, & vejamos a rectissima justiça, com que Deos pera dar satisfação ao mundo, ha de julgar, & sentenciar os mãos. Vinde cà Christãos, dirà o supremo Iuiz, & dizei vòs primeiro os q̄ fostes na terra os primeiros, com vosco fallo ò Sacerdotes desde o barrete athe a Thyara, dizeime: porque rezão sendo os mais favorecidos, fostes tão grandes pecadores? Nas dignidades os mayores, & os mayores nas indignidades. Se abristes as Coroas pera zombares do mundo, como foy sempre o mundo a vossa coroa? Se vos ungirão as mãos pera morreres aos vicios, porque amastes aos vicios, affentou consigo, q̄ publicamente athe ao depois de ungidos? Pois ireis pera o Inferno. E vòs Prêgadores da minha Igreja.

Job 14.
13

Igreja, & mestres da doutrina Evangelica, dizeime porque subieis aos pulpitos mais lizôjeando os ouvidos, que acendendo os coraçõs, todos empenhados em periodos, nada em verdades solidas; & se algum hora intimastes verdade alguma liza, & bem provada, porque não obraveis com o exemplo o que ensinaveis com as palavras; & pera q̄ era esmerarvos em repetir passos da Escritura, se da vossa boa vida ninguem repetia hum passo? Pois ireis pera o Inferno. E vòs Religiozos dizeime: Como transplantados do mundo no jardim das Religioes, sempre fostes arvores secas sem flores, & sem frutos? Dizeime, que Theologias estudastes, senao observastes o q̄ me prometestes? Què da observancia do vosso instituto? Què da guarda perfeitissima dos vossos votos? E emfim se fostes santos nos habitos, porque fostes irregulares, & escandalozos nos actos? Pois ireis pera o Inferno.

13 E vòs homens, & mulheres, a quem o vinculo do matrimonio devia atar com o nò do amor mais apertado, & firme, dizeime, porque não vivestes com o amor, & fé, que divieis, & eu vos mandei? Porque perdestes as vossas cazas, & deixastes a vossos filhos na rua mal criados, & bê perdidos? Ireis pera o Inferno. Vinde cá velhices a quem esperei tantos annos pela emmenda, què do exemplo, que destes aos mais moços? Se cada cabello branco da vossa cabeça era hum claro dezengano da vossa vida, porque não vos dezenganastes a tempo, mas q̄ fosse pelos cabelos? Ireis pera o Inferno. E vòs moçidades, porque passastes o Abril dos annos já nos incendios do Agosto; loucos, perdidos; Marcos Antonios em guerras civis por amor de Cleopatra; Troyas abraçadas em cinzas por amor de Elena? Ireis pera o Inferno. E vòs estes, & vòs aquelles, que pecados não cometestes? Vòs porque matastes,

ou consentistes que morresse aquelle menino antes de ser baptizado, & tal vez o matastes antes de nacido? Vós porq̃ encubristes tais, & tais pecados na Confissão por vergonha? E vós, & todos os mais, porque cometendo contra mim estes, & aquelles delictos, nunca chorastes como S. Pedro, nunca vos arrependestes como a Magdalena, mas sempre pertinazes, sempre negativos, sempre falsarios, alli vivestes, como se não houuera fé, ley, justiça, nem Deos? Pois ireis todos pera o Inferno.

14 Tendes visto Catholicos [ainda que sò nas sombras], o q̃ succederà aos mãos Christãos no dia do juizo. E aos bons tudo pelo contrario. Pera os mãos o rigor, pera os bons a brandura; pera os mãos o castigo, pera os bons o premio; pera os mãos a justiça, pera os bons a misericordia; pera os mãos o Inferno, & pera os bons o Ceo. Tomará, pois, o Senhor tambem conta aos bõs, & dirá aos seus Apostolos,

vinde cá Pedro, & vós todos; porque obrastes o que eu vos ensinei, & como pays da Igreja dilatastes pelo mudo a verdadeira fé, ide pera o Ceo. Vinde cá Martyres, que desprezando por mim a vida entre os mayores tormentos lavastes no meu sangue o vosso sangue, ide pera o Ceo. Vinde cá Doutores das Escrituras, que suando sobre ellas, alumiaados por Deos as explicastes no sentido da fé, que eu preguei, & ensinei, ide pera o Ceo. Vinde cá Confessores, que por amigos de Deos abraçados com a mortificação, & penitencia soubestes grangear por quatro dias de dor hũa eternidade de gloria, ide pera o Ceo. Vinde cá Virgês, que desprezados, & pizados todos os appetites, como se não tivesséis corpo, mas sò espirito, vivestes na terra, como se fosseis Anjos no mundo, ide pera o Ceo. O que fortuna negociar então breves dias, como os da vida, tantas riquezas! O que dita, por acabar de me dezengana-

nar,

nar, & desapegarme de mim
mesmo hũ dia, unir-me eter-
namente cõ Deos! He tal es-
ta dita, & tão sobre elevada
esta fortuna, que como diz
S. Paulo, não ha olhos cã na
terra, que possaõ vella, ou vi-
dos, que possaõ ou villa, nem
ainda entendimento, que lhe
penetre a grandeza, *Oculus*
non vidit, nec auris audivit,
1. ad
Corint. *nec in cor hominis ascendit, quæ*
2. 9. *præparavit Deus iis, qui dili-*
gunt illum.

§. IV.
15. **I**Sto supposto, & pe-
dida, & tomada con-
ta a todo o genero humano,
& dada pelos bons justa, &
pelos mãos errada, olharã o
Senhor pera os da mão di-
reita, & com hum rosto di-
vino cheyo de gloria, & ale-
gria, dirã a todos os bons,
Math. *Venite benedicti Patris mei,*
25. 34. *possidete paratum vobis regnũ*
a constitutione mundi: Vinde
abendiçoados de meu Pay,
& tomai posse do reyno, que
vos estã aparelhado desde o
principio do mundo. O rey-

no de Deos, ò gloria, ò Ceo!
E quem serãõ os ditozos, q̃
te hãõ de gozar, & possuir?
Os que agora obrarem o q̃
Deos manda; E porque to-
dos com a graça de Deos
sufficiente, que a ninguem a
nega, podemos obrar, o que
Deos nos manda, todos nos
podemos salvar. O Catho-
licos, não percamos o bem, q̃
podemos conseguir, & tão
immenso bem; E ainda que
vos custe, como podeis com
as despezas, custe embora.
Por quatro diamantes, &
mênos, vai hum soldado à
India, & supposto adverte
no custozo da navegaçãõ
tãõ prolongada, com tudo
porque vè que pode conse-
guir, engolfase no mar, &
navega. Por hum premio
caduco, & breve, se encos-
ta a hũa fortaleza hum Ca-
pitãõ, & ainda que veja a dif-
ficuldade da empreza, com
tudo vendo que pode conse-
guilla, a todo custo poem
a escada, & sobe. E se por
quatro diamantes, porque
podem conseguir, & se por
hum premio caduco, porque

pode alcançar-se, huns nave-
gão tantos mares, outros sobe-
rem aos mais altos muros,
que não devemos obrar to-
dos por aquelle prêmio so-
bre todos os premios, pela
salvação eterna, se todos o
podemos abraçar, & conse-
guir? Consigamos este sò
diamante, mas que navegue-
mos todos o mares, cõquis-
temos esta fortaleza, mas q̃
tomemos sobre os hombros
todas as escadas, & ainda q̃
nos meta medo no mar a im-
mensidade das agoas, na for-
taleza os incendios do fogo,
por fogo, & agoa havemos
de ir ao Ceo, *Transivimus
per ignem, & aquam, & redu-
xisti nos in refrigerium.*

Pfalm
65. 12.

16 Virandose depois o
Senhor pera a parte esquer-
da com aquelle rosto divino
a primeira vez irado com a-
quella fermozura sobre a do
Sol a primeira vez espanto-
za, pronunciará contra os

mãos esta irrevogavel senten-
ça, *Discedite à me maledicti
in ignem aeternum, qui para-
tus est Diabolo, & Angelis
ejus.* Ide malditos pera o
fogo eterno, que pera o De-
monio, & seus sequazes está
reservado. Ide, & pera que
seja mayor a vossa pena, a-
pattaivos da minha vista,
Descedite à me. Ide, & pera
que seja mayor a vossa dif-
graça, ide amaldiçoados,
Maledicti. Ide, & pera que
conheçais o vil, & infame
das vossas culpas, ide pera o
fogo; *In ignem.* Ide, & pera
que não tenha fim a vossa
dor; ide por todas as eterni-
dades, *In aeternum.* Esta sen-
tença dada, abrirehà huma
porta na terra, cahirão todos
no Inferno, & tornarseha a
fechar a porta pera se abrir,
quando? Nunca: pera se fe-
char, por quanto tempo? Pe-
ra sempre.

Math.
25. 41.



STROMA XV

MUITO CUSTA O SER SABIO,
mas sabei pera reynares.

§. I.



O sal comparou Christo a sabedoria dos seus Doutores, *vos estis sal*; E a sabedoria como o sal, porque rezão? Porque o sal sabe, & pera saber derrete-se. Será o sal o geroglifico do saber, mas será o sal sab o, quando for sal derretido. Tambem he como o Sol a sabedoria, diz o mesmo Christo no mesmo Texto, *Vos estis lux mundi*. E como o Sol, porque? Porque

o Sol pera luzir cá embaixo, abraza-se na quarta esfera. Será o Sol nas luzes o mais eminente Planeta, mas comprará o ser luzido a dispêndios de abrazado. Cuydarem os homens que hão de saber, & luzir sem suar, sem gemer, & sem muito trabalho, he engano: nem o sal sabe, sem que se derreta, nem o Sol resplandece, sem que se abra-se. He penção do que muito val não custar pouco. Pela conquista de hum rey: no que se não padece? Pois

Math. 5. 13.

Ibi. 14.

Sapient.
7. 8. a fabedoria diz Salamão, val mais que hum reyno, & que os reynos, *Præposui illã regnis*; E se val mais a fabedoria que os reynos, conquistese a fabedoria, & custe quantas cruces custar. Christo Redemptor Nosso nenhuma sciencia aprendeu, porque desde o primeiro instante de sua Cõccião as teve todas, & sò aprendeu hũa, & qual foy? A sciencia que chamaõ experimental. E esta sciencia que lhe custou a aprender? Custoulhe desterrar-se da Patria, custoulhe fomes, custoulhe agoutes, & entre outras muitas cruces custoulhe, diz S. Paulo, a Cruz mais rigoroza do Calvario, *Didicit ex eis, quæ passus est.* 2. Assim passa; não se aprendem sciencias, sem experimentar as Cruzes. O ler, & escrever nos primeiros annos com os nomes, & com os verbos da arte, depois a Rhetorica, & Filosofia, depois esta, ou aquella sciencia metida na memoria, & entendidos os livros, isto não são cruces, & bem pezadas?

Quem lê, ou escreve, sempre vai topando com cruces; os nomes da arte são cruz por todos os cazos; os verbos são cruz, por todos os modos, & não ha livro, que cõprenda em si alguma das artes, ou sciencias, que lido, entendido, & metido na memoria, não custe ainda aos mayores engenhos, amarguras dezabridissimas do coração. Toma esse livro, & comeo, & devorao, disse hum Anjo a S. João no Apocalypse, *Accipe librum, & devora illum.* *Apocal.* O Cardeal Hugo diz 10. 9. que aquelle comer o Evangelista o livro, & devorallo, era estudar o livro, & metelo no coração, & na memoria, *Devora includendo in corde, & memoriã retinendo,* Estuda o Evangelista o livro, comeo, meteo na memoria, *Devoravi illum;* *Ibi.* 10. E que lhe sucedeu? Hum dezabrimiento do coração não estranho, que as entranhas se lhe azedaão, & tudo o que nellas sentia, erão amarguras do livro comido, *Et cum devorassent eum, amaricatus est*

est venter meus. Pois hum engenho tão superior, hum entendimêto tão Aguia, como o de João, assi lhe cuita estudar, degerir, & meter na memoria a hum livro, que o estudallo he fel, o degerillo vinagre, & o metello na memoria amarguras do coração, *Amaricatus est venter meus?* Ahi vereis como he dezabrida a Cruz do estudo, pois ainda posta sobre os mayores hombros he tão carregada que aos juizos, & engenhos mais elevados estudar hum livro, degerillo, & metello no coração, & na memoria, pera as entranhas o estudallo he beber fel, pera o coração, & memoria o retello, & degerillo, são amarguras, q̄ chegaõ à alma, *Amaricatus est venter meus.*

3 E he isto tanto assi, q̄ combinando muitos o fel do estudo com os suorês do campo, ou da campanha, pondo os livros de parte, trocaraõ os estudos pela enxada, & a Cruz dos livros pela Cruz da espada; folha por folhas, antes a da espada

defendendo muros, que as dos livros quebrando cabeças: suor por suor, antes o da enxada cavando terras, que a do estudo cavando questões. E com rezaõ, porque na verdade comparado hum fel com outro fel, o mais amargo he o dos estudos. O fel da enxada abrindo terras pelos matos, mão: o fel da espada fazêdo caminho pelos inimigos, peor; mas o fel dos estudos entezicãdo athe as entranhas, he o pessimo. Na verçãõ Hebreã diz assim hum texto de Salamão, *Hanc occupationem malam* *Ecclef.* *dedit Deus filiis hominum, ut* 1. 13. *occuparentur in ea.* Falla aqui Salamão da sciencia adquerida pelo estudo, & chamahe mã occupaõ, *Occupationem malam;* E mã, porq̄? Occupar em estudar, & saber, he mã? Naõ comêta Lyra, o saber he bõ, & naõ mã; mas porque o saber traz consigo annexo o fel dos estudos, este accidente faz que a Sabedoria, que per si he boa, pelos accidentes, que o seu estudo causa, seja perac-

Lyra.
Ibi.

tidens mà, *Elicet scientia acquisita sit bona, & per consequens occupatio ad eam consequendam est bona per se, dicitur tamen mala per accidens in quantum habet laborem, & afflictionem studij annexam.* São palavras do grande Commentador, mas com sua licença eu vou mais adiante.

4. Todas as occupaçoens deste mundo pelos accidentes, que cauzão, são más. Desde o reynar athe o cavar todos os accidentes são más. O reynar he bom, mas que accidentes não cauzão as occupaçoens de hum reyno? Christo na Cruz teve o titulo de Rey, *Rex Iudeorum*; mas o titulo, & o Rey ambos pregados na Cruz: ô que más accidentes os do reynar! Daqui pera baixo discurfai agora sobre as occupaçoens mais hñradas, & achareis, que nenhuma he boa sem os accidentes de mà: o Valido, envejas; o Conselheiro, conveniencias; o Governador, interesses; os Ministros da justiça, respeito, & todos

Joan
14.19

athe o cavador, huns suando, outros gemendo, & nenhum izento de muitos, & mãos accidentes. Mas sendo màs accidentalmente todas as occupaçoens deste mundo, a occupação dos estudos não sò he mà, como diz Lyra, mas he a malissima. Deixemos a verfaõ Hebreã, & vamos ao nosso Texto. Eu diz Salamão no mesmo lugar, fui Rey de Israel, *Ego Ecclesiastes fui Rex Israel*, & propondo em meu animo estudar, e saber de tudo, *Investigare* Ibi. 13. *sapienter de omnibus*, achei finalmente, que o tal estudar era a pessima das occupaçoens; *Hanc occupationem pessimam dedit Deus filius hominum, ut occuparentur in ea.* Pois tantos officios, quantos se exercitão no mundo com tanto suor, & trabalho, não haõ de chegar ao pessimo da occupação dos estudos? Que dirã o camatelliõ, & a enxõ se lhe differem, que más tem que picar, & que desbastar os estudos? Hão deirse os do officio.

Ibi. 12.

Ibi. 13.

Ibid.

Ibi. 10.

officio. E o cavador com a enxada na mão, & o soldado com a espada, que dirão, se lhes differem, que menos mal he cavar os montes, que cavar os livros, & menos mal menear a espada, que os textos, & a doutrina? Haõ de ter por zombaria o dito. Pois saibaõ todos, que he Salamão o que o diz: seja a occupação qual for, a pessima, & a malissima he a do estudo das letras, *occupatiōnem pessimam*. O camartello, & a enxõ sãõ officios com accidentes mãos, a enxada, & a espada serãõ officios com accidentes peores, mas o officio do estudar he o dos accidentes malissimos. O camartello, & a enxõ sãõ o positivo dos males, a enxada, & a espada o comparativo, o estudo porẽm o superlativo. O camartello, & a enxõ mãos, *malus*, a enxada, & a espada peor, *Peior*, mas o estudo o pessimo, *Hanc occupatiōnem pessimam*.

15 Assim o diz Salamão, & bastava dizello elle, mas

eu o provo com a experiencia, & a rezão. Que diz a experiencia, & a rezão? Diz que o cuydado, & applicação aos livros he o malissimo dos officios, porque o trabalho dos estudos passa do corpo a trespassar a alma, & quanto vay do corpo a alma, tanto vay de hum a outro trabalho. Trabalha o corpo, & sahirã o suor pela testa: trabalha a alma, mas saye o sangue das veas. Das veas sahia o sangue de Christo, que no Horto regava a terra, *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis decurrentis in terram*; mas foi que ali todo o trabalho nacia da alma, *Tristis est anima mea usque ad mortem*, & a

Luc.
22.44.

Math.
26.38.

rir, o que estudou; & fúa o entendimento pera entender, & penetrar athe o amago as mais profundas questões. E que couza faõ no homem as tres potencias da alma, vontade, memoria, & entendimento, senão a alma do mesmo homem?

6 Súa a vontade no adquerir das sciencias, fúa a memoria, & fúa o entendimento; & porque estas tres potencias faõ a mesma alma, quando ellas fúaõ da alma fayem os fuores. E que trabalhos se podem comparar com os de huma vontade abraçando os livros, com os da memoria retendo, & repetindo o que estudou, & com os do entendimento entendendo, & penetrando taõ insuperaveis difficuldades, que parecem, como às vezes faõ inintelligiveis, & impenetraveis ao discurso dos mais elevados, & subidos engenhos? O alma quanto padeces em quanto como memoria, como vontade, & como entendimento padeces? Da me-

moria dizia o Propheta Jeremias, *Memoria memor ero, & tabescet in me anima mea;* lembrarmehei de memoria, & mirrarsemehà a alma. Basta a memoria empenhada, *Memor ero* pera que a alma se entezique *Tabescet*. E pera que num sò mysterio ouçamos os trabalhos de huma vontade, de huma memoria, & de hum entendimento empenhados, vamos ao mayor dos mysterios o Sacramento. Falla S. Paulo do Sacramento da Eucharistia, & diz que nelle recuperara Christo todos os tromentos de sua morte, & payxão; *Mortem Domini annuntiabitis, donec veniat;* E todos os trometos, q̃ desde o Horto athe a Cruz divididamente se padecèraõ, porque haõ de acharse unidos todos no Sacramento? Porque Christo Redemptor nosso na obra do Sacramento trabalhou de modo, que nella empenhou a vontade, a memoria, & o entendimento. Empenhou a vontade no Sacramento, porque todo

Tren.
3. 20.

1. *Ad*
Corint.
11. 26.

Ioan. 13. 1. todo ali he amor, *Cum dile-*

xisset... Dilexit: empenhou a

memoria, porque todo ali

se fez memoria, diz David,

Psalm. Memoriam fecit mirabilium

110. 4. *suorum:* E empenhou final-

mente o entendimento, por

que a obra do Sacramento

toda foy empenho da saba-

doria de Christo, diz S. Ioão,

Sciens Iesus... Sciens.. Et cæ-

nâ factâ. Pois na obra do

Sacramento temos a vonta-

de empenhada, *Dilexit?* Te-

mos empenhada a memoria,

Memoriam fecit? E temos

empenhado o entendimen-

to, *Sciens?* Pois ahi temos os

tormentos, todos q̃ a onde a

võtade, a memoria, & o entê-

mit... S. II.

7 **M** As não desmaye a

alma com todas

as tuas potencias no empe-

nhos dos seus estudos, que

ahi he mais gloriozo o triũ-

pho, onde foy mais sangui-

nolenta abatalha. Sempre o

trabalho precedeu ao def-

cançaço, & o merecimento

sempre foy primeiro, que o

premio. Primeiro Lia, que

Rachel, & a Cruz às costas

primeiro, então no peito as

comendas. Quem poz a

David no trono? A cruz da

sua espada. Quem deu a Ja-

cob tão grande caza? A pa-

ciencia, com que soffreu a

Labaõ. Primeiro Jacob so-

ffrendo, então com a melhor

caza Jacob; David crucifica-

do primeiro, então no passo

David. Ninguem sobe ao

anel no dedo, ninguem a

granacha, ninguem ao colar

de ouro, ninguem ao coche,

fem que primeiro o anel so-

ffra o grilhaõ, a granacha

muitos golpes, o colar de

ouro muito fogo, & o coche

muito affoute; & athe no

Egyp-

Egypto entre homens fem ley, esta era a ley, com que se levantavão os homens. Quem he aquelle mancebo, que com o anel do mayor Monarcha no dedo, que com a mais luzida granacha aos hombros, que com o collar mais rico ao pescoço, & que recostado no segundo Coche de Faraò vay passando a Corte todo do Egypto? Aquelle mancebo, diz o Texto sagrado, he Joseph filho de Jacob; leva o anel de Faraò no dedo, *Tulitque* Genes. 41. 42. *annulum de manu sua, & dedit eum in manu ejus*: Leva aos hombros a granacha, *Vestivitque eum stolá byssinâ*; Leva o collar ao pescoço, *Et collo torquem auream circumposuit*; E em fim vai passeando no segundo coche do Imperio, *Fecitque eum ascendere super currum suum secundum*. Agora pergunto eu. E quem vos deu Joseph esse anel? Por ventura o ocio, ou a perguiça? Nada rendem ociozidades. E essa granacha, ou illustriſſima capa quem vola deu? Algũ

encapotado amor? Não, que o amor como se pinta despidido, não tẽ capa, q̃ dar, antes as tira. Pois esse collar tão preciozo, & rico, donde vos veyo? Das minas? Não, que vòs não minastes cà, pera q̃ o collar viesse das minas. Finalmente nesse real coche, o segundo do Paço, quem vos poz nelle? O descanço da vida? Não, que não se assentão nos coches os descançados. Pois se nem o descanço deu o coche, nem as minas o collar; se nem o amor deu a capa, nem o ocio o anel, qué deu tudo isto a Joseph? O contrario a tudo isto, diz Ruperto Abbide: o anel real deulho a Joseph a escravidão, em que se vio, *Pro Ruperto servili nomine regium gestat l. 8 in annulum*: a granacha do Paço deulha o dezapego, com que largou a sua nas mãos da adultera, *Pro pallio, quo in manu adulteræ relicto nudus effugit, stola byssina*: o collar de ouro as cadeas, com que se vio prezo, lho derão, *Pro compedibus torquem auream suscepit*: o coche finalmente,

mente, a que subio, deulho o carcere, a que desceo, *Pro carceris humilitate super altū sedes Imperij currum.*

8 Assim tem coche hūs como Ioseph, pelo que padecem; & assi reynão muitos como David, pelo que trabalhão, & fūão. O leão vécido foi o que deu a Samsão o mel. Trabalhem os Samsões, & venção feras, que o azedo da batalha trocará em favos a victoria. Não ha, Senhores, que me ledes, resuscitar, sem morrer, como nem levantar, sem cahir. Caye na terra o grão, pera que se levante a espiga, *Aliud cecidit in terram bonam, & ortum fecit fructum centuplum.* E se o trigo não quizer morrer, nunca ha de resuscitar, *Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet.* Temos visto, que o estudo das letras faz desmayar, & cahir as forças, & chegar a ser sabio he suar sangue, he todos os tormentos, em fim morrer, mas como sem cahir não ha levantar, nem resuscitar sem

morrer, caya o grão pera que se logrem as espigas, & mórta no campo o trigo, pera que na cira resuscite amontes. Seja embora o trabalho dos estudos sobre todos os trabalhos, que por isso he o mais glorioso. A fabledoria he a mais ardua, & custozada das empresas, mas no mais arduo goza o mais subido da fama, & no mais custozo o mais elevado.

8 A grande custo, & trabalho meneavão quatro animais mysteriosos o carro da gloria, & monarchia de Deos: hum Leão, hum Boy, hum Homem, huma Aguia. Mas o Propheta Ezechiel, que conta o cazo, foi advertir, que sobre todos aquelles trabalhadores se remótava, & elevava a Aguia, *Et facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor.* Pois no carro da Monarchia de Deos os trabalhos da Aguia haõ de mórta sobre os do Leão, sobre os do Boy, & sobre os do Homem, *Desuper ipsarum?* Sim, que ainda que todos quatro trabalhavão

Ezech.
1. 10.

em

em sustentar o pezo, & bom governo da Monarchia, o Leão trabalhava como emblema dos valentes, o Boy como symbolo dos soffridos, o Homem fazia a figura dos que se humanão; mas a Aguia fazia o papel dos sabios, & como os trabalhos, que sobre os sabios carregão, são os mais arduos, & custozos de todos os trabalhos, o que pera a Aguia foy, o mais arduo, isso mesmo a poz no melhor lugar, & que foy pera ella o mais custozo, isso mesmo a elevou ao melhor, ao mais alto, & mais subido dos postos, *Desuper ipforum quatuor*. Como a fama cresce à medida das façanhas, & como a gloria se augmenta ao compasso da pena, quem como Aguia havia de crescer, & augmentarse? Sirva como mais valente o Leão, mas como o ser sabio he mais que ser valerozo, suba sobre o Leão a Aguia *Desuper ipforum*: trabalhe como mais soffrido o Boy, mas como cavar questoens

he mais que lavrar a terra, suba a Aguia sobre o Boy, *Desuper ipforum quatuor*: humanese em fim o Homem já que he homem; mas como a sabedoria, por propriedade Angelica, levanta ao homem sobre o homem, suba sobre o homem a Aguia, *Et facies Aquilæ desuper ipforum quatuor*.

o 10 Dezenganaivos sabios, & os que trabalhais sobre as sciencias, & os livros, que não ha gloria sobre a vossa. Daniel comparou os sabios com as estrellas; *Qui Dan. autem docti fuerint, fulgebunt 12. 3. quasi splendor firmamenti; & qui ad justitiam erudiunt multos, sicut stellæ.* E as Estrellas, em que lugar andão? Neste mundo inferior estão pregadas as Estrellas no Ceo supremo; & no mundo superior onde andão as Estrellas? Andão nas mãos de Deos. Assim vio S. Ião no Ceo na mão direita do mesmo Christo, *Et habebat in Apoc. 1 dextera sua stellas septem. 16.* Estrellas, & na mão de Deos? Não ha mais subir.

Mas

Mas porque nas mãos as estrellas, *In dextera*? E se nas mãos, porque na direita *In dextera*? Nas mãos, porque aos sabios traz Deos nas palmas: Na direita, porque aos sabios dà Deos o melhor lugar, *In dextera sua stellas septem.*

II E se desde o Egypto athe as Estrellas, & se desde as Estrellas athe o Emphyreo, o milhor, o mais alto, & superior lugar he o dos sabios, não temão os sabios os seus fuores, nem os accidentes da alma no abrir, & entender os livros, porque pera a gloria mayor, & pera os mayores aplauzos sò levão as bençoens, & amens de todos os que pelos fuores da alma abrem, lem, estudaõ, & comprehendem como sabios as difficuldades dos livros, & lhes sabem entender, & dezatar os nõs; & que mayor gloria, que subir ao mayor posto ouvindo bençoens, & Amês? Muitos sobem a grandes lugares, mas pera que? Pera là ouvirem muitas maldi-

çoens. Muitos se levantarão a grandes postos, mas pera que? Pera de cà lhe dizerem; Nunca tu là subiras. Ditozos os sabios, que sobre os levantar a sabedoria ao throno mais superior, o que là ouvem da boca de todos são bençoens, & são Amens, & são vivas. Olhai pera o Ceo, & ouxireis com São Ioão, que tudo là são aplauzos, são bençoens, são Amens, & são vivas sobre o Cordeiro de Deos assentado no throno, *Sedenti in Apoc. throno, & Agno, benedictio, 5. 13. & honor, & gloria, & potestas in secula seculorum; & quatuor animalia dicebant: Amen.* E porque cauza o Cordeiro não sò no throno, mas tão aplaudido no throno? No throno, porque o Cordeiro, diz São Ioão, abriu o livro da sabedoria, *Cum aperisset librum, & a fuores quazi de morte, Iam- bi. 8. quam occisum, entendeu o Ibi. 6. livro, soltou as difficuldades, que nelle se encerrãõ, & dezatoulhe os nõs, Et aperire signacula ejus, & Ibi. 9. cis*

eis ahi porque no trono o Cordeiro, por sabio. E o taõ aplaudido, porque? Pelo mesmo. Ninguem vê a hum sabio no trono, que não diga, com a benção de Deos, *Benedictio*, que não diga, merecida honra, & gloria, *Et honor, & gloria*; que não diga, Pera sempre vivas,

& reynes, amen, *Amen*; *In sacula seculorum: dicebant Amen*. Padeça pois, quanto padecer o homem na conquista da sabiduria, que se os sabios saõ os que vivem pera o aplauzo, pera a gloria, pera a hõra, & pera os Amês, saibão todos pera reynarem, &c.





STROMA XVI.

EM TODA A MATERIA,

Em todo o caso, segredo, & grande segredo.



SEGREDO Christão, & segredo politico, são os

dous importantissimos segredos deste discurso. O segredo Christão pertense ao bom governo das Almas: o segredo politico à alma do bom governo. Comessesmos pelo politico. He o segredo, quanto ao politico, a vida das empresas todas, & a alma dos negocios; & porque he a vida das empresas, & a alma dos negocios, deve ser

amado o segredo, & estimado como a alma, & a vida. O Philosopho Anacarsis era tão amante do segredo, que Solon o achou dormindo, mas tapada com hum dedo a boca. E os Egypcios chegaram a venerar tanto ao segredo, que na imagem do silencio o adoravão por Deos. Não adoreis por Deos ao segredo, que será idolatria; mas tapai a boca, como Anacarsis, & amai athei dormindo o segredo, & merecereis os mais acordados applauzos. Humas das ac-

P coes,

Cant.
4. 3.

çoens, que o Espozo venerou mais em sua Esposa, huma das prendas que mais engrandeceu, & louvou nella, foy o segredo. Duas vezes, & no mesmo capitulo, louva o Espozo a boca da sua Esposa, & a primeira vez disse assim, *Sicut vitta coccinea labia tua*: os vossos beiços são huma fita purpurea, ou hum listão de escarlata. E em segundo lugar que disse? *Favus distillans labia tua*: os vossos beiços, Esposa minha, são hum favo, que distilla, & se derrete em mel. Gostemos primeiro do favo, depois pegaremos da fita. E qual he a prerogativa tão grande, qual a excellencia do favo de mel tão soberana, que a boca da Esposa ha de ficar louvada, & engrandecida na semelhança do favo? He que, se bem advertimos, nenhuma couza obra a natureza neste mundo com mais segredo, que a fabrica portentosa do favo, & mais do mel; quem penetrou nunca o que a Abelha obra

Cant.
4. 11.

dentro do seu cortiço? Ainda que o cortiço fora de crystal, o que lá se obra por dentro não o penetraria nem Salamão. E porque sò aquella boca, que sabe esconder no peito o favo do segredo, he a que merece ser a mais louvada; pera o Espozo nos encarecer que a boca da sua Esposa merecia os mayores louvores, que louvou nella? O segredo da Abelha, *Favus distillans labia tua*. Esta a boca quanto ao favo; E quanto à fita? Peguemos agora nella. São os beiços da vossa boca, diz o Espozo a sua Esposa, huma sò fita de escarlata, *Sicut vitta coccinea labia tua*. Parece que não ata a semelhança da fita com os beiços. Se os beiços da boca da Esposa são dous, *Labia tua*, como sendo dous lhe chama o Espozo huma sò fita, & não duas, *Sicut vitta coccinea*? Sendo dous os beiços chamalhe huma sò fita, porque assi fechava a boca a Esposa pera o silencio, assi apertava os beiços
pera

pera o segredo, que sendo os beijos dous parecião hũ sò: tão unidos os trazia, & tão sem abrillos nunca, que sendo dous cravos os beijos fazia delles a Espoza hum nõ de rozas. E porque assi os unia o silencio, & assi os atava o segredo, louvou o Esposo na Espoza, nõ o aberto dos beijos, mas o fechado, nõ o dividillos em dous, mas o atallos num sò, *Sicut vitia coccina labia tua.*

2 Esta he a boca, & estas são as bocas, que merecem ser lovadas neste mundo, nõ as abertas, mas as fechadas, nõ as que deza- taõ os beijos pera publicar os segredos, mas as que pera encobrillos daõ hum nõ na fita. E esta he hũa das mais prudentes cautellas, com que ha de viver no mundo quem vive nelle. Ninguem vive no mundo a peito descuberto que seja prudente. A boca, que deza tou o novello, offendeu logo a cabeça. Viveis no mundo? Pois se quereis viver pru-

dente, nõ que demanda se- gredo de tal sorte o guar- dai, que ninguem entenda desse novello donde come- ça o fio, nem onde acaba. Manda Christo a seus Dis- cipulos pello mundo, & pera viverem nelle enco- mendalhes a prudencia da Cobra, *Estote prudentes sicut serpentes.* E que acertos tão notaveis, & prudencias tão grandes são as da Cobra, pera que viva acertada, & prudentemente no mundo quem viver como ella, *Sicut serpentes?* Outros daõ outras rezoens, eu dou a minha. He que a Cobra no seu proceder he tão amante de observar os segredos, que se acazo topais com ella, af- si se encobre, assi se enroscã com figo mesma, que nin- guem sabe donde comessaõ as suas voltas, nem onde a- cabão, donde tem o princi- pio aquelle novello, nem o fim. E porque essa ha de ser, & deve ser a prudencia dos que querem viver no mundo ao prudente, & a- cautellado, vòs, Discipulos

Math.
10. 16.

meus, diz Christo, que com toda a prudencia, & cautella quero que vivais no mundo, emnovelivos de tal forte com o segredo, fabei enroscallo, & encobrilho de tal maneira como a cobra, que ninguém atine donde o segredo nasce, nem onde vay dar, donde o novello começa, nem onde acaba, *Estote prudentes sicut serpentes.*

3. E se esta he a prudencia, tambem he a admiração, o assombro, & o respeito. Quereis assombrar, & ser respeitados no mundo? Segredo. Que respeitos não concilia neste mundo hum homem Secretario? Que páfmos, que admiraçoens, & que cuidados não cauza hum peito onde se venerão encubertos muitos segredos? Tanto perde de estimoçoens quem os revella, como grangeya de páfmos quem os esconde. Se revelais segredos quem faz cazo de vós? Quem vos admira? Quem vos venera? Ninguém. Do rio, em que se

toma pè ninguem faz cazo. Quereis porem assombrar, & admirar a todos? Não vos deixeis fondar. Fechai no peito os segredos, & temos a São João no Apocalypse, tapai aos segredos a boca, & temos a São Paulo no terceiro Ceo. Sò quatro couzas admirarão, & fizerão palmar, & derão muito em que cuidar a Salamão neste mûdo; E quais forão? *Viam Aquile in Caelo*, diz elle mesmo, os voos da Aguia pelto ar, *Viam Colubri super petram*, o caminho da Cobra sobre a pedra: *Viam navis in medio mari*, o navegar da Nao pelto meyo das ondas; *Viam viri in adolescentia sua*, os caminhos finalmente do homem na mocidade. Pois a Salamão tão fibio, & poderoso, que ninguem o igualou na sabedoria, & poder, porque o admirão, porque o assombrao, & porque sò lhe dão em q' cuidar huma Ave voando, huma Cobra correndo, huma Nao navegando, & caminhando hum Mancebo.

Prov.
30. 19.

Por.

Porque todos estes quatro enigmas erão quatro segredos. Como voa pello ar a Aguiã? Vay penetrando os ares, mas com tanto segredo, que não deixa no ar sinal por onde a penetrem a ella. Como anda pella pedra a Cobra? Caminha pella pedra com tanto segredo, que pera que os pès o não publiquem, vai caminhando sem pès, & sem pegadas. Como navega pello mar a Nao? Com hum segredo tão fechado, & tão calafetado, que sobpena de se ir a pique, não abre a Nao a menor boca. Como caminha finalmente o homem na mocidade? Aqui està o mayor segredo, diz Salamão, *Quartum penitus ignoro*. São rão varios os caminhos da mocidade, são tantos, & tão inconstantes cada dia, & em cada hora, que com o segredo de tanta variedade ninguém atina, & ninguém o entende, *Quartum penitus ignoro*. Pois eis ahi, senhores, a Salamão admirado, a Salamão affombrado, a Sa-

lamão cuidadozo, & tudo porque, & sobre que? Pello segredo, & sobre o segredo. Muito poder teve Salamão, & tanto soube, que por saber tanto, nada o admirava na terra; mas quem nada admirava, & tanto podia, sò hum Ioão, & hum Paulo secretarios lhe davão que respeitar, & que cuidar; sò o affombravão, & admiravão, o quê? Hum voo secreto, *Viam Aquilæ*, hum caminhar escondido, *Viam Colubri*; hum navegar calafetado, *Viam Navis*; & finalmente hum viver não penetrado, & não entendido, *Viam viri in adolescentia sua*.

4. E se o segredo assi em geral, & pera todos, he de grande louvor em todos, he em todos grande acerto, & grande prudencia, & em fim se o segredo se faz em todos tão venerado, que affombra, & faz pasmar hum segredo em qualquer homem; que serão os segredos, não de qualquer homẽ, mas os que esconde no peito com o reyno inteiro o

Ibi.

mesmo Rey? Aqui vos digo eu, que são os pasmos, as suspenções, & os extrazis. Os intentos de hum Rey entre cortinas a quem não assombrão? Os segredos de hum Rey, em quanto lhe não arrebentaõ no peito, a quem não metem terror & espanto? Suspêde a todos o Rey, que se não dà a entender a nenhum; & a rezão he, porque quem se não dà a entender a nenhum, a todos ameaça, & mete medo a todos. Se o Rayo ameaçara claramente a huma sò caza, huma sò o temera; mas porque nenhuma sabe aonde ha de cahir p Rayo, todas o temem. A brados de Seraphins se faz Deos no mundo respeitado, & temido por Deos, & por Senhor dos exercitos, *Clamabat alter ad alterum, Dominus Deus exercituum*. Mas em que occasião intimaraõ os Seraphins aos homens estes respeitos, & estes temores da Magestade divina? Sabem quando? Quando o mesmo Deos encheu o Pa-

ço de fumo, diz *Isayas, Dominus repleta est fumo; & quando os Seraphins com duas azas, como com cortinas cobriaõ a Deos o rosto, Duabus velabant faciem ejus*. Pois o Paço cheyo de fumo he o mundo todo suspenso? Pois a cara de Deos cuberta he os homens todos tremendo? Sim, que o fumo no Paço he não se ver, nem saber o q̄ vay lá dentro: o rosto de Deos cuberto, he o Rey escondido, & os seus segredos sem se lhe enxergarem, nem no rosto; & Paço que se enche de fumo pera que se não saiba, nem veja o que lá se trata, faz se respeitado de todos: Magestade, que cobre o rosto com duas nuvens, pera que nem pello rosto reverbere o segredo, esse rayo entre as nuvens, esse segredo assi recondito, & assi sacramentado, fara temer, & estremecer o mundo, *Clamabat alter ad alterum, Dominus Deus exercituum*.

S. II.

5 **S** Egredo pois, & não se deixem comprehender os Reys, que assi como são Deuzes na terra, devem ser na terra incomprehensíveis. Saibasse que o Rey tem poder, *Dominus exercituum*; & espalhesse, & publique-se que o tem, *Clamabat alter à dalterum*; mas onde esse poder se ha de executar, & quando, & como, & porquem; esses segredos *Ad intra* haõ de ficar là debaixo das cortinas, pera que nem sayão ao rosto, *Ve-labant faciem*. Duas caras ha de ter o Paço de hum Rey, *Ovid. Fast. 1. Omnis habet geminas hinc, atque hinc janua frontes*: huma pera a parte de fora, outra pera a parte de dentro, *Equibus hæc populum respicit, illa larem*. Saibão todos as rezoens commuas, & vniuersais do bom governo, pela cara da parte de fora; mas pela cara da parte de dentro ninguem saiba o particular do governo, nem o in-

rimo dos segredos. Haõ de fazer-se por arte os Reys o que não tem por natureza. Os Reys por natureza nem tem poder immenso, nem infinito; mas por arte podem mostrar que o tem. Faça-se o Rey respeitado, faça-se temido pelo segredo, & terá hum poder immenso, & porque? Porque ninguem dobrou o braço, que se não deu a torcer, & sempre foy immenso no mundo quem nelle se não deixou medir.

6 Pergunta Christo a seus Discipulos quem diziaõ os homens que elle era, a quem o comparavaõ, & com quem o mediaõ, *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Responderaõ os Discipulos, que huns diziaõ que elle era o Baptista, *Alij Ioannem Baptistam*, outros, que elle era Elias, *Alij Eliam*, estes, que elle era Jeremias, *Alij vero Ieremiam*; & aquelles finalmente, que elle era algum dos outros Prophetas, *Aut unū ex Prophetis*. E temos a Christo entre tantas, & tão

Math. 16. 14.

varias opinioens sem ninguem lhe tomar o fundo nem medillo. Porem Pedro, costumado a sondar, & a medir os mares, vendo que ninguem sondava, nem media a Christo, lança naquelle mar o plumo, & não lhe dando com o fundo, affirma, & protesta que aquelle mar he immenso, *Tu es Christus Filius Dei vivi*, vós, Senhor, diz Pedro a Christo, fois o Filho de Deos vivo. Sempre Pedro discursou bem, mas nunca melhor que agora. Vio Pedro que ninguem sondava, nem media a Christo, & que nem elle mesmo tomava pé naquelle grande mar, nem podia medir tão estranha grandeza, & discursou assi o elevado entendimento de Pedro. Vive entre nós hum homem incomprehensivel a todos; hum homem, cujo peito ninguem o sonda, & cujo poder ninguem o mede: se o quereis sondar com o Baptista, & cõ Elias, *Alij Baptistam, Alij Eliam*; nem he Elias, nem he o Baptista; se o quereis me-

dir com Ieremias, ou com os outros Prophetas, *Alij Ieremiam, aut unum ex Prophetis*, nem medido com Ieremias he Ieremias, nem com todos os Prophetas he algum delles. Pois homem, diz Pedro, homem que se não deixa sondar de nenhum homem, o fundo deste homem he infinito: pois homem, diz Pedro, homem que se não deixa medir, nem pello maiores homens do mundo, a grandeza deste homem he immensa, *Tu es Christus Filius Dei vivi*.

7 Esta he a arte com que o segredo faz immensos, & infinitos, ainda aos que o não são por natureza. E pello contrario sejam as forças, & o poder humano, quam grandes forem, se as forças, & o poder não vão acompanhados com o segredo, não ha forças, nem poder. He o caso de Samsão na guerra contra os Philisteos. Emquanto Samsão encubrio a Dalila o segredo dos seus cabellos, era invencivel Samsão; tanto que lhe comu-

comunicou o segredo , a-
 quelle valor, que observado
 o segredo sempre sahio vi-
 toriozo, revelado aos ini-
 migos o segredo, o que tri-
 unfa de todos foy cativo,
 & prezo, & miseravelmen-
 te vencido o invencivel.
 Hum estamago que não re-
 tem là dentro o que come,
 que forças, & que vigor ha
 de ter? Hum peito que se
 descobre, & abre ao ini-
 migo, com que armas ha
 de defenderse? Desarmase
 o peito que se descobre, &
 tem a morte segura o esta-
 mago, que não retém o
 que come. Quem dezar-
 mou a Eva no Paraizo, &
 a matou, & a todos nós?
 São Bazilio o disse; *Exar-*
masti te mulier Dei voce Di-
abulo credita: dezarmou a
 Eva, & matou a Eva o
 revelar hum porque, hum
 só segredo. Pergunta o
 Demonio a Eva. Porque
 vos mandou Deos que não
 comeeis da quella arvore,
Cur præcepit vos Deus, ut
non comederetis de omni lig-
no Paradisi? E Eva que

fez? Não fora ella molher!
 Abrio logo o peito, & vo-
 mitou o segredo por não
 lhe apodrecer là dentro, *Ne*
moriatur, disse, o porque
 Deos mandou que não co-
 messemos foy, porque se co-
 messemos daquela arvore,
 morreriamos. Pois senhora,
 & esse vosso estamago he
 tão fraco, que não tem ca-
 lor pera cozer hum segre-
 do? Este vosso peito assi
 abafa logo com as cauzas
 de hum porque, que lhes
 faltara a respiração, se não
 as descobrir, *Ne memoria-*
mur? Pois morrereis senho-
 ra por isso mesmo; que pei-
 to que se descobre, dezar-
 mase; & tem a morte seg-
 ura, estamago que não retém,
Exarmasti te mulier Dei vo-
ce Diabulo credita.

7 O quantas, que ha-
 vião de ser vitorias, forão
 despojos, por se não encu-
 brir hum porque; & quan-
 tos, que havião de ser tri-
 umphos, forão ruinas, por
 se não guardar hum segre-
 do! Não sabemos quanto
 hum segredo pode, que se
 soube.

Judic.
 16.

S. Ba-
zil.
orat. 3.

Genes.
 3. 1.

foberamos, & conhecera-
mos qual he o valor de hum
segredo, antes haviamos de
querer pera as vitorias hum
segredo ao lado, que mui-
tos homens, que muitas ar-
mas, que muitos muros.
Muitos muros, muitas ar-
mas, & muitos homens ao
lado, mas sem segredo, nem
os muros reziste n, nem as
armas ferem, nem os ho-
mens matão. Mas se o se-
gredo, que he a alma das
grandes emprezas, vai ao
lado, & fazendo costas a
hum homem, seja a empre-
za a mayor, se o segredo a
abonou, a auxilios effica-
zes de hum segredo obra
hum sò homem milagres.
Ao lado com o seu Pagem
da lança, a quem Ionathas
conhecia por fidelissimo
nos segredos, *Quia illum*
lib. 1. fidelissimum agnoscebat, no-
Reg. tou o Comentador dos
cap. 14. Reys, emprende Ionathas
n. 1. a mayor das suas façanhas,
& sem communicar o que
intentava, nem a Saul seu
1. Reg. Pay, diz o Texto, Patri
14. 1. autem suo hoc ipsum non in-

dicavit, elle sò com o seu
fidelissimo a ilharga enveste
com o exercito inteiro dos
Philisteos, & aqui ferindo,
alli matando, tais maravi-
lhas obrou, que pondo em
fugida o exercito inimigo,
chegarão as maravilhas, diz
o mesmo Texto, a ser mila-
gres, *Et factum est miracu-*
lib. n. lum in castris. Pois Iona-
15. thas hum sò homem, &
pondo em fugida a hum
exercito? Pois Ionathas
hum sò Principe, & fa-
zendo proezas, que são
milagres, *Factum est mira-*
culum? Sim, que levava
Ionathas ao lado por fia-
dor da empreza o valor, &
o poder de hum segredo,
illum fidelissimū agnoscebat,
& são taõ valentes as effica-
cias de hum segredo, & são
taõ poderozos os seus auxi-
lios, que com segredo a
ilharga basta hum sò Iona-
thas pera vencer hum exer-
cito, & hum sò homem pe-
ra obrar milagres, *Factum est*
miraculum.

9 E se falta o segredo,
que podem os muros? Que
podem

podem as armas? Que podê os homens? Os homens sem segredo morrê nas filadas, as armas sem segredo cayê das mãos, & os muros sem segredo, como já estão abertos, arruinamse pellas roturas. Ninguém teve mais homens, ninguém mais armas, & ninguém mais muros para defenderse, que El Rey Nabucho em Babylonia. Eis que quer Deos destruir todo o poder de Nabucho, & porlhe a Monarchia por terra, & que fez? Desfez o segredo da Estatua com que sonhou Nabucho, & revelou a Daniel todos os segredos daquella Monarchia, *Dan. 2. Danieli mysterium per visionem revelatum est*, & isto feito, & cahida a Estatua, la vai a Monarchia arruinada. Pois tantos homens, pois tantas armas, pois tantos muros não defendem a Nabucho em Babylonia? Não, que não montão exercitos, se se lhes penetraõ as operações, & os designios, não defendem as espadas, se não se encobrem os peitos, & final-

mente cayem os mesmos muros de Babylonia, se os segredos sayem dos tueros, *Danieli mysterium per visionem revelatum est*. E se este he o segredo, ou o não segredo, em qualquer materia politica, guardai inviolavelmente o que tanto importa a todos, o segredo politico, & vamos agora todos às importancias do Catholico.

§. III.

HE o segredo politico a alma das empresas politicas, & das almas Christans deve ser o segredo toda a empresa. Mas q̄ segredo he este taõ Christão como importante? He o segredo de Ioseph o Vizo Rey do Egypto. Vendê a Ioseph seus Irmãos, q̄ athe entre Irmãos ha vendidos, & foy a cauza da venda a alivozia dos mãos Irmãos, a inveja, & mais o odio, *Oderant eum*. Mas como dos males grandes, diz S. Agostinho, & S. Gregorio, costuma Deos tirar grandes bens, O Io.

Genes.
37 4.

o Ioseph vendido, o Ioseph invejado, o Ioseph aborrecido, do carcere foy pera o Paço de Pharaõ, da inveja pera valido, & do odio pera mais amado. Assi sobem as rodas da fortuna quando Deos meneya o Carro: os homens apostados a que defça o vosso Coche, & Deos a fazer subillo: os homens dando mil voltas pera q̃ a vossa roda dè hũa, & Deos tendo mão na roda pera q̃ das mil não dezande. Subido pois Ioseph ao Trono, obrigados os Irmãos da grande fome, que os opremia, vamse ao Egypto a buscar pera a fome o remedio, & não conhecendo a Ioseph, fallão a Ioseph, & sem o advertirem já he venerado o vendido, já bem visto o invejado, & já requestado o aborrecido. Ouve Ioseph, posto que tão gravemente offendido, de fallar com seus Irmãos (que nenhũa offença ha de tirar a falla), & que fez Ioseph? Entrados os Irmãos na Sala de Palacio, manda sahir pera fora a todos os Corte-

zãos, *Præcepit, ut egrederentur cuncti foras*; & chaman, do pera junto de si aos Irmãos, *Accedite ad me*, & estando já bem juntos a elle, *Cum accessissent prope*; Eu sou, lhes diz, aquelle vosso Irmão, a quem vendeistes pera o Egypto, *Ego sum Ioseph frater vester, quem vendidistis in Egyptum*. Este o successo, estas as voltas que dà o tempo, & a fortuna, & agora pergunto. Estas cautellas de Ioseph tão miudamente notadas pella Escriitura, que cautellas são, & pera que? Quer Ioseph fallar a seus Irmãos, & mandaos chegar pera junto de si, *Accedite*? Quer fallar aos Irmãos, & não sò haõ de chegar a elle, mas muito junto d'elle, *Prope*? Quer finalmente fallar a seus Irmãos, & pera que ninguem mais o ouça, vão todos os mais pera fora, *Cuncti foras*? Que cautellas, que advertencias, & q̃ circunspecções são estas tão miudas, & porque, & pera que? Agora firmos o ponto, & vejamos o alvo a que

atirou

atirou Ioseph.

II Catholicos meus; tinhaõ os Irmãos de Ioseph por invejas a Ioseph, & odios ao mesmo Ioseph, cometido aquelle feissimo crime, com que aleivozamente o venderão aos Ismaelitas, & como era forçozo a Ioseph neste passo dizer a seus Irmãos (que ainda o não conhecião) que elle era o mesmo Ioseph, quem elles tinham vendido, que fez Ioseph? Como grandê Christão daquelles tempos, pera que nem o credito, nem a fama, nem a honra de seus Irmãos perigasse entre os Egypcios, & se perdesse, uzou das cautellas referidas, mandou pera fora a todos, chamou aos Irmãos pera hé junto de si, & com voz branda, & submissa lhes trouxe à memoria nas lembranças do nome de Ioseph o delicto, que cometerão, *Istud*, diz Lyra, *volebat eis dicere submisse, & ideo fecit eos prope venire, ne Aegyptij audirent proditorem, quam fecerant, & sic eos despicerent.* E

temos o segredo Christão. Qual he o segredo Christão? He ninguem saber da minha boca o odio, a leivozia, a inveja, a treição, em fim a culpa, & o pecado alheio; & isto com tanta cautella, que ainda q̃ eu seja o offêdido, & o agravado, a offensa, & o agravo sò fique entre quem o cometeu, & o offendido. Agravarão, & offenderão a Ioseph os Irmãos de Ioseph; pois vão pera fora todos os Egypcios, *Cuncti foras*, pera que ninguem saiba, nem ouça aquelle pecado, *Ne audirent proditorem.* E esta cautella, & a christandade deste segredo pera que? Pera que o credito, pera que a fama, pera que a honra do nosso proximo, que no segredo se conservão, não se desacreditem, nem se desprezem no não segredo, *Et sic eos despicerent.*

II Ah Christãos! E onde vai cá este segredo? Diogenes em Athenas sahio hum dia pellas ruas com hum tocha na mão acesa, & perguntandolhe, que buscava, respon-

Lyra
hic.

Diog.

respondeu que a hum Amigo. Melhor fora dizer, que a hum segredo. Eu pello menos se pudiera sabir por todas as ruas deste Reyno com huma tocha, & ainda duas nas mãos, & me perguntassem, que buscava, havia de responder, que buscava a hum Christão com segredo, ou a hum segredo christão. Nenhuma couza vejo hoje menos observada, que a ley do segredo. Em muitos lugares da Escriitura encomenda Deos o segredo, & o segredo claramente christão encomenda Christo assim, *Si peccaverit in te frater tuus, corripe illum intra te, & ipsum solum.* Se pecar contra vòs vosso Irmão, diz Christo, a noticia desse pecado fique sò entre vòs, & elle, *Intra te, & ipsum solum.* De sorte que entre o offendente, & o offendido, entre o pecador, & o peccante ninguém ha de saber senão o segredo; o segredo entre os dous, & não mais, *Te, & ipsum solum.* E observasse esta ley de Christo en-

tre os Christãos? Entre os agravados, & os que agravão, entre os offendidos, & os que offendem cabe sò o segredo? Antes sò o segredo he o que não cabe. Sabeis o pecado alheio, & por que logo o dais a saber aos vizinhos, cabem todos os vizinhos entre vòs, & o que pecou, sò o segredo não cabe. Sabeis o dezar, sabeis o senão, & sabeis a noçoa, sabeis o delicto, que pode infamar, & denigrir a opinião, & fama do vosso proximo, & porq̃ logo detrahis delle, & o infamais na praça, cabe toda a terra entre vòs, & o detrahido, sò o segredo não cabe. E faziao assi Ioseph no Egypto? Não por certo. No Egypto entre Ioseph, & seus Irmãos sò havia lugar pera o segredo, & sò o segredo cabia, & todos os mais ficavão de fora, *Cuncti foras.* Mas não he assi cá entre vòs, & vossos Irmãos; se algum cahio em algum crime, ou vendeu a outro, todo o Egypto o sabe logo, porque cá todos tem lugar,

sò o segredo não. Oh, apré-
damos de Ióseph? E quan-
do elle nas materias do cre-
dito, & fama alhea tão ef-
crupulozo, & secretario nos
não confunda, confunda-
nos o mesmo Christo. Que
fazia Christo? Se fois Chris-
tão aprendei d'elle.

13 Quando vierão pré-
der a Christo no Horto, dis-
se o Senhor, *Si me queritis,*
finite hos abire; se me quereis
prender a mim, aos meus
Discipulos deixai-os ir. Pois
não letia fineza dos Disci-
pulos irem prézos com seu
Mestre? Seria, se alli fosse,
mas porque Christo via, que
os Discipulos covardemen-
te havião de fugir logo, dis-
se Christo que os deixassem
ir, & pera que? Pera que pa-
recesse licença sua, o q̄ nelles
havia de ser covardia, & o
que na verdade havia de ser
vilissimo temor, parecesse
retiro honrado, *Abire jubet,*
diz Mendocça, *ne fugientium*
timiditas notaretur; sed facta
ex Magistrifacultate putaretur. Mais. Estava Christo
no Poço de Sichar com seus

Discipulos, & chegando ao
Poço a Samaritana, manda
Christo aos Discipulos pera
Samaría, *Discipuli ejus abie-*
runt in Civitatem. Pois por-
que manda se auzentem os
Discipulos, quando chega a
Samaritana? Porque como
Christo havia de reprehen-
della dos escandalos, com
que vivia, não quiz enver-
gonhalla no publico, mas
conservarlhe o credito no
segredo, *Ut pudore ejus soli-*
tudine consultum esset, disse
o Doutissimo Salmeirão.
Mais. Quando Christo pro-
meteu aos Apostolos o pre-
mio de o seguirem, disse aos
doze, que se assentarião em
doze cadeiras, *Sedebitis &*
vós super sedes duodecim. En-
tre os doze hum dos Aposto-
los era Judas, Judas não
teve cadeira, porque a per-
deu por seus pecados, &
levou a cadeira Mathias,
Pois se Judas entre os doze
não teve cadeira, nem a ha-
via de ter, & Christo o sabia
mui bem, porque mete a Ju-
das entre os doze, prome-
tendo

Joann.
18 8.

Joann.
4. 8.

Salm.
10m. 4.
1r. 20.

Math.
19. 28.

Actor.
1. 26.

Mend.
Reg. c.
5 n. 3.

tendo cadeiras pera todos, *Sedebitis super sedes duodecim?* Sabem porque? Porque se sò prometteffe onze cadeiras pera os onze, deixando a Judas de fora, os onze virião em sospeitas da treição de Judas, & porque Judas ficaria dezacreditado nas sospeitas dos onze, entre Judas com todos na promessa das cadeiras, pera que nenhum julgue mal d'elle, *Super sedes duodecim. Nec ceteris deterior haberetur*, commentou Euthymio. Isto supposto Christãos, vede, & adverti agora.

§. IV.

14 **E**Ntre Christo, & seus Discipulos no Horto coube sò o segredo; porque a fugida, que nelles foy fraqueza, pareceu licença, *Simite hos abire*. E qual he cà o Christão, que fraqueou, que logo se não saiba a sua fraqueza? Christo da fraqueza dos Discipulos fez licença pera desculpалlos, & nós das licenças, que tal vez

podem ter, & tomar os outros, fazemos fraqueza pera arguillos. Entre Christo, & a Samaritana sò o segredo coube; Christo a reprehendeu da sua mã vida, mas auzentes os Apostolos, pera que na presença de tão veneraveis pessoas não padecesse a Samaritana o pejo dos seus escandalos. E qual he cà o Christão, que saiba a mã vida do outro, que logo sem pejo a não publique, pera pejo, & grande pejo do infamado, ou da pobre Samaritana? Christo no Poço de Samaria escondeu os pecados da Samaritana, & pera que ninguem soubesse delles, lançou-os no poço. E nós que fazemos? Athe os pecados, que estão metidos num poço, de là os tiramos, & o que no poço havia de ficar no profundo do segredo, sabece em toda Samaria. Em fim, entre Christo, & o mesmo Judas sò o segredo coube; porque pera Christo livrar a Judas das sospeitas de treidor, meteu a Judas com os mais Apostolos

los nas esperanças do premio, pera que ninguém julgasse mal delle. E qual he cá o Christão que pera evitar de outro as sospeitas, o iguale na pratica com os benemeritos, pera que do seu proceder se não julgue mal? Christo com huma cadeira desstimulou huma aleivozia, & nós publicaremos vinte aleivozias por tirar huma cadeira. Christo com hum premio encubrio huma treição, & nós daremos mil premios por descobri-la.

15 Pois he isto serem os Christãos imitadores de Ioséph? Não. Pois he isto serem os Christãos imitadores de Christo? Menos; E que nos não confundão os exemplos de Ioséph! E que nos não emmendem os exemplos do mesmo Christo! Dirão os que com a capa do zello cuidão, que podem romper a capa do segredo, que se fallão na culpa, que se estranhão o delicto, & a capa do segredo se rompe, que he, pera que o culpado

se emmender, & no segredo dos delictos se não licéceye a ousadia a cometer outros mayores. Se assi fora, estaria bem, concorrendo as mais circunstancias, que fazem licita a correcção. Mas se vós descobris o dezar, & o delicto, quando os não habeis de descobrir, & aquem os não deveis manifestar: se publicais a infamia, & a deshonra, ou pella inveja, que vos morde; ou pella paixão, que vos pica; ou pello odio, que vos cega, donde vai ahi o amor da emmenda? De sorte que a vossa inveja ella he o zelo? Bom zelo. De sorte que a vossa paixão ella he a charidade? Boa charidade. De sorte que o vosso odio elle he o amor? Bom amor. Pois se o vosso zelo em publicar os defeitos he inveja; se a vossa charidade em descobrir os dezares he paixão; & o vosso amor em manifestar os peccados he odio, rompendo vós o segredo Christão por tais motivos, em quem quereis a emmenda? A vossa inveja

Q

não

não pode emendar o outro, irritallo fim: a vossa paixão, & o vosso odio não podem reformallo, descompollo, & embrao fello fin. Pois que remedio? Já que publicando o defeito não hey de emendallo, segredo; já que o Medico descombrindo a chaga não ha de curalla, segredo.

16. Em summo segredo deixou Moyses no Genesis o peccado dos Anjos. Publicou, & com todas as circumstancias, o de nossos primeiros Pays no Paraizo: como foy enganada Eva, Serpens decepit me, como olhou pera o pomo prohibido, Vidit, como o comeu, Et comedit, como deu do pomo a Adam, Deditque viro suo, como Adam o comeu, Qui comedit. Pois o peccado de Adam com todas as circumstancias posto em publico, & o peccado dos Anjos tão callado, tão escondido, & com tanto segredo escondido, que nem hum palavra diz deste peccado Moyses? Sim, diz

maravilhozamente o Autor das Maravilhas da Escritura, *Angelicum vulnus verus Medicus indicare noluit, dum curare non destinavit.* Pecaraõ os Anjos, & na sua natureza imovel, & inflexivel, nem o peccado havia de ter emenda, nem aquella chaga cura, pois segredo; & porque? Porque peccado, como o dos Anjos, que ainda que se publique, não ha de emendarse, chaga, como a dos Anjos, que ainda que se descubra, não ha de ter cura, *Curare non destinavit;* nesse peccado o segredo todo, he o que Deos manda, & nessa chaga todo o segredo, he o que Deos nos ensina, *Angelicum vulnus verus Medicus indicare noluit.*

17. Já se o peccado he dos Prelados, & dos cabeças, já se a chaga he dos Principes, & dos Reys, aqui sobpena de mayor castigo, deve ser mayor o segredo. Foy pacientissimo David, & tão santo, como

sofri-

Genes
3. 13.

Serpens decepit me, como olhou pera o pomo prohibido, Vidit, como o comeu, Et comedit, como deu do pomo a Adam, Deditque viro suo, como Adam o comeu, Qui comedit.

Aut.
mir. l.
1. c. 2.

sofrido. Com tudo estan-
do pera morrer encomen-
dou a Salamão seu filho,
mandasse matar a Ioab, &
as causas, que apontou
forão estas; *Tu nosti, quae*
fecerit mihi Ioab filius sar-
viae, quae fecerit duobus
Principibus exercitus Israel,
non deduces cantientem eius
pacifice ad inferos. Tu fi-
lho meu bem sabes o que
me fez Ioab, & como
matou aos dous Principes
do exercito de Israel, pois
morra elle tambem. Duas
cauzas aponta David pe-
ra morrer Ioab; a culpa
que Ioab cometeu contra
David a primeira, & a mor-
te dos dous Principes, a
segunda. Que Ioab mata-
sse aos dous Principes,
& Capitaens de Israel, nin-
guem o ignora, porque
matou a Abner, *Percussit*
illum, & mortuus est; &
matou a Amaza, *Percussit*
eum in latere, & mortuus
est. Mas que culpa cometeu
Ioab contra David,
não consta da Escritura, &
ledeas. He certo porém, qua-

Ioab offendeu a Magestã-
de de David, tão gravemen-
te, que por esta offensa
mandou tambem que mor-
resse, *Tu nosti, quae fecerit*
mibi Ioab. Hoy logo gran-
de o crime de Ioab con-
tra David, qual seria? O
erudissimo Lyra, allegan-
do a Rabbi Salamão, di-
zem, que o crime, que
Ioab cometeu contra Da-
vid, & porque David o
mandou matar, fora este.
Escreveu David a Ioab hu-
ma carta, em que com to-
do o segredo lhe ordena-
va, mandasse que Urias,
ao cometer do inimigo, &
ao romper da batalha, fi-
casse em tal posto, q̄ Urias
cahisse alli morto, *Scriptit*
David epistolam ad Ioab, mi-
sitque per manum Urias po-
nite Uriam extra adverso bellat-
is percussus intererat. Execu-
tôu Ioab o que David lhe
ordenou, mas confiaso pou-
co segredo, que a culpa de
David, & a carta injusta
de David, a Ioabua publica-
cou, & a leu a outros, rom-
pendo com o segredo a boa

3. Reg.
2. 5.2. Reg.
3. 23.
2. Reg.
20. 10.2. Reg.
11. 14

Rab.
Sal.
apud
Lyra
Ibi.

fama, & credito de seu Rey, *Per hoc intelligitur malum, quod fecit Ioab contra personam David, ostendendo alijs literas, quas sibi secrete miserat David de morte Uriæ,* disse o Rabbi Salamão. Agora notai. David Santo, & que sofreu vivendo tantas afrontas, estando pera morrer não quiz deixar sem castigo, que se dezacreditasse a pessoa de hum Rey, & se puzessem em publico os seus segredos, *Quas secrete miserat;* & isso porque? Porque os crimes, & as culpas secretas das pessoas grandes, dos Prelados, dos Principes, ou inviolavelmente se haõ de encobrir, ou inviolavelmente se haõ de castigar.

18. Segredo pois Catholicos, & mayor segredo, quanto he mayor a pessoa, aquem o segredo roto ou dezacredita, ou desdoura. Merece a morte o Ioab, que sabendo em segredo o delicto do seu Principe, lhe lê em publico a carta, & a cartilha, *Ostendendo alijs lite-*

ras; pois guardece de tal sorte o segredo, encobridose dos grandes, & dos Principes os delictos, que se ouvecemos de morrer, não morrecemos como Ioab, mas como a cobra. Como morre a Cobra em cazos semelhantes? Santo Epiphanio o disse: *Prima in serpente prudentia est, quod dum persecutionem patitur; cognoscens, quod in capite ipsius tota vita ejus existit, occultat quidem cranium suum, tradit autem reliquum corpus.* A Cobra, diz Santo Epiphanio, quando se vê perseguida, que faz? Todo o corpo entrega aos golpes por não entregar a cabeça; & mas que a cortem, & mas que a despedacem, deixa cortar, & despedaçar tudo, porque a parte principal se não despedace, nem corte. Assi nós, diz Christo, que nos manda aprender da Cobra, *Estote prudentes, sicut serpentes.* Os nossos Prelados, os nossos mayores, os nossos Principes saõ as nossas cabeças; estas cabeças às vezes

Epiph.
har 38.

Math.
10. 16.

vezes dormem a suas obrigaçoens, como David; pois que remedio, se eu souber do sono, do lethargo, & da culpa das cabeças? O remedio he fazerme Cobra: porque se conserve o credito, & a honra das cabeças guardat tal segredo no que sei dellas, que mas que me cortem, & me despedacem, o credito, & a honra das cabeças fique sempre ilezo, cortado nun-

ca; fique sempre inteiro, nunca despedaçado, *Occultat quidem cranium, tradit autē reliquum corpus.* Este he o segredo Christão, & este he, Christãos, o segredo que deveis guardar. Assim se vive em paz, & união christã, & este he aquelle segredo quem tomou por empresa o amor, & a charidade, *Charitas*

1. Petr.
4. 8.



Q3

STRO-



STROMA XVII.

*ACABARA BEM QUEM COME-
gon bem, que a prephacia dos
fins são os principios.*

§. I.

DE limitados alicerces não pode surgir grande edificio. Ha de ser profundo o fundamento, pera sahir excelsa a fabrica, que fundar torres no ar, he querer, que as torres cayão. Caye a torre de Babel, & porque? Porque os de Babilonia pondo no Ceo o fim da torre fundarão os principios no ar. Puzerão no Ceo o fim da torre, por-

que intentarão levantarlhe as ameyas athe o Ceo : *Faci-
ciamus turrim, cujus culmen
pertingat ad Cælum*: puzerão no ar os principios, porque esta imaginada empreza toda se fundou no ar, te-
nãõ vede. Fundouse no ar, porque fundar huma torre, que chegasse athe o Ceo, era ar, ar, porque em toda a redondeza da terra não havia campo taõ capaz, que bastasse pera os fundamentos de tão enorme edificio.

Ar,

*Genes.
11. 4.*

Ar, porque o globo da terra, ainda que se minasse athe o centro, não daria materiaes, que bastassem para tão immensas muralhas. Ar, porque em muitos centros, & milhares de annos não se guindaria huma pedra a tão inacessivel altura. Ar, porque em fim, dado que a torre crescesse, em chegando à segunda região do ar, o mesmo ar, que alli he frigidissimo, os havia de matar a todos, & quando escapsem deste inimigo, là irião morrer todos abraçados no elemento do fogo. E se esta torre assi se fundava nos ventos, que todos os seus principios erão fundados no ar, qual havia de ser o fim da torre, senão o que foy? Os principios nos ventos, os fins nas tempestades; torre fundada no ar, torre cahida por terra.

2. O quantos se prometem os mais altos, & os mais levantados fins, mas porque os principios são ar, cahio a torre. Couza he mui digna, não digo já de sentimento

grande, senão de rizo, ou farça, ver o fundamento com que muitos fabricão as suas torres. O fundamento he nenhum; porque sem acçoens heroicas querem muitos eternizar-se na fama. O fundamento he nenhum, porque os fins a que muitos aspirão tão nobres, tão fidalgos, & tão illustres, são fins tão alem dos principios, quanto vai alem da rede a cortina; alem da esteira a almofada, alem do buxo o doce; alem da enxò o sceptro, & alem de Babilonia o mesmo Ceo. E principios tão àquem dos fins podem chegar tão alem? E fins tão alé dos principios, podem tornar tão àquem? A Estatua de Nabucho era de bronze, & de ferro, & não se eternizou no ferro, nem no bronze, antes logo acabou; era de ouro, & de prata, & não se afidalgou na prata, nem no ouro; antes se avilitou em cinzas, *In favillam est. Dan. 2.* *væ areæ*: & isso porque? 35. Porque nem os principios, em que se fundou a Estatua

podião subir a tais fins, nem os fins a que aspirava, podião descer a tais principios. Quais forão os principios da Estatua? Pès de barro, diz Daniel, *Pars quaedam pedum erat fictilis*. E a que fins aspirava? A fins, ou a cabeças de ouro, *Caput aureum*. Mas porque fins de ouro não vão bem fundados em principios de barro, que succedeu? Farça, & rizo. Quiz a Estatua sobre principios de barro eternizar-se em bronzes, & acabou em poeira; quiz a Estatua sobre principios de lodo enobrecer-se em pratas, & a fidalgar-se em ouros, & avilitou-se em cinzas, *Infavillam*.

3 E que he isto no mundo, senão farça, & rizo no mundo? Cahio Simão Mago, & ficou farça o seu subir: precipitou-se Icaro, & ficou rizo o seu voar. E farça o Mago, & rizo o filho de Dedalo, porque? Porque subir a hum Ceo de ouro hū fundamento de barro, he a farça da Estatua; voar a hum

sol abrazado hum fundamēto de cera, he o rizo da torre. Ora vede mais claramēte a farça, & o rizo. Se hum homem, diz Christo, quizer edificar huma torre, *Volens turrim edificare*, & os fundamentos forem tais, que não possa ir a torre ao fim, *Et non potuerit perficere*; todos os que virem a este homem, conclue Christo, farão farça, & rizo delle, *Incipiant illudere ei dicentes, quia hic homo cepit edificare, & non potuit consummare*. E porque farça, & rizo principiar a torre, & não acaballa? Porque sempre foy farça principiar o que não ha de ir ao fim, como emprender o que se não ha de cōseguir, sempre foy rizo, *Incipiant illudere ei*. Ahi ha homens, que imaginaõ podem cōseguir, quanto lhes ocorre, & não advertem, que vai muito do que logra a execução ao que a fantazia promete. Cōceber grandes fins he muito facil, mas como pera conseguillos não ha principios, nem fundamen-

Luc.
14. 28.

Ibi. 29.

to, o que havia de ser execução, para em fantasia; & ficção sendo rizo as torres, rizo as estatuas, & todas as imaginações rizo, *Incipiant illudere ei.* Que remedio pois, pera que se não riaõ de vós, & que remedio, pera q se configa o que se emprende, & chegue ao fim dezejado o que se intenta? O remedio he proporcionar os principios aos fins. Todos anhelamos a grandes cousas, porque aspiramos todos a grandes fins; & de conseguir grandes fins quem he a melhor propheta? Grandes principios.

4 Na fabrica do homem a primeira obra, em que se occupa a natureza, he em formathe o coração. Ha de sair a luz a grande machina de hum homem, este pequeno mundo, pois seja o seu principio aquella parte do homem, que no mesmo homem he a mais soberana, a mais illustre, & a de mais brios, o coração; que de grandes machinas são só bõs fiadores tão grandes princi-

pios. Comece pello grande, quem quizer chegar ao magnifico, & comece logo por perfeições, quem quizer chegar ao perfectissimo. Primeiro foy o Sol, que a Lua; primeiro Adão, q Eva, & emfim primeiro o Ceo, q a terra toda, *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* *Genes. 1. 1.* E porque começa Deos a fabrica do mundo por aquellas cousas, que no mundo são as mais perfectas? Porque Deos queria, que a fabrica deste mundo sahisse perfectissima, *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona;* & pera que a fabrica do mundo sahisse perfectissima, *Vide bona,* havia de principiar pello mais perfeito, *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* Propheticas do perfectissimo são são principios perfectos. Sahirã sabio o Minino, que logo se inclina ao livro: sahirã valente o que brinca com as espadas, & santo o inclinado às cruces. Naceu Santo Thomas ingulindo letras; naceu Achilles brincando com lanças,

ças, & Ambrozio com o fa-
vo de mel na boca. E quais
forão os fins destes princi-
pios? Sahio S. Thomas o
Doutor Angelico, Achilles
hum dos valentes da fama,
& S. Ambrozio a doçura, &
delicias da Santidade.

§. II.

5 **S**enhores meus, quem
foy o Bautista? Foy
o homem mais santo que te-
ve o mundo, diz Christo,

Math. Non surrexit maior Ioanne
11. 11. *Baptista.* Mas logo no prin-
cipio prophetizou o Baptis-
ta os affombros deste futu-
ro. Nace o Baptista, & ad-
mirados os de Iudea dos

Luc. 1. principios, com que nacera,
66. dizião assi, *Quis putas puer*

iste erit? Qual cuidais, que ha
de ser o fim deste Minino?
Conjecturarão os fins pello
que virão no principio, &
prophetizarão admiração,
o que viaõ nacer affombro,
Quis putas! He o principio,
diz Platão, ametade da obra
Principium dimidium operis,
& mais q̄ ametade da obra,

Plat.
de rep.

diz Aristoteles, *Principium*
est plusquam dimidium, & se
por hum dedo se conjectura
hum Gygante, de hum prin-
cipio grande, que he mais da
ametade do homem, *Plus-*
quam dimidium, quem não
assegurarã hũ homem gran-
de? Todo Israel duvidava
da victoria de David contra
o Philiteo, David porem a
prophetiza, & ainda lhe as-
segura o desejado fim, mas
fundado em que principios?
Ouçamos a David fallando
cõ El Rey Saul neste grande
cazo: *Leonem, & Ursum*
interfeci ego servus tuus: erit
igitur, & Philistæus hic incir-
cūcisus quasi vnus ex eis. Rey
meu, diz David, eu là pellos
valles, & pellos montes, a-
pacentava os gados de meu
Pay, & vinha o Leão, & o
Urso, & tomando do reba-
nho a ovelha, eu de dous
pulos saltava sobre elles; &
lhes tirava a ovelha da boca;
& levantandose contra mim
o Leão, & o Urso, eu lança-
valhe o braço ao pesçoço, &
a mão ao queixo, & cahia
pera alli o Urso afogado, &
pera

Arist.
Etich.
1.

1. *Reg.*
12. 36.

pera acollà o Leão feito em pedaços ; pois assim será este Philisteo, *Erit igitur*, cahirá afogado ao laço deste meu braço este Urso dos Gygantes, & morrerá em pedaços ao impulso desta mão este Leão dos Philisteos, *Erit igitur quasi vnus ex eis*. Assim disse David, & aquelle assim será, *Erit igitur*, assi foy, porque o Gygante a mãos de David cahio morto, *Percussum Philisthæum interfecit*. De sorte que neste caso do desafio de David com o Gygante todos duvidavão do fim glorioso da vitoria, sò David o assegurava, & prophetizava certo, & com que fundamento ? Com os Ursos, que tinha morto, & Leoens, que despedaçara, *Leonem, & Ursum interfeci ego*. Do valor antecedente tirou David a consequencia da vitoria futura, & como quem sabia quanto valem pera grandes fins grandes principios, prophetizou o braço triumphador de Gygantes, *Erit igitur sicut vnus ex eis*, por ter visto o mesmo

braço vencedor das feras, *Leonem, & Ursum interfeci ego*.

6 E sendo isto assim, como he, vede agora, Catholicos, como começais a viver, porque dos principios, em que vos puzeres, vos prophetizaremos os fins. Advirta cadahum em si, & vejão todos, que o Oleiro se huma vez cozeu o barro em Demonio, Demonio ficará pera sempre. Somos todos barro, porque feitos de barro, pois advirta o barro, que se começar a formar-se Demonio, nunca esse Demonio ha de vir a ser Anjo. Atar com hum bom principio hũ fim ditozo, ata: mas com hum principio perverso querer ajustar hum fim santo, não ajusta. Conseguio David o fim glorioso de derrubar com a funda ao Gygante, mas porque atou os principios com os fins, os Leoens com a funda. Porem Judas principiando o Apostolado em roubos, & ladroisses, que fim queria ? Não ajustou os principios com os fins, & em

em castigo de não ajustar o principio com os fins arre-
 bentou pello meyo, *Crepuit*
 [At. 1.] *medius.*
 18.

7. E a rezão agora de toda esta verdade assi prova-
 da, qual será? Qual he a rezão, porque dos principios se haõ de inferir os fins, & do que se obra de presente pronosticar o futuro? A rezão he, porque no costume, em que nos pomos ao principio, nelle continuamos, & acabamos. Segunda natureza chamou S. Agostinho ao costume, *Consuetudo, quasi secunda, & quasi affabricata natura dicitur.* E se o costume he como a natureza, que ha de convencello? Não ha de ir adiante o Cancro, que sempre costumou vir pera traz, nem correrá pera traz o rio, que tem por natural ir adiante. Bem sei, que alguns naturais se vencem, bem sei, que alguns costumes se mudão; mas não tornar atraz o natural do Cácro, que seria? Hum prodigio; mas não ir adiante com o seu costume o rio, que seria? Hum mila-

gre. Grande prodigio chamou Moyzes ao da Sarça quando vio que andava na Sarça o fogo, & não a queimava, *Videbo visionem hanc magnam, & videbat quod rubus arderet, & non comburetur.* E grande milagre foy tambem parar o Sol no meyo do Ceõ às vozes de Iosue, *Stetit itaque Sol in medio Cæli.* E prodigio não queimar o fogo, porque? Porque o natural do fogo he abraçar. E milagre parar o Sol, porque? Porque o natural do Sol he correr. Se me costumei, como o Sol, a correr, o dia, em que não correr, será hum milagre. Se me costumei, como fogo, a queimar, o dia, em que não queimar, será hum prodigio, *Visionem magnam.*

8. Crescem, se logo se não cortão, os vicios; como a arvore, que costumandose a ir torta, tambem cresce, mas na tortura. Por isso dizia S. Ieronymo acautelâdo a Euf-
 tochio, *Dum parvus est hostis, interfice.* Senhora, por que não cresça com o mão
 costu-

S. Aug-
 lib. 6.
 de Mu-
 fica.

Iosue
 10. 13.

S. Hie-
 ronym.
 cap. 22.

costume o inimigo, degolayo em pequeno. Que dizia a Divina Esposa? *Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas*: apanhaime as rapozas pequeninas, que comem as vinhas. E porque não manda a Esposa apanhar, & lançar das vinhas as rapoza já grandes, senão as pequeninas, *Parvulas*? As pequeninas, porque não creção a grandes, que as grandes rapozas, por mal acostumadas, já não ha tirallas das vinhas. Cresceu a cizania com o trigo a grande, diz

Math. Christo, *Cum autem crevisset herba, apparuerunt, & cizania*. Quizerão os fervos do Lavrador da seara arrancar a cizania, *Imus, & colligimus ea*; & o Lavrador não quiz, *Non*. E porque não quiz? Porque como a cizania já estava grande, & crescida, não quiz o Lavrador arrancar o trigo com ella, *Ne eradictis simul, & triticum*. Cizanias crescidas não ha arrancallas, *Non*: cizanias já grandes não se mondão, *Non*.

9 Cortem pois os vicios logo ao principio, & antes que tomem forças com o costume, que doutra sorte nem as grandes rapozas hão de fahir das vinhas, nem a cizania já crescida se ha de arrancar da seara. Em mininos se hão de pisar os vicios, & logo ao nacer a fogallos; q se o appetite libidinozo, ou envejozo, se o pontinho da honra, ou soberbinha, crescerão a Gygantes, elles vos hão de pizar, & afogar a vòs. Tarde se dezaprende, dizia Seneca, o que levou tempos em aprenderse, *Dediscit animus serò, quod didicit diu*, & *Trag.* por esta cauza, logo em a-6. pôtando os vicios, desapredellos; logo em nacendo, matallos. *Beatus qui tenebit, psalm.* & *allidet parvulos suos ad petram*, dizia o experimentado David. Ditozo, & bemaventurado o que logo em nacendo os seus depravados affectos, atira com elles a huma pedra, & os mata, & os esmaga na pedra. Pois logo matallos, & esmagallos. *Allidet*? Logo, pera q não creção;

Cant.
2. 15.

Math.
13. 26.

Ibi.

ção. logo, não tanto pellos principios, em q̄ começo, mais pellos fins em q̄ parão. Ascendese na caza a estopa, diz São João Chrysostomo, *S Chry. Postquam in domo aliqua parum stupae accensum viderimus*; Eis toda a caza alterada, & perturbada toda, *Conturbamur, & tumultum movemus*. Pois por começar a ascenderse hum fio de estopa, todos enfiados, & perturbados to los, *Conturbamur?* Sim, & com muita razão, & porque? Não pello principio, mas pello fim, *Nō enim attendimus initium, sed*

ex initio finem, diz o mesmo Santo. O principio de hum fio acezo he hũa faísca, mas se logo se não mata a faísca, qual he o fim? O principio hum fio, mas o fim hum laberynto; o principio huma faísca, mas o fim hum incendio; *Conturbamur; non enim attendimus initium, sed ex initio finem*. Corte pois os males ao principio quem não quer os males, & comece bẽ quem quer acabar em bem, que são os principios, & forão sempre prophecias do futuro.



STRO-



STROMA XVIII.

CASTIGUEMSE OS DELICTOS,

& publicamente os publicos.

S.

A Justiça punitiva he tão to justiça de Deos, como o he, a distributiva. Repartir com igualdade os premios he acto da justiça d distributiva; castigar com igualdade os delictos he acto da justiça punitiva. Mas o mesmo Deos, que reparte com igualdade os premios, he o que castiga com igualdade os delictos: não he Deos, quando dà, & quando castiga Tyrão; he Deos quando dà, diz Iob, *Dominus dedit*; he Deos quando tira, *Dominus abstulit*; he

I.

Deos quando se compadece, diz David, *Deus miserator, & misericors*, & he Deos quando castiga, *Deus ultionum*. E sendo Deos, como he, o Exemplar de toda a justiça, & castigando como justo, & como Deos, todos os delictos, quem não dirá q he justiça, & justiça muito de Deos, castigar culpados, & delinquentes, & já que forão pecadores, se são peccantes? Isto não tem duvida, que ha, & deve haver justiça punitiva, & que Deos a tem, & manda, que a observem os seus Ministros, & desta verdade de fé estaõ cheas

Iob. 1.
21.

as Escrituras. O que sobre a justiça punitiva se deve advertir, são os pontos seguintes.

2. Primeiro, que os delictos haõ de castigallos os Iuizes, & esses os competêtes. Os Iuizes, porque sò elles tem poder de Deos pera conforme as leys ver, sentenciar, condenar. E haõ de ser os Iuizes competentes, porque cadahum ha de julgar no s u foro: o Secular, no secular, o Ecclesiastico, no Ecclesiastico; & não confundir os direitos: ao Emperador decelhe em Roma o que he da coroa, & a Pedro o que pertence às chaves: a Cezar, diz Christo, o que he de Cezar, *Quæ sunt Cæsaris, Cæsari: a Deos o que he de Deos, Quæ sunt Dei, Deo.* E deve advertirse, que como estas duas justiças ambas são de Deos, ambas se devem abraçar; E vem a ser, que se o Ecclesiastico, pera punir o delicto necessitar do braço secular, o secular lhe dê a mão; & se pera o mesmo fim o secular se valer

do braço Ecclesiastico, o Ecclesiastico o abraçe. Quer Moyzes castigar aos Amalecitas, & diz a Iozue que faya a campo cõtra Amalec, *Dixitque Moyzes ad Iosue: elige viro, & egressus pugna contra Amalec.* Saye Iozue, & ao romper da batalha sobre Moyzes com Araõ, & Hur ao monte a orar pella vitoria. *Moyzes autem, & Aaron, & Hur ascenderunt super verticem collis.* E temos a justiça secular, a Iozue, batalhando no campo, & no mesmo tempo a justiça Ecclesiastica, a Moyzes, Araõ, & Hur, orando no monte, & pera que? Pera que unidose entre si ambas as justiças castigassem ambas o que cada humia per si sò não podia. Iozue deu a Moyzes a mão degolando com a espada no campo: Moyzes deu a Iozue os braços orando com elles levantados pella vitoria: & com esta vnião de Moyzes com Iozue, do Ecclesiastico com o secular, Amalec, que merecia o castigo, não se foy rindo, porq̃ foy

Exod.
17. 9.

Ibi. 10.

Matth.
22. 21.

Ibi. 13. foy destruido Amalec, *Pugavitque Israhel Amalec, & populum ejus in ore gladij*

3. O segundo ponto, q̄ devem observar ambas as justiças, he: que a pena não hi de ser mayor que a culpa. Nem se ha de castigar a culpa leve como se fora grave, nem a grave, como se fora leve; a grave como grave, a leve como leve, cō proporção, & igualdade. Matou David a Urias com a espada; & que disse Natão a David?

2. Reg. 12. 9. *Uriam Hethem interfecisti gladio, quam ob rem non recedet gladius de domo tua. Mactaste a Urias com a espada; pois nuncaahirà a espada de tua casa. O crime foy de espada, pois seja de espada o castigo.*

Exod. 7. 20. *Percussit aquam fluminis, quae versa est in sanguinem.* Pois haõ de beber sangue os Egypcios? Sim. Tinha Pharaõ mandado afogar no Nilo os mininos Hebreos; & como a culpa dos Egypcios tinha sido

de sangue afogado, seja a pena, diz S. Agostinho, sangue bebido, *Iusto Dei judicio S. Aug. factum est, ut de illo flumine sanguinem biberent, in quo infantium Hebraeorum sanguinem fuderant.* Finalmente conclue S. Ioão no Apocalypse, seja o crime, seja o pecado de Babilonia, qual for, seja Babilonia castigada conforme o pecado, & o crime, *quantum glorificavit se, & in delicijs fuit; tantum date illi tormentum, & luclã.* Ao quanto da culpa, *quantum*, corresponda o tanto da pena, *Tantum*. Ponha-se na balança o crime, & ao quanto do seu pezo, *Quantũ glorificavit se*, corresponda o tanto do seu pezar, *tantum date illi tormentum.*

E se entre o quanto, & o tanto duvidar a justiça do equilibrio, pera onde ha de inclinar a balança? Eu me explico. Se entre o quanto da culpa, & o tanto da pena duvidar o Iuiz, se a culpa merece esta pena mayor, ou aquelloutra menor, que ha de fazer o Iuiz? Na duvida

R bem

bem fundada, digo em segundo lugar, q̄ incline sempre o Juiz do crime pera o favor; & a razão he, & tambem justiça; porque o rigor interpreta-se com mais aperto, o favor com mais largueza; & na duvida do mayor, ou menor castigo, não se dê o mayor, se não o menor. Todo o delicto castiga

Hymn. Deos, & ha de castigar, Nil Eccles. inultum remanebit; mas com conhecer a pena, que indivisivelmente corresponde ao delicto, sempre Deos castiga, *Citra condignum*, como dizem os Theologos, sempre a pena he menor, que a culpa. Castigue pois o Juiz, mas entre os termos da justiça incline sempre pera a misericordia. Derruba David ao Goliath com huma pedra, *In fixus est lapis in fronte*, mas que pedra? Com hũa pedra, q̄ primeiro meteu no tarro do leite, *In peram pastoralem*, diz o Texto, ou como diz a Glossa, *In mulctra, seu vas lactis*. Pois a pedra, que ha de ser o castigo da cabeça do Gygante, porque

ha de sahir do tarro tinta em leite? Pera que o castigo inclinasse pera o favor, *Ut significaret, oportere, ut telum justitiae, lacte misericordiae lictum, ac perfusum intorqueretur*, disse o melhor Comentador dos Reys. O Gygante merecia a pedrada; pois levea; mas porque os castigos, que todos são pedradas, não sayão da mão do Juiz totalmente secos, & duros, ao seco da pedra tinjam a misericordia, ou ao duro do castigo abrandeo o favor do leite, *In mulctram, seu vas lactis*.

5 Este foi o mysterio, notou S. Gregorio, porque a Vara da ley andava junta com o Manna na Arca do Testamento, *In qua urna aurea habens Manna, & virga Aaron, quae fronderat*, diz S. Paulo. E a Vara junta com o Manna, & abraçada com o Manna, & na mesma Arca com o Manna, porque cauza? Porque a Vara amarga, & o Manna he doce, a Vara he dura, o Manna brando, em fim a Vara era a justiça,

Mend. An. 21 f. 2.

Ad He br 9. 4.

justiça, & o Manna o favor, & porque o amargoso da justiça não deve executar-se sem o doce da misericórdia, finta o penitente a Vara, mas juntamente o Manna, experimente da justiça o amargoso, mas porque lá está na Arca com a Vara congelado o Manna em confeitos, o Manna em confeitos a doce a Vara, *Ita plane in boni Re-*
floris pectore, si est virga dis-
trictionis, sit & manna dulce-
dinis, comentou S. Gregorio. Nem tudo rigor, porque a summa justiça degenera em summa injuria. Todas as virtudes moraes tem seu meyo, & de tal forte, q̄ se derão em extremos, degenerarão em vicios. A liberalidade de huma das virtudes moraes, mas de tal forte se pos no meyo da prodigalidade, & da avareza, que se a liberalidade desceu ao infimo do dar, he avareza; se subio ao extremo do dar, he prodigalidade. Assim a justiça, se a justiça, ou no perdão, ou no castigo subio a extremos, no extremo do perdão fo-

menta os delictos, & he escandalo; no extremo do castigo desconhece a natureza humana, & he injuria. Logo a justiça ande no meyo, se não quer ser escandalo, ou injuria nos extremos. Que fazia David? Vamos a este justissimo Rey.

6 Quando David, pera dezagravar offendidos, & castigar delinquentes, puxava da espada da justiça, reparão los Expositores Sagrados em que a Escritura advirta huma, & muitas vezes, o como David sabia a executar a justiça. Hũa, & muitas vezes adverte o Texto Sagrado, que David sabia metido no meyo de duas legiões, a hum lado a dos Cerethos, & a dos Nhelethos a outro, *Ambulabant juxta* 2. Reg.
eum, & legiones Cerethi, & 15 18.
Ph. leti, diz no Capitulo decimo quinto do segundo livro dos Reys, & o mesmo repete no Capitulo primeiro do terceiro livro, & em outras partes. Mas com que mysterio trazia David ao lado, não outras, mas as duas
 R 2 legiões

S. Greg.

1. 04

311

*Ita
Mend.
lib. 1.
Reg.
an. 21.
sect. 2.*

legiões dos Cerethos, & dos Phelethos? He que os Cerethos significavão, *Interfectores*, os matadores, & os Phelethos significavão, *Liberatores*, os que livrão da morte; & pera David mostrar, que na sua justiça não seguia extremos, andava no meyo dos que matão, & dos que livrão da morte: pera que nem tudo seja matar, os Phelethos a hum lado; pera que nem tudo seja perdoar, os Cerethos a outro lado. S'ja David justo, sejam justos os Reys, & os seus Ministros; mas com tal modo, & com tal arte, que fugindo de todo o extremo, quando for a condenar o Luiz, se veja na mesma condenação q̄ he humano, & quando for a absolver, se veja na absolvição que he justo.

§. II.

E este he o modo cõ que o Rey, & os Ministros do Rey, no meyo dos Cerethos, & dos Phelethos devem temperar a jus-

tiça. E a rezão, que ainda não ponderamos, deste modo de justiça, & deste tempero, quanto aos Reys, & Ministros dos Reys, vem a ser esta; porque se o Rey, & o Ministro do Rey em nome do Rey, tudo castigão, a justiça real, diz Ruperto, he tirannia; se tudo absolvê, a justiça real he desprezo, *Etenim ubi totum punitur, regni severitas crudelitate poluitur, ubi vero totum remittitur, facies majestatis sine metu disciplina contemnitur.* Pois pera que nem tudo absolto seja a justiça desprezo; & pera q̄ nê castigado tudo seja tyrannia a justiça, o Rey, & os Ministros castiguem, pera que não haja desprezos, o Rey, & os Ministros absolvão, pera que não haja Tyrannos. Conta a historia sagrada, que na Corte de Pharaõ se achavão prezos no carcere o Copeiro mór do mesmo Rey, & o seu Veador da caza, ou Mordomo. De ambos, diz o Texto, que tinhamo peccado contra El Rey seu senhor, *Acci-*

*Rup.
1.8 in
Genes.
c. 33*

*Genes.
40. 1.
dit*

Lyræ hic.
dit ut peccarent duo Eunuchi
Præcerna Regis Ægypti, &
Pistor Domino suo. Qual fosse
 o seu peccado não o diz o Texto, mas os Hebreos antigos, como refere Lyræ; dizem, que a culpa do Copeiro fora, achar o Rey hum mosquito no copo, por onde bebia, & a do Veador, ou Mordomo, sentir o Rey nos dentes ao comer do pão hum pedrinha. Veyo pois o dia, em que o mesmo Rey fazia annos, & estando com muitos convidados à meza, mandou, que o Copeiro viesse exercitar nella o seu officio, & que o Veador fosse enforcado. Primeiramente antes que provemos com este passo o intento, que pretendemos, sabemos porque rezão, ou porque rezoens abolveu Pharaõ ao Copeiro, & condenou o Veador. O peccado do Copeiro verdade he, que não passou do tamanho de hum mosquito, & seria não sò injusto, mas barbaro o Rey, ou o Ministro, que por hum

peccado, como hum mosquito condenasse a morrer hum homem. Mas tambem o peccado do Veador não passou do tamanho de hum pedrinha. Pois se o mosquito no copo he peccado venial, & saye abolto o Copeiro; a pedrinha no pam porque ha de ser peccado mortal, & morra o Veador? Devia de ser, porque a pedrinha tocou nos dentes do Rey, & do Iuiz; & livres os Deos de que os vossos peccados topem com Iuiz, ou Rey. Devia de ser, porque a pedrinha no pam foy peccado, que não podia o estamago degerillo, & guarda de peccados, que tem circumstancias indigestas. Se não he, que foy, porque o peccado da pedrinha no pam foy peccado em que concorreraõ muitos descuidos, & sejam sete. Aquella pedrinha passou da eira ao celeiro, & he o primeiro descuido; do celeiro passou à joeira, & he o segundo; da joeira ao crivo, & he o terceiro; do crivo ao moinho,

& he o quarto; do moinho à peneira, & he o quinto; da peneira à maça, & he o sexto; da maça finalmente passou ao pam, & he o septimo descuido. E que se cometa hum peccado por huma inadvertencia, & por hum descuido, passe. Mas que haja homem tão descuidado, que sendo necessarios sete descuidos pera consumir, & por obra o seu peccado, concinta em sete descuidos, & os permita, morra o tal homem. Ou foy finalmente absolto o Copeiro, & moitto o Veador, porque o peccado do Copeiro foy peccado claro, & manifesto, & por isso facil de emendar, & evitar-se. Hum mosquito num copo he hum peccado, que claramente se ve; & porque he peccado claro, & que se vê, com hum aspro lá vai o mosquito. Porem o peccado do Veador foy peccado oculto, peccado escondido, peccado atreçoado, & por isso peccado inevitavel, & sem remedio. Foy oculto, es-

condido, & atreçoado o peccado do Veador, porque a pedrinha, sem ninguem aver, lá veyo oculta, escondida, & atreçoada no pam; & por isso, sem se poder evitar o dano, nós dentes a sentio o Rey sem remedio. E que hum homem peque contra vós, mas de tal sorte, que vèdo vós o seu peccado, o podeis evitar com hum aspro, absolvasse o Copeiro. Mas que haja homem, que peccando contra vós, assi encubra a adaga, que vós não possais evitarlhe o golpe! Que haja homem, que peccando contra vós, assi esconda a pedra, que sem vós veres, dóde vem a pedrada, finta a pedra no figado, enforquece o Veador.

9 Mas voltando ao nosso intento, respondo, que o Rey absolveu o Copeiro, & condenou o Veador, pera que dandose as mãos a absolvição, & a condenação, nem a condenação fosse tyrannia, nem a absolvição desprezo. Perdoese ao Copeiro, porque se tudo for matar,

tar, & ferir, a justiça ferà ty-
 rannia. Castigue-se o Ve-
 ador, porque se tudo for mi-
 zericordia, & perdão, a jus-
 tiça ferà desprezo, *Etenim,*
Ubi supra. (he o pensamento de Ru-
 perto no mesmo passo) *Et-*
enim ubi totum punitur regia
severitas crudelitate pollui-
tur; ubi vero totum remitti-
tur, facies majestatis sine me-
tu disciplina contemnitur.

Castigue, pois, a justiça, pe-
 ra que o medo do castigo
 enfreye as culpas, & não se
 desprezem as leys: Absol-
 va quanto puder a justiça,
 pera que na absolvição de
 todo o possível se veja, que
 a justiça não he odio, mas
 amor, não he payxão, mas
 razão; não he tyrannia, mas
 muito humana toda a jus-
 tiça, & muito benevola, tra-
 zendo, como diz Dávid, na
 mesma que parece guer-

Psal.
 84. II.

Iustitia, & pax,
osculatae
sunt.

§. III.
 10 **E** castigados assi os
 delictos, os que
 por publicos, & manifestos
 forẽ delictos escandolozos,
 como se haõ de castigar? Os
 q̃; por publicos, são escanda-
 lozos, haõ de castigar-se pu-
 blicamente. Naõ faltaõ deli-
 ctos, & publicos, & sendo
 muitos, & muito maos tãtos
 escandalos, peyor seria sofre-
 los sem castigallos. Porq̃ ha
 de sofrer-se, que o amigo in-
 fidel roube publicamente ao
 Orfão, de quẽ ficou por Tu-
 tor? Castigue-se publicamen-
 te o Tutor. Porque ha de so-
 frer-se, que o parente esque-
 cido do sangue publicamẽte
 vã destruindo a caza, de
 quem foy Testamenteiro?
 Castigue-se publicamente o
 Testamẽteiro. E porque ha
 de sofrer-se, que o Acredor
 por dividas falsas, que o Tra-
 paceiro por demandas injus-
 tas, publicamente se senho-
 reyem do dinheiro alheyo,
 & comão as fazendas, q̃ naõ
 são suas? Castigue-se publi-
 camente o tal Acredor, &
 o Trapaceiro. *Peccantes co- 5 20.*

R 4 ram

ram omnibus, argue, diz S. Paulo instruindo a Timotheo: aos que peccão publicamente, castigayos publicamente. Ergo inferê S. Agastinho, *Corripienda sunt corã omnibus, quæ perpetrata sunt coram omnibus*: Logo diante de todos se castigue o crime, & o delicto, que diante de todos se comete.

II Estava Jacob nos últimos dias da vida, & querendo dar a f. us filhos as ultimas amoest. çoens de bom Pay, diz o Texto, que os chamara a todos, não a cada hum per si, mas juntos, *Congregamini filij Jacob, audente Israel Patrem vestrum*. Reparaõ os Expozitores em q. Jacob não chamaçe em particular a cada hũ dos filhos, mas juntamente a todos. E em particular a cada hum dos filhos, porque os não chama, se não a todos jutos? Sabem porque? Porq. Jacob queria reprehêder a Rubem do incesto publico cõ Bala, & queria reprehender a Simeão, & Levi da publicainjustiça, com que matarão a

Hemor, & Sichem; & pera que todos saibão, que Deos quer que se castigue o que sabem todos, venhão todos os filhos diante de Jacob, & vejão em publico reprehendidos pello Pay o incesto, & homicidios, que em publico se cometerão, *Publica autem filiorum peccata non nisi publica admonitione indigebat*, disse aqui o doutissimo Padre Mençoça. He publico o incesto, he publico o adulterio, & os escandalos são publicos? Pois seja qual for o Rubem, castiguesse publicamente: o homicidio he publico, a treição, a aleivozia he publica? Pois sejam, quem forem os Simeões, & Levis, paguem em publico o q. em publico cometerão, *Publica peccata non nisi publica admonitione indigebant*. E porque não pareça, que este poder, & authoridade de castigar publicamente os crimes publicos, he sò poder & authoridade dos Pays pera com os filhos, ou dos maiores pera com os menores, passemos de Jacob com seus filhos

S. Aug.
S. 16.
de
Verb.
Dom.

Genes.
29. 2.

Genes.
35. 22.

Genes.
34. 25.

Mend.
in 1.
Reg.
c. 1. p. 2.
n. 26.

329
11. 18

filhos do Sacerdote Azarias com El Rey Ozias, & vejamos como os grandes Senhores, os grãdes Ministros, os grandes Reys quando são injustos publicamête, quando são tyranos, & quando são escandalozos, não sò podem ser reprehendidos pelos q̄ tem de Deos o poder, mas o devem ser, & he bem que o sejam, & publicamente, & na face de cada hum, se publicamente, & na face de todos pecarão.

12. Pecca pois El Rey Ozias publicamente cometendo no Templo de Ierusalem o sacilegio de querer incensar no altar do Thymiana, & que fez então o Sacerdote Azarias? Diante de oitenta Sacerdotes, que levou com sigo, vaíse ao Têplo, como hum rayo, reprehende diante de todos ao Rey, & apos a reprehensão seguindose o castigo, achase o Rey de repente leprozo, & não em outro lugar senão na cara, *Statimque orta est lepra in fronte ejus coram Sacerdotibus.* E castigado hum

Rey, & Rey castigado na cara, & porque? Porque ou seja Rey, ou quem for, todos devem ser castigados na cara, se pecão na cara de todos, *Non in alio loco, quàm in fronte orta est lepra, ut facies ferret vindictam,* disse São João Chrystostomo. Tinha pecado Ozias no lugar mais publico do Templo, & tinha escandalizado a muitos na face de muitos; pois seja quem for o que pecca, seja Senhor, seja Ministro, & seja Rey, se a culpa foy publica, seja o castigo manifesto, se peccou na face de todos, a lepra na face, *Non in alio loco quàm in fronte.*

13. É a rezão desta justiça universal he tão clara como necessaria, & proveitosa em toda a Republica. Quando os peccados publicos se castigão publicamente, seguemse dous bens: o delinquente com o castigo, ou fica emmendado, ou pelo menos corregido, & todos os mais acautelados. E se os peccados publicos se dissimulão, & não se castigão, seguem-

seguemse dous males; os delinquentes continuão na ouzadia, & todos os mais a seu exemplo aprendem a ser atrevidos. Se Roboão escandalozamente Apostata não deixara a Deos, & a sua ley, não se atrevera o povo todo a imitallo; mas porque os escandalos de Roboão não tinham redea, que os parasse, o povo não tinha freyo: peccava Roboão à redea solta, diz o Texto, *Cumque roboratum fuisset regnū Roboam, dereliquit legem Domini*; & porque Roboão à redea solta peccava, o povo sem freyo o seguia, *Et omnis Israel cum eo*. O poder de Roboão insolente, & não castigado, fez despenhar a Roboão nos mayores peccados; & os maos exemplos de Roboão, sem haver quem os castigasse, fizeram precipitar ao povo nos mayores delictos. Por isso dizia Marco Tullio que a isca, & o engodo de muitas culpas, era a impunidad de algumas, *Impunitas magna esse solet illicebra peccandi*. Mata o homicida, &

passeya; rouba o ladrão, & vive; perjura o falsario, & come; & assi dos mais. E se o homicida, que havia de estar no carcere, athe paga cõ a vida, a que tirou, passeya livremente sem temor algũ, como se não haõ de matar os homens huns aos outros, vendo q̃o matar he passaat? E se o ladrão, que havia de pagar numa Cruz as cruces que vos furtou, & pagar numa forca tanta fazenda roubada, reyna, & vive alegremente, como não ha de roubarse tanto dinheiro, & tirar-se a seus donos tanta fazenda, se o furtar, & roubar he alegremente reynar, & viver? E se o falsario finalmente, que pello testemunho, & juramento falso havia de levar a pena de Talião, por isso mesmo ha de beber, porque bebeu o testemunho, & por isso mesmo comer, porque engulio o juramento; como não ha de haver quem levante os testemunhos, & jure dez mil mentiras, se testemunhos, & juramentos falsos he ter, que comer,

2. Pa-
ral 12.
1.

bi.

Tullius.

29
20
21

comer, & beber?

14. Senhores meus, os que tem de Deos, & dos Príncipes autoridade, & poder pera castigar delictos publicos, & escandalozos, fação o que fazia Pedro, o que fazia Phinees, & o que fazia Moyzes. Que fazia Pedro? Pescava com anzol no mar, *Mitte hamum*. E com anzol pera que? Não sò pera apanhar o peixe, que pera apanhallo bastava a rede, mas com anzol pera tambem ferillo, & matallo. Peca Malcho publicament, & cortalhe Pedro publicamente a orelha, & pest que? Pera que sinta publicamente o dano, quem publicamente pecava. E Phinees que fez?

Vendo que Zambri sem pejo entrava publicamente na caza das despejadas, levado do zelo da ley de Deos, entra no lupanar, & em sufra-gante delicto, puxa do estoque, & atravessao a elle, & mais a ella, *Arrepto pugnione perfodit ambos simul*. E isto assi pera que? Pera que assi castigado tal despejo não

ouzassem os outros a des-mandar-se, *Ne impunita luxuries quempiam faceret impudentem*; disse hum gravissimo Author da minha Religião. E Moyzes que fazia? Vendo que o povo quebrava sem respeito as leys, & que publicamente adorava por Deozes aos Bezerras, puxou da espada com os seus Levitas, & cahirão mortos por terra quazi vinte, & tres mil homens, *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria milia hominum*. E tanto matar de homens pera que? Pera que a vista de tal mortandade fosse o castigo de huns emmenda pera os outros.

15. Assi devem castigar-se os delictos de huns, pera que se não percaõ todos. Os delictos não castigados são podridoens na Republica; peccados dis-simulados são erpes no Reyno. E qual he o Medico, que pera sarar ao doente não manda sarjarlhe o podre? Qual o Medico, que

Math.
17. 17.

Joann.
18. 10.

Nism.
25. 8.

Mend.
lib. 1.
Reg.
cap. 2.
n. 26.

22. 28.

que pera dar vida ao en-
fermo, naõ manda cortar-
lhe os erpes? Ha homens
podres nas Respublicas, &
muito podres; pois pera-
que a Republica toda naõ
apodreffa, aos podres sar-
jallos! Ha homens com

erpes no Reyno, & mui-
tos erpes; pois peraque o
Reyno todo naõ morra,
cortar pellos erpes. Esta
he a rezão, esta a justica,
& assi o quer Deos, & assi o
manda, &c.



STRO



STROMA XIX.

AS CALAMIDADES, E OS CASTI-
gos dos Reynos, não são efeitos da má for-
tuna, senão dos peccados
dos homens

§. I.

Não ha boa, nem má fortuna, & dizer que no mundo reyna esta fabuloza divindade he gentilismo. Na antiga Roma, cabeça então de todas as superstiçoens, & idolatrias, foy adorada por Deuza a fortuna; & o primeiro que lhe dedicou Templo na mesma Roma foy Anco

Marcio, diz Plutarcho. Pin- *Plus.*
tavamna de muitos modos *l. de*
pera significarem os muitos *Fort.*
poderes com que dominava
fobre os homens. Entre os *Giral.*
Ismirneos lhe fez primeiro, *syntag.*
que todos hũa Estatua Bu- *16.*
palo com a cornucopia de
Amalthea na mão; pera signi-
ficar, que todo o rico, & a
bundante a fortuna o dava. *Last.*
Na Cidade de Egera lhe pu *lib. 3.*
zeraõ aos lados de outra *cap. 18.*

Estatua

Estatua hum' bafião, & hum' Cupido, pera significarem no bafião, diz Lactancio, que tudo a fortuna governa; & pera significarem no Cupido, diz Pouzania, que athe os bõs, & maos successos do amor vem da fortuna. Ceber Thibano a pintou cega, para mostrar, que a fortuna dando aos indignos o que havia de dar aos benemeritos, obrava cega, peis não enxergava o que fazia. Outros a pintavão ou sobre hũ Cavallo velocissimo, ou sobre o alto de hum monte exposta a todos os ventos, ou sobre huma roda sempre às voltas, pera significarem o inconstante, & o vario da mesma fortuna. Apelles a pintou assentada, & perguntandolhe, porque pintava assentada a quem nunca tivera assento, respondeu, que pintava a fortuna assentada por isso mesmo, porque nunca a vira em pè, *Quia nūquam stetit.*

2 Esta a fortuna adorada por Deuza, esta a variedade dos seus attributos, mas

tudo gentilidade, tudo fabulas. Catholicos, não ha fado mau, nem fortuna escura; toda a variedade de successos, & todas as voltas do mundo são providencia divina. Porque aquelle naceu em boa estrella, he vèturozo? He fingimento. Porque aquelloutro naceu em mã Estrella, he desgraçado? He fabula. Debaixo da mesma Estrella no mesmo ponto, & no mesmo momento naceu muitos homens, & com tudo naceu muitos no mesmo tempo debaixo da mesma Estrella, huns naceu pera serem ricos, outros pera feré pobres, huns pera Reys, outros pera escravos, huns pera se salvarem, outros pera se perderem. Debaixo da mesma Estrella no mesmo tempo, & no mesmo momento nacerão Iacob, & Ezaù, *Uno tempore, eodemque momento,* notou São Gregorio Magno. E com tudo Ezaù naceu pera desgraçado, & Iacob pera ser feliz, *Et tamen non vna utriusque vite qualitas fuit,* diz o mes-

mo

S. Gregor
Homil.
16. in
Evang.

mo Padre. Pois se Jacob, & Ezaù nadem ambos debaixo da mesma Estrella, porque não influe a mesma Estrella em ambos, ou igual ventura, ou igual desgraça? Porque isto de esperar venturas, ou desgraças das Estrellas, he fabula. Qual he a minha Estrella? He a minha vida. Se a minha vida he boa, amame Deos, & sou ditozo; se he mã a minha vida, abortesteme Deos, & sou mofo. Teve Jacob boa Estrella, & foy venturozo Jacob, mas porque? Porque Jacob fez huma vida, aquem Deos amou, *Jacob dilexi*. Teve Ezaù mã Estrella, & foy desgraçado Ezaù, mas porque? Porque Ezaù fez huma vida, aquem Deos abortesteu, *Ezaù autem odio habui*, disse S. Paulo. De forte que sobre as vidas, & tão varios, & inconstantes successos, quantos vão no mundo, nem ha Estrellas, que predominem, nem fortuna, que os governe: quem governa, & predomina sobre tudo he sò Deos, & sua divina Prowidẽ-

cia; & isto he fé catholica. Agora escutaime.

3 A origem de todos os males, quantos ha, quantos ouve, & quantos ha de haver no mundo, quem cuidais que he? Elle não he a q̃ vòs chamais mã fortuna, porque não ha fortuna; pois quem he a origem da peste, a origem da fome, a origem da guerra, & a origem dos males todos? Os peccados. *Va genti peccatrici*, dizia o *Izay. 1.* Propheta Izayas. Ay da gẽ-^{4.}te peccadora. E porque não diz o Propheta, Ay da gente mal afortunada, ou ay da gente sem Estrella, & sem ventura, se não ay da gente peccadora, *Va genti peccatrici*? Não dá o Propheta os ays sobre a fortuna, nem sobre as Estrellas, porque, nem a fortuna, nem as Estrelas cauzão os ays; dá os ays sobre a gente peccadora, porque de todos os ays são os peccados a origem, *Va genti peccatrici*. Criou Deos à Adão no estado da innocencia, & em quanto Adão perseverou em graça, viveu sãto,

Ad
Rom 9.

13.

to, viveu honrado, viveu quieto, & elle, & o mundo todo em paz. Peca Adão comendo do pomo prohibido, eis Adão o farto, morrendo de fome, eis Adão o hórado, feito o vil, eis Adão, o quieto, o sem socego, eis Adão o em paz, & o mundo todo, elle, & mais o mundo ardendo em guerras. E de volta tão estranha quem foy a origem? E tão repentina mudança quem a çauzou? O pecado. Em quanto Adão innocente, & em graça, tudo felicidades; perde a graça, & a innocencia Adão, & tudo rúmas.

4. Catholicos, morrem os Reynos de fome; porque o pam, que havião de comer os pobres, comeo o Demónio: Ardem em guerras, & diffençoens as Respublicas porq̃ a espada da justiça não corta direito, malignão se os ares, & entra voando por todas as cazas a morte, porque se não vive como se deve viver. He Deos o Author de todos os bens, o Author da paz, & o Author da vida.

E como me ha de dar o daõ o Author dos bens, se eu o offendo com o pam? Como me ha de cõservar na vnião, & concordia o Author da paz, se a vnião são odios, & a concordia injustiças? E finalmente como me ha de prolongar a vida o Author da vida, se a vida he offendello, & agravallo? Pertender beneficios por agravos, em que entendimento cabe? Querer mercès por afrontas, quem vio já mais tal querer? Quando o Rico avarento lá do inferno pedio a Abrahão que lhe mandasse a Lazaro, pera que com huma gota de agoa lhe refregerasse a lingua, que nas chamas do inferno se abrazava, respondeu Abrahão ao Avarento desta maneira, *Inter vòs, & vòs chaos magnum firmatum est, ut hi, qui volunt hinc transire ad vòs, non possint, neque inde huc transmeare.* Avarento, diz Abrahão, o que tu pedes, & o que tu queres não pode fer; porque nem Lazaro pode ir de cà a fazer-te o beneficio, que me pedes,

Luc.
26. 26.

pedes, nem tu podés vir do Inferno a buscar a merce, que tu dezejas. E desta forte a pertençaõ do Avarento ficou frustrada, & o seu querer sem a merce, que queria, & porque? Porque querer merces por agravos, he loucura, & querer beneficios por afrontas, he não saber o que quero. Tinha o Avarento offendido a Lazaro, quando lhe negou o pam, que lhe pedia, & muito mais offendido, & agravado, quando os Caens comião, o que havia de sustentar a Lazaro. E que offendendo tanto o Rico a Lazaro, queira que Lazaro o favoressa, he loucura; que agravando a Lazaro tão enormemente o Avarento, queira que Lazaro lhe faça merces, & beneficios, he não saber o que quer, *Qui volunt hinc transire ad vos, non possint, neque inde huic transmare.*

5 E se pecados se não pagão com graças, nem agravos com merces, pecadores, & avarentos, como

quereis, que o Ceo vos favoressa, se vós pecais contra o Ceo; & como quereis, que lá do Ceo caya sobre vos a agoa; & a merce, se Lazaro o agravado morre de fome? E então queixas contra as Estrellas, queixas contra a fortuna, & queixas contra os tempos, quando nem os tempos, nem a fortuna, nem as Estrellas tem a culpa, se não as culpas. Húa das mais cegas ignorancias, que ha no mundo, qual he? He vermos os castigos, que vemos, & não conhecermos a cauza delles. Ouçamos a Jeremia.

§. II.

1 **Q**uis est vir sapiens, qui intelligat hoc: Quare perierit terra? Quem he o Sabio, diz chorando Jeremias, que entenda isto; porque cauza peresse a terra? Perisse a terra, & parece, que o mundo se vai acabando, & não ha hum Sabio, que acabe de entender o porque destas

§ ruínas

ruínas, *Quare*. Mas o por-
 que destas ruínas são os pe-
 cados, dice logo Deos pello
 Propheta, *Quia derelique-
 runt legem meam*; & não ha
 quem entenda isto, ainda
 entre os sabios, *Quis est sa-
 piens, qui intelligat hoc*. E
 pode haver ignorancia mais
 cega, & pernicioza, que es-
 ta? Que os peccados sejaõ
 a cauza do que padecemos,
 & que nos admiremos de
 que padecemos! *Miraris in
 pœnas generis humani iram
 Dei crescere, cum crescat
 quotidie, quod puniatur?* He
 possível, diz S. Cypriano,
 que vos admirais do muito
 que vay crescendo a ira de
 Deos contra os homens, &
 não vos admirais do muito,
 que crecem todos os dias as
 causas da mesma ira? *Hos-
 tem quereris exurgere, quasi
 & si hostis desit, esse pax inter
 ipsas togas possit*: queixamo-
 nos, continúa o mesmo San-
 to, de que se levantem os
 inimigos, & fação guerra
 ao Reyno; & não adverti-
 mos que ainda que faltas-
 sem os inimigos de fora, ca

dentro se disparão os tiros
 da ira, se dezembainhão as
 espadas da soberba, & entre
 os melmos naturais a união
 he summa discordia, & arde
 entre as mesmas Togas a
 mayor guerra. *De sterilitate,
 aut fame quereris, quasi
 famem maiorẽ siccitas, quã
 rapacitas faciat*. Queixamo-
 nos da esterilidade dos an-
 nos, & das fomes, que pa-
 decemos; como se o ardor,
 cõ q̃ tanto se furta, & tanto
 se rouba, não fosse o fogo,
 que tudo abtaza, & tudo
 consome. *Quereris claudi
 imbribus Cœlum, cum sic hor-
 rea claudantur in terris*:
 queixamonos do Ceo se
 ferrolhar com as chuvas, &
 não advertimos como effão
 na terra os celeiros ferro-
 lhados. *Pestem, & luem
 criminariis: cum peste ipsa, &
 lue, vel detecta sint, vel aucta
 crimina singulorum*: grita-
 mos contra a peste finalmen-
 te, & contra a corrupção
 dos ares; & nem a corrup-
 ção dos ares emmenda os
 nossos podres, nem tantas
 mortes empestadas emmen-
 dão

Ibi.

S. Cy-
 prian.
 tr. cõtr.
 Demet.

daõ as nossas pestes.

7 Tudo isto he de São Cypriano, & assi argue, & convence a nossa ignorancia; pois sentindo todos os rios do castigo, ignoramos a fonte delles. Andamos cegos, senhores, & peores que egos, pois sentindo todos o mal da pena, ignoramos o mal da culpa. Cuidamos que a peste, que a fome, & a guerra, ou são o ar corrupto, ou a esterilidade dos tempos, ou a soberba injusta de nossos inimigos, & elle não he se não, eu peccador. Cuidamos que a ruina da caza foy odio do mau vizinho, que a pertençaõ mal despachada foy inveja do adversario, & elle não he se não, eu peccador. Finalmente choramos a Náo da Republica mal governada, & combatida por todas as partes dos mares, dos ventos, & das tempestades, & a Republica indose a pique, nem são as tempestades, nem os ventos, nem os mares, sou eu peccador.

20 23

8 Navegava o Profeta Jonas pera a Cidade de Tharsis, eis que comessão a enfurecerse os ventos, a alterar-se os mares, a Náo por hum, & outro lado aos tombos, o leme perdido, rasgadas as velas, & indose já todos a pique, eis os gritos, eis os alaridos, eis as confuzoens, & Jonas dormindo. Cresce o perigo, & ao alijar ao mar das fazendas, & das mercancias, crescendo na desesperação os ays, & rompendo os ares as vozes, acorda Jonas, Ta, que fazeis, diz aos desesperados navegantes, tende mão, tende mão, a mim me lançaõ ao mar, porque nem o mar, nem as ondas, nem as nuvens, nem os ventos são a cauza do que vedes, sou eu. Este vento sou eu, estas nuvens, & estas ondas sou eu, estes mares, esta tempestade eu a movi, eu alevantei, eu a causei. *Ego sum qui peccavi, ego qui iniquè egi; tollite me, & mittite in mare, scio enim ego, quoniam propter*

Jon. 1.
12.

S 2

me

me tempestas hæc grandis venit. Mas ha tal dizer de Jonas! Jonas, se tambem não estais enjoado, que dizeis? Se os ventos, & as nuvens, estão rasgando essas velas, & quebrando essas enxarcias, & vós the agora estivestes dormindo, como fois vós as nuvens, & os ventos, *Ego sum?* Se as ondas, & os mares estão affoutando essa Náo, & ferindolhe os estados, & vós athe agora sem abrir olhos, como fois vós o mar, & as ondas, *Ego sum?* Por isso mesmo, diz Jonas, porque eu sou hum homem tão descuidado, & inadvertido, que me lanço a dormir, quando Deos me manda vigiar, porque sou hum homem tão peccador, & tão cego, que não tenho olhos pera ver, o que Deos me manda, & quanto a Deos sou obrigado, por isso estes ventos, estas nuvens, não são ventos, não são nuvens, mas o meu peccado, *Ego sum qui peccavi,* por isso estas ondas, & estes

mares, não são mares, não são ondas, são as minhas culpas, *Ego qui iniquè egi.*

9 Eis aqui, Catholicos, o que eu dizia. Levantam-se contra a Náo da Republica as tormentas, & tempestades de tal sorte, que a desgraçada Republica chega quazi a sumergirse, & irse apique, & porque? Não porq' os elementos todos se conjurem contra esta Náo, mas porque os Jonas dormem, & os Jonas peccão. Lá vão ao mar a perderse todas aquellas fazendas, & mercancias, & vós cuidais, que o mar as engole, & que as engole he Jonas. Lá vão feitas em pedaços as velas, & galhardetes com que navegavão em popa aquellas cazas, & vós cuidais, que tudo rompeu, & rasgou o vento, & quem rompeu, & rasgou tudo foy Jonas. Defazemse em diluvios os ares, & fuzilão rayos as nuvens, & estremessendo a Náo da Republica, & alagandose, vós cuidais, que os diluvios,

& os

& os rayos são exalações da terra, & os rayos, & os diluvios são Jonas. Emfim o Sol abrazado em fogo vai secando de tal sorte, & queimando a Não do Reyno, que toda aberta em bocas, & já Não cabrea a Não, parece vai desesperada a morrer no estaleiro, & vós cuidais que o Sol he o que queima, & abraza a Não, & quem queima, & abraza tudo he Jonas, *Ego sum qui peccavi.*

10 E se os peccados são a cauza dos castigos, & das ruinas, que vemos, pera o remedio de tantos males, que remedio? O remedio he não peccar, & chorar o que se tem peccado. Quando a cauza do mal he o sangue, o remedio he picar o enfermo, & tirarlhe o sangue; & quando a cauza dos males he o pecado, o remedio he picarme com o mesmo peccado, & lançallo fora. Viase o Prodigio perdido, morto de fome, despido, & roto, & conhecendo, que a cauza de tantos

males erão os seus peccados, que fez? Picou se com os peccados, pede a Deos perdão delles, *Peccavi in Luc. Cælum, & coram te,* & des- 25 22 pindose de toda a culpa, veste Deos de todos os bens, *Proferte stolam primam, & induite illum.* E o bom Ladrão que fez? Vendo que a forza, em que morria, era effeito dos roubos, dos homicidios, & da mà vida, que fizera, picase com os roubos, & homicidios, picase com a mà vida, & cortando com a dor do coração a tantos males a cauza, pede a Christo crucificado o perdão de suas culpas, *Domine, Luc. memento mei.* E que lhe 23. 21 succedeu? Lançados fora pella lanceta da dor os podres de tão mà estamago, paçou o enfermo da maligna à saude; dos frenezis ao juizo, da morte à vida, & da forza ao Paraizo, *Hodie ibi. mecum eris in Paradiso.* Assim se curão os males, tirandolhes as causas, & he enganoso cuidar, que ha de haver saude, em quanto não

cessão as cauzas da doença. Como ha de parar o rio, se a fonte corre? Como não ha de abraçar o fogo, se arde a lenha? Faça secar a fonte quem quizer que não corra o rio, & tire ao fogo a lenha, quem quizer que não arda o fogo. Ouvi.

II Pera que Nineve se não abrazasse, que fez Nineve? Tinha Deos ameaçado a Nineve a sua total ruina, *Adhuc quadraginta dies & Ninive subvertetur*, & pera Nineve evitar a ruina, que meditou? Que fez? O que meditou, & o que fez, foy tirar ao fogo a lenha. Entenderão os Ninivitas, que a lenha, em que se ateava o fogo da sua total affolação, erão as suas torpezas, os seus enormes, & depravados delictos, & que fizerão? Cubertos todos de cilicio, diz o Texto, clamarão a Deos, pedirão misericordia, & contritos, & arrependidos de seus peccados, que lhes succedeu? Como Deos não quer a morte do peccador, mas a

sua emmenda, vendo Deos aos Ninivitas arrependidos levanta a mão do castigo, que os ameaçava, & perdoadas as culpas ficão livres, & a Cidade, *Vidit Deus opera eorum, quia conversi sunt à via sua mala, & misertus est super malitiam*. Agora nota. Em quanto os Ninivitas persistião em peccar, & não se emmendar, persistio Deos em os affligir, & Jonas em lhe pregar a ruina. Chorão os Ninivitas, cessão os peccados, & ao correr das lagrimas, & ao cessar das culpas, cessa, & para o castigo, & porque? Porque o rio não corre em se secando a fonte, porque o fogo não abraza em lhe tirando a lenha. Arrependamonos, Catholicos, como os Ninivitas, de nossas culpas, façamos penitencia de nossos peccados, jejuemos, cubramonos de cilicio, peçamos a Deos misericordia que secando nós desta fonte ao rio do castigo a fonte, para à o

Ioan. 3.
4.

Ibi 10.

rio, & tirando desta forte a lenha ao fogo da ruina, cessará o fogo, *Et misertus est Deus.* O Deus de Nineve he o mesmo que o Deus de Portugal: Deus perdoou a Nineve, mas não a Nineve pecadora, se não a Nineve arrependida. Convertase

Portugal, arrependase Portugal, que o mesmo Deus que perdoou aos Ninivitas, como he sempre o mesmo, tambem nos ha de perdoar a nós, a nós por sua infinita bondade, a nós por sua misericordia.





STROMA XX.

COM MELHOR SUCCESSE

*meneya as armas o entendimento, que o
valor; E vai mais segura a vito-
ria nos acertos do jui-
zo, que nos do
braço.*

§. I.

NÃO he cõtra
o meu insti-
tuto o Stro-
ma, que vos
proponho,
porque o Senhor dos exer-
citos, que he Deos, tambem
ensina a dar batalhas. Pega-
va David da funda, & der-
rubava Gygantes no valle
de Teribintho; pegava Da-
vid da Arpa, & afugentava

o Demonio do corpo del-
Rey Saul. E ao braço de
David meneando a funda
quem o ensinou a vencer? E
aos dedos de David tocan-
do a Arpa quem lhes ensi-
nou a batalha, & a vitoria?
O mesmo David o disse,
*Benedictus Dominus Deus
meus, qui docet manus meas
ad pralium, & digitos meos
ad bellum.* Bem dito seja
meu

Psal.
143. 1.

meu Deos, & meu Senhor, diz David, que elle foy o que me ensinou o braço pera derrubar o Gygante, & elle foy o que me ensinou os dedos, pera vencer o Demonio, *Qui docet manus meas ad praelium, & digitos meos ad bellum.* De sorte que ensinar a batalhar tambem he assumpto de Deos, & se he de Deos, porque não será nosso? Digo pois, que com melhor successo meneya as armas o entendimento, que o valor, & que vai mais segura a vitoria nos acertos do juizo, que nos do braço.

2. Que armas ao parecer mais vitoriozas, & que braço ao parecer mais valente, que o do Golias? As armas o cobrião desde a cabeça athe os pès, & sobre serem de prova, erão tão solidas, tão fortes, & tão dobradas, que a saya de malha, diz o Texto, pezava cinco mil cyclos de bronze, & o ferro da lança seiscentos. O corpo, que vestia estas armas, & o braço que menea-

va esta lança, era corpo, & era braço tão proporcionado a poder com tanto pezo, que corpo, & braço erão de hum Philistheu, que subia a seis covados, & hum palmo de altura, *Altitudinis sex cubitorum, & palmi.* Saye a dezafio David contra tão poderozo, & armado Gygante, & sem mais armas q̃ o seu cajado, & a sua funda, com hũa mão firmase no cajado, com a outra dà volta à funda, dispara a pedra, dà na testa do Gygante, & caye o Gygante vencido, *Infixus est lapis in fronte ejus, & cecidit.* Pois o armado por terra, pois o sem armas vencedor? Pois o Philistheu cahido, pois David sobre o Philistheu? Sim, que o Philistheu sò se fiou das armas, & do valor, & David mais se confiou no juizo, & na rezão. O Philistheu so se fiou das armas, & do valor, porque se leres o Texto, sò se fiou o Gygante em fortalecerse de armas, & em blazonar valentias. Porem David que fez? Sahio à campanha

1. Reg.
17. 5.

Ibi. 49

panha todo advertido, todo juizo, todo rezão: todo advertido, porque se leres o Texto, esta batalha de David foy primeiro mui difficultada diante do Rey, & por isso bem ponderada. Sahio todo rezão, & juizo, porque a rezão, & juizo lhe ditaraõ dispuse das armas de Saul com que não podia tomar a funda, em que era destro, & eleger as pedras, & finalmente pera mostrar que a vitoria toda sahia da rezão, & juizo, com que pellejava, disparou o tiro, levando a funda duas vezes ao juizo, & rodando sobre a cabeça, *Et circumducens.* E como armas, & pulsos de huma parte, & como juizos, & advertencias de outra, mais seguraõ a vitoria as advertencias, que as armas, mais os juizos, que os pulsos, o Gygante inadvertido, posto que armado, caye; David dezarmado, mas com advertencias, vence. O Philistheu com mayor pulso, mas sem rezão, he o morto; David com menor bra-

ço, mas todo juizo, o que triumphava, *Infixus est lapis in fronte ejus, & cecidit.*

3 Por esta cauza duvidava o melhor Poeta entre os Latinos, qual era mais pera temer, se a arte do inimigo, se o valor, *Dolus, an virtus quis in hoste requirat.* Virg.

Mas rezolutamente entendeu o outro, que nas vezes, & nos revèzes das armas mais operava o braço bem aconselhado, que bem armado,

Consilio utilius, quam viribus arma geruntur.

Tirame ao inimigo o ensino, tirailhe a disposiçaõ, tirailhe a ordem, & por mais valente que seja, velloheis cahido, & porque? Porque sem ordem, & sem ensino não ha vitoria; sem o juizo dispondo, & sem o entendimento ordenando, seja o braço, & o valor do adversario o mayor, ha de cahir. Não sayamos do mesmo passo.

4 Quer David vencer ao Gygante, & pera o ver cahido, & postrado, onde pos

pos a mira, ou o ponto? Em acertar, & dar com a pedra na cabeça do Gygante, *Infixus est lapis in fronte ejus.* Pois porque não faz David o tiro, ou aos braços do Gygante, onde estavão as forças, ou ao peito do Gygante, onde estava o valor, se não à cabeça, *In fronte?* Por-
 1. Reg. 17. 49. q̄ David nesta batalha queria ver ao Gygante cahido, & pera o ver na batalha cahido, quiz vello descabeçado. Quereis ver ao inimigo vencido, quereis derruballo? Como sem entendimento, sem ordem, & sem disposição nas campanhas tudo vai perdido, fazei o que fez David: não trateis pera a vitoria do valor, & braço do inimigo, tratai de lhe perturbar o juizo; não ponhais o ponto em a tarlhe as mãos, & fenderlhe o peito, ponde o ponto em dezatarlhe os intentos, & confundilhe a cabeça, *Infixus est lapis in fronte.* Eu pello menos, se nos campos Philippicos me apresentasse batalha Julio Cezar, mais havia de temer-

lhe a cabeça que os braços, & mais havia de respeitar-lhe a penna, que as espadas. Nôtem o cazo. Na demanda, que propuzerão a Salamão aquellas duas mulheres pertendentes ambas do mesmo filho, obrou Salamão duas acçoens: pediu a espada, *Afferte mihi gladium;* & depois dando a sentença, manda partir pello meyo ao Infante, *Dividite Infantem.* Quando Salamão pegou da espada, ninguem estremeceu, nem perdeu as cores; quando porem lhe ouviraõ o juizo, com que sentenceara o cazo, diz o Texto, que ninguem ficara, que o não temesse, & respentasse, *Audivit itaque omnis Israel judicium, quod judicasset Rex; & timuerunt Regem.* Pois quando Salamão puxa da espada, ninguem se enfia, & quando o seu juizo sentencya o pleito todos delmayão, *Timuerunt Regem?* Sim, que Salamão, se ao puxar da espada mostrou ser homem de valente coração, ao dar a sentença mostrou ser homẽ

3. Reg. 3 24.

Ibi. 28.

de

de valente cabeça, *Audivit Israel iudicium*; & hum Capitão, hum General, & hum Rey mais respeitado se faz pello que dispoem com juizo, que pello que discompoem com a espada, mais medo mete sentenciando, q̄ esgrimindo, *Et timuerunt Regem*. Que vai no braço se o juizo o não governa? Que vai no valor, & nas muitas armas, se falta ao valor a rezão, & às armas o fio? Valor sem juizo, armas sem rezão, braço sem cabeça, he navio sem norte, he Cavallo sem freyo, he cego sem guia, he dia sem Sol, & exercito sem bandeira. E sem bandeira o exercito, & sem Sol o dia, & sem guia o cego, & sem freyo o Cavallo, & sem norte a Nao, em que para tudo? A Nao sem norte he naufragio, o Cavallo sem freyo he precipicio, o cego sem guia he queda, o dia sem Sol he tropeço, & o exercito sem bandeira he despojo.

5 O quantas vitorias se tem perdido, ò quantas emprezas se malograrão, não

por falta de forças, de armas & de soldados, mas porque as forças sahirão a campanha sem conselho, as armas sem disposição, & os soldados sem ordem. Eu não duvido, meus valentes, que forças, armas, & soldados são necessarios pera conseguir as vitorias; mas quem as assegura, que se não percão (que he o ponto todo) não são as forças, he a rezão que as governa, não são as armas, he o juizo com que se meneão, não são os soldados, he o conselho com que pellejão. Na guerra de Absalão contra David maiores erão as forças, & o poder de Absalão, que o de David, & com tudo sendo o poder de Absalão sem comparação mayor, David o destruhio, & o venceo, & porque? Porque ainda que Absalão tinha por si força, & o poder, David teve por si o juizo, & o conselho. Ora vede. Advertindo David que as forças, & poder de Absalão erão sem comparação sobre as suas, & que corpo a

corpo,

2. Reg. 15. 14. corpo, & de poder a poder não poderia vencello, *Neg. enim erit nobis effugium à facie Absalon*, que fez David? Chama a Chuzai hum grande conselheiro seu, dizlhe que se passe à confidencia de Absalão, & que como fosse admittido aos conselhos, nelles fallasse, & discursasse sempre em prol d'elle David, noticiandolhe todos os alvitres, & disposiçoens do inimigo, *Omne verbū quodcumque audieris de domo Regis indicabis*. Isto fez David, & parece que havia de fazer mais. Pois David, se vem contra vòs tão grande poder de Absalão, porque não ajuntais tambem contra Absalão grande poder? E se zombais de conduzir grandes levas, porque no conselho de Absalão tendes por vòs o juizo, o conselho, & os avizos de Chuzai, Chuzai, que he hum sò homem, que ha de fazer contra Absalão? Obrou David como soldado real, ou como o Rey dos soldados. Sabia David já por experiência,

285

& tambem pella rezão, que a certeza, & segurança das vitorias não dependia tanto do muito poder, quanto do muito discorrer, & por isso querendo vencer a Absalão, & segurar-se na vitoria, não fez cazo do poder, se não de Chuzai. Tenha eu hum bõ entendimento por mim nas materias de guerra, & politicas militares, diz David, & tenha Absalão o poder que tiver, gue o poder lerà seu, mas a vitoria he minha; & assi foy.

6 E esta deve ser a rezão porque nas batalhas sendo as espadas as que mataõ, & as q̃ derrubão, as coroas da vitoria não se poem nas espadas, senão nas cabeças. Com sete generos de coroas triumphavão os Romanos; com a Triumphal, com a Obsidional, com a Civica, com a Mural, com a Castrense, com a Naval, & cõ a Oval. Com a Oval, que era de murtã, entrava o Emperador coroado na Cidade depois de alguma vitoria de menos porte; com a Naval,

Naval, que era de ouro, se coroava o que na batalha maritima primeiro saltava por força na Nào do inimigo. Com a Castrense, que tambem era de ouro, sahia coroado aquelle soldado q̄ primeiro à força de braço rompía as linhas inimigas, & entrava nos arrayais: com a Mural, tambem de ouro, coroava o Emperador ao primeiro que pôdo a escada subia o muro, & entrava a praça: com a Civica, que era de carvalho, coroava hum Cidadão Romano a outro Cidadão, quando em algũa batalha o livrava da morte. Com a Obsidional coroavaõ os citiados na praça aquem os livrava do cerco fazendo levantar o inimigo. Com a Triumphal finalmente, que era de ouro mais puro, entravão os Emperadores triumphando em Roma depois de conseguida a victoria. E todas estas coroas tão diversas; & por tão diversas façanhas merecidas, onde se collocavaõ, &

se punhaõ? Nas cabeças dos vencedores. E porque não nos braços, ou nas espadas, se não nas cabeças? Pera significarem que as coroas de todas as vitórias mais se devem à boa cabeça, que ao bom braço, mais à boa testa, que à boa espada.

§. II.

7 **E** A rezaõ de tudo isto, se bem a advertirem os grandes soldados, he muito clara, & bem fundada nas regras da mesma milicia. E que ensinaõ as regras da milicia? Pera se conseguir o fim que se dezeja, que saõ as vitórias, o que ensinaõ as regras da milicia não he amontoar gente, & amontoar pedras, he regular as fortificaçoens, eleger os postos, por a gente em ordenança, prevenir os intentos do inimigo, saber acudir a hum repente, armar à filada, advertir nas entradas não discuidando das saídas,

das, & finalmente dispor com tal acerto, & ordem todos os antecedentes, & consequencias da campanha, que a vitoria se configa, & se alcance. E tudo isto que o faz? Não as espadas, mas as cabeças, não os braços, mas as testas. He o entendimento dos homens como huma Trindade na terra, unico no ser, Trino nas operaçoens: apprehende, ajuiza, & discorre: em quanto entendimento apprehensivo alcança com promptidão, em quanto juizo tenteya com profundidade, & em quanto discurso infere das premissas, & dos meynos as consequencias infalveis. He tambem o entendimento o que ajuizando, & discursando sobre a contingencia das empresas [que na guerra he a mayor] o que preve, & adevinha os successos futuros, o que comprehende as rezoens do intento, & os meynos proporcionados, ou pera conseguir os successos, ou pera se sahir dos apertos.

E se este he o entendimento, & ainda mais, quem mais necessario pera as vitorias que o entendimento.

8 Na celebradissima vitoria, que Debora alcançou do exercito delRey Iabin governado pello General Sizara, aquem deu Debora as graças da vitoria abaixo de Deos Author de todas? Parecendo que as havia de dar ao valor, & às armas dos seus soldados, não deu as graças se não à ordem, & disposição das Estrellas, *De Cælo*, dizia aquella, que sendo Moher, mereceu ter por soldados as Estrellas, *De Cælo*, diz Debora, *dimicatum est contra eos: Stellæ manentes in ordine, & cursu suo, adversus Sisaram pugnauerunt*. Pois se o valor foy o que puxou das espadas, pois se as espadas degolarão o inimigo, as graças da vitoria porque se hão de dar à disposição, & à ordem, *Stellæ manentes in ordine, & cursu suo ad-*
versus

Judic.
5. 20.

versus Sisaram pugnauerunt? Sabem porque? Porque ainda que degolar ao inimigo pertença ao valor, & à espada, a disposição, & a ordem com que isso se obra pertence ao entendimento, & juizo: & como o mais necessario para configurar os intentos, & sair da batalha com a victoria, he hum bom juizo ordenando, & hum bom entendimento dispondo, por isso Debora deu as graças da victoria, não ao valor, mas à disposição do valor, não às espadas, mas à ordem das espadas, *Stella manentes in ordine, & cursu suo, adversus Sisaram pugnauerunt.*

9 E daqui vemos que muitos exercitos em soldados, & espadas, superiores sem comparação a outros, ficarão vencidos os muitos dos poucos, & os inumeraveis do menor numero. A hum milhaõ de soldados delRey Dario venceu Alexandre com menos de setenta mil homens. Com trezentos homens venceu

Gedeão ao exercito dos Madianitas tantos em numero, que os comparou o Texto a nuvens de gafanhotos, *Ut locustarum multitudo.* E deixando outros infinitos exemplos, com sò dez mil homens venceu, & destruhio a nossa Debora o innumeravel exercito delRey Iabin degolando, & prostrando tudo por terra, *Omnis hostium multitudo usque ad interuersionem caderet.* E os de Dario, & os de Madian, & os de Iabin, porque allí cahidos sendo soldados sem numero; & os de Alexandre, & os de Gedeão, & os de Debora, porque allí triumphando sendo tão poucos? Porque os milagres que faz a disposição, & a ordem, desfallos a desordem: vencerão os poucos, & forão vencidos os sem numero, porque os inumeraveis sem disposição, são despojos do que mal se ordena, os poucos bem ordenados são triumphos do que

Iudic: 7.n.12.

Iudic: 4. 16.

que bem se manda; *Stellæ manentes in ordine*. E por esta causa [pello que tenho lido, & ouvido nesta materia] me atrevo a dizer, que nas campanhas aonde a cabeça não governa os braços, aonde os designios do juízo, & disposições do entendimento não meneão as operações, atrevo-me, digo, a dizer, que a muita gente, não só não ha de vencer, mas que a muita gente he como se fora gente nenhuma. Jeremias, que assi o entendeu, atamôte o choro assi.

Falla o Propheta Jeremias da Cidade de Jerusaleem, & diz pismozamente assim; *Quomodo sedet sola Civitas plena populo, facta est sub tributo domine gentium in Jerusaleem, que he isto que vejo? Vejo-te a senhora das gentes pagando tributo, & vendote chea de gente, vejo-te só! A duvida está municipala. Reparo no *Sola*, só, & reparo no *Plena*, chea. Pois se estava sem gente Jerusaleem,*

se estava só, *Sola*, como estava atulhada, & chea de gente, *Plena*? E se Jerusaleem estava chea, & atulhada de gente, *Plena*, como estava só, & sem gente, *Sola*? Direi; estava Jerusaleem chea de gente, que a defendesse, porque na realidade tinha Jerusaleem dentro de si muita gente, *Plena populo*, estava só, & sem gente, que a defendesse, *Sola Civitas*, porque toda a gente de que estava chea era povo sem ordem, sem governo, & sem rezão, comenta o Cardeal Hugo, *Plena populo, Id est, cogitationibus inutilibus*; & huma praça, & huma campanha, & huma Cidade, ainda que estejam cheas de gente pera a batalha, ou pera a defença, se a gente não tem entendimento pera govetnar-se, nem tem juízo, não tem gente a campanha, nem a Cidade: estará chea a Cidade, estará a campanha cuberta de soldados; mas por mais atulhada que esteja a campanha, & a Cidade de homens, *Plena*; se não ha

Hug.
Card.
hic.

Jerem.
Tren. 1

T juizo,

juizo, se não ha rezaõ, se não ha ordem entre elles, *Cogitationibus inutilibus*, a multidão he entulho, & a muita gente he nenhũa gente, *Sedet sola*.

11 Eya pois, vâ sempre sobre a gente, & sobre o valor, o conselho, & a rezão, já que sem rezão, & sem cõselho, não ha gente havendo gente, nem valor havendo valor. Em Portugal não falta gente, nem valor pera as mayores vitorias; o que pode faltar he a arte, he a advertencia, he a destreza, he a disposição, & he a intelligencia militar; & pera que nada disto falte aprendase tudo cõ grande cuidado, & não se entregue a Gineta, & o Bastão se não às Aguias. A Aguia he o Ministro de Jupiter, porque sò Aguias no entendimento sabem ser rayos na campanha; & desta forte ajuntandose ao valor a arte, & a todo o exercito a sciencia, conquistaremos o mundo. Alexandre conquistou o mundo, mas na mão da espada se lhe via muitas

vezes a Odisseya. Escrevia o que obrava Julio Cezar, trazendo em huma mão a penna, na outra a espada, & da penna, & da espada formava em si mesmo hum elle.

Por esta causa dizia Tacito, que os Varoens de summa fortuna na guerra, mais devião aos lanços com que a juizavão, que às lançadas com que ferião, *Pleraque in summa fortuna auspiciis, & consiliis, quàm telis, & manibus geri.* E o mesmo Deos por Salamão sobre todo o poder pos o saber, *Melior est sapientia fortitudine.* O certo he, & acabo, que perdido o mundo, vencido, & cõquistado pello Demonio, havendo de recuperallo, & resgatallo huma das Pessoas Divinas, qual dellas foy? Foy o Filho. E porq̃ mais o Filho que algũa outra das Pessoas Divinas? O verdadeiro porque Deos o sabe; mas o que eu fei, & todos sabemos, he que o Filho por força da sua proçessão he todo entendimento, & a Sabedoria do Pay, & pera tirar das

Tac.
lib. 13.
Annal.

Euseb.
9.

das garras do maior inimigo ao mundo inteiro, quem primeiramente procede sabio he o primeiro pera a victoria, & quem nasce todo entendimento he o que vem nascendo pera os triũphos.

12 Mas sobretudo, meus Catholicos, que com vosco fallo, já sabeis que o Author de todas as victorias he em primeiro lugar o Deos dos exercitos, sem Deos não ha poder, nem saber que vença. Com Deos diante he o po-

der, & o saber inconquistavel. Sem Deos o mayor valor he fraqueza, & a mesma sabedoria saõ erros. Com Deos a mesma fraqueza he invencivel, & a mesma rudeza sabia. Vencerà David Philistheus, mas em nome de Deos, *In nomine Domini*. Triumpharà Gedeão dos Madianitas, mas Deos diante com a espada, & então elle, *Gladius Domini, & Indic. Gedeonis, &c.* 1. Reg. 17. 45.
7. 20.



T 2

STRO-

STROMA XXI.

VIVEMOS COMO SE NÃO

ouvéssemos de morrer, sendo já a nossa
morte a mesma vida.

I



Aréciam e el
cusado o dis
curso deste
Stroma, por
que sendo a
vida humana hum minif-
to, & claro defengano de si
mesma, bastava pera a cau-
tella, & pera a emmenda da
vida, o que clara, & eviden-
temente he a mesma vida.
Clara, & evidentemente he
a nossa vida pô, cinza, &
morte; & quando o pô às
claras me dá nos olhos, quã-
do a cinza evidentemente
me a viza, & a morte mani-
festamente me persuade o
que sou, pera que são mais

§.

I.

discursos? Quando Christo
mandou a seus Discipulos
fossẽm pregar pello mundo
o Sagrado Évangelho, fes-
lhes esta advertencia nota-
vel. Discipulos meus, ide,
& pregai por todo o mun-
do as minhas verdades, mas
com esta advertencia, que
se alguns homens não qui-
zerem ouvir as verdades q̃
lhes pregais, sacudi sobre el-
les o pô dos pès, & não lhes
digais mais palavra, deixa-
yos, *Exeuntes inde, excutite Marc.*
pulverem de pedibus vestris
in testimonium illis. 6. 11.
Pois dai
aos ouvintes com o pô no
rosto, & não vos canceis
com

com mais, & deixayos, *Exeuntes inde*? Sim, que quando o pò me dà no rosto, & me diz claramente quem eu sou, nem he necessario mais pregar, nem mais persuadir, ou discursar. Assi havia de ser, bastar o pò que somos pera a emmèda, & não mais; mas porque a nossa cegueira, & ignorancia he tão estúpida, que o pò que bastava pera a emmenda, já não basta, acrecentaremos ao pò os discursos, & veremos se basta o que sobeja, já que o que bastava não basta.

2 He pois a nossa vida pò, cinza, & morte; & digo que he pò, cinza, & morte, não sò porque o ha de ser, se não porque já o he. Pois já o he? Que a nossa vida haja de ser pò, cinza, & morte, sem ser necessaria a fé a mesma experiencia o ensina; mas já he pò a vida, já he cinza, & já he morte? Já. *Pulvis es, & in pulverem reverteris*, disse Deos a Adão, & nelle a todos seus filhos; sois pò, & em pò vos haveis de tornar. Tornar em pò là pera

o futuro, *Reverteris*, as sepulturas de todos os naci-dos estão gritando, que tudo para em poeira; mas que eu, & vòs, & todos os homens já de presente sejamos pò, *Pulvis es*! Basta que já saõ pò tantas vidas ao parecer tão robustas? Basta que já he pò tanta bizarría viva, tanta galla, tanta prezũção, tanta vaidade, tudo pò, & tudo já pò? Já, *Pulvis es*. Já saõ pò todas as vidas, & bastava caminharem todas pera o pò pera já o serem. Quem negará que caminha pera o pò? Todos neste mundo somos viandantes, & tomando cada hum no mundo o seu caminho muito diverso do outro, em caminharmos pera o pò todos nos vnimos. Como não ha lugar por mais recondito, & sagrado que seja, aonde não tenha jurisdicão a morte, caminhe cada hum por onde quizer, & pera onde quizer, todos vamos parar nas cinzas, & no pò de huma sepultura. E se todos caminharmos pera o pò, não nos ad-

miremos de que sejamos já
 pô, & porque? Porque ca-
 dahum he já o pera onde ca-
 minha.

Quando o Rio Jor-
 dão à vista da Arca do Tes-
 tamento das suas mesmas
 correntes fez grilhoens pe-
 ra não correr, olha David
 pera o Rio, & vendo que
 parava a parte superior das
 agoas, & que a inferior hia
 correndo a precipitar-se no
 mar, O mar, diz David a es-
 ta parte do Rio, aonde te
 precipitas, *Quid est tibi ma-
 re quod fugisti. & tu Jordanis
 quia conversus es retrorsum?*
 Pois mar o Rio? Se a parte
 inferior do Rio, que hia cor-
 rendo pera o mar, era Rio,
 porque lhe chama David
 mar, *Quid est tibi mare?* Cha-
 malhe mar por isso mesmo,
 porque aquella parte do
 Rio hia correndo pera o
 mar, a que chamão morto,

*Quod fugisti. In mare mor-
 tuum,* diz o Cardeal Hugo,
 & como cada hum he já o
 pera onde vai, & pera onde
 caminha, porque a parte in-
 ferior do Jordão caminha

pera o mar morto, já he mar
 morto, *Quid est tibi mare. In
 mare mortuum.* Caminha-
 mos todos pera o mar da
 morte, & sem excepção de
 pessoas neste mar hão de
 beber todos aquelle ultimo
 trago tão amargo, como
 inevitavel; & como todos
 desde o primeiro instante
 da vida já caminhamos pera
 a morte, todos somos já o
 mar pera onde vamos, to-
 dos o pô, & a cinza, que ha-
 vemos de ser, & em que ha-
 vemos de parar. Nesta ver-
 dade fundava S. Paulo o seu
Quotidie morior; morro to-
 do, os dias, dizia Paulo. E
 com a mesma certeza dizia
 Abrahão a Deos, *Loquar ad
 Dominum meum cum sim
 pulvis, & cinis;* fallarei com
 vosco Senhor, ainda que já
 sou pô, & cinza. Parece que
 nem S. Paulo nos podia di-
 zer a nós que morria todos
 os dias, *Quotidie morior,* nem
 Abrahão a Deos, que era já
 pô, & cinza, *Cum sim pul-
 vis, & cinis.* Se São Paulo
 quando dizia que morria es-
 tava vivo, como morria? E

1. Co-
 rinth.
 15. 31.
 Genes.
 18. 27.

Psalms.
 113. 3.

Hug.
Card.
bio.

se Abrahão quando fallava com Deos tinha pès pera andar, mãos pera obrar, olhos pera ver, ouvidos pera ouvir, & boca pera fallar, como erão já pò, & cinza os pès, que andavão; pò, & cinza as mãos q̄ obravão; pò, & cinza os olhos que vião, pò, & cinza os ouvidos que escutavão; & finalmente a boca que fallava já pò, & já cinza, *Pulvis, & cinis*? Deu a rezão o melhor Interprete dos moraes de Iob, *Et si viventem carnem nec dum in terram mors solverat, hoc tamen apud se erant, quod se futuros absque dubitatione praevidebant*, dice S. Gregorio Magno. Vivia S. Paulo, diz S. Gregorio, & morria quando vivia, porque S. Paulo certamente prèvia que caminhava pera a morte, *Absque dubitatione praevidebant*, & quem vê q̄ caminha pera a morte, já pode dizer que està morto, *Hoc apud se erāt*. Tinha Abrahão pès cõ que andava, mãos com que obra-va, olhos com que via, ouvidõs com que ouvia, & boca

obnum

com que fallava, & tudo era já pò, & cinza, porq̄ Abrahão estava vendo que em pò, & cinza havia de parar todo elle, *Absque dubitatione praevidebat*; & quem vê que os seus pès hão de ser pò, & cinza, q̄ as suas mãos, que os seus olhos, q̄ os seus ouvidos, & que a sua boca em pò, & cinza hão de parar, já pode assentar com siggo que he cinza, & pò, *Hoc apud se erant*.

4 Assentai com vosco, Catholicos, que todos sois já pò, & cinza. E na verdade se bem consideramos o que somos, ainda em quanto vivemos, que outra couza são tantos sobressaltos na vida, tantos desgostos, tantos temores, & tantas esperanças a cada passo tão mal logradas, se não hũa morte viva, ou hũa vida já morta? Que outra couza são tantos males tão mortais, quantos todos choramos em outros, & experimentamos em nõs, tanta fome, tanta peste, tanta guerra, tanta mortandade em Pays, em filhos, em pa-

rentes, & nos melhores parentes, que são os Amigos, que outra cousa he vermos, & experimentarmos tudo isto, se não entre tragos tão amargozos da miseravel vida, irmos pouco a pouco engolindo a morte, & tanto mais dezabrida, quantos nos vagares mais morte? É finalmente que vemos em tudo o que vemos se não a morte de tudo? O mesmo mundo, que nos parece estar tão vivo, se bem o considerarmos está tão acabado, tão fumido, tão mirrado, & tão mudado de cores, que mais parece hum cadaver já sem alentos, & sem espiritos, que mundo vivo. O quantos tẽ defcahido de todos os seus lustres o mundo! E se não considerayo por partes, & vede como já está morto, & ainda por todos os lados reduzido a cinzas. Ou-

çamos a S. Cypria-
no elegante-
mente.

S. II.

5 **S** Cire debes senuisse jam S. Cy-
mundum, nec illis vi-
ribus stare, quibus ir. con-
prius steterat; nec vigore, & ira
robore eo valere, quo antea Demet.
prævalebat. Sabei todos, diz
a segunda Aguia de Africa,
sabei que tem chegado a tal
velhice o mundo, que tem
já perdido as forças que dan-
tes tinha, & o vigor, & o va-
lor antigo, em que tanto
prevalencia, está já acabado.
O Inverno já não dà as chu-
vas acomodadas às cemen-
teiras, *Non hyeme nutrien-
dis seminibus tanta imbrium
copia est*. O Verão já falta
com a fragancia do Sol cre-
adora das searas, *Non fru-
gibus æstate torrendis solita
fragantia*. A primavera já
se não sabe quando venha a
alegrar os campos, *Non sic
verna de temperie sata leta
sunt*. O outono falta com
os frutos, & a fecundidade
já não he a que era, *Nec adeo
arboreis fetibus autumnæ fe-
cunda*. É passando o mesmo
S. Cypriano da morte do
mundo

mundo physico à morte do mundo moral, continua lastimozamente assim. *Decrescit in arvis agricula, in mari nauta, miles in castris, innocentia in foro, justitia in judicio, in amicitia concordia, in artibus peritia, in moribus disciplina.* Já falta nos campos o lavrador, no mar o marinheiro, no arrayal o soldado, na praça a innocencia, no Tribunal a justiça, na amizade a concordia, nas artes a pericia, & nos costumes o bom ensino. E nós estendendonos a mais exemplos do mundo já morto, & acabado, & consumido; nas artes manuaes què de Phidias? què de Parrhazio? què de Polycreto? Na politica què de Catão? què de Solô? que de Lycurgo? Na milicia, què de Achilles? què de Heytor? què de Scipião? Na oratoria, què de Tyllio? què de Hortensio? què de Demosthenes? E indo mais adiante.

6 Na poetica, què de Pindaro? què de Homero? què de Mantuano? Na phi-

losofia, què de Seneca? què de Platão? què de Aristoteles? Nas magestades do Imperio, què de Cezar? què de Alexandre? què de Constantino? E finalmente athe no Sagrado, pera mayor lastima de tanta morte, què do ornamento dos Patriarchas? què do alumiado dos Prophetas? què dos esquadroes dos Eremitas? què dos choros das Virgens? què dos exercitos dos Martyres? què dos milagres dos Confessores? & què de todas aquellas maravilhas, em que florescia o mundo, com que se honrava, & com que vivia? Em tudo està hoje acabado o mundo, em tudo reduzido a pò, em tudo a cinzas.

7 E supposto já tudo he pò, & tudo cinzas, & os mesmos homens, ainda em vida, já cinzas, & já pò, como vimos em Abrahão, & S. Paulo; pederão com tudo dizer muitos que ainda que todos sejam pò, nem todos são o mesmo pò. Ha de ser o mesmo pò o ignorante, & o discreto? O mesmo

pò

pò o pobre, & o rico? O mes-
mo pò o criado, & o Senhor,
& o mesmo pò o Vassallo,
& o Rey? Como pode en-
tre tão diversas fortunas ser
o mesmo o caso, & entre ex-
tremos tão differentes ser a
rezão a mesma? Como ha
de cõsentir Platão ser o mes-
mo pò com hum Estrião,
consentir Cressõ ser o mes-
mo pò com Hyro, consentir
Augusto ser o mesmo pò cõ
o seu Escravo, & consentir
Alexandre ser o mesmo pò
com Therfites? Tanta di-
versidade nas pessoas, & no
pò tanta semelhança? Mas
ah soberbas dos grandes, que
vos criou Deos de pò, como
a todós, & vós quereis levan-
tarvos contra quem vos
criou! Criou Deos a Adão
do pò da terra, *Formavit*
igitur Deus hominem de limo
terræ, inspiroulhe com hum
assopro a alma, & a vida,
Inspiravit in faciem ejus spi-
raculum vitæ; & vendose
Adão assoprado, & levanta-
do a homem, & agrande ho-
mem, que fez Adão? O que
faz o pò assoprado. Tomais

hum pouco de pò nas mãos,
assoprais o pò, & que faz o
pò? O pò assoprado levanta-
se cõtra quem o assoprou,
dalhe nos olhos, & na mes-
ma cara o offende. Assi o
fez Adão. Tomou Deos
nas mãos o pò de que for-
mou a Adão, assoprou o po,
fello homem, fello grande,
fello Principe; & Adão que
fez? O pò assoprado levan-
touse contra Deos, & deulhe
nos olhos, & de tal forte o
agravou, & offendeu, que
fez chorar os olhos do mes-
mo Deos. Ah pòs, perdoe
Deos aquem vos assopra,
que se vós por assoprados
não subireis tão alto, nunca
vos levantareis contra quem
vos honrou! Mas sabei to-
dos que sois pò como to-
dos, & deenganemse os
mais levantados, & os mais
assoprados, que todos são
pò como os outros.

8 A ninguem podia as-
soprar mais a fortuna, a nin-
guem levar mais alto nas a-
zas, que aos descendentes
de Abrahão, aquem Deos
prometeu que os faria co-

mo

Genef. 22. 17. mo as Estrellas, *Multiplica-
bo semen tuum sicut Stellas.*
 Mas que acrescencou Deos
 logo? advertio que tambem
 os faria como as areas do
Genef. 13. 16. mar, *Et sicut arenam, quæ est
in littore maris;* ou como já
 o tinha dito o mesmo Deos,
 & mas claramente, que os
 faria como o pô da terra,
*Faciamque semen tuum, sicut
pulverem terræ.* Pois homê
 tão affoprados là pera cima,
 & logo tão descidos abai-
 xo? Ainda agora no Ceo Es-
 trellas, *sicut Stellas,* & logo
 na terra pô, *sicut pulverem?*
 Sim, pera que saibão os af-
 soprados, & as Estrellas, que
 por mais que a fortuna es-
 affopre, & os levante nas a-
 azas, não escapão de ser pô
 como todos. Affoprados
 sim; Estrellas sim, mas areas
 como os outros, mas pô co-
 mo todos, *sicut pulverem ter-
ræ.* E não só pô, mas pô co-
 mo os outros, & o mesmo
 pô, que era o ponto. O mes-
 mo pô he o rude que o Sa-
 bio, o mesmo pô o pobre q̃
 o rico, o mesmo pô o Cria-
 do que o Senhor, & o mes-

mo pô o Vassallo q̃ o Rey.
 Nem a nobreza tem de que
 se jaftar de ser menos pô, q̃
 o povo, nem a fidalguia de
 presumir ser menos pô, que
 a nobreza, nem as Magesta-
 des imaginarem que são me-
 nos pô, que a fidalguia, &
 como ninguem ha, por mais
 privilegiado que seja, que
 não seja pô como os outros,
 saltem pera o ar as mayores
 soberbas, & gritem quanto
 gritarem as prezunçoes, o
 mesmo nada, as mesmas cin-
 zas, o mesmo pô somos to-
 dos. Na Estatua de Na-
 bucho temos a mayor, & a
 melhor prova deste dezen-
 gano. *Compunhale esta
mysterioza Estatua de qua-
tro metais. Era de ouro na
cabeça, Caput aureum, era
de prata nos braços, Brachia
ex argento, era de bronze no
bço, Venter ex ære; & era
de barro, & ferro nos pes,
Pars quadam pedum erat fi-
tilis, & pars quadam ferrea.*
 Nestes quatro metais da Es-
 tatua se representavaõ as
 quatro partes de que se for-
 ma

Dan.
 2. 32.

ma huma Republica, & cõ-
poem hũa Monarchia. Nos
pès, que erão de barro, & fer-
ro se representava o povo,
que he o mais baixo. No
bojo, que era de bronze, se
significava a nobreza logo
mais affima; Nos braços, q̃
erão de prata, se symboliza-
va o mais illustre da fidal-
guia. E finalmente na cabe-
ça, q̃ era de ouro, se deixava
ver a Magestade dos Prin-
cipes, & dos Reys, que co-
mo cabeças predominão so-
bre o mais corpo da Repu-
blica, ou Monarchia. O que
supposto pergunto agora. E
que succedeu a esta Estatua,
& aos quatro metais de que
se compunha? Por manda-
do de Deos desce de hum
monte hũa pedra, *Abscisus*
est lapis de monte, & despe-
nhada sobre a Estatua def-
faz a todos os metais não sò
em pò, & em cinza, mas
igualmente a todos nas mes-
mas cinzas, & no mesmo
pò, *Contrita sunt pariter*
ferrum, testa, æs, argentum,
& aurum, & redacta quasi
in favillam astivæ areæ.

Entre tanta differença de
metais notavel identidade
de pò! Todos os metais
igualmente desfeitos no mes-
mo pò, *Pariter in favillam!*
E porque se não desfaz o
ferro em pò de ferro, o bron-
ze em pò de bronze, a prata
em pò de prata, o ouro em
pò de ouro, se não todos
em pò de barro, & igualem-
te, & sem distincção algũa no
mesmo pò, *Pariter in fa-
villam?* Sabem porque?
Porque no ferro da Esta-
tua, como diziamos, se
representavão os povos,
no bronze as nobrezas, na
prata as fidalguias, & no ou-
ro os Monarchas; & na ver-
dade das Escrituras, Monar-
chas, fidalguias, nobrezas,
& povos todos são o mesmo
pò. He verdade que nas a-
parencias, & exteriores de
fora entre o povo, & a no-
breza, entre a fidalguia, & os
seus Monarchas vai muito;
mas tudo bem examinado,
& joeirado, entre huns, &
outros vai nada. Por isso
notou David, que todos se
virão pò, & o mesmo pò,
mas

mas na eira, *In favillam estiva area*. E na eira porque? Porque na eira deste mundo bem joeirado tudo, todos somos na eira a mesma poeira, *In favillam estiva area*. O que supposto, & bem entendido, escutaime agora todos.

§. III.

10 **T**odos vemos, & entendemos, que na Estatua deste mundo nem os povos por mais de ferro, nem a nobreza por mais de bronze, nem a fidalguia por mais de prata, nem as Magestades por mais de ouro que seião, escapão da pedrada da morte, & que somos pô todos, & o mesmo pô. Mas isto mesmo que vemos, & entendemos, [daime agora atenção] isto mesmo que vemos, & entendemos, como o entendemos, & como o vemos? Vemos, & entendemos que somos pô, & que somos nada, & vivemos como se isto se não vira, nem se entende-

ra. Que couza he viver hum homem como se não fora pô, viver como se não ouvera de morrer, & acabar, se não na vida, que se assegura, não entender o mesmo que entende, & o mesmo que ve não o ver? Aquelle fatal Rico do Evangelho, que vivia como se não ouvera de morrer, no mesmo tempo, em que mais se assegurava na vida, *Habes multa bona posita in annos plurimos*, que ouviu, & que lhe succedeu? Ouvio huma voz do Ceo, que lhe dizia, *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt à te*. Homens dezatentado, homem sem rezão, homem louco, esta noite has de morrer. Não me admira este successo, que morrerem os homens quando menos o imaginação, não he pera admirar. Sò reparo em que o Ceo chamasse a este homem cego, dezarmado, & louco, *Stulte*. É porque cego, & porque dezarmado, & porque louco? Eu não sei outra rezão mais propria deste lugar, que a mesma q̄ insinua o

Lic.
12. 20.

Texto,

Texto, & vem a fer, que foy tal este homem, que sabendo, & vendo, ou pella fé, ou pello menos pella experiencia, que era pò, & que podia morrer, ainda quando menos o cuidasse, elle vivia, & se assegurava na vida, como se não ouvera de morrer, *Habes multa bona posita in annos plurimos*, & ver, & entender que sou pò, & em toda a hora mortal, & viver como se não fora pò, nem ouvera de morrer, isso he não ver o mesmo que vejo, & o mesmo que entendo não o entender, *stulte*.

II Mas ò cegos, porque não vedes o que vedes! O loucos, porque não entendeis o q̄ entendeis! Tanta confiança na vida sendo a vida pò, em que alicerse fundais tanta cõfiança? Ninguem p dia confiar-se mais na vida, que a Estatua de Nabucho, porque o ouro, a prata, o ferro, & o bronze de que se compunha, são os metais que mais durão. Cõ tudo aquella fabrica, ao parecer eterna, a hum fechar,

& abrir de olhos de Nabucho, toda se desfez em cinzas, que levou o vento, *Redacta in favillam: quæ Dan. 2.º rapta sunt vento*. Pois tão depressa acaba quem em metais de tanta dura podia confiar muitos seculos de vida? Sim, que a fabrica, & a confiança da Estatua hia fundada em pès de barro, & alicerces de lodo, *Pars quadam pedum erat fictilis*; & quando o fundamento he lodo, como ha de durar a fabrica? Quando os alicerces são pò, como não ha de levar o vento as confianças, *Quæ rapta sunt vento?* Confianças levadas do vento, eu não sei como sendo pò a nossa vida, seja tal o defenfado de muitos, que sobre alicerces de pò durmão tão seguros, como se nunca ouvera de cair a caza! Que haja de morrer Domiciano, & que se ponha a gastar o dia em brincar com as moscas do seu Palacio! He fatal dormir! Que haja de morrer Marco Antonio,

nio , & vindolhe já toda Roma sobre as costas , elle se ponha a pescar no Egypto com anzois de ouro ! He notavel defenfado ! Que Penelope havendo de morrer passe os dias inteiros em entranhar nos cabellos , ou do amor os laberynthos , ou da vaidade os enredos ! Cego descuido ! Que finalmente Aragne , sendo mortal , noites , & noites inteiras se ocupe em ordir , & tesser huma teya , & tantos gastos , & dispendios sô pera a panhar huma mosca ! Louco divertimento ! Mas sobre estas confianças virá a morte.

Isay. 38. 12. *Dùm adhuc ordiner succedit me* , dizia ElRey Ezequias. Ainda ateya da minha vida não estava acabada de ordir , quando veyo a morte , & cortou a teya. Não ha que fiar na teya da vida , antes a morte aos mais confiados nella a effes infia primeiro. A morte he como o Ladrão , diz *Deos* , *Si non vigilaveris veniam ad te tamquam fur.*

Apoc. 3. 3.

E o Ladrão aonde entra primeiro ? Na caza dos confiados. Confia-se a menor idade em que chegará a fer mayor ; & o Ladrão da morte que faz ? Como o Ladrão he mais certo aonde he mayor a confiança , alli dá primeiro o affalto aonde he mais certo o descuido. Confia-se tambem a mayor idade em que quem chegou aos quarenta tambem chegará aos oitenta ; & o Ladrão da morte que faz ? Como o Ladrão rouba mais seguro aonde as portas de par em par estão abertas , a estes mayores , & já emancipados no sono , a estes rouba mais facilmente a vida. Menores , & mayores idades , a muita confiança vos perde. A morte nem tem dô das flores , nem tem lastima dos frutos ; que o dizer , a morte nem se compadesse dos poucos annos , nem guarda respeito aos muitos. Na versãõ dos setenta Interpretes , & do Arabico

Zach.
5. 1.

vio o Propheta Zicharias a morte na figura de huma fouce com azas, *Vidi, & ecce falx volans*. Que tenha azas a morte, bem se ve no muito que voa; mas q̄ seja como a fouce a morte, & porque? Porque a fouce tanto he instrumento do verde, como do maduro, & assi a morte sem respeitar idades, nem merecimentos voa a fouce da morte, & cortando na primavera pello verde, & no outono pello maduro, leva quanto acha em leite, & cega tambem as espigas, *Vidi, & ecce falx volans*.

13 E que sendo isto assim, vivamos em toda a idade como se assi não fora! Que couza são tantos roubos, tantas onzenas, tantos testemunhos falsos, que couza tanta ambição, tanta inveja, & tanto odio, que couza tanta treição, tanto engano, & tanta aleivozia; & finalmente que couza são tantas soberbas, tantas sem rezoens,

& tantas injustiças, quantas vemos, & choramos, se não vendo todos que a fouce da morte a nenhuma idade perdoando, assi com tudo vivemos como se assi não fora? Quando Samsão descia a Ascalon a roubar, & a matar Philistheus, vivia como se ouvesse de morrer? Não vivia. Quando Balthezar bebendo pellos vasos sagrados profanava os Templos; quando Saul mau Rey, & ingrato a David se enfurecia contra David; quando Ioab aleivozo metia atreçoadamente a espada em Abner, vivião como se ouvessem de morrer? Não vivião. Finalmente quando a inveja de Amão machinava a ruina de Mardocheo; quando a sem rezão, & injustiça de Achab tirava os bens violentamente a Nobot; & quando Pharaõ se ensoberbesia de modo, que com nenhum castigo de Deos se dobrava, vivião como se ouvessem de morrer? Não vivião. Quem vive

vive como se ouvera de morrer, que faz? Olha pera si, poem os olhos no pò, que he, & vendo que he pò, & que he mortal, abate como Pavão as azas, & de pejo se encolhe; quebra como mar as ondas, & refreya os deza-
 tinos. O Pavão, & o mar, que fazem? O Pavão em olhando pera os pès, vendoos da cor da terra, & que he pò o em que se funda, pà-
 ra nos pensamentos, desfma-
 ya nos caprichos, & faz vol-
 tar a traz toda a roda. E o
 mar? O mar, por mais fu-
 rioso, que ande, em che-
 gando com as ondas a terra,
 vendose també na praya en-
 tre areas, & pò, alli desfma-
 ya, diz Iob, alli enfreya os
 orgulhos, & dalli não pas-
 saõ as furias. *Usque huc ve-
 nies, & hic confringes tumen-
 tes fluctus tuos.*

Iob. 33.
11.

14 O pavóens da vai-
 dade em mais culpas vesti-
 dos, que a variedade das vos-
 sas pennas, vede o que sois,
 olhai pera vós mesmos, que
 se bem vos vires, a roda de
 tão louca vida ha de dar

outra volta. O mares en-
 golfados no pègo mais alto
 dos vicios, ponde em vós
 mesmos os olhos, sahi do
 pego à praya, que à vista da
 terra que sois, & em que
 havis de vir a parar, tanta
 furia tornarà atraz, & o sal-
 gado, & o dezabrido de tão
 maos costumes à vista dessa
 praya, & desse pò, emmen-
 darão a vida. Cego, & sem
 se ver, abertas a toda a vai-
 dade as azas, & levantadas a
 toda a furia as ondas, vivia
 o Prodigio Pavão, & mar.
 Passados alguns tempos, eis
 que hum dia, ou fosse gra-
 ça, ou remorços da conci-
 encia, volta sobre si o Pro-
 digio, diz o Texto, *In se re-
 versus*, ou como diz Mal-
 donado, poem o Prodigio
 em si os olhos, *Cum videret
 se*; & que lhe succedeu? O
 mesmo foy advertir em si o
 Prodigio, o Pavão, & verse
 a si este mar, que arrependi-
 do, & magoado, emmendar
 os costumes, & mudar de
 vida, *Surgam, & ibo ad Pa-
 trem*. Pois agora se muda, &
 se emmenda o Prodigio?

Luc.
15. 17

Mal.
ibi.

V Agora?

Agora ? E porque agora ?
 Porque agora olhando pera
 si, *Cum videret se*, advertio
 que o Pavão era pò, & que
 era mortal o mar, *Ego autem
 hic fame pereo*; & quem
 adverte em si que he pò, *Pe-
 reo*, quem se considera, & ve
 que he mortal, & caduco,
Pereo, mudase, emmendase,
 reformase, & ou seja Pavão
 abate as azas, ou se he mar

defencrespa as ondas, *Sur-
 gam*, *iba ad Patrem*. Viva-
 mos pois, Catholicos, como
 quem ha de morrer, como
 quem he já pò, & ciza, &
 morte. Abramos os olhos,
 & confessamonos, que se
 olhos fechados ao pò, que
 somos, he a perdição dos
 Nabuchos, olhos abertos ao
 pò, q̄ somos, serà a emmenda
 dos Prodigos, *Surgam*.





STROMA XXII.

CAUTELLA, PORQUE SO HUMA

vez hei de morrer: E mayor cautella,

porque havendo de morrer hu-

ma sò vez não sei o

quando.

§.

I.



Errivel condiçam da morte, que sò huma vez se morra: *Statutum est hominibus semel mori*, diz o oraculo de São Paulo: he de fé que huma sò vez havemos de morrer, & não mais, *Semel*. Parece que havia de ser fortuna o morrer húa sò vez, porque dos males he fortuna o menos. He o morrer desfazer-se este composto de corpo, & alma: He o morrer desbaratar-se, & cair em terra

este edificio, & este ser: He o morrer hum desterro perpetuo de todo este mundo, & hum despojo vniversal de todos os bens que nelle se estimão, & adorão: He em fim o morrer hum mal tão grande, que podendo com todos os outros males a vida, sò com o mal da morte não pode. E sendo a morte tão grande mal, & dos males sendo o melhor o menos; porque não será fortuna morreremos huma sò vez, já que dos males o menos he o melhor? Athe nef-

Ad
Hebr.
9. 27.

tum est hominibus semel mori, diz o oraculo de São Paulo: he de fé que huma sò vez havemos de morrer, & não mais, *Semel*. Parece que havia de ser fortuna o morrer húa sò vez, porque dos males he fortuna o menos. He o morrer desfazer-se este composto de corpo, & alma: He o morrer desbaratar-se, & cair em terra

V 2

ta

ta differença quis ser terrivel a morte. Entre os outros males sofrer hum mal huma vez, he melhor que soffrello muitas, no mal da morte o não se soffrer muitas vezes, he o mayor mal, & porque? Porque se os homens morressem muitas vezes, ainda que fossem sò duas emmendarião na segunda morte os erros da primeira. O melhor mestre dos acertos de hoje são os erros que se derão hontem, *Magister est hodiernus besternus error*, disse hum Sabio. Mas porque a morte, se huma vez se errou, sendo huma sò a morte, não pode emmendar-se na segunda, se a morte huma sò, he terrivel condição da morte! A hi ha couza mais terrivel, que errando huma sò vez a morte, haja de ser eterno este erro? Este he o erro mais terrivel; mais mofo, & mais desgraçado de todos os erros.

2. Morre o Rico avarêto, & caindo por seus peccados no Inferno, vendo que tinha errado a morte, como

errão muitos, abre os olhos, & là do Inferno vendo a Lazaro no seyo de Abrahão; grita, & pede a Abrahão que lhe mande a Lazaro ao Inferno, pera que com huma gota de agoa lhe metigue o fogo em que se abraza, *Mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma.*

E que respondeu Abrahão ao Rico, & condenado? Respondeu assi. Tu Rico gozaste de muitos bens em tua vida, *Recepisti bona in vita tua*, & Lazaro soffreu muitos males, *Et Lazarus similiter mala.* Pois agora Lazaro, que padeceu, goze; pois agora tu que gozaste, padece, *Nunc autem hic consolatur, tu vero cruciaris.* E parou aqui a resposta? Não. O mais dezabrido da resposta, o mais desgraçado, & o mais terrivel, he o que agora se segue. Sabe Rico, acrescenta Abrahão, que sobre o que te tenho dito, *Et in his omnibus*, ou, *super hac omnia*, como le o Texto Gre-

Luc.
26. 24.

Vers.
Grac.
ibi.

go, entre nós cá, & tu lá he
 tão grande a distancia, que
 nem nós de cá podemos
 tornar pera lá, nem tu de lá
 podes voltar pera cá, *Inter*
nós, & vós chaos magnum
firmatum est, ut hi, qui vo-
lunt hinc transire ad vós, non
possint; neque inde huc trans-
meare. Pois que he isto? En-
 tre tantos, & tão grandes
 males, quantos o Rico está
 padecendo no Inferno, *Tu*
vero cruciaris, o não poder
 fahir do Inferno o Rico,
Neque inde huc transmeare,
 he o mayor mal de todos,
Et super hæc omnia? Sim, que
 o não poder fahir do Infer-
 no o Rico, era não poder
 com segunda morte emmẽ-
 dar os erros da primeira. E
 que seja tão singular a mor-
 te, que seja tão indispensa-
 velmente huma sò, que os
 erros q̃ hũa vez se derão na
 primeira morte, nunca pos-
 são emmendar-se na segunda,
Neque inde huc transmeare;
 este errar huma vez a morte
 sem remedio pera me em-
 mendar na segunda, he o
 mais terrivel da morte, & o

coll 27

mais lamentavel erro de to-
 dos os erros, *Et super hæc*
omnia.

3 De forte Catholicos,
 que o mal da morte pare-
 cendo ser fortuna padecerse
 huma sò vez, o padecerse
 huma sò vez he pera hum
 pecador a mayor desgraça.
 O quantos estão no infer-
 no, que se puderão tornar à
 vida, não havião de morrer
 segunda vez como morre-
 raõ a primeira! Mas he tão
 terrivel a condiçõ da mor-
 te, que da parte onde cahir
 a arvore quando a morte a
 cortar, ahi ha de ficar em
 quanto Deos for Deos, diz
 elle mesmo, *Si ceciderit lig-*
num, ad Austrum, aut Aquil-
lonem, in quocunque loco ceci-
derit, ibi erit. He a morte
 hum jogo aonde de huma
 sò vez se invida o resto to-
 do; & se se perde, perdido
 fica pera sempre. He hum
 salto, que pera o dar sem ca-
 hir nas profundezas do In-
 ferno, he necessario voltar
 atraz, & tomar cà de mais
 longe a carreira. He final-
 mente a morte hum alvo,

Eccles.
11. 3.

aonde errado o primeiro tiro, não se concede atirar segundo. E que sendo esta a morte vivamos tão descuidados desta unica mão do jogo, com tanto de zamento nestesò salto, & tão pouco ensayados no acerto deste sò tiro, que prudencia he a nôssa! Quando David ouve de sabir ao duello com o Gygante Goliath, vestindo o Saul có as suas armas, David as desprio, & disse ao Rey, que não podia sabir a campo có aquellas armas, poiq̃ lhe faltava o ensayo, & o uzo dellas, *Non possū sic incedere, quia usum non habeo.* E q̃ havendo nós forçosamente de sabir a dezaño contra o Gygante da morte, & do primeiro, & unico tiro, ou triũphar pera s'èpre na gloria, ou morrer pera sempre no Inferno, não provemos primeiro as armas, & sem ensayo algum queiramos acertar o golpe!

4. Que fez David, pera não errar o Gygante? Postas de parte as armas de Saul, pegá da sua funda, dispara contra o Gygante o tiro, a-

certa, derruba, mata, *Infixus est lapis in fronte ejus, & cecidit.* Pois porque deixa as armas tanto de prova, como uzadas de hum Rey, & pega pera a vitoria de hum funda David? Sabem porque? Porque David era prudente, & prudentissimo, & como não tinha uzo das armas de Saul, pera segurar a vitoria, pegou da funda, em que era exercitado. Era David Pastor, & a cõtinuos ensayos da sua funda se tinha adestrado de modo, que não errava tiro; & como a prudencia dita, que pera o acerto de hum tiro, em que vaya vida, & a honra, deve primeiro ensayar-se o braço; pera que no ensayo se segurasse o alvo, que fez David? Prudente, como David; não fiou a vitoria das armas de que não uzara, mas prudentissimo, como elle mesmo, alli pos do tiro os acertos aonde vio da funda os ensayos, *Infixus est lapis in fronte ejus, & cecidit.*

5. Mas o cegueira nôssa, pois prevenindo com dis-

vellos

vellos os perigos de qual-
quer outro negocio, sobre o
negocio mais importante
de todos, que he morrer
bem, nenhuma prevençãõ
ha em nós, nenhum disvel-
lo, & nenhum ensayo. En-
tão na hora da morte sem
prevençãõ, nem ensayo,
queremos aceitar o golpe,
& derrubar o Gygante, ò
nós cegos! S. Paulo, com
fer S. Paulo, que fazia? To-
dos os dias se ensayava pera
morrer, *Quotidie morior*, di-
zia elle, eu morro todos os
dias. São Paulo não podia
morrer todos os dias, porq̃
sò huma vez se morre, diz
elle mesmo, *Statutum est ho-*
minibus semel mori. Pois se
sò huma vez se morre, *Se-*
mel, como pode morrer
Paulo todos os dias, *quotidie*?
Eu o direi. Ahi ha dous ge-
neros de mortes, huma na-
tural, outra artificial; a mor-
te natural he a com que to-
dos morremos, & acabamos
a vida, & esta he huma sò. A
morte artificial he aquella
boa, & santa vida em que os
justos se ensayão pera bem

morrerem, & esta morte ar-
tificial he a com que morria
Paulo, & nós podemos mor-
rer todos os dias, *Quotidie*.
Oh se assi fora! Oh se por
arte morressemos, como
Paulo, todos os dias, pera q̃
os ensayos segurassem a vi-
toria, & vencesse a arte a na-
tureza! Entè as obras da
arte, & da natureza, sempre
a natureza venceu a arte, &
levou a victoria, & o tro-
phea. Nunca a Roza sahio
pintada tão galharda como
a formou a natureza, nem
Apelles, por mais que esme-
rassse o pincel, pode delinir
a Alexandre tão valente co-
mo a natureza o fez. Mas
se nas mais obras da nature-
za ella he a q̃ sempre vence a
arte, nas materias do mor-
rer sò a arte a vence a ella.
Quereis não temer a morte
natural? Quereis vencella?
Pois morrei por arte, como
Paulo. Aqui a arte vence a
natureza, & as muitas mor-
tes artificiais sãõ morte da
morte natural. Por isso di-
zia David que não havia de *Psal.*
morrer, *Non moriar, sed vi-*

1. ad
Corin.

15. 31.

Ad
Hebr.

9. 27.

vam; porque como era São David, & morria muitas vezes ao mundo, aos peccados, & aos appetites, com estas mortes artificiais vencia a outra morte, & a matava, *Non moriar, sed vivam.*

6. Assim o fazia David, assim o fazia S. Paulo, & nós que fazemos? Por ventura morre algum de nós antes de morrer? Enfayase algum de nós em morrer artificialmente muitas vezes, pera acertar o tiro, & quando vier a morte saber vencella, & matalla? Prudencia grande seria se assim fora. O tempo desta vida se nos dá pera nos habituarmos, & a destrarmos com a mortificação das paixoens, em atirar ao alvo de huma boa morte, & como as acçoens dificeis, & desuzadas não costumão fahir bem da primeira vez, o que acerto, o que prudencia seria atirar em vida muitas vezes a este alvo pera na morte não errar a morte, mas vencella. Não sei podem quem nos diverte de tão importante exercicio.

Mas o vicios, o vaidades, o invejas, o odios, o vinganças, o ambiçoens, o cobiças, o torpezas, que vós sois as que cegais aos homens, & lhes tirais o juizo, pera que não vejaõ, nem entendaõ q̄ sendo sò hũa a morte, sobre este salto haviaõ de andar sêpre os olhos, & sobre o acerto deste alvo sêpre os cuidados, sempre os disvellos, & sempre os pensamentos. Mas ay que virã a morte, & se tantas culpas, & peccados não cessãõ, ao saltarmos da morte este barranco, porque não fazemos pè atraz em vida, cabiremos embaixo, & ao atirar do alvo, por nunca nos enfayarmos em acertallo, irseha o lume dos olhos, & perdido o ponto, & a mira, erraremos o tiro, & de huma sò vez ficaremos perdidos pera sempre.

§. II.

7. **M**A S se nos não convence pera a emmenda da vida a circumstancia terrivel de ser

fer huma sò a morte, ponderai por diante a incerteza della, & na consideração de que não sabeis quando será, vereis quanto he pera temer, & tremer a incerteza deste Quando. Todos sabemos que havemos de morrer, & que ha de ser huma sò vez, mas o Quando desta morte ninguem o sabe, *Nescitis diē, neque horam*, diz o mesmo Christo, sabemos que havemos de morrer, mas daqui a quantos annos não sabemos, *Nescitis*, daqui a quantos mezes não sabemos, *Nescitis*, da qui a quantos, dias, ou a quantas horas, não o sabemos, *Nescitis*. E esta incerteza da morte com que vivemos, este não sei quando morrerei, he o attributo da morte mais tremendo, & rigoroso. Que ferida que mais atromente a alma, que esperar o mal, & não lhe saber a hora? Que golpe que mais afflija, & derrote hum coração, que na certeza de que hei de padecer o tormento, ser incerto o Quando? Fez Samsão aos Philis-

theus grandes danos; matou a muitos, roubou-os, assolou-os. Fizeraõ elles estranhas diligencias por haverem a Samsão às mãos, & o matarem, & conseguindo os intentos, tanto que tiverão em seu poder a Samsão, diz o Texto, que tirandolhe os olhos o deixaraõ vivo, *Eruerunt oculos ejus, & duxerunt Gazam vincitum catenis*. Vivo Samsão! Quem tal cuidara! Se Samsão matou a tantos Philistheus, & os Philistheus, por se vingarem de Samsão, nenhuma couza dezejavão mais, que consumirem, & matarem, & tirar do mundo a Samsão, porque não mataõ agora os Philistheus a Samsão, mas o deixão vivo? Sabem porque? Porque quizerãõ dar em Samsão o mayor golpe, & a mayor ferida, & mais atravessado, & mais ferido ficava Samsão vivo entre seus inimigos, do que se o mata-raõ. Morto Samsão ficava com a vida perdida: vivo entre seus inimigos ficava com a vida incerta, & sem

Indic.
16. 21.

saber o Quando chegaria a morte, & o mayor golpe, & a mayor ferida, não he a certeza com que a vida se perde, he a incerteza com que a morte se espera. O mesmo Samsão o julgou affi. Depois que lhe crescerão os cabellos fesse levar ao Templo, & cheyo o Templo de Philistheus, abraçasse com duas colunas, dà dous abanos, derruba o Templo, & cahindo sobre todos a machina, fica com os Philistheus Samsão sepultado no seu triumpho, *Cecidit domus super omnes*. Pois Samsão que temeridade, & que ar-rojo he esse? Se podeis con-servar a vida, quereis mor-rer sepultado nessa ruina? Sim, diz Samsão, que mor-rendo eu agora, & toman-do a morte por minhas mãos, fei que morro, & não morrédo agora, mas ficando vivo entre estes Philistheus não fei quando me hão de matar, & porque a morte he mais cruel ignorada, do que sabida, escolho antes o morrer sabendoa, do que vi-

ver ignorandoa: golpe por golpe, & ferida por ferida, antes a morte certa, que a duvidoza, *Cecidit domus su-per omnes*.

8 E a rezão porque a morte duvidoza, & a morte incerta he mais cruel do que a morte sabida he muito clara; porque a morte certa, & sabida sò huma vez mata; a morte incerta, & ignora-da, mata todos os dias. Co-mo em cada hora pode vir a morte, como pode chegar em cada instante, na suspen-são do Quando fera, em to-das as horas martyriza, & em todos os instantes mata. E este devia de ser o senti-mento com que a discreta Thecutes disse a ElRey David, *Omnes morimur, & quasi aquae dilabimur in ter-ram*. Todos morremos, & cahimos como agoa na ter-ra. Se Thecutes diffiera de futuro que todos havíamos de morrer, não tinha duvi-da esta verdade; mas que diga de presente que já todos morremos, *Omnes morimur*, se estamos ainda vivos, co-mo

Ibi. n.
3o.

2. Reg.
14. 14.

mo já morremos? Andamos em pé, & já cahimos como agoa em terra, *Et quasi aqua dilabimur in terram?* Vivo hoje, & vivirei a minhã, & já desde hoje athe à minhã ando morto, *Omnes morimur?* Sim, diz Thecutes, já cahis andando em pé, & já morreis andando ainda vivos, porque a incerteza de quando será a queda, faz a cada passo cahir, & a suspensão, & temor de quando chegarà a ultima hora faz a cada hora morrer, *Omnes morimur.* Cahimos a cada passo, & morremos a cada hora, porque a cada passo tira a vida a incerteza da queda, & a cada hora mata o Quando não sabido da morte, *Omnes morimur.*

9 Mas sendo isto assi na opinião de Thecutes, como pode ser isto? Argumento assi agora. A vida dos homens he huma sò vida, & se he huma sò, como podem morrer muitas vezes os homens? A vida ha de ser huma sò, & nesta sò vida as mortes podem ser muitas?

Sim, que essa he a propriedade oculta, & notavel com que atromenta a incerteza da morte. Aquelle não sei Quando, vai em huma vida multiplicando mil mortes. Assi vos mata hoje com a sua incerteza a morte, que vos deixa ainda vivos pera vos matar todas as horas. Essa differença vai da hora da morte sabida à hora da morte ignorada, que a hora da morte sabida sò huma vida tira, & a hora da morte ignorada tira em huma vida a mil vidas. Assi o experimentou aquelle homem que primeiro que todos vio diante dos olhos a morte. Mata Cahim a seu Irmão Abel, & sendo o primeiro que vio a morte diante dos olhos, assi a ficou temendo, & receando dalli por diante, que em cada hora, & em cada instante julgava Cahim que morria. *Omnis, qui inven-* Genes.
rit me, occidet me, dizia Ca- 4. 14.
him a Deos. Senhor, daqui em diante todo aquelle que me achar me ha de matar. Pois como assi? Se a vida de

de Cahim era hũa sò, como havião todos de matar a Cahim? O primeiro que achasse a Cahim, se o matasse, quando viesse o segundo já não acharia vida que tirar-lhe; pois se morto Cahim pello primeiro já lhe não ficava vida pera entregar ao segundo, como diz Cahim que pera morrer às mãos de todos tem vida, *Omnis, qui invenerit me, occidet me?* Sabem porque assi o disse? Por que essa differença vai do saber a não saber a hora da morte; que quem sabe a hora da morte, tem huma sò vida pera dar à morte, & quem não sabe quando ha de morrer padesse muitas mortes em huma vida. E como Cahim depois de matar ao Irmão ignorava o dia, & a hora de quando tambem morreria, na ignorancia da morte morria de temor a cada hora, & tendo hũa sò vida pera o matar Lamec certamente, na incerteza cõ q̃ esperava a morte hia perdendo mil vidas em huma vida, & sem morrer a mãos

de todos continuamente morria, *Omnis, qui invenerit me, occidet me.*

10 Tanto atromenta a incerteza daquelle Quando, tanto o terrivel attributo do não sei o lugar, nem a hora, nem o estado em que morrerei. Mas qual será a rezão, porque sendo Deos tão piedozo, permite, q̃ suas creaturas vivão tão suspensas, & atromentadas na ignorancia, & incerteza continua da sua morte? Senhor, porque permitistes em vossas creaturas huma ignorancia, & incerteza tão penosa? Assi como lhe dicestes que hão de morrer, porque não lhe revellastes a hora em que havião de morrer? Parece rigor, & não foy se não piedade, parece justiça, & foy providencia. Sabeis porque sendo Deos tão piedozo, & infinitamente bom, ordenou sua providência que todos ignorassem o tempo, a hora, & o Quando da sua morte? Assi o ordenou, porq̃ incerta a morte, & ignorada a hora vivemos sempre, diz o grande

Padre

Padre Tertulliano, cu' da-
dozos do que ignoramos, &
temendo em cada dia, o que
em cada dia esperamos, *Ut*
pendula expectatione sollicitu-
do fidei probetur, semper diem
observans, dum semper igno-
rat, quotidie timens, quod quo-
tidie sperat. Ou quis Deos q̄
a hora da morte a ignorasê
todos, diz S. Gregorio, pera
que nas duvidas, & sospeitas
de que pode chegar em ca-
da hora, vivamos sempre
vigiano sobre o que não
prevemos, & preparados
sempre pera quando vier a
morte, *Heram ultimam Do-*
minus noster idcirco voluit
nobis esse incognitam, ut sem-
per possit esse suspecta, ut dum
illam providere non possu-
mus, ad illam sine intermissio-
ne praparemur. O Deos no
metmo que foy castigo, in-
finitamente bom, & no mel-
mo, que parece o mayor ri-
gor, infinitamente piedozol
Senão dizeime.

II Se os homens sou-
berem quanto tẽpo havião
de viver, & a hora em que
havião de morrer, que havia

de ser dos homens? Se eu
sabendo que posso morrer
hoje, me atrevo a offender
a Deos hoje, se eu soubesse
que não havia de morrer fe-
nã de hoje a quarenta an-
nos, como não offenderia a
Deos pello menos os trinta,
& nove? De certos homens
conta a Escritura que tendo
pera si havião de morrer a
menhã, hoje se convidavão
ao viciozo, a regalado, &
ao seguir os appetites, *Come-*
damus, & bibamus, dizião
elles, *Cras enim moriemur.*
Pois hoje apos os appetites,
havêdo de morrer à menhã,
Cras enim moriemur? E que
seria se hoje fosse mais atras
quarenta annos? Catholicos,
he altissima providencia de
Deos não saberem os ho-
mens o Onde, né o Quando
da sua morte. Se muitos sa-
bendo que podem morrer
na caza do jogo, vão a offen-
der a Deos na caza do jogo,
se soubessem que não ha-
vião de morrer nella, que
farião? Se muitos, [õ prou-
vera a Deos que não fora as-
sim.] Se muitos sabendo que
podem

Tertul.
de Ani.
c. 33.

S. Gre-
gor.
hum.
13. in.
Evang.

Isay.
22. 13.

podem morrer no mesmo tempo em que estão com a ocazião das portas adentro, se atrevem a offender a Deos com tanto escandalo, se foubessem que não havião de morrer naquelle tempo, que farião? Se o onzeneiro, se o avarento, se o que não restitue o alheo, se o envejozo, & se o homicida sabendo que podem morrer na mesma ocazião em que estão pecando, ainda allí se atrevem a pecar, & a mais pecar, se foubessem que não havião de morrer na quella ocazião, que farião? Seja pois por altissima providencia ignorada a hora da morte, diz D. os, *Nescitis diem, neque horam*, pera que entre os receyos da sua vinda, & suspensões da sua chegada vivamos em todo o tempo acautellados, & pera aquella hora incerta preparados em toda a hora, *Ut dum illam praevidere non possumus, ad illam sine intermissione praeparemur*.

12 Oh preparemonos, Catholicos, em toda a hora

pera esta hora. He incerta a morte, pera que contra o golpe tremendo da sua incerteza tragamos sempre abraçado o escudo da boa vida. Contra o inimigo certo, & conhecido, basta talvez andar armado húa hora; contra o inimigo incerto, & occulto, he necessario em toda a hora trazer affacallada a espada. Eu não duvido q̄ em toda a hora, que vos afalte a morte, vos podeis salvar; porque em toda a hora está Deos aparelhado pera receber a todos com os braços de sua misericordia abertos; mas tambem não me podeis negar, que se sempre estão abertos, nem sempre abração a todos. Na Cruz tinha Christo os braços bem abertos, & deixando os muitos que então se cõdenarão, dos dous Ladroens q̄ tinha aos lados, & bem junto de si, Dimas salvou se, & Eggestas perdeu se. Pois se Christo tem os braços abertos pera todos, como se salva hum, & como se condena o outro? He porque ainda que tem

os braços abertos pera todos, nem sempre abraço a todos. Vai muito de abraçar a ter os braços abertos; quem abraça necessariamente se chega, & poem perto da quelle a quem abraça; quem tem os braços abertos pode estar longe de vós, & mui distante. Se quereis que Christo sò tenha os braços abertos pera vós, bem podeis andar de longe; se quereis que Christo vos abraçasse haveisvos de chegar ao perto. Querer andar com a vida muito ao largo, & longe de Deos, sem os temores da morte, sem nenhuns receyos daquella hora, & no fim querer que Deos me abraçe, he engano. Deos, quando vê a hora da morte, julga a cada hum conforme

os merecimentos de cada hum: se vos acha em graça abraçavos, & davos o Ceo, se vos acha em pecado abraçavos, & mandavos pera o Inferno. E quem disse aos que andão em Pecado, que a morte incerta os não levarà no mesmo pecado? Quem lhe assegurou a vida pera o arrependimento? Quem lhe assegurou os annos pera a emmenda? Oh pello amor de Deos entendamos isto! Cautella, emmêda, reforma de costumes, preparação pera amorte, que se a nossa vida he, & deve ser hum continuo ensayo pera bem representar o papel da morte, quem sempre andar perdido no ensayo, como se não ha de perder no theatro! &c.





STROMA XXIII.

TRES FINEZAS DO AMOR
de Christo na Última Ceas
mais finas.

§. I.

C Riou Deos o mundo, & no ultimo dia em que formou ao homem, explicou as mayores obras do seu poder. Remio Deos o mundo, & no ultimo dia da redépção explicou tambem as mayores obras do seu amor. Obrar, & amar, seguem o mesmo rumo, ou porque tanto se ama, quanto se obra, ou porque assi como nas obras a ultima mão he a mais perfeita, assi no amor as ultimas finezas são as mais finas. Não digo que Christo nos

amou mais no fim da vida, que no primeiro instante de sua Encarnação, porq̃ sempre o seu amor em quanto homem foy perfeitissimo, & o perfeitissimo não pode melhorar; & sempre o seu amor, em quanto Deos, foy infinito, & o que he infinito não pode crescer. Sò digo que sendo o amor de Christo sempre o mesmo quanto à intenção; quanto aos effectos, & ao que se deixou ver por fora, no fim da vida se explicou mayor, mais excessivo, & mais fino. O que aſentado como verdadeiro, pergunto eu agora, & per-

perguntareis vós; se no fim da vida, quanto aos effectos, se explicarão por mayores as finezas do amor de Christo, quais forão entã as mayores? Forão muitas, mas as mais explicadas forão tres. Falla o Evangelista S. Ioão do amor de Christo na ultima Ceia, & fim de sua vida, & diz assim. *Ante diem festum Paschæ sciens IESUS, quia venit hora ejus, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Antes do dia da festa da Paschoa, como já Christo amasse aos seus, sabendo que agora estava pera morrer, amou pera sempre aos homens. Reparai no Antes, *Ante diem*; reparai no Agora, *Quia venit hora*; reparai no Pera sempre, *In finem*. Pois se Christo naquella ultimo da vida com tantas, & tão superiores finezas amou aos seus, que não acabaõ os Santos de numerallas, & encarecellas, porq̃ as primeiro, & mais claramente explicadas hã de ser o Antes, *Ante diem*, o Agora, *Quia venit*

hora, & o Pera sempre, *In finem*? Sabem porque? Porque bem era fossem as primeiro contadas aquellas finezas, que entre as sem conto forão as primeiras; & por que aquelle Antes do amor de Christo, *Ante diem*, & porque aquelle Agora do seu amor, *Quia venit hora*, & porque aquelle Pera sempre das suas finezas, *In finem*, forão as tres circumstancias que naquella hora mais subirão de ponto no amor divino, ellas sejaõ, diz o Evangelista as primeiro advertidas, já que ellas forão entre as mais as primeiras. Começemos pello Antes, *Ante diem*.

2 Esta palavra Antes, *Ante diem*, ou signifique aquelle amor, que Christo, em quanto Deos, teve aos homens desde o Antes da Eternidade, ou signifique o amor que em quanto homẽ nos teve desde o primeiro instante de sua Encarnação, sempre naquelle Antes nos quis advertir o Evangelista soubessemos, que fora tal, &

tão grande o amor de Christo, q̄ antes de nós o amamos a elle, elle nos amou a nós, *Ante diem, cum dilexisset.* O amor nesta circumstancia finissimo! He certo, como consta do sagrado Texto em diversos lugares, que Ionathas amava mais a David, do que David a Ionathas. Mas o mais fino deste amor onde se vio, ou em que acção se explicou? Em hum Antes. Nunca a Escritura nos declarou com mais encarecimento o amor de Ionathas pera com David, que quando disse, que as almas destes dous Amigos erão huma sò em dous corpos, *conglutinata est anima Ionathæ animæ David.* Mas nesta vnião de almas porq̄ foy a de Ionathas a mais amante? Porque Ionathas se vnió primeiro a David, do que David a Ionathas; Ionathas antecipou o amor, diz o Texto, *Anima Ionathæ conglutinata est,* David pospollo, *Anima David;* Ionathas amou primeiro, & Antes, *Anima Ionathæ.* David der-

radeiro, & depois, *Anima David;* & porque no amor o antecipado he o mayor a amor, & o amar Antes a mayor fineza; porque Ionathas amou antecipado, foy o seu amor o mais aplaudido; por que amou a David Antes q̄ David a elle, foy o seu amor o mais fino, *Anima Ionathæ conglutinata est anima David.*

3 E esta fineza de amor, este ser o primeiro, & antecipado no amar, foy aquelle Antes que Christo mais louvou, & aprovou no amor da Magdalena. Muitas, & grandes finezas obrou a Magdalena em obsequios, & satisfaçoens do amor de Christo; mas quãdo a Magdalena em caza de Simão, quebrado o alabastro, vngio a Christo, então lhe assegurou o Senhor, & affirmou, que aquella fineza, aquella, seria no mundo a mais louvada, porque seria por todo o mundo a fallada, a encarecida, *Ubi cumque predicatum fuerit Evangelium istud in uniuerso mundo, & quod fecit*

Marc.
14 9.
hæc

1. Reg.
18. 1.

hæc, narrabitur in memoriam ejus. Pois esta vñção, esta fineza de agora, porque entre tantas outras vñçoens, & finezas da Magdalena, ha de ser a mais louvada no mundo, a mais fallada, a mais encarecida? O mesmo Christo, que conheceu o superior da fineza, deu a rezão della. Sabeis, diz Christo, porque me vnge, & faz agora a Magdalena esta fineza? Porque como no dia da minha sepultura me não pode vngir, o que aõ depois não podia executar, quis obrallo Antes, *Quod habuit hæc, fecit: prævenit vngere corpus meum in sepulturam;* & como nas aççoens do amor as antecipadas, *Prævenit,* como as finezas que levão o Antes com siço, & o prevenido, *Prævenit,* são as aççoens, & as finezas mais finas, esta vñção, esta fineza, diz Christo, he por prevenida a mais louvavel, & será sempre no mundo pello seu antes a mais fallada, & entre todas a mais encarecida, *Prævenit vngere. Narrabitur in me-*

moriam.

4. E eu tenho pera mim, que este antes no amar bem entendido, he todo o mimo, & delicias do amor. Ninguem entendeu que couza era amar verdadeiramente athe o mais fino, se não Christo. Amounos Christo, & sò elle athe o mais fino nos amou; & este amor o mais fino, que he o mimo dos amores, esta fineza mais delgada, que he a delicia das finezas, em que consistirão? O mais fino, o mimo do seu amor; pos Christo no Antes com que nos amou: o mais delgado, as delicias do seu querer, pos Christo no Antes com que nos quis. Antes de Christo nacer era já taõ grande o amor que tinha aos homens em quanto Verbo, que diz assim por Salamão, *Delicia mea esse cum filiis Prov. hominum;* o mimo, & as de- 8 31.
licias do meu amor são o fazerme homem, & estar com os homens. E porque chama Christo o mimo, & as delicias do seu amor, ao seu mesmo amor antes de nacer?

cer? Porque no amar Antes está do amor o mimo, no Antes do querer bem estão do bem querer as delicias, *Deliciae meae esse cum filiis hominum*. Não sei que tem hum amo Antes, que me amem, que aquelle antes subtiliza, & a delgaça de tal sorte o amor, que se eu amei Antes, o mimo do amor he o meu amor, & se antes de fer querido, eu fui o q̄ quis, as delicias do querer he o meu querer, *Deliciae meae esse cum filiis hominum*.

E Se o Antes no amar assengrandesse, exalta, & subtiliza á todo o amor, na Magestade do Filho de Deos aquelle antes do seu amor, *Ante diem*, que será? He possível, Senhor, que sendo vós o Creator, & nós humas viis creaturas, vós sejais o que amais primeiro, *Ante diem*? He crível, Senhor, que sendo vós o Senhor, & nós os escravos, vós sejais o que a-

mais Antes, *Ante diem*? *O gratiam, ò amoris vim*, diz admirado aqui S. Bernardo, ò graça, ò forcejar do amor! *Summus omnium factus est omnium*; temos ao mayor de todos feito de todos, & buscando a todos! Mas quem obrou tal excessõ, continua em admirarse Bernardo, *Quis fecit hoc?* O amor, diz, que nem em grandezas de quem ama, nem na propria dignidade repara, *Amor dignitatis nescius*. Mas que couza mais violenta, *Quid violentius?* Triumpha em fim do mesmo Deos o amor, conclue a sua admiração Bernardo, *Triumphat de Deo amor*. É na verdade que couza mais pera admirar, que este triumpho do amor! O summo, & o mayor de todos, *Summus omnium*, feito de todos buscando a todos, *Factus est omnium*! Que me busque amim quem he abaixo de mim, & menos que eu, assi o pede a rezão; mas que quem he muito mais que eu, & sem comparação sobre mim, me venha a bus-

S. Bernard. in
Cant.
ser. 64.

car a mim, he affombro! Que eu busque a Christo pera o servir, & amar, sendo eu creatura, & feitura sua, he da minha obrigação a justiça; mas que Christo, Antes que eu o busque, sendo elle o que me fez, & creou; me ame, & busque amim primeiro, he do seu amor a admiração! E he tão grande, & admiravel esta mesma admiração, que sobre este ponto se pôs Pedro na ultima Cea em pontos notaveis cõ o mesmo Christo.

6 Busca Christo na ultima Cea a Pedro pera lhe lavar os pès, *Venit ad Simonem Petrum*, & vendo Pedro que Christo o buscava, admirado lhe disse assim, *Domine, tu mihi lavas pedes!* Senhor, vòs buscandome amim, & pera lavar-me os pès! Como se Pedro differa: Vede, Senhor, o que fazeis, que não permittirei tal excessõ, *Non lavabis.* A vossa grandeza, Senhor, buscandome primeiro amim? A vossa Magestade aos pès de Pedro? E que ha de dizer

quem tal vir! Senhor, eu admirome do que vejo, *Domine, tu mihi lavas pedes!* Mas, ah Pedro admirado, diz Christo, que pouco entêdes ainda das admirações do amor; *Quod ego facio, tu nescis*, tu não alcanças estes excessos: Estàs admirado, Pedro, de que eu, sendo eu, te busque ati primeiro; E eu, sendo eu, busqueite primeiro pera admirarte. Se tu creatur, & se tu escravo, lançado a meus pès, me buscastes amim primeiro, que faganha de amor era essa? Eu o Senhor teu, eu o Creador teu, lançado primeiro por amor de ti aos pès de ti, esse he o amor admiravel, *Domine tu mihi!* Ah meu Jesus, meu Creador, & Senhor, lançado primeiro, que eu, & Antes q̃ eu, aos pès de mim por amor de mim, quanto ignora, Senhor, quem não entende, que esse buscar primeiro, esse amar. Antes, he o buscar, & he o amar que admira. A verdade he, fiéis, que sò ama admiravelmente quem assi ama. Antes no

mesmo amor, se bem se penetrar qual he o puro, o limpo, & o verdadeiro amor, sem duvida se ha de ver, que o amar puro, & limpo, he o amar primeiro, & o amor verdadeiro o que ama Antes. E a rezaõ he, porque se bem advertimos, quem ama, porque o amaraõ primeiro, ou quem ama depois de se ver buscado, & amado, já ama por obrigação, ou por duvida; mas quem ama Antes de o amarem, quem ama primeiro, & antes que outro amor o obrigue, esse amor he o puro amor, esse o limpo, esse o verdadeiro. Notai isto no mesmo passo.

7. Lava Christo os pès a seus Discipulos, & diz São João do amor de Christo neste passo, & nesta hora, q̃ o seu amor fora amor sò amor, todo limpo de obrigaçoens, & de dividas, emfim amor, & mais amor, *Cum dilexisset, dilexit*. Lavados os pès aos Discipulos, diz Christo a todos estas notaveis palavras. Discipulos meus, eu vosso Senhor, &

eu vosso Mestre laveivos os pès agora; pois agora sabeis, que daqui em diante sois vòs obrigados a lavar os pès huns aos outros, *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. Notai, que a mesma acção de amor, o mesmo lavar de pès, em Christo foi amor, & mais amor, *Cum dilexisset, dilexit*; & nos Discipulos, diz Christo, que o lavarem-se os pès havia de ser obrigação; & divida. *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. Pois nos Apostolos o lavarem-se os pès ha de ser divida, *Et vos debetis*; & o mesmo lavar os pès em Christo ha de ser amor, & mais amor, *Cum dilexisset, dilexit*? Sim; & porque? Porque esta acção de amor, este lavar, Christo a executou primeiro, & Antes que os Apostolos; & os Apostolos a exemplos de Christo, por lhe obedecerem a havião de executar depois; & se lavar depois q̃ me lavaõ, & se amar depois que me amão, não he amor, mas obrigação, & divida, *Et vos debetis*; lavar como

Ioann.
13. 14.

Joann.
13. 14.

como Christo Antes q̄ me lavem, amar como Christo primeiro que me amem, & que outro amor me obrigue, effe he o amor sò amor. o amor todo amor, *Cum dilexisset, dilexit.*

8 E daqui se segue agora huma consequencia tão verdade-ra, como notavel, & he, que neste mundo não ha verdadeiro amor, & que sò Christo nós amou verdadeiramente. De dous modos, & não mais, acho que se ama no mundo; ou os homens amão pera q̄ os amem, ou amão porque já os amão: se amão pera q̄ os amem, não he amor, he interesse; se amão porque já os amão, não he amor, he obrigação. Por isso Platão, & mais Plutarcho, ambos grandes Philosophos, diffinindo o amor do mundo, differão que o amor era semelhante à Hera, *Amor est instar hederæ.* E a Hera como ama? Ou ama por interesse, ou ama por obrigação. Encostase a Hera ao feu tronco, & em apertados abraços se une toda

em amor com elle; mas porque? Pello interesse do que chupa do tronco, & do que come. Sobee a Hera pella parede assima, & em laços de amor prendendoa, allí aprende, porque lhe não fuja, & allí não quer, que lhe fuja, porque a ama; mas porque ama? Pella obrigação em que a poem a parede fazendolhe costas pera subir aos telhados, ou servindolhe de arrimo pera não cahi no chão. Pois eis aqui todo o amor deste mundo; ou todo interesse; ou toda obrigação; Hera no tronco, Hera na parede, *Amor est instar deberæ.* Agora mataivos là por quem là vos ama, quando verdadeiramente ninguem vos ama. Dizem, que vos amão, mas essas Heras abraçamos pellos interesses da vossa caza, da vossa valia, do vosso poder, em fim pello que chupaõ do tronco. Dizem, que vos amão, mas essas Heras enlaçamse, & prendemse com vosco pella obrigação em que actualmente

Plat.
Plat.

as pondez, ou fazendolhes costas pera que subão por vòs ao mais alto da caza, ou porque o voffo arrimo, sendo de pedra, & cal, he firme, he constante, he seguro; & em fim o que parece amor das Heras, vem a ser obrigaçoens à parede.

9 E temos o amor deste mundo, ou todo obrigação, ou todo interesse, & por isso não temos amor. O se assi o conhecessemos, pera que este, a que sem rezão chamamos amor, nos não tapasse os olhos, & trouxesse tão cegos como andamos. O se acabassemos de entender, que sò Christo nos amou verdadeiramente, porque fino sem interesses, & amante não obrigado: sem interesses, porque antes de todo o nosso amor, elle nos buscou, & amou pera nos fazer a nós as merces: não sendo obrigado, porque nem elle o podia ser, nem nós creaturas suas o podiamos pôr em obrigaçoens. Mas assi nos amou, Antes de nós o amarmos,

sem entereffes, sem obrigaçoens, porque sò no Antes de tudo isto, estava o puro, o verdadeiro, o mais fino, & admiravel do seu amor. *Ante diem. Cum dilexisset.*

§. III.

10 **A** Segunda circumf-tancia, que na ultima Cea declarou grande, & manifestou extremado o amor de Christo, foy a circumf-tancia daquelle Agora, *Quia venit hora.* Notavel circumf-tancia, & que muito encarece o amor de Christo. Que hora era aquella, & que Agora? Era aquella a hora, & o Agora, em que o odio dos homens mais azezo, & abraçado, fulminava em Jerusaleem contra Christo a morte mais crua, & afrontoza. E que na hora em q̄ mais arde o odio dos homês, o amor de Christo pera com os homens não se esfrie! Que no Agora em que os homens pretendem beber o sangue ao Author da vida, nesse Agora os ame,

&

& queira ter por amigos aos que lhe bebem o sangue! O fogo de amor immenso, pois na mesma hora, em que os agravos crescem a diluyios, mais se acende o fogo, & vão crescendo os incendios! Este amor sim, que na hora em q̄ mais o offendem, & agravao, nem se espinha offendido, nem se esfria agravado. Aparece Deos a Moyses entre os espinhos de hũa Sarça abrazado, & ardendo em fogo, *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi*. Que he isto Senhor? Vòs entre espinhos offendido, *De medio rubi*, & em amor abrazado, *In flamma ignis*? Vòs entre mil piques agravado, *De medio rubi*, & em fogo de amor ardendo, *In flamma ignis*? Sim, diz Deos, que se os espinhos me esfiraão, seria tibieza, mas entre espinhos arder, esse he o meu amor, se agravado n.õ me abrazara, seria arrependimento, mas crescendo os agravos, augmentarem se os incendios, essa he a minha fineza, *De medio rubi, in flam-*

ma ignis. Sempre foy fraca aquella luz, quem escurefeteraõ as sombras, sempre foy valente aquelloutra quem naõ eclypsou muita nuvem. Naõ he activo o fogo, aquẽ apaga a agoa; aquelle he o activo, quem naõ apaga hũ mar. Arder, & desfayar no amor às primeiras nuvens de offendido, ò fraqueza! Arder, & perseverar nos incendios entre hum diluvio de agravos, ò valentia! He taõ grande valentia esta, q̄ puxa por todo o valor, & por todas as forças do amar. Amar quando me naõ offendem, naõ he necessario fazer muita força; mas na hora, em que mais me offendem, & em que mais me agravão, amar; he amar a todo o valor.

II. Nesta hora, em que Christo amou aos que o agravavão, nota o Evangelista, & quer que notemos nòs, que todo o poder de Deos tinha Christo naquella hora nas suas mãos, & que elle sabia que o tinha, *Sciens quia Pater in ma-*
 nus. E esta advertencia ago-

Exod.
3. 2.

ra de tanto poder, & valor em Christo, pera que he? Porque rezão ha agora de explicar-se o amor de Christo com todo o poder nas mãos, pello amor mais valente, & poderoso, *Omnia dedit ei Pater in manus?* Sabem porq? Porque Christo vendo nesta hora, & sabendo, que os homens a estavam agravando, & offendendo, *Siens*, na mesma hora meteu as mãos na agoa, & lavou os pés a seus Discipulos, *Misit aquam in pelvum, & cepit lavare pedes Discipulorum.* E quem via nesta hora, & sabia, que o agravavão, padecia os agravos, & quem na mesma hora metia as mãos na agoa, abrazavase; & que na hora em que padecia os agravos, aquelle amor se abrazasse, he amor có toda a valentia do amar, *Omnia dedit ei Pater in manus.*

12 E cresce o valor do amar, se pode crescer, na consideração dos que offendião o mesmo amor. Não erão estranhos os q o offendião,

era Judas, era o povo Hebreo, que erão os mais favorecidos, & os mais de caza. E que os mais de caza, & q os mais favorecidos, me agravem, me offendao, me tirem a vida! Não sei onde haverà amor, que isto soffra sem desmayar no valor. Entre a Miada dos seus males he couza notavel, que nunca Iob se queixasse de seus inimigos, & dos Amigos sim. Teve valor pera soffrer sem queixarse aos Sabeos, & aos Caldeos, que o roubarão; teve valor que he mais, pera não repor palavra contra o Demonio, em que mostrasse sentia tello reduzido todo inteiro a huma chaga viva. Chegão os Amigos de Iob, não pera o consolarem, mas pera o affligirem, eis Iob desfazendose em queixas, eis o seu valor desmayado, & cahido, *Usque-quo Iob. 19. affligitis animam meam, & 2. atteritis me sermonibus?* Pois que he isto o Iob, o exemplo do valor, & da paciencia? Sofreis sem queixas dos vossos adversarios, & do mesmo

mo Demonio, as mayores lançadas, & as mayores afrontas, & a quatro palavras picâtes dos vossos Amigos, eis o valor cahido, eis vós sentido pella alma, *Usquequo affligitis animam meam?* Sim, diz Iob; que à vista das leys da amizade quebradas, não ha alma, ainda a mais inteira, q̄ se não quebre, *Tunc demum utique turbatus est ille vir maximus, ille fortissimus*, disse neste passo S. Ião Chrysostomo. Que me ofendaõ os estranhos, & os de fora, diz Iob, paciencia, & callar; mas que os de dentro, & do meu cevo, me agravem, aqui não ha callar, se não estallar! Que meus inimigos me persigaõ, & me afrontem, diz Iob, tenho coraçãõ pera soffrellõs, & valor pera tolerallos; mas Amigos, & matandome, Amigos, & as leys da amizade todas pera comigo quebradas, aqui delmaya o mais forte coraçãõ, a alma mais valente aqui se quebra; *Tunc demum turbatus est ille vir maximus, ille fortissimus.*

S. Chr.
Hm.
15. in
Mash.

13. E se não ha valor, nem paciência, ainda no mais alentado coraçãõ, *Ille fortissimus*, pera soffrer afrontas dos de caza, & agravos dos Amigos, & dos do cevo, õ quanto cresce nesta circumstância o valor daquelle amar com que Christo nos amou! Que agravos não fez Iudas a Christo sendo do cevo? Que pecados, que sacrilegios, & que afrontas não cometeraõ contra elle os Summos Sacerdotes, os Escribas, & Farizeos, sendo os mais de caza? E que na hora, em que os do cevo assi o agravavaõ, fosse taõ generoso o seu amor, que os não lançasse do cevo! Que no Agora, em que os mimozos, & os de caza, assi o offendiaõ, o seu amor fosse taõ valente, & esforçado amor, que a estes mesmos não desfallecesse hum ponto em os amar; ora nesta circumstancia se mostrou o amor nos effeitos taõ crescido, & avantejado no valor do amar, que a este amor, por mais valente, deu o mesmo Christo a palma dos

Zach.
13 6.

dos seus amores. Pasmado o Ceo, & affombrados os mesmos Anjos perguntão a Christo, diz o Propheta Zacharias, *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* Dizeinos, Senhor, que golpes, que feridas, & que chagas são essas no meyo das vossas mãos? Respondeu o Senhor; *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me:* estes golpes no meyo das minhas mãos, estas feridas, & estas chagas me fizeram os do meu ceo, os de minha casa. Pois as chagas, que fazem os de caza; pois os golpes, pois as feridas, que fazem os do ceo, no meyo das mãos de Christo se háo de gravar, & abrir, *In medio manuum?* Sim, q̄ quis Christo dar a palma dos seus amores a este amor. O meyo das mãos são as palmas, os de caza abrirão as chagas, o amor sofreu-as, & amou; & porque amara os de caza, ainda quando me ferem, & offendem, he o amar mais valente, este mais valente amor, diz Christo, ande nas

palmas das mãos, porque entre os mais amores este he o amor, que leva a palma, *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum.*

14 Este amor sim, & não o que cá vay pello mundo. Que amor ouve no mundo, por mayor amor, que fosse, que quizesse quando offendido, que amasse quando agravado? O que cá resulta das offensas são abortimentos, & o que cá nasce dos agravos são odios: mas de offensas tirar finezas, & de agravos amor, nem estas finezas, nem este amor são de cá. Mais. Que amor ouve no mundo, que ferido pellos de caza, chagado, & afrontado pellos do ceo, não desmayasse no valor, não desfalestesse nos brios, não se acabasse? O mais cantado, o mais celebrado amor do mundo, foy o da Princeza do Egypto com Salamão. E este amor o mais celebre, que fazia? Bate Salamão huma hora às portas da Sunamitis, *Aperi mibi soror mea sponsa;* & ella que respon-

2. 2.
11.
12.
13.

Cant.
5. 2.

respondeu? *Lavi pedes meos,*
quomodo inquinabo illos? Ide-
 vos embora, Espozo, que le-
 vantarme pera vos ir buscar,
 & abrir, ha de custarme pas-
 sos, & talvez aos pès algum
 espinho, & querervos custã-
 dome, & amarvos havendo
 de molestar os pès, & picar-
 me, não pode ser, *Quomodo*
inquinabo illos? Eis aqui os
 grandes amores do mundo:
 se for necessario pera amar
 pizar com os pès hum espi-
 nho, *Lavi pedes meos,* logo
 o amor se espinha, *Quomodo?*
 Ora fiaivos là os Salamoens
 no amor grande das Suna-
 mites, & então vereis como
 por hum sò espinho, & sò
 imaginado, se desmancha
 tudo, & tudo se perde. Mas
 bem empregado, que des-
 manche hum pique, o que
 traz com sigo tantos desmã-
 chos, & que por hum espi-
 nho se perca, o que se não
 logra sem muitos.

15 Perdesse neste mun-
 do o amor por hum espinho,
 & o peor he, que não sò o
 amor do mundo se perde,
 mas o que deviamos a Deos.

Quantos por hum espinho
 deixão de pagar hoje a Deos
 o seu amor! Estã Deos hoje
 amando quem o agrava, &
 eu por hum agravo, & talvez
 sonhado, estou aborressen-
 do quem me ama; ò espi-
 nhos! No mesmo Agora,
 em que tão offendida se ve
 a Magestade de Christo estã
 Christo amando quem
 o offende; & a offensinha,
 que amim me fizerão ha
 mil annos, ainda nesta hora
 estã tão fresca, como se ago-
 ta nacera; ò espinhos! Não
 sò dos de fora, mas dos de
 caza, & do coração, estã
 Deos soffrendo golpes, cha-
 gas, & feridas tão penetran-
 tes, que nenhum outro co-
 coração as poderia soffrer; &
 eu sem por este Deos tão a-
 mante, como soffrido, querer
 tolerar a menor pena, sem-
 pre por nada irado contra
 os de fora, & por menos que
 nada furiozo contra os de
 dentro, ò espinhos! Mas ah
 Judas, que morrerás dezes-
 perado, por conservares nes-
 se peito tanto odio no Ago-
 ra de tanto amor. Por esse
 amor,

amor, Senhor, que Agora le-
vou a palma, porque no A-
gora de mais offendido te-
ve valor pera mais amar, nos
dai praça, & abri os olhos,
pera que posto de parte to-
do odio, agora imitemos
de algum modo, o soberano
Agora desse amor, *Quia ve-
nit hora Dilexit.*

§. IV.

16 **A** Terceira, & vl-
tima circumstan-
cia, que na noite
da Cea assinou, & fez subir
muito de ponto o amor de
Christo, foy a circumstancia
daquelle Sempre, & pera
sempre do seu amor, *In finē,
dilexit.* Amou Christo, &
sempre sem cessar amou, a-
mou, & tambem amou pe-
ra sempre amar, *In finem.* O
sempre admiravel! Sò este
verdadeiramente he o ma-
ravelhozo do amar, amar,
sempre, & pera sempre; a-
mar sempre, porque o amar,
se he maravelhozo, he como
o Sol, sempre abrazado, sem-
pre ardente, amar pera sem-

pre, porque o amor, se he
maravelhozo he qual a Phe-
nix, nunca morre, pera sem-
pre vive. O maravilha! A o
Sacramento da Eucharistia
instituido por Christo nesta
mesma noite da Cea, cha-
mou David Compendio,
ou Cifra das maravilhas do
amor; *Memoriam fecit mira-
bilium suorum, & sciam dedit
timentibus se.* E porque ha
de ser o amor de Christo no
Sacramento naõ sò amor
maravelhozo, mas compen-
dio de maravilhas, *Memo-
riam fecit mirabilium suorum?*
Porque Christo no Sacra-
mento amanos sempre, &
pera sempre; sempre, porque
verdadeiramente nos està a-
mando sempre no Sacramen-
to: pera sempre, porque o
amor do Sacramento, diz o
mesmo Christo, ha de durar
pera sempre, *Vobiscum sum Math.
omnibus diebus usque ad con-
summationem seculi.* E ago-
ra acabo eu de entender a-
quellas palavras de Christo,
& da Igreja, em que o mes-
mo Christo chamou singu-
larmente ao Sacramento a-
mor

*Psalm.
100. §.*

28. 20.

*Ita. Eccle-
fia.* mor novo, & amor Eterno, *Hic est Calix novi, & aterni testamenti.* E porque ha Christo de chamar ao sempre, & pera sempre do amor do Sacramento, amor novo, & amor eterno, *Novi, & aterni?* Por isso mesmo, por que a maravilha daquelle amor era amar alli sempre, & pera sempre; & como o amor, que sempre he novo he amor de sempre, & o amor, q̄ he Eterno he amor pera sempre, pera Christo mostrar que sempre nos amava, disse, que o seu amor era novo, *Novi*; & pera mostrar, que nós havia de amar pera sempre, disse, que era eterno, *& aterni.*

17 Assim ama sempre, & pera sempre, quem he no amar maravilhoso, *Memoriam fecit mirabilium*, Mas quem vio no mundo semelhante amor? Amar sempre, & pera sempre, não he amor deste mundo. Como no mundo em nada ha constancia, & firmeza, se hoje amais, a manhã abortireis: como no mundo, ou pello fragil

do seu vidro, ou pello caduco da sua sustancia, tudo acaba em breve, & dura pouco, amor, que sempre dura não o ha cá. Quando Christo nesta noite nos amou sempre, & pera sempre, *In finem dilexit*, q̄ disse? Disse a seus Discipulos, que elle não era deste mundo, *Ego non sum de hoc mundo.* Pois se Christo nesta noite ainda vivia no mundo, & ainda estava no mundo, como diz, que não era do mundo, *Ego non sum de hoc mundo?* Diz que não era do mundo, porque como nesta mesma noite protestou de amar sempre, & pera sempre, *In finem*, amar sempre, & pera sempre, não he amor de quem vive no mundo, *Ego non sum de hoc mundo.* Se não pergunto?

18 Dizeime os mais destros, & os mais versados nos Annais do amor, quem neste mundo amou sempre, & pera sempre? Amar agora, & dezamar logo, amar de manhã, & abortir de tarde, isto he o que vemos, & experimentamos todos, & seria

*Ioann.
17. 14.*

feria milagre haver no mundo quem amasse hum dia inteiro. Admirado Plinio, de que a flor Gygante, desde que o Sol nasce, athe que se poem, o vâ seguindo sem tirar delle os olhos, a esta fineza chamou milagre, *Heliotropij miraculum Sole se circumagentis*. Haverà flor, qu e ame por espasso de hum dia; mas ferà tão rara essa fineza, que ferà milagre do Gyrafol, *Heliotropij miraculum*. O amor, que se chegais a hum dia fois milagre! Tal he a inconstancia dos homens. Hum dos amores ao parecer mais constante, & mais pera sempre, foy nesta mesma noite o amor de Pedro. Quem nesta noite visse a Pedro protestando engulir mil mortes, antes que deixar de amar, *Si oportuerit me mori tecum, non te negabo*, que diria? Diria, que Pedro por fiel, que Pedro por sempre à ilharga de Christo, que Pedro por tão obrigado, em fim, que Pedro por

Pedro, ou por pedra, constantemente estaria pella palavra. Porem que succedeu? Dentro de poucas horas inconstante Pedro, & infiel, ou pella conveniencia do ver, ou por respeito humanos, ou por temor, ou por tudo junto, negou Pedro, & quebrandose aquella pedra quebra com Christo Pedro, & là vai o amor acabado, *Negavit Petrus*. Ha tal inconstancia em hum amor, *Ioann. 18. 27.* que parecia tão firme! Ha mayor esquecer da quella ilharga, & de tantas obrigaçoens! Ha em fim mais vidro, que o daquella pedra! Ah Pedro! Mas eis ahi esse amor, & semelhantes a esse eis ahi os mais amores, grandes protestaçoens de amar sempre, & o amar sempre he deixar de amar logo; grandes protestaçoens de amar pera sempre, & o amar pera sempre he amar em quanto me fizerem a vontade, em quanto me for conveniente, em quanto me de-

rem,

Math.
26. 35.

rem, em quanto eu não temer, em quanto não ouver respeitos, & por trezentos em quantos.

19 Grande amor o de Jacob pera com Deos; mas bem considerado, tambem os seus pera sempre forão em quantos. Em quanto Deos estiver comigo, dizia Jacob, *Si fuerit Deus meum*, em quanto me guardar, & segurar no meu caminho; *Et custodierit me in via*; em quanto Deos me der de comer, *Et dederit mihi panem*; & em quanto me der de vestir, *Et vestimentum ad induendum*, eu o amarei a elle, & elle será pera mim o meu Senhor, & o meu Deos, *Erit mihi Dominus in Deum*. O elle será meu Deos, & meu Senhor, dependia da quellas condicionais, ou condicoens, *Si fuerit*, se estiver comigo, *Si custodierit*, se me guardar, *Si dederit*, se me der. Pois Jacob, só em quanto Deos estiver com vosco, *Si fuerit*, ha de ser o vosso Deos,

Erit mihi? Sò em quanto vos guardar, *Si custodierit*, ha de ser o vosso amado, *Erit mihi?* Valhame Deos com tanto em quanto! Lêbrame aqui o

Dum fuerit felix multos Ouid.
numerabis amicos,

Tempora si fuerint nubila,
solus eris.

Em quanto fores feliz, diz o advertido Poeta, em quanto a vossa fortuna vos der que dar, & dispender com os amigos, *Dum fueris felix*, tendes Amigos, & muitos Amigos, *Multos numerabis Amicos*: mas se os tempos se nublaem, & o Sol cahindo da sua fortuna não dispender do que luz, & resplandece no mundo, *Tempora si fuerint nubila*; haveis de acharvos sòs, & sem ninguem, *Solus eris*. Não ha neste mundo, tendes Amigos, & sois amado, *Erit mihi*, se não em quanto ouver aquelle em quanto de Jacob, *Si dederit*, se me derem, & isso porque? Porque não ha amor neste mundo, que não seja amor

Y de

Genes.
28. 20.

de em quanto me con-
vier, & servir. Se o tem-
po vai feliz, & tiro do
amor conveniencias, em
quanto as tiro, amo; se
o tempo se nublou, & vai
infeliz o tempo, & o ob-
jecto the então amado, &
adorado, ou descahio, ou
ja me não rende, tambem
eu me não rendo, nem já
adoro, nem amo.

20 Senhor, dizia Pe-
dro a Christo, & os mais
Discipulos por boca de Pe-
dro, Senhor, deixámos
barcos, & redes sò por
vos seguirmos, *Reliquimus*
omnia, & secuti sumus te;
mas que nos havis de
dar, *Quid ergo erit nobis?*
Muitos Discipulos tendes,
Senhor, & muitos Ami-
gos agora; mas com os
olhos no *Quid erit nobis.*
Mudarsehão os tempos,
& eclypsar-seha o Sol, &
então veremos se estas
Estrellas são fixas. Entra
o Senhor pello nublado
de sua paixão, & vendi-
do logo por hum destes
Amigos, todos os outros

o deixaõ, & o dezempa-
rão, *Tunc Discipuli om-*
nes, relicto eo, fugerunt. *Math.*
26. 56.
Pois que he isto Pedro,
& todos? Ainda agora
grandes ilhargas, & gran-
des Amigos, *Secuti su-*
mus te; & logo nenhum
ao lado, todos fugindo,
Relicto eo fugerunt? Mas
ah, que se mudaraõ os
tempos, & là vai o Sol
prezo pera Jerusaleem, *Ma-*
nus injecerunt in IESUM, *Ibi. 50.*
& tenuerunt eum; & eis
ahi o fixo de muitas Es-
trellas, & o constante dos
vossos amores. Em quan-
to ha mãos soltas pera dar,
Quid erit nobis, todos à
ilharga do Sol, *Secuti su-*
mus te; prenderam se as
mãos, & ataram-se as mãos
ao Sol, *Tenuerunt eum,*
nenhum ao lado do pre-
zo, *Omnes fugerunt.* Ah
amor todo de em quan-
tos, diz Seneca: Cuido,
que na prizão virão os
Amigos a desprenderme,
Putas amicum adversus *Senec.*
vincula laturum opem; mas *Ep. 9.*
em eu arrojando a cadeyra,
que

Math.
19. 27.

que succede? Ninguem se arroja por mim, todos me deixão, *Cum primum crepuerit catena, discedet.* Mas he amor este de em quantos, diz o Philoſopho; dura o amor, mas em quanto dura? Em quanto a cauza d'elle, que he a utilidade, não se acaba, *Quæ causa utilitatis assumpta est, tamdiu placebit, quandiu utilis fuerit.*

21 Este he o amor dos homens, este o amor, que vai por cá; mas não assi aquelle sempre amor; & pera sempre; mas por isso maravilhozo amor, por isso amor do Ceo, & não da terra, por isso amor divino, & não humano, *Ego non sum de hoc mundo.* E se divino, quem poderá acabar de o explicar? Eu me empenhei em encarecer este amor, por ser amor de Antes, em o encarecer por ser amor de Agora, & finalmente em o encarecer por ser amor de Sempre, & pera Sempre.

Mas todos estes meus encarecimentos, pera o que era devido à quelle infinito amor, que forão? Tudo forão rudezas, tudo ignorancias. Sei eu que o Apostolo mais amante S. Ioão, & que o mais entendido Apostolo S. Pedro, ignorarão hoje tanto daquelle amor as finezas, que a S. Ioão considerandoas lhes desmayou o juizo, *Recubuit super pe-* Ioann. 21. 20.
ctus, & Pedro, porque quis fallar, não soube o que dizia, *Quod ego facio, tu nescis.* Ioann. 13. 7. E se a Agua de Ioão, & se o entendimento de Pedro assi ignorarão o divino daquellas finezas, quem poderá explicallas, quanto mais encarecellas? O divino, & incomprehensivel amor; não sò quem entende tão pouco de vòs, como eu, mas os mais elevados entendimentos, quando fallamos de vòs, não sabemos o que dizemos; cuidamos, que dizemos finezas, & dizemos ignorancias; que dizemos exageraçoes, & dizemos baixezas, que dize-

mos encarecimentos, & o q̃ dizemos são afrontas do vosso amor, abatimentos, & agravos d'elle. Assim he, offendido, & agravado Senhor, assim he; Quando vos queremos louvar de amante, entra o vosso amor no mayor tormento, porque mais padece elle na tibieza dos nossos affectos, & rude-

za dos nossos discursos, do que a menha padeceu em outros muitos tormentos. Mas estas são as pençoës do amor divino, quando fallão nelle os homens. Vós, Senhor, que são conheceis o vosso amor, o engrandecei, vós o louvai, pois são vós podeis fer o Panogerista de vós mesmo.



STROMA XXIV.

NÃO DESPREZAR OS PEQUE-
nos, porque dos pequenos depen-
dem os grandes.

S. I.

DEpende do povo a nobreza, depêde da nobreza a fidalguia, & da fidalguia dependem os Reys. Não ha mayor, sem menor. Mayor, & menor são duas relaçãoes mutuas, & reciprocas, que posta, ou supposta huma, logo necessariamente resulta a outra. Se pondes nobreza, suppondes povo: Se pondes fidalguia suppondes nobreza: Se pondes Reys, suppondes fidalgos. Eis ahi os homens todos do mundo, huns dependendo dos

outros. Senhores, vòs cuidais, que não dependeis; sabei todos que em quanto no mundo não ouve menor, tambem não ouve mayor. Se no mundo não ouvera mayor, & menor, todos feriamos sem distincção iguais; mas porque não convinha ao governo do mundo, que a providencia divina nos igualasse a todos, foy preciso haver menores no mundo, pera haver mayores. No quarto dia da Criação do mundo se representou no Ceo esta dependencia, & bom governo.

2 Criou Deos o Sol, &
 Y 3 a Lua,

Genes.
1. 16.

a Lua, & diz o fagrado Tex-
to, que sairão da mão de
Deos estes dous Planetas
ambos grandes sem distin-
ção na grandeza, *Fecit que*

Deus duo luminaria magna.
E athe aqui não temos ma-
yor, nem menor no mundo,
mas aos dous Planetas na
Cathogoria dos grandes
ambos sem distinção na
igualdade, *Luminaria mag-*
na. Ouve porem de haver
no mundo pera bom gover-
no d'elle, maiores, & meno-
res, & que faz Deos? Como
em os fogeitos se pondo nos
officios logo conhecemos,
quem elles são, appareceu o
Sol governando o dia, & a
Lua á noite, & logo se vio,
que o Sol era mayor, que a
Lua, & a Lua menor que o

Ibi.

Sol, *Luminare maius, ut præ-*
esset diei, & luminare minus,
ut præesset nocti. E ja temos
mayores, & menores no mû-
do; mas com esta adverten-
cia, que em quanto não ou-
ve o menor fogeito, não se
conheceu o mayor: havia
Sol, & havia Lua, mas am-
bos igualmente grandes,

Duo luminaria magna, ouve
fer hum mayor que outro, o
Sol mayor que a Lua, mas o
mayor dependendo do me-
nor, de tal sorte que nem
em hum instante ouve ma-
yor sem menor, *Luminare*
maius, *Luminare minus.* E
vem a fer, que deve o Sol o
seu mais ao menos da Lua,
& sò então cresceu elle a
mayor, *Luminare maius*,
quando ella definhou a me-
nor, *Luminare minus.* Se
não ouvera valles não havia
de haver montes: ha Tabo-
res, porque ha Josafaz. Lá
subio assima a terre mais al-
ta do edificio, mas a quem
deve o seu mais? Ao que fi-
cou debaixo della: o funda-
mento que vai cà do chão
levantou os Cunhais, & os
cunhais levantarão a torre.
Assi dependem os levanta-
dos dos abatidos, & se ha no
mundo os Soes, *Luminare*
maius, he porque ha as Luas,
Luminare minus.

31 E se estas são as obriga-
çoens, que os grandes de-
vem aos pequenos, vejamos
agora, como pagão os gran-
des

des aos pequenos estas obrigações. Eu cuido, & prouvera a Deos me enganara, cuido, que os grandes pagão aos pequenos o que lhe devem, destruindo, & assolando os pequenos; David o Pastor foy o que assegurou a coroa na cabeça de Saul. E Saul o grande com que lhe pagou? Atirandolhe a matallo. Levantada em hum monte estava aquella fatal pedra, que assolou a Estatua de Nabucho, *Abcisus est lapis de monte*: E aonde affertou o tiro à levantada? Não à cabeça, mas aos pés da Estatua, *Percussit statuam in pedibus*. Eis ahi os levantados, como a pedra, o pago, que dão aos que como pés são os abatidos; affertase o tiro, mas quem? Salvamse as cabeças, & poemse o ponto nos pés, & havendo os grandes de pagar o que devem aos pequenos, os pequenos são os que o pagão, *Percussit statuam in pedibus*.

4. Assi o vemos, & assi o choramos muitas vezes;

mas chorem tambem os maiores, & oução. O leme he huma parte das mais pequenas da Náo, mas como a Náo, sobpena de irse apique, & perderse, depende totalmente da conservação do leme, se a Náo perdeu o leme, perdeu-se a si. He huma Republica huma Náo grande, a qual depende dos pequenos, como a Náo do leme: eis que os pequenos, se destroem, eis que sobre elles vem as lanças, & as pedras, & que succede? Não só o leme, mas a Náo toda; não só os pequenos, digo, mas tambem os grandes, todos se vão a pique, & todos se perdem. Voltemos à Estatua. Depois que a pedra destruhio, & despedaçou os pés da Estatua, que succedeu ao grande Imperio de Babilonia, & aos mais do mundo representados na Estatua? Ella era de barro, & ferro nos pés, era de bronze no bojo, era de prata nos braços, & de

ouro na cabeça: no ouro se representavaõ os Reys, na prata os illustres do Reyno, no bronze as nobrezas, no ferro, & barro os povos. Desceu pois a pedra do mōte, & destruindo o ferro, & barro dos pès, que eraõ os povos daquella Monarchia, que succedeu à nobreza representada no bronze, aos grandes, & illustres representados na prata, aos Reys, & aos Monarchas representados no ouro? Tudo se foy a pique, todos se perderão, & não o digo eu, se não o Texto, *Tunc contrita sunt pariter ferrum, testas, & argentum, & aurum.* De sorte que arruinado o ferro, & barro dos pès, então se perdeu o bronze, *Tunc*, então se consumio o ouro, *Tunc*; & porque? Porque destruidos os pequenos não té os grandes pès, em que se sustentem, & cayem todos. Carrega o bronze sobre o barro, a nobreza, digo, sobre os povos: carrega a prata sobre o bronze, a fidalguia sobre a nobreza: carrega o ouro sobre

a prata, os Reys sobre a fidalguia; & porque assim vão carregando os mayores sobre os menores, & todos pôdese a carga hūs aos outros, desde os pès athe a cabeça da Estatua, todos os metais se destruirão, desde o mais alto athe o mais baixo, todos se perderão, *Tunc contrita sunt pariter ferrum testas, & argentum, & aurum.*

5. O que supposto, Senhores, bom fora abrir os olhos, & advertirem os mayores, que as pedras que atiraõ aos pequenos, vem a cairhe na cabeça, & que se os pès do corpo se cortão, não he possivel ficar o mais corpo em pè. Vejam os mayores, como sem prata não ha ouro, que teyne, como sem bronze não ha prata, q̄ luza, como sem ferro, & barro, não ha brōze que dure. Todos dependemos huns de outros, & essa he a providencia divina pera o bom governo dos homens, atallos entre si a todos. Severino Boesio, aquem segue Santo Thomaz, & commummente

Dan. 2.
35.

te os Theologos definio affi a providencia divina. *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, que omnia suis necit ordinibus, miris, arctisque, sed arcanis nodis*: A providencia de Deos he a serie de todas as cauzas, & de todas as couzas, dispostas na mente divina, & atadas & ligadas entre si com huns nós, ainda q̃ si cretos, bem apertados, & maravilhozos. De forte que na mente, & providencia divina, todos andamos unidos, & arados huns aos outros por sua ordem. Seguefe logo, que todos dependemos huns dos outros pera nos conservarmos todos, & esta he a ordem da providencia, pera que os mayores se não imaginassem Senhores absolutos, & independentes dos menores, atallos a todos, *Omnia suis necit ordinibus*. Saibão os mayores, que ao inferior deve a sua superioridade o mais alto, & o primeiro ao segundo os respeitoos de primeiro. Os que se vem ele-

vados sobre os outros dem as graças aos que os trazem nos hombros, & os que são no mundo cabeças, agradeçamno aos pès, que as sustentão. Nem eu fei, como o contrario caiba no juizo dos homens: agora ide comigo.

§. II.

6 **M** Ayores, se a vossa côservação depende dos menores, & se elles perdidos, vos tambem vos perdeis, quem vos cega o entendimento, pera não veres, que na ruina dos pequenos fabricais os grandes a vossa, q̃ nos fuis d' sprezos, & injurias, vos desprezais, & injurias a vós? Eu me persuado, que tão grande falta de advertencia, & juizo, são feitiços, não de Circeas, nem de Medea, mas daquella furia do Inferno, que geralmente habita nas cazas dos grãdes, chamada soberba. Esta he a feiticeira que encanta a multos, & lhes tira os juizos, cegandoos

Isai. 9.
18.

gãdoos pera q̃ não vejaõ nas
suas mefrazas altivezas, as suas
quedas. Cuidava eu q̃ Izaias
havia de chamar fogo à So-
berba, & elle chamoulhe fu-
mo, *Et convolvetur superbia
fumi*. E fumo, porque si n, &
fogo porque não é Fogo
não, porque ainda, que a so-
berba queima como fogo, o
fogo dà luz, & a soberba apa-
gaa; E o fumo que faz? Ne-
nhum outro effeito se não
cegar, & escurecer, & esta he
a soberba, cega aos juizos, pe-
ra que desprezem, o que de-
viaõ estimar; escureffe aos
entendimentos, pera que a-
borreção, aos que lhes me-
reciaõ as finezas; & porque
esta he a soberba, a metafora
que melhor a explica, não
he o fogo, que luz, mas he o
fumo, que cega, *Superbia
fumi*. Assi cuydo o enten-
deu David, quando olhan-
do pera a soberba, a vio sem
cabeça.

Psalm.
35. 12.

7 Olha David pera a
soberba, & faz a Deos esta
petição. *Non veniat mihi
pès superbiæ*: Senhor, o pè
da soberba não venha ter

zochng

comigo. Pois a soberba he
pè, & hum sò pè, *Pès super-
biæ*? Já eu li, que a soberba
era pè, porque era o vicio
mais baixo, & vil; & que a
soberba tinha hum sò pè,
porque quem se estriba em
hum sò pè, facilmente cae;
& tais são os soberbos, não
tem pès pera se terem, sò tem
pè pera cahirem. Está bem
dito. Mas ao meu intento,
porque ha de ter a soberba
pè, & não cabeça? Ella não
tem pès, porque tem hum
sò pè, *Pès superbiæ*, ella não
tem cabeça, porque sem ca-
beça a via David: pois que
monstro he este tão horren-
do, & feyo? Segue-se ser hum
monstro, que não tem pès,
nem cabeça, & assi he. Não
tem pès a soberba, mas hũ sò
pè, pello q̃ agora ouvistes:
não tem cabeça, nem David
lha vio, porque nenhuma so-
berba tem juizo. E se a so-
berba he esta, monstro sem
pès, monstro sem cabeça,
monstro cego, & sem luz da
rezão, a soberba he sem du-
vida, a que enfeitçando aos
homens, & tirandolhes os
jui-

juizos, os faz ir buscar a ruina propria no desprezo alheyo, & a destruição onde havião de cõservar-se, & ter-se em pè sem cahirem.

8 Na pendencia de David com o Gygante, quem derrubou, & lançou por terra o Gygante? Direis que a pedra, que David lhe cravou na testa, *In fixus est lapis in fronte ejus, & cecidit in facie suam*: alli o diz o Texto, mas eu fiado no mesmo Texto, acho que primeiro o derrubou a soberba, que a pedra. Notai: quando a pedra deu na testa do Gygante cahio o Gygante, *Cecidit*; mas como cahio? Cahio pera diante, & pera onde estava David, *Cecidit in faciem suã*. Pois porque cahio pera diante, *In faciem*? Porque foy mayor, & mais forte o impulso da soberba, q̃ o levou, que o da pedra. Tornai a notar. A força com q̃ David despedio a pedra da funda, & a grande pancada, cõ que lha pregou na cabeça, naturalmente impellião ao Gygante, ou o empurravão a q̃

cahisse pera traz, & não pera diante: pois porque não cahe pera tras obedecendo ao impulso da pedra, se não pera diante contra o impulso? Porque, ainda que a pedra impellia pera traz, a soberba o levava pera diante; & porque a queda mais nacia da soberba, que da pedrada, não o lançou pera traz a pedra, derrubou-o pera diante a soberba, *Cecidit in faciem suam*.

9 Alli cahem os soberbos, & ellas se derrubão a si mesmos. Desprezão por soberba aos pequenos, como o Gygante a David, *Despexit eum*, diz alli o Texto; & este desprezo dos outros, he o que lhes vem a dar na cabeça. Neste mesmo passo repararei sempre, em que David arrancalle a espada da bainha ao prostrado Gygante, & com ella o degolasse, *Tulit gladium ejus, & eduxit eum de vagina sua, & interfecit eum, & præciditque caput ejus*. Pois o Gygante, porq̃ não tinha levado da espada? Estã começado o duello, & tem

1. Reg.
17. 49.

ibi. 42.

ibi. 51.

tem ao inimigo defronte ja disparando o tiro, & deixase estar o Gygante com a espada na bainha? Que he isto? Que juizo he este? He a soberba, & o juizo da soberba. Nenhum caso fazia a soberba do Gygante do pequeno David, *Despexit eum*, & a soberba, cõ q̃ o desprezava, lhe segurava a espada na bainha; mas o fim de tal soberba, & desprezo, bem vedes, em que veyo a dar: puxou David da espada do Gygante, onde estava embainhado o desprezo, & a soberba, & cortado David ao Filistheo com sua propria espada o pescoço, o seu mesmo desprezo, & soberba lhe veyo a dar na cabeça, *Præciditque caput ejus.*

10) Senhores, Senhores: não se desprezem os pequenos, que ha Davis contra Filistheos. *Ad nocendum potentes sumus*, dizia Seneca: pera fazer mal em todos ha poder. A hũ Leão abatelhe

a soberba a voz de hũ Gallo, & hũ Rato metido na tromba de hum Elefante, mata hum Elefante. Que elemento mais furiozo, & empolado que o da agoa? E com tudo a todo hum mar abate Deos os orgulhos com as areas, diz Iob, *Hic confringes tumentes fluctus tuos.* Não se desprezem os pequenos, q̃ delles dependem os grandes: não se ensoberbeção os grandes, porque sendo cega a soberba, a sua mesma soberba os precipita. Sem distincção de grandes a pequenos manda Deos, que todos nos amemos, & estimemos huns a outros; & como o desprezo, não he estimação, nem a soberba amor, quebrados os preceitos divinos, nos desprezos, que vemos, & nas soberbas, que choramos, se não ouver emmenda, corpo, & alma, tudo vai sem ley, tudo sem ordem, & tudo irá perdido pera o Inferno, &c.

Iob. 38.
11.

Senec.
1. de
ira c. 3.

STRO-



STROMA XXV

QUEM SE DESPREZA, HE

desprezado. Obre acçoens famozas
quem quizer o nome de
famozo.



Vivemos neste mundo pera nós, & vivemos tambem no mundo pera todos. Vivemos pera nós com a boa vida, & vivemos pera todos cõ a boa fama, *Nobis necessaria est vita nostra, alius fama nostra*, sentenceou São Agostinho. De forte, que a nossa vida, sendo boa, pera nós bastava; mas como vivemos no mundo entre tantos olhos, he

*S. Aug.
1. de
Viduit.*

I. necessario ajuntar ao bem viver o ser bem visto. Bem sei, que não he possivel contentar, & agradar a todos, porque õ mesmo Christo merecendo na Cruz a mayor fama, & o mayor nome, como diz S. Paulo, *Mortem autem Crucis. Donavit illi nomen, quod est super omne nomen*; com tudo a mesma morte na Cruz, que devia grangear a Christo o mayor aplauzo, a melhor opiniaõ entre todos, & a fama mais

vniver-

*Al
Phil 2.*

vniversal, effa mesma morte na Cruz pera huns foy escandalo, diz o mesmo São Paulo, & pera outros loucura, *Iudæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* Ahi ha olhos que pera aplaudir o bem nunca ja mais o enxergão. Haveis de obrar milagres, & fazer prodigios, mas ha olhos tão cegos, ou por malicia, ou por enveja, que a mesma discricão he pera elles loucura, & os mesmos milagres são pera elles escandalos. Assi o julgarão os da Corte de Pharaõ das obras de Moyzes, & Araõ, & o chegarão a dizer ao mesmo Rey por estas palavras, *Dixerunt serui Pharaonis ad eum; usquequo patiemur hoc scandalum?* Athe quando, ò Rey, havemos de sofrer os escandalos destes homens? E que escandalos crão os de Moyzes, & Araõ? Erão os milagres, & prodigios, que obravão no Egypto assolando em pragas pellas teimas de Pharaõ, *Nonne vides, quod perierit Ægyptus?* Pois os mila-

gres, & os prodigios de Moyzes, & Araõ no Egypto haõ de ser escandalos na Corte, *Usque quo patiemur hoc scandalum?* Ahi vereis como muitos olhos vem. Haveis de obrar milagres, & fazer prodigios, & os vossos milagres, & os vossos prodigios, haõ de ser escandalos, *Hoc scandalum.*

2 Donde, torno a dizer, que por mais circunspecto, & ajustado, que sejas na vida, não he possivel agradar a todos de modo, que não haja muitos aquem não cauze tedio o mesmo dezenfastio, & o mesmo assepice dissabores. Ha no mundo muitos estamagos depravados, & a iguaria, por mais faudavel que seja, em estamagos perdidos, he veneno. O Mânã era tão deliciozo, q̃ não havia gosto, a que não soubesse, diz a Escritura, *Omne delectamentum in se Sapiēt. habentem, & omnis saporis suavitatem.* Com tudo aos Hebreos no dezerto este mesmo Mannã os enfasticu de modo, que nem vello podia,

1. Ad
Corint.
1. 28.

Exod.
10 7.

Ibi.

Num. 21. 5. Num. 11. 6. dião, *Anima nostra nauseat super cibo isto levissimo: Nihil aliud vident oculi nostri, nisi Man.* Pois se o Mannà tem todos os sabores, como em nenhum achaõ gosto? Pot- que os estamagos dos He- breos estavão viciados, não era a culpa do Mannà, era dos estamagos. O Mannà era suavissimo ao gosto, & levissimo pera o estamago, *Omnem suavitatem: Cibo isto levissimo;* mas ainda que vos façais de mil gostos, & em todos os pratos, ha esta- magos tão mal complicio- nados com a muita colera, & maos humores, que não ha prato vosso, por mais bem guizado, que seja, que lhe de gosto, todos lhe amargão, *Anima nostra nauseat super cibo isto.*

3 Mas estes paladates de muitos tão viciozamen- te depravados, não devem retardar, nem impedir os vossos procedimentos. O Sol sempre vai adiante, ain- da que se lhe oponhaõ as nu- vens. Antes he credito dos bons a opozição dos maqs.

Que não goste de Jacob Ezau, he credito de Jacob; que se oponha a David Saul, he gloria de David; & por- que? Porque se não ouvera Ezau, não seria tão celebra- da a constancia de Jacob; & senão ouvera Saul, não se- ria taõ admirada a paciencia de David. Cresce a luz na opozição das sombras, & a bondade augmentase na cõ- tradição da malicia. Criou Deos a luz, & disse que era boa, *Fiat lux. Vidit Deus lucem, quod esset bona.* A- parta Deos a luz das trevas, *Dravit lucem à tenebris,* & *Ibi n.* disse então Deos à luz, que ella se chamaria Dia, *Appel- lavitque lucem diem,* & disse às trevas, que ellas se cha- marião noite, *Et tenebras noctem.* Divididas assi a luz em dia, & as trevas em noi- te, & ja opostas entre si co- mo a noite ao dia, torna Deos então a olhar pera a luz, *Vidit Deus cuncta, quæ fecerat,* & tendo dito de- antes, que a luz era boa, *Quod esset bona,* agora a louva por muito boa, & bo- nissima,

Genes. 1. 3.

Ibi n.

4.

Ibi n.

5.

Ibi n.

31.

níssima, *Et erant valde bona*. Agora reparo eu, & reparai vós, que depois de Deos dividir a luz das trevas, & as opor entre si como se opoem o dia à noite, então engrandeceu Deos, & louvou a luz por boníssima, *Valde bona*. Pois agora cresce a luz, quando ja ha sombras que na contradigão? Agora que ja ha noite oposta totalmente ao dia, agora se augmenta os luzimentos, & resplandores do dia, *Valde bona?* Sim, que a luz significava os justos, as trevas os pecadores; o dia significava os bons, a noite os maos, em fim a luz os Amigos, as trevas os Demonios, diz neste lugar Santo Agostinho; & está taõ longé de mingoar a luz dos bons, & o dia dos justos, na opozigão das trevas dos maos, & noite dos pecadores, que antes cresce a luz na opozigão destas sombras, & a bondade se augmenta na contradigão daquella malicia, *Et erant valde bona*.

4 Mas fallem os maos, & roão, & roamse; que tudo cederà em mayor credito vosso com esta condigão, & he, que vós lhes não deis que fallar, nem lhes lanceis que roer. Seja o procedimento justo, alto, & luzido, & digão os maos o que differem, que ja sabemos, diz Seneca, que a quem agradão vicios, as obras boas são peccados, *Cum vitia profunt, peccat, Senec. qui recte facit*. O ponto está no outro ponto. *Ex pub. Mím.* Senhores meus, muitos nos dezeitimão, mas porque? Porque na verdade as nossas açcoens não são pera estimar-se. Somos desprezados de muitos, mas porque? Porque na verdade nós mesmos nos desprezamos a nós. O filho Prodigio era muito honrado, muito bem criado, & muito bem nacido. Olhai agora pera elle, & velloeis rito, & despido no meyo daquelle montado, tão desprezado, & a tanta vileza reduzido, que sò pera guarda

Apud
Alap.
bic.

da do gado mais vil, & immundo lhe achou prestimo, & serventia hum triste Amo, *Ad-hæsit vni Civium, ut pasceret porcos.* Pois homem honrado, & digno de grandes estimaçoens por bem nacido; que conceito he este, que vejo fazer dos teus procedimentos, & da tua pessoa, tão baixo, tão vil, & tão abatido? Assi se despézão os bons sangues, & quem podia subir a grandes creditos, assi os perde? Assi, diz o Pródigo, que quem se despreza, desprezamo, & quem se dezacredita a si mesmo, todos o dezacreditão. Que fiz eu, sendo honrado, & bem nacido? Obrei tão mal, & procedi na vida tão baixa, & escandalosamente, que eu mesmo me fiz o indigno de toda a estimação, & hõra, *Non sum dignus vocari filius tuus.* E credito quando as minhas acçoens são indignas, *Non sum dignus;* honra, fama, & estimação, quando as minhas obras o não merecem,

Non sum dignus, isso não pode ser: quem fez o mal, que o pague; eu o fiz, eu o padeça, *Ego feci, ego feram:* quem se dezacreditou, que o dezacreditem; eu me dezacreditei, & fiz o indigno, *Non sum dignus;* pois agora não agastar pella mà fama, nem indignar contra a mayor indignidade, *Ad-hæsit vni Civium, ut pasceret porcos.*

E notai, que pellos mesmos fios por onde o Prodigio se dezeitimou, o dezeitimarão a elle. Era honrado o Prodigio, & geralmente deixandose ver o sangue no rosto, como no frontespicio o palacio, alguns signais da Corte se haviam de ler, & notar na cara daquelle Moço. Com tudo he couza notavel, que entre todos os criados daquelle amo, ao Prodigio coubece o officio mais vil, & mais immundo da Casa, *Ut pascere porcos:* Pois isto porque? Porque pellos mesmos fios por onde me dezacredito, me dezacredita-

Isay.
36. 4.

tão. Dezacreditou-se o Prodigio, por que fios? Pellos das que não fião mas enfeitição aos loucos, *Devoravit substantiam suam cum meretricibus*; pellos fios do mais vil, & immundo trato com aquellas, que nunca hão de ser retratadas, *Vivendo luxuriose*. Pois quem allí servio, allí sirva, quem allí se enlodou, allí viva no lodo, & finalmente, como cada hum he medido pella mesma vara por onde cada hum se mede a si, quem se medio pella vara mais vil, & immunda, *Vivendo luxuriose*, pella mais vil, & immunda das varas será medido, *Ut pascere porcos*.

6 O quantos se queixão da mà opinião, & fama que delles anda, & corre, não tendo rezão de queixar-se: Como se não ha de dizer, q̃ Nabucho he hum soberbo, se athe na sua Estatua, quer, que de juelhos o adorem? Que se ha de dizer de Achab, se diante de todos he hum ladrão? Que fama

ha de ser a de Judas, se na face de Christo he hum treidor? E que opinião ha de ser a de muitos se não ha vileza a que se não abatão, injustiça que não cometão, & crime que não engulão? Se vòs como o Prodigio, sò obrais couzas indignas, *Non sum dignus*, como não haveis de ouvir as vossas indignidades? Os maos dizem mal do bem, & murmurão dos bons, os bons dizem mal do que he mal, & zelão contra o mal feito. Querer obrar ao escandalozo, & que os bons me louvem os meus escandalos, em que querer cabe este querer? Se os olhos da vossa cara vos escandalizarem, dizia Christo, *Si oculus tuus scandalizat te*, arrancayos, & lançayos fora, *Erue eum, & projice abs te*. Pois se hei de arrancar os meus proprios olhos, se me escandalizarem, como posso querer, que os olhos dos outros aproveem os meus escandalos? Hei de arrancar os olhos por não ver com elles os meus es-

candalos, & hei de querer q̃ os outros tragão os meus escandalos nos olhos? Em que querer cabe tal querer? Meus Senhores, quem quizer o nome de Pay da patria não ha de queimar a Roma, mas querer queimar a Roma, & não querer ouvir, que sou hum Nerão, isso não quer Roma. Meus Catholicos, quem quizer a fama de justo, & pio, não ha de ser cruel, & injusto em Ierusalem; mas querer em Ierusalem degolar injustamente os Innocentes, & não querer ouvir que sou hum Herodes, isso não quer Ierusalem.

§. II.

7 **C**Ada hum ouve como faz, & a trombeta da fama a si soa como se obra. Pergunta Christo a seus Discipulos, que fama corria delle entre os homens, *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Responderão elles; Senhor, entre os homens dezapaixo-

Math.
16. 13.

nados corre, que vós, ou sois o Baptista, *Alij Ioannem Baptistam*, ou sois Elias, *Alij Eliam*, ou sois Ieremias, *Alij Ieremiam*; ou algum dos Prophetas antigos, *Aut unū ex Prophetis*. Toda esta fama tão diversa sobre a mesma pessoa, era conforme as acçoens, que vião obrar a Christo. Os que o vião innocente na vida, penitente no habito, & pregando verdades, dizião que era o Baptista, *Alij Ioannem Baptistam*. Os que o vião reprehender os vicios, zelar a honra de Deos, & a observancia das leys, dizião que era Elias, *Alij Eliam*. Os que o vião chorar as culpas de Ierusalem, & lamentar os grandes peccados daquelle povo, dizião que era Ieremias, *Alij Ieremiam*. Os que o vião, ou como Ezechiel extatico, ou como Daniel constante, ou como Micheas sofrido, ou Santo, como os mais Prophetas, dizião que era hum delles, *Aut unum ex Prophetis*. E finalmente Pedro, que alumiado

por Deos, conheceu nas acçoens de Christo a divindade do Divino Verbo, disse que Christo era o Filho de Deos vivo, *Tu es Christus Filius Dei vivi*. De sorte que se fallais verdades, diz a fama, que sois o Baptista; se zelais, que sois Elias; se choraes, que sois Jeremias; se vos arrebatais, q̄ sois Ezechiel; se vos portais com constancia, que sois Daniel; se com sofrimêto, que sois Micheas; se com fantidade, que sois algum dos Prophetas; & finalmente se as vossas acçoês são divinas, diz a fama, que sois divino; E porque? Porque a trombeta grita conforme a assoprão, & voa a fama conforme as azas que lhê dão. E sendo isto assim, vedê agora como assi deve ser, & não como muitos querem malcôntentes da sua fortuna.

8) Sobre a fama neste mundo vai entre muitos hũ grande erro; & qual he? He que a fama, sendo verdadeiramente filha das obras, querem muitos, que a fama seja

filha das pessoas; & vem a ser, que havendo as pessoas de julgar-se pellas obras, querem muitos que as obras se julguem pellas pessoas. Daqui nasce o que muitos chorão, & he, que se concebestes altamente da minha pessoa; tudo quanto obro, & digo, por muito mal obrado, & dito que seja, estã altamente obrado, & bellamente dito. E se o conceito, que formais da minha pessoa, he baixo, he limitado, & he humilde; por mais milagres, que eu obre, por mais sentenças, & delgadezas que eu diga, tudo pera vòs he couza ordinaria, são sensaborias, & pouco mais de nada. *Quomodo* ^{Ioann.} *hic literas fecit, cum non dedi-* 7. 15. *cerit*, dizião os Phariseos de Christo, como sabe este das letras sem aprendellas? Ora notai. Christo estava actualmente no Templo de Jerusaleem pregando, ensinando, & cada palavra sua era huma sentença, & cada sentença huma divindade, & tão divina, que os mesmos Phariseos se admiravão do que ouvião,

Ibi. ouvião, *Et mirabantur Iudæi.* Pois se o que Christo diz, & o que Christo falla, tudo são admiraçoens do saber, *Mirantur*, como desprezão o feu saber os Indeos, & ao mesmo que ouvem admirando em letras, não o crem nas letras admiravel, *Quomodo hic literas scit?* Sabem Porque? Porque aquelles homens, quando Christo fallava com as letras, & pregava, & affombrava, *Mirabantur*, não olhavão, diz S. Agostinho, pera o que Christo dizia, se não pera onde Christo nacera, & onde fora criado, *Quia multi noverant ubi natus, ubi fuerat educatus;* & como medião o saber, não pello saber, mas pella pessoa, *Ubi natus,* & da pessoa não tinhão o conceito que os seus conceitos merecião, por mais que Christo admirasse, todas as suas sentenças haviaão de ser frias, & mal trazidas, & todos os seus pensamentos rasteiros, & de quem sabia pouco, *Quomodo hic literas scit?*

S. Aug.

9 E o mesmo que acõ-

rece no saber, succede no obrar. Obrava Christo milagres, & todas as suas acçoens eraõ milagrosas; mas como os Phariseos concebiaõ baixamente da pessoa de Christo, *Samaritana es tu*, todos os seus milagres eraõ embustes, *Demonium habes;* & todas as suas acçoens enganos, *Seducit turbas.* Mas que erro mais pera chorarse? Basta que por eu nacer este, ou aquelle, *Ubi natus*, criado nesta, ou naquella terra, *Ubi educatus*, sò por isso hei de ser bem, ou mal opinado? Que vai em nacer Pastor, se as obras são de David? Que vai em ser criado na aldeya, se as acçoens são da Corte? Os Apostolos nacerão pescadores, & os mais delles em Galileya; & os Phariseos dizião que de Galileya não havia homens grandes, *Propheta à Galilæa non surgit.* Christo foy concebido, & criado em Nazareth, & Natanael dizia, *A Nazareth potest aliquid boni esse,* de Nazareth pode sahir couza

Ioann.

8. 48.

Ioann.

7. 12.

Ioann.

7. 52.

Ioann.

1. 46.

boa? De forte que querem alguns, que a minha opinião dependa do meu nascimento, & que a minha fama dependa da minha patria, como se Vlyses se ouvesse de medir por Ithaca, ou Carlos Quinto por Gante. Os Apostolos nacerão pescadores, mas o nascimento não lhe tirou serem Principes, *Constitues eos Principes*, diz David, Christo foy concebido, & criado em Nazareth, & teve a esta pequena cidade por patria, & cõ tudo o da Cidadinha por patria sahio o Rey dos Reys, & o Senhor dos Senhores, *Rex Regum, & dominus dominantium*. Isto pera que? Pera confuzão do erro, & ignorancia de muitos.

10 Não são, Senhores, as pessoas aquella vara por onde se haõ de medir as obras, as obras são a vara por onde as pessoas haõ de ser medidas. Eu faço as obras, & se ellas sayem perfeitas, ellas me fazem perfeito: eu executo as açoens, & se ellas são famozas, ellas me fa-

zem o famozo. E daqui nasce, que se o que poetiza he o mais heroico, he Virgilio; se o que ora he o eloquentissimo, he Marco Tullio; se o que dà he o mais liberal, he Alexandre; se o que emprende he afortunado, he Cezar; se o que escreve adelgaça, he Aristoteles; & se o que diz he sentenciozo, he Seneca. De forte q̃ as obras são as que dão o nome, & a fama aos Authores. Foy S. Bernardo o Doutor suave, foy S. Agostinho o Doutor Aguia, foy S. João Chrysostomo a boca de ouro, & foy S. Thomas o Doutor Angelico; & porque as obras de cada hum delles lhês derão, & merecerão tão grandes nomes, que diz a fama delles? Diz que as authoridades, pera serem melifluas, haõ de ser de Bernardo; diz que os pensamentos, pera serem aquilinos, haõ de ser de Agostinho; diz que as palavras, pera serem douradas, haõ de ser de Chrysostomo; & diz que as Theologias, pera serem Angelicas, haõ de

de ser de Thomas. E esta he a verdade, & querer medir as pessoas pellas pessoas, & não pellas obras, que ellas fazem, he erro.

11 Quando Deos mandou a Samuel, que fosse vngir por Rey a hũ dos filhos de Izay, offerecelhe Izay em primeiro lugar o mais velho chamado Eliab, & olhando pera elle o Propheeta, & vendo de galharda proporção, & gentil pessoa, consulta Samuel a Deos, & perguntalhe, se era aquelle o filho, que havia de ser o Rey, *Num coram Domino est Christus ejus?* Pois pera que he tal pergunta? Se Eliab tem por si idade, & a pessoa, porque o não vnge logo o Propheeta, & o faz Rey? Porque errava, se pella pessoa lhe desse o nome, & honra de Rey, & assi lho disse Deos, *Non respicias vultũ ejus; abjeci eum*, não olhes Samuel pera a pessoa, não he pera essa pessoa a hõra de Rey? Pois pera quem he, Senhor? Vem concorrendo os mais filhos de Izai, que

erão sete, & desprezados todos pello Propheeta, vem vltimamente lâ das Ovelhas o Pastorinho David, que era o oitavo, & o mais moço dos filhos, & diz Deos a Samuel, a esse has de vngir, q̄ esse he o Rey, *Surge, unge eũ ipse est enim*. Ha tal caso! Os mais velhos, as mayores pessoas, sem nome, sem fama, s̄ Rey no, & o mais moço, o Pastorinho, o nomeado, & afamado o Rey! Mas sim; que esse mais moço despedassava leoês, & esse Pastorinho havia de vécer Gygantes, & o nome, & a fama, & a coroa de David, medillas pellas acçoens de David, he acerto, *Ipsè est enim*; o nome, a fama, & a coroa de Eliab medillas pella pessoa de Eliab, era erro, *Non respicias vultũ ejus, abjeci eum*.

12 E o mesmo Christo o confirmou assi na sua pessoa. Em Jerusalem passava Christo no alpendre do Têplo de Salamão, quando rodeandoo os Judeos lhe rogão, que se era Christo, & o Missias lhes dicesse claramente,

Ioannis mente, que o era, *Si tu es*
 10.24. *Christus, dic nobis palam?* E
 Christo que fez? A verdade,
 & a evidencia de ser elle o
 Missias, nem a remeteu às
 Escrituras, nem ao testemu-
 nho dos Prophetas, mas ao
Ibi. testemunho das obras, *Ope-*
ra, que ego facio, hæc testimo-
nium perhibent de me. Que-
 reis evidentemête saber, qué
 he cada hum, *Dic nobis palam?*
 Pois não o haveis de medir
 pella pessoa, medio pella
 obra: ainda que a pessoa se-
 ja de Eliab, pode não ser pe-
 ra Rey; mas se as obras são
 claramente de hum Christo,

elle evidentemente he o Mis-
 sias, *Opera, que ego facio, hæc*
testimonium perhibent de me.
 E se isto he assi, como he, q̃
 se segue, daqui Catholicos?
 O que vos propuz, que quẽ
 quizer q̃ o não desprezem,
 deve jobrar couzas de preço,
 quem quizer a dignidade,
 não faça couzas indignas;
 que a fama, o credito, a hõra,
 o bõ nome, como são filhos
 das boas obras, & pellas o-
 bras se medem, qual for a
 obra, tal será a fama, & o cre-
 dito, & quais forem as ac-
 çoens, tal será a honra, & o
 nome, &c.





STROMA XXVI.

QUE COUZA SEIÃO AS CORTES
 dos Reys explicou David, & nós explicamos
 agora debaixo da methaphora deste
 nome Mar, propruissima
 allegoria das
 Cortes.

§. I.

NO Psalmo cē
 to, & tres de-
 baixo da me-
 taphora deste
 nome, Mar,
 falla David de todo este
 mundo, & diz assim; *Hoc*
Mare magnum, & spatiosum
manibus: illic reptilia, quorū
non est numerus: animalia
pusilla cum magnis: illic na-
ves spertransibunt. Grande
 mar chamou David a este
 mundo inteiro, *Hoc mare*
magnum, & com muitos Pa-

dres sobre o mesmo Psalmo
 o comentou assi o Cardeal
 Hugo, *Mare magnum*, diz
 elle, *allegoricè est præsens sa-*
culum. E se nas Cortes dos
 Reys, como em breve Ma-
 pa, se vè recopilado o mun-
 do inteiro, segue-se que tam-
 bém as Cortes são mar. Mar
 o mundo, mar as Cortes do
 mundo, & porque nas Cor-
 tes mais estreito, & mais
 apertado o mar, nas Cortes
 mais bravo. Quem vio ja
 mais o mar das Cortes que-

Hug. Card. hic.

to, & focegado? Vivêdo nas Cortes dos Reynos o mais florente delles, & por isso sendo as Cortes os Jardins dos Reynos, nunca nellas se navega por mates de rozas. Sempre alli as ondas se enfureffem, sempre alli o mar anda empolado, & quantos navegação nas Cortes, anhellando sempre a summa bonança, he nelles summa a tromenta. Que mayor tromenta que no mar das Cortes ver a tantos Cortezãos sempre anhellando a mais, & mais subir? No mar o mayor subir he a mayor tempestade, porque quanto là mais se fobe, mais se caye. Assi nas Cortes; pera que a tromenta seja a mayor, tudo aspirar a mais subir, mas pera mais cahir.

2. Na Corte da terra, & na Corte do Ceo ouve duas Creaturas tão ambiciozas de subir, que aspirarão ambas a chegar com as Náos às Estrellas. O da Corte da terra foy Adão no Paraizo, & este quis subir ao Ceo, & este quis subir ao Ceo, *Eritis sicut Dij.* O da Corte

do Ceo foi Lucifer no Em-pyreoo, & este quis navegar sobre as Estrellas, *Super as-tra Dei extabo solum meum.* Athe aqui subir cõ as Náos! Mas pera que? O da Corte da terra, diz Moyzes, subio com a sua Náo ao Ceo, mas pera cahir com ella afogado no lodo da mesma terra, *Pulvis es.* O da Corte do Em-pyreoo, diz Isayas, subio com o Galeão ao mais alto das Estrellas, mas pera o despedassar no mais profundo do lago. *In profundum lacu.* Ah Cortezãos, ah Galeoës, mais levantados na Corte, mas pera mais cahires; mais afortunados nella, mas pera mais afogados. Nem me digão os que sempre aspirão ao mais alto, que no mar das Cortes, aonde os Reys são o Sol, seria couza mui fria; & dezabrida fugir do Sol, & não emproar nelle a Náo, athe me abraçar com o Sol no meyo dia. Ah David grande Cortezão, & que dizeis vòs? *Ab altitudine diei timebo;* & eu temerei, dizia David, que a minha felicidade

Isay.
14. 13.

Genes.
3. 19.

Isay.
14. 16.

Psalmi.
55. 4.

Genes.
3. 5.

de fuba tão alto, q̃ no meyo dia queira esperar o Sol, & tomallo, *Ab altitudine profperitatis meæ timebo*, comenra Hugo. Senhores, não duvido que afastar muito do Sol cauzará frialdades, & dezabrimento a muitos, & especialmente aos de compleição delicada; mas também he certo que andar sempre anhellando a mais, & a mais chegarme ao Sol, he muito pera temer-se, *Timebo*. O Sol, pera os que delle vivem em proporcionada distancia, he luz, pera os que não querem distar delle nada, he rayo: O Sol, aos que não chegão muito perto delle, aquentaos; aos que se querem chegar muito a elle, abrazaos. Por isso dizia Sidonio escrevendo ao grande Varão Heccicio, *Affiduitatem tuam periculose Regum familiaritati celer exime, quorum consuetudinem spectatissimus quisque flammaram naturæ bene comparat, quæ sicut paululum à se remota illuminant, ita satis admota sibi comburunt*. Amigo Hecc-

dicio, não vos chegueis muito aos Reys, antes fugi depressa do Passo, *Celer exime*: a natureza dos Reys fa-bei que he como a natureza do fogo, que assi como aos que se chegão ao fogo, mas hum pouco afastados, o fogo os alumia, *Paululum à se remota illuminant*, assi aos que muito se chegão não os alumia, abrazaos, *Ita satis admota sibi comburunt*. Vide isto em hum cazo estranho.

3 Era Doeg Idumeu inimigo capital de David, & com tudo diante de Saul louvou Doeg de tal sorte a David, que o Rey o mandou chamar, & o meteu no Passo, & muito mais no coração, *Venit David ad Saul, & stetit coram eo, at ille dilexit eum nimis*. Agora notai, diz Lyra, que Doeg diante de Saul louvou, & engrandeceu a David, porque aborrecia a David, & assi queria ver a David na presença do Rey, *Dixit hoc ex Lyra odio, quia jam David odiebat, Ibi. & sic quarebat ut staret ut præsens*.

Hug.
Card.
Ibi.

Sidon.
Ep. ad
Heccid.

1. Rég.
16. 21.

praesentia Saulis. Pois Doeg com odio a David, & procurando-lhe o Passo? Porque David he de Doeg aborrecido, *Iam David odiebat*, seja David ao baso do Rey o mais chegado, *In praesentia Saulis*? Sim, que queria o odio de Doeg ver a David abrazado, & consumido; & pera o ver consumido quis vello perto do Rey, pera o ver abrazado quis vello o mais chegado ao Sol, *In praesentia Saulis, quia iam David odiebat.* E que sendo isto assim, ainda no mar das Cortes anhelem muitos a mayor tromenta, porque a todo o subir! E que sendo isto assim, todos queirão menear as vellas athe meterem as Naos na região do Sol, pera serem queimadas, & abrazadas! Ou algum Doeg vos aborrece muito, o Davis, ou vós mesmos buscais o Sol pera queimarvos o Icaros!

4 Mas sobre a tromenta continua do mais, & mais subir, sobre o sempre empolado, & bravo do mar das

Cortes, o como este mar he salgado, & amargozo! O salgado, & o amargozo he propriedade do mar, & o salgado, & o amargozo são propriedades das Cortes. Por isso nellas ha tantos sequiozos, porque tudo nas Cortes he sal, & ja eu me contentara que fora sal, se não fora salmoura. Que dezabrimentos taõ grandes, que amarguras mais salgadas, que as das Cortes? Primeiro que desça huma consulta, primeiro que se despache hum papel, que sal se não bebe? Que mayor amargura pera o pertendente, que passados os trinta dias, os dous mezes, & tambem os seis, estando ja a bolça com a candeya na mão, da consulta, & do despacho não ha luz, nem ainda fumos? Que mais dezabrido cazo, q̃ hūs, & outros pellas portas dos Ministros buscando a justiça das cauzas, & das demandas, & a justiça adilatarse tanto, que primeiro que a bemdita da justiça acabe de chegar, a que chega

chega primeiro he a agoa benta da Mizericordia?

Quanto melhor fora a muitos viverem na agoa doce dos seus rios, que irem buscar ao mar das Cortes tão amargo zo morrer? Pois o Barrete na Corte pera ser Theara, pois a nobreza pera ser fidalga, pois a fidalguia pera ser Senhoria, pois a Senhoria pera ser Excelencia, que sal, que dezabrimentos, que amarguras não bebem? Vem o emulo, & diz que não fois pera Bispo; vem o envejozo, & diz que não fois pera fidalgo; vem o inimigo, & diz que não fois pera Conde; & todos elles juntos dizem que não fois pera Duque. E entre a emulação de huns, & entre a enveja de outros, & entre a inimizade de todos, vede se he salgado, vede se he amargo zo, vede se he dezabrido pera todos o mar

das Cortes, *Hoc mare magnum*. E que

mais?

colloca. §. II.

5 **E** *T spatiosum manibus*, he o mar, diz

David, muito estendido de braços, & muito largo de mãos, *Spatiosum manibus*. Estende o mar as mãos, & os braços por todas as quatro partes do mundo, porque a todas ellas se estende, & a todas abraça. Assim as Cortes. Não me darão Corte, que, ou pello comercio, ou pello Dominio não se abraçe com todo o mundo, & se estenda por todo elle. E se fallarmos da nossa, em que parte do mundo não dominão os grandes braços de Lisboa? Em todas quatro he senhora dos mares, senhora de muitas terras, de muitas provincias, de muitos Reynos; estendendo os braços desde a Europa athe a Africa de tal sorte; desde a Africa athe a Azia, desde a Azia athe a America; que se mais partes ouvera no mundo lá chegaria os braços. Estendidos braços, & longas

longas mãos as deste nosso mar, *Spatiosum manibus*. Mas aqui me admirara eu de caminho, de que sendo os braços da nossa Corte tão dilatados, & tão estendidos, & de que puxando, & atrahindo pera si de tão longe tantas riquezas, tantos thezouros, tanta prata, tanto ouro, & tantas drogas tão varias, & preciosas, com tudo não vejo que cresção os thezouros, & as mais riquezas, antes o que se ouve são queixas que não ha dinheiro, que não ha drogas, & que vindo pera o Reyno tudo, de tudo ha grande falta no Reyno. Pois que he isto, & entre tanta abundancia qual he a cauza de tanta falta?

6 Eu considerando a rezão porque faltaria tudo aonde devia sobejar tudo, sem me sahir da methaphora do mar, cuido que dou no mysterio. Falla Salamão do mar, & diz assim; *Omnia flumina intrant in mare, & mare non redundat*. Todos os rios entrão no mar, &

com tudo o mar não cresce, não se augmenta, & não redundanda. Pois que he isto? Se entrão no mar tantos rios, que parecem não tem numero, tão caudalozos, que o das Amazonas no mundo novo entra no Oceano com oitenta legoas de boca; como não cresce o mar com innumeraveis rios, & como forvendo cabedais de agoa tão grandes, não se augmenta, & não redundanda no mar o cabedal, *Et mare non redundat*? O mesmo Salamão deu no mysterio. Entrão no mar tantos rios, diz Salamão, & tão grandes rios, & o mar com tudo não cresce, nem se augmenta, porque se esses rios là entrão, tambem de là sayem, *Ad locum, unde exeunt flumina, revertuntur*. De sorte que entrão no mar os rios, & sayem do mar os rios, & porq̃ entrão, & sayem, mar o não cresce. Pois assi no mar da nossa Corte. Estende Lisboa os braços pello mundo todo, entrão nella rios, & mais rios de riquezas, mas por-

Eccles.
1. 7.

ibi.

porque o mesmo he entram, que sahirem, o mar não cresce. Entra hum rio em Lisboa, & logo saye pera o Norte; entra outro rio, & logo vay pera Levante; & entrem quantos entrarem, o mesmo he entrar, que sahir. E se isto he assim, & peyor que assim, como ha de crescer o mar? Digo, peyor que assim, porque ja nos contentaramos que tudo succedera como no mar. O mar dezagoa em rios, mas estes mesmos nos voltão a pagar o seu tributo ao mar. Na nossa Corte he peyor que assim, porque o que della saye, não volta; sayem os rios das riquezas por aquella barra fóra, mas não as verão mais voltar os olhos que as virão ir.

7 Mas deixando esta queixa pera que a remedeye quem pode, & tornando ao geral do mar das Cortes; que braços mais estendidos, & que mãos mais longas, que os braços, & as mãos das Cortes, *Et spatiosum manibus?* Vivem os Senhores na

Corte, vivem os grandes, & que fazem? Sem se bolirem das Cortes estendem pello Reyno os braços, & abarcandoos todo lá o levão pera a Corte, & lá se come. De sorte que o comer está nestas, está na quella, & na quella outra provincia, & as bocas estão nas Cortes; mas os braços destas bocas são tão longos, que por mais legoas que distem das Cortes as provincias, em Paris se come França, em Madrid se come Castella, & Portugal em Lisboa. E não he peyquena sem razão esta, que se julga razão de estado, & porque? Primeiramête porque Deos disse a Adão, & a seus filhos, que todos comerião o pão no fuor do seu rosto, *In sudore vultus tui Genes. vesceris pane;* & nas Cortes comem muitos o pão pasfeando, & não suando. Mais. O pão, diz Deos, ha cada hum de comello no fuor do proprio rosto, *In sudore vultus tui vesceris. Vultus tui,* do teu rosto, & não do alheyo. E nas Cortes com que fuor

fuor se come muito pão? Não com o proprio fuor, mas com o dos outros: os Lavradores o fuão, & o trabalhão, & os Criados nas Cortes, & os Cavallos, & os Cochés, & as Liteiras o comem. E ha mayor sem rezão.

8. Quando o povo de Israel contra vontade de Deos pedio a Samuel que lhes desse hum Rey, que os governasse, querendo Samuel dissuadir ao povo destes errados intentos, propondo ao povo muitas sem rezoens, que na nova Corte experimentarião, huma del-

1. Reg. las era esta. *Agnos quoque vestros, & vineas, & oliveta optima tollet, & dabit servis suis.* Vós pedisme Rey, &

vós quereis Corte; pois entre outras sem rezoens, que na Corte haveis de experimentar, sabeis que huma del-

las he esta; tudo quanto lavrais nos campos. *Agnos vestros,* tudo quanto cavais nas vinhas, *Et vineas,* & tudo quanto apanhais nos olivais, *Et oliveta optima;* tudo

vos ha de apanhar a Corte, *Tollet,* & là o comerão os faustos, & os Criados, *Et dabit servis suis.* E esta sem rezão, que Samuel apontou aos Israelitas pera não quererem Rey, nem Corte, he a sem rezão que em todas se experimenta. Como todas as Cortes tem os braços tão estendidos, & as mãos tão longas, *Et spatiosum manibus,* tudo quanto cà se trabalha, & sua, os braços pera là o levão, & tudo quanto cà se lavra, & cava, as mãos pera là o puxão. E he tanta a ambição deste comer, querendo alguns pera si tudo, nem com tudo se contentão. São como Alexandre, que depois de engulir o mundo se vio faminto. Quem com fuores mais copiozos regou as suas palmas, & os seus louros, que Alexandre? Fatigou os montes, penetrou os desertos; abriu novos caminhos, destruhio exercitos, acome-teu temeridades, devorou perigos, assaltou fortalezas, cativou Cidades, & rendeu

Monar-

Monarchias. E depois de tantas vitórias, e depois de tantas conquistas, depois de vadeado o Tigres, domado o Eufratres, & Idaspes, venci-do Dario, & Poto, & depois de haver roto os clauftros do mefmo mundo, e como disse Seneca, contentou-se com tudo isto? Não: era tal a fome de mais, & mais engulir, que elle mefmo se comia por não haver mais mundos aquem comer. Ha homens com a natureza do fogo: ao fogo ninguem o farta, antes quanto mais cresce a lenha, tanto mais arde a chama: por mais q' lhe deis não o vereis satisfeito, & satisfeito nunca, porque nem tudo lhe basta, *Ignis vero nunquam dicit: sufficit.* A quantos bastaria nas Cortes menos do que tem pera viverem, se ao Alexandre, & ao fogo bastasse o que bastava? Mas como nada basta, hei de estender-me de tal forte pello Reyno, que de minha caza athe o fim delle todas as terras, & cazas hão de ser minhas, & não ha de

Prov.
30. 16

ficar de permeyo nem a vinha de Nabor. Grande sem rezão da natureza humana? *9. Queixavase o Propheta Izayas das sem rezões, & injustiças das Cortes, & queixavase assim, Va, Isai. 5. qui conjungitis domum ad domum, & agrum ogro copulatis, usque ad terminum loci. Nunquid habitatis vos soli in medio terræ?* Ay, diz o Propheta, dos que ajuntais caza a caza, & campo a campo de tal forte, que ides tomando, & abarcando o Reyno athe os fins delle. Por ventura sò vòs ò ricos, & poderozos das Cortes, habitais, & viveis na terra? E q' queixa mais propria do que dizemos! Assim ajuntão huns nas Cortes, & pertendem ajuntar outros, cazas a cazas, & campos acampos, q' indosefenhoreádo do Reyno, & comendoo todo, sò elles cuidão que vivem nelle. *Quousque extenditis, divites, insanas cupiditates, divitia* S. Ambrosio no liuro de Naboth: queixandose da Corte del Rey Achab. Athe

S. Ambrosio
l. de Naboth
cap. 1.

A a onde

onde, ò ricos, pertendeis entender a vossa louca cobiga? E alludindo o grande Doutor da Igreja ao lugar affirma de Izayas, confirma a sua queixa dizendo, *Nunquid soli habitatis super terram?* Sò vòs por ventura morais na terra, & comeis na terra? *Cui eicitis consortem naturæ?* Porque lançais de vòs os que alcançarão a sorte da mesma natureza? *In commune omnibus divitiis, & pauperibus terra fundata est;* Em commum para pobres; & para ricos, fundou Deos a terra; *Cur vobis jus proprium, soli divitiis, arrogatis?* E por que haveis vòs, ò ricos, de fazer proprio vòsto este commum, que Deos fundou pera todos? Grande argumento, & sem soluçãõ. Pera todos, *Qui dat omnibus affluenter;* logo não deu sò pera os das Corte. Provo. Os das Cortes, ainda que là sejaõ tudo, não são todos, Deos pera todos fundou a terra; *Omnibus;* logo não foy sò pera elles. E que não sendo sò pera elles a terra, &

o reyno, elles queiraõ o reyno inteiro, & a terra toda sò pera si; com que rezaõ pode isto ser, & com que consequencia, *Cur vobis jus proprium, soli divitiis, arrogatis?*

io Mas por isso he cà choro, o que là he rizo, & he cà pobreza, & miseria, o que là faõ desperdiços. Dos sobejos de huns nace as faltas dos outros, & porque Achab na Corte quer todas as vinhas, falta a Nabot a sua. O se ouvesse emmenda em tantas gallas, em tanto Coche, em tantos Criados, em tantos banquetes, & em tantos sobejos, como haveria nas Províncias o bastante pera a vida, & pera o trato de todos? Mas não ha por cà o bastante, porque nas Cortes o que basta não basta. Bastava hum Criado, & hum Cavallo; haõ de ser dez Criados, & mais hum Coche; & não basta o que bastava. Bastava hum vestido honesto, & dous pratos; haõ de ser seis gallas, &

Jacob.
1. 5.

no anno, & vinte pratos no dia; & não basta o que bastava. Pera o ornato da Sala bastava hum lança, & hum Arcabuz sobre hum cabide, & seis cadeiras; mas as cadeiras hão de ser duas duzias, & de terciopello com pregaria, & franjoens de ouro; & no Arcabuz, & a lança são Espelhos de Italia de ouro, & azul estofados, & quartinados de Damasco, que sobre as portas sobem às nuvens, & não basta o que bastava. Bastava em fim (deixando outros muitos sobejos) bastava pera o serviço da meza mais limpo, & mais pintado, huns poucos de pratos mayores, & menores, mas de barro todos, com que se servião antigamente os melhores Avós [os mais pintados por isso mesmo, & os mais limpos] mas hoje os Nêtos destes mesmos Avós, não querendo ver diante de si o barro, que todos são, tirão das Copas, como se fora das Minas, frotas de prata, & em baixel

las douradas vem concorrendo à meza, se pera o gosto os mais exquisitos guizados, & pera o regalo da vista vem em mil jêlvos debuxados, ou de Appelles os suris pinceis, ou de Phidias as Estatuas; & o que bastava não basta. E eis ahi porque falta pello Reyno o bastante, porque pera os sobejos das Cortes não bastando o que havia de bastar, tudo comem, & consomem, como fogo aquelles braços, & mãos tão estendidas, que a tudo chegão, & por tudo puxão, *Et spatiosum manibus.* E que mais?

III. **I**llic reptilia, quorum non est numerus. Ha tambem no mar, diz David, hum numero sem numero de peixes; & estes de que agora aqui falla, & a que chama *Reptilia*, são propriamente aquelles peixes, que no

mar se vão ao fundo, & lá vivem abatidos, & arrastados, que isso quer dizer propriamente o *Reptilia*. E quantos peixes ha no mar das Cortes, que nunca nadão em sima da agoa, mas todos arrastados sempre, & metidos no fundo? Mais são nas Cortes os arrastados, que os sublimados. Ha seiscentos homens pera cada lugar, porque ainda que os lugares sejam muitos, os ambiciozos delles são infinitos. *Quorum non est numerus*. E como os ambiciozos dos lugares são sem comparação mais que os mesmos lugares, os arrastados nas Cortes, & os metidos no fundo são os sem numero. Alli andão primeiramente arrastados infinitos Demandistas, & Pleiteantes. Os grandes arrastados na demanda do titulo, da caza, & do morgado, & os menos grandes arrastados, huns apos o officio, outros apos a vara, huns arrastados plei-

teando sobre a terra, sobre o prazo, & sobre a herança; & quazi todos pello seu todo, & pello seu nada, ou sò por co-lera, ou sò por teima, arrastados de tal sorte no mar das Cortes, que todos no mesmo mar, nunca surgindo acima, se vão a pique, & ao fundo. Não se forão a pique aquelles peixes, que depois de dez annos de demanda forão pera suas cazas, ou feytos em postas pellos Juizes, ou postos na espinha pellos Letrados? Não se forão ao fundo aquelloutros peixes, que cuidando tinham justiça sobre as nuvens, de tal sorte se lhes toldou o Ceo, que atromenta os levou ao fundo, ou pellos respeitos aos ventos, ou pello poder dos Astros? *12* Ouvi a David. *In fixus sum in limo profundi, & non substantia*: pregueime no fundo do mar; & fiquei sem substancia, & na espinha. *Veni in altitudi. Ibi.*

Pfal
68 3.

nem

nem maris, & tempestas de merfit me; cheguei ao mais levantado do mar, & a força da tromenta levou-me a pique. E porque apique David, & porque no fundo? Elle vai dizendo

Ibi. 5. o porque; Confortati sunt, qui persecuti sunt me inimici mei injuste; que non rapui, tunc exolvebam. Fui-me a pique, & ao fundo, porque na minha cauza forão tão poderozos meus inimigos, & tal a sua injustiça; que vim a pagar o que não devia. Pois eis aqui o que são demandas, & pleitos: metemvos no fundo, *In limo profundi;* afogamvos, *Et tempestas demersit me;* & vós no mar afogados, & como peixes arrastados, & metidos no fundo, porque razão, & porque cauza? Por razão nenhuma, mas por cauza sim: por cauza sim, porque a cauza que moyestes, como ordinariamente acontece, nisto vem a parar todas, em afogarem, & levarem ao fundo a quem

as move. Por razão nenhuma, porque ainda que muitos tenham justiça, em sendo mayor o poder da outra parte, ou os respeitos mais fortes, *Confortati sunt inimici mei,* de tal sorte se embarça a vossa justiça, & se enreda, que havendo vós de ser o Pescador do peixe, vós sois o peixe pescado, & havendo de recolher o que era vosso, pagais o que não divieis, *Que non rapui, tunc exolvebam.*

13. O malditas demandas, que a todos arrastão, & metem no fundo! *De-* S. Gry-
folog.
f. 110. *sinat,* exclamã a eloquencia de S. Pedro Gryfologo, *Destinat mater dissentionum, hostis quietis, pacis inimica contentio.* O acabemse as contendas, & as demandas inimigas da paz, mãys da discordia, & tyrannias do descance. Mas ellas não se acabão pera vós acabarem a vós. Quanto melhor forã pera estis acabados qualquer concerto, ainda que roim, que huma boa de-

Aa 3

manda

Ecclef. manda? *Abstine te à lite,*
 28. 10. aconselha o Spirito Santo; não façais demandas; & não distingue demandas boas de más, ou porque supoem que todas as demandas são más, ou porque ainda que alguma fosse boa, ainda seria melhor o ruim concerto, que a boa demanda. Quando os Pastores de Abrahão, & de Lot contenderão entre sy sobre os pastos dos gados de seus Amos, Abrahão por evitar demandas com Lot, que fez? Buscou a Lot, & disselhe assim com muita

Genes. paz. *Ne quæso sit jurgium*
 13. 7. *inter me, & te;* o Lot, eu te rogo que não haja entre nós demandas:

14. 9. *Ecce universa terra coram te est;* Aqui está toda a terra diante de ti: agora façamos hum concerto, & tu farás a escolha; se tomares as terras que cahem pera a parte esquerda, eu irei pera a dextera, *Si ad sinistram jeris, ego dextram tenebo;* & se eleger

res as terras da parte direita, eu ficarei nas da esquerda, *Si dexteram elegeris, ego ad sinistram pergam.* E que fez Lot? Aceitou o pacto, & elegendo as melhores terras, ficou com ellas, *Elegit-ibi. 11. que sibi Lot regionem circa Iordanem.* Pois se Abrahão por mais velho que Lot, & por Tio de Lot, tinha rezão, & justiça pera eleger primeiro, & tomar pera sy as melhores terras, porque dà a eleição ao mais moço, & ao Sobrinho? Sabem porque? Porque Abrahão temeu que o mais moço, & o Sobrinho lhe fizesse demanda, *Ne quæso sit jurgium inter me, & te;* & como prudente, & Santo entendeu, que ainda tendo justiça, & rezão, melhor era concertarse, que descomporse, melhor hum concerto roim, que huma demanda boa; *Ne quæso sit jurgium.*

14. E a rezão d'isto, se bem a considerarem os

Deman-

Demandistas, he muito util, & proveitoza pera todos. He vtil, & proveitoza, porque feito concerto com a parte, ainda que vós fiqueis de peor partido, não ficais partido, mas mui inteiro, & livre de muitos males: ficais mui inteiro na bolsa, que avia de esgotarse, ficais mui inteiro na paz, que havia de destruirse, & ficais mui inteiro na consciencia, que havia de perderse. Livraisvos de muitos males, porque feito o tal concerto, livraisvos de pizar lamas, de subir ladeiras, de sofrer Criados, de esperar nas logeas, & se subis a cima de tal forte esperais pello Ministro escondido entre as cortinas, que como se fosseis hum Christo, primeiro vos crucificação, & matão, do que o sancta sanctorum do Ministro rasgue o veo, & apparessa. E não he mayor bem livrar por hum concerto de tantos males? Mais.

15 Senão faço o pacto amigavel, & o concerto, & quero demanda, ou a minha parte he mais poderosa, ou mais rica, que eu, ou eu mais rico, & poderoso, que ella: se ella he mais rica, ou poderosa que eu, ainda que eu tenha justiça, ou o seu poder ma destroye, ou o seu dinheiro a compra: & se eu sou mais rico, & poderoso que ella, succede o mesmo. Que remedio logo? O que deu o homem mais sabio, *Non Eccl. litiges cum homine potente, 8. 1.* diz Salamão; não litigueis com poderosos. E que mais? *Non contendas cum Ibi. 2. viro locuplete;* não façais demandas a homens ricos, & porque não? Se eu tenho por mim a justiça, que vai no poder do outro? Se tenho por mim o direito, que vai no seu dinheiro? Vai que o poder do ouro ha de matarvos, diz o Mesmo Sabio, *Ne forte incidas in Ibi. madus illius;* & o dinhei-

ro aonde chega athe ao direito faz torto, *Multos enim perdidit aurum, & argentum.* Vede como se couerão com dous homens poderozos Favorino, & Polião, que podião menos. Conta Eliano que não querendo pleitear Favorino com o Emperados Adriano em certas cauzas, dera esta grande rezão; *Quid ni cedam ei, qui viginti tenet legiones;* como hei de pleitear com o poder de Adriano, se tem contra mim vinte legioens de homens? E Polião que fez? Escrevendo contra elle Augusto huns versos Fescenninos, ou libello infamatorio, pondendo Polião não so formar o aggravado, mas tambem por escrito vingar-se de Augusto mui bem, elle cedeu de todo o direito dizendo, *At ego taceo, non est enim facile in eum scribere, qui potest prescribere;* eu callo, diz Polião, & cedo de tudo, porque não quero pleitear com quem

tem poder pera desterrar-me, nem quero escrever contra quem me pode fazer prescrever, *In eum scribere, qui potest prescribere.*

16 Isto fizerão prudentemente destes dous Va- roens ambos grandes por não litigarem com otros maiores. Pois se as partes são ricas, pera que he litigar contra o dinheiro, que tudo vence? Ouvi hum verso enigmatico allegado por Alapide.

Mutnegra cum murva faciunt rectissima curva. ^{Alap. in Eccles. cap. 8.} Mutnegra, & Murva, fazem do direito torto. E que quer dizer a palavra, *Mutnegra*? Ledea às aveças, & achareis que he *Argentum*, prata; & a palavra, *Murva*? Ledea tambem às aveças, & achareis que he *Aurum*, ouro. E vem a dizer o enigma virado do aveço pera o direito, que o *Mutnegra*, & o *Murva*, a prata, digo, & o ouro, *Faciunt rectissima curva*, fazem do mais recto torto,

Elian. varia hist. Apud Alap. cap. 8. Eccles.

torto, & do direito aveço. E se o *Mutnegra*, & o *Murva* virados às aveças carregão tanto sobre o mais recto, & rectissimo, que o entortão, *Faciunt rectissima curva*; se a prata, & o ouro, digo, cegão de tal sorte os olhos, que havendo o Letrado, o Juiz, & o Ministro de olharem pera o Direito, como elle he, às direitas; a prata, & ouro lhes fazem trocar as leys às aveças, *Faciunt rectissima curva*, pera que são demandas com ricos? Pera que são pleitos com *Mutnegra*, & *Murva*, com prata, & ouro? Mas porque não ha pera que, nem pera que, em tantos pleitos, & demandas, & sem porque, nem pera que andão as Cortes cheas de pleiteantes, por isso dos peixes deste genero são rãtos os arrastados nas Cortes, *Illic reptilia, quorum non est numerus*.

17 Pois os arrastados por pertendentes, ou deste, ou daquelle lugar; os

arrastados por ambiciozos; ou desta, ou daquella honra, quantos serão nas Cortes? Não fallemos nisto, porque faltará o algarismo pera contallos. Como das Cortes sabem todos os provimentos da Monarchia, pera alli concorrem todas as pertençaens, & ambicoens dos Reynos. São as Cortes, como vamos dizendo, mar, os pertendentes, & os ambiciozos os ricos; & assi como todos os rios vão correndo pera o mar, assi as pertençaens, & ambicoens pera as Cortes. Mas todos, como os mesmos rios, vão correndo pera o mar das Cortes de que modo? Arrastados, & pera nunca subirem, mas pera serem chupados. Todos os rios vão pera o mar, mas como vão? Arrastados, sempre descendo, nunca subindo, finalmente vão a ser engolidos do mesmo mar. Assi os ambiciozos, & pertendentes; todos vão correndo pera

as Cortes, mas como, & pera que? O como, arrastados, & sempre por precipicios abaixo, & nunca subindo acima: o pera que, pera que ao depois de huma eternidade de pertençoens, os forver, & engullir a todos a Corté, como

aos rios o mar. O mar, ò Cortes, que com o veneno doce do muito, que prometeis, & nunca dais, trazeis engodados a tantos peixes, mas pera os consumires, & arrastares, *Illic reptilia, quorum non est numerus, &c.*





STROMA XXVII.

EM N^{ÃO} SEGURAR

consiste a segurança.

§. I.

Tudo no mūdo são voltas, & vem a ser huma dança tudo quanto vemos. Hūs entrão, outros sayem, & nunca socegados no mesmo lugar, agora vai a traz quem hia adiante, agora he guia o que era guiado, & tudo são mudanças. Não ha que segurar no mundo, nem nos homens: no mundo não, porque ninguem lhe pregou o cravo na roda pera que não dezandasse: nos homens não, porque são

homens nunca firmes, sempre varios, sempre inconstâtes. O mesmo Pedro, que hoje vos defende como Amigo, a menhá vos nega como se nunca vos vira, *Non Math. novi hominē*; o mesmo Pila- 26 72. tos, que hoje vos calcifica innocente, no mesmo hoje mudou a opinião, & a innocencia he delicto, *Tradidit Ioann. eis illum, ut crucifigeretur.* E 19. 16. o que he mais, olhai pera huma Cidade inteira, & vereis a Ierusalem recebendo a Christo com os mayores euges, & aplauzos, & todos gritan-

gritando pellas ruas, Bendito, Bendito, *Benedictus, qui venit in nomine Domini.* Mas que volta não deu logo a Cidade toda? Ella recebeu a Christo com ramos, com palmas, com euges, com vivas, & com bençoens, *Benedictus*; Mas tão depressa mudou a scena o theatro, que em huma volta se trocarão os ramos em rama, as palmas no tronco, os euges em injurias, os vivas em morra, o bendito em maldito, & o mais aplaudido parou em crucificado, *Crucifige, crucifige.*

2. E se este he o mundo, & os homens, entre tantas inconstancias, & revoluções quem poderá firmar o pé sem dar volta? Mario, diz *Plutar.* Plutarcho, desprezava em Africa a Sylla, & depois Sylla desterrou pera a mesma Africa a Mario. Mardocheu hoje não entra no Paço de Asuero, & tudo governa Amão: a menhá vai Amão à força, & tudo manda Mardocheu. Huma hora achareis de espaço entre o amor

de Orestes, & o odio Vatiniano. Vereis Morcego logo a quem tinheis admirado Aguia, a Catão logo Nerão, & a hum Anjo hum Demonio. Por esta cauza escrevia Seneca, *Multiformes sumus. De aliquo, quem vidisti heri, merito dici potest, quis est hic? Tanta mutatio est!* Mudamos a figura, & vestimonos de muitas formas, diz o Discreto. O mesmo, que hontem vistes qual o Diamante no firme, qual em abraçarvos a Era, & nas correspôdencias, ou primores, outro Eliotropio, hoje o vereis tão mudado, que cõ rezão podereis perguntar, quem he este? Tal he a mudança, & tão grande em todos, *Tanta mutatio est!* E escrevendo a Lucillo o mesmo Filosofo, que lhe dizia? *Omnes time, a me incipe.* não vos confieis, Lucillo, de ninguem, temei a todos, & começai por mim. E acrescenta, *Virgilianum illud excute: Nisquam tuta fides.* pôderai, & examinaí, Lucillo o de Virgilio, que poderá

Senec.
Ep. 201

em algum peito haver firmeza, & lealdade, mas com segurança em nenhum.

3 O que supposto, & q̄ em nada ha segurança, que remedio pera vivermos seguros? Eu buscando o remedio mais efficaç para tão grande mal, sò achei o que propuz: que pera viver cõ segurança he o melhor, & mais acertado remedio, não segurar. Parecervosha paradoxo, ou implicancia, que em não segurar consista a segurança. Mas ide agora comigo, & ouvireis se tenho razão. Levantado Ioseph por seus merecímétos [que sò os merecimentos devem levantar-se] levantado ao governo uniuersal do Egypto, soube ElRey Pharaõ que tinha Ioseph a Jacob seu Pay, & a seus Irmãos em Canaan; & obrigado o Rey (se he que te obrigão) aos serviços de Ioseph, manda logo chamar ao Pay, & Irmãos, pera que com o mesmo Ioseph viessem participar da mesma fortuna, & o recado parece implicancia,

ou hum paradoxo notavel, d'zia assim: *Properate quancocius venientes: nec demittatis quidquam de supellectili vestra, quia omnes opes Egypti vestrae erunt.* Vinde Iacob logo de pressa, & trazei cõ vosco tudo o que tendes, porque todas as riquezas do Egypto serão vossas. E aquem não admira este, porque! Antes porque Pharaõ figurava aqui a Jacob haverem de ser suas todas as riquezas do Egypto, não era necessario que Iacob trouxesse com sigo couza algũa de Canaan. Pois porque lhe manda Pharaõ q̄ traga tudo, quando o assegura que lhe darà tudo? Porque nesse mundo a segurança consiste em não segurar. Não vos fieis no meu tudo, diz Pharaõ, trazei com vosco o vosso pouco, porque ainda que eu vos asseguro que tudo será vosso, *Omnes opes Egypti vestrae erunt,* a segurança de tudo consiste em nada vos segurares.

4 O quanto se lhes foy por entre os dedos a fortuna,

Genes.
45. 20.

tuna, por cuidarem que a tinham nas mãos. Quem se podia dar por mais seguro de conseguir o morgado de Izac, que seu filho mais velho Izau? Os merecimentos, & a idade lho seguravam; & com tudo porque os dedos de Rebeca temperarão bem o prato, o q̄ Ezau cuidou que tinha nas mãos, fugiolhe pellos dedos. Cuzinhou o prato Rebeca, & em quanto Ezau se dava por seguro no monte, cá em caza se mexeu o prato de modo, que o morgado, que Ezau tinha por seguro,

Ibi. 36. Iacob o levou, ou lho rapou com o prato, *Surripuit benedictionem meam.* Não ha segurança na segurança; a segurança neste mundo está no receyo. Em Troya votava Tymetes, que o Cavallo Grego podia entrar com segurança da Cidade dentro dos muros, *Primusque Tymetes ducit intra murus hortatur.* Mas entre outros Laocoonte, receando, como muito advertido, naquella segurança a ruina, foy

com muitas rezoens de parecer que não havia pera q̄ segurar em tal Cavallo, *Equo ne credite Tencri.* Mis porque os Troyanos seguirão o parecer de Tymetes segurandose no Cavallo, & não os receyos de Laocoonte, que não se segurava naquellas seguranças, que lhes aconteceu aos Troyanos? Porque se confiarão na segurança de Tymetes, perderão a Troya, & porque aos receyos de Laocoonte não derão ouvidos, trofferão depois todos as orelhas.

5. Desta verdade nasce, que se ha de ter sempre com receyo, o que se quizer lograr com segurança. E assi entendo eu o difficultozo daquellas palavras de São Ioão no Apocalypses, *Tene, quod habes, ut nemo a cipiatur coronam tuam:* o que tendes tendeo mão, pera que ninguém vos leve a coroa. Pois se eu já tenho a coroa na cabeça, *Quod habes,* porque me avizão que a tenha mão, *Tene?* Porque devo recear

que

Genes.
27.

Ibi. 36.

Virg.
Aenes.
21.

Apoc.
3. 11.

que me caya da cabeça; & que a leve o cutro; & pera que o outro a não leve, *Ut nemo accipiat*, & pera que a a coroa se segure minha, *Coronam tuam*, tenha-se com receyo o mesmo que se tem, *Tene, quod habes*. A muitos lhes cahirão as coroas das cabeças, porque não lhes recearão a queda. He grande em muitos a confiança havendo de fer em todos as desconfianças muitas. Senhores, não só huma vez, mas desconfiou muitas vezes, que num mundo tão treidor, & avesso, quem assegura hum bom successo huma vez he quem desconfia quatro.

6. Cazo bem notavel, & bem notado. Com huma só pedra, & logo com o primeiro tiro, derrubou David ao Gygante, *Infixus est lapis* 1. Reg. *in fronte ejus, & cecidit*: mas levava Davip mas quatro pedras ao furrão, & eraõ finco, *Quinque limpidissimos lapides*: se bem se adverte, David desconfiou aqui quatro vezes. Quatro pedras

de mais a mais no furrão, indo o successo só seguro em huma? Notavel cautella, & de sconfiança: Mas se huma só pedra derruba o Gygante, pera que he ir là com a desconfiança das quatro? Sabem pera que? Pera que a desconfiança das quatro afegurasse a vitoria de huma Se David se assegurasse em huma só pedra, & ao rodar da funda a mão lhe tremesse, errasse o tiro, & a pedra fosse pellos ares, onde estava entãõ alli a segurança? Estava, & só podia estar em David ir puxando da desconfiança das quatro, que meteu no furrão pera segurar-se. E vem a ser, que a huma alcançou a vitoria, mas as quatro lha seguraraõ, & porq̃ as quatro erãõ outras tantas desconfianças, segurou o successo por hũa vez David, porque desconfiou quatro vezes. Ah pedras da desconfiança, que só vós segurais o tiro! No duello em que fallamos de David com o Gygante, ouve muitas desconfianças, & muitas desconfianças,

1. Reg. *in fronte ejus, & cecidit*: mas levava Davip mas quatro pedras ao furrão, & eraõ finco, *Quinque limpidissimos lapides*: se bem se adverte,

lbi 40-

fianças. Da parte de David as desconfianças forão quatro; da parte do Gygante forão muitas as confianças. O Gygante confiou nas suas armas, no seu valor, & de tal forte confiou na sua pessoa, que vendo ao Pastor David diante de si, ja o vencello lhe parecia afronta, *Desperxit eum*, & fazello em pedaços fraqueza, *Dabo carnes tuas volatilibus Cæli*. Mas entre as confianças de hum, & os receyos, & desconfianças do outro, quem sahio cõ a victoria? O Gygante confiado cahio, porque não duvidou da sua segurança; & David desconfiado derrubou-o seguramente, porque se não deu por seguro.

7 Gygantes [ainda que o fosseis] em que vos segurais? No vallor? Se hum Leão treme à voz de hum gallo, se com huns mosquitos se alvorõça todo o poder do Egypto; & alfim, se hum Pastorinho, como David, com a vossa mesma espada pode cartarvos a cabeça, pera que he segurar

em valentias? Pois em que vos segurais? Em vos chamarem, como a Christo em Jerusalem, filho de David, & bendito, *Hosanna Filio David, benedictus qui venit in nomine Domini*? Se hoje vos chamão filho de David por honra, & à menhá vos hão de chamar filho de Ioseph por desprezo, *Nonne hic est filius Ioseph?* Se hoje dizem de vòs que sois hum bẽdito, à menhá que vòs sois hum endemoninhado, *Dæmonium habes*, pera que he segurar no que os homẽs dizem? Pois em que vos segurais? No officio, & na vara? Se o officio he de huma penna, se a vara he de huma cana, quem pode segurar-se em huma penna, se he tão leve, & quem firmar-se em huma cana, se he tão oca? Pois em que està a segurança? Em ser fermoço? Em ser rico? Em ser fidalgo? Toda a fermosura he vidro, disse o outro, *Forma bonum fragile est*, & quem se encostou ao vidro pera segurar-se, que não estalase o vidro? Pois

Ibi. 42.

Ibi. 42.

Luc. 4.
22.Ioan. 8.
48.

Pois rios de ouro nas mãos em fim são rios: & quem tomou nas mãos hum rio de agoa, que por mais q̄ a apertasse nas mãos lhe não fugisse delias? Mais seguro parecia fiar no sangue, ou fidalguia: mas se a conservação desta depende da vontade alhea, de vontades quem viveu seguro? Hoje vos porão os povos o juelho em terra, como a Mouyzes, & a menhá vos desprezarão por hū Bezzerro: hoje vos beijarão a mão, como a Saul, & fereis Rey, & logo a menhá vos darão de mão pella beijarem a hum Pastor, & David ferá o Rey, & o Pastor vós.

8 Dirão, que viver desta forte he andar hum homē continuamente cō os olhos nos hombros, sempre com receyos, & sempre temerozo. Seja embora, q̄ melhor he temer, & segurar, que cuidando que não tenho, q̄ temer, perder por descuido o q̄ assegurara o temor. Quem não teme descuidasse, quem não teme arrojar, & descuidar, & arrojar, não he segu-

rar, he cair; & como he cair este não temer, nenhũa couza devo temer mais na minha segurança, q̄ imaginar que nella não tenho, que temer. Provo, & acabo. Quando Jacob sahio de Canan pera o Egypto a gozar com Joseph seu filho das grandes fortunas, q̄ como diziamos, Pharaò lhe offereceu, eis que no caminho aparece Deos a Jacob, & chamando o, não sō hũa, mas duas vezes pello seu nome, pera que o elcutasse com mais tento, lhe diz assim: *Jacob, Jacob, Ego sum fortissimus Deus, patris tui, noli timere, descende in Egyptum*. Jacob, Jacob, advertite no que te digo? Eu sou o fortissimo Deos de teu Pay, não queiras temer; vai ao Egypto a ver teu filho. Pois Senhor, que rezoens tinha aqui Jacob pera temer, & desmayar, que assi o animais, & confortais a que não tema, *Noli timere?* Elle devia hir confiado no amor de seu filho, seguro no valimento de Joseph, & mais seguro na palavra del Rey, que lhe af-

Genes.
46. 2.
3.

segurava toda a boa fortuna no seu Reyno. Pois se o amor devia impedir-lhe os desmayos, o valimento os receyos, & a palavra real os temores, porque rezão teme? A rezão que Jacob teve pera temer, foy esse mesmo parecer que não tinha que temer. Temia Jacob a mesma graça de Joseph, temia a fortuna do filho, temia o mesmo valimento, temia a palavra real, & em fim entre tantas seguranças, temia a mesma segurança, advertindo, como experimentado nas inconstancias de Ezau

seu Irmão, & nos enganos de Labão seu Sogro, que na mesma graça, nas mesmas obrigações do amor, nas da rezão, & cortezia, & athe na mesma segurança, o que mais se devia temer era não temer alli. Por isso temeu tanto Jacob, por isso Deos o animou tanto, *Jacob, Jacob noli timere.*

9. Assi teme quem sabe, que não ha segurança no q parece segurança, & q num mundo, aonde tudo são enganos, vivirá o mais seguro o que se não segurar, &c.





STROMA XXVIII.

NINGUEM PEOR PERA O

homem, que o homem.

§. I.

BEM sei que quem despio ao homê da humanidade foy o peccado. Peccou Adão, & a humanidade, de que o homem se viltia antes de peccar, depois do peccado despio-a. Ah peccado! Ah homens! Mas ainda que homens, & peccadores, se ainda vos ficou a rezão, como sendo complices todos no mesmo dilicto, vos não compadeceis de vòs mesmos, sendo tudo quanto vemos o que? Homens contra homens: Basta que pello peccado se ha de armar contra os ho-

mens o Ceo, & a terra, & sendo tudo contra elles, elles tambem contra si mesmos: Isto he serem os homens os peores pera os homens. Notai. Entra Christo en caza de S. Matheos pera de Publicano o fazer Evangelista, & vêdo os Farizeos a Christo voltão scandalizados pera os Discipulos, & dizêlhes assim, *Quare cum Publicanis, & peccatoribus manducat Magister vester?* E vos so Mestre porque cauzã, & rezão ha de comer na mesma meza com Publicanos, & peccadores? Brava maldade de homens contra homens! Farizeos, & se vòs

Sois tambem peccadores, & os maiores peccadores, por q̄ haveis de notar a merce, & a honra, que Christo está fazendo a outro peccador? Sabem porque? Porque athe pera hum mau ninguem he mais mau, que outro mau; pera hum peccador ningué peor, que outro peccador. Sois hum Publicano, como Matheos? Pois hão de censurarvos os vossos contratos os Farizeos uzurarios. Recolheis, como Matheos, as rendas sem perdoar hū real? Pois ha de notarvos o Rendeiro do verde, que dezima athe a hortella, & os endros. Em fim, se sois ladrão, quem vos nota he outro ladrão, & se por ventura sois hum injusto de má vida, & maos costumes, quem vos estranha tudo isto? Huns Farizeos, que em tudo isto são tais, & peores, que vos.

2 Mas valhanos Deos! Que reprehenda o Santo o meu peccado, bem estava, q̄ ao Santo não tenho q̄ langarhe em rosto, mas que o Santo se calle, & o pecca-

dor, que como eu, tem o telhado de vidro, atire ao meu telhado? Quando Christo comia com os peccadores, he couza notavel, que os Discipulosestavão callados, & os Farizeos estavamse comendo, & isso porque? Porque os Discipulos eraõ santos, & os Farizeos peccadores: & q̄ não me notado S. Pedro, nem S. Ioão, me note Anaz, & Cayphaz! Os innocentes a absolverme, & os complices nos meus mesmos delictos a condenar me! Ora somos peores huns pera com os outros, do q̄ as mesmas feras entre si. Quais são as feras que dentro da mesma especie se andem roendo todas, & comendo humas a outras? Nem os Tigres comem os Tigres, nem os Elefantes aos Elefantes, nem os Leoens aos Leoens, *Leonū feritas inter se non dimicat,* notou Plinio. E que os homens se andem roendo, & comendo, & matando hūs aos outros! Vive segura hūa bívora de outra bívora, hūa bileyra de outra baleyra, & étre nós

Plin.
lib. 7.
hist in
Pref.

nòs, o que não ha nos brutos, o mayor perigo, o mais certo, & o mais fatal de hũ homem, he outro homem.

3 E não sò as feras comparadas com as feras, mas feita a comparação de feras a homens, são as feras pera com os homẽs menos feras, não digo bem, mais humanas, que os mesmos homens. Grande cazo. Navega Ionas pera Tharsis, & embraveſtidos os mares já a Não se ſumergia. Mas que remedio? Vã Ionas ao mar, & já que elle mesmo confessa he o peccador, seja o peccante. Aſsi o fizerão os Marinheiros, tomarão a Ionas veſtido, & calçado, & lançaramno ao mar, *Tulerunt Ionam, & miſerunt in mare.* E então que ſucedeu? Abrio a boca huma baleya, & antes que o mar o afogaſſe, engulio-o vivo, & conſervandoo tres dias nas entranhas, ainda que engulido, não comido, nem digirido, depois o foy lançar em terra, & pos ſeſſimamente vivo, a ſalvamento. *Et evomunt Ionam in aridam.*

Pois que he iſto? Os homẽs que morra Ionas, & as feras que não morra? Os homẽs que ſe percipite Ionas, & q̃ ſe afogue, & a baleya pondo vivo na praya? Ahi vereis o que ſão os homẽs huns pera outros, peores q̃ feras, & que as mayores feras. No Navio estava Ionas entre homẽs, & no mar vioſe entre feras; mas os homẽs no Navio forão as feras, & as feras no mar forão os homẽs: galhardamente o diſſe Sedulio, *Nauta feritatem præbuit, fera navigium miſtravit.* O Marinheiro, que lançou a Ionas do Navio ao mar, foy a fera, que o comeu, a baleya, que o pos em ſalvo na praya, foi o Navio, que o livrou. Moſtrouſe a baleya o Marinheiro, & o Marinheiro a baleya: a baleya o Marinheiro, porque ſe veſtio de humana, & ſalvou a Ionas, *Fera navigium miſtravit,* o Marinheiro, a baleya, porque deſpio a humanidade, & lançou a Ionas ao mar como hũa fera, *Nauta feritatem præbuit.*

Scdul. lib. 1. Paſch. cap. 15.

Ionas. 1.
15.

Ionas. 2.
11.

4 Eis aqui os homens, feras, & peores que as feras: ellas perdoamvos, & vos degolaifvos, & sendo raro o cazo em que huma fera mate hum homem, os homens mortos por outros homens são a milhares, & a milhoês. Anda pervertida a ordem da natureza: pellejão pella piedade as feras, batalhão pella fereza os homens.

Ordine peruerso rerū certare videntur

Proferitate, viri, proprietate, feræ.

Por esta causa vivendo as feras seguras entre as feras, não vivem os homens seguros entre os homens. Que laços, & que filadas se não armão pera se derrubarem? Vamos espantecer ao campo, dizia Caim a Abel, *Egrediamur foras*. Quem ouvisse isto, que havia de imaginar, se não que Caim levava a recrear a Abel, ou por entre as flores dos prados, ou por baixo das sombras dos bosques, ou por junto as margens dos rios? Assim cuidava o mesmo Abel,

mas não succedeu assim, por que morto por Caim atreçoadamente Abel, as flores murcharamse vendo o delicto, as sombras augmentaramse pello não verem, & os rios crescerão, que tanto o chorarão. E comerem estes enganos, estas treçoens, estas aleivozias repentinas, & não imaginadas as feras?

§ Não sò as feras, mas nem a natureza, quando mais irada, he tão repentina, & inopinada nos males. A tempestade ameaça primeiro, que descarregue, & Abner achouse estoqueado por Ioab sem o precentir, & isto de Amigo a Amigo. O Terremoto aballa os edificios, & assi aviza ruina, & Ablalão levantouse com o Reyno, & caza de David, sem se aballar o Palacio. & isto de filho a Pay. A farsca adverte que pode haver o incendio, & Troya viose abrazada em chamas antes que as visse: & isto de homens a homens. Como a innocencia dos homens, di-

zia Seneca, he já mais nenhuma, que rara, preocupa a muita malicia as advertencias, & antes que o trovão se ouça, já o rayo fere, & sem se saber donde o mil veyo, achamonos de repente perdidos. E esta he a pedra sem mão, de que muitos se queixão, & com rezão, porque esta he a pedra peor das pedras.

6 A pedra, que fez mais estragos neste mundo, foy a da Estatua del Rey Nabucho: de huma sò pedrada derrubou quatro Imperios: na cabeça de ouro o dos Babilonios, nos peitos de prata o dos Persas, no bojo de bronze o dos Gregos, no barro, & ferro dos pes o dos Romanos. E esta pedra, que cauzou no mundo o mayor dano, & o mayor estrago, que vio o mundo, que pedra foy? Foy huma pedra sem mão, diz Daniel, *Abscisus est lapis de monte sine manibus*. A Estatua arruinou se, mas a mão, que a fez em cizas não aparece, *Sine manibus*: per-

dem se quatro Imperios, & quebradas as cabeças de tantos milhoens de homens, sabe se que as quebrou a pedra, mas donde veyo a pedrada, ou que mão despedio a pedra, não se sabe de tal mão, *Sine manibus*. E não he isto o que cá vemos? Ainda mal; achou se a afrontado aquelle, dezecreditado o outro, hús roubados, outros despedaçados, & violentamente mortos, & a futiliza com q̄ tantas maldades se fabricão, & executão he tal, que as Estatuas se achão sem honra, sem fama, sem ouro, sem prata, sem vida, & a mão q̄ deu tantas, & tais bofetadas, não ha descubrilla, nem dar nella, *Sine manibus*. O homens, ò homens, tornai a vestirvos de quem sois, & aprendei athe das feras a fer homens. As feras da mesma especie não se matão, não se degolão, não se afrontão, não se aborressen, nem se armão treçoens, nem dão bofetadas sem mão: todas se defendem, todas se amão, todas se unem, & assi con-

fervão; pois aprendamos dellas, senão queremos continuar em ser peores, que ellas. Nabucho entre os homens foy tão mau homem, que de entre os homens fahio pera fera: metido entre as feras, feito huma dellas, de entre as feras fahio outra vez pera homem. Se the agora fomos homens como feras, & peores, que ellas, metidos entre as feras vol-

temos sobre a nossa malicia, como Nabucho, & aprendamos das feras outra vez a ser homens; que doutra forte nós mesmo temos em nós os mayores inimigos, & fêdo sempre as guerras, & as batalhas domesticas, & intestinas, continuaremos em ir chorando sem remedio, que pera o homem ninguem he peor, que o mesmo homem, &c. sup. A





STROMA XXIX.

PERA POUPAR PACIENCIA,
paciencia.

§. I.



Este mundo
ninguem vi-
ve sem algu-
ma paciência.
Lançai os
olhos por toda a redondeza
da terra, & pondoos na mes-
ma terra, & em todos os ho-
mens della, vereis que tudo
quanto vedes he paciência.
Se pondes os olhos na terra,
as flores cahem, & paciência
nas flores, os frutos cortam-
se, & paciência nos frutos;
sofrem os montes os rayos,
& paciência nos montes; so-
frem as inundaçoens os val-
les, & paciência nos valles.
Se tirais da terra os olhos, &
os pondes nos habitadores

della, que homem viveu na
terra sem paciência? Ne-
nhum. Sò entre a paciência
de todos achareis esta diffe-
rença, que a paciência dos
pequenos, pera consolação
do que sofrem, he menor, q̃
a dos grandes, & a paciência
dos grandes [pera que não
afectem o seremno] he tão
grande como elles. Cresce
o tormento à medida do so-
geito, como cresce a tormê-
ta à medida da Não. Ne-
nhum homem neste mundo
chegou a sofrer o q̃ Christo
sofreu, *Patientiam hujusmo- Tertul.*
di nemo hominum perpetra-
rat. disse Tertoliano. Era
Christo entre os homẽs sem
contro-

controversia o mayor dos homens; mas a maioria, cõ q̃ sobre todos se levantava, lhe augmentava sobre todos a paciencia. Tem paciencia o Pastor, mas não passa das suas ovelhas a paciencia: sofre o Rey, mas athe a coroa o trespassa o sofrimento. Sereis o mayor, mas pera mais soffreres; & se como Christo fores o mayor dos homens, serà a vossa paciencia a mayor das paciencias, *Patientiam hujusmodi nemo hominum perpetrarat.*

2 Isto supposto, & que a paciencia em todos ou he necessidade, ou natureza, q̃ remedio pera ser menor a paciencia entre tantas occasioens de paciencia? O remedio pera poupar paciencias he ter paciencia. Assi o aconselhou a David aquella notavel mulher, que por entendida, & discreta, mereceu depois ser Raynha, Abigail. Foy ocazo, que impaciente David contra Nabal Carmelo marido então de Abigail, & rezoluto a matallo, pella descortezia,

& sem rezão, com que o Nabal respondeu ao que David lhe pedia, sahe Abigail ao encontro a David, & entre outras rezoens pera aplacallo proposlhe esta: q̃ ainda que seu marido Nabal por homem rustico, & mal acondicionado, tinha gravemente offendido a sua pessoa, com tudo não lhe convinha matallo; & porque? Porq̃, Senhor, diz Abigail, ficareis ao depois com a paciencia de agora livre de grandes escrupulos, & de muitos suspiros, & soluços, *Non erit tibi in singultum, & in scrupulum cordis Domino meo.* E David que fes ouvindo isto? Meteu a espada na bainha, sofreu com paciencia o agravo de Nabal, & voltando pera Abigail, a ella chamoulhe bemdita, & ao que lhe dissera, bemdito, *Benedictum eloquium tuum, & benedicta tu.* Pois ainda agora matar a Nabal era o bemfeito, & logo agora, não mateis a Nabal he o bemdito, *Benedictum?* Athe agora soffrer hum agravo era paciencia

1. Reg.
25. 31.

ubi. 33.

encia infófrivel, & agora já o sófrimento, & a paciencia he o melhor, & o que mais convem? Sim, que do contrario seguiamse a David aquelles escrupulos do coração, aquelles soluços, & ays, que depois havia de padecer, se se vingasse sem paciencia de Nabal; & porque ter paciencia agora por evitar mayores paciencias ao depois, he o bemdito, & o bẽ feito, *Benedictum*, quero ter paciencia, diz David, pera evitar paciencias, & pera ao depois poupar continuos ays, & soluços, melhor me he meter agora a espada na bainha, *Benedictum non erit tibi hoc in singultum, & in scrupulum oris.*

3 Assim o fez David aconselhado por hũa mulher, & assim o deviã fazer todos os bem aconselhados. He certo diz S. Ião Chrysostomo, que cu eu queira, ou não queira, sempre hei de topar com que sofrer, *Cogita, quod sive velis, sive nolis, calamitatem patieris.* Pois não he melhor abaixar a cabeça

ã primeira onda, que por forcejar adiante augmentar a tormenta, & o tormento? Se eu neste mar do mundo, ou por força, ou por vontade, nũca hei de beber a agoa doce, não ferã melhor, que a paciencia lhe metigue o sal, do que acrescentar-lho a colera? He conselho da mesma boca de ouro Chrysostomo, que fação voluntario os homens aquelle trago, que lhes ha de ser forçoço, *Quod necessitatis est, hoc nostræ voluntatis esse faciamus:* & isso pera que? Pera que o voluntario tire ao trago o dezabrido. O que se aceita cõ vontade, ainda que em si seja amargoço, & duro, a vôtade, com que se aceita o faz suave, & ainda gostozo.

4 Huma das paciencias mais notaveis foy a paciencia de Jacob. Servio a Labão por amor de Rachel sete annos: muito sofre, & padece quem muito ama. Sette annos de huma galẽ merecem a melhor comenda, & sendo a galẽ do amor a em q̃ mais pellejão, & batalhão os homens,

Chryf.
hom.

64.

ed. pop.

mo

lb.

mo
81. ga

mês, Iacob sete annos amarrado a este banco, não levou a comenda, nem a encomenda. Faltou Labão a Iacob com a palayra, & enganou, porq̃ lhe não deu a Rachel; não obrou como quem era. Labão quer dizer *Albus*, ou *Candidus*, o alvo, o candido; & Labão obrou neste caso tanto contra a alvura, & candidiez, que Iacob, com ter bons olhos, não deu no alvo, & experimentou enganoso o que imaginava candura. Assim são muitos como Labão; mostrão por fora o serem claros, *Albus*, & por dentro ninguem os entende; por fora a mesma candura, *Candidus*, mas por dentro falsidades tudo, tudo enganoso, tudo mentiras. Mas vamos ao ponto. Servio Iacob, como dizia, sete annos a Labão por amor de Rachel, *Serviam tibi pro Rachel filia tua minore septem annis*. Ha mayor paciencia, que sete annos continuos de paciencia? Não sei como tanta paciencia não matou a Iacob, pello menos

no seteno. Mas ainda admira mais o que ouvireis. Diz o Texto Sagrado, que tantos annos de paciencia parecerão a Iacob poucos dias, *Videbantur illi pauci dies*. ^{*Ibi. 20*} Aqui agora o meu af-sôbro, & o de todos. Se sete dias de paciencia, ainda em coraçõens muito grandes, parelsem sete annos; como a Iacob, por mayor coraçãõ, que tivesse, sete annos de paciencia lhe parecerão poucos dias, *Videbantur illi pauci dies*? Logo o Texto ^{*Ibi.*} soltou a difficuldade no *Præ amoris magnitudine*, q̃ acrescentou. Abraçava Iacob com grande vontade, & amor, aquelles tão molestos, como dilatados trabalhos, *Præ amoris magnitudine*; & como a vontade tanto que quer, & se resolve a querer, & a abraçar o objecto, por mais paciencia que o objecto demande, ella adoça, & doura tudo; abraçando a vontade de Iacob todo aquelle trabalho, a vontade, com que o abraçou, lhe dourou a pirola, & a vontade, com

Genes.
29. 18.

com que o quis, lhe confei-
tou o amargoz, *Videbantur
illi pauci dies pro amoris mag-
nitudine.*

5 Catholicos, não acci-
tamos com vontade os tra-
balhos desta vida, & por is-
so o que podia ser mel, sem-
pre he fel, & por não sofrer
o menos, vimos a sofrer o
mais, & podendo poupar
com huma paciência peque-
na outra mayor, porque não
tive a pequena, fuime encre-
yando na grande. Amão
não teve paciência pera que
Mardocheu no Passo de
Assuero lhe não dobrasse os
juehos, *Solus Marduchæus
non fletebat genu,* & porque
não teve este atomo de pa-
ciência, o negocio se estra-
gou de modo, que o atomo
se fez huma travé, em que o
mesmo Amão foy enforca-
do, *Suspensus est itaq; Aman
in patibulo.* Cuidava Amão
que metendose naquella pa-
ciência athe o jueho, já se
afogava, & elle veyo a afu-
garfe com a paciência athe
o pescoco, *Suspensus est.* O
quantos por não ouvirem

com paciência huma pala-
vra, vierão a perder a falla!
E quantos por não tolera-
rem hum pique sofrerão
hum estoque. Se Caim so-
frera o que fosse lembora
Abel mais bem visto, que
elle, viria a enveja de Caim
a persuadillo, que o mata-
vão a cada canto, *Qui inve-
nerit me, occidet me?* Não
viria. Se Achitofel tivera
paciência pera ouvir contra
si a Cuzai no conselho de
Absalão, viria ao depois
a perder a falla enforcan-
dose pella garganta? Não
viria. Mas porque não
queremos ouvir, & sofrer
contra nós huma palavra
ou hum voto em hum con-
selho, que succede? En-
forcasse Achitofel. Mas por-
que não temos paciência,
pera que outro seja mais
bem quisto, & aplaudido,
que nós, picados desta en-
veja, que aconteffe? Mor-
re estoqueado Caim
a cada canto, *Qui
invenerit me,
occidet me.*

Genes.
4. 14.

Esther
3. 2.

Esther
. 10

§. II.

6 **I** Sto supposto, & ponderado como verdadeiro, que se segue agora? Que pera não vir a dar na paciência mayor, hei de ter, & devo ter a menor: sofrer a palavra pera não cahir no laço, & pera evitar a estocada sofrer o pique. E sò assi se vive, & pode viver no mundo. No mundo quem não tem paciência não vive. Aos homens sofridos comparou o mesmo Christo ao grão de trigo, que caye na terra, *Nisigratum frumenti cadens in terram mortuum fuerit.* E com que semelhança do grão aos homens? Porque o grão se não tem paciência, não vive, & se vive, he porque a teve. Caye o grão na terra, & se vive, porque vive? Porque cahindo por terra teve paciência pera sofrer a queda, *Cadens:* porque sofrendo a queda teve paciência pera andar nos dentes da grade, & pera que ficando debaixo da mesma terra, ahi

crecesse, & viesse de sofrido a conservar na nova espiga a vida, *Si autem mortuum ibi. 25. fuerit, multum fructum affert.*

Assi os homens; aiada que cayão, ainda que os metão debaixo da terra, na paciência da queda, & da terra sobre elles, ahi he o que não morrem, mas vivem. De golpe em golpe vai vivêdo a vide, & a beneficios de cortada dilatâdo a vida. A roza sofre as espinhas, mas não sòmente soffra por ser fermoza, mas porq̃ as espinhas, se amolestão, ellas a defendem, & lhe conservão a vida. Que faz a Phenix pera eternizar-se? Abrazase: soffre os incendios, & multiplica os annos, & pera que sempre viva, vai ardendo sempre.

7 Assi, & sò assi se vive, sempre sofrendo. Vem o agravo, & a injuria? Dissimular, & sofrer, que assi se vive. Sobre ElRey Archelao lançou hũa pouca de jagoa certo homem, conta Plutarco, & não se sabe se foy de propozito, se a cazo: o certo he, que os que hião ao lado do

Rey

Ioan.

12. 24.

Rey o excitarão a que não ficasse sem manifesto castigo tão atrevido delicto. Quando Archelao os viu tão escaaldados com hũa pouca de agoa fria, respondeu socegado, *Non me resperfit, sed quem esse putavit*: Callaivos, que não cudou que era eu. Galhardo dissimular agravos pera viver, & isto hum gentio: Mas mais fez David, porque sabendo de certo, & vendo com os olhos, & ouvindo com os ouvidos as maldiçoens, que Semei lhe lançava, querendo Abzai vingar este agravo de David matando a Semei, David o teve mão dizendo; deixayo, que Deos lhe mandou que me amaldiçoasse, & eu talvez na maldição deste sofrendo, grangeye a benção de Deos, *Si forte, diz David, respiciat Dominus afflictionem meam, & reddat mihi Dominus bonum pro maledictione hac hodierna.*

8. Pois se a offentanda pessoa vier a dar na fazenda, paciência, & vivereis De Diogenes diz Seneca, que

era de tão grande animo, & paciência, que por mais que a fortuna lhe roubasse de bens nada lhe tirava, *Diogenes, vir ingentis animi, effecit, ne quid sibi eripi posset.* E isto porque? Porque mais era o que Diogenes não queria, do que quanto Alexandre podia darlhe, *Plus erat, quod hic nollet, quam quod Alexander posset dare.* Fugio lhe hũa dia a Diogenes hum unico escravo, que tinha, chamado Manes, *Ille servus unicus Manes fugit, & que disse Diogenes, & que fez? O que fez foy ter paciência, & o q disse foy Turpe, inquit Manem sine Diogene posse vivere, Diogenem sine Mene nō posse,* diz o mesmo Seneca; vil, triste, & torpe couza seria, diz Diogenes; que pedendo o meu Escravo Manes viver sem mim, eu não pudeffe viver sem elle. Bem dito, & bem feito, mas assi se vive, & doutra sorte tudo vai a perderido; & se não houver a paciência agora os torpes impacientes.

Plutar.
in mol.
Apoph
reg.

2. Reg.
16.12

Senec.
l. de
Tran-
quil.
a n.º 8.

Idem.
l. 5. de
Benef.
cap. 4.

§. III.

9 **Q**UE fazem as impaciencias neste mundo? Posta a paciencia de parte, entra a impaciencia em primeiro lugar pello insensível, & vede o que obra. Se a impaciencia entrou no ar, que outra couza são tantas tempestades, & naufragios miseraveis nos mares, se não impaciencias nos ventos. Se a impaciencia entrou dentro da terra, que outra couza são tantos terremotos, & tão grandes, que alguns sovertirão Cidades, outros proviecias inteiras, senão, porque se não dè vacuo, impaciencias na natureza? Se a impaciencia entrou nas nuvens, tudo são rayos: se entrou no fogo, tudo são incendios, & athe se entrar na agoa tudo serão diluvios. E se do insensível passarmos aos homens, se a impaciencia entrou nos homens, já os Criados não são Criados, são inimigos forçados; os filhos não são de Deos, são do Demonio, a ca-

za não he caza, he o Inferno. Se entrou nos homens a impaciencia, o que havia de ser justiça, he tyrannia, o poder logo he violencia; o perdão vingança, o amor odio, a urbanidade descortezia, & toda a paz convertida em guerra, & destruiuose tudo.

10 Quer Christo nosso Redemptor significar aos homens quando este mudo se ha de acabar, & que finais nos deu desta universal ruina? Entre outros, diz o Senhor, que haverá grandes terremotos, *Et terremotus magnierunt*; no ar grandes tormentas, & tempestades medonhas *Terrores que de Celo*: os homens se levantarão huns contra os outros, *Surget gens contra gentem*; tudo entre elles serão escandalos, *Tunc scandalizabuntur multi*; tudo treições, & alevozas, *Et invicem tradent*; tudo finalmente odios, & vinganças, *Et odio habebunt invicem*. Pois estes hão de ser os finais de se acabar o mundo? Estes. A terra impacien-

paciencia, & tudo terremoto? O ar impaciente, & tudo trovoadas, & rayos? Os homens impacientes, & logo as espadas nas mãos; os peitos fervendo em ira, em treições, & aleivozias, & em fim odio tudo, & tudo vinganças? Pois tudo impaciente, diz Christo, he o mundo inteiro acabado,

Ibi. 14 Tunc veniet cōsumatio. Tunc, entã, quando o ar, & a terra se embravessem, entã se acabã, *Veniet cōsumatio. Tunc* entã, quando nos homens reynar a impaciencia, & a ira, entã os perderã a ira, & consumira a impaciencia, *Tunc veniet cōsumatio*,

II Eis aqui o que fezê as impaciencias no mundo; que por não paupar com huma paciencia outra mayor, vêm todos por impacientes a perder tudo, & a perderse todos. E se esta he a impaciencia, & os seus effeitos, sendo os effeitos da paciencia os seus oppostos, quem haverã que não se abraçe com ella? Quando

Christo deu por finais de se acabar o mundo as impaciencias, que ouvimos, fechou cõ esta sentença, *In patientia vestra possidebitis animas vestras*; na vossa paciencia possuireis almas, & vidas. Como se differa: tudo perdem as impaciencias: logo se os effeitos da paciencia são contrarios aos da impaciencia, pera que a paciencia logre o que a impaciencia perde, tẽ de paciencia, *In patientia vestra possidebitis animas vestras*. Assi passa, & assi o vemos, & experimentamos. Quẽ teve, & perseverou na paciencia, que não lograsse, & conseguisse, o q̃ pertendeu? Tudo quanto neste mundo se logra, ou pertende lograr, he pão, vida, honra. Sobre estes tres eixos se revolve toda a maquina do querer humano. E quem logra, & consegue tudo isto, se não a paciencia?

12 Hum. homem. diz Christo, foy à meya noite pedir a hũ amigo tres paens, *Amice, cōmoda mihi tres panes*. Respondeulhe, q̃ estava

Luc.
21. 19.

Luc.
11. 5.

- Ibi.* 7. já recolhido, & não lhós podia dar, *Non possum surgere, & dare tibi.* Eis que persevera abater o homem huma. &
- Ibi.* 8. outara ves na porta, *Si ille per severaverit pulsas,* & tanto perseverou, & tanto bateu, athe q̄ lhe derão todo o pão necessario, *Dabit illi quot quot habet necessarios.* Agora pergunto: & se aquelle homem batêdo a primera vez, & não lhe abrindo, desconfiasse logo, & não tivesse paciencia pera tornar a bater, & rebater, levaria o pão? Não levaria: logo quem lho deu foy paciencia, com q̄ bateu na porta, & tornou a bater: assi passia: fecharia a impacencia a porta, que a paciencia fez abrir, & o homem, q̄ por infofrivel não levaria o pão, porque teve paciencia, teve que comer. *Si perseveraverit pulsans dabit illi.* O quantos não comem, porq̄ se comem? Quantos por asinhados não tem hum pão Mas bem empregado, que pereão as impacencias de Achab o pão, que o sofrimẽto de Iob deve comer. Im-

paciente Achab contra Nabob, *Indignans,* diz o Texto, & *frendens,* em que lhe deu a indignação; Em não comer, *Avertit faciem suam ad parietem, & non comedit panem.* Eis aqui o que fazem as impacencias; porque vos comeis de raiva, não comeis. Por isso a impacencia de Achab, *Indignans,* logo atirou aquebrarlhe os dentes; *Et frendens.* E a quebrarlhos, porque? Porque os dentes são o instrumento com que se come; & como os que não comem são os impacientes, *Non comedit panem,* que não come por impaciente, como Achab, *Indignans,* como escuzza dentes pera comer, bẽpõdem quebrarfelhe os dentes, *Et frendens.*

13 Coma pois Iob por sofrido, o q̄ perdeu Achab por impaciente, assi foy. Sofreu, & teve Iob a paciencia; de quem? De Iob. E que succedeu a Iob? Porque sofreu muitos trabalhos, sêdo muito honrado, porque tendo muito que comer, teve paciencia para nada ter. Deos, q̄ sempre

Iob 42
10. sempre deu de comer aos q̄
sofrem, não sò tornou a dar
a Iob o muito pão, que per-
dera, mas pella paciencia, q̄
tivera, dobroulhe a fazenda,
dobroulhe as riquezas, do-
broulhe o pão, *Et adidit*
Dominus omnia quæcunque
fuerant Iob duplicata. Assi não
comem os impacientes, co-
mo Achab; & os sofridos,
como Iob, assi tem que co-
mer. E que mais tem? Hôra.

14. Este ponto, que da
Lua pera baixo he o mais
subido dos pontos, he tão
claro, & verdadeiro, q̄ pare-
ce não necessita de descursar-
se. nenhum ponto tra-
zem os homens mais nos o-
lhos, que o da estimação, &
da honra. E quem foy hon-
rado, se não porque foy so-
frido? *Si subtinemus, & con-*
Tim. 2 *regnabimus,* diz S. Paulo: en-
tão rèynaremos, & seremos
coroados, quando soffremos;
& o contrario he engano.
Ninguem tem mão na hon-
ra. que lhe não fuja, se não tẽ
mão na paciencia. Quando
os dous Discipulos pedirão
a Christo as duas Cadeiras,

fugiolhes a honra, q̄ dezeja-
vão, *Non est meum dare, vo-*
bis, lhes disse Christo; não ^{*Muth.*}
vos dou as horas, que pediz. ^{20. 23}
E porque não, *Non?* Porq̄
intentarão beber o doce, diz *S. Gre-*
S. Gregorio, primeiro q̄ so-
fressem o delabrido; ou por- ^{*Humil*}
que quizeraõ que a honra, q̄ ^{27. 14}
sò se compra com a pacien- ^{*Evang*}
cia, se lhes desse, ou vendesse
de graça, *Quia gratis sibi da-*
ri primatum petebant, disse ^{*Euth.*}
Euthymio. Segurou a hon-
ra Ioseph o Vizo Rey do
Egypto, mas da paciência do
carcere foy pera o Passo de
Pharào, Fosse elle como fos
se, o cazo he, conta *Curcio,*
& *Plutarcho,* que a honra de
conquistador da Azia toda,
estava vaticinada pera quem
dezataffe o nõ de Gordio.
Chega a Gordio *Alexandre,* ^{*Curcio*}
pega com as mãos naquelle 3.
nõ; eilo volve, eilo revolve,
eilo puxa, eilo se esconde. ei-
lo cuida que o dezata, eilo
aperta, eilo com mil olhos
sobre o implicado do nõ, &
o nõ cada vez mais cego.
Alexandre. que paciencias
são essas? Era querer segurar
Cc 2 a hon-

a honra, que esperava. Deza-
tou em fim o nõ Alexandre
cortando com a espada, &
porque não abafou, nem de-
zesperou logo, como mu-
itos, cõseguio com a pacien-
cia a hõra do vaticinio. Foy
Senhor Alexandre da Azia
roda, & nella reynou, & não
lhe fugio esta honra, porque
a paciencia, com q̃ persistio
em dezatar o nõ, lhe affegu-
rou o ponto.

15 E esta verdade, sem
os receyos de fabula, cuido
allegorizou Salamão na fa-
brica do seu trono. Era este
da madeira mais precioza
do Libano, as columnas de
prata, & o riclinatorio de
ouro. Honrado trono, &
digno de hũ Salamão. Mas
os degraos por onde se subia
a este trono de q̃ eraõ? Eraõ
de purpura, *Ascensum pur-*
pureum. E de purpura com

que allegaria? Porque a pru-
pura he da cor do sangue,
dos trabalhos & da pacien-
cie, comentão aqui os Inter-
pretes; & sò por estes de-
graos he o que se sobe aos
tronos. Primeiro sofrido,
então honrado; primeiro pa-
ciencia, então trono, & pri-
meiro purpura, & sangue, &
então Rey, *Ascensum pur-*
pureum.

16 Seguiase provar a-
gora, que a paciencia he a q̃
conserva as vidas; mas como
tenho tocado, q̃ a impacien-
cia as perde, & q̃ a paciencia
as conserva, pera intelligen-
cia deste pōto bastà o toca-
do. Eya pois, Catholicos,
pera poupar paciencia, pa-
ciencia: paciencia pera o pão,
paciencia pera a honra, pa-
ciencia pera a alma, & pera
avida, *In patientia vestra pos-*
sidebitis animas vestras.



STROMA XXX.

DEOS AVIZA PERA EVITAR

o castigo; os homens castigão
sem avizar.

§. I.



Muito devem a Deos todos os homens, & pouco devem alguns homens a outros homens. Deos, pera evitar o castigo, primeiro ameaça, grande mercee. Os homens sem ameaçarem castigão logo, grande escandalo. Lede as Escrituras Sagradas, & achareis que pera evitar os castigos estão cheas as Escrituras de amoeştiçoens, & avizos. Este he Deos, aviza pera não castigal, & se castiga he porque não se acitou

o avizo. Castigou Deos ao povo Hebreu, & deulhe de mão, diz David, *Et dimisi eos*, & porque? Porque avizádo o muitas vezes de seus grandes peccados, nunca os avizos forão ouvidos, disse o mesmo David, *Non audivit populus meus vocem meam, & Israel non intendit mihi, & dimisecos.* Não castigou Deos a Ninive, & perdoou-lhe o fogo, que merecia por seus escandalozos delictos, *Et misertus est Deus super malitiam*, & porque lhe perdoou? Porque Ninive deu credito a longa, & acitou o

Ce 3 avizo,

Psal. 82. 13

Ibi. 12.

Iona. 3. 10.

avizo, que Deos lhe manda-
va, *Et crediderunt viri Nin-
vitæ in Deum*; & como quẽ
aceita os avizos de Deos,
nã he castigado, aceitando
Ninive o avizo, *Et credide-
runt*, ficou perdoada Nini-
ve, *Misertus est Deus*.

2 E que mayor merce
de Deos, que pera evitar-me
a queda, pervenir-me com o
avizo? Como neste mundo
a cada passo vamos torpes-
fando em mil perigos, gran-
de merce me faz quem me
dã a mão pera que não caya.

Esta grande merce agrade-
cia David a Deos quando
dizia, *Impulsus eversus sum,*
ut caderem, & Dominus sus-
cepit me; estava pera cahir,
diz David, & Deos me deu
a mão pera que não cahisse.

A mão de Deus, pera não
cahir, são os seus avizos; &
já que elle aviza pera favo-
recer, aceitando-lhe os avi-
zos, beijemos-lhe a mão. En-
che, & cobre Deos o Ceo de
nuvens, *Qui operit Calum*
nubibus; & pera que? Pera
avizos da tormenta. E em
que dez a mão tantas, & tão

celestes iras? Em beneficios,
Et parat terræ pluviam, diz
o Profeta. Ameaça Deos ra-
yos, & faz merces, aviza in-
undaçoens, & chove fertili-
dades. E daqui que se segue?
O que advertio o mesmo
David. Mostra Deos a sua
grandeza, & magnificencia
nas nuvens. *Magnificentia,* ^{*Psal.*}
& virtus ejus in nubibus. E ^{67 35}
que mais? *Dote gloriam Deo*
super Israel, diz immediata-
mente David: pois dai a glo-
ria a Deos, que he beijar-lhe a
mão pella merce, q̄ vos vem
das nuvens.

3 Mas quantos avizos
de Deos, cõ virem do Ceo,
vemos neste mundo mal a-
ceitos; & o que havia de ser
beijar a mão pella graça, he
regeitalla. Quem me aviza
he o que bem me quer, & eu
muitas vezes a ninguẽ que-
ro mais mal, que a quem me
aviza. Aviza o Pay ao filho,
& o Amigo, ao Amigo, &
porque? Porque são ambos
amantes, o Pay do filho, &
do Amigo o Amigo. Man-
da Deos a João, que em no-
me do mesmo Deos, repre-
henda,

Psal.
117.
13.

Psal.
146.
8.

henda, & avize a fete Bispos na Azia dos descuidos, & negligencias com que se haviam nos seus officios, *Scribe in libro, & mitte septem Ecclesijs, quæ sunt in Asia.* Todos forão reprehendidos, & avizados, & entã côcluhio Deos dizendo, *Ego, quos amo, arguo, & castigo:* eu, aos que amo, avizoos, & reprehendoos. De sorte que os Bispos avizados, & reprehendidos, erã os Bispos amados: parecia a reprehensão dureza, & era amor, *Amo:* parec a o avizo dezabrimento, & era fineza, *Amo.*

4 Mas se quem me aviza he o que me ama, ouvi agora a Santo Agostinho com rezão admirado. *Quis facile inveniet, qui velit reprehendi? Et ubi est ille sapiens, de quo dictum est Proverbiorum nono: Argue sapientem, & diliget te.* Quem acharã facilmente, diz Agostinho, quem queira ser reprehendido? Onde descobrirẽmos aquelle Sabio, de quem diz Salamão, Avizai

ao Sabio, & amarvosha: Amor por avizos, quazi que já o não ha, quem vos queira mal porque o avizastes, experimentalloeis cada hora. Nenhum Rey deste mundo teve melhor Conselheiro que El Rey Herodes: era o Cbselheiro o grande Baptista. Comessou Herodes a ouvillo de boa vontade, diz o Texto, *Libenter eum audiebat,* & obrava Herodes muitas couzas por seu conselho *Et audito eo multa faciebat.* Eis que levado o Baptista do zelo da justiça, & do amor q̄ tinha aquelle Rey, avizao dos incestuosos amores com Herodias, & escandalos com que publicamente vivia, *Non licet tibi habere uxorem fratris tui.* Avizado assi Herodes, & havendo de pagar hũ amor com outro amor, o mesmo Herodes, que antes de assi avizado, ouvia bem os conselhos, depois do avizo não podia ouvir o Conselheiro: pello não ouvir mandoulhe cortar a garganta, *Et decolavit eum.*

Apoc.
1. 11.

Apoc.
3. 19.

Marc.
6. 20.

Ibi. 18.

Ibi. 27.

S. Aug.
ep. 87.
ad Fel.
& Ruf.
14.

5 Isto fez Herodes a quem o amava, porque o avizava, & isto fazem muitos com grande escandalo da rezaõ, & da natureza humana. Ha mayor escandalo da natureza, que a quem me aviza, porque me quer bem, responderlhe, & correspondelhe com males? Athe as penhas dos dezertos, se as vozes são amor, respondem, amor, & o mesmo acho, que parece que he repulsa, he correspondencia. E que se ache nas penhas esta fineza, amo porque me amão, & que se ache nos homens esta tyrannia, porque me querem bem, quero mal. Mais. O metal, que tudo doma, & que mais reziste pela sua dureza, he o ferro, *Quia ferri duritia pugnacius*, diz Plinio, & com tudo, diz o mesmo Author que este domador de tudo deixa do marfe, & aprende do brando a não ser duro, *Sed cedit, & patitur molles*, ou como lein outros, *Amnes*. E he o caso, ou a maravilha, que amado o ferro da Magnete, ou pedra

Iman, assi como ella o chama, assi obedece elle, *Trahitur namque à Magnete lapide, domatrix que illa rerum omnium materia, propius venit, assistit, teneturque, & complexu haret*. Ella o chama, & o ferro ouve; ella o guia, elle a segue; ella o eleva, elle se suspende; ella o ata, elle se deixa prender, se ella para, ella se aquietta; se sobe, sobe, se desce, desce, se anda à roda, rodeya; sempre juntos, sempre unidos, & tão conformes, que o parecer de ambos fica como enlaçado, & abraçado em hum só, *Et complexu haret*.

6 Isto faz o ferro amado de huma pedra; ouvea, seguea, & a todos os seus acenos, sendo hum ferro, obedece como huma cera. E que athe o ferro saiba seguir, & amar a quem o ama, & mas que os fogentos ambos sejam os mais duros, se a pedra he amante, ha de ser do mesmo ferro amada, & que os homens, sendo homens, a quem os ama, porque

que os aviza, não o figão, mas o perfigão, não o abraçem, mas o degolem; *Et decollavit eum*. Parecer incível. Mas ha muitos, como Pharaõ, escandalos factais da natureza humana. Morria de feda o povo Hebreu no dezerto, & manda Deos a Moyzes que diante de todos fülle a hũa pedra, & que a pedra, como se ouvisse, dava agua, *Liquum in ad petram coram eis, & illa dabit aquas*. Affi o fez Moyzes, & a pedra obedecendo desteze em rios, *Egressie sicut aqua largissima*. Manda Deos a Moyzes que vã avizar a Pharaõ das insolencias, & tyrãias com que vexava, & oprimia o povo Hebreu; & o coração de Pharaõ cada vez mais endurecido com os avizos, *Induratum est cor Pharaonis*. De forte que comparada a pedra com este homem, a pedra foy o homem, & o homem a pedra. A pedra avizada ouviu o avizo, Pharaõ avizado tapou os ouvidos: a

pedra tanto que ouviu a Moyzes, felice humana; porque se derreteu em finezas, *Egressa sunt aqua largissima*; Pharaõ ouvindo a Moyzes, fosse pedra, porque se endureceu em deshumanidades, *Induratum est cor Pharaonis*. Affi o fazem muitos homens; quando as pedras aos avizos respondem com outro amor, elles, aquem os aviza, respondem com pedras. Mas se a natureza humana affi se ve afrontada em muitos homens, que fazem os juizos dos homens, que não se dezafrontão? Que dita a rezaõ natural em todos os homens? Que amem quem os ama. Amar quem me abõresse he mandamento de Christo; amar quem me ama he preceito da rezaõ. Os que vos abõrellão, os que vos aconselham, os que vos avizão, são os que vos amão; pois seja Deos, ou os homens, quem vos aviza, deveis amallos. Se affi for obrateis o que

Num.
20.8.

Ibi. 11.

Exod.
8. 19.

o que he rezão, & Deos, q̄ vos aviza para vos favorecer, serà ouvido, mas vòs o não castigado.

§. III. *Mo*

Porem se Deos, como amante, aviza para evitar os castigos, muitos homens, pera mayor dano, castigão sem avizar. Este castigo, sem ouvir as partes, não sò he injusto, mas inevitavel. E que castigo mais horrendo, & temerozo, que aquelle a quem nem a justiça empara, nem pode remediar hum avizo. Entrai no Passo de Herodes, & no dia de seu nascimento, convidado pera o banquete o melhor da Corte, entre o concurso das iguarias vereis em hum prato degolada a cabeça do Baptista.

Marc.
6. 28.

Et attulit caput ejus in disco. Bravo castigo, & nas circunstancias presentes bravissimo. Santo Agostinho lhe chama espectaculo da crueldade, *Crude-*

S. Aug.
Ser. 20.

sup o

le spectaculum: & Santo Ambrozio castigo tão horrendo, & temerozo, que nem os barbaros mais barbaros entre os banquetes uzarão de crueldade tão ultima, & consumada. *Prof. S. Ambr. de Virg. lib. 3.* *quod etiam barbari horrere consueverunt* inter epulas, atque convivias, consumanda crudelitatis profertur edictum. E donde lhe veyo a este castigo, o consumado, & o ultimo do horror, & do temor? Em cazo tão estranho, & novo, muitas serião as causas, mas eu tiro a minha do *Texto.* Ouvi a São Marcos Falla São Marcos deste cazo fatal, & diz que por sobre meza vindo dançar diante de Herodes a filha de Herodias, assi lhe encantara o gosto com os agrados da dança, que lhe mandou pedir o que quizesse, *Pete à me Ibi 22.* *quod vis,* porque tudo lhe *23.* *daria, Et dabo tibi,* ainda que pedisse ametade do reyno, *Licet dimidium regni mei.*

Marc.
8. 08

Ex 3.
8

mei.

mei. E dançante que
 fez? Vendose tão queri-
 dadeu outra volta, &
 voando perguntou à mal-
 dita Mãe, *Quid peram?*
 Que pedirei? Pede, lhe
 diz, a cabeça do Batif-
 ta, *Caput Ioannis Baptis-
 ta.* Assim fez, & voltan-
 do como hum tayo disse
 ao Rey assim: *Volo ut pro-
 tinus des mihi in disco ca-
 put Ioannis Baptista.* que-
 ro que logo me des em
 hum prato a cabeça do
 Baptista. Repatai no *Pro-
 tinus* em que o Evangelis-
 ta advertio. Pois assi se ha
 de castigar, & degolar
 hum innocente, logo, *Pro-
 tinus?* Logo sem ser ouvi-
 do, *Protinus?* Logo sem
 se ver a cauza, nem se
 intimar a sentença, *Proti-
 nus?* Logo em fim sem no-
 vicia, ou avizo algúm, mor-
 ro, & degolado hum ho-
 mem, & tal homem, *Pro-
 tinus?* Pois eis ahi o casti-
 go mais horrendo, & te-
 merozo, *Quod etiam har-
 bari horrere consuerunt.* Que-
 me degolem, sendo que

me acautellarão, seja do meu
 defendido a culpa; mas que
 me não acautellem pera
 logo me degolarem, *Pro-
 tinus,* o logo horrendo,
Horrere consuerunt. Que
 me matem, mas primei-
 ro avizado, & advertido
 da morte, seja desgraça-
 do, já que fui inadverti-
 do; mas que por isso me
 não avizem para logo me
 matarem, *Protinus,* o logo
 o mais temerozo, *Horrere
 consuerunt.*

Senhores, ou ta-
 manhos como Herodes,
 ou dos mais abaixo, eis
 aqui o que fazem muitos
 homens: não vos acautel-
 lãõ pera vos estoquearem,
 & não vos avizão pera
 talvez vos achares de re-
 pente sem honra, & sem
 vida. Quem havia de ima-
 ginar que Joab no mes-
 mo tempo em que cha-
 mou Irmão a Amaza, &
 o salvou, o havia de ma-
 tar? Chamoulhe Irmão, &
 salvou o, *Salve mi frater,*
 & chamarlhe Irmão, & tal-
 vallo pera que foy? Pera
 que

Ibi. 24.

Ibi. 25.

2. Reg.
 20. 9.

que o nome de Irmão lo
dezacautellasse, & mto ef-
se, & pera que a salva-
ção, que lhe dava, o de-
zavizasse, & perdesse a

Ibi. 10.

vida, *Amasa*, diz o Tex-
to, *Non observavit gla-
dium, quem habebat Iob,
qui percussit eum in latere.*

O quantos Amazas ha no
mundo! Quantos que vos
appellão com o doce no-
me de Irmão, vos ma-
stão com a doçura! E quan-
tos na mesma hora, sem
que vos salvão vos estão
condenando! Sois Irmão,
& fereis Amigo, *Mi fra-
ter*, mas morrereis, por-
que dezacautellado não ob-
servastes a espada, *Non
observavit gladium*. Far-
voshão a cortezia, & dar-
voshão o Deos vos sal-
ve, *Salve*, mas porque
ha Joazis, que castigão
sem avizar, perdereis a vida,
porque não observastes a
espada, *Non observavit gla-
dium*.

Mas se este he o
mais horrendo, & teme-
roso castigo, que me não

avizem pera me matarem,
qual fera a brezaõ deste
mayor horror, & romor?
A brezaõ he, porque quem
me levanta o testemunho,
quem me afronta, quem
me desgosta, & quem me
mata sem eu prevenir o
danno, apanhame de re-
pente, & os males repen-
tinos, & não esperados
sempre forão nos efeitos
os mais horrendos. O ini-
migo, que chegou de re-
pente, perturba mais, que
o esperado, diz Marco
Tullio, & a tempestade
inopinada, mais que a pre-
vista, *Hostis repens adven-
tus magis aliquando contur-
bat, quam expectatus. Et
maris subita tempestas, quam
ante prevista*. Por isso di-
zia Seneca que o mal pre-
venido de antes feria me-
nos, *Præcogitati mali mol-
lis actus venit*. E he certo
que a lançada, que por pre-
vista, & esperada fere me-
nos, se veyo de repente,
& sem avizo, matouvos.
Ouvi agora o caso, que
he notavel.

Tale.
Tusc.
3.Senec.
ep. 76.

12 Vencem os Philiftheos aos Ifraelitas; & matão na batalha os dous filhos de Heli Ophani, & Phinees, & ficou tambem cativa a Arca do Testamento. Chega a Heli a noticia desta fatalidade, & ouvindo a nova da morte dos filhos, aquem muito amava, sem dar rumor de si, ao ouvir que ficava cativa a Arca, diz a Escritura Sagrada, que cahira da cadeira morto em terra, *Cumque ille nominasset Arcam Dei, cecidit de sella retrosum juxta ostium, & fractis cervicibus mortuus est.* Perguntão agora neste passo os Expositores Sagrados porque rezão ouvindo Heli a morte dos filhos, aquem tanto queria, não morreu de sentimento Heli; & logo que ouviu o cativeiro da Arca, desmayou, pasmou, & de pura dor morreu, *Mortuus est?* Dizei o que diz Iosepho com Philo Hebreu, & Abulense. Não morreu

Heli de dor ouvindo a morte dos filhos, porque esta morte ja Deos lhathiha revellado, & não o tomou de improvizo a nova; *Heli, cum audisset e ventum prælij, tam militum quam filiorum cladem satis, æquo animo tulit, ut qui Deo prænuntiante jam ante hæc præsciverat.* Porem a nova de que fora cativa a Arca foy pera Heli repentina, & não cuidada, *Ut vero etiam Arcam in hostium potestatem factam esse cognovit, insperato malo ictus, & deloris impatiens, prolapsus & throno exalavit animam.* E como os males insperados, & repentinos ferem, & a tormentão com mais força, que o mal previsto, & esperado; a Heli, que o não tomou de improvizo o mal dos filhos, não lhe tingu a vida omal cuidada; & a Heli, que o tomou de repente o mal da Arca, o mal repentino o matou, *Inspirato malo ictus: exalavit animam.*

Ioseph.

1. Reg.
4. 18

13 Catholicos, acabe-
mos; & por fim de contas
ouvime como Catholicos.
Se Deos cõtinuamente vos
està avizando pera evitar o
cast garvos, porque rezão
fendo vòs filhos de Deos,
nã sò ão ão imitais a este
Pay, mas pera que todos
experimenteis o mayor cas-
tigo, ihuns aos outros vos
ides matando, & allí expe-

rimentando de repente: por
que sem avizo, os males in-
evitaveis, & sem remedio?
Ora abrios olhos. & fiquer
vos este ultimo avizo de
quem vos ama. Repentes
atreiçoados, enganos, & a-
leivozias he certamente In-
ferno. Cynferidade Chri-
tã, paz, vnião, & verdade;
Ceo ao certo, & sem du-
vida.





STROMA XXXI.

DOS MALES, O MENOR;
Dos bens o mayor.

§. I.



*Inclina cor-
tuum ad cog-
noscendā pru-
dentiam, dis
o sabio: In-*

clinaivos de coração a co-
nhecer em que consiste o ser
prudente. É pera que? Pera
saber governar a vida. He a
prudencia a Mestra do bem
viver, & este nome lhe dão
os entendidos com Marco
Tullio chamandolhe, *Ma-*
gistra vitæ, a Mestra; ou a
Orat. Doutora da vida De dous
modos se adquire a pruden-
cia: ou com a experiencia
de muitos annos, ou contra
lição das historias. A pruden-
cia por experiencia ad-

quirese com vagar, & traba-
lho: a prudencia pella lição
consegue-se com mais pressa,
& mais descanso. Por isso
dizia Diodoro Siculo no
proemio da sua obra, que
podia haver Mancebos que
igualassem na prudencia aos
velhos; porque a prudencia
que os velhos vivendo mui-
to, & correndo muito mudo
alcãçarão em muitos annos,
podiao conseguir os Man-
cebos assentados, mas lendo.
Senhores meus: nem todos
podemos viver muito, nem
perigrinar muito mudo pe-
ra sermos prudentes do pri-
meiro modo; & porque he
necessario a todos saberem

*Diod.
Sicul.*

*Prov.
22*

*Tul. 2.
de
Orat.*

viver,

viver, & a prudencia he a Mestra, *Magistra vita*, abramos os livros, leamos as historias, ouçamos a os velhos, & com menos trabalho feremos, & viviremos prudentes do segundo modo.

2 Eu, pello que tenho lido, & ouvido, que não he pouco, sempre li, & ouvi, q̄ dos males necessarios quem elegia o menor era o prudente. Assi o digo tambem & o escrevo, pera quem meler, & ouvir aqui, saiba que esta he a prudencia, dos males o menor mal. Que ensinava o mesmo Christo a seus Discipulos? *Estote prudentes sicut serpentes*, Discipulos meus, encomendovos a prudencia da cobra. E qual he ella? He que a cobra, diz S. Geronymo, elege dos males o menor; offerece o corpo ao golpe, & sconde a cabeça, porque lha não quebrê. Pois eis ahi a prudencia. Se sofrendo hũa palavra evito huma pendencia, soffro a palavra. Se tolerando o pique furto o corpo a huma estoçada, tolero o pique. Se dif-

simulei a descortezia; por não chegar com a descortezia do chapeo à cabeça, bem dissimulado tudo, & com prudencia verdadeira na eleição do menor mal. Aqui o caso de David sempre memoravel.

3 Desconfiado David de Nabal Carmello, não so pella descortezia, que uzou com elle o Nabal, mas pelas palavras pezadas, q̄ contra David dissera, ppicado David do escandolo, ou do brio, resolvense não sò a ir destruir a Nabal quanto pessuia, mas a matallo a elle. Posto já David no caminho pera executar o intêto, sayelhe ao encontro Abigail molher de Nabal, & fallando-lhe com huma eloquencia mais q̄ humana, pera o despersuadir da vingança, concluhio a molher com estas palavras, *Non erit tibi hoc in singultum, & in scrupulum cordis Domino meo, quod effuderis sanguinem innoxium, aut ipse te ultus fueris.* Meu Senhor, isto não ha de ser assim: Não haveis de derramar

Math.
10. 16

Apud
A cap.
16.

Reg.
25. 31.

mar sangue, nem vingavos, porque assim não gemereis ao depois, nem este escrupulo vos inquietará a consciencia, remordendovos continuamente no peito. E que fez David ouvido isto? Considerando que era menor mal sofrer a descortezia, & palavras de Nabal, que destruir huma caza, & matar a hum homem, & ao depois chorar, & gemer, & o escrupulo sempre doendo, escolheo David dos dous males o menor, & bem acõselhado, antes quis sofrer, que vingar-se, antes a paciencia de huma hora, que os escrupulos de toda a vida. & agradeceu a Abigail o conselho, *Benedictum eloquium tuum, & benedicta tu; que prohibuisti me hodie ne irem ad sanguinem.* Senhores, voltou David sobresi, & fez este discurso; A vingança he hum instante, ao depois os ays, que ella cauza, são continuos; pois do mal o menos, soframos hum instante por não dar ays muitos annos, *Non erit tibi hoc*

Ibi. 33.

in singultum. Huma descortezia feita, ou quatro palavras mal ditas, não as sofre bem a colera; mas não apagar huma faisca pera ir cahir num incendio seria eleger dos males o mayor; pois isso não; do mal o menos; se me hei de abraçar é escrupulos ao depois, apague-se logo da colera a faisca, *Non erit tibi hoc in scrupulum cordis.*

4. Assim o disse Abigail a David, & David assim o executou, & quem era Abigail, que assim o disse? E quem foi David que o executou assim? De Abigail diz o Texto alli mesmo, que era Mulher prudentissima, *Erat* ^{1. Reg.} *que mulier prudentissima;* & ^{25.3.} em outra parte diz de David, que era Principe sapientissimo, *Sapientissimus* ^{2. Reg.} *Pruiceps inter tres.* Ella prudentissima, porque soube aconselhar, que dos males, o menor, *Non erit tibi hoc.* Elle sapientissimo, porque soube entender, que só esse era o mais bem dito conselho, do mal o menos, *Benedictum eloquium.*

10. 5. E daqui se segue evidentemente, pera proveito das almas, & conciências sem escrúpulos, o que agora vos direi. Pera que não gemais, como muitos, & não deis ays, como aquelles, que se arrependirão tarde de não elégerem dos males o menor, ouvi, se quereis ser prudentes, este prudente conselho. Ha de percipitarvos tal officio? Antes que vos precipite largayo. Ha de perdervos tal judicatura, tal vara, tal governo, tal posto? Antes que vos percão, se ainda estão em esperanças, não os procureis, se já os servis, deixayos: Ouvi ao mesmo Christo. *Si autem manus tuã, vel pes tuus scandalizat te, abscide eum, & projice abste.*

Matth. 18. 8. *Isat te, abscide eum, & projice abste.* Se a vossa mão, & o vosso pé vos escandalizão, cortayos, & lancayos fora. Parece muito abster, & rigorozza, esta Metaphora. E porque hei de cortar o meu pé, & a minha mão, se me escandalizarem? Ouvi a rezão de quem sempre deu a mais verdadeira. Porque

milhor he, responde Christo, ir ao Ceo manco, & aleijado, que ir muito direitinho pera o Inferno, *Bonũ tibi est ad vitam ingredi debilem, vel claudum, quã duas manus, vel duos pedes habentem mitti in ignem æternum.*

6 Ora eu não duvido que largar hum officio parece que he cortar hũa mão, *Abscide eam.* Mas perguntado? Qual he menor mal? Largar da mão hũa pena, ou meterme em todas as penas, *Ignem æternum?* Menor mal he largar hũa; pois larguese, *Projice abste.* Tambem não duvido que retirar-me da Corte, & privar-me eu amim de ir ao Passo, he cortarme os pés, *Abscide eum,* mas perguntado? Qual he menor mal? Não ter pés pera ir ao Passo, ou de pés à cabeça ir pera o Inferno, *In ignem?* Menor mal he não por o pé no Passo; Pois não ir lá, *Abscide eum.* Esta he a verdadeira prudentia: antes fora de todos os cargos, que perdido nelles; antes fora

fora de todas as Cortes a hum canto, que encantado nas Cortes; Assim o entendeu David quando disse, *Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare in tabernaculis peccatorum*. Pus os olhos no Ceo, & na terra, dis David, & elegi antes hum cantinho cõ Deos, que ser famoso, & muito poderoso nos tabernaculos onde se pecca, *Quam esse potens inter peccatores*, diz alli a Interlinha. E eu tenho dito quanto a este primeiro ponto o que me parece que basta. Vamos ao segundo.

§ II.

SE dos males he prudencia eleger o menor mal, he graude prudencia entre os bens eleger o mayor bem. Notavel eleiçao de David! Quando elle, ainda Pastor, ouve de sair a dezafo contra o Gygante Goliath, desceu ao valle de Terebinto, & nota o Texto, & adverte, que da

corrente de hum rio elegera pera a batalha a cinco pedras as mais lizas. E as mais limpas, *Elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente*.

1. Reg. 17.40

Reparo em tudo; em serem cinco as pedras da eleiçao, *Quinque*, E em serem as limpidissimas, *limpidissimos*. E porque hão de ser as limpidissimas? Porque a eleiçao das pedras era de boas pera melhores. O que David buscava entre aquellas pedras, não sò era pedras boas, mas as mais aptas, & acomodadas pera a funda, & pera o golpe; & como entre os bẽs o que a prudencia deve eleger ha de ser o bem mayor, não eleger David as boas, mas as bonissimas, não se contentou David com as limpas, mas com as limpidissimas *Elegit limpidissimos*. Estã bem; mas não estã menos bem pera o intento naõ fer hũa sò a pedra, que David elegera, mas cinco, *Quinque*. E tantas pedras pera que? Huma sò bastava, como sabemos, bastou, pera derrubar o Gygante: pois se basta

Dd 2 huma

Psal 83. 12.

Apud. Lyr. Ibi.

humã pedra, pera que leva mais quatro? Porque dos bens, o mayor. E se a huma, ainda que boa, errasse o tiro, não era melhor levar mais quatro, pera que augmentados os bens segurasse David no mayor bem o triúfo? Senhores, huma anchora he boa, mas muitas Nãos se perderão, porq̃ se fiarão em sò huma. No mar deste mundo, onde são tantas as tempestades, & as tormentas, não basta muitas vezes hũa anchora pera não ir a pi-que, são necessarias sinco pera não dar à costa o Navio, *Quinque limpidissimos lapides.*

8 E a rezão disto qual será? He a que temos lido, & ouvido muitas vezes, & tal vez visto não poucas. Quantas vezes nas materias politicas, & cortezans, porq̃ não procurei augmentar o bem, & fazello mayor, perdi o bem, & os bens? E quantas vezes nas materias da salvação, porque não me abraçei com o mayor bem, perdi o mayor, & o menor. Deu

hum Rey a hũ Criado seu, diz Christo, huma moeda, pera que negociando com ella acrescentasse os bens. Depois de algum tempo voltou o Rey, & achando q̃ o Criado cõ o bê daquella moeda não tinha negociado mayores bens, que fez o Rey? Mandoulhe tirar a moeda das mãos, *Auferte ab illo mnam.* E porque? Não lhe bastava ao Criado por castigo, que com o bem da sua moeda não tivesse negociado os bens de muitas? Perca o mayor bem, mas não perca tudo. Tudo ha de perder, diz o Rey; porque quem não augmenta, & acrescenta os bens, que justamente podia fazer mayores, perca o bem, & os bens, *Auferte ab illo mnam.*

9 Nas materias da salvação, & com mayor perigo socede muitas vezes o mesmo. Pera eu me salvar, bem he sufficiente, verbi gratia, a guarda dos Mandamentos, *Serva mandata.* Mas mais seguro, & mayor bem he guardar tambem os precei-

preceitos leves, ou os conselhos. E porque? Porque quem he fiel no pouco, segura o muito, diz Christo, *Super pauca fuisti fidelis, supra multa te constituam.*

Math.
25. 21.

Quem guarda a vinha? A seve. Quem guarda a Cidade? Os muros. A vinha, & a Cidade são os mandamentos de Deos: a seve, & os muros são os conselhos: pois quem quizer guardar a vinha, ponhalhe a seve, & quem quizer defender a

Dito
de São
Francisco
cc

Cidade, ponhalhe os muros. São Francisco dizia que o Diabo não queria dos homens mais que hum cabello, porque tanto que elle tivesse por onde pegalhe, elle faria do cabello hum amarra, com que prendesse aos mayores Navios.

Math.
27. 5.

Quem deu a Judas a amarra, com que o Diabo o prendeu, & enforcou, *Laqueo se suspendit*? Deulha hum cabello por onde o Diabo lhe pegou. Deu Judas em furtar miudezas, diz S. Ioão, *Fur erat, & loculos habens.* E assi como dos

Ioan.
12. 6.

reaes se fazem os milhoens, Judas dos miudos veyo ao grosso; das faiscas ao incendio, das gotas da agoa ao deluvio, & do cabelo a amarra, *Sic in Iuda*, diz São Ioão Chrysofomo, *Maximum proditionis malum exortum est; nisi enim putasset parvum esse pecuniam inopum surripere, in tantam protervitatem non devenisset.*

D. Cry-
sofom.
hom.
88. *in*
Matb.

E vem a ser, que não observou Judas o pouco, porque desprezou o pouco, desprezou os conselhos, & logo quebrou os Mandamentos; & do negro cabelo, que foi dar ao Diabo o Diabo lhe tessou a corda, *Laqueo se suspendit.*

10 Catholicos, quem quizer salvarse guardando os Mandamentos, anhele ao mayor bem, que he observar os conselhos. Que dita a prudencia? Que a salvação se não ponha em contingencias. Essa foi a prudencia das prudentes. Quando as Virgens Nescias pedirão às Virgens prudentes o oleo pera as suas alampadas

das, que já se lhe hião apagando, que responderão as prudentes? *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis. ite potius ad vendentes.* Senhoras, não pode ser: ide vós comprar o oleo, porque se nós repartimos com vosco do doffo, pode depois falar o oleo pera todas, & ficarmos todas às escuras; & porque o mayor bem, que sempre há de segurar-se, não se ponha em contingencias, *Ne forte*, pera que nós nos não percamos com vosco, queremos da segurança o tudo, & de contingencias nada, *Ne forte*.

Ibi. 2. Esta foi a prudencia das cinco Prudentes, que por taes as califica aqui o Texto, *Quinque prudentes*. E esta deve ser a prudencia em todos, dos bẽs o mayor, porque da salvação o mais seguro. Catholicos, quem quer navegar pera a India, se tem Não segura, & he prudente, não se embarca na arriscada. A nossa vida he huma navegação perpetua, onde as tempestades, & as

tormentas são tantas, quantas a cada passo vemos, & experimentamos: logo que remedio? Eleger a embarcação mais segura, & não fiar na sufficiente, porque *Ne forte non sufficiat*. Porque derão à costa nas rochas da ignorancia as Virgens nefcias, *Quinque fatuae?* Porque o oleo em que se fiarão, ainda que lhes pareceu sufficiente, não era o seguro: bafrou para encher as alampadas, mas não pera encher as medidas; & como as medidas se não encherão, o sufficiente não foi sufficiente, & em lugar de entrarem a salvamento no Porto por mais que gritarão pera entrar, *Domine, Domine aperi nobis*. Fechouse a boca da barra, *Clausus est janua*.

12 E temos visto em que consiste a prudencia, & a ignorancia; a prudencia em eleger neste terrivel mundo dos males o menos, & neste mundo sempre contingente, & arriscado, dos bẽs o mayor. A ignorancia pello contrario. Eleger dos males o ma-

o mayor, & querer reprovar toda a Philosophia, que assenta, *que ex duobus malis minus est eligendum*, claro está que he ignorancia eleger dos bens o menor, & não abraçar o mayor, deixando-me viver nas contingencias de que o sufficiente não seja sufficiente, *Né forte non sufficiat*, ignorancia tambem

clara, *Quinque fatua*. Acabemos pois com esta pergunta, & o que vós mesmos julgareis nunca vos esqueça. Pergunto: Qual he melhor? Ser prudente, ou ignorante? Navegar com contingencia, ou com certeza? Viver seguro, ou arriscado? O que aqui responder a razão, cada hum o siga, &c.






STROMA XXXII.

AMEMOS AOS INIMIGOS,

que são muitas as rezoens pe-
ra se amarem.

§. I.

1  Mar aos inimigos, difficultozo, mas hórado empenho. Digo primeiramente difficultozo, não porque o seja, mas porque o parece. Neste mundo aos covardes qualquer imaginação os desmaya, Falta o valor pera as emprezas, & por isso o que seria facil a hum animo resolutto, he pera hum fraco impossivel. Assi o julgou o outro quando disse, *Peior est bello timor ipse belli.* Peor he o temor da guerra, que

a mesma guerra; & porque? Porque ao temor sempre se representão deijos, o que ao depois na experiencia são victorias. Quantas vezes obrou maravilhas na campanha aquella espada, q̄ antes de entrar na batalha não queria sahir das baynhas? Muitas vezes he hum sombra o que o medo imaginava hum grande fantasma; & porque a cada passo anda o temor trocando os bens em males, achamos não menos vezes, que o que parecia mão, he na experiencia bõ, & o q̄ julgavamos deza-

dezabrimentos, serem na realidade finezas. O temor q̄ Jacob teve de seu Irmão Ezau, foi em certa occasião muito grande, diz o Texto, *Timuit Jacob valde*. Chegão finalmente a encôtra-se ambos, & correndo pera Jacob Ezau, lança-lhe amoroza mente os braços, dalhe o osculo da paz, & chora com alegria de o ver, *Amplexatus est eum, stringensq̄ collum ejus, & osculans flevit*. Ha mayor bem quando se temia o mal, *Timuit Jacob valde?* Ha mayor amizade, quando se receava o dezabrimento mayor, *Timuit Jacob valde?* Mas eis ahi o que muitas vezes acontece, o que o temor fazia parecer inimidade, serem abraços, *Amplexatus est eum*, o que se representava odio ser final de paz, *Et osculans*. E o que se cuidavão impossiveis, serem finezas, *Flevit*.

2 Assi, & do mesmo modo aos covardes no amor do proximo: o que na realidade podem, & devem ser finezas, lhe parelsem na exe-

cução impossiveis. Basta q̄ hei de amar ao inimigo? Não pode ser. Basta que ha de troferse o meu braço ao braço que me atirou a pedrada? Não pode ser. Mas ò covardia! E vòs não podeis obrar, diz aqui S. Ieronymo, o que obrou David com Absalão, que sendo elle inimigo de David, David o amava a elle, *Quæ fecit David in Absalon?* E vòs não vos atreveis a fazer o que o mesmo David fez a Saul, que muitas vezes deu o braço a troffer ao de Saul, que lhe atirava as lançadas, *Quæ fecit David in Saul*. O certo he, conclue o maximo dos Doutores, que julgar por impossivel amar aos inimigos, não he porque o preceito seja impossivel; mas he porque a nossa fraqueza assi o finge, *Multi præcepta Dei imbecillitate sua, non Sanctorum viribus æstimantes, putant esse impossibilia*. Deos manda amar os inimigos, *Diligite inimicos vestros*. Deos não man-

D. Hieronym.
l. b. 1.
in c. 5.
Math.

Math.
5. 44.

he

Genes.
32. 7.

Genes.
33 4

he impossível amar aos inimigos. Mais: Deos não manda que obrem os homens mais do que podem: Deos manda aos homens q os inimigos se amem; logo os homens podem amá-los. Pois pera que he dizer, que não posso, se he que sou homem? Antes pera que vejais, q sò isto he ser homem, ouvi a primeira razão, por que deveis amar os inimigos. **3.** Cõsisti o ser homem, em que? Em ser fera? Não: cõsiste o ser homem em ser humano. E que couza he ser humano? As feras são feras, porque se comem, & roem humas a outras, & os homẽs então são humanos, quando huns a outros nem se comem, nem se roem. Falla David de alguns homens, & diz assim: *Alienati sunt peccatores à vulva, erraverunt ab utero*: Ha homẽs, que se fizerão alhejos das entranhas onde andarão, ha homẽs, que errarão desde o ventre de suas Mãys. E q homẽs são estes, que allí se

lançarão fora do ser de homens, que se despirão das entranhas onde andarão, & desde o ventre das Mãys, como se forão brutos, comessarão a errar? O mesmo David se explicou logo, & nos deixou claro, o que entendia, *Furor illis*, diz immediatamente David, *Secundum similitudinem serpentis, sicut Aspidis surdae, & obturantis aures suas*. São estes homẽs aquelles, que como serpentes se enfuressem, & como aspides tapão os ouvidos pera não ouvirem. Christãos, enfuresseisvos pera a vingança, & correis contra hum agravo como se fosseis huma serpente, *In similitudinem serpentis*? Pois sois serpentes, diz David, & não homẽs, porque vos despistes das entranhas onde andastes, *Alienati sunt peccatores à vulva*. Christãos, fechais os ouvidos aos conselhõs da paz, & da união, & por mais que gritão os pregadores, & os livros, que perdoeis a offensa, & a injuria, vòs, por não vos abraça-

Ibi. 5.

Psal.
57. 4.

abraçares com Jacob, tapais a tudo os ouvidos, como se fosseis Aspides surdas, *Sicut Aspidis surdæ*. Pois fois Aspides, diz David, & não homens, porque desde o ventre, onde andastes, comestastes, & ides errando, *Erraverunt ab utero*.

4 E se he fer fera, & não homem, a vingança, & não a paz, o furor, & não o amor, quem são logo os homens? Segue-te por consequencia que sò são homens aquelles, que offendidos amão, & que agravados perdoão. Ouvei a prova, & fiquevos bem, se quereis fer homens. Hum homem Pay de familias diz Christo Senhor nosso, *Homo erat Pater familias*, Plantou huma vinha, cercou-a, fêzhe cazas, & lagar, & arrendou a a certos lavradores, & auzê-touse do lugar. Chegou o tempo dos frutos, & mandou o senhor da vinha aos seus criados que fossem pedir os frutos aos lavradores. Forão, & os lavradores, que fizeram? A hum criado feri-

rão, a outro matarão, a outro a pedrejarão, *Alium caeciderunt, alium occiderunt, 21. 35 alium verò lapidarunt*. Iã este agravo battava pera o senhor da vinha se vingar daquelles homens, que por muito menos se vingão muitos senhores dos agravos feitos a seus criados. Porem o senhor da vinha sofrendo, & callando, tornou a mandar mais criados, & os lavradores tratarão a estes segundos do mesmo modo que aos primeiros, *Et fecerunt illis similiter*. Ha *Ib. 36.* homens como Saul, que se não contentão com vos offederem huma sò vez: huma lançada huma vez, outra lançada sobre vòs outra vez, como Saul a David. Mas o senhor da vinha, que ainda era sobre mais piadolo, mais amorozo, q̄ David, sofrendo generosamente, como David o repetido golpe, que faria? Ouvei.

5 Continuando o senhor da vinha em procurar o bê de seus proprios inimigos, resolveuse a mandar a vinha hum

hum filho unico seu, & ver
 se assi ultimamente aquelles
 homens se envergonhavão,
 & corrião, à vista do filho,
 do que tinhaõ feito aos cria-
 dos, *Misit ad eos filium suum,*
dicens, verebuntur filium
meum. Porem os lavrado-
 res, ingratisimos como mui-
 tos, & com a febre da cobi-
 ça freneticos, como muitos
 sem pejo, & sem temor de
 Deos, fizerão ao filho de
 tão bom Pay o mesmo, que
 tinhamõ feito aos criados,
ibi. 38. Vanste, occidamus eum. Ahi
 ha homens, que não distin-
 guem a homens de homens;
 pella mesma vara medem
 ao servo, & ao senhor, &
 pellos mesmos fios vai o
 criado, que o Amo. Mas ha
 tal soffrer de injurias como o
 deste Pay de Familias? Ha
 mayor engulir de agravos?
 Pois elle tinha poder pera
 vingar-se, pera matar, & ferir
 a seus inimigos, pera destruil
 los, & por lhes as cazas por
 terra. Pois por que o não
 faz assim? Adverti agora
 comigo no que eu reparei.
 Reparei em que Christo lo-

go ao principio deste seu
 arrezoado chamou có ener-
 gia a este Pay de Familias,
 Homem, *Homo erat Pater*
Familias. Era homem, *Ho-*
mo erat? Pois porque era
 homem obrou como quem
 era. Sofrer injurias, & en-
 gulir agravos, isso he ser ho-
 mem, *Homo erat.* Não vin-
 gar do adversario, antes hu-
 ma, & muitas vezes offeres-
 ferlhe a paz, isso he ser ho-
 mem, *Homo erat.* Em fim
 tenho poder, se quizer, pera
 assolar meus inimigos, & pe-
 ra os fazer em pò, & em cin-
 za, & uzando sò do querer,
 & não do poder, pondo ao
 poder de parte, tudo per-
 doo, sò porque amo, & que-
 ro; isso he ser homem, *Ho-*
mo erat.

6 E se sò isto he ser ho-
 mem, & não fera, que dizem
 os homens agora? Dirão, jã
 pello menos sendo taõ fra-
 gil, & fraca a natureza hu-
 mana, ninguem poderà ne-
 gar, que amar aos inimigos
 he acção não vulgar, antes
 das famozas, & grandes.
 Seja assim; Mas eu argumẽ-
 tando

tandovos, *Ad hominem*, a nossa mesma instancia será a segunda rezão, porque devem amar-se os inimigos. Vamos ouvindo.

§. II.

7 **D**izeis que a acção de amar os inimigos he famosa, & grande, & não vulgar. Pois qual he o homem que se não preza de ser famoso, & grande nas suas acçoens? As acçoens vis, & as bayxas, são as reprovadas, as famozas, & as grandes são as q se louvãõ. E que homem ouve no mudo tão sem cizo, que antes quizesse ser reprovado, que louvado? Pois por isso mesmo, porque amar os inimigos he acção famosa, & grande, deixar a vil, que he a do odio, & não aborrefais, obrai a grande, & louvavel, que he a desse amor, & amai. Que admiravel aqui David! No dezerto de Engaddi buscava Saul a David pera matallo; Mas dando volta em contrario o

sucesso, David teve a Saul debaixo da lança, & podendo matallo, não o matou. Muitas vezes aconteffe no mundo não sò dezarmarem em vão os intentos da vingança, mas repercutida a seta voltar contra mim de frecha a mesma ferida, que contra o outro apontava. Caye continuamente no laço, o mesmo, que o armava, & o Gygante, que se persuadia vos levava infiado na ponta da espada, virado ao revez o intento, vòs fostes o dezafiado, & o infiado elle. Vamos porem ao nosso proposito.

8 Vendo Saul, que podendo David matallo a elle, não sò o não matara, mas lhe requeria com todas as veras a paz, & amizade, afombrado Saul de acção tão fora do commum, & de tão honrada fineza, disse assim a David: *Et nunc quia scio. quod certissimè rognaturus sis.* Agora foi certissimamente David, que vos haveis de reynar. Pois agora, *Nunc?* Agora sabe Saul que David

David ha de ser Rey, & certissimamente o sabe, *certissime?* Sim, que athe o vosso inimigo vem aconhecer, que em lugar de vingança offerecerlhe a paz, que em vez do odio prezenciarlhe o amor, são acçoens de tanto louvor, & honra, que se por huma meresseis certissimamente hum Sceptro, pela outra levareis certissimamente a coroa, *Nunc scio quod certissime regnaturus sis.* Assim terá o sangue de David nas veias quem não obrando, pera com o inimigo, do odio as villezas, levantando a acção ao mais honradó, não só venere, & estime aquem lho merece, mas offereça a paz ao inimigo, & ao odio o amor.

9 E na verdade dizeyme, (se vos prezais, como deveis prezar, das acçoens honradas, & grandes] dizeime, digo, que louvor mereceria, & que premio, o vosso amor, se só amasseis aquem vos ama, & quizesseis bem aquem bem vos quer? O mesmo Christo vos argu-

biv. d

menta' assim: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, quam mercedem habebitis?* Se vós amares aquem vos ama, que amor he esse, que mereça graça, ou merce? *Quasi dicat, nullam,* Comenta aqui Cayerano: amar aquem me ama, he nenhuma graça, *Nullam,* querer bem aquem me quer bem, he nenhuma merce, *Nullam.* E porque? Logo assinou o porque o mesmo purpurado Interprete, *Diligere enim diligentem se, est potius rependere vicem, quam mereri mercedem:* porque amar aquem me ama, he repor adivida, querer aquem me quer, he pagar hum amor com outro amor; & nem o que he divida chega a ser graça, nem o que he paga pode ser merce. Por isso dizia hum gentio, mas discreteto, *Ut ameris, ama:* Se quereis ser amado, amai: como se differa, he tão forçoza a consequencia de seres amado, se amastes, que nenhuma graça, nem merce vos faria quem vos amasse avós, sendo de vós amado.

E por

E por esta cauza ainda dizia mais S. Bernardo; *Ego amans, amari me dubitare non possum*: Eu amando não posso duvidar, que sou amado: de sorte, diz o Melituo Padre, que se amastes, *Ego amans*, não só sereis amado, mas nem podeis por duvidas a que o sois, *Amari me dubitare non possum*.

Tal he a força, com que hum amor atrahe a si a outro amor, que sendo a incôstancia do coração humano a mayor, nas materias do amor he tão infallivel a sua correspondencia, que nem podeis duvidar, que sois amado, se amastes, *Dubitare non possum*.

10 Catholicos: o coração humano nem he tão duro, como o ferro, nem como as pedras. E o mesmo ferro que faz? Amado pella pedra Iman, ella o chama, & elle a ouve, ella o atrahe, & elle a segue, ella o enleya, & elle se arrabata. E as pedras, que fazem? Se levantares a voz, & no meyo de hũ rochedo differes, Amor, as ro-

chas hão de responder, Amor: se gritares, Amor, entre os mesmos penhascos, ha de ser Amor o echo das mesmas pedras. Pois tão bẽ o ferro ama, se he amado? E q̃ farão os homens? Melhor se deixará ver o amor na humanidade. Pois tambem as pedras se se vem amadas amão? E que farão os coraçoes de cera? Melhor se imprimirá o amor na cera. De sorte que desde o racional athe o insensivel, ninguém amou, que achasse resistencias em ser amado. Logo, que merece, ou que graça faço eu em amar quem me ama? *Nullam*, Nenhuma. Pois se não he graça, nem merce, & por consequencia, nem acção famosa, & grande, amar aos que me amão; porque não ha levantarmos de pensamentos, & amando, como Deos mãda, aos mesmos inimigos, obrarmos, não já o que no amor he obrigação, & dividida, amar quem me ama, mas o q̃ no amor he acção meritória, honrada, louvavel, & grande,

grande, que he fazer bem a quem mo não quer, & aos mesmos, que me não amão, amallos, *Diligite inimicos vestros?* Levantai o pensamento às nuvens, & que vedes? Vereis, diz o mesmo Christo, que cahe das nuvens a agoa, não sò sobre as flores, mas sobre os espinhos, não sò sobre a boa, mas sobre a mà terra, não sò sobre os justos, mas sobre os peccadores, *Pluit super justos & injustos*. E levantando ainda mais affirma os pensamentos, subi com elles ao Sol, & que vedes? Vereis, diz o mesmo Christo, que se he benigno & suave o Sol pera as pombas sem fel, tambem o he pera as feras, que se he luz pera hum caza, não he trevas pera a outra. Em fim que nasce o Sol, & que não sò dezata sobre os bons os cabellos de ouro, pera prendellos, mas tambem sobre os maos, pera atrahillos, & cavillos, *Qui Solem suū oriri facit super bonos, & malos*, Isto he obrar como nuvem, altamente, a agoa da pax

sobre justos, mas tambem sobre peccadores, *Pluit super justos, & injustos*. Isto he obrar como sol altissimamente, em laços de amor as luzes, não sò pera os bons, mas em abraços de amizade tãobem os resplandores pera os maos, *Qui Solem suum oriri facit super bonos, & malos*. E que mais.

§. III.

II **A** Terceira rezão, & mais forçoza, pera serem amados os inimigos, pera que os odios se acabê, & o amor Christão refuscite nos coraçoes dos homês, se he que em alguns està morto, vem a ser esta. De quem somos filhos os homens? De Deos, ou do Demonio? Esta pergunta não necessita de resposta. Pois se somos filhos de Deos, que devem seguir estes filhos? Os exemplos de tal Pay, conclue aqui o mesmo Christo, *Estote ergo vos perfecti, sicut & Pater vester celestis perfectus est*. E
quais

Matth.
f. 45.

Ibid.

Ibi 48.

quais são os exemplos deste Pay? Ouvi neste lugar a Ruperto Abbade, *Sicut ille vos dilexit, cum essetis inimici, ut amicos faceret de inimicis, ita & vos diligite inimicos dando operam, quo ad potestis, ut convertantur, & efficiantur amici.* Assim como Deos, diz este grande Expositor, sendo vos inimigos seus, vos amou a vós, pera de inimigos vos fazer amigos; assi vós, tende por Exêplar a este Pay, amai aos inimigos, obrando quanto poderes pera convertellos, & reduzillos de inimigos a amigos. Este he o amor do Pay, & este deve ser o amor dos filhos: este he o empenho de Deos, & este deve ser o dezempenho dos homens. Podia encomendar-se mais o empenho deste Pay em amar inimigos, que chegar por amor delles a querer que seu Unigenito, & amado filho fosse affrontado, asloutado, Crucificado, & morto em huma Cruz? Ouçamos neste grãde passo a S. Paulo.

12 *Commendat autem Ad charitatem suam Deus in nobis, quoniam cum adhuc peccatores essemus, secundum tempus, Christus pro nobis mortuus est. Sabei, diz o Apostolo, que sendo os homens peccadores, & inimigos de Deos, pera Deos os fazer amigos seus, morreu seu Filho por elles, Pro nobis. E q̄ amor foi este de tal Pay? Commendat autem charitatem suam Deus, foi o amor em q̄ Deos se mostrou mais empenhado, In quo laudabilior charitas, diz a Gloza: foi o amor mais de encomenda, & o mais recomendado, Comendabilem ostendit, tresladou Lyra. Et tanto empenho no Pay em amar inimigos, pera que? Pera que ficasse este amor bem recomendado aos filhos, Commendabilem ostendit. Os filhos, se são filhos, dev. m imitar os bons exêplos dos Pays. Deos he Pay nosso, Pater noster, este Pay empenhou-se em amar os inimigos; pois se os filhos somos filhos, amar aos inimigos ha-*

E e de

Rupert.
Ibi.

Ad Rom. 5.
8.

Apud.
Lyr.
Ibi

de ser dos filhos o desempenho. Reparai nas duas palavras enfaticas, & admiraveis, com que Christo nos manda invoquemos a Deos, *Pater noster*, Pay nosso. Quer Christo em primeiro lugar que chamemos a Deos Pay, *Pater*; & pera que? Pera com o nome de Pay excitar nos filhos o amor, diz S. Agostinho, *Dicimus Pater, quo nomine, & charitas excitatur*. E pera que mais? Pera que este nome, Pay, pique aos Christãos de tal modo, que vendo todos o Pay de quem são filhos, se despique em não serem filhos indignos de tal Pay, *Quanta cura amicum tangit, qui dicit, Pater noster tanto Patre non sit indignus*. Comentou a mesma Aguiã Agostinho. Vamós agora à segunda palavra, *Noster*, Nosso. 13 E porquê manda Christo que chamemos a Deos não só Pay, *Pater*, mas Pay nosso, *Noster*? E porquê não Pay meu, senão nosso? Meu não, porque eu não rezuma de mim, que só eu

fou filho, diz Cayetano. *Ne solum te filium presumas*. Cayet. *Ibi.* Nosso sim, & pera que? Pera que todos os fieis atados naquelle nosso, *Noster*, nem o rico se ensoberbeça contra o pobre, torna a dizer Agostinho, nem o Ilustre contra o humilde, mas advertindo que todos igualmente dizemos, Pay nosso, *Pater noster*, reconheçaõ q̃ todos igualmente somos Irmãos, porq̃ sem distincão filhos de hum Pay, que he Pay de todos, *Admonentur etiam hic divites, vel genere nobiles cum facti fuerint Christiani, non superbire adversus pauperes, vel ignobiles, quoniam simul dicunt Deo, Pater noster, quod non possunt pie, ac vere dicere, nisi se fratres esse cognoscant*. Pois se Deos he Pay, *Pater*, & Pay que a todos nos ata como a Irmãos em hum nõ de rozas, *Noster*, como ha de ser o nõ teço, & não vemos o que somos pera nos amarmos, & as rozas porque hão de ser espinhas, & em vez do amor, cheirar tudo ao odio, & deatado o nõ das

Arg.
de Ser.
Dom.
in
mont.

Aug.
in Ca-
yet. D.
Tom.

rôzas, o q̄ havia de ser união fraterna, serem tudo piques? Não dizem piques com Irmandade, nem com amor espinhos. Filhos de Deos Pay, & perdoar offensas, isso he ser Irmão: Filhos de Deos Pay, & imitallo em amar os inimigos, isso he ser filhos. Notai. Quando Christo disse a seus Discipulos q̄ fossem filhos de Deos Pay, *Ut sitis filij Patris vestri*, então he que lhe propoz o exemplo do Sol, & das nuvens, *Qui Solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos.* E porque então? Porque que como o Sol entra amorozo athe pellas portas, & pellas cazas dos mãos, então he que he filho, *Ut sitis filij*: porque quem como as nuvens chove beneficios sobre ingratos, sobre aleivosos, & sobre os mesmos inimigos, então he q̄ he filho, *Ut sitis filij*: estranho cazo, mas grande prova do que dizemos.

14 Estava Christo Redemptor nosso na Cruz, &

vendose naquelle notavel dezemparo, queixase a Deos, & mas não lhe chama Pay, se não Deos, *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Na mesma Cruz pede o Senhor a Deos, que perdoe aos mesmos ingratos, aos mesmos inimigos, que o Crucificavão, & então chamou a Deos Pay, *Pater dimitte illis non enim sciunt quid faciunt.* Pois se Christo não chama Pay a Deos quando se ve dezemparado, agora que ainda se ve no mesmo dezemparo, porque lhe chama Pay, *Pater?* Chamalhe Pay agora por amor do *Dimitte*, & chamalhe Pay por amor do amor. Agora claramente explicava Christo o amor, que tinha a seus inimigos, porque agora claramente pedia o perdão pera elles, *Dimitte illis*, & porque sò então fomos filhos de Deos quando perdoamos injurias, & amamos os inimigos, pedia o Senhor nos persuadir

dir esta verdade, então diz que he filho quando perdoa agravos, & então chama a Deos Pay por amor deste mesmo amor, *Pater, dimitte illis*. O *Dimitte* foi a prova do *Pater*: he Deos Pay, & eu sou filho; mas a prova de que eu sou filho, & Deos he Pay, *Pater*, he o meu perdão per todos, & o meu amor per todos, *Dimitte illis*.

20-15 Catholicos', assi devemos ser Irmãos no amor, porque assi seremos filhos. Se o envejozo vos atira, abaixai a cabeça, passe por alto a pedrada, & fereis filho, *Pater, admitte illis*. Se o adversario vos murmura, deixai gritar o regato, & vós callado, & elle furiozo, elle ferá o doudo, & vós o filho, *Pater dimitte illis*. Se o competidor vos aperta, largai a redea ao Gynete, não o piqueis, qua elle o precipitado, & vós o amante, elle ficará o sem pre-

mio, & vós fereis o filho, *Pater, dimitte illis*. So o soberbo pertende a batervos, & humilharvos, não façais caso dos trovoens de tão alta nuvem, porque cahindo os rayos sobre as torres, mais impinadas, a sua soberba sentirá o golpe, & vós fereis o filho, *Pater, dimitte illis*. Se o colerico descomposto, & bravo, vos quer descompor, & desauthorizar a vós, deixai com paciencia enfurester esse mar, que a sua soberba dará com sigo nas rochas, & elle escumando, & vós nadando sobre elle, elle o colerico desmayara sobre dous pernedos, & vós o sofrido fereis o filho, *Pater, dimitte illis*. Finalmente sejam os inimigos quem forem, & sejam os mayores inimigos, sede vós sempre quem he bem que sejais, filhos. Se o inimigo enveja, compadecei-vos delle: Se murmura, louvayo: Se compete, soffreyo:

freyo: Se se ensoberbeffe, aplacayo: Se se encoleriza, a vossa mansidão lhe abata a colera, - que desta forte elles inimigos, & vós perdoando; elles a aborrecer, & vós a amar; elles ficarão o que são, inimigos; mas vós fereis os que deveis ser, Christãos, & o que sobre tudo, do mesmo Deos, em quanto Pay, filhos, *Pater, dimitte illis. Ut sitis filij.*

16 E que mais? Nada mais. Porque sobre a dignidade de filhos adoptivos de Deos, não ha outro mais. O se penetrassemos bem a grandeza deste nome! *Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut filii Dei nominemur, & simus*, diz o amado, & amante Discipulo. Contemplai, & vede, qual foi a charidade de Deos Pay, que nos fez nomear por seus filhos, & filhos quer que sejamos seus. Por hum grande nome obrão excessos os homens, & se

na sua eleição' estivessem o serem filhos, todos seriam filhos do melhor Pay. E se isto he assim, como he, concluamos este ponto. Na vossa mão está alcançares na terra o melhor nome, porque na vossa mão está poderes ser filhos, ainda cá na terra do mesmo Deos. Pois se por Pompeo ter o nome de grande, obrou excessos.

*Magne, tuum nomen verū Ovid.
est mensura tuarum,*

& se Augusto por ser filho de tal Pay, como Julio Cezar, allí o imitou, & seguio, que foi a mayor gloria de seu Pay,

... De Caesaris actis.

*Nullum maius opus, quàm
quod Pater extitit huius;*
nòs, porque não obraremos excessos por ter melhor nome, que Pompeo? Nòs, porque não imitaremos as finezas de Deos, por termos melhor: Pay, que Augusto? Seja excessos

Ee 3 fo

1. Ioann

3. 1.

STRO



STROMA XXXIII.

NÃO VOS FIEIS, NEM DEIS

por seguro no lugar mais alto, porque
quanto mais levantado, mais
perigo. Hum meyo,
não extremos.

S. I.

HE a ambição Irmã do fogo; & ella, & elle da mesma natureza ambos, quanto mais dais ao fogo mais o acêdeis, & sò então o vereis apagado, quando o vires morto. Tal a ambição sua Irmã; nada a farta, nem ainda satisfaz; porque sempre hydro-pica de mais, & mais, não

pode viver sem sede. A sede de Abfalão quem a extinguiu? Sò a morte. Cingio Abfalão a espada com os olhos na Gineta, da Gineta logo olhou pera o Bastão, & deste não tirou os olhos do Sceptro em quanto a morte lhe não fechou os olhos. Isto no secular; E no Ecclesiastico ha esta sede, ou ambição? Ha, tanto mais pera estranhar-se, quanto vai

Ee 4 de

de estado a estado, das obrigações de hum aos escrupulos do outro. A sede do Pontificado Hebreu quando se apagou em Jazon, & Menelao? Lede o quarto Capitulo do segundo livro dos Machabeos, & achareis que ambos hydropizarão de tal modo sobre aquelle papado, que a sede se não extinguiu em ambos, se não quando ambos miseravelmente acabarão a vida. Ambos das Escolas à borla, ambos da borla à cadeira, ambos da cadeira ao baculo, ambos do baculo à purpura, & da purpura aonde? A Thira.

12. O ambição fogo, pois só te apagas com as cinzas! O ambição sede hydropica, pois só te extingue a morte! Se a morte não cortara os impulsos às pertençaens da ambição, aonde havia de parar com a carreira esta férrea nunca enfreada? Mais facilmente poréis balizas ao mundo, que fermos à ambição. Fatal caso! Já Augusto era senhor do mundo,

mas a ambição ainda não parava; & que fez? Não achando mais reynos que conquistar com a espada, a ambição o ensinou a ser maior senhor com a penna. Mandou escrever, diz São Lucas, & empadroar nos livros o Orbe todo, *Exijt Luc.2 edictum à Cesare Augusto, 1. ut describeretur Unversus orbis.* Notai, que não achando já Augusto mais homens no mundo aquem fogueitar, & cativar, agora lhes fogueita, & cativa nos livros os nomes. Não se lhe extinguiu a sede com todo o mundo fogueito, & inventou triunfar dos nomes de todo o mundo, *Ut describeretur unversus orbis.* E para a ambição, que allí não para? Tão longe está de parar em muitos, que chegando, como a de Augusto aos fins da terra, por não fazer allí termo, & parar, bateu as azas, & pera mais ambicias, valeu-se das penas; *Ut describeretur.* Esta he a ambição em breve. Mas pondoyos ella,

ella, onde vòs quizeres, não vos fieis nella. Quantas vezes aconteffe não dormir sobre hum empenho a ambição, & acabarfe com outro muito differente do que pertendia? Pertendeu Adam na doçura de hum pomo goftar o Nectar da divindade, *Eritis sicut Dij*; & elle o que goftou foi o mayor dos desgostos, *Morte morieris*. Pertendeu Joseph a benção da mão direita de seu Pay Jacob pera seu filho Manasses, deixando pera Efraim a esquerda; & feita diligencia, & Manasses posto à mão direita do Avo, & à esquerda Efraim, o Santo velho em hũa volta de mãos cruzando os braços, *Commutans manus*, pois sebre Manasses a esquerda, & sobre Efraim a direita. E porque tambem no Ceo succedeu o mesmo a hum pertendente ambicioso, ouçamos. Pertendeu Lucifer assentar a sua ambição no Ceo, & por os pés sobre as Estrelas, *Super astra Dei exaltabo solium meum*. E que succe-

deu? Reprovado no tribunal mais alto, que o Ceo requerimento tão ambicioso, trocando o acto a Comedia, ou a tragedia a scena, quem se teve mão forão as Estrellas, & quem descahio Lucifer; ellas ficarão no seu lugar; & Lucifer que pertendia tirarlho pizandoas a ellas, ficou o pizado, & o sem lugar, *Ad Infernum detraheris*.

4. Pois; se não ha que fiar nas pertençaens da ambição, ambiciosos do mais, & do tudo, pera que pertendeis a vossa ruina? Que cousa mais arriscada [douvos que a ambição o configa] que hum lugar alto? E que posto mais perigozo, que o sublime? Nasce o Sol, & em quanto hão chegou ao Zenit sempre vai subindo. Chegou com os Cavallos ao meyo dia, & tanto que alli pos o Coche, comefsou a descer a ladeira tão precipitado, que não parou athe não afogar os Cavallos, & tambem o Coche nas ondas. Por esta causa diz a

David,

Genes.

3 5.

lib. 2.

17.

Genes.

48. 14.

Ifay.

14. 13.

lib. 15.

11

Pfal.
55. 4. David, *Ab altitudine diei timebo:* temerei o meyo dia: & porque? Porque não ha que fiar no lugar mais alto: estareis no meyo dia mais longe das setas, mas o certo he que tãobem lá ficais mais perto dos rayos. Nada ha tão magnifico neste mundo, dizia Seneca, que não haja de acabar, *Nihil tam de Be-* *magnum, quod perire non pos-* *nef. l. 6.* *fit;* & dà logo a rezão o Philosopho, porque nas suas grandezas trazem as mayores machinas a sua ruina, *Ex ipsa magnitudine, sua causa;* & isto vemos no que vemos entre as arvores, a mais carregada està mais proxima a cahir, & nos edificios mais altos o seu mesmo pezo os arruina.

5. A arvore com que sonhou Nabucho, com ter boas raizes, elle a vio cortada, & cahida em terra, *Succidite arborem.* A rezão porque esta arvore cahio, não foi huma sã; que ella, & muitos cayem, não sò por huma rezão, mas por muitas. Mas ao nõsso intento;

quem a derrubaria? Lede o Texto, & achareis, que esta arvore estava carregada de frutos athe não mais, ou com demasia, *Et fructus ejus nimius,* diz Daniel. A arvore, quanto mais frutos sustenta nos ramos, tanto mais chupa, & come da substancia da terra com as raizes. Pois vòs arvore chupando a terra, assim vos carregais de frutos, que da substancia, que lhe comeis, elles sã em vòs demazias, *Et fructus ejus nimius:* Pois arvore tão carregada, fereis arvore cahida, *Succidite arborem.* Este o exemplo da arvore, entãõ cahida, quando mais carregada. E teremos exemplo de que o edificio quando mais sobe ao alto, entãõ o seu mesmo pezo o arruina. Temos, & muito claro. Vamos a Babilonia, & deixemos a Roma padecendo o mesmo. Que edificio mais alto, que o da torre de Babel? Não menos que athe o Ceo haviãõ de chegar as ameyas, *Cujus culmen per-* *tingat ad Cælum,* & que lhe succede-

*Ibi. 9.**Genes. 11. 4.**Genes. 11. 4.**Genes. 11. 4.*

sucedeu? Como subio tão alto, & o pezo era muito, o seu mesmo pezo o derrubou, *Cecidit Babylon.*

Ifay.
21. 9.

§. II.

E se isto he assim, agora voltemos sobre nós; se a mayor fortuna he a mais arriscada, pera que he morrer pello mayor risco? Nós cá suspiramos, & andamos dando ays, & gemendo, sobre as pertenças mais subidas, mas Deos que ve o meu perigo, & a ruína da arvore, & da torre, também suspira, & dá ays no Ceo, *Vae, qui opulenti estis in Sion, & confiditis in monte Samaria,* diz Deos pello Propheta Amos, & quer dizer. Ay cegos, os que vos fiais na opulencia, & riquezas de Sião, & nas pompas, & glorias de Samaria. De sorte, senhores, que o nosso suspirar cá em baixo he por subir ao alto, & Deos lá no alto suspira porque nós queremos este subir, *Vae.* E suspiros tão encon-

Amos.
6. 1.

trados, porque? Porque nós cegos, & sem abrir os olhos, não vemos o que Deos ve. Nos vemos nos montes de Sião, & de Samaria, as grandezas, & não vemos os principios, & suspiramos pelas grandezas. Deos lá do Ceo está vendo, que se eu subir aos tais montes, hei de cair, hei de perderme, & condenarme, & poe-me Deos lá do Ceo a dar ays, *Vae.* Lá levou aquelle agora a judicatura, & logo o Deo embargo, grande dita? Mas porque Deos está vendo que a judicatura, & o Deo embargo hão de condenar a quelle Ministro, dá Deos lá no Ceo hum ay, *Vae.* Lá conseguiu aquelle hum grande herança, & novo morgado, grande fortuna? Mas porque Deos está vendo que a herança ha de dezerdar da gloria a quelle homem, & que em sendo morgado ha de perdêr o juizo, dá Deos outro ay no Ceo, *Vae.* Finalmente chegou aquelle ao mais alto do monte, & no supremo concelho

felho alcançou a chave de ouro, grande felicidade? Mas porque Deos está vindo, que aquelle conselho ha de condenar à quelle homẽ no tribunal divino, & que aquella chave, com ser de ouro, não lhe ha de abrir o Ceo, mas fecharlho, dà Deos no Ceo hum ay, *Vae, qui opulenti estis in Sion, & confiditis in monte Samaria.*

Catholicos, abramos os olhos, vejamos os precipícios, pera que não cahindo nelles, nem Deos de ays no Ceo, nem nós os demos cà na terra. Sempre foy grande prudẽcia, aprender em cabeça alhea, & não cahir eu no erro em que vi, que os outros cahirão. Couza digna de reparo parece, que a Esçritura sagrada, sendo sagrada, nos conte as quedas, as fatais cabeçadas, & os erros de muitos homẽs. Conta a dezobediencia de Adão, a embriagues de Noe, a incontĩnencia de Lot, a injustiça de Semião, & Levi, & a inveja

dos Irmãos de Ioseph. Conta o temor de Arão, a covardia de Heli, o adultério de David, as idolatrias de Salamão, & de Manasses. E se formos tambem ao Testamento novo; Conta as perseguicoens de Saulo, os cambios de Matheos, os roubos dos dous ladroens, as licenças da Magdalena, a infidelidade de Thome, & as negaçoens de São Pedro. Pois tantos quebradeiras de cabeça pera que he contallos a Esçritura sagrada, se são escandalos? E tantas quedas, & ruinas, pera que he eserevellas, se são dezedificaçoens? Não podia faltar aqui com a resposta Santo Agostinho. Defendendo elle a Esçritura sagrada contra Fausto herege, lhe diz assim; *Deus prodidit ista, non fecit; & cavenda admonuit, non limitanda proposuit.* Escreveu Deos nas Esçrituras, diz Agostinho, as quedas de tão subidas arvores, & as ruinas de tão altas terras, pera que vindo os homens como humra

D. Au-
gust.
lib. 22.
contra
Faust.

cahirão, & outros se arruinaram, na queda de huns apreendeffem, não a imitallos, mas a não arrojarem, como elles, & no erro, & ruina dos outros estudassem, não o seguillo, mas o não cahir no erro, em que outrêcaye, *Cavenda admonuit, non imitanda proposuit.*

8. Que fez a industria dos mais peritos argonautas? Inventou huma taboa hydrografica, ou ma selaro, huma Carta de mariar, na qual se apontão, & descrevem em proprios fitos, & lugares, as Syrtes, os baixos, os penedos, os estreitos, & os esparceis dos mares, & isto assi pera que, & com que fim? Pera que a Nào, que vai à vella, assi a governe o Piloto que botandoa fora do perigo não vã perdendo onde naufragarão outrras. Alli se afogou Noè, & Lot? Pois não emproo lã, Alli naufragarão David, & Salamão? Pois virar as velas. Alli em fim derão a travez a Magdalena, & Pedro? Pois outro rumo.

9. O que suposto, onde os naufragios são cõtinuos, como o são, & vemos nos lugares altos, parte a ambição, & não se perdêrão as Naos. Seja o rumo outro, & naveguem todos, por onde? Pello mais seguro, que he o de hum meyo hõrado. *Medio tutissimus ibis.*

No meyo da terra obrou nosso Redemptor a salvação dos homens, diz David, *Operatus est salutem in medio terræ*, ensinou aos homens, & pera ensinillos, ellegeo porse no meyo dos doutos, *Sedentem in medio Doctorum*. Viveu com os homens, & viveu dis o Baptista, não sobre elles, mas no meyo delles, *Medius autem vestrum stetit*. Resuscitou, & appareceu gloriozo no meyo dos Discipulos, *Venit Iesus, & stetit in medio*. Muito foge Christo de extremõs. Athe pera ser Medianeiro entre os homens, & Deus, pos a sua intercessão no meyo, diz São Paulo, *Mediator Dei, & hominum*.

Ovidi Met.

lib. 2.

13000

2

Pfalm.

73. 12

Luc. 2.

46. 1

Ioan. 1.

19.

Ioan. 20. 19.

1. ad Tim. 2.

he

he a doutrina, que nos ensina, quem nunca quis, que seguissem extremos os homens; & porque? Porque sendo viciozo todo o extremo só sabe viver quem contente com hum meyo honrado não quer excessos. Entre outras muitas plantou Deos no Paraizo, a duas arvores ambas notaveis: a primeira, a arvore a que chamou da vida, *Lignum vite*, a segunda, a arvore da sciencia do bem, & do mal, *Lignumque scientie boni, & mali*; & a esta arvore do viver, *Lignum vite*, & a esta arvore do Saber, *Scientie boni, & mali*, onde as plantou Deos? Adverte o Texto, couza muita digna de advertirse, que Deos as plantara a ambas no meyo do Paraizo, *Lignum etiam vite in medio Paradisi, lignumque scientie boni, & mali*. Pois logo no meyo do Paraizo a arvore da vida, com que fim esta advertencia? Porque só alli se vive; nym meyo, *In medio*. Pois logo no meyo do Paraizo a arvore da sabedo-

ria? Porque motivo? Porque só assim se sabe viver, *In medio*. No grande pomar deste mundo são as arvores delle os homens; humas altas, outras baixas, hūas que se vão às nuvens, outras muito rasteiras, humas carregadas de frutos, outras com nada. Tambem ha neste pomar outras arvores de permeyo, que nem sobem, nem carregão muito, como humis, nem são tão estereis, como outras. E quais destas arvores vivem melhor no pomar, & sabem viver nelle? Não as mais altas, & carregadas, não as mais baixas, & estereis, mas as do meyo, *Nequid nimis*, dizia Pitagoras, nada de extremos. A muita luz cega os olhos, & a nenhuma tambem; & a moderada he a que os não offende, & a que só mostra o caminho. Com muito sal todo irã dezabrido; com nenhum sal tudo vai destemperado; pois *Nequid nimis*, de extremos nada, o sal em meyo, & tudo fera

Pitag.

D. 11

116. 24

contra

Lact.

ferà laborozo.

Que pedia Salamão a Deos? Salamão pedia assim, & não seria elle Salamão, se assim não pedisse: *Mendicitatem, & divitias, nec dederis mihi*: Senhor não me façais hum mendigo, nem me enchais de riquezas. Pois que quereis? O meyo disto, *Tribue tantum victui meo necessaria*: nem o muito, nem o nada, mas entre o nada, & o muito, quero o que fica no meyo, que vem a ser sò o necessario, *Necessaria*. E isso porque? O mesmo juizo de Salamão o disse logo: *Ne forte satiatus illiciar ad negandum, & dicam, quis est Dominus? aut egestate compulsus furer, & perjurem nomen Dei mei*; porque se viver farto, diz elle não hei de reconhecer Amo, né senhor, *Quis est Dominus?* E se viver pobre mendigo, hei de furta, & hei de negar que furtei, & pera confirmar a mentira hei de jurar falso por Deos, *Et per jurem no-*

Prov.
30.8.

ibi.

Ita
Expof.
a P.
Alap.
ibi.

men Dei mei. Galhardo sentir de hum Salamão, se não vede o que succedeu aos Hebreos no dezerto. Ricos elles no dezerto, & fartos, que fizeram? Levantaramse das mezas, & zombando de Moyfes, & de Deos, puzeramse a dançar; *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere*. E eis aqui o que faz o muito, sei ha muito, não ha Amo, nem senhor, & o nada que faz? O que os mesmos Hebreos fizeram. Viramse em outra occazião no dezerto, famintos, & sem terem que comer, & comessarão a gritar, que Moyzes, & Arão os matava de fome. *Cur eduxisti nos in desertum istud, ut occideretis omnem multitudinem fame?* Mentirão, porque Moyfes não tinha culpa, nem Arão, & foi a murmuração toda contra Deos como Moyfes lhe lançou em rosto, *Nec contra nos*

Exod.
32. 6.

Exod.
16. 3.

ibi.8.

tra

tra Dominum. E eis aqui o que faz a fome, ou o nada, murmurar, & mentir. Pois Senhor, nem o muito, nem o nada, dizemos com Salamão, o que

basta pera a vida, que de extremos cã na terra, sò os de servirvos, & amarvos, se em amarvos, & servirvos pode haver extremos.

FINIS

Laus Deo, Virginiq; Matri.





INDICE DA SAGRADA ESCRITURA.

O p. significa a pagina.

EX LIBRO GENESIS.

- Cap. 1. 1. **I**N principio creavit Deus Cælum, & terram. p. 249.
3. Fiat lux. Vidit Deus lucem, quod esset bona. p. 351.
4. Divisit lucem à tenebris. Ibi.
5. Appellavitque lucem diem, & tenebras noctem.
16. Ut præesset diei. p. 179.
16. Fecitq; Deus duo luminaria magna. p. 342.
26. Faciamus hominem ad imaginem, & simili-

tudinem nostram. p. 41.

31. Viditque Deus cuncta quæ fecerat, & erant valde bona. pag. 199. 249.

Cap. 2. 7. Inspiravit in faciẽ ejus spiraculũ vitæ. p. 123.

7. Formavit igitur Deus hominem de limo terræ. p. 298.

17. Morte morieris.

Cap. 3. 1. Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno Paradisi. p. 233.

5. Eritis sicut Di. p. 120. 186. 362.

Ff 13. Ser-

I N D E X.

13. *Serpens decepit me.*
p. 178. 186. 242.
19. *In sudore vultus tui
vesceris pane.* p. 26.
367.
9. *Et dixit ei, Adam ubi
es?* p. 59.
19. *Pulvis es, & in pulve-
rē reverteris.* p. 120.
293.
24. *Collocavit ante Para-
disum voluptatis Che-
rubim, & flamen
gladium, atque ver-
satulem ad custodi-
dam viam ligni vite*
pag. 141.
23. *Et emisit eum Domi-
nus Deus de Paradi-
so voluptatis, ut ope-
raretur terram.* p. 27
- Cap. 4. 5. *Iratus est Cain vehe-
menter.* p. 4.
6. *Quare iratus est, &
cur cōcidit facies tua.*
p. 8.
12. *Vagus, & profugus eris
super terram.* p. 49.
13. *Mator est iniquitas mea
&c.* p. 12.
8. *Egrediamur foras, &
cumq; essent in agro
conspurrexerunt Cain ad-*
- versus fratrem suum
Abel, & interfecit
eum.* p. 194 390.
14. *Omnis qui invenerit
me, occidet me.* p. 8.
- Cap. 6. 7. *Tactus dolore cordis
intrinsecus. Delebo
inquit hominē, quem
creavi.* p. 41.
9. *Hæ sunt generationes
Noe.* p. 71.
11. *Corrupta est antē ter-
ra coram Deo, & re-
pleta est iniquitate.*
pag. 66.
- Cap. 7. 4. *Ego pluam super ter-
rā quadraginta die-
bus.* p. 150.
- Cap. 8. 9. *Emisit colūbam.* p. 181
- Cap. 11. 4. *Faciamus turrim, cu-
jus culmen pertingat
ad cælum.* p. 246.
- Cap. 12. 1. *Et veni in terram,
quam mōstravero ti-
bi.* p. 152.
4. *Egressus est itaque
Abraham sicut pra-
ceperat ei Dominus.*
ibi.
- Cap. 13. 8. *Ne quæso sit jurgium
inter me, & te.* p. 374
9. *Eccē universa terra
coram te est.* p. 374.
16. Pa.

I N D I E X.

16. *Faciámque semen tuū sicut pulverem terræ.*
- Cap. 22. 17. *Multiplicabo semen tuum sicut stellas, & velut arenam, quæ est in litore maris.* pag. 42. 299.
- Cap. 25. 30. *Da mihi de coctione hac rusa, &c. p. 58.*
- Cap. 27. 36. *Surrupit benedictionem meam. p. 382.*
38. *Cumque ejulatu magno fleret. p. 81.*
41. *Occidam Iacob fratrem meum. p. 82.*
- Cap. 28. 20. *Si fuerit Deus mecum, p. 337.*
- Cap. 29. 18. *Serviam tibi pro Rachel filia tua minore septem annis. p. 396.*
20. *Videbantur illi pauci dies, &c. p. 396.*
- Cap. 32. 7. *Timuit Iacob. valde pag. 425.*
- Cap. 37. 4. *Oderant eum p. 235.*
- Cap. 39. 7. *Injecit domina sua oculos suos in Ioseph. pag. 145.*
8. *Nequaquam acquiscens. p. 145.*
12. *Relicto in manu ejus pallio fugit. ibi.*
20. *Traditque Ioseph in carcerem. p. 146.*
- Cap. 40. 1. *Accidit, ut peccarent duo Eunuchi, &c. p. 261.*
14. *Tantum memento mei cum bene tibi fuerit: ut suggeras Pharaoni, ut educat me de isto carcere p. 79.*
23. *Et tamen succedentibus prosperis præpositus pincernarum oblitus est interpretis sui. pag. 79.*
- Cap. 41. 40. *Uno tantum regni solio te præcedam. p. 52.*
42. *Tulitque annulum do manu sua, & dedit eum in manu ejus, &c. p. 220.*
- Cap. 42. 25. *Iussit ministris, ut impleverent eorum saccos tritico, & repone- rent pecunias singulorum in sacculis suis. pag. 165.*
35. *Cum frumenta effunderent, singuli repererunt in ore saccorum ligatas pecunias. pag. 165.*
- Cap. 45. 1. *Præcepit, ut egredierentur cuncti foras.*
Ff 2 pag.

I N D E X.

- pag. 236.
20. *Properate quanto cys venientes, nec dimittatis quidquam de suppelletili vestra, quia omnes opes Ægypti erunt.* p. 381.
- Cap. 46. 2. *Jacob, Ego sum fortissimus Deus patris tui, noli timere, descende in Ægyptum.* p. 385.
- Cap. 48. 14. *Commotans manus.* pag. 441.
- Cap. 49. 2. *Congregamini filij Iacob, audite Israel patrem vestrum.* pag. 164.

E X E X O D.

- Cap. 2. 10. **Q**uem illa adoptavit in locū filij. p. 77.
- Cap. 3. 2. *Apparuit ei Dominus in flamina ignis de de medio rubi.* p. 329. *Videbo visionem hanc magnam.* &c. p. 252.
- Cap. 4. 3. *Projice eam in terram.* *Projecit, & versa est in columbrum.* p. 148.
- Cap. 7. 1. *Constitui te Deum Pharaonis.* p. 77.
13. *Induratum est.* p. 175.
20. *Percussit aquam fluminis. quæ versa est in sanguinem.* p. 257.
- Cap. 8. 19. *Induratum est cor Pharaonis.* p. 409.
- Cap. 10. 7. *Dixerunt servi Pharaonis ad eum, usquequo patiemur hoc scādalum. Nonne vides, quod perierit Ægyptus.* pag. 350.
- Cap. 16. 3. *Cur eduxisti nos in desertum istud, &c.*
25. *Non invenietur hodie in agro.*
- Cap. 17. 9. *Dixitque Moyses ad Iosue: elige viros, & egressus pugna contra Amalec.* p. 256.
10. *Moses autem, & Aaron, & Hur ascenderunt super verticem collis ibi.*
12. *Fugavitq; Iosue Amalec, & populum ejus in ore gladij.* p. 257.
- Cap. 22. 28. *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum.* pag. 267.
- Cap. 32. 4. *Hisunt Dij tui Israel.*
6. *Sedit populus manducare,*

INDEX

caret, & bibire, &c.

12. Ne quæso dicat Aegyptij calide eduxit eos, interficeret in montibus, & deleret è terra: quiescat ira tua, &c. p. 136.

28. Vocem cantantium ego audio. p. 93.

19. Et projecit de manu tabulas, & cõfregit eas ad radicem montis. p. 67. Vidit vitulum, & choros Ibi.

24. Projectit illud in ignem, egressusque est hic vitulus. p. 50.

42. Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo. p. 180.

EX LEVIT.

Cap. 17. 14. **S**anguinem univ^{er}ſæ carnis nõ comedetis quia anima carnis in sanguine est. pag. 56.

EX NUMER.

Cap. 116. **N**ihil aliud videt oculi nostri,

niſi Man. p. 351.

Cap. 12. 13. Erat enim Moyses vir mitiſſimus super omnes homines. p. 181

Cap. 20. 8. Loquimini ad petram coram eis, & illa dabit aquas. p. 409.

11. Egreſſæ ſunt aquæ largiſſimæ. p. 409.

Cap. 21. 5. Anima noſtra nauſeat ſuper cibo iſto leviſſimo.

Cap. 25. 8. Arrecto pugione perfodit ambos ſimul. pag. 267.

EX DEUTER.

Cap. 1. 15. **T**ulique de tribubus veſtris viros ſapientes, & nobiles. p. 69.

EX JOSUE.

Cap. 10. 13. **S**tetit itaque ſol in medio Cæli. pag. 252.

EX JUDIC.

Cap. 4. 16. **O**mnis hoſtium multitudo uſque

I N D E X.

que, ad internecionem
caderet. p. 288.

Cap. 5. 20. De caelo dimicatum

est contra eos: Stellæ

manentes in ordine,

& cursu suo adve-

sus sisaram pugnave-

runt p. 287.

Cap. 7. 20. Gladius Domini, &

Gedeonis. p. 291.

12. Ut locustarum multi-

tudo. p. 288.

Cap. 9. 8. Dixeruntque olivæ,

&c. p. 61.

Cap. 16. 16. Pro amissione duorū

luminum unam ulti-

onem recipiam. p. 3.

21. Eruerunt oculos ejus.

p. 313.

EX RUTH.

Cap. 2. 16. **D**E vestris quo-

que manipu-

lis projicite de indus-

tria, & remanere

permitte, ut absque

rubore colligat. p. 170

Cap. 3. 14. Cave nequis, quod

huc veneris. p. 139.

EX I. REG.

Cap. 4. 18. **C**Umque ille no-

minasset Arcā

Dei, cecidit de sella

retrosū, & mortuus

est. p. 413.

Cap. 8. 14. Agros quoq; vestros, &

viveas, & oliveta

optima tollet, & da-

bit servis suis. p. 368.

Cap. 14. 1. Patri autem suo hoc

ipsum non indicavit.

pag. 234.

15. Et factum est miracu-

lam in castris. p. 20.

234.

15. Et factum est quasi

miraculum in caf-

tris. 19.

Cap. 16. 6. Num coram Domino

est Christus ejus, &c

pag. 359.

7. Homo enim videt ea,

quæ parèt, Dominus

autem intuetur cor.

pag. 24. 132.

23. David tollebat sytha-

ram, & percutiebat

manu sua, & refocil-

labatur Saul, & re-

cedebat ab eo spiritus

malus. p. 109.

Cap. 17. 5. Altitudinis sex cubi-

torū, & palmi p. 181

36. Leonem, & ursum in-

terfeci ego servus

tuus,

INDEX.

- tuus, &c. p. 250.
39. Non possum incedere. p. 18. 310.
40. Elegit sibi quinque limpidissimos lapides, &c. p. 383. 419.
49. Infixus est lapis in fröte ejus. p. 258. 281. 283
43. Numquid ego sum canis, quod tu venis ad me cū baculo? p. 155.
45. In nomine Domini. p. 291.
49. Cecidit in faciem suam. p. 45. 154.
51. Tulit gladium ejus. pag. 347.
- Cap. 18. 9. Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David. p. 109.
1. Anima Ionathæ conglutinata est animæ David p. 52. 322.
- Cap. 19. 10. Nisusque est Saul configere David lancea. p. 109.
- Cap. 2. 41. Fleverunt pariter David autem amplius. pag. 52.
- Cap. 21. 11. Numquid non iste est David Rex terræ? Nonne huic cantabāt per choros dicentes,

- &c. pag. 187.
- Cap. 24. 17. Numquid vox hæc tua est, fili mi David? p. 193.
21. Et nunc quia scio, quod certissimè regnaturus sis. p. 429.
- Cap. 25. 3. Eratque mulier prudentissima. p. 417.
- Cap. 17. 31. Non erit tibi hoc insingultum, & in scrupulum cordis Domino meo. p. 394. 416.
33. Benedictum eloquium tuū, &c. p. 394. 417.
- Cap. 26. 17. Numquid vox hæc tua est fili mi David? p. 193.

EX 2. REG.

- Cap. 3. 23. **P**ercussit illum, & mortuus est pag. 187. 243.
27. Ut loqueretur ei in dolo. p. 187.
- Cap. 11. 2. Viditque mulierem se lavantem. p. 91.
14. Scripsit David epistolam ad Ioab, misitque per manum Uriæ pomite Uriam ex adverso Jabelli, &c. p. 243.

Cap.

Cap. 13. 9. *Uiam Hethæum interfecisti gladio, quæ obire non recedet gladius de domo tua.* pag. 257.

13. *Peccavi.* p. 175.

19. *Num mortuos est puer?* pag. 85.

Cap. 13. 35. *Omne verbum quodcumque cruditeris, &c.* pag. 285.

Cap. 14. 14. *Omnes morimur, & quasi aqua dilabimur in terram.* p. 314.

Cap. 15. 14. *Neque enim erit nobis effugium à facie Absalon.* p. 285.

18. *Ambulabant iuxta cū legicnes Cerethi, & Phlethi.* p. 259.

Cap. 16. 12. *Si forte respiciat Dominus afflictionē meā, &c.* p. 399.

Cap. 20. 9. *Salve mi frater.* pag. 411.

10. *Percussit eum in latere, & mortuus est.* p. 412.

Cap. 23. 8. *Sapientissimus Princeps inter tres.* p. 317.

E X 3. REG.

Cap. 2. 5. **T**U nosti, quæ fecerit mihi: Ioab

filii Sarviæ, quæ fecerit duabus Principibus: Exercitus Israel, non deduces canitiem ejus pacifice ad inferos. pag. 243.

Cap. 3. 24. *Afferite mihi gladiū: dividite infantem.* pag. 283.

28. *Audiuit itaque omnis Israel iudicium, quod iudicasset Rex, & timuerunt Regem.* pag. 283.

Cap. 7. 27. *Fecit decē bases æneas quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis.* p. 191.

20. *Et quatuor rotæ per bases singulas.* p. 192.

Cap. 21. 4. *Indignans, & frondēs. Avertit faciem suam ad parietem, & non comedit panem.* p. 402.

E X 4. REG.

Cap. 2. 9. **O**Bsecro, ut fiat in me duplex spiritus tuus. p. 171.

13. *Et levavit palliū Eliæ, quod ceciderat ei.* p. 173.

INDEX.

EX 2. PARAL.

Cap. 3. 15. **A**nte fores templi duas columnas. p. 111.

16. Necnon, & quasi catenulas in oraculo, & superposuit eas capitibus columnarum. pag. 112.

Cap. 12. 1. Cumque roboratum fuisset regnum Roboam, dereliquit legem Domini, & omnis Israel cum eo. p. 266.

Cap. 26. 19. Statimque orta est lepra in fronte ejus coram sacerdotibus.

EX TOBIA.

Cap. 5. 12. **Q**uale gaudium mihi erit, si in tenebris sedeo, & lumen caeli non video. pag. 2.

EX STHER.

Cap. 3. 2. **Q**ui in foribus palatij versabantur flebant genua, & adorabant Aman,

solus Mardocheus non flebat genu neque adorabat eum. pag. 146. 397.

Cap. 5. 9. Indignatus est valde, & dissimulata ira iussit excelsam parari crucem. p. 38.

Cap. 6. 4. Et iuberet Mardocheum affigi patibulo, quod ei fuerat preparatum. pag. 147.

Cap. 7. 10. Suspensus est itaque Aman in patibulo. pag. 38. 397.

EX JOB.

Cap. 1. 1. **V**ir erat in terra Hus nomine. pag. 35.

21. Dominus dedit, dominus abstulit.

Cap. 5. 2. Vere stultum interficit iracundia. p. 53.

Cap. 7. 1. Militia est vita hominis. p. 60.

19. Usquequo non parcis mihi, nec dimittis me, ut glutiam salivam meam. p. 116.

Cap. 10. 22. Terra miseria, & tenebrarum. p. 32.

Gg

Cap.

I N D E X

Cap. 14. 13. *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, & abscondas me donec transeat furor tuus. p. 208*

Cap. 19. 2. *Usquequo affligitis animam meam, & atteritis me sermonibus. p. 330.*

Cap. 38. 11. *Usque huc venies, & non procedes amplius, & hic confringes tumentes fluctus tuos. p. 44. 305. 348.*

Cap. 42. 10. *Et addidit Dominus omnia, quaecunque fuerant Iob duplicia. p. 403.*

EX PSALM.

Pfal. 2. 9. **R** *Eges eos in virga ferrea. pag. 147.*

Pfal. 10. 4. *Ex acerbavit Dominum peccator: secundum multitudinem ira sua non quæret pag. 101.*

Pfal. 13. 3. *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt; non est qui faciat bonum. p. 191.*

Pfal. 18. 6. *In sole posuit tabernaculum suum. p. 22.*

Pfal. 29. 10. *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendendo incorruptionem. pag. 60.*

Pfal. 35. 12. *Non veniat mihi pes superbie. p. 346.*

Pfal. 44. 17. *Constitues eos principes. p. 358.*

Pfal. 48. 13. *Homo cum in honore esset non intellexit, comparatus est iumentis. p. 52.*

18. *Cum interierit non sumet omnia, neque descendet cum eo gloria ejus. p. 128.*

Pfal. 49. 21. *Arguam te, & statuam contra te faciem tuam. pag. 51.*

Pfal. 55. 4. *Ab altitudine diei timebo. p. 362. 442.*

Pfal. 57. 4. *Alienati sunt peccatores à vulva: erraverunt ab utero. p. 426.*

Pfal. 65. 12. *Transivimus per ignem, & eduxisti nos in refrigerium. p. 212*

Pfal. 67. 35. *Magnificentia, & virtus ejus in nubibus: Date gloriam Deo. p. 406.*

Pfal.

I N D E X.

- Pfal. 68. 3. *Infixus sum in limo
profundi, & non est
substantia. p. 372.*
- Pfal. 71. 6. *Descendet sicut pluvia
in vellus. p. 163.*
- Pfal. 83. 7. *In valle lacrymarum
pag. 80.*
- Pfal. 84. 11. *Iustitia, & pax oscu-
latæ sunt. p. 263.*
- Pfal. 85. 15. *Deus miserator, &
misericors. p. 255.*
- Pfal. 93. 1. *Deus ultionum. pag.
255.*
- Pfal. 103. 20. *Posuisti tenebras, &
facta est nox: in ipsa
pertransibunt omnes
bestiæ silvæ. p. 14.*
25. *Hoc mare magnum, &
spatiosum manibus,
illic reptilia, quorum
non est numerus, &c.*
- Pfal. 110. 4. *Memoriam fecit mi-
rabulum suorum. pag
334*
- Pfal. 113. 5. *Quid est tibi mare
quod fugisti, & tu
Jordanis quia cõver-
sus est retrorsum.
pag. 294*
- Pfal. 117. 17. *Non moriar sed vi-
vam. p. 311.*
- Pfal. 118. 28. *Confirma me in ver-
bis tuis. Dormitavit
anima mea præ te-
dio. p. 10.*
109. *Anima mea in mani-
bus meis semper. pag.
138.*
136. *Exitus aquarum de-
duxerunt oculi mei,
quia non custodierunt
legem tuam. p. 9. 100*
144. *Da mihi intellectum,
& vivam. p. 53.*
- Pfal. 125. 5. *Qui seminant in la-
crymis, in exultatione
metent. p. 104.*
- Pfal. 126. 1. *Nisi Dominus edi-
ficant eam. p. 78.*
- Pfal. 136. 9. *Beatus qui tenebit,
& allidet parvulos
suos ad petram. pag.
253.*
- Pfal. 143. 1. *Benedictus Domi-
nus Deus meus, qui
docet manus meas ad
prælium, & digitos
meos ad bellum. pag.
280.*
4. *Homo vanitatis simi-
lis factus est. p. 192.*
- Pfal. 146. 8. *Qui operit Cælum nu-
bibus. p. 406.*
- Pfal. 147. 5. *Qui dat nivem sicut
lanam. p. 162.*

INDEX.

EX PROVERB.

- Cap. 2. 2. **I** Nclina cor tuum
ad cognoscendum
prudentiam. p. 415.
- Cap. 8. 31. *Deliciae meae esse cum
filiis hominum.* p. 323.
- Cap. 10. 4. *Egestatem operata est
manus remissa.* p. 25.
- Cap. 13. 4. *Vult, & non vult pi-
ger: anima autem ope-
rantium impingabitur.*
pag. 26.
- Cap. 14. 13. *Extrema gaudij luc-
tus occupat.* p. 99.
- Cap. 21. 1. *Melius est nomen bo-
num quam divitiarum
multarum.* p. 127.
- Cap. 25. 20. *Sicut tinea vestimen-
to, & vermis ligno,
ita tristitia viri nocet
cordi.* p. 14.
- Cap. 30. 8. *Mendacitatem, & di-
vitias ne dederis mihi,
&c.*
16. *Ignis vero nunquam
dicit sufficit.* p. 369.
19. *Viam Aquilae in Cae-
lo, viam colubris su-
per petram, viam ma-
ris in medio maris,
viam viri in adoles-
centia sua* Quartum

penitus ignoro. pag.
228.

EX ECCLES.

- Cap. 1. 6. **G** Rat per meri-
diem, & flecti-
tur ad Aquilonem:
lustrans universa in
circuitu pergit spiritus.
pag. 22.
7. *Omnia flumina intrant
in mare, & mare non
redundat;* p. 366.
12. 13. *Ego Ecclesiastes fui
Rex Israel Hanc oc-
cupationem pessimam
dedit Deus filius ho-
minum.* p. 215.
- Cap. 2. 2. *Risum reputavi erro-
rem. Et gaudio dixi,
quid frustra deciperis*
pag. 103.
- Cap. 3. 12. *Et cognovi, quod non
esset melius, nisi lata-
ri, & facere bene in
vita sua* p. 97.
- Cap. 4. 9. *Melius est ergo duo ef-
se simul, quam unum:
habent enim emulu-
mentum societatis suae,
&c.* pag. 4.
10. *Vae soli, quia cum ce-
cideris*

INDEX.

- ciderit non habet sublevantem se. p. 4.
- Cap. 5. 11. Dulcis est somnus operanti, saturitas autem divitis non sinit eum dormire. p. 62.
- Cap. 7. 2. Melius est nomen bonum, quam unguenta pretiosa. p. 129.
10. Ne sis velox ad irascendum, & c. p. 51.
18. Nemoriaris in tempore non tuo. p. 6.
- Cap. 10. 17. Beata terra, cujus Rex nobilis est. p. 69.
- Cap. 11. 3. Si ceciderit lignum ad Austrum, aut ad Aquilonem, in quocunque loco ceciderit, ibi erit. p. 309.

EX CANTIC.

- Cap. 2. 15. **C**apite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas. p. 253.
- Cap. 3. 10. Ascensum purpureum. pag. 404.
- Cap. 4. 3. Sicut vita coccinea, labia tua. p. 226.
4. Favus destillans labia tua. Ibid.

- Cap. 5. 2. Aperi mihi soror mea sponsa. Lavi pedes meos, & c. p. 332.
10. Dilectus meus candidus, & rubicundus. p. 63.

EX SAPIENT.

- Cap. 2. 6. **V**enite ergo, & fruamur bonis, & c. pag. 99.
- Cap. 5. 3. Hi sunt, quos habuimus aliquando in derisum. p. 98.
4. Nos insensati vitam illorum aestimabamus insaniam. p. 55.
5. Inter sanctos fors illorum est. p. 55.
6. Ergo erravimus à via veritatis. p. 99.
- Cap. 7. 3. Primam vocem similem omnibus emisi plorans. p. 14.
8. Præposui illam Regnis. pag. 214.
- Cap. 10. 13. Descenditque cum illo infoviam, & in vinculis non dereliquit illum, donec afferret illum Septrum Regni. p. 76.
- Cap. 16. 20. Omne delectamentum

INDEX.

in se habentem, & omnis saporis suavitatem. p. 350.

EX ECCLES.

- Cap. 5. 4. **P**eccavi, & quid mihi accidit triste? p. 97. 99.
- Cap. 8. 1. Non litiges cum homine potente, &c. p. 375
- Cap. 19. 4. Qui credit cito levis corde est p. 190.
- Cap. 24. 25. Tristitiam longè repelle à te. p. 2.
- Cap. 25. 17. Omnis plaga tristitia cordis est. p. 2.
- Cap. 28. 10. Abstine te à lite. pag. 374.
14. Si sufflaveris insunt illam quasi ignis exardebit, etsi ex pueris super illam extinguetur p. 115.
- Cap. 30. 24. Tristitiam longe repelle à te: multos enim occidit tristitia, & nō est utilis in ea.
- Cap. 38. 16. Fili in mortuum produc lacrymas. p. 87.
17. Fer luctum illius uno die. p. 87.
19. A tristitia festinat mors. p. 5.

EX ESAI.

- Cap. 1. 4. **V**æ genti peccatrici p. 271
- Cap. 5. 8. *Væ qui conjungitis domum ad domum, & agrum agro copularis &c. p. 369.*
- Cap. 6. 3. Clamabat alter ad alterū Dominus Deus exercituum. p. 230.
- Cap. 9. 18. Et convolvetur superbia fumi. p. 346.
- Cap. 14. 15. Verumtamen ad infernū detraberis. p. 27
13. Super astra Dei exaltabo solum meum. pag. 362.
- Cap. 21. 9. Cecidit Babylon. pag. 443.
- Cap. 22. 13. Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur. p. 317.
- Cap. 36. 4. Ego feci, ego foram. pag. 353.
- Cap. 38. 12. Dum adhuc ordior succidit me. p. 303.
- Cap. 40. 4. Omnis vallis exaltabitur, & omnis mons, & collis humiliabitur. p. 44.
13. Quis consiliarius ejus fuit. p. 122.

Cap.

INDEX.

Cap. 57. 20. *Impij autem quasi mare fervens. p. 44.*

EX JEREM.

Cap. 9. 12. **Q**uis est vir sapiens, qui intelligat hoc? p. 273.

Cap. 17. 10. *Ego Dominus scrutans corda, & probans renes. p. 121.*

5. *Maledictus homo qui confidit in homine. pag. 78.*

EX THENIS.

Cap. 1. 1. **Q**uomodo sedet sola civitas plena populo. p. 4. 289.

Cap. 3. 20. *Memoria memor ero, & tabescet in me anima mea. p. 218.*

EX ESECHIEL.

Cap. 1. 10. **E**t facies aquilæ de super ipsorum quatuor. p. 221.

14. *Et animalia ibant, & revertebantur insimilitudinem fulgoris coruscantis. p. 22.*

Cap. 8. 5. *Et ecce ab aquilone portæ altaris Idolum zeli in ipso introitu. pag. 108.*

10. *Et ecce omnis similitudo reptilium, &c. pag. 108.*

14. *Et ecce ibi mulieres sedebant plangentes Adonidem. p. 86.*

EX DANIEL.

Cap. 2. 19. **D**Anieli mysterium per visionem revelatum est. pag. 235.

31. *Stabat contra te, & intuentus ejus erat terribilis. p. 45.*

32. *Caput aureum, brachia ex argento, venter ex ære, &c. 299.*

34. *Abscisus est lapis de monte. Percussit statuam in pedibus, &c. pag. 19. 157. 300. 343. 391.*

35. *In favillam æstruæ areæ. pag. 157. 247. 302.*

Cap. 4. 11. *Succidite arborem. pag. 442.*

Cap.

I N D I E X.

Cap. 5. 5. *In superficie parietis
aulæ regie. Quasi
manus hominis, &c.*
pag. 201.

Cap. 12. 3. *Qui autem docti fue-
runt, fulgebunt quasi
spendor firmamenti,
& qui ad iustitiam
erudiunt multos sicut
stellæ. p. 222.*

EX JOEL.

Cap. 3. 12. **C**ongregabo om-
nes gentes, &
deducam eas in valle
Iosaphat, & discepta-
bo cum eis. p. 200.

EX AMOS.

Cap. 6. 1. **V**æ, qui opu-
lenti estis in
Sion, & confiditis in
monte Samariæ. pag.
443.

EX JONA.

Cap. 1. 12. **E**go sum qui pec-
cavi, ego qui
iniquè egî; collute me,
&c. 275.

25. *Tulerunt Ionam, &
miserunt in mare pag
389.*

Cap. 2. 1. *Et erat Ionas in ven-
tre piscis. p. 114.*

11. *Et evomuit Ionam in
aridam. p. 389.*

Cap. 3. 4. *Adhuc quadraginta
dies, & Ninive sub-
vertetur. p. 278.*

EX ZACHAR.

Cap. 5. 1. **V**idi, & ecce falax
volans. p. 304.

Cap. 11. 2. *Ullulatabies, quia ce-
cidit cedrus. p. 205.*

Cap. 13. 6. *Quid sunt plagæ istæ
in medio manuum tua-
rum. His plagatus
sum, &c. p. 332.*

EX MALACH.

Cap. 1. 2. **D**ilexi Iacob, E-
sau autem odio
habui. p. 57.

EX I. MACHAB.

Cap. 6. 44. **D**edit se, ut ac-
quireret sibi no-
men æternum. p. 130.

46. Oc-

INDEX.

46. *Occidit eum, & cecidit in terram super ipsum, & mortuus est illic.* p. 130.

EX MATH.

Cap. 5. 5. **B** *Eati, qui lugent.*
pag. 104.

22. *Qui autem dixerit factue: reus erit gehennæ ignis.* p. 53.

44. *Diligite inimicos vestros,* p. 425.

45. *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.* pag. 179. *Ibi Pluit super justos, & injustos.*

13. *Vos estis sal terræ, vos estis lux mundi.*
pag. 213.

Cap. 6. 1. *Attendite ne justitiam vestram faciatis coram hominibus, ut videamini ab eis.* pag. 164.

2. *Cum ergo facis elemosynam, noli tuba canere ante te.* pag. 156. 160.

3. *Te autem faciente elemosynam, nesciat si-*

nistra tua quid faciat dextera tua. p. 161.

Cap. 7. 2. *Quid autem vides festucam in oculo fratris tui, & trabem in oculo tuo non vides?* p. 119.

15. *Attendite à falsis Prophetis. Venuunt ad investmentis ovium, &c.* p. 105.

18. *Non potest arbor bona malos fructus facere.*
pag. 138.

20. *Igitur ex fructibus eorum cognoscetis eos.*
pag. 138.

Cap. 9. 11. *Quare cum publicanis, & peccatoribus manducat Magister vester.*
pag. 387.

Cap. 10. 16. *Estote prudentes sicut serpentes.* p. 227. 416.

Cap. 11. 11. *Non surrexit maior Ioanne Baptista.* pag. 43. 250.

14. *Ipse est Elias.* p. 43.

15. *Qui habet aures audiendi, audiat.* p. 176.

Cap. 12. 38. *Volumus à te signum videre Generatio mala, &c.* p. 153.

Cap. 13. 26. *Cum autem crevisset herba, apparuerunt,*

Hh & ci.

I N D E X.

- cisama*. p. 253.
- Cap. 16. 13. *Quem dicunt homines esse filium hominis.*
p. 134. 231. 355.
17. *Caro, & sanguis non revelavit tibi.* p. 734.
- Cap. 17. 17. *Mitte hamum.* p. 267
27. *Da eis pro me, & te.*
pag. 135.
- Cap. 18. 8. *Si autem manus tua, vel pes tuus scandalizat te, &c.* p. 418.
- Cap. 15. 9. *Si oculus tuus escandalizat te, erue eum, & projice abs te.* p. 354.
15. *Si peccaverit in te frater tuus, corripe illum intra te, & ipsum solū*
pag. 238.
- Cap. 19. 17. *Serva mandata.*
- Cap. 19. 27. *Reliquimus omnia, exequi sumus te; quid ergo orit nobis?* p. 338.
28. *Sedebitis, & vos super sedes duodecim* p. 239.
- Cap. 20. 6. *Tota die ociosi.* p. 17.
23. *Non est meum dare vobis* p. 403.
- Cap. 21. 9. *Benedictus qui venit in nomine Domini.*
35. *Aliū ceciderunt, alium occiderunt, &c.* p. 427
- Cap. 22. 21. *Quæ sunt Cæsaris*
- Cæsari.* p. 256.
- Cap. 23. 6. *Amant primas Cathedras in Synagogis.*
pag. 126.
16. *Qui autem juraverit in auro Templi debet.*
- Cap. 24. 10. *Surget gens contra gentem, Tunc scandalisabuntur multi, &c.*
pag. 400.
- Cap. 25. 9. *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis, &c.*
- Cap. 25. 13. *Nescitis diem, neque horam.* p. 313.
21. *Super pauca fuisti fidelis supra multa te constituam* 421.
32. *Et separabit eos ab invicem, sicut Pastor segregat oves ab hædis.*
pag. 204.
34. *Venite benedicti Patris mei. &c.* p. 211.
41. *Discedite à me maledicti, &c.*
pag. 32. 212.
- Cap. 26. 24. *Melius erat ei sinatus non fuisset* p. 155.
35. *Si oportuerit me mori tecum non te negabo.*
pag. 336.
38. *Tristis est anima mea usque ad mortē.* p. 217.
67. *Expuerunt in faciem ejus.*

INDEX

- ejus. pag. 115.
 75. Et egressus foras fle-
 vit amare. p. 92. Ut
 videret finem. ibi.
 56. Tunc discipuli omnes
 relicto eo fugierunt.
 pag. 338.
 Cap. 27. 5. Laqueo se suspendit.
 pag. 12. 421.
 19. Nihil tibi, & justo illi
 pag. 149.
 46. Deus, Deus meus ut
 quid dereliquisti me.
 Cap. 28. 20. Vobiscum sum omni-
 bus diebus usque ad
 consumationem sæculi.
 pag. 334.

EX MARC.

- Cap. 6. 11. **E**Xeuntes inde ex-
 cutite pulverem
 de pedibus vestris in
 testimoniũ illis. p. 292.
 20. Libenter eum audie-
 bat. p. 407.
 22. Pete à me quod vis.
 pag. 410.
 49. Putaverunt phantaf-
 ma esse. p. 7.
 Cap. 14. 9. Ubicunq; prædicatum
 fuerit Evangelium ist-
 tud in universo man-

- do, & quod fecit hæc,
 &c. 232.
 37. Simon dormis? p. 30.
 60. Et exurgens Summus
 Sacerdos in medium.
 pag. 39.

EX LUC.

- Cap. 1. 66. **Q**uis putas puer
 iste erit. p. 250.
 Cap. 2. 1. Exiit edictum à Cæ-
 sare Augusto, &c. pag.
 440.
 Cap. 2. 14. Et in terra pax homi-
 nibus. p. 195.
 Cap. 4. 22. Nonne hic est filius
 Ioseph. p. 384.
 Cap. 6. 37. Nolite condemnare, &
 condemnabimus. p. 125.
 Cap. 7. 13. Noli flere. 83.
 35. Lacrymatus est Iesus
 pag. 84.
 17. Ut cognovit. p. 104.
 14. Vides hanc mulierem,
 &c. p. 91.
 Cap. 8. 8. Aliud cecidit in terrã
 bonam, & ortum fecit
 fructum centuplum,
 &c. p. 175. 221.
 Cap. 11. 5. Amice commoda mihi
 tres panes. p. 401.
 7. Non possum surgere,
 Hh 2 &

INDEX.

- Et dare tibi, &c. p. 402*
- Cap. 12. 20. *Habes multa bona
posita in annos pluri-
mos, p. 301.*
- Cap. 14. 3. *Si licet Sabbatho cu-
rare? p. 110.*
28. *Volens turrim ædifi-
care. p. 248.*
29. *Et non potuerit perficere, &c. lbi.*
- Cap. 15. 15. *Adhæsit uni civium,
ut pasceret porcos, pag.
353.*
17. *In se reversus, &c. pag.
104. 305.*
22. *Peccavi in cælum, &
coram te, p. 104.*
- Cap. 16. 20. *Mitte Lazarum, ut
intingat extremum di-
giti sui in aquam, &c.
pag. 308.*
26. *Inter nos, & vos chaos
magnum firmatū est.
p. 272. 309.*
- Cap. 18. 11. *Non sum sicut cate-
ri hominum, raptores,
&c. p. 46. 123.*
- Cap. 19. 13. *Negotiamini dū ve-
nio, p. 29.*
17. *Eni potestatem habes
super decem civitates,
pag. 29.*
20. *Ecce Mna tua, quam*
- habui repositam in su-
dario. p. 29.*
24. *Auferte ab illo Mnā.
pag. 420.*
- Cap. 21. 10. *Et terræ motus mag-
ni erunt, &c. pag.
400.*
19. *In patientia vestra
possidebitis animas
vestras, p. 401.*
- Cap. 22. 44. *Factus est sudor ejus
sicut guttæ sanguinis
decurrentis in terram.
pag. 217.*
45. *Invenit eos dormientes
præ tristitia, p. 12.*
57. *At ille negavit eum.
pag. 11.*
- Cap. 23. 34. *Pater dimitto illis,
non enim sciunt, quid
faciunt*
41. *Nos quidem jسته, nam
digna factis recipimus
pag. 100.*
44. *Tenebræ factæ sunt in
universam terram. &
obscuratus est sol p. 49*
48. *Percutientes pectora
sua revertebantur pag
203.*
41. *Domine memento mei,
&c. p. 277.*

I N D I E X.

EX JOAN.

Cap. 1. 18. **C**um esses sub ficu, vidi te.
pag. 23.

20. Non sum ego Christus
pag. 42.

46. A Nazareth potest aliquid boni esse. p. 357

Cap. 2. 23. Cum autem Ierosolymis in Pascha in die festo multi crediderunt in nomine ejus, p. 188.

24. Ipse autem Iesus non credebat semetipsum eis, p. 188.

Cap. 4. 8. Discipuli ejus abierant in Civitatem, p. 239.

Cap. 5. 4. Movebatur aqua. p. 19.

7. Dum venio enim ego, alius ante me descendit, p. 19.

Cap. 6. 67. Ex hoc multi Discipulorum ejus abierunt retro, & c. p. 177.

Cap. 7. 12. Seducit turbas, p. 357.

15. Quomodo hic literas scit, cum non dedicerit, p. 356.

Cap. 8. 21. In peccato vestro moriemini, p. 151.

48. Daemonium habes, p. 357. 384.

Cap. 9. 15. Lutum mihi posuit super oculos, & lavi, & video, & c. p. 106.

Cap. 10. 24. Si tu es Christus dic nobis palam. p. 360.

Cap. 11. 35. Lacrymatus est Iesus
pag. 84.

Cap. 19. 6. Iur erat, & oculos habens, p. 421.

24. Nisi granum frumenti cadens in terram mortuum fuerit, ipsum solum manet, p. 121. 398.

47. Non enim veni ut iudicem mundum, & c. pag. 64.

Cap. 13. 1. Ante diem festum Paschae sciens Iesus quia venit hora ejus, & c. pag. 321.

Sciens IESUS ---- & cena facta, p. 219.

6. Venit ad Simonem Petrum, p. 325.

7. Quod ego facio, tu nescis, p. 339.

Cap. 15. 13. Maiorem hanc dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis. pag. 57.

Cap. 17. 14. Ego non sum de hoc

INDEX

Cap. 18. 8. *Si me queritis, sinite
hos abire. p. 239.*

18. *Quia frigus erat, &
calefaciebant se. p. 12.*

27. *Negavit Petrus. pag.
336.*

Cap. 19. 16. *Tradidit eis illum, ut
crucifigeretur. p. 379.*

19. *Rex Iudaeorum.*

Cap. 20. 9. *Venit IESUS, & ste-
tit in medio.*

Cap. 21. 17. *Pasce oves meas. Tu
scis quia amo te. p. 71.*

20. *Recubuit super pectus
pag. 339.*

EX ACTUS APOST.

Cap. 1. 18. **C** *Requit medius
pag. 252.*

26. *Cecidit fors super Ma-
thiam. p. 236.*

Cap. 12. 6. *Vinctus catenis dua-
bus. p. 80.*

9. *Existimabat autem se
visum videre. p. 7.*

EX EP. AD ROM.

Cap. 5. 5. **S** *Pes autem non cō-
fundit, p. 12.*

8. *Comendat autem cha-*

*ritatem suam Deus
in nobis, &c. p. 433.*

Cap. 9. 13. *Iacob dilexi, Esau
autē odio habui. p. 271.*

Cap. 14. 4. *Tu quis es, qui iudicas
alienum servum, &c.
pag. 121.*

EX EP. AD CORINT. I.

Cap. 1. 28. **J** *Udæis quidē escan-
dalum gentibus
autem stultitiam.
pag. 350.*

Cap. 2. 9. *Oculus non vidit, nec
auris audivit, nec in
cor hominis ascendit,
&c. p. 211.*

Cap. 4. 10. *Nos stulti propter
Christum. p. 54.*

Cap. 7. 29. *Tēpus breve est. p. 88.*
5. *Qui flent, tanquam
non flentes, p. 88.*

Cap. 11. 26. *Mortem Domini an-
nuntiabitis donec ve-
niat. p. 218.*

Cap. 13. 15. *Charitas non irrita-
tatur, &c. p. 13.*

Cap. 15. 31. *Quotidie morior. pag.
294. 311.*

52. *Canet enim tuba. Et
mortui resurgent. pag.
198.*

I N D E X

EX EP. AD GAL.

Cap. 6. 8. **Q**Uæ enim seminaverit homo, hæc, & metet. p. 26.

EX EP. AD PHILIP.

Cap. 2. 9. **M**ortem autem Crucis Dominavit illi nomen quod est super omne nomen pag. 349.

EX EP. AD THIMOT. I.

Cap. 2. 5. **M**ediator Dei, & hominum. pag. 445.

Cap. 5. 20. Peccantes coram omnibus, argue. p. 263.

EX EP. AD THIMOT. 2.

Cap. 2. 12. **S**ustinebimus, & conregnabimus, p. 403.

EX EP. AD HEBR.

Cap. 5. 8. **D**idicit ex eis, quæ passus est. pag. 214.

Cap. 9. 4. **I**nqua urna aurea habens manna, & virga Aaron, quæ frondeverat. p. 258.

27. **S**taturum est hominibus semel mori, pag. 307. 311.

Cap. 10. 38. **I**ustus autem meus ex fide vivit. p. 10.

EX EP. JACOB.

Cap. 1. 5. **Q**ui dat omnibus afluenter. p. 370.

Cap. 5. 11. **B**eatificamus eos, qui sustinuerunt. p. 37.

EX EP. PETRI I.

Cap. 4. 8. **C**haritas operit multitudinem peccatorum. p. 14. 245.

17. **T**empus est ut incipiat iudicium à domo Dei. pag. 204.

EX EP. JOAN. I.

Cap. 3. 1. **V**idete qualem Charitatem dedit nobis Pater, &c. pag. 437.

Cap. 4. 19. **N**os ergo diligamus Deum.

INDEXI

Deum. pag. 64.

EX APOCAL.

Cap. i. ii. **S**cribe in libro, & mitte septem Ecclesius, quæ sunt in Asia. p. 407.

16. Et habebat in dextera sua stellas septem, pag. 222.

Cap. 3. 3. Si non vigilaveris, veniam à te tanquã fur. pag. 303.

ii. Tene, quod habes, ut nemo accipiat coronam tuam, 382.

19. Ego, quos amo, arguo, & castigo, p. 407.

Cap. 5. 13. Sedenti in throno, & Agno, benedictio, & honor, &c. p. 223.

14. Et quatuor animalia dicebãt, Amen, p. 184.

Cap. 6. 8. Et ecce equus pallidus, & qui sedebat super eam nomen illi Mors, pag. 6.

Cap. 7. 17. Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum, p. 89.

Cap. 10. 9. Accipe librum, & devora illum, &c. p. 214.

Cap. 13. 1. Vidi de mari bestiam ascendentem habentem capita septem, & cornua decem, & super cornua ejus decem diademata, p. 112.

Cap. 18. 7. Quantum glorificavit se, & in deliciis fuit, tantum date illi tormentum, & luctum, pag. 257.

Cap. 19. 16. Rex Regum, & Dominus dominantium, pag. 358.

Cap. 20. 1. Et vidi Angelum descendentem de Cælo habentem clavem abyssi, &c. p. 75.

Cap. 21. 27. Non intrabit in eam aliquod coinquinatum pag. 89.

INDICE



INDICE

DAS COUZAS

MAIS NOTAVEIS

DESTE TOMO.

O Str. significa o Stroma: o N. o numero do Paragrafo.

A

Acçoens.



As presentes se inferem as futuras. Stroma 17. à numero 5. Obre acçoens famozas, que quizer nome famozo. Str. 25. à num. I. Vide Obras.

Acuzar.

De tudo vos acuzarao os homés na terra, & athe no Tribunal Divino, & os porques de tudo is-

to. Str. 8. per totum.

Adão.

Foi reprehendido por perder o pomar pella mação, o muito pelo pouco. Str. 4. n. 3.

Agravos.

Perdoalos he fidalguia. Str. 10. à num. 13. Dissimulaõ-se algúas vezes por medo. Str. 13. à n. 8. Perdoalos he ser filho de Deos. Str. 32. à n. 11.

Alma.

Mata a alma a melancolia. Str. 1. n. 12. & c.

Ambição.

Que couza seja a ambição? Str.

I N D I C E.

33. à n. 1. Mais facilmente po-
reis balizas ao mundo q̄ termos
à ambição ibi n. 2. Não vos fieis
nella ibi n. 3.

Amizade.

Quebrada, não foida. Str. 13. à
num. 1.

Amor.

Amar, & ser amado he felicida-
de. Str. 4. n. 8. &c. Mas o amor
corrupto tudo deſdoura. n. 10,
&c. Tudo arruina. Ibi. Outros
effeitos ſeus terriveis. n. 12, He
odio, o q̄ parece amor. Str. 13.
n. 8. Porquetem o Amor arco,
& ſetas? n. 10. Porque rezoes
devem ama ſe os inimigos. Str.
32. à n. 2. Não ſe amão os ini-
migos por fraqueza do animo.
Str. 32 n. 1. 2. He pouco amar
aquem me ama ibi. à n. 9. Mu-
ito amar quem vos quis mal. à
n. 10. Amor de Chriſto, em tres
circuſtancias o mais fino, &
quais? Str. 23. à n. 1. Grande
fineza, que primeiro Chriſto
nos amaffe, que nos a elle. à n. 2.
Amar anticipado he o mimo
dos amores, & o mais futil amar
n. 4. He ponto, que aſſombra
ſe a creatura amada do Crea-
dor primeiro, que ella o ame. à
p. 5. Amar depois, que me amão

he dividida: amar antes de ſer
amado, eſſe he o amor ſò amor.
n. 7. No Mundo não ha verda-
deiro amor, & ſò Chriſto nos
amou verdadeiramente, & por-
que? à n. 8. Grande fineza de
Chriſto, que no agora, em que
o offendemos, nos ame. à n. 10.
Eſſe he o amar com todo o va-
lor. n. 11. E porque? n. 12. O
amor dos homens logo ſe eſpi-
nha por nada. n. 14. O amor de
Chriſto por ſer amor pera ſem-
pre ſor finiffimo. à n. 10. Amar
para ſempre não he amor deſte
mundo. à n. 17. O amor do
mundo he amor por em quan-
to, & como? n. 18. &c. He
inexplicavel o amor de Chriſto.
n. 21. Athe o ferro amado ama.
Str. 30. n. 5.

Anchora.

Não baſta muitas vezes no mû-
do humano, & porque. Str. 31.
à n. 7.

Aparencias.

Não baſta ſer bom, ſe o não pa-
reſſo. Str. 9. n. 9. Muitos não
ſão o que pareſſem. Str. 29. n. 4.
Vide Opinião.

Apartamento.

Será ſuſteſtiffimo o do dia do
Juizo. Str. 14. à n. 8.

I N D I C E.

Arguir.

Vide Acuzar.

Armas.

Na guerra val mais o entendimento, que as armas. Str. 20. à n. 1. Vide Guerra.

Arrependimento.

He o remedio pera recuperár o perdido. Str. 19. à n. 10. Ninive arrependida foi Ninive recuperada, n. 11.

Avisar.

Vide Repreheção.

Ays.

Porque na terra tudo he querer subir dá Deos no Ceo ays. Str. 33. n. 6.

B

Baixaça.

He baixaça não ceder. Str. 10. à n. 12.

Beneficio.

Muitos o não querem pellas pençoens. Str. 4. n. 4. 5. & 6. Façaſſe o beneficio, & a mão escondaffe. Str. 11. à n. 1. Publicalo he vaidade, & hypochrefia. ibi. He tocar a degolar a quem o recebe. n. 2. Façaſſe, & não ſe publique. à n. 4. Ha dous

generos de beneficios. num. 11. Façaſſe em publico aos que publicamente o mereſſem. n. 12. Quando ſe deve fazer, como ſe fora a cazo. à n. 12.

Bens.

Eleger o mayor bem entre os bens he Prudencia. Str. 31. à n. 7. Perdemſe muitas vezes os bens todos porque entre elles ſe não ſoube eleger o mayor. Str. 31. à n. 8.

Boca.

Bens da boca fechada. Str. 16. num. 1.

Bonança.

Na bonança prezente acautelar pera o futuro. Str. 2. n. 5. Bonança na tempeſtade. Str. 5. à n. 1. Vide Fortuna.

Bons.

He credito dos bons a oppoſição dos mãos. Str. 25. n. 3.

Brandura.

No meſmo caſtigo, brandura. Str. 18. à n. 4.

C

Cabim.

Por melancolico fingia o que não havia. Str. 1. n. 10. A ſua

I N D I C E.

colera o transformou em mon-
struo. Str. 3. num. 18. Foi dis-
simulado pera vingar-se. Str. 13.
num. 9.

Capa.

Com capa de zelo capeada
muita injustiça, muita menti-
ra, & hypochresia. Str. 8. à
n. 4. como se perde a capa com
honra? Str. 10. n. 3.

Cara.

Por fora de zelo, por dentro ve-
neno. Str. 8. à n. 4.

Castigo.

Castiguem-se os delictos, & pu-
blicamente os publicos. Str. 18.
à n. 1. O castigo seja igual à
culpa n. 3. Mas com doçura, n.
5. Castigos são effeytos do pec-
cado, não da mà fortuna. Str. 19
à n. 1. O mais horrendo castigo
he o que se dà sem vos avizarem,
& porque? Str. 30. à n. 8.

Cautella.

Pera obrar seguro, acautellar.
Str. 13. à n. 1. E pera que não
diga, Não cuidei. à n. 5. Amar
aos inimigos, mas com cautella.
n. 10. Cautella sobre a morte, &
os porques disto. Strom. 22. à
num. 1.

Ceder.

He fidalguia. Str. 10. num. 11.

Não ceder he vileza, n. 12. He
perder as cazas. n. 16. & 17.

Cegueira.

He cegueira perder a Opinião
por riquezas, honras, ou gostos.
Str. 9. n. 1. E porque? n. 2. &c.

Christo.

Finezas do seu amor. Vide A-
mor. Era a sua fama, o que obra-
va. Str. 25. à n. 7. A certeza evi-
dente de quem era, remeteu ao
que obrava. n. 12. Converse aos
Farizeos. Str. 8. n. 6. Porque
cuidarão os homens, que Chris-
to era o Baptista? Str. 9. num. 9.
Como nos encomendou a boa
opinião, & exemplo. n. 10. Não
se fiava dos homens, porque lhe
conhecia a inconstancia. Str. 13.
n. 3. Mostrou ser Divino, &
immenso não se deixando com-
prender, nem medir. Str. 16.
n. 6. Encubria os dezares alheos
num. 13.

Cinza.

Vide Morte.

Colera.

Desfaz os homens. Str. 3. n. 6.
Destroye as cazas. n. 7. E tam-
bem à honra. n. 6. Encoleriza-
mos porque nos não conhef-
cemos. n. 12. A colera abate. n.
13. Diz, que vamos adiante, mas
que

I N D I C E.

que nos percamos, n. 10. Faz aos homens brutos, n. 17. &c.

Conciencia.

Não remorde com grandes culpas, & muito zeloza pera vos notar as minimas. Str. 8. à n. 1.

Confiança.

Nella as ruinas. Str. 27. à n. 6. Em nada ha, que confiar, à n. 7. Ellas nos perdem. Str. 27. à n. 4. Vide Segurança.

Condenar.

Athe no Tribunal Divino vos condenão os homês. Str. 8. n. 15.

Conhecimento proprio.

Quem se conhece sobe, & cresce, & porque? Str. 3. n. 8. & 9. Notamos aos outros, porque não nos conhecemos. a nós. Str. 8. n. 11. & 12. Vemos os castigos, & não conhecemos a cauza delles, pois que he isto? Str. 19. à num. 5. Conhecimento da morte. Vide Morte.

Conselho.

Mais se devem as victorias ao conselho, que ao braço. Str. 20. à n. 3. Vide Guerra. Avizar.

Constancia.

Vide Firmeza.

Conta.

A conta, que se ha de dar no dia do Juizo. Str. 14. à n. 11.

Conveniencias.

São muitas vezes delconveniencias. Str. 10. à n. 2.

Corte.

As Cortes são como o Mar, & porque? Str. 26. à n. 1. Nellas, quem mais sobe, mais delce, n. 2. Querer em Palacio a hum homem, he quererlhe mal, à n. 2. As Cortes tem muitas amarguras, à n. 4. Abarcão tudo pera si, à n. 5. Porque sendo tão rica a nossa Corte, ha queixas, de que o não he? à n. 6. porque são as Cortes, como o fogo? à num. 8. & Nellas não basta, o que basta, & porque? n. 10. No mar das Cortes andão muitos metidos no fundo, à n. 11.

Costume.

No costume, em que nos põmos ao principio, nelle continuamos, & porque? Str. 17. à num. 7.

D

Dadivas.

Historia de hum Ministro, que aceitou huma grande dadiva, rejeitando as pequenas. Str. 8. num. 9.

David.

I N D I C E.

David.

Passou de Pastor a Rey sem se lhe mudar o sangue. Str. 4. n. 16. Mandou matar a Ioab por não guardar segredo. n. 17.

Diligencia.

He a que triunfa, & não os vages. Str. 2. n. 2. & 3.

Demandas.

Destroem as cazas. Str. 26. à n.

II. Melhor he hum coim concerto, que boa demanda, & por que? à n. 13.

Deos.

Tira da dilgraça pera a fortuna. Str. 8. à n. 1. Confiar nelle, & não fiar em outrem. num. 4. &c.

Perdoa aos arrependidós. Str. 7. n. 13. Mas não presumir da sua

mizericordia. Ibi, & n. 14. Não castigar logo he talvez o mayor castigo. n. 14. & 15. Reprehen-

de pera favorecer. Str. 30. à n. 1. Porque formou Deos a Adão

com tanto cuidado? Str. 9. n. 8. Athe Deos faz cazo de hum que

dirão, n. 10. & 11. Deos pera grandes, & pequenos deu. Str.

26. n. 9. Deos dá ays no Ceo quando está nos ve em perigos de

subir. Str. 33. n. 6. Porque chamamos a Deos Pay. Str. 32. à

num. 12.

Dependencias.

Amão os homens, em quanto dependem. Str. 23. à num. 18.

Todos dependem huns dos outros. Str. 24. à n. 1.

Delictos.

Castiguemse publicamente os publicos. Str. 18. à n. 10.

Desconfiança.

Não ha que fiar nos homens. Str. 13. à n. 1. Desconfiar delles

será prudencia, n. 5. E segurar os successos. Str. 27. à n. 5.

Dezigualdade.

Reprehende Christo dezigualdades. Str. 8. à n. 6.

Dionizio Tyranno.

Dito seu pera roubar. Str. 2. n. 14.

Distinção.

Todos à affectão. Str. 3. n. 19. & 20.

Disgraça.

Nella a fortuna. Str. 5. à n. 1.

Dissimulação.

Dissimulamse palayras pera segurar a vingança. Str. 13. n. 9.

Dobrar.

A que se dobrão os homens? Str. 10. à n. 1. Males dos que se

não dobrão à rezão. Str. 10. à num. 8. Porque nos não dobramos, perdemos as cazas, num. 16. & 17.

Descan-

INDICE.

Descanço.

Vide Fleugma, Vagares. Dignidades contigueas o trabalho, não o descanço. Str. 2. num. 10. & 11.

Doudices.

Ha doudices discretas, & doudices doudas. Str. 3. n. 22.

Desprezos.

Quem se despreza, he desprezado. Str. 25. à n. 1.

E

Eleição.

Eleger dos males o menor, & dos bons o mayor he prudencia politica, & Christã. Str. 21. n. 2. 3. 4. 5. 6.

Enfermidade.

A mais universal he a melancolia. Str. 1. n. 1.

Engano.

Enganamos, no q julgamos. Str. 8. n. 17 & 18. Enganos em dadivas, em lizenjas, &c. Str. 10. à n. 1. Palavras doces, mas enganos nellas. Str. 13. à n. 1.

Entendimento.

Perde-o o Colerico. Str. 3. n. 19. &c. Meney a melhor as armas, q o valor. Str. 20. à n. 1. Vide Juizo

Esrupulos.

Do que queremos. Str. 8. à n. 1. Ibi. p. 9.

Escandalos.

Vai muito em hum que dirão. Str. 9. n. 10. &c. Muitos se escandalizão de nada, & do nada fazem muito. Str. 8. à n. 1.

Esmola.

Vide Beneficio.

Estimaçoens.

Dem-se às obras, não ao sangue. Str. 4. n. 17. &c. Obre bem, & estimeffe, quem quizer ser estimado. Str. 35. à n. 4.

Estrella.

Vide Fortuna.

Exteriores.

O bom exter or conserva a boa opinião. Str. 9. à n. 1. Estimacão, que Deos quer, que se faça dos exteriores. n. 8. Pello exterior se julga o interior. num. 12. & 13.

Extremos.

Fujamse os extremos. Str. 33. à num. 9.

Estudar.

O trabalho dos estudos he o mayor, & porque. Str. 15. à n. 1.

Exemplo.

O Povo flegue o exemplo dos grandes. Str. 28. n. 13. Como

Christo

I N D I C E.

Christo encomendou, o bom exemplo. Str. 9. n. 10.

Exercito.

Vide Guerra.

F

Fama

Antes morrer, que perdella. Str. 9. à n. 4. Nem por sombras se perca. n. 14. Cuidado com a fama alhea. Str. 16. à n. 13. Quem quizer fama, obre acções famozas. Str. 25. à n. 1. Queixam-se muitos da sua mà fama, mas sem rezão, & porque? Str. 25. à n. 6. A trombeta da fama são as obras n. 7. Não he filha das pessoas, mas das obras, n. 8. Vide Opinião

Faltas.

Porque ha fobejos ha faltas. Str. 26. n. 10.

Fé.

Não fiar nos homens. Str. 13. à n. 1. Crer de facil não he prudencia, n. 5. Vivem tuitos, como le não tiverão fé. Str. 14. n. 7.

Fleugma.

Que cousa he Fleugma? Str. 2. n. 1. Ella perde, o que a deligencia ganha, n. 2. Os fleugmaticos não são pera a guerra, & porq?

n. 2. 3. & 4. Não conseguem hõra, nem pão, n. 9. &c. O mesmo q querem, não o querem, n. 11. Queixamse sem rezão, n. 7.

Feras.

Mais humanas, que os homens. Str. 28. à n. 1.

Fidalguia.

Vide Nobreza.

Filhos.

Filhos de Deos os que perdoão offenças. Str. 32. à n. 11.

Finezas.

Do amor de Christo. Vide Amor.

Fins.

Fins são profecia os principios. Str. 17. n. 1. Vide Principios.

Firmeza.

Em nada. Strom. 13. num. 7. Vide Segurança.

Fomes.

São effeitos do peccado. Str. 19. à n. 4.

Fortuna.

Na desgraça a fortuna. Str. 5. à n. 1. Não ha boa, nem mà fortuna. Str. 19. n. 1. Cuido, que a tenho nas mãos, & fogeme. Str. 27. n. 4.

Fraqueza.

Rendemse os homens, ao q não devião renderse. Str. 10. à n. 1.

Furto.

INDICE

Furto.

Dito de Dyonizio tyranno pera furtar, Str. 2. num. 14. Como o furtado ninguém há honrado, nem rico, Str. 2. n. 15.

Futuros.

Dos antecedentes se inferem os futuros, Str. 17. à n. 6.

G

Gastos.

Não se perca por elles a Opinião, que he cegueira, Str. 9. num. 1.

Graças.

Vide Benefícios.

Grandes.

Grandes, & pequenos, a todos os iguala a mo. fe, Str. 27. à num. 7. Dependem dos pequenos, Str. 24. à n. 1. Não ha mayor, nem menor, num. 2. Os grandes, como pagão mal, o que devem aos pequenos num. 3. Cegaos a soberba, à n. 6. E por isto cahio à n. 7. A fama não he filha dos grandes, mas das grandes obras, Str. 25. à n. 7. Grandes, tudo pera si querem, e as sem razão. Str. 26. num. 9. Não litigar com elles, n. 15.

Guerra.

Não saõ pera ella pos fleumáticos, ou perguicozos. Str. 2. num. 1. 2. 3. & 4. Nella vale mais o entendimento, que as armas. Str. 20. à num. 1. Mais o entendimento, que o mayor valor, à n. 3. Mais na guerra a cabeça, q' o braço, mais a penna, que a espada, n. 4. Na guerra a gente sem ordem não he gente, he entulho, n. 10.

H

Homem.

Qual he no homem o peor dos humores? Trataste desde o 1. até o 4. Stroma. Quais sejam os humores melancólicos, fleumáticos, colericos, & sanguineos. libid. O rosto, & o exterior do homẽ não se descompoem sem grande sentimento. Str. 3. n. 16. &c. Afectão o distinguirse. Str. 13. n. 19. & 20. Zombão de voz, & deixamvos. Str. 5. à n. 4. Nem cuspir vos deixão, à n. 10. Athe no tribunal Divino vos notão, n. 15. &c. Antes se verão mortos, que mal opinades. Str. 9. n. 8. &c. A tudo se rendem quando

I N D I C E.

não devião dobrarse, & a tudo se dobrão quando não devião renderse. Str. 10. à n. 1. He pô, & levantasse cótra quem o criou. Str. 21. n. 7. conheffe que he pô, & porque vive, como vive, não conheffe, o que conheffe, à n. 10. Amão os homês em quanto dependem. Str. 23. à n. 18. Se tem boa opinião de vòs, fois tudo, se mà por mais, que saibais, não saibeis. Str. 25. n. 8. Os homens medemse, não pellas patrias, ou nacimiento, mas pellas obras, à n. 9. Os mayores tudo querê pera si. Str. 26. n. 9. São inconstantes, ainda os Amigos. Str. 27. n. 1. Homens pera com os homens peores, q̄ as feras. Str. 28. à n. 1. Mais seguro se vive entre feras, q̄ entre homens, à n. 3. Castigão sem avizar. Str. 30. à n. 8. É matão, a quem os aviza, à n. 4. Consiste o ser homem em ser humano, & porque? Str. 32. à n. 3.

Honra.

A fleuma, ou perguiça não dà honra. Str. 2. n. 7. &c. A colera perde a honra, & a destroye. Str. 3. num. 6. Pera conservar a honra que cautella he necessaria? Str. 9. num. 15. & 16. Vide Fama.

Humildes.

Dependem delles os levâtados. Str. 24. à n. 1. Se se destroyem, cayem os grandes, n. 4.

Humores.

No homem quantos, & quais? Str. 1. n. 1.

Hypocritas.

Por fora zelo, por dentro bivo-
ras. Str. 8. n. 4. per totum.

I

Impaciencia.

Perde tudo. Str. 29. n. 9. Vide Colera.

Inconstancia.

Deve temerse a dos homês, ainda amigos. Str. 13. à n. 1. São inconstantes os homês ainda amigos. Str. 27. à n. 1.

Infedilidade.

Infieis os homês, & athe os amigos. Str. 12. à n. 1.

Ignorancia.

He ignorancia grande não conheffermos donde nos vem os males. Str. 19. à n. 5. Eu ignoro os males, & elles nascem de mim à n. 8.

Ingratidão.

Paga os beneficios có agravos Str. 8. n. 5.

I N D I C E.

Inimigos

Amalos, mas cõ cautella. Str. 13. n. 10. Vence-os a rezão. Str. 20. n. 20. Se não tem juizo, ha de ser vencido o inimigo por mais valente que seja, n. 3. & 4. Quando o inimigo se vos opoem, então luzis mais. Str. 25. n. 3. Devem amar-se por muitas rezõens, & quais são? Str. 32. à n. 2. He medo não os amar. ibi à n. 1. Em amalos consiste o ser homem. ibi. à n. 3. He acção famosa. à n. 7. He ser filho de Deos, à n. 11.

Interesses.

Dobrar a interesses he perdellos. Str. 10. à n. 1.

Interiores.

Não bastão os interiores pera a boa fama, & porque? Str. 9. à n. 9.

Ira.

Vide Colera.

Irmãos.

Todos somos Irmãos. Str. 32. à n. 12. Entre Irmãos não ha de aver piques. ibi n. 12. 13.

Juizo unversal.

O que na quelle dia succederà aos homens. Str. 14. à n. 1.

Juizos.

Os temerarios julgão o que s'ò a Deos pertence. Str. 8. n. 15. & 16. Nos assertos do juizo vai mais

segura a victoria, q' n'os do braço. Str. 20. à n. 1. *Justiça.* A sua vara ha de ser de ferro, & porque? Str. 10. à n. 6. Igualdade da justiça de Deos. Str. 14. à n. 30. Castigue os delictos, & publicamente os publicos. Str. 18. à n. 1. Iguale a pena com a culpa, n. 2. seja no mesmo castigo do ce, à n. 4.

L

Lagrimas.

As mal choradas quais são? Str. 6. à n. 1. O que as lagrimas não remedeão, não deve chorar-se. n. 3. & c. Ha lagrimas abominaveis n. 6. Lagrimas pello tẽporal se jão poucas, n. 8; & 9. Quais são as lagrimas bem choradas? Str. 7. à n. 1. Chorar com fineza he, q' sayão as lagrimas, por onde entrou a culpa, n. 3; & c. Choramos o que era pera rit, & rimonos, quando deviamos chorar, n. 5; & c.

Leys.

A todas quebra o amor corrupto. Str. 4. à n. 1. Se as leys fervẽ, defendam-se; se não fervem desfimulem-se. Str. 8. n. 6.

I N D I C E.

Liberalidade.

Os liberaes não falão no q̄ derão
Str. 11. à n. 1. Vide Beneficios.

Lingua.

Não fiar em palavras. Str. 13. à
n. 1. Dissimulamse palavras pera
segurar a vingança. Str. 13. n. 9.

Lizonjas.

Comem, & vivem os que se não
rendem a gostos, & a lizonjas.
Str. 10. à n. 2.

Logo.

Logo se corremos vicios, porq̄
depois ferà tarde. Str. 17. à n. 8.

Lugar.

O mais alto lugar he o dos fa-
bios. Str. 15. à n. 8. O lugar mais
alto he o menos seguro. Str. 33.
à n. 4.

M

Males.

Os repentinos são os maiores.
Str. 30. à n. 11. Eleger dos males
o menor he a mayor prudencia.
Str. 31. à n. 2.

Malicia.

Muita malicia com capa de ze-
lo, & virtude. Str. 8. à n. 4.

Mãos.

São credito dos bons. Str. 25.
num. 3.

Mar.

Figura das Cortes. Str. 26. à n. 1.

Medo.

O medo faz covardes, & porq̄?
Str. 32. n. 1. O que muitas ve-
zes parece respeito, & amor, he
medo. Str. 13. à n. 8.

Meyo.

Eleger hum bom meyo; não ex-
tremos. Str. 33. à n. 9.

Memoria.

Quanto custa o estudar de me-
moria. Str. 15. à n. 6.

Mentira.

Mentese com capa de zelo. Str.
8. à n. 1. Quanto pode a menti-
ra contra a verdade se não he
grande a cautella. Str. 9. à n. 14.

Merces.

Hao de fazerse, como se não se
fizesse. Str. 11. à n. 12. Muitos
não querem a merce pella não
comprarem com o pejo. n. 15.
Vide Beneficios.

Melancolia.

He a enfermidade mais univer-
sal; & porque? Str. 1. n. 1. Diffi-
nição da melancolia, n. 2. Reti-
rar por melancolia não he poli-
tica, n. 3. O melancolico offen-
dese sem rezão a si, & aos outros
n. 3. & 4. Esta só estando com
muitos. n. 5. Elege a morte, &
abra-

I N D I C E

abraçasse com a tristeza, num 6. Morre no tempo não fei, & como n. 7. Sobre todas as chagas acrescenta mais chagas, & porq? n. 8. 9, & 10. A melancolia mata a alma, & como? n. 12; &c. Influe no homem todos os peccados, n. 17.

Mentiras.

Com capa de zelo se mete muito. Str. 8. à n. 1.

Merecimentos.

O mundo paga merecimentos com cadeas, & desmerecimentos cõ coroas. Str. 8. n. 7; & 8. O merecimento publico veja-se publicamente pago. Str. 11. n. 12. Vide Premios, Serviços.

Morte.

Parece escuzado persuadir com discursos, q̃ havemos de morrer, & porq? Str. 21. n. 1. Somos pò, porq̃ já o fomos, & porq̃ o havemos de ser, à n. 2. Já estamos mortos, porq̃ já caminhamos pera a morte à n. 2. O mundo já morreu à num. 4. Igual pera todos a morte, à n. 7. Vem primeiro sobre os descuidados, à n. 11. Não respeitadas, n. 12. Quem se re conheffe mortal emmendese, n. 14. Cautella, porq̃ havendo de morrer hũa sò vez, não fei o

quando. Str. 12. à n. 1. O mayor mal da morte he não morrer muitas vezes, & porque? à n. 1. Quem não quer errar o tiro da morte ensayase em morrer, à n. 3. Morrer por arte em vida he segurar boa morte, n. 5. He terrivel a circûstancia de ser incerta, & porq? à n. 7. Porque permite Deos, que não sabemos a hora da morte? à n. 10.

Ministros.

Alguns, que se não se troffem ao politico, mas ao muito sim. Str. 8. n. 9. Nê sempre tem a culpa dos desconcertos do reyno. Str. 12. à num. 4.

Mudanças.

Vide Inconstancia.

Mundo.

O amor corrupto o perdeu. Str. 4. n. 11. Tudo nelle devem ser lagrimas. Str. 7. n. 1. Faz nelle mais papeis a mascara, q̃ a lizura. Str. 8. à n. 1. Paga serviffos com cadeas, n. 7. E desserviffos com coroas, n. 8. O mundo todo já morreu. Str. 21. à n. 4. Não ha nelle verdadeiro amor, & porq? Str. 23. n. 8. Sua incôstancia. Str. 27. à n. 1. Vide Notar.

Murmurar.

Murmurasse sò por costume.

I N D I C E.

Str. 12. à n. 5. Os mãos de tudo dizem mal. Str. 25. à n. 3.

Muito.

Não appetegamos o muito, & porque? Str. 33. à n. 10.

N

Nascimento

Será mayor afronta do bem nacido ser condenado. Str. 14. à n. 3. Pello nacimiento neste, ou naquelle lugar não se medem as pessoas, nem o q̄ sabê. Str. 25. n. 8.

Nada.

Nem o muito, nem o nada. Str. 33. num. 11.

Nobreza.

Saber ceder he de nobres. Str. 10. n. 11. & 13. E perdoar offensas, à n. 13. Vide Sangue.

Notar.

Notamos aos outros sendo nós os dignos da nota. Str. 8. n. 11. E isso, porq̄? n. 12. & Str. 28. à n. 1.

Nome.

Vide Opinião, Fama.

O

Obras.

Ellas levão as estimaçoens não

sangue. Str. 4. n. 17. Obre açoões famozas quem quizer o nome de famozo. Str. 25. à n. 1. A fama he conforme as obras, n. 6. Ellas são à medida dos homens, num. 10.

Obrigaçoens

Os grandes quam mal pagão as obrigaçoens aos pequenos. Str. 24. a 3.

Odio.

Tambem se chora por odio. Str. 6. à n. 1. O odio faz aos homens feras. Str. 32. à n. 3. O odio paga merces com agravos, & porq̄? Str. 8. n. 5. He odio, o que parece amor. Str. 13. num. 8.

Officio.

O peor officio he mandar homens. Str. 12. n. 6. Se vos ouver de percipitar o officio não o aciteis, ou largayo. Str. 31. à n. 5.

Olhos.

Quando chorão mal? Str. 6. à n. 1. Quando chorão bem? Str. 17. à n. 1. Se vos não podem ver fazem da vossa merce agravo, n. 5. E os mesmos milagres são vistos, como escandalos. Str. 25. n. 1.

Opinião.

Nos actos exteriores está, & se conserva a boa opinião. Str. 9. à n. 1.

INDICE

n. 1. Perdella por honras, riquezas, ou gostos he cegueira, n. 1. E porque? à n. 2. Ella faz, & defaz homens. Str. 25. n. 8. Vide Fama.

Ordem.
A ella se devem as victorias. Str. 20. à n. 7. Vide Guerra.

Ouvintes.
Não se melhorão, porque não vem a ouvir, se não a pescar. Str. 12. à n. 2.

P

Palacios.
Vide Cortes.

Paciencia.
Faz os homens Str. 3. n. 1, &c. Paciência pera poupar paciência. Str. 29. à n. 1. Ninguem vive sem ella, & com mayor os mayores, à n. 10. Cayó na mayor porque não quero a menor, n. 5. Sò cõ ella se vive, n. 6, & 7. Ella dà o pã, & a honra, à num. 11. Vide Impaciencia.

Palavras.
Vide Lingua.

Pam.
Não o come o perguizo. Str. 2. n. 7. &c.

Pay.
Porque chamamos a Deos Pay? Str. 32. à n. 12.

Peccados.
Influe em todos os peccados a melancolia. Str. 1. n. 17. Ha chorar que he peccar. Str. 6. n. 6. O peccado he a fonte das lagrimas. Str. 7. n. 1. 2, &c. Peccar, & rit he de Lutheranos, n. 7. Peccar porque não vejo que Deos me castiga, grande erro, à n. 9. Não amã fortuna mas o peccado, he a cauza das calamidades todas. Str. 19. à n. 1. Os peccadores são os que noção os peccados. Str. 28. à n. 1. Vide Delictos.

S. Pedro.
A melãcolia o fez negar a Christo. Str. 1. n. 13.

Pedrada.
A sem mão a peor pedrada. Str. 28. à n. 5.

Pejo.
Evite se no fazer do beneficio, & como? Str. 11. à n. 12.

Penção.
Muitos não querem as merces pellas pençoens. Str. 4. à n. 4.

Peitas.
Se não dobrão as pequenas, dobrão as grandes. Str. 8. n. 9.

Pequenos.

INDICE

Pequenos.

Vide *Humildades*.

Perguiza.

Ella perde os *Reynos*. Str. 2. n. 4.

O *perguizo* morre em vida,

n. 5. Nem consegue honra, nem

pam, n. 7; &c. He reprehendido

por Deos, n. 3. Vide *Flegma*.

Pertinacia.

Vide *Teima*.

Perda.

Não he amado, mas aborrecido

quê pello pouco perde o muito.

Str. 4. n. 2. E he muito pera sen-

tirse, n. 3. Vide *Perguiza*.

Perigo.

No mais alto lugar mayor perigo.

Str. 33. n. 4. Vide *Pleitos*.

Pleitos.

Vide *Demandas*.

Portuguezes.

O que obrarão por hum bom

nome. Str. 9. n. 6. Illustres, mas

teimosos. Str. 10. n. 13.

Postos.

Vide *Honras*.

Peccão.

Peccando q peccão os gran-

des. Str. 18. n. 13. Vide *Pô.*

Pô.

O homem pô, & levantasse cõ-

tra quem o criou. Str. 21. n. 7.

Vide *Morte*.

Vide *Pequenos*.

Pobreza.

Vide *Faltas*.

Poderosos.

Vide *Grandes*.

Prêgadores.

Muitas vezes não he culpa sua

não fazerem feuto. Str. 12. n. 4.

Premios.

São pera os que suão, & não pe-

ra os que descãção. Str. 2. n. 12.

Não cõm premios, mas com car-

deas paga o mundo os serviços.

Str. 8. n. 7. E dà os premios a-

quê os não merece, n. 8. Demse

os premios em publico, se em pu-

blico se merecem. Str. 11. n. 12.

Procedimentos.

Proceda grandemente, quê quer

grande fama. Str. 27. n. 1.

Principios.

Pellos principios se conhecem

os fins. Str. 17. n. 1. Principios

sem fundamento ficão honat.

Ibidem. He rizo querer fins al-

tos sem principios grandes, n. 2.

Começa por grandes princi-

prios a natureza, & pôrquê? n. 4.

Ao principio se devem cortar

os vicios, n. 8. Vide *Fins*.

Prudencia.

Que couza seja Prudencia? Str.

31. n. 1. confite em eleger dds

males o menor. Ibi. n. 2. 3. &c.

Grande

I N D I C E.

Grande Prudencia aprender em
cabeça alhea. Str. 33. à n. 7.

Publicidade.

Castiguesse publicamente o cri-
me publico. Str. 18. à n. 10.

Patria.

Não se medem pella patria os
homens. Str. 25. à n. 8.

Q

Queixas.

Queixamse muitos sò por cos-
tume. Str. 12. à n. 4. Queixe-
monos dos nossos peccados, &
das Estrellas, nem da fortuna.
Str. 19. n. 5.

R

Raiua.

Vide Colera.

Receyos.

Nelle consiste a segurança. Str.
27. à 4.

Remedio.

O que não tem remedio não se
chore. Str. 6. à num. 3. Nem se
publique. Str. 16. à 16.

Repente.

Os males repentinos são mayo-

res. Str. 35. à n. 11.

Reprehenção.

Não queremos ser reprehendi-
dos; Str. 30. à n. 4. Quem me
reprehende he o que me ama,
num. 3.

Rey.

Segredo no Rey affombra. Str.
16. n. 4; & 5. Mayor cautella
em não descubrir os peccados
dos Reys, & dos grandes, n. 17.
O Rey castigue, mas mais bran-
do, que rigorozo. Str. 18. à n. 6.
Se o Rey pecca, o povo pecca,
n. 13. He pò como todos. Str.
21. à n. 7. Os Reys tambem de-
pendem. Str. 24. à n. 1. São co-
mo o Sol, nem perto, nem lóge
delles. Str. 26. à n. 2.

Reyno.

Conserva-o o diligente cuida-
do. Str. 2. n. 4. 5; & 6. Os pec-
cados o arruinão, não a mà for-
tuna. Str. 19. à n. 1. Perdecã
nào do Reyno, não porque os
mares se embraveffão, mas por-
que Jonas dorme, num. 9.

Ricos.

Não litigar com elles. Str. 26.
à num. 15.

Rizo.

Choramos quando nos devia-
mos rir, & rimos quando devia-
mos

INDICE.

mas chorar. Str. 7. n. 5, &c. Pec-
car, & rir he de Lutheranos, n. 7.

Rosto. *Rosto.* *Rosto.*
Afeado he grande sentimento.
Str. 3. n. 16.

Ruinās.

Ruinās do amor. Vide amor.

S

Sabedoria.

Sabei, & Reynareis. Str. 15. à n.

1. Custa muito ser sabio. Ibidē.

O trabalho com que se adquire

o saber, he o mayor trabalho, n.

3, & 4. E isto, porque? à n. 5.

Porque mais custa, he de mais

gloria, à n. 8. Ella leva os amens,

& os aplauzos, à n. 11. He grã-

de sabedoria guardar segredo.

Str. 16. n. 1, & 2.

Salvação.

Para salvar eleger o mais seguro

he a prudencia. Str. 31. à n. 10.

Sangue.

Fonte da vida. Str. 4. n. 1. Quei-

xas contra o sangue, & quais? n.

2: &c. O temperamento sangui-

neo he o melhor, n. 8. Mas lo

peor, se se corrompe, n. 9. &c.

Soberbas do sangue, à n. 11. As

Estimaçoens damse às obras,

não ao sangue, n. 17. He fidal-
guia o ceder, & o não ceder vi-
leza. Str. 10. à n. 11.

Segredo.

Em toda a materia segredo. Str.

16. à n. 1. He o mais louvado.

Ibidem. Perde a estimação, quē

o revella, & grangea pasmos

quem o esconde, n. 8. & 9. Quē

o revella fica vencido. Str. 16. n.

7. E vence quem o esconde, n. 8.

& 9. Qual seja o segredo Chris-

tão? n. 10. &c. Observasse por

poucos, n. 12. Não se descubra

quando infama, n. 13. Faço-se

em segredo os beneficios. Str. 11.

à num. 11.

Seguaança.

Consiste em não segurar. Str. 27.

à n. 1. Nem nos homens, nem

no mundo ha segurança, à n. 2.

Nos receyos esta a segurança, à

num. 4.

Serviços.

Entre os homēs todos os servi-

ços se perdem por hum sò def-

cuido. Str. 5. à n. 4. Pagamse

serviços no mundo com cadeas.

Str. 8. n. 7.

Silencio.

Vide Segredo. Boca fechada.

Soberba.

He pô o soberbo, & levantase

INDICE.

contra quem o criou. Str. 21. n. 7.
 He a soberba a Circes, que tira o
 juizo aos homens, & porque lhe
 chama Izayas fumo? Str. 24. n. 6.
 Ella se derruba a si mesma, n. 9.
 Vide Colera Sangue.

Sofrimento.

Vide Paciencia.

Sol.

Conferva em pe ao mundo por-
 que elle não para. Str. 2. n. 6. Sol
 afeado grande sentimento. Str. 3.
 n. 16. He Exéplar dos liberaes;
 & porque? Str. 11. n. 4.

T

Teima.

Grande mal, & o mayor, & por-
 que? Str. 10. à n. 8. Porque tei-
 mamos perdemos as Cazas, n.
 16, & 17.

Temeridade em julgar.

Vide Juizo.

Temores.

Quanto se deve temer a côta do
 dia do Juizo. Str. 14. à n. 6. Te-
 mer pera segurar, Str. 27. à n. 8.

Terra.

Não se mede pello terreno o
 homem. Str. 25. à n. 8.

Trabalho.

Elle, & não o descanso cõsegue

as honras. Str. 2. n. 10; & 11. O
 dos Estudos he o mayor traba-
 lho, & porque? Str. 15. à n. 1. Sê
 elle não ha descanso, n. 7. Vide
 Paciencia.

Treição.

Mais atreçoados são os homens,
 que as feras. Str. 28. à n. 3. Por
 atreçoada foi a pedra da Esta-
 tua de Nabucho a peyor perda,
 num. 6.

Tristeza.

Vide Melancolia.

V

Vagares.

Perdem o que a diligencia con-
 segue. Str. 2. num. 3. & 4. Vide
 Fleugma.

Valor.

Melhor he na guerra a sciencia
 que o valor. Str. 20, à n. 1.

Vara.

Ha de ser de ferro a da Justice,
 & porque? Str. 10. à n. 6.

Ver.

Notamos nos outros, o que em
 nós não vemos, & porque? Str.
 8. n. 12. & c.

Verdade.

Quanto pode a mentira contra
 a verda-

I N D I C E.

a verdade, se não ha cautella. Str. 9. n. 14.

Vicios.

Se logo se não cortão depois não ha arrancallos. Str. 17. n. 8.

Vida.

Tem muitas pençoens. Str. 4. n. 4. Vevemos como se não ouvessemos de morrer. Str. 21. à n. 1. Já a vida he morte, porque caminha para a morte, à num. 2. Quem sabendo que ha de morrer vive mal, não ve o que ve, nem conheffe o que conhece, à n. 10. Vivem muitos como se não ouverão de morrer, n. 13. Quem reconhece que a vida he pò, emmendece, n. 14. A vida morre muitas vezes, porque não sabe quando ha de morrer. Str. 22. à n. 9.

Vileza.

He vileza nao ceder. Str. 10. num. 12; &c.

Vingança.

Tambem se chora por vingança, & odio. Str. 6. à n. 1. Fingiose Cahim pera vingarse. Str. 13. n. 9.

Victoria.

He victorioso o diligente. Str. 2.

n. 2; & 3. E o que guarda o segredo. Str. 16. n. 7; & 8. A victoria mais segura vai nos assertos do Juizo que nos do braço. Str. 20. à n. 1. O juizo alcança do mayor valor, a victoria, à n. 3. Por isso se poem a Coroa da victoria não na espada, mas na cabeça, n. 6.

Vingança.

Vinguemse as feras; & não os homens. Str. 32. à n. 3. Não vingar he acção a mais honrada. Ibi à n. 7.

União.

Ha unioens que não unem. Str. 13. n. 8.

Vontade.

Faz o duro suave. Str. 29. à n. 3.

Z

Zelo.

Com capa de zelo vai muita mentira, muita hypocresia, & muito engano. Str. 8. à num. 1. Reprehende Christo este zelo, à num. 6.

F I N I S.

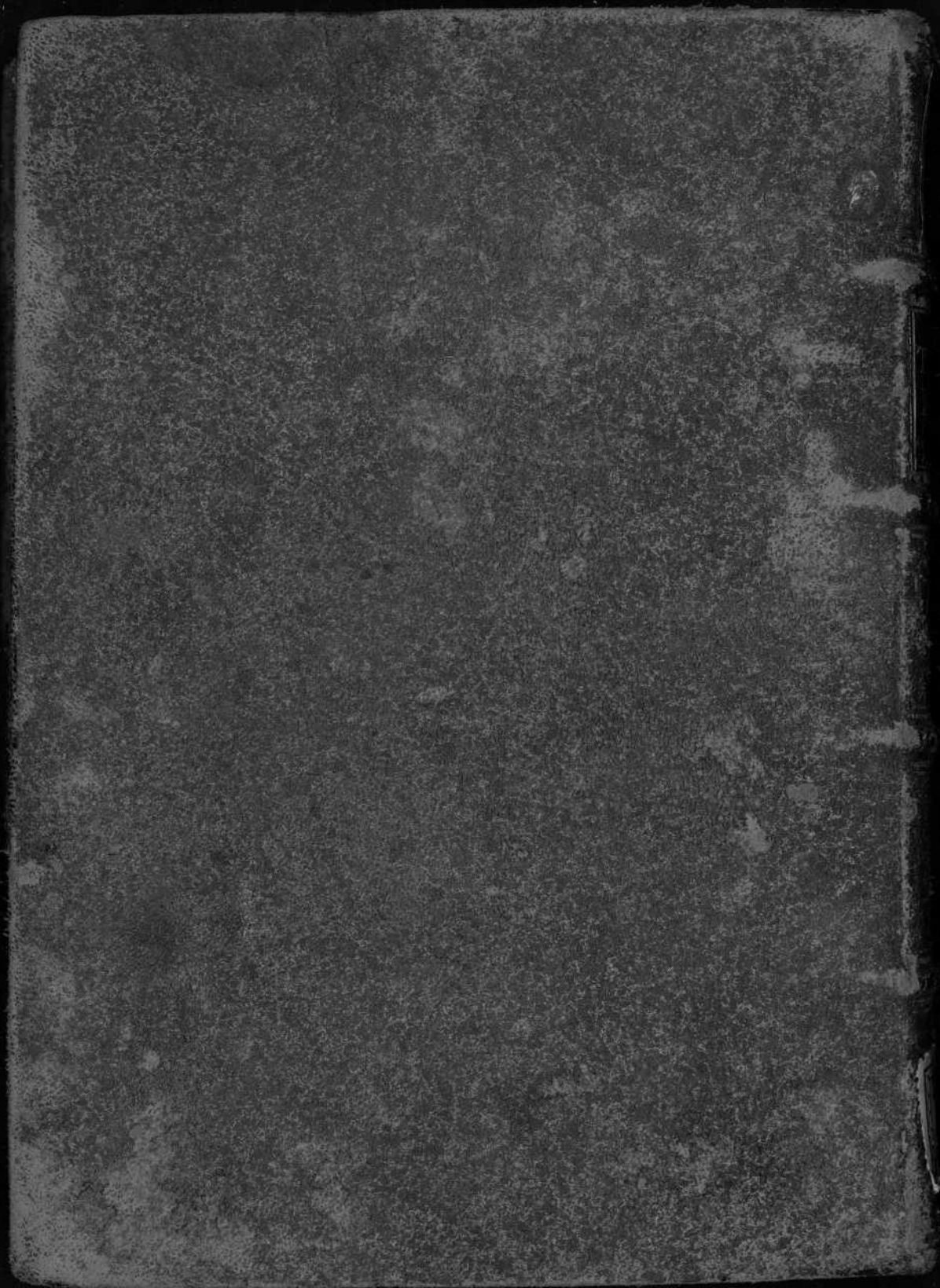












Cent. Top?
Est. 26
Tab. 3^a
Num. 109

S
TROM
PRED.
TII.



2616